





5. -

LIBRARY

**THE MUSEUM
OF MODERN ART**

Received:

BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Direção de Rubens Borba de Moraes

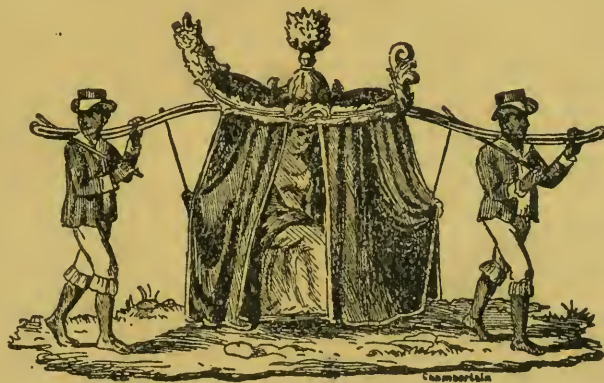
II

Auguste de Saint-Hilaire

Viagem à Provincia de São Paulo

e

Resumo das viagens ao Brasil, Provincia
Cisplatina e Missões do Paraguai



LIVRARIA MARTINS

RUA DA QUITANDA, 82

SÃO PAULO

Viagem à Provincia
de São Paulo



AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE
(1779-1853)

HSAm
S1411vs
.Pb

BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Direção de Rubens Borba de Moraes

II

Auguste de Saint-Hilaire

Viagem à Província de São Paulo

e

Resumo das viagens ao Brasil, Província
Cisplatina e Missões do Paraguai

TRADUÇÃO E PREFÁCIO DE
RUBENS BORBA DE MORAES

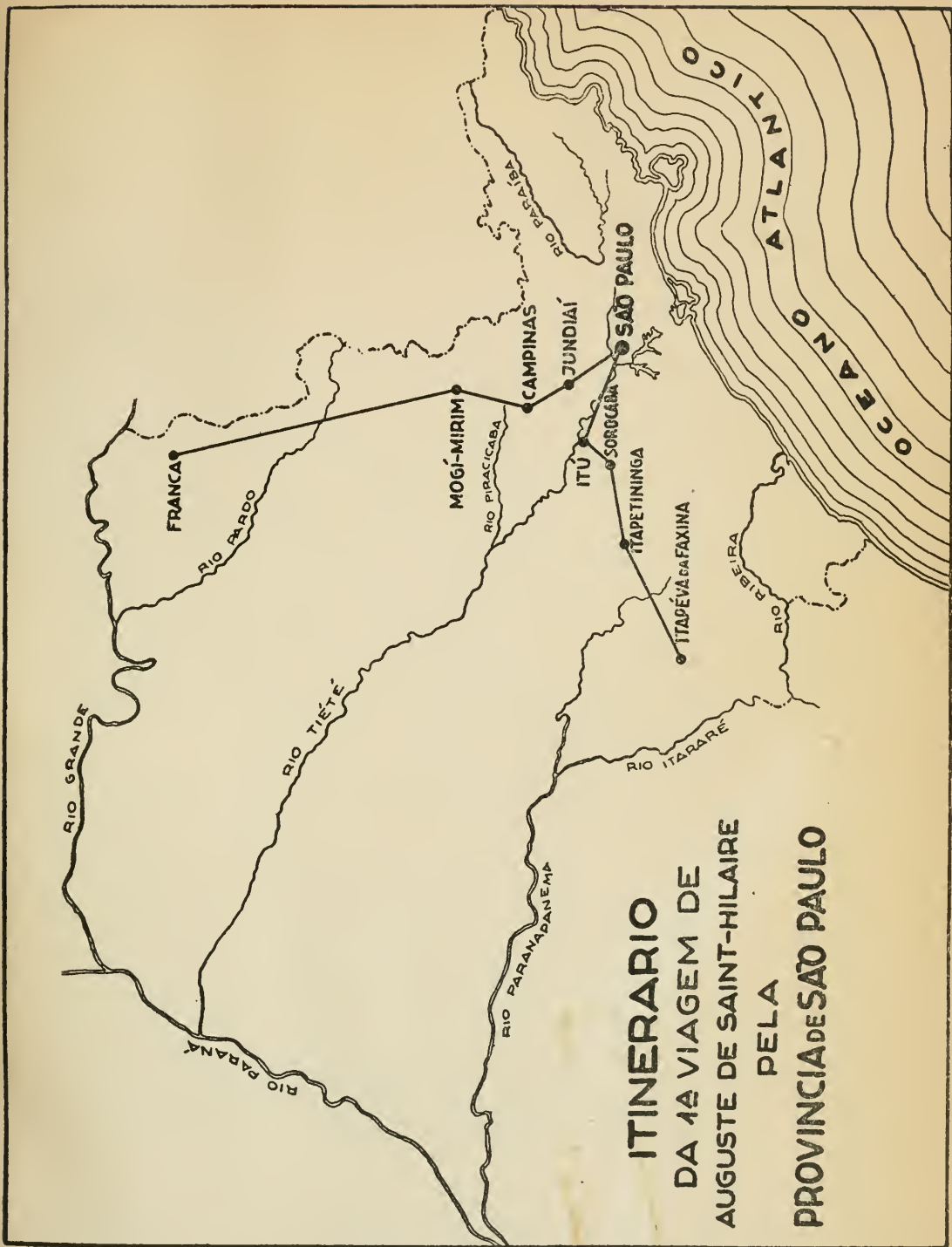
LIVRARIA MARTINS
RUA DA QUITANDA, 82
S. PAULO

449945
20-7-46

Desta edição foram tirados 100 exemplares
de luxo numerados de 1 a 100.

1197

WITHDRAWN
FROM LIBRARY



**ITINERARIO
DA 1ª VIAGEM DE
AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE
PELA
PROVINCIA DE SAO PAULO**

INDICE

Prefacio	5
Cap. I — Quadro resumido da provincia de São Paulo	
I — Historia	19
II — Limites, montanhas, rios, clima	67
III — Vegetação	72
IV — População	84
V — Administração geral, divisão da provincia	100
VI — Justiça criminal	103
VII — Finanças	105
Cap. II — Início da viagem na provincia de São Paulo — A cidade de Franca, atualmente séde de comarca	111
Cap. III — De Franca a Mogí-Mirim	122
Cap. IV — Mogí-Mirim e Campinas	142
Cap. V — Judiaí — Chegada a São Paulo	153
Cap. VI — Descrição da cidade de São Paulo	167
Cap. VII — Permanencia do autor em São Paulo — Algumas palavras sobre a cidade de Santos e o caminho de Cubatão	191
Cap. VIII — Viagem de São Paulo á cidade de Itú	213
Cap. IX — A cidade de Itú — A de Porto Felís — A navegação do Tietê	226
Cap. X — A cidade de Sorocaba — As forjas de Ipanema	247
Cap. XI — A vila de Itapetininga	266
Cap. XII — Viagem de Itapetininga aos Campos Gerais — A vila de Itapeva — Indigenas	278
Cap. XIII — A vila de Itapeva — Os indigenas bugres e guanhanãs Resumo duma viagem no interior do Brasil, Provincia Cisplatina e missões do Paraguai	309
Relatorio sobre a viagem do sr. Auguste de Saint-Hilaire no Brasil e nas missões do Paraguai	356
Bibliografia citada por Saint-Hilaire	365
Bibliografia das principais obras de Saint-Hilaire	373

A primeira metade do século XIX foi a época áurea da exploração científica do Brasil. Até então quasi nada se sabia sobre a flora, a fauna e a geografia física e humana dêste vasto país.

E não podia ser de outra maneira. Portugal vedava por todos os meios a entrada, no continente, a viajantes estrangeiros. Era o método que empregava para defender o seu comércio e a integridade do território da colônia. País pequeno, sem grande exército e marinha, escondia suas riquezas para não excitar a cobiça alheia. Essa política era, aliás, tradicional de Portugal. Já em fins do século XV, a razão de Estado fazia manter no maior segrêdo possível o conhecimento da existência de terras portuguesas inexploradas. Essa tradição política foi sempre mantida. Embora ela nos pareça absurda hoje em dia e desperte em nós uma espécie de indignação, provocada pelo sentimento de tudo que se podia ter feito em prol do conhecimento do país, não podemos deixar de reconhecer que foi uma política acertada para o fim almejado: conservar o comércio exclusivo da Colônia. Nada havia de odioso nessa política. Era assim que se agia naqueles tempos. Seria ridículo recriminar um povo por querer conservar o que era seu e para isso empregar todos os meios.

Não via El Rey com bons olhos os sábios tentados em explorar suas terras. Não convinha a seus interêsses chamar a atenção para êsse vasto território e propalar as suas riquezas.

Era de absoluto interêsse, sob pena de pôr em risco a Colônia não se propalarem notícias do Brasil!

“São conhecidas as ordens régias emanadas da Côrte de Lisboa e transmitidas a D. Francisco Maurício de Sousa Coutinho, governador capitão-general do Pará, de 2 de junho de 1800, de referência a “um tal barão de Humboldt, natural de Berlim” que, havendo viajado pelo interior da América se dirigia, segundo noticia da *Gazeta de Colônia*, às partes superiores da Capitania do Maranhão, afim de explorar as regiões desertas e desconhecidas até então de todos os naturalistas; determinando que se fizesse examinar com a maior exação e escrúpulo, se com efeito o dito barão de Humboldt ou outro qualquer viajante estrangeiro tem viajado, ou atualmente viaja pelos territórios da mesma capitania, pois que seria

sumamente prejudicial aos interesses políticos da Coroa Portuguesa, se se verificassem semelhantes fatos” (1).

Se aos estrangeiros eram trancadas as portas para o conhecimento do interior, os portugueses, por seu lado, não se preocupavam com estudar e revelar os segredos da terra. Apenas informações esparsas, em obras sôbre outros assuntos, descrições pitorescas perdidas nas cartas dos jesuítas, em Antonil, Gabriel Soares, Frei Vicente do Salvador e outros cronistas dos primeiros séculos.

A investigação científica, sem resultados práticos, não podia interessar uma nação de comerciantes. As colônias, para essa gente prática, serviam para fornecer ouro e mercadorias. E para isso era preciso governá-las com muita prudência. E como fomos bem administrados! Que riqueza de cartas régias, de alvarás, provisões, instruções! Tudo estava previsto, determinado nesse papelório emanado de um povo de burocratas admiráveis.

As publicações científicas de origem portuguesa são, pois, insignificantes. Alexandre Rodrigues Ferreira, que tanto estudou esta terra, era baiano e José Mariano da Conceição Veloso, o nosso maior botânico, era mineiro.

Mas não queremos dizer que Portugal nada, absolutamente nada tenha feito para o conhecimento científico da Colônia. Fez, mas tão pouco! Custeou a missão de Alexandre Rodrigues Ferreira e de vez em quando um ouvidor, vindo do Reino, fazia uma correição, da qual resultava um “diário” ou então, em virtude de um alvará, jesuítas, “peritos nas matemáticas”, como Domingos Capassi e Diogo Soares, levantavam mapas da Colônia.

E’ preciso, também, para ser justo, não esquecer os enormes resultados cartográficos obtidos com as missões de demarcação de fronteiras, realizadas por fôrça do tratado de 1750. A enorme quantidade de relações, diários, mapas e plantas, que produziram os engenheiros, os “astrónomos” e todo o pessoal das missões, é de inestimável valor. E’ pena que no pessoal da demarcação não tivesse vindo um naturalista, como Feliz de Azara, que a Espanha, em boa hora, incluiu entre o pessoal da sua missão.

Mas êsse desinterêsse da Metrópole pelo estudo científico da Colônia, além da causa de ordem econômica acima referida, tem outra de ordem lógica. Portugal não podia, como a França, país rico em homens de

(1) Rodolfo Garcia — *História das explorações científicas*, in Dic. Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brasil, Rio, Impr. Nacional, 1922, p. 881-882.

ciência, custear uma expedição de sábios para mandar ao Perú medir o meridiano terrestre e, aproveitando a ocasião, descer o Amazonas explorando-o e levantando o primeiro mapa científico do grande rio que pertencia a El Rey. País de poucos recursos, não tinha elementos para produzir um excedente de homens de ciência para exportar. Os que saíam de Coimbra encontravam “consumo” no mercado interno e um campo suficiente de estudos na própria terra. Os homens de ciência ficavam em Portugal.

La Condamine publica a relação da sua viagem, acompanhada do mapa do Amazonas. Nassau manda publicar os trabalhos de Piso e Margrav. Mas Portugal, quando Antonil publica seu livro sobre a “Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas”, manda apreender a edição e queimá-la.

Portugal cuidou muito pouco de explorar o país. Limitou-se a encorajar os paulistas. Estes é que exploraram, de fato, a Colônia. Mas eles não podiam proceder a estudos científicos e deixar à posteridade obras de ciência. Essas só vieram mais tarde, com a geração dos Andradas, quando os paulistas começaram a ir ao Reino colher uma instrução que não lhes dava uma terra sem escolas.

Da louca e desordenada exploração bandeirante nada de valor nos restou como documento para o conhecimento da terra. Individualistas e aventureiros, os bandeirantes não se preocupavam com explorar metódicamente o território. Portugal, por sua vez, não tomou a iniciativa de aproveitar a energia desse povo, e dirigí-la, orientá-la para colher maiores frutos.

Ao contrário, deixou os paulistas percorrer o sertão como entendiam e como queriam.

Se o paulista não fôsse dotado de tão forte individualismo, é provável que não teria havido a furiosa penetração do “hinterland”, mas uma exploração paciente e metódica do planalto, orientada pelo Estado. A civilização paulista não teria assumido um caráter rural, mas urbano. O Estado teria conservado a posse da maioria das terras, não permitindo que lhe “grilassem” a propriedade, e teria povoado as regiões conhecidas.

Governado por holandeses ou alemães, S. Paulo teria organizado não só missões científicas, ao lado da exploração comercial, como também mandado estudar o país sob todos os seus aspectos, e hoje nos restariam obras iguais à “História Naturalis Brasiliae”.

Mas o Estado português não podia tomar a iniciativa de uma exploração metódica do território. Jamais foi função do Estado português, no

Brasil, tomar iniciativas. A sua única intervenção foi a de controlar um estado de cousas pre-existente. São Vicente já existia quando Martim Afonso veio organizar administrativamente a terra descoberta, criando tabeliães e juizes.

Depois das Minas descobertas e povoadas pelos paulistas é que interveio o Estado para administrar. Todo o movimento de exploração e povoamento do território foi assim feito por iniciativa particular. As raras tentativas de povoamento oficial redundaram em desastres, como a de Iguatemi.

E assim foi este país explorado a esmo, povoado a torto e a direito, pela iniciativa individualista do paulista. O imigrante aqui chegado, para se tornar proprietário, não precisava comprar ou conquistar a terra. Para obtê-la bastava pedir. Davam-na à vontade, às sesmarias, aonde a desejasse. O recém-chegado tornava-se automaticamente proprietário, senhor de muito mais terra que a necessária para se sustentar. Daí os bandeirantes nunca terem pensado em alargar fronteiras. Terras tinham eles à vontade. O que faltava era gente para lavrá-la, e era isso que iam procurar onde existia: nos viveiros jesuíticos do Sul. Assim resolviam o problema da falta de braço, esse *leit-motiv* da história de São Paulo.

Mas dessas correrias pelos sertões não traziam observações suscetíveis de passar à posterioridade. O segundo Anhanguera só pôde voltar ao lugar onde tinha estado com o pai em menino, depois de muita hesitação, guiado pela memória e algum roteiro lacônico e falho indicando, quando muito, rumos e distâncias.

Governada tanto tempo de longe e com a displicência que inspirava uma terra sem a menor riqueza, não podia ser muito forte o vínculo que prendia Piratininga a Portugal e ao resto da Colônia. Em nenhuma parte do Brasil a influência portuguesa foi tão pequena. E foi nesse isolamento empobrecedor que cresceu e se desenvolveu essa consciência de sua autonomia, tão característica da índole paulista (2).

Caçadores de índios, aventureiros à cata de ouro, gente de pouca conversa, ativa e independente, tinham esses paulistas as qualidades e os defeitos do homem pobre e isolado.

Que diferença dos ricos do açúcar, tão bem descritos pelos exploradores estrangeiros, que demandavam seus portos!

(2) "Não é mero acaso que faz com que o primeiro gesto de autonomia ocorrido na colônia, a aclamação de Amador Bueno, se verificasse justamente em São Paulo, terra de pouco contacto com Portugal e de muita mestiçagem com aborígenes, onde ainda no século XVIII as crianças iam aprender o português nos colégios como as de hoje aprendem o latim". Sérgio Buarque de Holanda — *Raízes do Brasil*, Rio, 1936, p. 72.

Os navegadores, que desciam a costa, tocavam os grandes portos, nas cidades ricas de comércio próspero. Paravam em Pernambuco, na Baía, no Rio. Mas passavam ao largo do pôrto insignificante de Santos. Dedicavam páginas e páginas, traziam vistas e gravuras da parte comercialmente interessante da Colônia. Do resto, falavam por ouvir dizer e repetiam boatos.

Os paulistas viviam isolados. Empoleirados no alto da serra, não tinham relações com o estrangeiro que vinha pelo oceano.

São Paulo, já nos primeiros anos, deu as costas ao mar. Enquanto o resto do Brasil ficava ligado ao Atlântico, por êle recebendo a administração e a civilização da metrópole, Piratininga vivia só. A serra abrupta, caindo sôbre terras alagadiças e de pouco valor, não permitia um desenvolvimento da "marinha", já decadente quasi ao nascer. Sem comunicação com o Atlântico, não podia exportar e importar. A gente espalhava-se pelo sertão, produzindo para o consumo interno. O oceano, ali tão perto mas tão inacessível, em nada influíu na civilização paulista dos primeiros séculos como fator positivo. O aspecto da cultura paulista muda, entretanto, radicalmente, no dia em que o caminho do mar é construído.

A ligação com o "mar oceano" transformou a civilização paulista, fez-lhe perder o seu sublime isolamento. A contar da inauguração da São Paulo Railway, a curva do progresso paulista acompanha a curva do tráfego da estrada de ferro. A riqueza veio com a locomotiva entre o planalto e o mar.

O paulista nunca se afez ás cousas do mar. É homem do interior. A palavra interior é das que mais usa o paulista. E' no sertão que está a terra boa, e não na beirada do oceano, como no Norte.

A vida de uma grande cidade, como Santos de hoje, é espantosamente pouco marítima nos hábitos. Só há pouco tempo existe uma vida de praia e de banhos de mar, influenciada pelo cinema e pelo Rio. Come-se muito pouco peixe e caranguejo em Santos! No menú santista não existem pratos de peixe ou mariscos "à santista" ou "à paulista". Só "à baiana". O paulista não dá para marinheiro. Não existe uma navegação de cabotagem regional como na Baía. Para manter um serviço de vapores entre Santos e Iguape, é preciso grossa subvenção. Na marinha brasileira não há quasi paulistas e a escola de aprendizes marinheiros de Santos acabou fechando. O pessoal da estiva não é, como em Recife e Baía, a gente colorida da terra; compõe-se na maioria de portugueses, gente de força e afeita à lida do mar. Os ingleses e americanos do comércio de café moram na praia do José Menino; mas os

comissários paulistas, quando começam a ganhar dinheiro vivem na Avenida Ana Costa como exilados, e assim que enriquecem tomam diariamente o trem das quatro para suas casas paulistanas. Entre São Paulo e Santos não há até hoje trens noturnos e a estrada de rodagem que liga as duas maiores cidades do Estado é um perigoso caminho, em parte, de terra batida.

Na literatura paulista não se fala em mar. Vicente de Carvalho é o único poeta paulista que canta as nossas "praias solitárias".

O paulista não ama o mar. Viveu séculos afastado dele. O litoral vive abandonado pelos homens do govêrno, gente do interior que não sente os problemas ligados à água salgada. Abandonam-no aos japoneses insulares.

Êsse isolamento secular no interior faz com que o paulista não compreenda bem até hoje os problemas que não são, não podem ser seus. Entre êle e os outros existe o mar, que o isolou tanto tempo da Metrôpole distante e de tôda autoridade direta.

Dois fatôres principais, portanto, influíram para afastar os estrangeiros de São Paulo: a proibição de se penetrar no "hinterland" e a falta de atrativos de um meio pobre. Mas quando dizemos meio pobre, estamos apontando uma consequência e não uma causa. A causa da pobreza paulista estava na dificuldade das comunicações com o mar. E assim São Paulo chegou à segunda década do século XIX quasi desconhecido dos estrangeiros.

Mas a situação ia mudar para a Colônia tôda.

A política portuguesa sempre fôra contra o princípio de liberdade dos mares e de comércio. Era uma tradição que vinha de longe, desde os tempos em que o papa Alexandre VI dividira, as terras descobertas, entre Espanha e Portugal. Contra essa política se insurgiram logo Francisco I, de França, e todos os outros reis que não tinham sido contemplados na divisão. O holandês Grotius prégava a liberdade dos mares. Mas Portugal sempre defendera o seu privilégio de comércio nos mares de suas colônias. Desde os tempos de D. João III, as naves portuguesas davam combate aos estrangeiros que procuravam comerciar com o Brasil.

O comércio inglês, até princípios do século XIX, não podendo vender diretamente ao Brasil, procurou, por meio do famoso tratado de Methuen, obter a entrada livre em Portugal dos tecidos ingleses, a trôco do mesmo favor dado aos vinhos do Pôrto. A metrôpole agia como simples intermediária de produtos ingleses.

As consequências desse tratado foram as mais desastrosas para Portugal. Todo o ouro do Brasil, transportado para o Reino, passava para os industriais britânicos. Acabado o ouro do Brasil, fechados por Napoleão os mercados europeus, a indústria inglesa teve que procurar novos consumidores.

A ocasião que se apresentava era das melhores, em fins de 1807. Napoleão decretara a extinção da dinastia de Bragança e a invasão de Portugal. El Rey decidira refugiar-se no Brasil. Mas na hora do embarque Lord Strangford exigiu de D. João VI a abertura dos portos do Brasil ao comércio inglês, como condição do transporte da côrte. D. João, de mala às costas, com Junot às portas de Lisboa, não teve remédio: aceitou. E, chegando à Baía, antes de ouvir os ministros embarcados em outros navios atrasados por tempestades, assinou uma carta régia abrindo os portos do Brasil. Pagou a passagem. A intervenção atribuída ao futuro Visconde de Cairú não foi, provavelmente senão a de prever as felizes consequências para a Colônia do ato imposto pelos industriais ingleses e de consolar os ministros.

A carta régia de abertura dos portos inaugurou a "British preeminence in Brazil" (3) (título significativo de um livro saído há poucos anos). Mas ela não teve somente consequências econômicas: abriu um vasto campo de investigação para a ciência européia.

A curiosidade pelo Brasil foi imensa na Europa nessa época, até por parte do grande público. O inglês Maw, o primeiro europeu que teve oficialmente autorização para penetrar no território das Minas, publica a relação de sua viagem em 1812. O êxito do livro foi imenso. Em 1816 foi traduzido para o francês e em 1817 para outras línguas mais faladas: italiano, alemão e holandês. Começa o Brasil a ser visitado por tôda sorte de viajantes. Pintores è procura de paisagens, botânicos, zóólogos, etnógrafos, geólogos, turistas dos dois sexos, ávidos de sensações novas, comerciantes, príncipes dados às ciências naturais. As academias científicas européias induzem os governos a mandarem missões ao Brasil. Os diplomatas trazem, adidos às suas embaixadas, intelectuais de valor, que aproveitam a estadia para estudar o país.

E assim foi que, tendo de seguir para o Rio o duque de Luxembourg, embaixador extraordinário de França, veio na missão um jovem botânico: Auguste de Saint-Hilaire.

* * *

(3) Alan K. Manchester — "*British preeminence in Brazil*", its rise and decline. Univ. of North Caroline, 1933.

Augustin François Cezar, chamado Auguste Prouvençal de Saint-Hilaire, nasceu em Orleans em 4 de outubro de 1779 e morreu na mesma cidade, a 30 de setembro de 1853.

Seus pais destinavam-no ao comércio e fizeram-no viajar pela Holanda e Holstein. De volta à França, dedicou-se exclusivamente a estudos de botânica. Em 1816 embarcou para o Brasil, onde percorreu as então províncias de Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas, Goiaz, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Cisplatina e as chamadas Missões do Paraguai. Em junho de 1822 voltou à França, onde consagrou o resto da vida ao estudo do formidável material recolhido. Em 1824 começou a publicação da sua "Flora Brasiliae Meridionalis", com a colaboração de Jussieu e Cambessedès.

Em 1830 entrou para a Academie des Sciences (da qual era membro correspondente desde 1819), na vaga de Lamarck. Da sua cátedra de botânica, na Faculdade de Ciências de Paris, chamou a atenção do mundo científico para diversos fatos de organografia e de organogenia, especialmente a direção da radícula no saco embrionário. A Saint-Hilaire devem-se duas famílias botânicas novas, as Paronícias e as Tamarísceas, um número colossal de gêneros e mais de mil espécies desconhecidas. São inúmeras as suas observações científicas publicadas em diversos periódicos especializados.

Mas, ao lado de seus trabalhos botânicos, a grande obra de Saint-Hilaire, para os não especialistas, é a descrição de suas viagens pelo interior do Brasil. Consta de 9 volumes, cheios das mais preciosas observações feitas com uma honestidade notável.

Infelizmente não chegou a publicar a relação da sua última viagem ao Rio Grande do Sul. Falecendo em 1853, o manuscrito foi publicado somente em 1887 por de Dreusy, em edição cheia de erros na grafia dos nomes brasileiros. "Isto nos faz crer que o botânico tivesse muito má letra e seu revisor, o sr. de Dreusy, ou alguém por êle, nada entendesse de português" (4). Acresce que, enquanto as outras relações estão cheias de notas elucidativas, citações e acréscimos, a viagem ao Rio Grande do Sul não traz comentários, o que bem demonstra ter-se valido Saint-Hilaire do seu diário redigido durante a viagem apenas como um borrão, fazendo todo o trabalho da redação definitiva tendo à mão farta documentação, consultada a todo o momento.

De fato, Saint-Hilaire não se contenta com suas afirmações: sempre que pode corrobora sua opinião com a de outros. Cita autores, cri-

(4) Afonso de E. Taunay, no prefácio à "*Segunda viagem ao Rio de Janeiro...*"

tica, compara. É admirável ver-se como êle, em França, estava ao par de tudo quanto se publicava sôbre o Brasil. Aquí tinha deixado amigos e admiradores, que lhe mandavam o que aparecia, suscetível de interessá-lo.

Mantinha correspondência com diversos brasileiros ilustres, tais como o Visconde de São Leopoldo, e em Paris estava em contato com a nossa legação. Pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Sociedade de Medicina do Rio, cujas publicações recebia, lia e citava nas suas obras.

Nada escapa ao escrupuloso viajante. Quando cita um algarismo que colheu *in loco*, não se esquece de retificá-lo com dados mais modernos hauridos no último relatório que recebera. Sôbre os outros viajantes apressados, leva a vantagem de conhecer a língua do país que percorreu e não se enganar na grafia dos nomes próprios, cuja origem tupí não esquece de anotar, citando os autores.

O que é mais de admirar; talvez, em Saint-Hilaire, é a compreensão e a simpatia pela gente que vivia espalhada por essas terras quasi desertas do Brasil de D. João VI. Saint-Hilaire tinha no mais alto grau a rara qualidade num viajante: procurar explicar com simpatia o que parece exquisito e inexplicável à primeira vista. Para isso não se esquece da grande mestra, a história, e antes de descrever uma província, conta a sua história.

Eu creio não exagerar muito afirmando que o resumo da história de São Paulo, feito por Saint-Hilaire, ainda é dos melhores que possuímos.

Até hoje não temos uma verdadeira síntese da nossa história. Monograficos notáveis, grandes e inesgotáveis coleções de documentos têm sido publicadas. Homens há que têm consagrado a vida inteira a pesquisar minúcias e esclarecer datas; mas o fundamental, as grandes linhas, a síntese ainda está por fazer. Não apareceu ainda o espírito latino, claro e arguto, que irá resumir o essencial, salientar o fato importante, tirar as conclusões da história do povo paulista.

Não me digam que não é ainda possível: não repitam que há falta de documentos. O que nos falta saber da história paulista é o pequeno fato, a minúcia, que só interessa ao "monografista" erudito e insaciável que exclama: "não sabemos ainda o nome do bacharel de Cananéia!..."

Mas o que nos adiantaria saber que êle se chamou fulano de tal? O que importa não é o nome da personagem: é o "fenômeno" bacharel de Cananéia. Pouco importa o documentinho avisando-nos da data em que morreu João Ramalho. Já é tempo de abandonarmos uma história capistrânea de efemérides e narrações, que ameaça afogar-se numa onda de documentos que se repetem.

O resumo de Saint-Hilaire foi escrito há quasi um século e, hoje ainda, não podemos deixar de admirar como êle soube salientar o essencial, explicar e comentar o fato importante, abandonando a minúcia sem consequência. Certamente há erros em Saint-Hilaire. Dêsses erros que fazem a delícia dos comentadores de notinhas de rodapé. Já a primeira frase, atribuindo a descoberta do Brasil a uma tempestade, dá ganas de pegar no lapis, marcar um número e encher a margem com uma letrinha fina e contraditória. Dá vontade da gente exclamar: “a descoberta não foi por acaso; Pedro Álvares Cabral já saíu de Lisboa com ordem de descobrir o Brasil”.

E logo mais adiante, quanta falha na descrição da viagem de Martim Afonso! Entretanto êle conhecia o “Diário de Pero Lopes”. Falando das bandeiras, quantas êle esquece e descreve mal (aquí sim, faltavam-lhe documentos)! Mas ninguém como êle viu a sua grandeza, ninguém salientou tão brilhantemente o seu esforço sobrehumano. Passou à posteridade a sua frase, referindo-se aos bandeirantes: “raça de gigantes”! Exclamação humana, saída do fundo do coração do sábio pacífico, percorrendo o sertão, montado num burrinho, acompanhado de um criado trazido da província natal e que lhe falava, à noite, debaixo do rancho, empacotando flores e capinzinhos, da terra distante e dos parentes saudosos.

Como êle se indigna contra êsses homens maus que caçavam índios e matavam neófitos de camisolão lá em Guairá! E’ que naqueles tempos de Chateaubriand o índio era sempre simpático e as guerras não tinham justificativas econômicas. A falta de braços e as leis duras e frias da expansão não eram explicações aceitáveis ainda. Não se compreendia que “crimen fué del tiempo”.

Há uma observação que Saint-Hilaire faz seguidamente no decorrer da viagem, o que eu quero comentar um pouco: é a falta de confôrto em que vivia o paulista do interior. Não se esquece de comparar São Paulo e Minas e de salientar quanto os mineiros eram mais ricos e mais civilizados.

De fato, essa pobreza provinha do isolamento do paulista, da sua economia fechada, tão fechada que não seria exagêro dizer que cada família, cada fazenda bastava-se a si mesma.

A própria capital não era pròpriamente uma cidade, no sentido europeu da palavra. As Câmaras municipais preocupavam-se sobretudo com as populações rurais espalhadas pelos arredores. Os habitantes da cidade não gozavam de nenhum privilégio especial. Viviam sob o regime do direito comum. Não havia, nas vilas paulistas, burgueses no sentido que tinha êsse têrmo nas cidades antigas da Europa. Quanto aos outros

características das cidades européias (artezanato, privilégios, corporações), não existiam tão pouco. A cidade paulista antiga era uma “cidade rural”.

Não havia em S. Paulo uma classe de homens dedicados a produzir com continuidade artefatos para a venda. O “mecânico”, o homem que tinha um ofício, não trabalhava com a constância e a preocupação do dia de amanhã. Não capitalizava. Contentava-se em produzir o necessário para não morrer de fome. O nível extremamente baixo da vida permitia uma preguiça e uma felicidade de homem primitivo. Indolência de mestiço? Sim, mas também falta de “necessidades”, decorrente de uma vida isolada, sem trocas com o exterior.

Quem precisasse de objetos fabricados com continuidade só tinha uma solução: adquirir a fábrica: o escravo mecânico. E' significativo o que Saint-Hilaire conta a propósito de uma canastra que precisou adquirir em S. Paulo. Os carpinteiros capazes de fabricá-la, ora não tinham tábuas, ora, por não necessitarem de dinheiro, não queriam trabalhar. Para Saint-Hilaire obter a preciosa canastra foi preciso que o governador mandasse pôr uma sentinela à porta do carpinteiro, com ordem de não deixá-lo sair, enquanto a mala não ficasse pronta.

Não existia então em São Paulo uma indústria permanente. O governo fundara uma fábrica de fuzís para abastecer o exército. Mas essa oficina, com mestres alemães importados, devia funcionar mais como repartição pública do que como verdadeira fábrica de produção regular.

No entanto, a gente da terra demonstrava grande habilidade em aprender os ofícios. E Saint-Hilaire, observando as possibilidades do meio e a situação geográfica, não hesitou em declarar que, quando o Brasil chegasse ao ponto de possuir uma indústria, seria São Paulo o lugar mais propício para sua instalação. Não se enganava o viajante francês. Que o diga o parque industrial paulista de hoje, “o maior da América do Sul”, como afirmam os nossos bondes da Light.

Fora da capital, viviam os fazendeiros, mesmo os mais abastados, uma vida primitiva. Saint-Hilaire nota frequentemente a pobreza do mobiliário dos fazendeiros. Além do catre de madeira e couro cru, só a mesa mal aparelhada e uns bancos rústicos. Nada de camas de bilros, baixelas de prata, mesas de pés torcidos, aparadores com gavetinhas esculpidas e espelhos emoldurados, tão comuns nas Minas Gerais e no Norte.

A pobreza do mobiliário paulista ainda se nota no fazendeiro de hoje. Pode-se dizer que não data de 20 anos o móvel bom, bonito ou confortável, na casa paulista. O fazendeiro rico, riquíssimo às vezes, con-

tentava-se há pouco tempo com a cadeira de “palhinha” e a “móbilha austríaca”.

Quem escrever a interessante história do mobiliário paulista terá que consagrar um longo capítulo à móbilha austríaca e à curiosa disposição do sofá, ladeado de cadeiras de balanço formando uma ferradura e de imponentes escarradeiras de louça “com bôca de leão”. A cadeira de balanço, de palhinha, devia figurar em nosso museu, ao lado de um par de escarradeiras (havia-as de Sèvres e Limoges, douradas a fogo), como um dos traços característicos de uma época da civilização paulista.

* * *

E foi assim que, lendo e relendo esta “Viagem à Província de S. Paulo”, sempre encontramos tanta cousa interessante que nos veiu o desejo de publicar a sua tradução, para que outros mais perspicazes possam dela tirar tudo quanto contém.

Nada mais instrutivo para o historiador de cousas de nossa terra que a leitura atenta das relações de viagens. Esse estudo nos parece tão importante que, se fôssemos professor e tivéssemos a capacidade suficiente para guiar alguém em seus trabalhos, aconselharíamos a tôda gente mais que a leitura atenta dos grandes historiadores europeus (os Pirenne, os Hauser) e dos documentos de arquivo, o manuseio constante das relações de viajantes.

Esse método de revisão das fontes históricas com idéias modernas consideramos indispensável para sairmos das compilações e narrativas cronológicas, tão ao sabor dos nossos institutos históricos. É pois com a consciência de prestar um pequeno serviço ao estudioso do país que damos à publicidade esta tradução de Saint-Hilaire.

RUBENS BORBA DE MORAES

PREFÁCIO

O autor adotou na presente narrativa, continuação da VIAGEM ÀS NASCENTES DO RIO SÃO FRANCISCO E À PROVÍNCIA DE GOIAZ, o mesmo plano nesta última adotado; por êsse motivo não poderia deixar de repetir o que já disse. Serão encontrados, portanto, descritos nestas páginas, com a mesma exatidão, não somente os locais que visitou, como também as mudanças que outros viajantes apontaram depois de sua viagem.

A presente obra é, por assim dizer, uma espécie de esboço monográfico das regiões percorridas pelo autor. Ateve-se êle às mesmas observações críticas e ao cuidado de retificar os inúmeros erros contidos nos livros sobre a geografia e a etnografia do Brasil; citou com o mesmo carinho todos os escritores de cujas obras extraiu informes, e, com êsse fito, envidou todos os esforços, afim de reunir tôdas as obras publicadas sobre Brasil.

Neste livro serão encontrados, várias vêzes, números que deveriam remeter o leitor à descrição da flora característica de cada região; circunstâncias imprevisíveis não permitiram que essa parte do trabalho fôsse terminada; tais descrições serão encontradas, é lícito esperar, na parte final da VIAGEM À PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL.

CAPÍTULO PRIMEIRO

QUADRO RESUMIDO DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO

I — HISTÓRIA

O navegador português PEDRO ÁLVARES CABRAL embarcou em Lisboa no ano de 1.500, com destino às Índias Orientais; ventos contrários impeliram-no para oeste, e, assim, o Brasil foi descoberto.

Nessa ocasião, o rei de Portugal estava inteiramente absorvido com as conquistas que seus navegantes tinham efetuado nas Índias, conquistas que seus sucessores dentro em pouco tempo perderiam; por êsse motivo descuidou-se do Brasil que, durante dois séculos, canalizou para Portugal imensas riquezas.

A costa setentrional do Brasil foi, entretanto, explorada, nela se tendo estabelecido alguns particulares; a costa que se estende da baía de Todos os Santos ao Rio da Prata mal era conhecida. O rei D. João III quis, finalmente, assegurar os direitos que Portugal julgava ter sobre as terras descobertas, encarregando MARTIM AFONSO DE SOUSA de tomar posse das mesmas. Não podia ter feito melhor escolha. Era MARTIM AFONSO DE SOUSA, no dizer de um historiador, o mais virtuoso dos cortezãos, o mais criterioso dos conselheiros, o mais hábil dos generais.

Partiu MARTIM AFONSO de Lisboa pelos fins do ano de 1530 e, a 30 de abril de 1531, (5) fundeou na do Rio de Janeiro, que os indígenas dominavam *Ganobará* ou *Nithoy*. Como os tamoios, selvagens desconfiados e belicosos não lhe permitissem estabelecer-se alí prosseguiu viagem até o Rio da Prata; depois, voltando para o norte, entrou, no dia 20 de janeiro de 1532, numa baía que, protegida por duas ilhas

(5) Todos os historiadores afirmam que MARTIM AFONSO entrou na baía do Rio de Janeiro no dia 1.º de janeiro; mas o *Diário da Navegação* dêsse ilustre homem, diário da autoria de seu irmão PERO LOPES DE SOUZA, e publicado com eruditas e sábias anotações por FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN, prova, claramente, ser errônea a referida data.

mui próximas da terra firme, apresenta o mais seguro ancoradouro de tóda a costa. Recebera MARTIM AFONSO de seu soberano ordem para estabelecer uma colônia ao sul do Brasil; foi êsse o local que escolheu, lançando na ilha de São Vicente os fundamentos da vila que recebeu êsse nome.

Tal foi o início da capitania de São Vicente, cuja história está ligada à de quasi todo o Brasil, e que, mais tarde, foi denominada capitania de São Paulo.

Sem nenhuma razão tem sido considerados como um vil ajuntamento de bandidos os primeiros habitantes da referida colônia, quando é certo que entre os companheiros de MARTIM AFONSO contavam-se fidalgos de Portugal e da ilha da Madeira; todos, entretanto, deveriam, naturalmente, participar, assim dos vícios, como das brilhantes qualidades dos homens de sua época; eram o que foram pelos meados do século XVI os outros portugueses. A uma fé ardente, mas pouco esclarecida, a uma generosidade levada à imprevidência, juntavam um espírito empreendedor e aventureiro, uma grande intrepidez, muito orgulho, o amor da glória, o desejo de adquirir riquezas para dispersá-las e brilhar, e sobretudo, uma rudeza de costumes, contra a qual lutava, em vão, a infável doçura do Cristianismo. Nenhum povo europeu era, na mesma época, isento dessa rudeza, e, se os paulistas a conservaram por tempo mais dilatado, foi devido à circunstância de se entreterem, continuamente, com gigantescas incursões pelos sertões e com as constantes caçadas que organizavam contra os selvagens durante muitíssimos anos.

Quando MARTIM AFONSO aportou à ilha de São Vicente, essa parte do Brasil pertencia aos guaianases, indígenas pacíficos que povoavam o planalto situado ao norte da cadeia marítima, mas que, em certas épocas do ano incursionavam o litoral, afim de colhêr ostras e outros moluscos.

No momento em que os portugueses entraram na baía, indígenas habitantes do planalto pescavam na costa. Diante do tamanho dos barcos europeus, fugiram, indo relatar em suas *tabas* (aldeias) que acabavam de ver pirogas que, comparadas com as por êles usadas, eram como as árvores mais altas das florestas em relação às plantas rasteiras dos campos; e que, homens de pele branca das mesmas haviam desembarcado, parecendo querer estabelecer-se no local, alí se fortificando.

O chefe dos indígenas tomou como um insulto a conduta dos homens brancos, razão pela qual se apressou em dar notícia do que ocorria a todos os caciques da vizinhança. Apressou-se, sobretudo, em avisar das ocorrências a TEBYRIÇÁ, chefe dos habitantes dos campos de Piratininga e a quem tóda a nação guaianás tributava grande respeito, porquanto nenhum chefe era mais poderoso, nem melhor guerreiro. MARTIM

AFONSO não era o primeiro europeu que pisava naquela costa. Entre os guaianazes vivia um português, salvo, provavelmente, de algum naufrágio e a quem TEBYRIÇÁ dera uma de suas filhas, de nome BARTIRA, por espôsa. Esse homem, chamado JOÃO RAMALHO, não tendo jámais visto um navio de sua nacionalidade abordar àquelas paragens, acreditou que os homens aos quais os indígenas se referiam, ali tivessem sido arrojados por uma tempestade, quando na rota das Índias Orientais. Compadecido da triste sorte que supunha estar afligindo seus compatriotas, conseguiu que seu sogro partilhasse de sua compaixão, persuadindo-o de que, se tratasse os portugueses como amigos, lhe adviriam de tal atitude grandes proveitos. TEBYRIÇÁ, em companhia do genro, pôs-se a caminho de São Vicente, seguido de trezentos indígenas armados de flechas. Quando JOÃO RAMALHO avistou os portugueses, elevou a voz, e, falando aos compatriotas, de longe, em sua língua materna, assegurou-lhes de que os guaianases não se apresentavam como inimigos. Aproximaram-se, então, indígenas e portuguêsês, fazendo aliança contra as tribus indígenas que tentassem perturbar-lhes o sossego; e, como manifestação de regozijo, os portugueses casaram o ribombo de sua artilharia aos sons dos instrumentos com que os indígenas acompanhavam suas dansas selvagens. (6)

Nada mais tendo a temer dos indígenas, MARTIM AFONSO ocupou-se com febril atividade na edificação da nascente povoação, permitindo que seus companheiros fizessem plantações na ilha de São Vicente; nomeou oficiais de justiça e assegurou, por meio de sábios regulamentos, a tranquilidade dos colonos e a segurança das respectivas propriedades.

A MARTIM AFONSO, em última palavra, deve-se o primeiro estabelecimento regular dos portugueses em o Novo Mundo. Esse ilustre homem não se contentou, porém, como tantos outros capitães portugueses, em explorar a costa; quis conhecer e desbravar o interior das terras. Através de mil perigos, escalou a cadeia marítima denominada pelos indígenas Paranapiacaba (7); do cume das altas montanhas que a constituem pôde fazer uma idéia exata da magnífica região cuja posse aca-

(6) O padre MANUEL AIRES DE CAZAL, apoiado numa passagem do historiador espanhol HERRERA, pensa (*Corog. Bras.* — I 51.202) que antes da chegada de MARTIM AFONSO a São Vicente, já ali existia uma *feitoria*, pelo que conclue que os indígenas, acostumados a ver navios europeus, nenhuma surpresa tiveram quando o do ilustre português aproximou-se da costa; e, assim raciocinando, julga-se autorizado a repelir a narrativa que acabo de fazer. A pouca verossimilhança do fato invocado por HERRERA muito enfraquece, a meu entender, tal asserção.

(7) Assim se traduz essa palavra — *lugar de onde se avista o mar*. É suposição corrente que a mesma se origine de *paraná* — mar — *cepiacá* — ve. (Dic. port. bras. — 51 — 78).

bava MARTIM AFONSO de assegurar para a monarquia lusa; e, assim, penetrou até a planície de Piratininga (1532), domínio de seu fiel aliado — o cacique TEBYRIÇÁ.

O rei D. João III reconheceu, afinal, que o Brasil tinha algum valor; mas, para se livrar dos cuidados exigidos pela colonização de tão vasta região, dividiu-a em várias capitanias hereditárias, doando-as a nobres personalidades, que se ocupariam de defendê-las, nas mesmas formando estabelecimentos.

MARTIM AFONSO era um dos maiores mercedores de tal recompensa. D. João III doou-lhe 400 léguas da costa, desde a baía de Parana-guá; mas, nessa vasta extensão de terras estava encravada uma nesga de 10 léguas de largura, desde o rio São Vicente até o rio Juqueriquerê, em frente à ilha de São Sebastião, terras encravadas que faziam parte das 50 léguas doadas a PERO LOPES DE SOUSA, irmão de MARTIM AFONSO (8). A doação dêste último recebeu o nome de capitania de São Vicente, e, viu-se êle obrigado a partir para Portugal no ano de 1553. Chegado às margens do Tejo, muito afastado da América, não se esqueceu, entretanto, da capitania de que era donatário. Por seus cuidados e esforços, as mulheres de seus companheiros deixados no Brasil aos mesmos se reuniram, e novos colonos aumentaram o número dos mais antigos. Introduziu, também, em sua capitania, as diversas espécies de animais domésticos europeus; fez transportar da ilha da Madeira a cana de açúcar, que de São Vicente, se espalhou pelas outras partes do Brasil; e ordenou a montagem do primeiro engenho de açúcar que existiu no Império (9).

(8) Desde a cidade de São Sebastião até a ponta de Taipú, próxima a São Vicente, a costa da província de São Paulo dirige-se, aproximadamente, do oriente para o ocidente. Das duas ilhas que protegem o pôrto de Santos, a mais oriental, ou, melhor dizendo, a mais afastada do Rio de Janeiro, tem o nome de Santo Amaro e está separada da terra firme por um canal denominado Barra da Bertioga. Entre essa ilha e mais ocidental — a de São Vicente — está situado o braço de mar chamado Barra Grande, Barra Larga, ou, melhor, Barra de Santos, pela qual os navios entram no pôrto de Santos. Denomina-se rio de São Vicente o profundo canal, mais estreito, que separa a ilha de São Vicente do continente. Tais são as denominações geralmente adotadas hoje; mas não eram as adotadas ao tempo de MARTIM AFONSO (CAZ., *Corog. Bras.*, I 217). Esse grande navegador acreditava que os três braços de mapa que nós vamos referindo, eram as embocaduras de um único rio e dava a todos os três o nome comum de rio São Vicente. A barra da Bertioga era, pois, o limite do domínio dos dois irmãos, e não, como se acreditou, o rio São Vicente atual (GASPAR DA MADRE DE DEUS, *Mem. S. Vicente*, I,II). Do contrário, ter-se-ia de admitir que D. JOÃO III tivesse subtraído de MARTIM AFONSO a porção de território que mais naturalmente devia pertencer-lhe, e que êste tivesse fundado uma cidade e distribuído terras numa região que não lhe pertencia.

(9) VASCONCELOS, *Crônica*, 1,61. Sob o nome *afonsea*, consagrei à memória de MARTIM AFONSO um belo gênero brasileiro da família das leguminosas, gênero que se distingue pela pluralidade dos ovários e dos cálices vesiculosos. (V. minha *voyage au*

Os inteligentes esforços de MARTIM AFONSO fizeram florescer a nova colônia. A agricultura logo prosperou de modo notável e um intenso comércio estabeleceu-se em Portugal, favorecido pela criação de um outro núcleo de população — Santos —, cujo pôrto tem capacidade para receber os maiores navios. O numerário, é certo, foi, a princípio, extremamente escasso. Eram pagas com açúcar as mercadorias recebidas da Europa, produto êsse que constituía a única moeda corrente na capitania.

Não obstante os progressos assaz sensíveis que acabámos de assinalar, a nova colônia não passou muito tempo, entretanto, sem se ressentir da ausência de seu ilustre proprietário. Êste compreendera perfeitamente que se os portugueses, levados pelo desejo de mudança de situação, deixassem o litoral e se dispersassem pelo interior das terras, não teriam mais a mesma fôrça e não poderiam remeter suas produções para a Europa. Por essa razão, proibiu aos brancos a entrada na planície de Piratininga, fazendo exceção, unicamente, em relação a JOÃO RAMALHO. Mas, desde que partiu para a Índia, cujo govêrno lhe foi confiado, sua mulher, D. ANA PIMENTEL, suspendeu essa proibição. Daí os portugueses se misturarem com os indígenas, e, aos vícios de uma civilização muito defeituosa, juntaram, dentro em pouco, os da vida selvagem.

Os representantes da autoridade de MARTIN AFONSO não eram nem bastante enérgicos nem bastante judiciosos, para manter a ordem na colônia e para desenvolver os bons costumes e as normas de uma equilibrada equidade entre indivíduos de raças tão diversas — uns inteiramente selvagens, e os outros semi-civilizados, audaciosos e cúpidos.

Embora dando aos indígenas o nome de *compadres* — nome respeitável na época — os brancos exploravam-nos com revoltante impudor, e, para impedirem que os mesmos conhecessem a verdade, os próprios administradores, cúmplices da má fé de seus administrados proibiam a todos os cristãos, sob a cominação de severos castigos, o desmoralizarem, diante de um indígena, a um outro cristão ou suas mercadorias.

Não eram, porém, unicamente em relação aos indígenas que os portugueses violavam tôdas as leis mais comesinhas da probidade; eram também, pouco escrupulosos quando tratavam uns com os outros, e a falta de confiança era tão intensa, que, para ter segurança da fidelidade dos homens livres empregados nos engenhos de açúcar, eram êstes obri-

District des Diamants etc. I,388). Permitir-me-ão repetir aqui as expressões de que me serví na dedicatória dêsse gênero botânico: — “*In honorem illustrissimi ducis MARTIM AFONSO DE SOUZA, qui maximo incolarum beneficio, saccharum officinale in Brasilia introduxit, Monumentum splendidus grati consecrent Brasiliensis!*” — Não sei se até o presente momento, os meus votos foram realizados.

gados a jurar, perante a câmara municipal, que nada furtariam a seus patrões (10).

A ausência de um chefe leal e poderoso não constituía a causa única a atuar, prejudicialmente, sobre os colonos de São Vicente. Uma outra causa de corrupção entre êles se introduzira desde os primórdios de seu estabelecimento: — a escravização dos indígenas. Protegendo a liberdade dêstes, as leis portuguesas permitiam, no entanto, que essa proteção fôsse burlada em certas circunstâncias. Os colonos invocavam sempre boas razões para terem escravos. Descurados, êles próprios, dos preceitos da religião cristã, deixavam seus escravos manter-se em grossa ignorância; êstes, perdendo seus hábitos selvagens, nada mais conseguiam do que um fatal embrutecimento; os senhores também se embruteciam, tornando-se cada vez mais cruéis.

Vários *vicentistas* — denominação a princípio dada aos habitantes de São Paulo — casavam-se com as indígenas, outros com as mesmas se amasiavam, ou, sendo casados, mantinham concubinas nas aldeias, às quais os indígenas tratavam como legítimas espôsas. Dessas dispareas uniões proveio um grande número de mestiços; e foi a êsses homens, conhecidos pela brutalidade de costumes, que se deu o nome de *mamaluços*, nome emprestado à milícia muçulmana que dominava no Egito (11).

As províncias setentrionais do Brasil estavam, na mesma época, em situação muito mais precária do que a da capitania de São Vicente. Seus donatários, fracos e isolados, tinham dificuldade em se defender dos incessantes ataques dos indígenas, ao mesmo tempo que se aproveitavam da autoridade sem peias de quem eram investidos, para a prática, em relação aos colonos, de atos do mais intolerável despotismo.

D. João III, finalmente, atendendo as súplicas de seus súditos, enviou ao Brasil um governador geral — TOMÉ DE SOUSA —, homem enérgico e prudente, que devia representá-lo em tôdas as cousas, e a quem concedeu os mais amplos poderes. Com TOMÉ DE SOUSA chegaram à baía de Todos os Santos, no ano de 1549, cinco religiosos da Companhia de Jesús, tendo à frente MANUEL DA NÓBREGA, seu provincial, missionário que, à nobreza do sangue, reunia as mais altas virtudes, prodigiosa atividade e grande talento para conduzir-se em sua missão.

Êsses homens corajosos preocuparam-se, sem reservas, com a felicidades dos indígenas; mas como êles sòzinhos não podiam desempenhar

(10) GASPAR DA MADRE DE DEUS. Mem. S. Vicente, 66, 67.

(11) V. alguns trechos interessantes, escritos pelo padre ANCHIETA, publicados na preciosa coletânea intitulada *Revista Trimensal de História e Geografia*, Rio de Janeiro.

a difícil tarefa que se impuseram, quatro anos mais tarde vieram coadjuvâ-los mais sete confrades, entre os quais JOSÉ DE ANCHIETA, que mereceu ser cognominado o Apóstolo do Brasil.

ANCHIETA, foi a um tempo, poeta, guerreiro, naturalista; para tornar-se útil, a tudo se adaptava — ensinava crianças, comandava tropas, compunha cânticos, cuidava enfermos, não se recusando, mesmo, a prestar os mais vulgares serviços. ANCHIETA pode ser colocado entre os homens mais extraordinários de seu tempo (12).

Apenas chegado ao Brasil, NÓBREGA fundou um colégio em São Vicente; em pouco, como já assinalámos acima, foi êle seguido pelo padre ANCHIETA, começando, então, para a capitania de MARTIM AFONSO uma nova era. Os jesuítas envidavam todos os esforços para integrar os colonos na dignidade de homens e nos deveres de cristão, por muito tempo esquecidos; opunham-se às injustiças dos mesmos e pleiteavam, corajosamente, a prol da liberdade dos indígenas, afastando da comunhão dos fiéis os opressores dêsses infelizes. Foi sobretudo o desejo de atrair os indígenas ao conhecimento da verdade, que os fez abandonar família e pátria; de nada descuraram para atingir tão nobre escôpo. Iam procurar os selvagens no fundo das florestas, afrontavam-lhes a crueldade, atraíam-nos com benefícios, consolavam-nos em suas aflições, tratavam-nos em suas enfermidades e os faziam cristãos. As crianças, fascinadas por seus cânticos, seguiam-nos e os rodeavam, sendo por êles iniciados no conhecimento da religião, e com êles aprendiam, também, a leitura, a escrita, as contas e a música (13).

Os jesuítas desde logo sentiram que, para se tornar verdadeiramente úteis aos indígenas, não deveriam confinar-se no litoral habitado unicamente pelos portugueses e seus escravos. NÓBREGA resolveu estabelecer

(12) *Viagem ao Distrito dos Diamantes e ao Litoral do Brasil*, II, 4.

(13) “.....

O NÓBREGA famoso, o claro ANCHIETA,
 Por meio de perigos e de espantos,
 Sem temer do gentio a cruel seta,
 Todo o vasto sertão teem perlustrado
 E a fé com mil trabalhos propagado.

 Sofrem riscos, trabalhos, fome, frios,
 Sem receiar os bárbaros insultos;
 Penetram matos, atravessam rios,
 Buscando nos terrenos mais incultos,
 Com imensa fadiga e pio ganho,
 Êsse perdido, mísero rebanho.

(*Caramurú*, canto X, ests. 55,56).

um novo colégio na planície de Piratininga, encarregando de tal incumbência ANCHIETA, que contava, então, pouco mais de vinte anos. Em época menos remota, os mineradores, atraídos unicamente pela presença dos diamantes e do ouro, fixavam-se, de ordinário, nas regiões montanhosas, no fundo de tristes e áridos vales; os jesuitas, ao contrário, estabeleciam-se em terras mais férteis, sôbre iminências onde as maravilhas da natureza, desdobrando-se num vasto horizonte diante do espectador maravilhado, impeliam-no a elevar os pensamentos até o Criador (14). Foi um local nessas condições o escolhido pelos discípulos de Santo Inácio, na planície de Piratininga, para a fundação de seu novo colégio. A 24 de janeiro de 1554, dia da conversão de São Paulo, foi celebrada a primeira missa em o novo estabelecimento, que recebeu o nome de São Paulo. Alí, onde devia erguer-se a cidade encantadora, destinada a representar tão importante papel na história do Brasil, só se via, a princípio, uma cabana de 14 pés de comprimento, por 10 de largura, construída de terra e coberta de sapé. “E’ aí — escrevia ANCHIETA — “que temos nossa escola e que estão nossa enfermaria, nosso dormitório, nossa cozinha, nosso refeitório, nossa dispensa”. Folhas de bananeira serviam de mesa, uma esteira servia de porta.

A nascente colônia não tardou a tomar incremento. Um grande número de indígenas, de mestiços e de portugueses veio agrupar-se em volta da mesma, e o grande chefe dos guaianases, TEBYRIÇÁ, que recebeu no batismo o nome de seu *compadre* MARTIM AFONSO DE SOUSA, transferiu tôda sua aldeia para perto do colégio dos jesuitas. Contudo, de tal progresso logo se originou uma rivalidade perigosa. Desde o tempo em que MARTIM AFONSO DE SOUSA se encontrava ainda em São Vicente, JOÃO RAMALHO havia formado, na entrada da planície, uma povoação que denominou Santo André, e que, mais tarde, foi elevada à vila. A JOÃO RAMALHO e a seus numerosos filhos, todos mestiços, juntou-se grande número de portugueses. Êsses homens, que tinham tôda a sorte de vícios e não cessavam de escravizar os indígenas, não podiam ouvir sem cólera as prédicas dos jesuitas contra essa infame prática; por êsse motivo, levantando absurdas calúnias, começam a incitar contra os padres diversas tribus indígenas. São Paulo foi atacada, mas os indígenas convertidos à fé cristã rechaçaram os inimigos e sua vitória aumentou ainda mais, a influência dos jesuitas. Demonstraram êstes, em pouco tempo, tôda a grandeza dessa influência, numa ocasião importante. Na Europa começava-se a saber o que valia o Brasil. Os franceses quiseram ter sua parte nessa rica colônia. Conduzidos pelo cava-

(14) V. as três precedentes narrativas do autor.

leiro de Malta, NICOLÁU DE VILLEGAGNON, fundaram um estabelecimento na baía do Rio de Janeiro (15). Em vez de oprimir os indígenas, VILLEGAGNON tratava-os com muita justiça e generosidade (16). Os belicosos tamoios, que ocupavam tôda a região situada entre Rio de Janeiro e São Vicente, tornaram-se seus poderosos e úteis aliados. Os portugueses, a princípio, deram pouca atenção aos empreendimentos dêsses perigosos vizinhos; mas NÓBREGA abriu-lhes, enfim, os olhos, e a côrte de Lisboa ordenou ao governador MEM DE SÁ que expulsasse os recém-vindos. Os colonos portugueses queriam contemporizar; NÓBREGA repeliu com fervor seus tímidos conselhos: a guerra foi resolvida. Os jesuítas convenceram os habitantes de São Vicente a tomar parte na mesma e levaram víveres a MEM DE SÁ, bem como canoas e um grande número de brancos, de mamalucos e de indígenas, todos acostumados a guerrear contra os tupinambás e tamoios, amigos dos franceses. Êstes foram derrotados, suas fortificações foram arrasadas, e a tropa portuguesa, levando os canhões do inimigo, retirou-se para Santos, onde o incansável NÓBREGA havia preparado socorros para os feridos e víveres para todos.

MEM DE SÁ acompanhou sua tropa até Santos. Os jesuítas aproveitaram-se de sua presença ali, para se livrarem duma perigosa vizinhança. Expuseram ao governador que a vila de Santo André, construída no limite das florestas e das montanhas, achava-se constantemente exposta aos ataques dos selvagens, ao passo que São Paulo, situada em ponto alto, numa região descoberta, pouco tinha a temer de suas agressões. MEM DE SÁ ordenou a destruição de Santo André. São Paulo foi elevada a vila no ano de 1560, sob o nome de *São Paulo de Piratininga*, e os padres da companhia de Jesús para ali transferiram o colégio que haviam fundado no litoral (17). Uma tempestade se formava, entretanto,

(15) O verídico e judicioso LÉRY, que fazia parte dessa expedição, cujos pormenores descreveu, denomina a região a que aportaram os seus patrícios — “1.^a terre du Brésil” também chamada “Amérique”; mas dois autores muito menos recomendáveis deram à região o nome de *França Antártica*. Relatando essa particularidade, SOUTHEY insurge-se com azedume contra a *arrogância comum aos franceses* (*Hist.*, I,273), olvidado de que, antes mesmo de terem fundado o menor estabelecimento na costa da América setentrional, seus compatriotas tinham já consagrado o nome de *Virginia* (ROBERTSON, *Virginie*, 25), ridiculamente emprestado de uma qualidade de que se orgulhava sua rainha. Os crimes e os defeitos de que uma nação acusa outra nação, podem, quasi sempre, ser encontrados nos anais da acusadora. Em vez de reciprocamente se censurarem, tôdas elas deveriam trabalhar para evitar e corrigir as faltas de que são, igualmente, culpadas.

(16) MEM DE SÁ, *Lit.*, in PIZARRO, *Mem. hist.*, I,14.

(17) Os erros do padre CHARLEVOIX sôbre os primórdios da vila de São Paulo (*Hist. do Paraguai*, I,307-9), erros repetidos por uma infinidade de compiladores, foram devidamente refutados por FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS (*Mem. S. Vicente*, 119 e segs.); sendo, assim, inútil repisar o assunto. Todavia, devo observar que

sôbre a capitania de São Vicente. Os tamoios tinham sido derrotados com os seus aliados, os franceses, mas não haviam sido exterminados. Exasperado com as injustiças dos portugueses e com suas caçadas aos indígenas, para escravizá-lo, resolveram vingar-se, atacando a colônia de MARTIM AFONSO. Uns, depois de escalar as montanhas, espalharam-se pela planície de Piratininga; outros, com o auxílio de suas compridas canoas, que podiam transportar até 150 guerreiros, fizeram irrupções no litoral, devastando as plantações dos colonos cujas casas destruíram e cujos escravos arrebataram.

Tais sucessos atraíram para seu lado tribus, que, a princípio, tinham permanecido neutras e um considerável corpo de indígenas aliados atacou a vila de São Paulo. O terror apoderou-se logo de todos os habitantes; mas ANCHIETA retemperou-lhes a coragem, com suas prédicas. Transformado por alguns instantes em homem de guerra, êle, que sempre fôra homem de paz (18), adotou sábias medidas para a defesa da vila, pôs TEBYRIÇÁ à frente dos indígenas fiéis, e os atacantes foram vigorosamente rechaçados.

A vila de São Paulo mal tinha escapado dêsse perigo, quando perdeu seu mais generoso defensor, MARTIM AFONSO TEBYRIÇÁ. Conquanto oriundo de uma raça justamente censurada pela extrema inconstância, êsse nobre chefe nunca cessara de ser o protetor e amigo dos portugueses, sobretudo dos padres jesuítas. Depois de recomendar à sua mulher e seus filhos que jamais se afastassem dos princípios da justiça a êles ensinados, morreu com sentimentos cristãos, sendo sido chorado amargamente, por tôda a colônia (19), que ainda aguardava novos reforços seus contra os famoios. Êstes eram muito belicosos e alimentavam implacável ódio contra os portugueses (20), para que renunciassem a seus projetos de vingança pela derrota sofrida diante de São Paulo. Ligaram-se, assim, a um grande número de outros indígenas, e a colônia de São Vicente ficaria arrasada, se não fôsse a dedicação heróica de NÓBREGA e de ANCHIETA. Êsses homens generosos resolveram procurar os tamoios

o último dêsses escritores, levado pelo seu patriotismo, exagerou algumas vêzes suas apreciações (como CHARLEVOIX as suas) quando vê os paulistas, impiedosos perseguidores e matadores dos indígenas — “Êsses vassallos zelosos, em vez de se oporem à conversão do gentio, foram o instrumento escolhido pelo próprio Deus para fazer ingressar no seio da Igreja a maior parte dêsses milhões de almas que nossos paulistas obrigaram a abandonar seus costumes bárbaros”. O historiador da viagem do almirante ANSON é ainda mais inexato do que CHARLEVOIX, quando fala da origem da vila de São Paulo, assim se exprimindo: — “Diz-se que os paulistas são descendentes dos portugueses que deixaram o norte do Brasil, quando os holandeses invadiram essa parte do país” (RICHARD WALTER, *Voyage round the World*, 52).

(18) PEREIRA DA SILVA, Plutarco Bras. I,44.

(19) JOSÉ DE ANCHIETA, *Lit.*, in *Rev. trim.*, II,544. VASCONCELOS, *Cron.*, I,II,260.

(20) HANS STADT, *Hist. Amer.*, in TERNAUX-COMPANS, *Voyages, Relations*.

com o intuito de converte-los a sentimentos pacíficos; para isso, embarcaram numa canoa, aproximando-se da costa, ocupada pelos selvagens. Estes, mal avistaram a canoa dos jesuítas, contra a mesma avançaram em suas pirogas, para atacá-los; mas, reconhecendo os padres, que vinham como os amigos de Deus e protetores dos indígenas, baixaram os arcos. ANCHIETA dirigiu-lhes a palavra na língua da terra, e, aos mesmos se entregando com seu nobre companheiro, conseguiu persuadí-los no sentido de enviarem doze jovens indígenas, como refens, à Vila de São Vicente.

Inteiramente sós entre os tamoios, os dois religiosos se apressaram em construir uma capela. Os indígenas, vendo celebrar pela primeira vez os santos mistérios, sentiram uma espécie de terror jamais experimentado em meio dos combates, e começaram a considerar seus hóspedes como seres sobrenaturais. A santidade dos dois padres excitava-lhes o respeito e a admiração, enquanto que as manifestações de dedicação e de benevolência, que dos mesmos continuamente recebiam, inspiravam-lhes um afeto quasi filial. Durante o tempo em que os dois jesuítas permaneceram entre os tamoios, submetidos aos caprichos muitas vèzes cruéis dèsses homens-crianças, expostos a todos os perigos, suportando mil fadigas, sofrendo fome e sêde, o govêrno negociava para obter a paz. Antes de concluí-la, manifestou, porém, o desejo de se entender com NÓBREGA e seu companheiro; mas os selvagens só deixaram partir o primeiro, retendo ANCHIETA (21). Foi então que êste, muito jovem ainda, prometeu à Virgem compor um poema em sua honra, se conservasse sua virtude, exposta a contínuos ataques. Não tendo tinta, nem papel, traçava sôbre a areia os versos que compunha, decorava-os escrevendo-os mais tarde, quando, depois de cinco meses de negociações, a paz o restituíu, enfim, à sua querida Piratininga (22). Enquanto êsses

(21) SOUTHEY, *Hist.* I, 387-393.

(22) "Êsse poema", diz JOÃO MANUEL PEREIRA DA SILVA (*Plutarco bras.*, I, 47) "demonstra que ANCHIETA possuía profundo conhecimento dos antigos clássicos, que não lhe era estranha a literatura hebraica e que estudara com afinco as obras des Padres da Igreja. Seu estilo é puro, correto e elegante; seus pensamentos, engenhosos e poéticos, são sempre apropriados ao assunto de que tratam; mas, forçoso é convir em que adotou um plano muito defeituoso, pois se contenta em retrazar, uns após outros, em ordem didática, os sucessos ocorridos na vida da mãe do Salvador, e o poema, todo êle, não constitui mais do que uma série de cantos, cada qual consagrado a um dèsses sucessos. Não tem êle nem a imaginação de MILTON, nem a sublimidade de KLOPSTOCK... É uma alma pura, profundamente religiosa, que se expande em harmoniosas modulações; os seus versos parecem vir de seu coração, como *música suave, expressão de doce tristeza*. Os que vão transcritos a seguir podem ser conceituados, certamente, como nobre poesia:

— "O Deus omnipotens, vasti quem machina mundi
Auctorem ac Dominum prædicat esse suum,
Cujus inaccessam tenet ingens gloria lucem,
Cui velut innatus lumine amictus inest.

acontecimentos se desenrolavam na capitania de São Vicente, os francezes continuavam a visitar as costas do Brasil, onde traficavam com os tamoios, cuja estima souberam conquistar; e, reavivando o ódio dêsses selvagens contra os portuguezes, fortificaram-se pela segunda vez na baía do Rio de Janeiro. A côrte de Portugal, querendo, enfim, desembaraçar-se dêsses perigosos intrusos, fez seguir para o Brasil uma frota comandada por ESTÁCIO DE SÁ, sobrinho do governador geral. ESTÁCIO chegou à Baía em 1564 e, depois de ter explorado a costa, recebeu não dispor de fôrças suficientes para atacar o inimigo. Esperando obter alguns reforços em São Vicente, para alí seguiu, mas encontrou os habitantes da região pouco dispostos a secundá-lo em sua emprêsa. Sabedor da influência que os jesuítas sôbre êles exerciam, ESTÁCIO recorreu a NÓBREGA, o qual, com suas prédicas eloquentes, reanimou o ardor dos paulistas. ANCHIETA, por sua vez, convenceu 800 homens a seguí-lo, e com os mesmos embarcou em auxílio do sobrinho do governador-geral. ESTÁCIO DE SÁ, com êsse refôrço e com o auxílio valoroso de ANCHIETA, venceu os francezes e os tamoios, em vários combates, expulsando-os para sempre da baía do Rio de Janeiro, em cujas margens, no ano de 1567, foi fundada, com o nome de São Sebastião, a atual capital do império do Brasil.

Os paulistas aproveitaram-se da paz para desenvolver seu comércio, passando a traficar com os inglezes; e trataram da agricultura com mais cuidado, favorecidos pelo clima temperado de suas terras, clima que lhes permitia obter os produtos coloniais e os frutos europeus. Essa prosperidade não devia ser, infelizmente, de mui longa duração. Em 1581 o reino de Portugal foi reunido à monarquia espanhola e o Brasil seguiu logo o destino da metrópole, motivo pelo qual tornaram-se seus inimigos os inimigos da Espanha. O rei dêste país — FELIPE II — estava, então, em guerra com a Inglaterra, cujos corsários passaram a atacar e devastar as costas brasileiras.

O famoso marinheiro TOMAZ CAVENDISH, ou CADENISH, que, numa primeira expedição espalhou o terror pela costa da América ocidental,

Quam nequit immenso comprehendere corpore mundus
 Concluserit ventris te brevis arca mei,
 Egressus que mece tenere penentralibus aldi,
 In vili recubas, lux mea, nate, solo.
 Nonne tua ingentem manus inclyta condidit orbem?
 Nonne polus Domino servit uterque tibi?
 Cur tibi tam vilem nascente deligis ædem
 Cur ortum regia non capit aula tuum?
 Tu cœlum stellis, variis animali villis
 Induis et viridi gramine pingis agros!"

apresentou-se, em 25 de agosto de 1591, à altura de São Vicente, destacando dois dos navios de sua frota para se apoderarem de Santos. Quando COKE o vice-almirante inglês desembarcou na cidade, todos os seus habitantes assistiam ao officio divino; foram, então, sitiados, feitos prisioneiros e condenados a um elavadíssimo resgate. A prudência mais rudimentar aconselhava aos corsários que recebessem o resgate sem perda de tempo; êles, entretanto nem pensaram nisso; entregaram-se, descuidados, à libertinagem. Os colonos, aproveitando-se de tal situação, fugiram para as terras do interior, carregando o que de mais precioso possuíam. Oito dias depois, o próprio CAVENDISH entrou em Santos, não encontrando nessa vila nem habitantes, nem provisões. Forçado a bater em retirada, incendiou, por vingança, a vila de São Vicente. Depois dessa desastrosa aventura, rumou para o estreito de Magalhães, mas uma terrível borrasca desviou seu navio do resto da frota, levando-o às proximidades de Santos. Sem víveres, fez desembarcar, sob seu comando pessoal, vinte homens, para abastecer-se, de armas em punho. Os colonos, juntamente com os indígenas, percebendo-os, sôbre êles investiram, matando dezoito, e entraram triunfantes na vila, empunhando, como troféus, as cabeças dos vencidos. CAVENDISH, furioso com essa derrota, pôs-se a devastar as costas do Brasil, mas corajosamente rechaçado pelos habitantes da capitania do Espírito Santo, morreu de pesar, antes de chegar, de regresso, à sua pátria.

Nessa época, os limites da capitania de São Vicente, que muito variaram desde sua origem até nossos dias, não eram já os mesmos do tempo de MARTIM AFONSO; apenas quarenta anos tinham decorrido, e já se destacara uma vasta porção do território dessa capitania, o qual foi anexado ao da capitania do Rio de Janeiro, recentemente criada (23). Quando em 1573 ou 1574, o govêrno geral do Brasil foi dividido em dois — o da Baía e o do Rio de Janeiro — a capitania de São Vicente passou a ser um anexo dêste último (24). Os descendentes de MARTIM AFONSO conservaram a propriedade da terra, mas eram obrigados a prestar fé e menagem (25) aos governadores do Rio de Janeiro; continuaram, entretanto, com a faculdade de nomear os chefes militares e magistrados (*capitães-mores e ouvidores*) e as vilas continuaram a ser administradas por uma câmara municipal e por juizes ordinários, eleitos pelo povo, segundo os usos e costumes de Portugal (26). Os vicentistas expo-

(23) CAZAL, *Corog. bras.*, I.

(24) PIZ, *Mem. hist.* II, 116. — ABREU E LIMA, *Synopsis*, 47.

(25) PIZ, *Mem. hist.*

(26) GASPAR DA MADRE DE DEUS, *Mem. S. Vicent.*, 129.

bavam continuamente os governadores do Rio de Janeiro e, posteriormente, os superintendentes das minas de ouro, por entravarem a autoridade de seus magistrados (27), mas é lícito crer que suas queixas não eram sempre isentas de exageros e de injustiças. Orgulhosos por força da nobreza de seus ascendentes, animados pelo espírito de liberdade selvagem que caracteriza a raça americana, espírito herdado do sangue materno, acostumados a ser obedecidos por numerosos escravos, passando grande parte da vida nos desertos, longe de toda a vigilância, os Paulistas nunca foram um povo submisso. Sob a dominação espanhola, tornaram-se quasi independentes (28). A colônia não estava ainda completamente fundada, quando iniciaram a redução dos selvagens à escravidão, e prosseguiram sempre nessa prática, pouco se preocupando com os éditos enviados de Lisboa a favor desses infelizes (29), nem com as exortações dos padres jesuítas. Mas os indígenas não são como os negros: tão imprevidentes como estes últimos, só se preocupam com o presente e sentem mais profundamente a miséria; resignam-se menos facilmente, são mais apegados à liberdade e não têm o mesmo vigor para suportar os rudes trabalhos da escravidão. Os paulistas dizimaram em pouco tempo as tribus mais vizinhas, motivo pelo qual levaram para mais longe as caçadas que faziam aos selvagens, como se os mesmos fossem feras bravias, e, assim, tornaram-se os fornecedores de escravos aos habitantes do Rio de Janeiro (30) na época em que estes últimos se viram forçados, pela tomada de Angola aos portugueses, a renunciar, momentaneamente, ao tráfico dos negros.

O interior do Brasil não foi sempre cortado por estradas e semeado de habitações hospitaleiras. Tempo houve em que não havia nenhuma cabana no mesmo, nenhum vestígio de cultura, só havendo as feras que lhe disputavam o domínio. Os paulistas palmilharam-no em todos os sentidos. Esses audaciosos aventureiros, como se verá mais para diante, pormenorizadamente, penetraram por diversas vezes até o Paraguai; descobriram a província do Piauí, as minas de Sabará e de Paracatú; entraram nas vastas solidões de Cuiabá e Goiaz, percorreram a província do Rio Grande do Sul; chegaram, em o norte do Brasil, até o Maranhão e o rio Amazonas; e, tendo transposto a cordilheira do Perú atacaram os espanhóis no centro de suas possessões (31). Quando se sabe,

(27) DIOGO DE TOLEDO LARA ORDOÑEZ, *Adp. in Not, Ultram.*, I, 166.

(28) ABREU E LIMA, *Synopsis*, 100.

(29) RAYNAL enumera dez; JOSÉ DE SOUSA AZEVEDO PIZARRO e ARAÚJO, cêrca de vinte.

(30) SOUTHEY, *Hist.*, II, 306.

(31) FERNANDES PINHEIRO, *Anais de S. Pedro*, 2.^a ed., 40.

por experiência própria, quantas fadigas, privações, perigos ainda hoje aguardam o viadante que se aventura nessas longínquas regiões e se toma conhecimento do itinerário das intermináveis incursões dos antigos paulistas, sente-se uma espécie de assombro, tem-se a impressão de que êsses homens pertenciam a uma raça de gigantes. São Paulo não era uma vasta cidade que, como as antigas cidades da Grécia, espalhasse o excesso de população por demais considerável para as regiões desertas. E' de se presumir que habitações rurais muito numerosas tinham-se erguido na planície de Piratininga; mas, em fins do século XVII, a própria capital da capitania de São Vicente contava unicamente 700 habitantes. (32). Em uma de suas expedições contra o Paraguai os paulistas não eram menos de 800 a 900; mas, ao que parece, seus bandos errantes não se compunham, geralmente, de grande número de homens. Qualquer personagem notável da terra, conhecido pela coragem e pela perseverança, anunciava o desejo de fazer uma expedição longínqua, imediatamente alguns parentes se lhe reuniam, bem como mamalucos, vagabundos audaciosos e até estrangeiros vinham engrossar as fileiras do bando assim constituído (33). Punham-se, então, em marcha, munidos de chumbo e de pólvora, uns levando um fuzil e outros um arco e flechas, todos armados de comprida faca, de que se serviam tanto para a defesa pessoal, como para cortar os galhos das árvores e esfolar os animais selvagens. Iam descalços, com um cinturão de couro crú à volta dos rins e, na cabeça, um chapéu de palha de abas largas, sem outra vestimenta além de uma braga de tela grosseira de algodão e uma camisa curta, com as fraldas por fora das bragas; algumas vêzes traziam uma couraça e coxotes de pele de veado (*gibão e perneiras*). Cada um levava um saco de couro a tiracolo, com suas provisões. Um chifre de boi servia de caneca e uma cuia ou cabeça partida ao meio servia de prato.

(32) SOUTHEY, *Hist.*, II, 668.

(33) Segundo tradições existentes ao tempo da viagem do autor, em 1817, na província de Minas Gerais havia franceses entre os paulistas que entravam pelos sertões (AUG. S. HIL., *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et Minas Geraes*, I). Foi somente sob o reinado de FILLIPE II que o Brasil foi interdito aos estrangeiros. Num trabalho impresso em 1736, sob o título o *Relation des Voyages de FRANÇOIS COREAL*, lê-se (I, 220) o seguinte: — “Quando se apresentam fugitivos que desejam tornar-se habitantes da república de São Paulo, são compelidos a fazer uma espécie de quarentena... afim de apurar-se em que poderão ser utilizados... Após longo exame, são mandados em expedições, impondo-se-lhes, como tributo, por cabeça, dois indígenas, que devem trazer como escravos da comunhão... Se não são bem sucedidos no exame, e se tentarem desertar, são massacrados sem misericórdia”. A história de São Paulo é já bem conhecida, para que seja mister refutar essas fábulas ridículas, embora tenham sido endossadas por muitos escritores, entre os quais LA HARPE (*Abrégé de l'Histoire des Voyages*, ed. de 1814, V, 150) e o declamador RAYNAL (*Historia Etablissementes*, V, 142).

A caça e a pesca forneciam alimentação abundante à tropa, e, ao sul da província, eram encontrados, como delicada iguaria, os frutos dos pinheiros do Brasil (*araucaria brasiliensis*); ao norte eram encontrados outros frutos e os brotos saborosos de algumas palmeiras, bem como raízes comestíveis e mel selvagem. Quando os corredores de desertos (*sertanistas*) calculavam só regressar depois de decorridos alguns anos, levavam grãos de cereais, de milho, principalmente, que semeavam, prosseguindo na marcha, mas, voltando, passados alguns meses, para fazerem a colheita (34). Nada conseguia deter êsses homens intrépidos — nem a imensidade dos *campos* ou terras desertas, nem as sombrias florestas labirintadas de cipós e de espinhos, nem as penedias escarpadas; nada os assustava — nem as flechas dos selvagens, nem a ferocidade dos jaguares nem o veneno mortal dos reptís. Pela fôrça ou pela astúcia, aprisionavam os indígenas, algemavam-nos e o conduziam, por centenas, ao mercado de São Paulo. Desgraçados os infelizes que resistissem! Eram b̃arbaramente exterminados. E, assim, tribus inteiras desapareciam, como a erva dos campos desaparece, à medida que o fogo caminha, consumindo-a. Nessas expedições, os mamalucos se distinguíam, sobretudo, por sua crueldade; procuravam, sem dúvida, assim agindo, fazer esquecer que, pelo lado materno, provinham da raça proscrita (35). Enquanto os paulistas, percorrendo o interior do Brasil, só visavam a caça aos indígenas, não se estaleceram fora de sua terra; mas, em fins do século XVI, importante notícia espalhou-se, de repente, entre êles: o ouro dos sertões. A partir dêsse momento, mudança notável se operou.

Preciosas minas existiam, realmente, bem longe do litoral. A ambição e o amor do maravilhoso fizeram exagerar a importância dessas minas. Desde então só se sonhou com riquezas. Eram rios transportando palhetas de ouro, montanhas guardando em seu seio tesouros inesgotáveis; era preciso descobrir a cidade de *Manôa*, onde, por tôda a parte, resplandecia o metal objeto de tantos desejos; era necessário descobrir a *Lagoa do Pão Dourado*, que prometia, a quem a encontrasse, uma fortuna capaz de despertar a inveja dos mais poderosos potentados (36). Homens de tôdas as condições, pobres e ricos, velhos e jovens,

(34) ESCHWEGE, *Pluto bras.*, 6.

(35) O que pode ser lido nos próprios autores brasileiros JOSÉ DE SOUSA AZEVEDO e PIZARRO, JOSÉ DA CUNHA MATOS, JOAQUIM MACHADO DE OLIVEIRA, prova sufficientemente que estou longe de qualquer exagêro, quando me refiro à forma pela qual os indígenas foram tratados pelos paulistas.

(36) *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, II, 189.

brancos e mestiços, abandonaram em massa seus lares, suas mulheres e seus filhos, internando-se pelas vastas solidões do Brasil. Conformavam-se, tanto quanto possível, com os misteriosos e lacônicos roteiros dos mais antigos sertanistas (37); em tôda a parte eram pesquisadas a areia dos ribeiros e a terra das montanhas, e, quando encontravam algum terreno aurífero, construíram barracas em sua vizinhança, afim de explorá-lo. Essas espécies de acampamento (*arraiais*), tornavam-se pequenas povoações, depois vilas; e foi assim que os paulistas começaram a povoar o interior das terras, incorporando à monarquia portuguesa, regiões mais vastas do que muitos impérios.

Mas, enquanto êsses homens corajosos lançavam, longe do seu torrão natal, os primeiros fundamentos de grande número de aldeias, e que, para recompensá-los, os soberanos de Portugal lhes conferiam honrosos privilégios, seus campos deixavam de ser cultivados, seu gado se dispersava, suas habitações não eram mais reparadas, a discórdia explodia entre as famílias, sua cidade natal caía em decadência; e foi mister considerável espaço de tempo para que a mesma retomasse algum esplendor (38). Forneceremos um pouco mais para adiante vários pormenores sôbre as principais expedições dos paulistas.

Êsses homens não eram os únicos que se espalhavam pelos desertos; os jesuítas percorriam-nos também, mas com um fim bem diverso: procuravam livrar alguns indígenas da barbaria cúpida dos mamalucos. Sem armas, mas empunhando a cruz do Salvador é que se apresentavam diante deles; não os algemavam — sujeitavam-nos com palavras de consolação, de paz e de amor (39). Furiosos por ver que lhes eram arrebatadas algumas de suas vítimas, os paulistas resolveram vingar-se, indo levar a guerra ao Paraguai, centro do poder dos jesuítas. Animava-os, também, um outro fim: movidos pelo ódio contra os espanhóis, ódio posteriormente herdado pelos habitantes do Rio Grande do Sul (40), pretendiam expulsá-los das terras que os mesmos ocupavam, impedindo-os de se radicar em regiões que consideravam pertencentes ao Brasil (41). As possessões espanholas da América e as colônias portuguesas dependiam, é verdade, do mesmo rei, mas nenhuma fusão se operara, e, como já vimos, os paulistas, tornados súditos dos soberanos da Espanha, pouco

(37) L. c., 190 e segs.

(38) DIOGO DE TOLEDO LARA ORDOÑEZ, *Adnot. in Not. Ultramar.*, II, 167.

(39) SOUTHEY, *Hist.*, II.

(40) Minha viagem ao sul do Brasil e às margens do Prata fornecerá exemplos do que afirmo.

(41) GASPAR DA MADRE DE DEUS, *Mem. S. Vicente*, 120.

se importavam em desagradar seus novos senhores. Foi no ano de 1638 que os paulistas começaram a atacar os estabelecimentos dos jesuítas espanhóis, penetrando em Guaira, região limítrofe de seu país pelo lado do nordeste; mas, não sendo, provavelmente, muito numerosos, foram obrigados a bater em retirada. Entretanto, muito perseverantes e intrépidos para desanimarem com uma primeira derrota, prepararam, secretamente, nova expedição. Novecentos homens brancos e mamalucos reúnem-se, acompanhados de 2.000 indígenas. Essa tropa avançou por desertos quasi desconhecidos, atravessou vários grandes rios, transpôs mil obstáculos e, pela segunda vez, alcançou Guaira. O reduto de Santo Antônio foi imediatamente atacado e saqueado, e seus habitantes aprisionados e acorrentados. O jesuíta MOLA arrojou-se ao pé de ANTÔNIO RAPOSO — comandante dos mamalucos — conjurando-o, por tudo o que lhe fôsse mais sagrado, poupasse seus caros neófitos. “Muitas vêzes”, diz um historiador, “êsse padre desarmara antropófagos com súplicas e lágrimas; mas percebeu nessa ocasião que cristãos, calcando aos pés as leis divinas e humanas, tinham o coração mais duro do que os infiéis e os bárbaros”. Só obtive respostas tão cruéis quanto ímpias.

Depois de devastarem o reduto de Santo Antônio, os paulistas destruíram, ainda, três outros redutos e retiraram-se, conduzindo, como escravos, avultado número de indígenas. Vendo seus discípulos acorrentados como se fôsem vis criminosos, o padre MACETA correu a abraçá-los, tendo sido recebido com pancadas e ameaçado de morte. Não recuou, porém. Juntamente com o padre MANSILLA, tomou a resolução de acompanhar os prisioneiros até o Brasil, afim de alí advogar a causa de seus infelizes discípulos. Caminhavam os dois padres a alguma distância do bando dos paulistas, alimentando-se com raízes e frutas silvestres; e, tôdas as vêzes que algum dos cativos, prostrado pela fadiga e pelos sofrimentos, era abandonado pelos seus aprisionadores, os dois heróicos missionários prodigalizavam-lhe seus cuidados, consolavam-no ternamente e mostravam-lhe o céu, auxiliando-o a morrer.

Chegam, finalmente, a São Paulo. Os indígenas são repartidos entre seus perseguidores, pelos quais são vendidos e, logo, dispersados, não só pela capitania de São Paulo, como pela do Rio de Janeiro. É em vão que os padres MANSILLA e MACETA fazem ouvir a favor dêsses infelizes a voz da humanidade, da justiça e da religião; não são ouvidos. Seguem, então, para o Rio de Janeiro, onde também não são atendidos. Não desanimam: embarcam para a Baía, onde imploram a compaixão do governador geral. Êste os recebe com benevolência, mas, todo ocupado com a guerra que estalara entre os holandeses e os habitantes do Brasil, pouco interêsse tomou pela sorte dos indígenas, nada podendo fazer em prol

de seus defensores. De regresso a São Paulo, os dois missionários foram atirados numa prisão. Postos mais tarde em liberdade, voltaram para Guaira, prostrados de dor, após terem mostrado, inútilmente, quanto a caridade cristã pode inspirar de devotamento e de coragem.

Quando faziam caça aos selvagens disseminados no seio das florestas, os paulistas só podiam agarrar um pequeno número de cada vez; nos redutos dos jesuítas, ao contrário, encontravam reunida uma população considerável; e, como o governo espanhol não permitia o uso de armas de fogo aos indígenas, êstes, por assim dizer, nenhuma resistência ofereciam. Os paulistas só tinham o trabalho de acorrentá-los. Apenas êsses incansáveis aventureiros chegavam das regiões que tantos escravos lhes forneciam, já se impacientavam para às mesmas voltar. É assim que prepararam uma nova expedição, e, penetrando mais uma vez pelos desertos, chegaram, inopinadamente, ao reduto de São Paulo, saquearam-no, destruíram-no, acorrentaram seus habitantes e exterminaram, sucessivamente, vários outros redutos.

Além das aldeias fundadas pelos jesuítas, existiam ainda, em Guaira, duas vilas — Ciudad Real e Vila Rica —, fundadas pelos espanhóis e habitadas por seus descendentes. Os indígenas que conseguiram escapar aos paulistas refugiaram-se em Vila Rica; mas os habitantes dessa localidade reduziram-nos a escravos, como o faziam os mamalucos. Os jesuítas apresentaram em vão queixa aos magistrados locais, não obtendo justiça, pelo que delegaram a um de seus companheiros o encargo de implorar socorro ao governador de Assunção. Dêste receberam, apenas, uma resposta insultante.

Dois dos redutos de Guaira estavam ainda intactos — o de Santo Inácio e o de Loreto —. Eram os mais antigos e em nada eram inferiores às melhores vilas do Paraguay. Possuíam belas igrejas e seus habitantes, desde muito tempo civilizados, tinham-se tornado excelentes agricultores. Os jesuítas, ao se verem abandonados pelos espanhóis, seus compatriotas, e não duvidando de que os moradores de Loreto e de Santo Inácio caíssem, dentro em pouco, como os dos outros redutos, nas mãos do inimigo, induziram-nos a fugir. Essas pobres criaturas, guiadas por seus pastores, cheias de confiança na proteção dos santos, cujas imagens veneradas transportavam, abandonaram, sem queixas, suas moradas, os templos em que elevavam diàriamente suas orações a Deus, os campos que lhes forneciam abundantes colheitas. Perseguidos pelos mamalucos, atravessaram o Paraná; e, depois de terem sido dizimados pela fome e por terríveis epidemias, foram formar, muito mais longe, dois novos redutos, aos quais deram os mesmos nomes tão caros de Santo Inácio e de Loreto.

Os paulistas, entretanto, desesperados por verem arrebatada uma presa que devia contribuir para enriquecê-los, e não encontrando mais redutos para devastar, nem indígenas para escravizar, investiram, raivosamente, contra as duas já referidas povoações espanholas de Vila Rica e Ciudad Real, saqueando-as e destruindo-as completamente; e, como não pudessem reduzir seus habitantes a escravos, pois pertenciam à mesma raça deles, dispersaram-nos. Foram, dessa forma, punidos êsses últimos pelo seu covarde egoísmo. Se êles, em vez de se aproveitar, como acima já referimos, da desgraça dos indígenas, aos mesmos se reunindo para repelirem os bárbaros estrangeiros invasores de suas terras, não morreriam no exílio, e Ciudad Real e Vila Rica estariam, ainda hoje, florescentes. Desde essa ocasião Guaira ficou deserta.

Se bem que a fuga dos habitantes de Santo Inácio e Loreto frustrasse as esperanças dos paulistas, conseguiram êles grande número de escravos aprisionados nos redutos que haviam destruído no comêço de sua expedição (42). Mas os indígenas não resistiam por muito tempo em estado de cativo, principalmente pelos rudes trabalhos a que eram obrigados, sendo necessário renová-los continuamente. Os paulistas, tendo despovoado Guaira, foram à cata de escravos em terras mais longínquas e se apresentaram, sucessivamente, nos pagos dos indígenas *itatines*, nas missões do Uruguai. Davam, em tôda parte, provas da maior intrepidez; por tôda a parte cometiam, também, as mais atrozes ações — devastavam as aldeias habitadas pelos indígenas, e, para se apoderarem dêsses infelizes, eram-lhe indiferente empregar a fôrça ou recorrer à perfídia.

Em 1632, numerosos paulistas, seguidos por um grande número de tupís, seus aliados, apresentaram-se, inopinadamente, diante de São José, reduto dos *itatines*. Como estivesse ausente o jesuíta que o dirigia, falaram ao corregedor indígena, e, persuadindo-o de que tinham vindo

(42) MANOEL AYES DO CAZAL, refutando os erros de alguns escritores sôbre a pretensa república de São Paulo, escreveu: — “Se os paulistas atuais são gente bôa, o mesmo não ocorria com os seus antepassados, que tinham uma detestável reputação e se gabavam de suas riquezas adquiridas, ordinariamente, por meios deshonestos”. — Êsse geógrafo, no entanto, parece não acreditar que os paulistas que invadiram Guaira tenham regressado a São Paulo trazendo escravos. Refere, tambem, que de acôrdo com dois manuscritos que teve em mãos, os paulistas, de sua expedição só trouxeram um sino. Sabe-se, perfeitamente, o fito das excursões que os paulistas faziam nos sertões, para se persuadir de que, depois de sofrerem grandes fadigas, expondo-se a mil perigos, só se contentassem com um sino como indenização. De mais a mais, se fôsse necessário, poder-se-ia contrapor aos manuscritos de CAZAL os do Barão de SÃO LEOPOLDO, onde é relatado que os paulistas conduziram 15.000 indígenas de Guaira para o mercado de São Paulo e que só MANOEL PRETO possuía 1.000 deles em sua propriedade. (*Anais*, 2.^a ed., 231).

para vingar os habitantes da localidade dos ataques dos selvagens, convidaram-no a ir até seu acampamento com seus guerreiros; alí foram todos aprisionados e algemados. Não se contentaram os paulistas com destruir a aldeia de São José; devastaram e depredaram ainda outras três, apesar da corajosa resistência de alguns neófitos.

No mesmo ano, os paulistas tiveram a ousadia de chegar até as missões do Paraná; mas, logo que houve notícia de sua aproximação, os dois redutos mais próximos da fronteira foram evacuados; temendo avançar por terreno que lhes era inteiramente desconhecido, bateram em retirada. Aconteceu-lhes sofrer algumas derrotas; entretanto, não desanimavam; tinham desistido de cultivar suas terras, de cuidar de seu gado, renunciando as doçuras do lar — a caça aos indígenas constituia sua única ocupação; era isso, para êles, uma verdadeira paixão, sendo-lhes também copiosa fonte de riquezas. Não somente vendiam seus prisioneiros aos habitantes do Rio de Janeiro e circunvizinhanças, como estabeleceram, para tal fim, um mercado de escravos no sul do Brasil, de sorte que era mister abastecer êsse mercado. Se os espanhóis, como já tivemos oportunidade de relatar, tivessem aliado aos indígenas de seus redutos, teriam conseguido, sem dúvida, expulsar os paulistas para sempre; mas, faltava-lhes a coragem de seus antepassados, e não eram mais favoráveis à liberdade dos indígenas do que o próprios mamalucos. Sob a denominação de *comandos*, tinha sido dado um certo número de indígenas aos primeiros espanhóis estabelecidos na região, e, não obstante as sábias e prudentes ordenações dos reis da Espanha, êsses infelizes foram logo tratados como escravos. Os habitantes do Paraguai quiseram reduzir a *comandos* os indígenas que se achavam debaixo da direção dos padres da companhia de Jesús, mas êstes defenderam corajosamente os seus neófitos; daí o ódio que os espanhóis lhes manifestavam, ódio que não era menos intenso que o dos paulistas, se bem que o externassem com menos franqueza.

Em muitíssimas ocasiões os jesuítas solicitaram o socorro dos governadores do Paraguai; quasi nunca foram ouvidos. Recusava-se, também, o fornecimento de armas aos indígenas, o que os incapacitava de se defender dos mamalucos, sempre bem armados. Na maioria das vezes bastava a êstes últimos apresentar-se diante dos redutos, para aprisionarem milhares de indígenas, que tocavam em seguida à frente de seu bando, como se fôsem uma ponta de gado. O Marquês de GRIMALDI assevera que, de 1620 a 1640, os habitantes de São Paulo se apoderaram de oitenta mil cabeças de gado pertencentes aos indígenas guaranis e destruíram vinte dois redutos, número elevado a trinta e um por GASPAR

DA MADRE DE DEUS e a trinta e dois por MANOEL AYRES DO CAZAL, não se podendo acoimar nem um, nem outro de exagêro ou parcialidade (43).

Os padres da companhia de Jesús, vendo que na região onde estavam estabelecidos os seus neófitos, não podiam os mesmos escapar a seus bárbaros inimigos, reuniram os homens, as mulheres e as crianças que restavam de seus primeiros redutos, decidindo-os, embora a muito custo, a se expatriarem sempre conduzindo-os para a região entre o Paraná e o Uruguai, no ponto em que êsses dois grandes rios se aproximam um do outro (44). Alí, sem dúvida, os neófitos estariam poderosamente protegidos pela natureza, contra as investidas dos paulistas. Os jesuítas, porém, que conheciam a intrepidez dêstes e a sua paixão pela caça aos indígenas, quizeram se prevenir ainda com outros meios de proteção. Seu provincial enviou DIAZ TANO a Roma e RUIZ DE MONTROYA a Madrí. Cada um dêstes religiosos, uma vez na Europa, pintou com as côres mais sombrias a dolorosa situação dos indígenas convertidos, conseguindo, sem grandes esforços, inspirar compaixão aos que os escutavam. O rei da Espanha declarou os indígenas dos redutos vassallos imediatos da coroa; proibiu que fossem submetidos a certos trabalhos, autorizou os jesuítas a lhes fornecêr armas de fogo e renovou os decretos já expedidos a favor dos mesmos, dando liberdade aos que tinham sido reduzidos à escravidão. DIAZ TANO foi tão bem acolhido em Roma, como MONTROYA o foi em Madrí. O papa URBANO VIII cumulou-o de favores, bem como a seus caros protegidos e aos seus companheiros de catequese; e, cheio de indignação, expediu um *breve* pelo qual ameaçava de castigos e cóleras divinas os ímpios que atentassem contra a liberdade dos indígenas, quer dos convertidos, quer dos infieis.

O padre TANO, portador dêsse breve papal, embarcou em Lisboa com destino a Buenos Aires; mas ventos contrários obrigaram-no a fazer escala pelo Rio de Janeiro. Apenas chegado ao Rio, o breve do

(43) Posso invocar aquí o testemunho de CAZAL (*Corografia*, I, 223), e com mais razão o de GASPAR DA MADRE DE DEUS (*Mem.*, 120), mas não citarei, por muito exagerada, a carta de D. PEDRO ESTEVAM D'AVILA, governador do Rio da Prata, escrita ao rei da Espanha, datada de 12 de Outubro de 1637, na qual o missivista diz, depois de ter feito a necessária verificação, que os paulistas haviam arrebatado, dos redutos, mais de 60.000 indivíduos, de 1628 a 1630.

(44) CHARLEVOIX (*Hist. Paraguai*, I, 367-445); SOUTHEY, *Hist.*, II, 309-315); WARDEN (Brésil, I, 419). GASPAR DA MADRE DE DEUS (*Mem. S. Vicente*, 127) reconhece que a narrativa de CHARLEVOIX sôbre as incursões dos paulistas no Paraguai é exata, muito mais exata do que certos relatos portugueses; mas desculpa êsses homens aventureiros, pelo encorajamento que lhes advinha do próprio govêrno. É verdade que, di-lo D. GASPAR, os próprios jesuítas tiranizaram indígenas no Maranhão e no Pará, provando isso que os paulistas não foram os únicos culpados; mas isso não prova, absolutamente, que êles não tenham sido culpados das selvagerias que cometiam contra os pobres indígenas.

sumo pontífice foi lido, ali, na igreja dos jesuítas. Não se cogitara de que vários habitantes do Rio de Janeiro mantinham íntimas relações com a capitania de São Vicente, os quais amotinaram a população, que invadiu o colégio dos padres da companhia de Jesús, arrombando as portas dêsse estabelecimento. TANO e seus companheiros trazidos da Espanha seriam massacrados, se não fôsse a oportuna e prudente intervenção do governador SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES, que convocou uma reunião para o dia seguinte, afim de ser discutido o assunto com mais calma. A reunião realizou-se, de acôrdo com os conselhos de SALVADOR CORREIA, recorreu-se do breve do papa ao próprio papa. O padre DIAZ TANO e seus companheiros abandonaram, imediatamente, o Rio de Janeiro, mas uma borrasca mais terrível os aguardava em Santos. Apenas o vigário geral publicou, ali, o breve papal, sediciosos contra êle avançaram, arrojaram-no por terra e puseram-lhe a ponta de uma espada à garganta, ameaçando-o de morte, senão revogasse a excomunhão lançada contra um deles. O vigário manteve-se inflexível e sua coragem desarmou os turbulentos. O superior dos jesuítas, ouvindo o barulho feito pelos amotinados, diante deles se apresentou, revestido com os ornamentos sacerdotais, e, empunhando o cibório, fez-lhes um patético sermão. Alguns se prosternaram; outros se conservaram de pé, declarando que adoravam sinceramente o corpo de Jesús Cristo, mas que não poderiam sofrer a perda de seus escravos que constituíam a sua única riqueza. Um deles gritou do meio da multidão que se matasse o superior dos jesuítas, e não se pode avaliar a que excessos poderiam chegar êsses furiosos, se alguns religiosos de uma outra ordem não os persuadissem, com subtilezas, que o breve papal não tinha para êles nenhum valor, uma vez que recusassem cumprí-lo (45).

Os habitantes de São Paulo sabiam que o breve do papa fora expedido contra êles especialmente; sua vingança não se fez esperar. Todo o povo paulista sublevou-se: tôdas as vilas da provincia foram concitadas a enviar delegados a uma assembléia geral, e, em virtude de deliberação por essa assembléia tomada, por unanimidade, a 13 de Julho de 1640, os jesuítas foram expulsos de todos os seus colégios (46). Sessenta anos antes, os paulistas não queriam outros pastores que não fôsem êsses religiosos. Enquanto êsses fatos ocorriam na América, uma revolução explodira em Lisboa. O duque de BRAGANÇA foi proclamado rei, sob o nome de D. JOÃO IV, readquirindo o povo português sua nacionalidade.

(45) CHARLEVOIX, *Hist. Paraguai* I, 431. SOUTHEY, *Hist.*, II, 321.

(46) PEDRO TAQUES D'ALMEIDA PAIS LEME, *Notícia da Expulsão dos Jesuítas*, *Revist. Trim.*, 2.^a série, V, 17. ABREU E. LIMA, *Synopsis*, 97.

A notícia dêsse acontecimentto suscitou no Brasil o mais vivo entusiasmo, menos, entretanto, na capitania de São Vicente. Sob o domínio dos reis da Espanha, os paulistas tinham-se tornado, como já me referí, quasi independentes. Já concebiam, então, a idéia de se aproveitar do primeiro movimento de agitação e de indecisão para romperem os frágeis laços que os prendiam à dominação européia. Entre êles se estabelecera um regular número de espanhóis, os quais vendo, sem dúvida, que iam ser obrigados a prestar obediência ao soberano de Portugal, estimularam os projetos dos paulistas no sentido de conquistarem a independência. Entre os filhos dêsses espanhóis havia um, de origem nobre, homem poderoso e respeitado — AMADOR BUENO DA RIBEIRA —, que já havia ocupado cargos de muita importância e cuja família era tão rica quanto numerosa. Os paulistas quizeram pô-lo à sua frente. Reuniram-se diante de sua casa e proclamaram-no seu rei. BUENO, entretanto, fiel a seus deveres, recusou com perseverança a coroa que lhe ofereciam e conjurou o povo a reconhecer como seu soberano aquele cujos direitos pareciam incontestáveis a todos os outros brasileiros. Mas o povo instou, insistiu, chegando até a ameaçá-lo de morte, no caso de não querer aceitar o trono. BUENO, então, empunhando uma espada, escapou pela porta do jardim de sua residência, fugindo precipitadamente para o convento dos beneditinos. A turba perseguia-o, gritando — *Viva AMADOR BUENO, nosso rei!* Mas êle, sempre inflexível, persistia em responder — *Viva D. JOÃO IV, por quem estou pronto a derramar meu sangue!* E, chegando ao convento, entrou e fechou as portas. O abade apresentou-se ao povo, com seus frades, juntando-se-lhes algumas pessoas gradas. Falou-se ao povo e, no mesmo dia, D. JOÃO IV foi proclamado rei, sendo seu nome aclamado em tôdas as ruas de São Paulo. A volubidade que os habitantes da vila então patentearam, demonstra o quanto AMADOR BUENO obrou com prudência recusando a coroa. São Paulo, entretanto, era de tão fácil defesa e seus habitantes eram tão intrépidos, que, se o chefe que escolheram tivesse ambição, os paulistas, como disse um historiador, se tornariam, em pouco tempo, um povo independente, quiçá o mais poderoso e formidável da América do Sul (47).

Apenas a ordem começou a reinar na vila de São Paulo, seus habitantes escreveram a seu novo soberano, afim de se justificarem da expulsão dos jesuítas; mas a estranha representação que endereçaram à metrópole não fez mais do que produzir no espírito do govêrno português efeito contrário ao que seus autores aguardavam. JORGE DE MASCARENHAS, marquês de Montalvão, então vice-rei do Brasil, refu-

(47) GASPAR DA MADRE DE DEUS, *Mem. S. Vicente*, 130. SOUTHEY, *Hist.*, II, 327.

to, com moderação, a representação dos paulistas; e, por um decreto do mês de Julho de 1643, o rei de Portugal ordenou que todos os bens dos jesuítas de São Paulo lhes fôsem restituídos. Os paulistas ganharam tempo: o decreto não foi executado e, a-pesar-de novas ordens, dadas de 1647, foi unicamente em 1653 que, depois de obrigados a se sujeitarem a condições tão duras quanto humilhantes, os padres da companhia de Jesús readquiriram seus mosteiros e suas propriedades (48).

Depois da expulsão desses religiosos, os paulistas não tiveram mais receio de serem censurados continuamente pela sua conduta para com os indígenas, e a guerra sobrevinda entre a Espanha e Portugal, por ocasião da ascensão de D. JOÃO IV ao trono português, deu-lhes o ensejo de novos ataques contra os redutos do Paraguai. Não podiam mais ser considerados bandidos — eram guerreiros que pegavam em armas para a defesa de seu soberano e dos interesses de seu país. Um grupo considerável de paulistas, com os tupís, seus aliados, investiu contra os redutos do Paraná. Alí chegando, perceberam, ao longe, uma tropa de neófitos e, pensando que, como outrora, iam dos mesmos fâcilmente apoderar-se, para dentro em pouco vendê-los no mercado de escravos de São Paulo, tiveram desagradável surpresa, pois, valendo-se da permissão outorgada pelo rei da Espanha, os recém-convertidos estavam armados. O canhão ribombou e um grande número de paulistas caiu; os demais, surpreendidos com uma defesa tão inesperada, fugiram, e os indígenas aliados desertaram (49). Desde essa época, os paulistas devastaram ainda os *itatines* e penetraram, mesmo, até o Chaco: mas não ousaram mais atacar os redutos do Paraná, os quais, durante muitos anos, gozaram de profunda paz.

Como os paulistas, a-pesar-de algumas raras derrotas, continuavam com ardor a caçar os indígenas, era fácil indispor-los contra qualquer de seus magistrados que se pretendesse fazer perder o conceito geral: bastava assoalhar ser o mesmo favorável à liberdade dos indígenas. Foi êsse o meio empregado pelos habitantes do Rio de Janeiro para impelirem seus vizinhos a uma revolta projetada contra o prudente governador SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENEVIDES. Êste partiu, no mês de novembro, para a vila de Santos, de onde devia ir inspecionar as minas de Paranaguá. Do Rio de Janeiro escreveram aos paulistas que o governador era, certamente, inimigo dos mesmos, por ser amigo declarado dos jesuítas; e que, como sabia perfeitamente a língua dos indígenas, arma-

(48) PEDRO TAQUES D'ALMEIDA PAIS LEME, *Notícia Histórica da Expulsão dos Jesuítas*, in *Revist. Trim.*, 2.^a série, 7,17, 34. ABREU E LIMA, *Synopsis*, 118.

(49) SOUTHEY, *Hist.*, 330.

ria os escravos contra seus senhores, motivo pelo qual os paulistas deveriam abster-se de recebê-lo. Êstes, acreditando nessa intriga, resolveram repelir o governador, se o mesmo se apresentasse em São Paulo. CORREIA soube do fato, mas não se perturbou, prosseguindo sua viagem para o sul; e, durante o tempo em que permaneceu na região, prestou aos habitantes da mesma todos os serviços que lhe foi possível prestar, abrindo estradas, construindo pontes, fazendo colocar embarcações à margem dos rios, sempre tão cortês, quanto inteligente e corajoso.

Os paulistas que, em meio de suas ações iníquas constantemente cometidas, não eram estranhos aos sentimentos de nobreza e generosidade, ficaram sobremaneira sensibilizados com a nobre conduta de CORREIA, a quem testemunharam a mais viva gratidão, oferecendo-lhe, mesmo, seus serviços contra os rebeldes do Rio de Janeiro, que, antes, tinham sabido seduzí-los (50).

Muito pouco se sabia, no norte do Brasil, sôbre o que eram os paulistas (51); ninguém havia, entretanto, que não tivesse ouvido falar de sua coragem e da habilidade com que faziam a guerra aos indígenas. Os habitantes da província da Baía, não podendo livrar-se dos contínuos ataques da formidável tribu dos *Guerens*, recorreram aos paulistas, apelando para um dos mais famosos chefes dêsses homens aventureiros, de nome JOÃO AMARO. Era mister que êsse sertanista reunisse sua gente e que, para alcançar a Baía, atravessasse imensas regiões deshabitadas, sem caminhos, regiões em que só se podia viver da caça e de frutos silvestres. Dois anos decorreram, e AMARO não aparecera ainda. Chegou,

(50) *Catálogo dos Governadores, in Revist. Trim., II, 53. Excerpto de um Manuscrito, in Revist. Trim., III, 24. PIZARRO, Mem. Hist., III, 209.*

(51) E' verdadeiramente excusável o fato de, na Europa, terem corrido, durante muito tempo, idéias errôneas sôbre os antigos paulistas. Haja vista as tradições que recolheram em Pernambuco, no ano de 1667, dois religiosos — os padres MICHEL ANGE DE GATTINE e DENIS CARLI DE PLAISANCE —, arribados naquela cidade, quando em demanda da África: — "A vila de São Paulo e suas circunvizinhanças, na região mais afastada do Brasil, é o que se pode denominar a verdadeira *terra da promessa*. Qualquer estrangeiro que ali chegue, por mais miserável que seja, é considerado benvindo e encontra imediatamente uma mulher a seu gôsto, contanto que se sujeite a estas condições: só pensar em comer, beber e passear... Se demonstrar qualquer intenção de fugir, a mulher por êle escolhida não deixará de envenená-lo; mas, se, ao contrário, com a mesma viver em boa camaradagem, será querido e bem tratado. A fonte de suas riquezas é um rio que banha a região, cuja riqueza é tamanha, ao ponto de livrar de qualquer necessidade o mais miserável que implorar seu auxílio, porque, em tal caso, basta tomar-lhe as areias e separar o ouro que contêm — trabalho êsse recompensado com usura, nada ficando a dever senão a quinta parte do ouro colhido, atribuída ao rei. Contam-se coisas extraordinárias dessa região; mas... nada deve parecer incrível aos que estiverem bem informados dos atos contra o bom senso e contra os sãos costumes praticados nessas bárbaras regiões." (*Rélation Curieuse et Nouvelle d'un Voyage au Congo fait ès années 1666 et 1667, 39*).

enfim (1673), com sua tropa de mamalucos exercitada na arte de caçar homens. Levava também indígenas, os quais, menos inteligentes do que seus senhores, eram, entretanto, como êstes, tão ativos, quanto intrépidos e cruéis. Tôdas as tropas locais reúnem-se à de JOÃO AMARO. Partem. Atravessam terras inculias, até então desconhecidas; massacram os indígenas que resistem; enviam milhares de prisioneiros à Baía, livrando, assim, por longo tempo, os habitantes dessa cidade do temor dos selvagens. Os cativos eram tão numerosos, que foram vendidos a 30 francos por cabeça; mas os sofrimentos, os maus tratos, o desespero fizeram-nos perecer tão depressa, que os compradores acharam que por um preço tão vil ainda faziam um péssimo negócio. Além da elevada quantia prometida a JOÃO AMARO, deram-lhe uma vasta extensão de terras e o domínio sôbre uma vila de que tinha sido o fundador. Mas, para os paulistas, destemidos caçadores de homens, o descanso era um suplício: JOÃO AMARO vendeu suas terras, voltando para São Paulo, ansioso por encetar novas aventuras (52).

Pouco mais ou menos na mesma época (1674), um outro chefe de paulistas, não menos famoso do que JOÃO AMARO, o destemido DOMINGOS JORGE, partiu de sua vila natal, percorreu os desertos perseguindo os indígenas, e chegou, depois de incríveis trabalhos e fadigas, à enormíssima distância de sua terra, à região que, atualmente, forma a província do Piauí. Quando se julgava separado de todo o universo, percebeu DOMINGOS JORGE uma tropa de homens brancos que para êle se dirigia. Era um outro bando de sertanistas que, penetrando no interior das terras, sob o comando do português DOMINGOS AFONSO, alcunhado *Sertão*, devido ao seu amor pelos desertos. Os dois chefes sentiram indizível alegria, vendo-se reunidos. Cada um contou ao outro suas aventuras e continuaram juntos a marcha, prestando-se, reciprocamente, os maiores serviços. Aprisionaram um grande número de indígenas, puseram em fuga um número mais considerável ainda, e, enfim, após longos trabalhos, separaram-se. DOMINGOS AFONSO *Sertão* tinha vistas mais largas do que seu companheiro: — nas terras que conquistara, (era assim que se exprimia então), formou cinquenta fazendas destinadas à criação de gado; deu algumas delas a particulares, vendeu outras e doou à companhia de Jesús, para que os respectivos rendimentos fôsem empregados em obras pias. Ao passo que DOMINGOS JORGE regressou a São Paulo, levando para alí a maior parte dos indígenas que aprisionara (53).

(52) SOUTHEY, *Hist.*, II, 565.

(53) CAZAL, *Corog. Bras.*, II, 239. SOUTHEY, *Hist.*, II, 565. FERD. DÉNIS, *Brésil*, 277.

Impossível é narrar com pormenores tôdas as expedições que os paulistas fizeram, durante cêrca de dois séculos, no interior da América do Sul. Uma houve porém, tão gigantesca, que eu me censuraria se a deixasse passar em silêncio. Sob o comando de ANTÔNIO RAPOSO, sessenta dêsses homens audaciosos, acompanhados por um bando de indígenas, atravessaram o Brasil do sueste ao nordeste, galgando os Andes e chegando até o Perú, onde o destemido sertanista bateu os espanhóis em várias pelejas sangrentas. Depois, retirou-se e rumou para o rio Amazonas ou um dos seus afluentes, aí construindo jangadas que deixou seguir a corrente fluvial, indo desembarcar na pequena vila de Gurupá, cujos habitantes maravilhados, o receberam com generosa hospitalidade. Para regressar com sua tropa ao lar, através dos sertões, teve necessidade de viajar ainda por alguns anos (54).

Os paulistas tinham como ponto de honra a preocupação de adicionar as terras desertas à monarquia portuguesa; mas, dentro em pouco, fariam uma descoberta mais importante — a das ricas minas de ouro da vasta região que depois recebeu o nome de Minas Gerais. A história dêsse descobrimento, se bem que relativamente recente, é cheia de incertezas. Os paulistas, como os gregos dos tempos heróicos, buscavam as aventuras, expunham-se a todos os perigos, batiam-se com coragem, mas não escreviam. Sabe-se, entretanto, que, em meados do século XVII, um homem empreendedor, chamado MARCOS DE AZEVEDO ou DE AZEREDO, subindo o rio Doce, trouxe de sua viagem amostras de minério de prata e pedras verdes, consideradas esmeraldas. AZEVEDO morreu sem que se soubesse onde fizera tal descoberta; entretanto, as imaginações logo se exaltaram, e todos os homens dados a aventuras pretenderam encontrar a *montanha das esmeraldas*, onde AZEVEDO tinha estado, e o próprio govêrno favoreceu a busca, com auxílios e promessas de recompensas.

É inútil dizer que os paulistas foram os primeiros a se pôr em campo. Entre êles vivia um ancião de oitenta anos de idade, que, devido a sua energia e a suas caçadas contra os indígenas, tornara-se célebre. Ouvindo êle as maravilhosas narrativas feitas sôbre a *montanha das esmeraldas* e sôbre as riquezas que a mesma encerrava, seu sangue circulou com mais rapidez, suas fôrças se reanimaram: julgou sentir ainda os ardores da mocidade.

Obtendo do governador geral a permissão de fazer à sua própria custa uma grande expedição afim de encontrar a tão gabada montanha, empregou a maior parte de sua fortuna em preparativos bem

(54) SOUTHEY, *Hist.* II, 666. JOSÉ FERNANDES PINHEIRO, *Anais*, 2.^a ed., 40.

combinados, partindo, em seguida, para os sertões. Era necessário penetrar num imenso deserto, erigido de altas montanhas, coberto de gigantescas florestas, percorrido constantemente por tribus bárbaras. Nada, porém, o deteve. Durante alguns anos explorou uma parte considerável da região atualmente denominada Minas Gerais, onde formou um grande número de estabelecimentos, e por fim, quando acreditava ter atingido o termo de sua viagem, quando alcançou a lagoa famosa chamada Vupabussú, perto da qual era suposição serem encontradas as esmeraldas de MARCOS DE AZEVEDO, a insalubridade do lugar e a desunião que se estabeleceu entre seus companheiros, forçaram-no a tomar o caminho de volta para São Paulo. Mas não conseguiu atingir o torrão natal, pois, pelo ano de 1678, faleceu, perto do rio das Velhas, deixando a seu genro, MANUEL BORBA GATO, as ferramentas de mineiro que levava, a pólvora e o chumbo que ainda lhe restavam, bem como o roteiro de sua acidentada viagem. Teve, entretanto, a glória de ser o descobridor da província mais importante do interior do Brasil.

Foi, ao que parece, RODRIGUES ARZÃO, natural de Taubaté, quem, primeiro, encontrou ouro nessa província. Penetrou pelos desertos de Cuiaté e, no ano de 1695, apresentou três oitavas dêsse metal à câmara municipal da sede da província do Espírito Santo. Com o ouro que recolheu foram cunhadas duas medalhas, uma das quais ofereceu a São Paulo. Os habitantes da capitania de São Vicente passaram, desde então, a só pensar nos tesouros de Cuiaté.

ARZÃO, ao morrer, entregou o roteiro de sua perigosa excursão a seu cunhado BUENO DE CERQUEIRA, o qual, por sua vez, entranhou-se pelo sertão. Durante suas excursões, encontrou um outro bando que caçava indígenas. Os homens que compunham êsse bando, sabendo do objetivo das buscas de CERQUEIRA, ao mesmo se aliaram, renunciando a caça aos indígenas; assim, todos juntos, só cuidaram de descobrir ouro, que foi encontrado com abundância; mas ignoravam como se devia proceder para extraí-lo da terra e limpá-lo. Em vez de picaretas, utilizavam-se de pedaços de ferro pontegudos, ou, mesmo de pedaços de madeira e separavam o metal precioso dos corpos estranhos, com o auxílio de pratos de estanho.

Em pouco tempo, entretantes, bandos numerosos de homens de tôdas as idades e de tôdas as condições saíram de São Paulo e das vilas vizinhas, à cata de ouro. Indiferente lhes era galgar montanhas das mais escarpadas, atravessar rios encachoeirados, penetrar nas florestas espêssas, cheias de cobras venenosas e de feras bravias: a cupidez parecia lhes redobrar as fôrças, afastando-lhes todos os perigos. Êsses homens, a princípio, tiveram o bom alvitre de seguir por caminhos diferentes e deixar os primeiros chegados, na posse dos tesouros que descobriam.

Dessa forma espalharam-se, em pouco tempo, por tôda a superfície da região recentemente descoberta; encontraram ouro por tôda a parte, originando-se daí a denominação de Minas Gerais que deram à região, que se tornou o maior centro de mineração do país.

Os paulistas, no início de suas expedições à cata do ouro, nenhum estabelecimento fixo formaram nas regiões que lhes prodigalizavam riquezas. Quando encontravam ouro em algum lugar, no mesmo levantavam, às pressas, pequenas cabanas, e, quando o preciso metal se esgotava, iam para diante. Certas localidades, porém, eram tão ricas, que nas mesmas por mais tempo permaneciam, construindo casas e formando aldeias, muitas das quais, com o correr dos tempos, tornaram-se cidades. É devida aos paulistas a fundação de Mariana, Ouro Preto (antiga Vila Rica), Sabará, Caité, Pitanguí, São José e muitas outras cidades ainda, que foram, originariamente, *arraiais*, denominação que, por fôrça do hábito, ainda se dá a tôdas as aldeias da província de Minas Gerais. Se bem que os mineradores paulistas adotassem algumas precauções para evitar motivos de dissídios, era difícil que, tendo costumes igualmente rudes, estando igualmente possuídos da sêde de ouro, entregando-se às mesmas buscas para satisfazê-la, vivessem sempre em paz. Desde que a vila de Taubaté deixara de ser um aldeamento de indígenas, tornou-se rival de São Paulo, de que é vizinha. A descoberta de minas de ouro fez nascer novos ódios entre os habitantes das duas localidades, e, na ocasião da viagem do autor, seus descendentes conservavam ainda lembrança das contendas de seus antepassados. Dissensões bem graves não tardaram a explodir no território das minas.

A notícia da importante descoberta espalhou-se com extrema rapidez. De tôdas as partes do Brasil afluíram nuvens de aventureiros, de desertores, de criminosos perseguidos pela justiça, e, dentro em pouco, êsses indivíduos foram seguidos por grande número de europeus, quasi tão perversos como êles. Os paulistas possuíam algumas idéias generosas, das quais não podia compartilhar essa malta de homens sem escrúpulos, escória de Portugal e do Brasil; todavia, não se pode negar que o hábito de viverem cercados de numerosos escravos, suas caçadas aos indígenas, a licença a que se entregavam, longe de tôda a vigilância, no meio dos desertos, tenha contribuído fortemente para sua corrupção. Todos os vícios parece tiveram morada na região das minas. Tôdas as paixões desencadearam-se alí; alí se cometeram todos os crimes.

Não viam os paulistas, sem indignação, estrangeiros virem se estabelecer nas ricas terras que consideravam como lhes pertencendo. Orgulhosos de seus numerosos escravos e das riquezas que possuíam, antes mesmo da descoberta das minas, tratavam os forasteiros recém-chegados

com o mais profundo desprêzo; faziam-nos passar por contínuos vexames e deram-lhes o ridículo apelido de *embuabas*, porque, usando os mesmos botas ou perneiras, tinham semelhança, diziam, com certas aves cujas penas descem até os pés. Tantas afrontas acabaram revoltando os recém-vindos; dois partidos se formaram — os estrangeiros ou *forasteiros* puseram à sua frente o português MANUEL NUNES VIANA, homem poderoso, ativo, dotado de espírito penetrante, e que, embora cheio de doçura e afabilidade nas circunstâncias normais da vida, sabia, em caso de necessidade, desenvolver grande energia. Alguns padres que, esquecidos de seus deveres de caridade cristã, tinham-se introduzido na região das minas, atraídos pela sêde de ouro, agregaram-se aos forasteiros, instigando-os à revolta. Um deles, certo padre ANTÔNIO DE MENEZES, da ordem da Trindade, agitador subalterno, levou-os a se apoderarem das armas dos paulistas, por meio de traição e a proclamarem NUNES governador da região. Explodiu a guerra civil. Houve combate nas cercanias do rio das Velhas. Os forasteiros foram vencedores, mas mancharam a vitória, assassinando um bando de paulistas que acabava de se entregar.

O governador do Rio de Janeiro — D. FRANCISCO MARTINS DE MASCARENHAS — sabedor do que ocorria na região das minas, para alí se dirigiu. NUNES foi a seu encontro com um bando considerável de homens armados, causando-lhe admiração pelo seu porte cheio de ousadia. Numa entrevista havida entre ambos, NUNES afirmou ao governador que nunca deixara de ser um súbdito fiel, persuadindo-o de que, se se tinha pôsto à frente dos sediciosos, foi unicamente para os conter. Diante disso, o governador regressou ao Rio de Janeiro. Mas, após seu regresso, NUNES passou a exercer, discricionariamente, as funções de governador. Nomeou para os cargos públicos os homens mais capazes que pôde encontrar, restabeleceu a ordem do melhor modo possível, mas foi objeto da censura das pessoas de bem, por não ter tido sua autoridade origem legítima.

Durante êsse tempo, os paulistas se preparavam para a vingança. As mulheres de São Paulo incitavam os homens com furor, acoimando-os de cobardes; os padres, diz o padre MANUEL DA FONSECA, deslembados de que a paz é o patrimônio da Igreja, faziam ressoar nos templos gritos de guerra. Bem armados, os paulistas saíram de São Paulo, marchando para Taubaté, afim de nesta localidade aliciar recrutas. Entremettes, chegou de Lisboa ao Rio de Janeiro ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE COELHO, para substituir MENEZES no cargo de governador (1709). As pessoas mais sensatas da região das minas, embora fazendo justiça a MANUEL NUNES VIANA, sentiam quanto sua posição era falsa e perigosa.

Enviaram a ALBUQUERQUE, secretamente, um religioso que fôra seu secretário, afim de suplicar-lhe restabelecesse entre êles a autoridade legal. Êsse governador era homem de grande capacidade e atividade. Afim de inspirar mais confiança aos habitantes da região das minas, à mesma se dirigiu, quasi sem séquito. Todos se submeteram a sua autoridade, e, imediatamente, uma anistia geral foi concedida a todos os rebeldes, com exceção do frade trinitário, de um companheiro de NUNES VIANA e do próprio NUNES, que morreu na prisão, mas que, talvez, melhor sorte merecesse (55).

Era mais difficil chamar à ordem os paulistas, sempre exasperados pela traição de que tinham sido vítimas. ALBUQUERQUE, entretanto, tentou apaziguá-los, procurando entendimento com o seu pequeno exército, mas, percebendo que os concitava inútilmente à paz e receioso, quiçá, pela sua própria segurança, julgou mais prudente retirar-se, apressando-se em chegar ao Rio de Janeiro, de onde, secretamente, mandou dizer aos *embuabas* da região das minas que se aprestassem para receber os paulistas. Êstes, efetivamente, chegaram pouco tempo depois até perto do rio das Mortes e atacaram um pequeno forte onde se tinham refugiados os *embuabas*. De ambos os lados a luta foi encarniçada; mas os paulistas distinguiram-se em todos os encontros, pela habilidade com que visavam seus inimigos. Cientes, entretanto, de que numeroos reforços chegavam em socorro dêstes últimos, aproveitaram-se das trevas da noite para se retirar, e voltaram a São Paulo, tudo devastando em sua passagem.

Essa expedição acalmou o furor dos paulistas. ALBUQUERQUE aproveitou-se hàbilmente, da feliz disposição em que se encontravam os mesmos. Enviou aos membros da câmara municipal de São Paulo um retrato de D. JOÃO V, escrevendo-lhes que, se o rei não podia visitar sua cidade, queria pelo menos, que sua imagem ficasse no meio de seus habitantes, afim de demonstrar aos mesmos que os tomava sob sua especial proteção. Os paulistas, que eram realmente afeiçoados a seu soberano, ficaram sensibilizados com a honrosa distinção, e tudo voltou à ordem (56). ALBUQUERQUE apressou-se em dar conta a seu soberano de tudo o que acabava de acontecer. O ministério português verificando que um

(55) SOUTHEY e BALTASAR DA SILVA LISBOA referem que foi outorgada a NUNES permissão de se retirar para os estabelecimentos por êle formados nas margens do rio São Francisco. PIZARRO, entretanto, cita um documento official que contesta essa opinião.

(56) CAZAL (*Corog. Bras.*, I, 224--358. SOUTHEY, *Hist.*, 44, 84. PIZARRO. *Mem. Hist.*, VIII, part. 2.^a, 4-22. BALTASAR DA SILVA LISBOA, *Anais*, II, 179-347. MANUEL DA FONSECA, *Levantamento em Minas, in Revist. trim.*, III, 262.

só homem não podia governar a imensa região que se estende desde a embocadura do Paraíba até as colônias espanholas, e do oceano até as nascentes do Arrassuaí, desmembrou da capitania do Rio de Janeiro o território de São Paulo, assim como o das minas, e destes dois últimos formou-se (9 de novembro de 1709) um govêrno distinto.

ALBUQUERQUE aprendera a conhecer os paulistas. Foi êle quem à frente dos mesmos foi pôsto. O govêrno portugues concedeu-lhe a liberdade de residir onde julgasse conveniente; preferiu, entretanto, aos arraiais de Minas Gerais recentemente fundados, São Paulo, cuja situação era mais aprazível e onde se observava sempre certa deferência para com as autoridades nomeadas de conformidade com as leis. A vila de São Paulo foi, então, homenageada com o nome de cidade de São Paulo, nome que também foi dado à nova capitania. Até essa época a administração da capitania não cessara de ser entravada pelas contendas e disputas dos herdeiros dos dois primeiros donatários. O rei pôs têrmo (1711) a essas longas querelas, comprando, do Marquês de CASCAIS as 50 léguas de terras que o mesmo possuía na capitania de São Paulo, como sucessor de PEDRO LOPES DE SOUSA. Ficou, então, a autoridade concentrada por inteiro na pessoa do capitão general de São Paulo, não sendo mais de temer as agitações oriundas da situação anterior, e a administração começou a seguir marcha regular.

Desde êsse momento os paulistas constituíram, quasi sempre, um povo submisso e fiel, sem perda, entretanto, de seu gôsto pelas aventuras e correrias longínquas, em consequência das quais não cessaram de fazer descobertas, até que não houve mais nada a descobrir.

Fixaram-se os paulistas, primeiramente, nas partes do território de Minas Gerais mais vizinhos da alta cadeia de montanhas que o percorre do norte ao sul. Em pouco tempo, porém, espalharam-se por todo o território da região mineira, e não se contentaram apenas em procurar ouro: formaram, nos vastos campos marginaes do rio São Francisco, estabelecimentos para a criação de gado. Forasteiros, entretanto, continuaram a chegar a Minas. Em detrimento dos verdadeiros interêsses do país, proprietários de terras na Baía abandonavam seus engenhos de cana e vinham procurar ouro na região que o fornecia fartamente àqueles que se dessem ao trabalho de procurá-lo. Foram introduzidos, nas minas, escravos em grande número; e, em pouco tempo, os desertos se cobriram de belas habitações, ricas igrejas e considerável população. Tornou-se, então, impossível, aos capitães generaes, que residiam em São Paulo, governar a região das minas, fazendo na mesma respeitar as leis. Foi, por isso, necessário crear para a região um govêrno separado, recebendo a mesma a denominação de capitania de Minas Gerais.

A capitania de São Paulo perdeu, assim, uma grande parte de seu território; mas novas descobertas recompensaram-na dessa perda, imediatamente, e com apreciáveis vantagens. Desde o tempo em que os paulistas tinham começado a percorrer os desertos, alguns dos seus bandos, passando de um rio para outro, atravessando infinidade de catadupas, passando por pantanais insalubres, guerreando constantemente hordas de selvagens, alcançaram o rio Paraguai e as vastas regiões regadas pelos seus afluentes. No ano de 1718, ANTÔNIO PIRES DE CAMPOS, o mais terrível dos exterminadores de indígenas, subiu o rio Cuiabá, para conquistar a valorosa tribo dos *curhipós*. Estava êle por demais preocupado com a apreensão de escravos, para se interessar por qualquer outra cousa. A honra de descobrir os tesouros dessas terras que percorria estava reservada a PASCOAL MOREIRA CABRAL, outro destemido desbravador dos desertos, que seguia em suas pégadas. PASCOAL, subindo o rio Cuxipimirim, viu grãos de ouro brilhar em meio das areias das margens dêsse rio. Deixando uma parte de seus companheiros no lugar onde fizera êsse descobrimento e, considerando-o como o prelúdio de outras descobertas, prosseguiu sua marcha. Não se enganara. Pouco depois, com efeito, encontrou alguns indígenas que traziam palhetas de ouro como ornamento. Fez pesquisas e, dentro em pouco tempo, conseguiu juntar considerável quantidade dêsse metal. Voltou, então, ao lugar onde deixara seus companheiros, os quais não foram tão felizes, embora estivessem todos contentes. Êsses homens, cercados de imensas riquezas, tomaram a resolução de só deixar a região, depois que a mesma estivesse esgotada. Construíram, então, cabanas nas margens dos rios e semearam o resto de grãos de cereais que ainda possuíam. Não tinham transportado ferramentas — serviam-se das mãos para cavar a terra. A ambição deu-lhes fôrça e coragem.

Um outro bando, que percorria também os desertos, foi levado, por acaso, ao local em que acampara o primeiro. Era constituído também por paulistas, que se reuniram a PASCOAL e seus companheiros, perfazendo, juntos, um grupo de vinte e duas pessoas. Depois de reunidos, resolveram enviar um emissário a São Paulo, para avisar o governador do que ocorria e receber ordens. A título provisório, elegeram PASCOAL por chefe, concedendo-lhe autoridade quasi absoluta e prometendo-lhe inteira obediência. PASCOAL era inteiramente analfabeto, mas não era homem vulgar; aliava a um grande valor grande prudência, muita atividade, inteligência notável e, o que era raro entre os paulistas dêsse tempo, possuía um coração compassivo. Tinha a habilidade de derimir os dissídios que surgiam a miúde entre seus companheiros. Com êsses predicados, soube fazer-se querido dos mesmos guiando-os com grande

prudência, desde o ano de 1719 até o de 1723, época em que foi substituído por dois magistrados enviados por D. RODRIGO CÉSAR DE MENEZES, governador de São Paulo.

Logo que em São Paulo se soube das descobertas de PASCOAL e de seus companheiros nas vizinhanças de Cuiabá, jovens e velhos paulistas partiram para região que tantas riquezas prometia. Divididos em diversos bandos, embarcaram pelo Tieté e outros rios, pensando, unicamente, no fim da viagem. A ambição de tal forma os cegava, que não se preocupavam com o que lhes seria necessário, nem com os perigos que iam afrontar, pelo que não tomaram, nesse sentido, nenhuma das mais indispensáveis precauções. Foram atacados pelas febres em meio dos pantanais, e não possuíam medicamentos; devendo durar alguns meses sua travessia pelos desertos, seus mantimentos eram escassos. Não levaram apetrechos para a pesca, nem o número suficiente de armas de fogo para a caça e para a própria defesa, de sorte que viajaram sempre premidos pela fome, e foram, constantemente, importunados pelas hordas dos indígenas inimigos. Faltavam-lhes todos os recursos para tão arrojada empreza; e a fome, as doenças e as horríveis fadigas fizeram perecer grande número deles, sucumbindo outros nas lutas com os selvagens. Só chegou a Cuiabá um minguaado número desses infelizes, depauperados, macilentos, mal podendo tomar parte nos trabalhos dos que os haviam precedido.

Tão funesto exemplo não deteve as emigrações. A ambição deixa-se dominar pelo desânimo mais difficilmente do que as outras paixões que agitam o coração humano. Durante muitos anos, homens atormentados pelo desejo de adquirir riquezas partiram para Cuiabá, não somente de São Paulo, mas mesmo de Minas e do Rio de Janeiro. Os indígenas guaicurús, hábeis cavaleiros e os paiaguás, exímios condutores de canoas, atacavam os emigrantes com furor, matando um grande número deles; de um bando de 300 homens saídos de São Paulo em 1725, só escaparam 2 brancos e um negro! Esses desastres eram geralmente conhecidos; mas o ouro, dizia-se, era tão abundante em Cuiabá, que desse metal se serviam os caçadores, em substituição do chumbo. Assim sendo, porque não se experimentar a sorte, procurando alcançar uma terra que oferecia a seus habitantes tesouros tão fáceis de ser adquiridos? Com a esperança de adquirir riquezas, todos se arriscavam aos azares da sorte. Enquanto isso ocorria, os companheiros de PASCHOAL continuavam em suas buscas. No ano de 1722, o de nome JOSÉ SÚTIL, ao fazer uma plantação nas margens do rio Cuiabá, teve fome e mandou dois indígenas, seus servidores (*camaradas*), procurar mel nos troncos

das árvores. Os selvagens voltaram à tarde, não tendo encontrado mel, mas trouxeram a seu senhor grãos de ouro envolvidos em fôlhas, encontrados à flor da terra e que orçavam em cêrca de 120 oitavas. No dia seguinte, de madrugada, MIGUEL SÚTIL e seu compadre JOÃO FRANCISCO, conhecido pela alcunha de *Barbudo*, dirigiram-se, acompanhados de todos os seus escravos, para o local onde tinha sido feita a preciosa descoberta. SÚTIL voltou ao acampamento com meia arroba de ouro, e *Barbudo* com mais de 400 oitavas. Tôda a colônia precipitou-se para o local onde tamanha riqueza se encontrava, e, sem necessidade de fazer profundas excavações, foram retiradas da terra, no espaço de dois meses, 400 arrobas do valioso metal. No local dêsse descobrimento é que, atualmente, está situada a cidade de Cuiabá. No decorrer do ano em que MIGUEL SÚTIL fez essa brilhante descoberta, chegou a São Paulo o governador RODRIGO CESAR DE MENEZES, a quem já me referí. Seu primeiro cuidado foi providenciar no sentido de fazer com que fôsse pago ao reino o imposto do quinto sôbre o ouro extraído das minas de Cuiabá. Quando os portuguezes se ocupavam do Brasil, era, o mais das vêzes, para arrancar-lhe as riquezas. Dois homens poderosos foram escolhidos por MENEZES para agentes do fisco real na recém-fundada colônia. Um dêles — LOURENÇO LEME — para alí partiu com o título de procurador do imposto do quinto; o outro — JOÃO LEME —, irmão de LOURENÇO, com o mestre de campo das minas de Cuiabá. MENEZES não era desprovido de mérito, mas não conhecia o país, por isso julgou que não podia ser melhor representado do que por dois personagens aos quais os paulistas, patrícios dos mesmos, prodigalizam o máximo respeito. Ignorava que unicamente o temor motivava as manifestações de deferência de que eram alvo os LEMES, o que êstes só faziam uso de suas riquezas para violar impunemente as leis e oprimir os fracos. Quando os dois irmãos chegaram a Cuiabá vendo-se longe de tôda a vigilância, não tiveram mais limites a sua insolência e audácia. Entregaram-se a todos os caprichos, cometeram os mais absurdos atos de violência, e pretenderam, mesmo, expulsar das minas todos aqueles que não fôssem paulistas e seus apaniguados. O capelão da nascente colônia opôs-se, corajosamente, contra semelhante injustiça; ordenaram, então, os LEME, que fôsse o mesmo arcabuzado. Um colono de nome PEDRO LEITÃO teve e desdita de lhes excitar a inveja, razão pela qual fizeram-no maltratar, da maneira mais bárbara, ao pé do altar, na ocasião em que assistia o officio divino da missa. MENEZES soube, afinal, do que ocorria em Cuiabá, e, querendo livrar a região dos desmandos dos dois monstros que para alí enviara como representantes de sua autoridade e cuja tirania tornara-se intolerável, ordenou a um official superior que os prendessem remetendo-os para São Paulo. Os dois

irmãos, entretanto, avisados a tempo dessa ordem, fugiram com seus amigos e escravos. Enviada uma escolta em seu encalço, foram encontrados, bem fortificados, num sítio deserto, onde foram atacados, mas se defenderam valentemente, do que resultaram mortes de lado a lado. Fugiram mais uma vez; uma bala, porém, atingiu LOURENÇO, tendo seu irmão sido feito prisioneiro e, mais tarde, em 1724, e executado na Baía (57). A morte desses dois homens não pôs termo às desditas dos habitantes de Cuiabá. Durante muito tempo só tiveram êles opressores como chefes, os quais lhes exigiam somas enormes a título de pagamento do quinto e de outros impostos; aprisionavam os que não podiam satisfazer seus exorbitantes pedidos, tratando-os com a maior barbaridade. Todo o povo a tal grau de desespero chegou, que, em dado momento projetou abandonar um lugar onde, em vez das imensas riquezas que prometia, só encontravam, em difinitivo, desolação e miséria.

Nesse ínterim, o governador MENEZES recebeu de seu soberano, ordem para inspecionar as minas de Cuiabá. Já estava fixada a época de sua partida, mas, nas vésperas dessa emprêsa, amedrontou-se com a extensão de tão perigosa viagem, que devia ser feita, quasi tôda ela, por via fluvial. Por essa razão fez abrir um caminho por terra firme, obra cuja terminação durou cêrca de dois anos. Só então MENEZES se pôs em marcha, chegando a Cuiabá no dia 15 de novembro de 1726, cinco meses depois de sua partida. O caminho que MENEZES mandou abrir representou um grande benefício para a população, pois tornou mais fáceis, menos lentos e mais seguros os meios de comunicação entre São Paulo e sua nascente colônia, e é ainda o caminho que atualmente trilham as caravanas que demandam Goiaz e Mato Grosso (58). Apenas chegado a Cuiabá, MENEZES elevou essa aldeia a vila. Sua presença, porém, não melhorou a sorte dos cuiabanos. Seus agentes, quando êle ainda se

(57) A história dos dois LEMES foi relatada por CAZAL, segundo ROCHA PITA e confirmada por FERDINAND DÉNIS. Todavia, deve dizer que PIZARRO não faz nenhuma menção aos mesmos, e que suas narrativas são extraídas duma memória escrita em Cuiabá, em 1765, pelo advogado JOSÉ BARBOSA DE SÁ, posteriormente corrigida, à luz da mais autentica documentação, pelo sábio DIOGO DE TOLEDO LARA ORDOÑEZ, que já tive ensejo de citar. PIZARRO diz unicamente, que, para substituir PASCOAL MOREIRA CABRAL, D. RODRIGO CESAR DE MENEZES enviou a Cuiabá, em 1724, JOÃO ANTUNES MACIEL e FERNANDO DIAS FALCÃO — o primeiro como regente e o segundo superintendente dos terrenos auríferos —, e que, desde êsse momento, os mineiros de Cuiabá foram horripelmente atormentados pelos agentes da justiça. No resumo histórico que precede sua preciosa estatística, D. P. MÜLLER nomeia, entre os que descobriram as minas de Cuiabá, LOURENÇO LEME e FERNANDO DIAS FALCÃO, mencionando, em último lugar, PASCOAL MOREIRA CABRAL. E' evidente, porém, que êsse resumo, extremamente sucinto, não merece muita fé.

(58) O autor passou por êsse caminho, dirigindo-se da cidade de Goiaz para São Paulo (*Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco etc.*, vol. III).

encontrava em São Paulo, extorquiam o ouro dêsse infelizes, para se fazerem valer junto do mesmo, que não os obrigou a mudar de conduta, querendo, também, com tal atitude, fazer-se valer diante do seu rei, ao qual, em última análise, eram destinadas tôdas as avultadas riquezas extorquiadas ao povo das minas. Mais de mil pessoas, que não podiam continuar a viver num lugar onde estavam expostas a contínuos vexames, abandonaram Cuiabá no mês de abril de 1728, tomando o rumo de São Paulo. MENEZES tinha, nessa ocasião, para remeter a Portugal, quatro caixas contendo 7 arrobas de ouro cada uma, pelo que se aproveitou, para expedí-las, do propício ensejo que se lhe apresentava, tomando tôdas as possíveis precauções para que a remessa chegasse com segurança a seu destino. As quatro caixas foram enviadas a D. JOÃO V, perfeitamente fechadas e lacradas com selos apostos no momento da partida. O rei, ao recebê-las, cheio de orgulho e de satisfação, fê-las abrir na presença de altos dignatários da Côrte e de alguns diplomatas estrangeiros acreditados junto ao govêrno português. Abertas as caixas, só foram encontradas, dentro das mesmas, barras de chumbo. Nada foi desprezado para a descoberta dos culpados pela fraude; mas foram inúteis tôdas as deligências em tal sentido feitas. O povo de Cuiabá ficou persuadido de que, por uma transformação milagrosa, o próprio céu tomara a seu cuidado vingá-lo de seus tiranos. Sua alegria, entretanto, foi de pouca duração. O recebedor dos impostos, querendo merecer as boas graças do governador e do próprio monarca, culpou os mineradores pelo desaparecimento do ouro enviado a Portugal, tirando-lhes tudo quanto possuíam, até seus escravos. Concluída essa odiosa empreitada, MENEZES regressou a São Paulo (setembro de 1728), tendo, antes, modificado a forma de recebimento do imposto, e fez, forçoso é confessá-lo, úteis reformas. Os cuiabanos nada mais possuíam; mas, diz um his'oriador (59), puderam, ao menos, chorar em paz. Recomeçaram a cavar a terra corajosamente, e esta lhes prodigalizou novos tesouros. Mas os paulistas, que formavam a maioria da população, não tinham perdido seu gôsto pelas aventuras, nem sopitado sua insaciável sêde de ouro. Necessitavam de perlustrar outros desertos, precisavam de minas mais ricas ainda do que as de Cuiabá. No ano de 1734, dois irmãos — FERNANDO PAIS DE BARROS e ARTUR PAIS — naturais de Sorocaba (60), penetraram ao oeste dos Campos Parexís, numa região coberta de espessas florestas, onde até então nenhum homem branco ainda havia

(59) CAZAL, *Corog. Bras.*, I, 248. PIZARRO, *Mem. Hist.*, 3-11-43-46. ABREU E LIMA, *Synopsis*, 191.

(60) Serão encontrados, mais para diante, pormenores sôbre a vila de Sorocaba, vizinha de São Paulo.

chegado. Essa região é a atualmente denominada Mato Grosso. Pararam à margem de um dos afluentes do rio Guapoú, onde construíram cabanas, dêsse ponto se espalhando pela vizinhança, verificando em tôda a parte a areias dos ribeirões e rios. Decorrera apenas um ano, e já os dois irmãos PAIS enviavam a Cuiabá considerável quantidade de ouro. À vista disso, o povo rejubilou-se. Todo mundo quis partir para as novas minas. Milhares de indivíduos puseram-se, efeitivamente, a caminho; mas sofreram pouco mais ou menos o que sofreram os primeiros paulistas que tinham partido de São Paulo para Cuiabá. Uns se perderam no meio dos desertos, perecendo miseravelmente de fadiga e de fome; outros caíram sob os ataques dos paiaguás e dos guaicurús. Só um pequeno número alcançou a desejada meta (61).

Enquanto bandos de paulistas conquistavam para a monarquia portuguesa os vastos territórios de Cuiabá e de Mato Grosso, outros paulistas faziam uma descoberta não menos importante — a de Goiás. Pelo ano de 1680, BARTOLOMEU BUENO DA SILVA, alcunhado de *espírito mau* chegava ao território dos indígenas goiazes, cujas mulheres enfeitavam os cabelos com palhetas de ouro. Subme'eu sem esforços êsses homens pacíficos, dignos de sorte mais feliz, e voltou a São Paulo, trazendo ouro e um grande número de cativos, bastantes para povoar uma cidade.

Durante muito tempo as riquezas de Minas Gerais fizeram esquecer Goiás; mas as minas de Cuiabá, trazendo a MENEZES a recordação das que BUENO havia descoberto, fê-lo incitar os habitantes de São Paulo a que procurassem encontrá-las. Parece que os antigos paulistas habituavam seus filhos, desde muito novos, às fadigas das expedições longínquas e à caça do indígenas. Quando penetrou nos domínios da nação dos goiazes, BUENO levou em sua companhia um filho de doze anos de idade. Êsse menor, que se chamava igualmente BARTOLOMEU BUENO, já então envelhecido, mas não deslembrando de sua viagem na infância, ofereceu seus serviços a MENEZES, que lhe prometeu, se fôsse bem sucedido, dar-lhe, como recompensa, a peagem muito rendosa de diversos rios. Partiu, assim, o segundo BARTOLOMEU BUENO, em 1721; mas, infelizmente, não teve êxito, e, após uma infinidade de acidentadas aventuras, regressou a São Paulo, desesperado e quasi só. MENEZES reanimou-o, insuflando-lhe coragem e fazendo-lhe sedutoras promessas, conseguindo, assim, decidí-lo a voltar, suprido dos necessários recursos para a empreza. Foi BUENO desta vez mais afortunado do que da primeira.

(61) PIZARRO, *Mems. Hists.*, IX, 81.

Depois de longas marchas e de incríveis fadigas, descobriu, enfim, no ano de 1726, o local onde estavam situadas as minas descobertas por seu pai.

A fama das riquezas de Goiaz atraíu desde logo para lá muitos bandos de aventureiros, que fundaram numerosas aldeias. BUENO foi dignamente recompensado. Era homem empreendedor e possuidor de avultadas riquezas; mas, como a maioria dos exploradores de minas daqueles tempos, não soube conservá-las, morrendo pobre, pois tinha doado, em vida, a seu filho as peagens concedidas a sua família pelo espaço de três vidas. Em 1825, sua 3.^a geração acabava de extinguir-se. Assim, os trinetos do homem que havia conquistado para o Império do Brasil um territorio tão vasto quanto o da Alemanha, viviam na indigência (62). Descendiam êles, muito verossimelmente, de AMADOR BUENO DA RIBEIRA, que recusou a oferta da coroa real feita pelos habitantes de São Paulo.

Foram os paulistas que descobriram Goiaz, Cuiabá e Mato Grosso. Até o ano de 1748, essas vastas terras fizeram parte da capitania de São Paulo.

Chegou-se, afinal, a reconhecer que um único homem não podia governar uma região cêrca de quatro vêzes maior do que a França, e cujas partes componentes eram separadas por imensos desertos. Foram formadas, em consequência, a capitania distinta de Goiaz e uma outra de Cuiabá, e Mato Grosso; mas, ao mesmo tempo, teve-se a infeliz idéia de suprimir a capitania de São Paulo, reunindo-se à do Rio de Janeiro (63). Os governadores desta última capitania já tinham bastante que fazer com a administração da mesma. A de São Paulo foi posta à margem.

Nos primeiros tempos de São Paulo, quando os caçadores de indígenas deixavam o seu torrão natal, a êle regressavam; outro tanto não acontecia com os pesquisadores de ouro, que se estabeleciam permanentemente nas regiões onde encontravam êsse metal, objeto de suas ambições, e não mais volviam aos pagos. Desde a descoberta de Minas Gerais, a população da capitania de São Paulo não cessou de diminuir. Os emigrantes a empobreciam com as despesas que eram obrigados a fazer para os preparativos de viagem. Por falta de braços, as terras permaneciam incultas e o gado ficava abandonado; as habitações caíam

(62) AUG. DE S. HILAIRE, *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*, I, 308 e II, 65. — POHL, *Reise*, I, 332. — RAIMUNDO DA CUNHA MATOS, *Itinerário*, II, 70.

(63) PIZARRO, *Mem. Hist.*, VIII, 1.^a parte, 285.

em ruínas. Para remediar tantas misérias, seria necessário uma administração vigorosa, ativa, reparadora. Desde a supressão de sua capitania, os paulistas só tiveram em sua terra agentes do governo com poderes extremamente limitados, os quais não ousavam assumir a responsabilidade de qualquer medida de alguma importância. E, assim, uma das mais belas regiões do Brasil ia declinando dia a dia, cada vez mais.

Em 1758, o rei D. JOSÉ baixou um decreto que para sempre honrará a sua memória — o que deu liberdade definitiva a todos os indígenas do Brasil (64). Uma infinidade de outros decretos já os havia declarado livres, mas eram constantemente burlados. Não havia escravos, dizia-se, havia *administrados*; mas os infelizes assim denominados eram condenados aos mais rudes trabalhos. Sob o reinado de D. JOSÉ, era ministro o marquês de POMBAL, ao qual não se podia iludir com palavras. O marquês de POMBAL quis, sinceramente, que os indígenas fôsem libertados, e êstes não tardaram a adquirir a liberdade. A supressão da escravidão dos indígenas, foi, entretanto, novo golpe desfechado contra a prosperidade de São Paulo. Muitíssimas famílias, que não possuíam outras riquezas a não ser seus escravos, ficaram inteiramente arruinadas. A capitania de São Paulo, dizia um de seus governadores, é, desde o ano de 1737, como uma bela mulher sem dote (65). Mais do que nunca mereceu êsse conceito.

O primeiro vice-rei do Rio de Janeiro, ANTÔNIO ÁLVARES DA CUNHA, reconhecendo, afinal, o estado de miséria a que estava reduzida a capitania, acreditou que, se na mesma se restabelecesse um governador ocupado unicamente com as necessidades de seus habitantes, retomaria ela algum esplendor. Um memorial que, nesse sentido, endereçou ao governo da metrópole, convenceu o rei D. JOSÉ; e a terra dos paulistas retomou o título de capitania, que por tanto tempo lhe pertencera, e D. LUIZ ANTÔNIO DE SOUZA BOTELHO chegou, em 1765, para governá-la, munido de sábias instruções do marquês de POMBAL (66). Nessa época, ou poucos anos antes, notável mudança começou a operar-se relativamente aos paulistas. Os terrenos auríferos tendo sido repartidos e a caça aos indígenas estando severamente proibida, foram êles obrigados a renunciar a seus hábitos de mais de dois séculos. A agricultura foi o seu recurso: instalaram numerosos engenhos de açúcar, e, onde a natureza lhes oferecia pastagens, passaram a criar gado cavalariço e vacum. As ocupações sedentárias, às quais foram constrangidos a

(64) ABREU E LIMA, *Synopsis*, 258.

(65) PIZARRO, *Mem. Hist.*, VIII, 1.^a parte, 275.

(66) L. c., 286.

entregar-se, habituaram-nos à vida de família. Suas antigas rivalidades se extinguiram, e, pouco a pouco, seus costumes tornaram-se mais brandos. Sempre ufanos da glória de seus antepassados, não mais pensaram, entretanto, em imitá-los. Deviam perder, necessariamente, os defeitos dos antigos corredores de desertos; nada os impediu, porém, de conservar as brilhantes qualidades que distinguiam êsses homens extraordinários. Tiveram coragem sem crueldade, firmeza sem rudeza, franqueza sem insolência. No trato com os magistrados que lhes eram enviados de Portugal, tornaram-se tão delicados quanto êstes. Alguns cultivaram elevadamente a inteligência; e, se a terra paulista não mais produziu ANTÔNIO RAPOSO, FERNANDO DIAS PAIS, PASCOAL MOREIRA CABRAL, pode gloriar-se de ter dado à luz, nos tempos modernos, a ALEXANDRE DE GUSMÃO, a GASPAR DA MADRE DE DEUS, a JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO e aos ilustres irmãos — os três ANDRADAS —, que tanto contribuíram para a independência do Brasil.

Se bem que a era das expedições longínquas tivesse passado para os paulistas, seu novo governador, LUIZ ANTÔNIO DE SOUSA BOTELHO, proporcionou-lhes logo uma oportunidade de retornar a seu antigo pendor pelas aventuras. O marquês de POMBAL, sabedor dos imensos recursos do Brasil, ocupou-se, carinhosamente, dessa bela região, que conhecia melhor do que todos os ministros seus antecessores, e parece, mesmo, que teve por momentos o desejo de transferir para a vasta e rica colônia, a sede da monarquia portuguesa. Temia que os espanhóis acabassem se apoderando de Guaíra, que ficara deserta desde as invasões dos paulistas, daí se infiltrando aos poucos no território brasileiro. Êsse temor inspirou-lhe um projeto que asseguraria um belo futuro à província de São Paulo; ordenou o governador que BOTELHO fizesse explorar os rios Higuacú, Hivaí e Tibagí destinados a oferecer, algum dia, meios preciosos de comunicação, e a formar, nas regiões deshabitadas por onde correm, um estabelecimento que pudesse proteger as possessões brasileiras, permitindo dilatá-las. As ordens de POMBAL foram executadas pelo governador de São Paulo. Uma tropa de paulistas percorreu os imensos desertos regados pelos afluentes meridionais do Paraná, e, nas barrancas do Iguatemi, numa região fértil, foi construído o pequeno forte de Nossa Senhora dos Prazeres, esplêndidamente situado para deter as invasões dos espanhóis. Infelizmente, POMBAL perdeu sua influência na côrte portuguesa, caindo no desfavor do monarca. BOTELHO foi substituído por MARTINS LOPES LÔBO DE SALDANHA. Êste, que afetava um profundo desprêzo pelo que seu antecessor havia feito, abandonou o forte de Nossa Senhora dos Prazeres. Os espanhóis não tardaram a apoderar-se dêsse forte, destruindo-o doze anos depois de sua

fundação (67). Se o projeto grandioso do marquês de POMBAL fôsse continuado com perseverança, a capitania de São Paulo teria aumentado, sem efusão de sangue; regiões férteis ainda desertas estariam hoje semeadas de fazendas e criação, uma porção de rios facilitaria as relações entre os habitantes de São Paulo e os do Paraguai. Não tenho necessidade de dizer que os paulistas não escaparam aos rigores do sistema colonial. Seu comércio foi mesmo entravado, em diversas épocas, por proibições que não atingiram outras partes do Brasil. Desde o ano de 1701, uma ordenação real vedou aos paulistas o envio de gado de suas minas para a Baía. Em 1743, quando os habitantes de Minas Gerais dependiam de São Paulo, foi limitado o número das fábricas paulistas de *tafiá* (aguardente de cana ou de melaço), afim de favorecer o comércio de Portugal. Muito mais recentemente, enfim, ANTÔNIO JOSÉ DA FRANCA E HORTA, que começou a governar São Paulo em 1802, proibiu a navegação de cabotagem aos habitantes da costa, só permitindo aos cultivadores enviar seus produtos até Santos unicamente, arruinando, dessa forma, todos os outros portos, e colocando aqueles à mercê de tres ou quatro negociastas, que, coligados, tornaram-se inteiramente senhores dos serviços de transportes (68). Não sabemos que a proibidade de HORTA tenha sido posta em dúvida; mas, se não houve nenhuma conivência entre êle e os aludidos negociastas de Santos, é de se notar que tudo o que fez, cedendo a um capricho maléfico, inteiramente inexplicável, deu aso à suspeita de tal indignidade.

Essa tão prejudicial determinação de ANTÔNIO JOSÉ DA FRANCA E HORTA foi executada até o ano de 1808, quando o rei D. JOÃO VI, fugindo do exército francês, chegou ao Brasil, pois foi um de seus primeiros atos franquear os portos do país às nações amigas, suprimindo o sistema colonial com tôdas as suas proibições — igualando, em suma, a Portugal sua antiga colônia. Não era ainda a independência do Brasil, mas já era um prelúdio da mesma. A capitania de São Paulo aproveitou-se dos benefícios decorrentes da nova ordem de cousa. Suas relações comerciais se ampliaram, tornando-se cada dia mais importantes; a navegação de cabotagem retomou a passada atividade. Os agricultores, vendendo seus produtos mais vantajosamente, ampliaram suas plantações; os engenhos e cafezais multiplicaram-se; homens de tôdas as nações chegaram a São Paulo, trazendo aos seus habitantes novas idéias, e as artes mecânicas se aperfeiçoaram. Mas, é forçoso dizer — os estrangeiros

(67) PIZARRO, *Mem. Hist.*, VIII, 1.^a parte, 287. D. P. MÜLLER, *Ensaio Estatístico*, 4. MILLIET e LOPES MOURA, *Dicionário*, I, 447; II, 161.

(68) PIZARRO, *Memórias Históricas*, VIII, 1.^a parte, 275-277-278.

mais de uma vez abusaram da boa fé dos paulistas, que pelos mesmos passaram a conceber justa desconfiança, perdendo um pouco de sua antiga bôa fé, de sua franqueza e hospitalidade.

Não foi por muito tempo que os paulistas gozaram, em sossêgo, de uma liberdade mais extensa. A guerra rebentou em 1811, entre o Brasil e os hispanos-americanos povoadores do Rio da Prata. Para repelir os ataques dêstes últimos, não era possível aliciar soldados no Pará ou em Pernambuco. As capitánias do Rio Grande e de São Paulo eram as mais vizinhas do território inimigo. Foram êles, em consequência, que forneceram tropas. A boa justiça teria exigido que estas fôsem sustentadas também pelas outras capitánias distantes; mas não foi o que aconteceu: São Paulo foi sôzinho, forçado, não sômente a fornecer homens, mas, ainda, a prover a tôdas as despesas dos mesmos (69). Quando se iniciou o recrutamento para o exército do sul, os paulistas desde muito tempo gozavam de uma paz profunda, por isso acontecimentos muito os consternaram, e a sua consternação ainda foi mais viva, porquanto eram recrutados tanto os homens casados como os solteiros. Para a defesa de sua propria terra, de seu São Paulo querido, não duvidamos, acorreriam em massa, sem hesitações; mas ocorria que os homens recrutados iam bater-se por uma causa que lhes era de certa forma estranha, contra um povo do qual, talvez, nunca tivessem ouvido falar, sendo mister que partissem para regiões a várias centenas de léguas de São Paulo, longe de suas famílias, sem esperança de revê-las durante muito tempo, sem, mesmo, poder fornecer-lhes notícias.

Grande número deles não teve essa coragem. Houve consideráveis deserções, com o que a população de Minas Gerais aumentou de forma sensível, às expensas da capitania de São Paulo. Uma legião inteiramente formada de soldado tirados desta capitania tomou parte, contudo, nas campanhas do exército do Sul. Uma vez sob as armas, êsses homens souberam curvar-se às necessidades da guerra, demonstrando que era ainda o sangue dos velhos paulistas que lhes circulava nas veias. Forneciam-lhes uma alimentação à qual não estavam habituados, alimentação composta de carne sem farinha (70) e sem sal. Durante mais de dois anos não receberam o sôlido (71): suas roupas caíram em pedaços,

(69) ESCHW., *Journ. von Bras.*, II, tab. II.

(70) Os brasileiros substituem o pão de trigo pela farinha de mandioca ou de milho.

(71) Havia cêrca de 27 meses que os soldados de São Paulo nada tinham recebido, quando o autor os viu, em fins do ano de 1820, às margens do Prata. Se ao autor fôr dado fazer a narração de sua viagem à província do Rio Grande, da campanha de Montevidéu e das missões do Uruguai, voltará a falar da legião de São Paulo, comandada, então pelo coronel MANUEL MARQUES DE SOUSA.

sem serem renovadas. Suportaram, entretanto, tôdas as privações, tôdas as fadigas, com uma constância admirável. Combatiam ora a pé, ora a cavalo. Não eram inferiores a seus inimigos — os *gaúchos* — na arte de lançar o laço, e, como êles percorriam as vastas campinas da Banda Oriental, galopando com inconcebível rapidez; enfim, nada menos intrépidos que os soldados do Rio Grande, seus camaradas de armas, observavam muito melhor do que êstes as leis da disciplina. Distinguiram-se em muitos encontros, e foram devidos principalmente a seu valor os resultados felizes do combate decisivo de Catalã (72), do qual decorreu a rendição da importante cidade de Montevidéu. A legião de São Paulo estava ainda alojada nas margens do Prata, quando, no fim do ano de 1820, chegou ao Rio de Janeiro uma notícia que, a-pesar-das dificuldades das comunicações, se espalhou, com a rapidez de um relâmpago, por tôdas as partes do Brasil; notícia de um acontecimento que deveria logo mudar os destinos dêsse vasto Império — Portugal tinha sacudido o jugo do govêrno absoluto, e ia ter uma constituição liberal. A revolução que acabava de explodir na metrópole, excitou, na maioria dos brasileiros, grande entusiasmo; e, durante alguns instantes, uniram-se êles aos portugueses, externando para com os mesmos sentimentos dumã estreita fraternidade. Mas, é útil observar, só os espíritos esclarecidos sabiam do que se tratava; o povo não compreendia bem o significado da palavra *constituição*, que andava em tôdas as bôcas; era-lhe explicado que por tal expressão se entendia a reforma dos abusos de que tinha queixas desde muito tempo, e o povo jurou fidelidade à constituição, antes mesmo de ela estar elaborada. Quando a revolução teve início, os capitães-generais se viram diante da alternativa embaraçosa de se tornarem odiosos ao povo, se procurassem manter a antiga ordem de cousas, ou de desagradarem o rei, se não sustentassem a autoridade real por todos os meios possíveis. Mas, logo que o próprio soberano renunciou o poder absoluto, é claro que êles, representantes dêsse poder, deviam proceder da mesma forma na colônia. Contudo, acostumados a governar despôticamente e a receber homenagens que raiavam pela adoração, custou-lhes muito partilhar o poder, nada mais sendo do que meros presidentes das juntas provisórias, criadas em todo o Brasil, tornando-se quasi iguais a indivíduos que haviam tratado, pouco tempo antes, com severa altivez. Estavam persuadidos de que a revolução acabaria por ser abafada, e só se prestaram a executar os novos decretos com visível

(72) A batalha de Catalã foi travada em 4 de Janeiro de 1817 (ABREU E LIMA, *Synopsis*, 308). Os paulistas eram comandados pelo general de brigada (*brigadeiro*) JOAQUIM DE OLIVEIRA ÁLVARES, que o autor teve a oportunidade de conhecer e do qual faz menção em a narrativa de sua viagem a Santa Catarina.

repugnância. Passaram, então, a ser vistos como defensores interesseiros da tirania. Não podiam ter partidários, razão pela qual foram expulsos, em sua maioria (73).

Os fatos não transcorreram inteiramente assim na província de São Paulo. Um governo provisório foi na mesma instalado, no mês de junho de 1821 (74), tendo como presidente JOÃO CARLOS AUGUSTO D'OEYNHAUSEN, ex-capitão general. O ilustre JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, que exercia a maior influência na província de São Paulo, onde nasceu, julgou, e com razão, que seus conterrâneos, sempre ligados ao rei e à família real, respeitassem mais a nova administração, se a mesma continuasse a ser exercida pela pessoa que, originariamente, fôra escolhida pelo soberano, e que, além disso, soubera fazer se estimar por todos, devido a suas qualidades pessoais; assim, sustentou JOSÉ BONIFÁCIO muito fortemente JOÃO CARLOS D'OEYNHAUSEN, que ficou à testa do governo por muito mais tempo do que os outros capitães-generais (75). Dessa forma, a passagem da antiga ordem de coisas à nova fez-se menos bruscamente em São Paulo do que em qualquer outra das províncias brasileiras, não causando nenhum abalo. E' indispensável dar uma justa idéia do que foi a revolução no Brasil. Em seus primórdios, foi, pode se dizer, antes portuguesa do que americana. Até o mês de dezembro de 1821, o que ocorreu no Rio de Janeiro foi obra dos europeus, que também muito contribuíram para as revoluções parciais das províncias, auxiliados por alguns membros de famílias brasileiras, ricas e poderosas, que pretendiam ser os substitutos dos antigos governadores. Quanto à massa do povo, seduzida, a princípio pelas brilhantes promessas cujo cumprimento tardava sempre tornou-se logo indiferente a tudo que se passava, parecendo dizer — “Não terei que suportar sempre a minha carga? — E o povo não tardou, mesmo a ter saudades da administração inteiramente individual de seus antigos capitães-generais.

A maioria dos franceses ganhara extraordinariamente com a revolução de 1789, que suprimira os privilégios legais de que se aproveitava uma classe favorecida; no Brasil, a desigualdade de classes não tinha

(73) Seria estranho ao nosso fito narrar os acontecimentos nessa ocasião ocorridos em cada uma das províncias brasileiras. Só falamos, pois, de um modo geral.

(74) Data apontada por DANIEL PEDRO MÜLLER, *Ensaio Estatístico*, 3.

(75) O autor viu D'OEYNHAUSEN ainda no mês de abril de 1822, no palácio dos antigos capitães-generais, palácio que até então não havia deixado. Esse excelente homem, cujo retrato o autor traça alhures, tinha-se feito amar e respeitar em tôdas as províncias em que fôra governador, tanto que ainda hoje, os habitantes de Mato Grosso, por exemplo, raramente pronunciam seu nome, sem levar a mão ao chapéu. (CASTELNAU, *Expédition*, II, 362).

sido, realmente, consagrada por lei alguma. As injustiças, de que as classes inferiores tinham muitas vêzes razão de queixa, eram abusos de poder cometidos constantemente pelos funcionários da administração e pelos homens ricos; mas foram precisamente êsses homens que, nos primeiros tempos, se puseram à frente da revolução, pensando unicamente em diminuir a autoridade do rei, para aumentar a própria autoridade. Expulsaram os capitães-generais, não se ocupando, de qualquer forma, com o povo, que ficou a perguntar a quem poderia implorar proteção. Os paulistas tinham alimentado por longo tempo tão profundo amor pelo rei, que, em 1822, vários meses depois de seu regresso a Portugal, os habitantes dos campos consideravam-no ainda árbitro supremo de sua existência e da de seus filhos; era sempre ao rei que pertenciam os impostos, a peagem dos rios, todo o país, em suma. Não havia um só agricultor na província de São Paulo que não repetisse estas palavras: “Prometiam-nos tanta felicidade com a constituição, e vivemos alarmados por contínuos receios. Cada qual, outrora, ficava sossegado em sua casa; agora, é necessário abandonar continuamente nossas mulheres e nossos filhos, para irmos apaziguar o Rio de Janeiro ou Minas. Não era melhor ser governado pelo nosso rei e pelo nosso capitão-general, que, sòzinho, decidia tudo, do que o ser por tanta gente que vive brigando entre si e mandando-nos de um para outro lado quando formulamos um pedido, e que nenhuma piedade tem dos pobres?” (76).

Todavia, tinha chegado a época em que a Revolução ia tomar novo caracter, ia tornar-se inteiramente brasileira.

O povo português tinha-se sublevado bem menos, talvez, para enfraquecer a autoridade real, do que para fazer voltar ao jugo de Portugal sua antiga colônia cuja emancipação tinha sido para os portugueses um motivo de dor. “Essa emancipação, com efeito, colocava-os num segundo plano, e, esgotando uma das fontes principais de suas riquezas, feria-os de cheio em seu orgulho e em seus interesses. A assembléia das côrtes de Lisboa julgou, então, que, para se tornar popular, seria mister recolocar o Brasil sob a dominação da metrópole. Cegos pela vaidade nacional, os legisladores portugueses nem mesmo se dignaram de lançar os olhos sôbre o mapa do Brasil. Um decreto desastrosamente hipócrita reestabeleceu o antigo sistema colonial; e, compreendendo num mesmo anátema o reino do Brasil e o jovem príncipe a quem D. JOÃO VI confiara o govêrno da ex-colônia, as côrtes ordenaram a D. PEDRO, já casado e pai de família,

(76) Depois de ter assistido à expulsão das tropas portuguesas do Rio de Janeiro, o autor viajou, em 1822, por Minas e São Paulo. Há uns seis anos já vivia êle no meio dos brasileiros, não sendo mais um estranho para êsses, de sorte que pode responder pela veracidade de tudo o que vem relatando na presente obra.

(77) AUGUSTE DE SAINT HILAIRE, *Précis des Révolutions du Brésil etc.*, na *Voyage sur le Littoral du Brésil*, II, 378 e na *Révue des Deux Mondes*.

que regressasse à Europa, viajando sob a vigilância de um governante e lendo com êste os *Offices* de CÍCERO e as *Aventuras de Telêmaco*" (77).

D. PEDRO pareceu, a princípio, resolvido a obedecer as ordens das côrtes, mas assim procedeu, sem dúvida, para melhor fazer sentir aos brasileiros quanto sua presença lhes era necessária. Sem êsse príncipe, com efeito, não havia mais para êle um centro comum; as províncias se separariam uma das outras, desmembrando-se, e o Brasil, entregue a uma anarquia dissolvente, teria a triste sorte das colônias espanholas na América. Em circunstâncias assim difíceis, a província de São Paulo deu um nobre exemplo. A 24 de dezembro de 1821, a junta que a governava veiu expor ao príncipe regente todos os inconvenientes que acarretaria a sua partida para a Europa e o concitou a permanecer no seio de um povo que lhe era dedicado. Os mineiros demonstraram compartilhar dos sentimentos dos paulistas, e, 9 de janeiro de 1822, a câmara municipal do Rio de Janeiro obteve de D. PEDRO esta célebre resposta: — "*Desde que o povo acredita que minha presença no Brasil é para o bem de todos, diga ao povo que fico*".

Pela energia com que se pronunciaram contra as côrtes de Lisboa e a fidelidade de que deram provas para com o príncipe regente, os paulistas adquiriram eternos direitos ao reconhecimento dos demais brasileiros. Mas, devemos também dizer, sua inexperiência dos negócios era tal, que provàvelmente ficariam em inação se a Província não permitisse que estivesse à sua frente dois homens tão notáveis pelo seu talento e patriotismo — JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA e seu irmão MARTIM FRANCISCO — que dominaram seus colegas da junta governativa, guiando-os; e, assim, o Brasil foi salvo da anarquia e do desmembramento.

Alguns meses mais tarde, D. PEDRO ocorreu a São Paulo, com uma rapidez que testemunhava ao mesmo tempo sua robustez física e a energia de seu caráter. Alí, na planície do Ipiranga, bradou êste grito nobre — "*Viver independente, ou morrer!*". Consequência: o Brasil separou-se de Portugal. Desde essa época uma geração passou. D. PEDRO, fundador de um dos mais vastos impérios do mundo, criou ingratos. Foi morrer no pequeno país onde nascera. Seu filho, D. PEDRO II, subiu ao trono, e o povo do Brasil, depois de ter sofrido duras provações, encontra hoje, numa constituição inteiramente adequada às suas necessidades, as vantagens do sistema monárquico constitucional, aliadas às de uma união federativa.

Essas felizes mudanças nada representam diante das que ainda podem vir. Pela sua vasta extensão, pela capacidade de alguns de seus portos, pela fertilidade de seu território, pela variedade de suas produções, pela inteligência de seus habitantes, o Brasil está fadado aos mais altos destinos; mas uma condição impõe-se para que possa cumprí-

los — é necessário que tôdas as suas províncias, independentes cada qual em sua administração privada, mantenham-se unidas entre si, ligadas a um centro comum. Se a qualquer tempo os brasileiros, seduzidos por hipócritas declamações e promessas enganadoras, cessarem de reconhecer um poder central, seu país será logo a presa de horrível anarquia, ou, dizendo melhor, não haverá mais Brasil.

Nas províncias, separadas uma das outras, repetir-se-iam, em pequena escala, os fatos que acarretariam a desunião geral, e tôdas se desmembrariam. Assim, no mesmo instante em que se operasse sua desarticulação, Curitiba declarar-se-ia independente de São Paulo; a vila de Paranaguá, separada de Curitiba por montanhas quasi inacessíveis, recusaria submeter-se à mesma administração que esta última; Franca, originariamente povoada por mineiros, não quereria mais ter nada de comum com as outras partes da atual província; ver-se-iam, quiçá, explodir as antigas contendias entre São Paulo e Taubaté, e, do belo nome paulista, só restaria uma lembrança histórica. Os brasileiros devem, pois, unir-se contra os ambiciosos, que só trabalharão para destruí-los. Quando o perigo aproximar-se, os paulistas devem cerrar fileiras; devem recordar-se da glória de seus antepassados, do belo dia 24 de dezembro de 1821, do nome dos ANDRADAS e, em seguida, marchar para a frente e salvar mais uma vez a pátria comum, repetindo estas palavras de um guerreiro glorioso, palavras que tão bem lhes assentam — *Noblesse obligé*.

II — LIMITES — MONTANHAS — RIOS — CLIMA

Depois de compreender dentro de seus limites cêrca de um têrço do território do Brasil, a província de São Paulo, menos vasta atualmente do que a de Goiaz ou a de Mato Grosso, ainda oferece uma superfície de 15.000 a 18.000 léguas quadradas, de 18 por grau (78). Seus contornos são muito irregulares: ora penetram na província limítrofe, ora é esta que parece invadir-lhe o território. Quasi que interiramente situada fora do trópico do Capricórnio, estende-se de 20° 30' de latitude meridional a 28°, e tem 136 léguas de comprimento do sul ao norte, por 100 léguas de largura do oriente ao ocidente (79). Ao norte é limitada

(78) ESCHWEGE avalia a superfície da província de São Paulo em 15.000 léguas, aproximadamente (*Brasilien*, II, 68). O autor do *Ensino de um Quadro Estatístico da Província de São Paulo*, a avalia em 19.400 léguas, de 20 por grau.

(79) Colhi êsses algarismos no livro do abade MANUEL AYRES DO CAZAL — *Corog. Bras.*, I, 200 —, publicado na época de minha viagem. Devo, porém, dizer que o autor do *Ensaio de um Quadro Estatístico da Província de São Paulo*, obra aparecida em 1838 ou 1839, colocou a província de São Paulo entre 19° 40' e 27° 12' de latitude

pelas províncias de Minas Gerais e Goiaz; a nordeste, pela do Rio de Janeiro; a leste, pelo Oceano Atlântico; ao sul, pelas províncias do Rio Grande de São Pedro do Sul e de Santa Catarina; a Este, pela província de Mato Grosso e por várias das antigas colônias espanholas (80), ou, melhor dizendo, por êsse lado confunde-se com desertos.

Mais privilegiadamente situada do que as províncias centrais de Minas Gerais e de Mato Grosso, a de São Paulo possui uma vasta extensão de costas e, conquanto, em geral, seus portos não possam receber vasos de guerra, navios mercantes entram fàcilmente em Cananéia, São Sebastião e Paranaguá; Ubatuba, Itanhaen, Iguape e Guaratuba são, unicamente, portos de cabotagem (81). A cordilheira que, como já disse em outro ponto desta narrativa, (82) se prolonga, sempre próxima do oceano, por grande extensão do território brasileiro (*Serra do Mar*) (83). divide a província de São Paulo em duas partes assaz desiguais — o litoral (*Beira-Mar*) e o planalto (*Serra a cima*) —. Esta última expressão quasi que bastaria par indicar que, a oeste da cordilheira marítima, não se encontra o mesmo nível que à beira-mar. Depois de transposta a cordilheira, atinge-se o imenso planalto que forma tão grande parte do Brasil e cuja altura média é, segundo ESCHWEGE, de 761 ms., 72

sul, acrescentando que a mesma tem, de leste a oeste, 236 léguas, de 20 por gráu. A diferença de latitude occorrente entre o que dizem os dois autores é devida, sem dúvida, a erros de cálculo, ou a alguma modificação havida, depois de minha viagem, nos limites das províncias brasileiras; possivelmente devido às duas mencionadas causas. Quanto à diferença de cêra de dois terços para a extensão de leste para oeste, notada entre as duas referidas obras, é a mesma oriunda, provàvelmente, do fato de CAZAL não ter levado em conta, como fez o autor do *Ensaio*, o vasto território occupado por indígenas selvagens. Os sr's. MILLIET e LOPES DE MOURA collocam (*Dic.*, II, 611) o território de São Paulo entre 33^{cc} e 26^{oo}, tendo talvez tomado por base para o primeiro dêsses números a reunião que, após a insensata revolta de 1842, foi feita de uma parte da província de São Paulo à do Rio de Janeiro. Essa reunião, porém, só foi momentânea, não tendo, em definitivo, nada mudado relativamente aos limites das duas províncias (V. os discursos pronunciados na abertura das assembléias legislativas de São Paulo, de 1843 a 1847).

(80) Já disse (*Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiaz*, II) que, a caminho de Goiaz, o rio Grande forma o limite setentrional de São Paulo. Darei a conhecer, de forma igualmente precisa, vários outros limites dessa província, à proporção que for proseguindo na presente narração.

(81) ESCHW., *Bras.*, I. Piz., *Mem. Hist.*, VIII, 304. *Ensaio*, 10.

(82) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, vol. I.

(83) Êsse nome de *Serra do Mar* é o que, geralmente, se dá à cordilheira marítima. Na província de São Paulo chamam-na também de *Serra do Cubatão*, mas essa denominação applica-se, especialmente, à parte da cordilheira que fica entre Santos e São Paulo. O antigo nome empregado pelos indígenas — serra *Paranapiacaba* —, não está, também, inteiramente fora de uso.

(2.500 pés ingleses) (84); por consequência, não há tanto para subir do lado do ocidente, quanto do lado oposto. É mesmo evidente que, acima da cidade de Santos, a serra é, apenas, rampa muito acidentada e muito escarpada do planalto, pois que, alcançando o seu ponto culminante, não se encontra, num espaço de 7 a 8 léguas, isto é, até São Paulo, mais do que uma planície ondulada, cuja rampa é, apenas, sensível (85).

Já disse em outra ocasião que, (86) quem vai do Rio de Janeiro a Minas Gerais, e, depois de transposta a Serra do Mar, toma a direção norte — noroeste, aproximadamente, encontra uma segunda cadeia de montanhas, que vai perder-se ao norte do Brasil. Essa cadeia (*Serra do Espinhaço*, ESCHW.), de onde se elevam alguns picos, notáveis pela sua altura e pela vegetação variada de que são cobertos, parece ter início na província de São Paulo, com a montanha do Jaraguá, vizinha da capital da província (87). Antes de tomar a direção quasi setentrional que segue em Minas, tem direção muito mais oriental e a conserva, enquanto dentro do território paulista (88), separando-o de Minas Gerais, sob o nome de *Serra da Mantiqueira*, nome que conserva numa parte notável de sua extensão. O espaço compreendido na província de Minas Gerais e nas do Rio de Janeiro e Mato Grosso, entre a cordilheira marítima e a Serra da Mantiqueira, não tem menos de 3 a 4 graus, e apresenta uma rêde de montanhas e vales profundos, cobertos, sem interrupção, de sombrias matas virgens. Na província de São Paulo a Serra da Mantiqueira aproxima-se mais ainda do oceano. Aí, o intervalo que separa as duas cadeias de montanhas é uma espécie de bacia estreita, que muitas vêzes não tem 1 grau ou, mesmo, $\frac{1}{2}$ grau de largura; mais para os limites do Rio de Janeiro é ainda montanhoso e todo coberto de florestas (89); além de Taubaté, porém, o aspecto se torna muito desigual, ou, simplesmente ondulado, oferecendo à vista uma agradável alternativa de matas e pastagens. Pelo fato das duas cadeias serem muito próximas uma da outra, não é lícito concluir que, na sua extremidade, a Serra da Mantiqueira forme um ângulo agudo com a cadeia marítima

(84) *Brasilien*, II, 165.

(85) VARNH. in ESCHW., *Journ.*, II, 224.

(86) *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro etc.*, I, 68.

(87) *Ensaio de um Quadro Estatístico da Província de São Paulo*, 10. KIDD., *Sket*, 238.

(88) *Voyage aux Sources du Rio de São Francisco et dans la Province de Goyaz*, I, 56.

(89) É desnecessário dizer que esta referência compreende as terras atualmente cultivadas ou que outrora o foram; se nas mesmas não se vem mais florestas, é certo, porém, que alí já existiram em época recente.

e com a mesma se confunda. Percorri a província de São Paulo em todo o seu comprimento, desde os seus limites com a do Rio de Janeiro até com os da de Santa Catarina, convencendo-me de que, se em certos pontos existem contrafortes entre as duas cadeias, não partem as mesmas de um núcleo comum. Quando o viajante, em demanda da cidade de São Paulo, se afasta do pico do Jaraguá — situado distante da cidade cêrca de três léguas e considerado, como já assinalei, extremidade da Serra da Mantiqueira — vê o solo aplanar-se por graus e acabar por não ser mais do que uma vasta planície ondulada e limitada por montanhas que se unem à do Jaraguá. Abaixo de São Paulo nota-se uma mudança do nível de 50 a 100 pés (90); em seguida, até a descida da Serra do Mar, no caminho de Santos, estende-se uma outra planície ondulada, de algumas léguas.

A província de São Paulo é mais ou menos tão bem irrigada quanto a de Minas Gerais e o sul da de Goiaz. Em seu território não se encontra, é fato, um curso de água que, atualmente, seja navegável, sem interrupção, em tão grandes extensões, como o Araguari, o Tocantins e o São Francisco; mas, situada à beira-mar, tem menos necessidade, do que as províncias centrais, de uma navegação interior; e, com o tempo, diversos de seus rios, desimpedidos dos obstáculos que, hoje lhes entravam o curso, ou margeados por um canal no pontos de difícil navegação, tornar-se-ão úteis meios de comunicação entre os habitantes da província e os de outra regiões do Brasil. Um grande número de rios conduzirá, assim, ao Paraná, que os levará ao Paraguai e a Entre-Rios, os produtos das zonas tropicais da província; ao passo que o Paraíba levará, ao norte, até o Campo dos Goitacases, as produções européias e caucásicas dos Campos Gerais e Curitiba. Há muito tempo, aliás, que os paulistas aproveitaram o rio Tietê, iniciando a gigantesca e perigosa navegação que os conduzia a Cuiabá, e, se, por ocasião de minha viagem, o comércio havia abandonado a via fluvial, pelas razões que mais tarde apontarei, o govêrno ainda da mesma se servia, algumas vêzes, para transportar até Mato Grosso tropas e munições de guerra. E' como o Tietê, no Paraná, que se lançam, mediata ou imediatamente, os rios que, ao sul da latitude onde começa a Serra da Mantiqueira, nascem da vertente ocidental da Serra do Mar, existindo, entre êles, alguns muito importantes. Os que descem da vertente oriental só podem ter um curso de pequena extensão, mas são muito úteis aos proprietários ribeirinhos, para o transporte de seus produtos aos portos mais próximos. As águas que, na bacia compreendida entre as serras da Mantiqueira e a do Mar,

nascem das duas vertentes opostas, correm, ao sul, para o Tietê e, ao norte, para o Paraíba, rios êsses que, depois de se encaminharem, ambos, para o oeste, se afastam, dirigindo-se o primeiro para noroeste, e o segundo para nordeste.

Seja-me permitido dizer, de um modo geral, que o clima da província de São Paulo convém melhor à espécie humana do que o da maioria das outras partes do Brasil. Ê, entretanto, bem fácil de compreender que um clima uniforme não poderia reinar numa região que possuindo zonas intra e extra-tropicais, compreende 8 graus de latitude: região que, além disso, em uma de suas partes se estende ao nível do mar, ao passo que a outra parte se eleva, formando um planalto mais ou menos desigual. Relativamente ao clima, como sob outros aspectos, a província de São Paulo é naturalmente dividida, pela cadeia marítima, em duas regiões — uma, que compreende todo o litoral, é muito mais quente e muito menos salubre do que a outra, formada pelo planalto. Na primeira, a temperatura não varia, excessivamente, do norte ao sul; no planalto, ao contrário, apresenta diferenças mais sensíveis, e, se procurarmos apreciá-la em diversas partes da província, pelo exame da respectiva vegetação, veremos que, com relação aos produtos do solo, particularmente os produtos cultivados, a extremidade sul do litoral só corresponde, no planalto, aos distritos mais setentrionais.

Para além dos montes que formam a cadeia marítima, as diferenças de temperatura nos diversos meses do ano são mais sensíveis do que sob paralelos menos afastados da linha equinocial; mas, à beira-mar, tal desigualdade não existe, o que, de resto, só vem confirmar uma regra geral, bem conhecida dos meteorologistas. Como em Minas e Goiaz, distinguem-se, no planalto paulista, duas estações — a das chuvas, que, segundo as regiões, e, talvez, os anos, começa em outubro ou novembro; e a da sêca, cujo início é em março ou abril. O mesmo, entretanto, não ocorre tão marcadamente no litoral (91), onde chove pouco mais ou

(91) Eis como a êsse respeito se exprimia o venerável Padre ANCHIETA, em 1560: — “In hac parte Brasilæ quæ S. Vincentius dicitur... nec veri certum tempus, nec hyemi potest assignari; perpetuâ quadam temperie conficit sol cursus suos, ita nec frigore horret hyems, nec calore infestatur æstas; nullo temporæ anni cessant imbres, adeo ut quarto, tertio, aut secundo etiam quoque die alternis vicibus sibi pluria solque succedant... Paratingæ autem et aliis quæ ipsam versus occasum subsequantur locis ita a naturâ comparatum est, ut si quando ardentiore calore (cujus maxima a novembri ad martium vis est) dies æstuaverint, pluvias infusione capiat refrigerium, quod et hic usu venit... Hyeme vero (exacto autumnu qui a martio incipiens mediâ quadam temperie conficitur) suspenduntur pluviz, frigoris autem vis horrescit, maxima junio, julio et augusto; quo tempore et sparsus per campos pruinas omnem fere arborem et herbam perurentes sæpe vidimus (*Epistol. in Notic. Ultramar.*, I, 133-137).

todo o ano, afimando-se, mesmo, que, em Santos, caem fortes chuvas durante grande parte do ano, fenômeno que MAWE e ESCHWEGE atribuem à situação da cidade, localizada entre altas montanhas (92). O parágrafo seguinte, em que trato da vegetação da província de São Paulo, fará, possivelmente, compreender o que acima afirmei sôbre a temperatura e o clima dessa província.

III — VEGETAÇÃO

Florestas contínuas cobrem a parte da província de São Paulo mais próxima do território da do Rio de Janeiro, todo o litoral, bem como a Serra do Mar, estendendo-se mais ou menos pelo planalto. A Serra da Mantiqueira é, igualmente, coberta de florestas, que, com as já referidas, formam um vasto conjunto. O planalto, entretanto, apresenta uma alternativa de matas e de ricas pastagens.

A província de Minas Gerais, inteiramente situada entre os trópicos, não conhece inverno e é atravessada pela cadeia de montanhas mais elevada do Brasil, pelo que deve, necessariamente, possuir uma flora muito mais rica do que a de São Paulo, e acredito que, em média, se encontrará enorme diferença entre o número de espécies vegetais existentes sôbre uma légua quadrada de terras da primeira e o existente em igual extensão de terras da de São Paulo. Todavia, se nos limitarmos a comparar as terras dessas duas províncias, relativamente às diferentes formas que, segundo as regiões, caracterizam o conjunto da vegetação, veremos que a província de São Paulo não oferece menos diversidade do que a de Minas. Procurar-se-iam, em vão, no território paulista, as florestas anãs, de três ou quatro pés de altura, comuns em Minas, florestas em que domina a *mimosa dumetorum*, AUG. S. HIL., e denominadas *carrascais* ou *carrascos* (93); procurar-se-iam, debalde, as *caatingas*, que, sob o rigor do sol dos trópicos, apresentam, de junho a julho, a imagem das florestas européias desprovidas de folhagem, no outono (94); mas, em troca, Minas não conhece a vegetação marítima, e as poucas araucárias (pinheiros), espalhadas em algumas matas da

(92) *Travels*, 60. — *Journ. v. Bras.*, 76.

(93) Para o lado de Castro, vila pertencente aos Campos Gerais, as moitas, que crescem em terras más e nas pastagens quasi sempre tosadas pelo gado, têm o aspecto dos *carrascos*; mas o aspecto, unicamente.

(94) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, II, 2, 98 e segs.

comarca de SÃO JOÃO D'EL REY, só podem dar uma pálida idéia das imensas florestas formadas, nos Campos Gerais, por essa majestosa árvore.

Percorrendo rapidamente a província de São Paulo, do norte ao sul, tentarei apresentar um resumido quadro das várias formas vegetais que se sucedem em seu território. Desde a fronteira da província do Rio de Janeiro até o caminho de Minas Gerais por Santa Maria de Baependí, temos, numa região montanhosa, matas virgens que recordam, exatamente, as das vizinhanças da capital do Brasil. As árvores têm ali o mesmo vigor; as palmeiras e as *cecrópias* crescem em igual abundância; e côr verde das folhagens apresenta os mesmos tons carregados. Além da povoação de Cachoeira, nas circunvizinhanças de Lorena e de Guaratinguetá, cêrca de 22° 46' de latitude sul, o terreno, pantanoso e geralmente, arenoso, só oferece, por tôda a parte, uma vegetação rala, mas que ainda pertence, até nas menores particularidades, à flora do Rio de Janeiro. Ali, como nos brejos da paróquia de Santo Antônio de Jacutinga, só se vêem árvores e arbustos de pouca folhagem, de troncos finos, de galhos quasi retos e muito curtos. A cêrca de uma légua de Guaratinguetá, a vegetação dos brejos desaparece completamente, mas é difícil determinar se o que apreciamos é, em tôda a parte, resultante do trabalho destruidor dos homens, ou, se, em alguns pontos, a paisagem foi sempre tal qual a vemos hoje. Em nenhum trecho deparamos com verdadeiras florestas virgens. Muitas vêzes os arbustos e as árvores aparecem rarefeitos no meio da relva, outros se apresentam mais compactos e, em espaços relativamente consideráveis, formam um espêsso *capão*, entremeiado de *mimosas espinhosas*; e, quando a estrada atravessa êsses bosques, parece estar cercada por virentes e encantadoras sebes, semelhantes às que cercam os jardins e arrabaldes do Rio de Janeiro.

É Pindamonhangaba, a 22° 55' de latitude sul que forma o limite da flora da capital do país. Mais para longe, as terras apresentam maravilhosa alternativa de matas, umas muito vigorosas, outras mais ou menos ralas, pastagens sêcas ou úmidas, brejos completamente descobertos, e outros de onde emergem árvores e arbustos de troncos finos. A região situada entre Pindamonhangaba e São Paulo é das em que se observa maior variedade de vegetação. Encontrei ali plantas que ainda não tinha visto em qualquer outro ponto, e, contudo, havia já perto de seis anos que percorria o Brasil, herborizando por todos os recantos, com infatigável zêlo.

Se, vindo de Vila Boa, dirigimo-nos do Rio Grande, limite da província de São Paulo, para a cidade do mesmo nome, veremos a vege-

tação tropical dos campos de Goiaz e do rio São Francisco alterar-se gradativamente. Aquém da fronteira, cêrca de 32° de latitude sul, o elegante *buriti* (*mauritia vinífera*) cessará de se elevar majestosamente do meio dos brejos, que só oferecem ao botânico humildes ervas rasteiras no terreno esponjoso. Durante prolongado tempo ainda atravessamos campos semeados de árvores retorcidas e raquíticas, pertencentes, com pouca diferença, às espécies observadas desde 14° ou 15°. Pouco a pouco, entretanto, outras pastagens, compostas apenas de ervas e subarbustos, misturam-se às primeiras, tornando-se cada vez mais raras. À medida que avançamos para o sul, as mesmas espécies se repetem mais a miude e, por conseguinte, encontramos menor variedade na vegetação. O *capim flecha* mistura-se às outras gramíneas, tal qual ocorre nas campinas altas de São João d'El Rei, fornecendo, igualmente, uma preciosa forragem para o gado.

Perto da vila de Mogi Mirim, a 22° 20' de latitude austral, os capões de mato, disseminados pelas pastagens, têm uma extensão que, em qualquer parte, não apresentam, desde Santa Cruz de Goiaz; e, nos lugares das derrubadas outrora feitas na região, é encontrado o grande feto — (*pteris caudata*, ex MART.), que, no oriente de Minas Gerais, sucede às florestas virgens, mas que não é encontrado em continuação às florestas de Goiaz. Êsses capões, assaz multiplicados em enorme extensão, e que caracterizam as cercanias de Mogi, não são mais do que os precursores de total mudança na vegetação. A cêrca de 4 léguas dessa pequena vila, os campos desaparecem por completo, entrando-se numa imensa floresta. E' sabido que, em Minas Gerais, a região dos campos tem por limite a zona das montanhas, e a das florestas a sucede, quando o terreno cessa de ser plano ou ondulado (95). No território de São Paulo o mesmo não ocorre — quando as grandes matas começam aparecer, as terras são tão planas como as anteriores, e, só depois do percurso de cêrca de 12 léguas, é que são encontradas pequenas montanhas — as de Jundiá, a cêrca de 23° 3' de latitude sul. A 6 ou 7 léguas de São Paulo, aproximadamente, não vemos senão o grande feto, cujas antigas fôlhas, completamente sêcas e mais numerosas do que as novas, dão à campina um aspecto triste e acinzentado. Essa região era, outrora, inteiramente coberta de matas. Ha cêrca de 3 séculos começou a ser habitada pelos homens brancos, não sendo, pois, motivo, de admiração o fato das árvores terem sido alí destruídas. Aproximamo-nos de

(95) V. meu *Tableau de la Végétation Primitive dans la Province de Minas Gerais*, impresso nos *Annales des Sciences Naturelles*, de setembro de 1831, e nos *Annales de Voyage*.

São Paulo. O terreno torna-se menos desigual, acabando por constituir uma vasta planície ondulada, oferecendo-nos, então, em meio de uma relva quasi rente ao solo, numerosos capões de mato, pouco elevados e mui próximos uns dos outros, mas de pequena extensão semelhante uma marchetaria em que estão imbutidos dois tons de verde muito diferentes — o verde da relva, tão grato à vista, e os dos bosques, de coloração mais carregada. Ficamos a imaginar se êsses capões de mato não são os restos da floresta que encontramos perto de Mogí-Mirim, e se a região não foi outrora coberta de árvores até São Paulo. A natureza da vegetação levaria a assim acreditar; mas a disposição dos terrenos e todos os documentos históricos militam contra semelhante opinião. Sem as luzes por êsses documentos fornecidos, ficaríamos na incerteza em que se encontra a Europa relativamente ao estado primitivo da maior parte de seus prados e campos; e, em consequência, julgo não ter sido inútil à ciência, fazendo conhecer a topografia botânica das diversas regiões que visitei e cuja vegetação primitiva ainda não desapareceu. Saber-se-á, assim, o que foram essas belas campinas antes de se transformarem nas culturas de milho, de mandioca ou de cana de açúcar que um dia as cobrirão; e, talvez, qualquer amante da natureza, terá saudades das brilhantes flores dos *campos*, da majestade das florestas virgens, dos cipós enlaçados em festões pelas árvores e da imponente voz dos desertos.

A cidade de São Paulo está situada a 23° 33' 10" e a 2.462 pés ingleses (753 ms., 19) acima do nível do mar (96); vale isso dizer que seu clima convém perfeitamente às plantas européias e caucásicas, e que sua flora é bem diferente das do Pará, Baía e Pernambuco, e, mesmo, das de Minas Novas e dos desertos vizinhos de Contendas e de Salgado (97). O grupo das *chicoráceas*, a bem dizer desconhecido nas províncias setentrionais do Brasil (98) encontra dois representantes nas pastagens úmidas de São Paulo. A maior parte das espécies botânicas, que colhi nas circunvizinhanças dessa capital, pertencem a famílias igualmente existentes na França, e várias se relacionam, mesmo, com gêneros da flora francesa, tais como a *viola gracillima*, AUG. DE S. HIL., um *juncus*, a *villarsia communis*, a *anagallis tenella*, var., fili-

(96) ESCHW., *Brasilien die Neue Welt*, II, 80. De acôrdo com as observações do capitão KING (in PEDRO MÜLLER, *Ensaio de um Quadro Estatístico*, 7), o ponto mais elevado da cidade de São Paulo corresponderia ao cume da Serra do Mar, na estrada de Santos — 375 braças ou 825 metros.

(97) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, II.

(98) Na província de Goiaz, pelos lugares onde andei, encontrei uma única *Chicorácea*.

formis, AUG. DE S. HIL. e GIR., a *utricularia oligosperma*, AUG. DE S. HIL., que se tomaria, à primeira vista, pela *utricularia vulgaris*, L. Sementes de plantas européias, sem dúvida transportadas com sementes de legumes, naturalizaram-se na região. O *polycarpon tetraphyllum*, L., cresce nas paredes; o *antirrhinum orontium*, L. e a *silene gallica*, L. constituíam duas das ervas más de um jardim por mim visitado, e encontrei, dentro da própria cidade de São Paulo, o *marrubium vulgare*, L. e o *conium maculatum*, L. Tôdas as plantas de ornamentação, que embelezavam nossos antigos jardins, são cultivadas com sucesso nos arrabaldes da cidade. Pelos fins de novembro florescem os cravos, flores favoritas dos paulistas, os botões d'ouro, as papoulas, as ervilhas de cheiro, as escabiosas, as saudades, as cravinas etc. (99). Os morangos, de gôsto tão agradável como os da França e da Alemanha, abundam em todos os jardins. Os pessegueiros florescem, informaram-me, pelo mês de agôsto, perdendo, então, a folhagem, que é, em pouco tempo, substituída por novas fôlhas. As laranjeiras, os limoeiros, figueiras, romeiras, ameixeiras, damasqueiros, marmeleiros, nogueiras e castanheiros fornecem, anualmente, em fevereiro ou março, com maior ou menor abundância, seus frutos, uns bons, outros medíocres. Em fins de novembro de 1819, as macieiras e as amoreiras estavam ainda em plena floração. O clima de São Paulo, tão favorável à cultura dessas frutas, não o é, entretanto, relativamente à da vinha, como acontece em algumas regiões tropicais, por exemplo — Sabará, Meia Ponte, Paracatú — onde a videira frutifica duas vêzes por ano, e, talvez mais ainda, se fôsse multiplicadas as podas. Em São Paulo a videira só frutifica uma vez por ano, ficando despojada das fôlhas durante todo o tempo do frio (100). A sua floração começa, segundo me informaram, pelo fim do mês de outubro e os frutos amadurecem em janeiro ou fevereiro. De tôdas as árvores frutíferas, o pessegueiro é a mais comum e a que melhores resultados dá, não sômente nas vizinhanças de São Paulo, mas também em todo o Brásii extratropical. A pereira, em São Paulo e mesmo no Prata, produz menos e com maior dificuldade do que as outras frutas européias, e afirmaram-me que, para a mesma frutificar, é mister ser muito mais velha do que na Europa. As cerejeiras não são abundantes e não produzem bons frutos. Não é motivo para admiração a diferença que assinalo aquí, pois, avançando-se para o norte da Europa,

(99) *Dyanthus caryophyllus*, L., *ranunculus acris*, L., *papaver orientale*, *lathyrus odoratus*, L., *scabiosa atropurpurea*, L., *calendula officinalis*, L., *tagetes patula*, L. etc.

(100) V. as três *Narrativas* que já publiquei.

vêm-se pereiras e cerejeiras carregadas de frutos muito tempo depois que frutificaram os damasqueiros, os pessegueiros, e, sobretudo, as figueiras e as romeiras.

Depois de ter deixado São Paulo, dirigi-me, pelo planalto, para a fronteira meridional da província; antes, porém, desviei-me um pouco para o noroeste, afim de visitar as vilas de Itú e Pôrto-Feliz. Num espaço de cêrca de 12 léguas, a região é quasi semelhante a que atravessei, imediatamente antes de chegar a São Paulo, vindo de Goiaz. As terras são intermeiadas de aprazíveis pastagens e capões de mato pouco elevado, onde predominam as *myrtaceas*, a *therebintacea* denominada *aroeira* (*schimus*), a *baccaris* tão comum, a que se dá o nome de *alecrim dos campos* etc. Espaços assaz consideráveis são cobertos de *barba de bode* (*choetaria pallens*, var. *y*, NEESQ, gramínea também encontrada em vários lugares elevados da parte meridional de Minas Gerais. A cêrca de 12 léguas da vila de Itú, o terreno torna-se muito montanhoso e a vegetação muda inteiramente de aspecto — uma grande floresta sucede aos capões de mato entremeiados de pastagens.

Como caminhássemos um pouco para o norte, afim de atingir Pôrto-Feliz, e, sobretudo, pelo fato de sempre descermos, pois seguíamos o curso do Tietê, penetramos, como era natural, numa região muito mais quente do que a cidade de São Paulo. A 5 léguas de Itú, 25°27', aproximadamente, encontrámos um *campo*, onde, em meio de ervas e sub-arbustos, elevam-se, umas bem juntas das outras, árvores definhadas, de casca suberosa, com folhas duras e quebradiças, e continuámos ainda a ver as espécies, que não cessamos de observar, desde 14° e 15°, nas localidades próximas, tais como uma *gutífera* e uma *leguminosa* comuns às regiões de temperaturas muito elevadas; o *peque*, cujos frutos são comestíveis (*caryocar brasiliensis*, AUG. DE S. HIL., JUSS., CAMB.); *qualea* e, mesmo, o *boralé* (*brosinum*), que vegeta nos desertos setentrionais de Minas Gerais (101). Semelhantes *campos* (*taboleiros cobertos*) existem também perto de Sorocaba, vila situada pouco mais ou menos a 25°20', e a cêrca de 5 ½ léguas de Pôrto-Feliz. Essa região é o limite dêsse gênero singular de vegetação, pertencente, especialmente, às zonas setentrionais. As pastagens naturais que atravessamos até as lindes da província de São Paulo, e, ainda mais longe, no Rio Grande, nas missões do Uruguai, enfim, as campanhas de Montevidéu e de Buenos Aires, são simplesmente relvosas.

(101) Por muito notável exceção, encontrámos um *campo* do mesmo gênero, muito mais longe, para o sul, próximo da localidade denominada Caxambú.

Não se deve, entretanto, pensar que não sejam encontradas outras sortes de vegetação intermediárias entre os *campos* semeados de árvores raquíticas e retorcidas e a pastagens pròpriamente ditas: raramente a natureza procede sem transições. A pouca distância de Sorocaba, cresce, abundantemente, uma pequena palmeira entre os tufos de *gramíneas*, e, em alguns lugares, elevam-se pequenas árvores, entre as quais avultam *myrsíneas*. A algumas léguas também dessa vila, encontra-se, nos lugares pantanosos, um gênero de vegetação que encontrámos muitas vèzes em Minas e Goiaz (102). Capões de mato, que ocupam sempre a parte mais baixa dèsses pântanos, formam, de ordinário, uma orla extensa, apresentando à vista um espêsso conjunto de arbustos e de árvores de troncos frágeis e compridos, quasi todos ramosos desde a base. Ademais, na região, como em Minas, os pântanos não ostentam uma tão grande variedade de plantas, quanto na Europa.

As pastagens, além das cercanias de Sorocaba, são entremeiadas de capões de mato de uma extensão mais ou menos considerável; aquelas excelentes para a criação de gado, compõem-se, especialmente de gramíneas, e, nas mesmas, não só não crescem árvores, como, ainda vêem-se poucos sub-arbustos. Entre os matos, alguns há que oferecem uma vegetação muito vigorosa; mas não tornamos a encontrar, em nenhuma parte, a imponente majestade das florestas primitivas do Rio de Janeiro. Só naturalista sedentário poderá descrever, com minúcia, as árvores dèsses matos e dizer a que gêneros e espécies pertencem tôdas elas. É muito mais fácil estudar as plantas dos campos, entre as quais são encontradas muitas que, igualmente, crescem em Minas, em Goiaz e nas regiões setentrionais da província de São Paulo. Para se fazer uma idéia mais precisa da vegetação dèsses lugares a que vamos nos referindo, tomaremos cento e trinta e duas espécies de plantas colhidas em janeiro, num espaço de 32 ou 34 léguas das cercanias de Sorocaba, entre 23°20', aproximadamente até o rio Tararé ou Itararé, e 24°, também aproximadamente, e as compararemos com igual número de espécies colhidas, dos fins de junho ao comêço de Agôsto, entre Meia Ponte, cidade de Goiaz, vila de São José e o Rio Claro, região que não é, certamente, mais elevada do que a parte de São Paulo a que vamos nos referindo, pois vizinha do grande divisor das águas do norte e do sul do Brasil (serra do Corimbá e serra do Tocantins); se fizermos essa comparação, veremos que as cento e trinta e duas espécies colhidas em São Paulo divi-

(102) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, e minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*.

dem-se entre quarenta famílias, e, as colhidas em Goiaz, dividem-se entre quarenta e seis famílias. Entre as primeiras, sete grupos, unicamente, não são encontrados na flora da França; entre as segundas, quinze não o são. As *melastomáceas* e as *malpighias*, tão *comuns* nos trópicos, tornam-se raras entre Sorocaba e o Tararé. Ademais, em vez de quatorze *papilionáceas* colhidas nesta última região, só encontramos seis em cento e duas plantas de Goiaz. Por três *labiadas* encontradas em São Paulo, contámos nove em Goiaz, tôdas pertencentes à família das *hiptídeas*, não existente na Europa. Dois grupos, apenas, existem, também, na Europa — os *acanthos* e os *myrtos*, que apresentam mais espécies em Goiaz do que em São Paulo. Nas duas províncias, a família das *compostas* é a que apresenta mais espécies; depois delas vêm, em Goiaz, as *mirtáceas*, as *laliadas*, as *acanthéas* e as *melastomáceas*. As *papilionáceas* são, em S. Paulo, quasi tão numerosas quanto as próprias *compostas*. É desnecessário dizer que outras estações nos ofereceriam diferenças mais ou menos sensíveis, e que, unicamente uma completa coleção da flora das duas regiões, forneceria os meios para estabelecer uma comparação perfeitamente exata; mas, como não a possuímos, é mister nos contentarmos com uma estatística aproximada.

Uma família essencialmente européia, absolutamente desconhecida em Goiaz — a das *coníferas* —, tem, na parte da província de São Paulo a que vamos nos referindo, um nobre representante, que é a majestosa *araucária brasiliensis*, a mais útil e a mais bela de tôdas as árvores do Brasil extra-tropical. É a cêrca de 9 léguas aquém do Tararé que começamos a vê-la. Podemos, assim, considerar os 23° 39' ou 40° como sendo, no planalto de São Paulo, o limite setentrional de seu *habitat*. É também encontrada, na parte mais meridional da província de Minas Gerais, entre 21°10' e 21°55', mais isso a uma altura de 1.066 ms., 450 (103), porquanto nos é fácil avaliar a altura média da região que se estende diretamente de São Paulo a Curitiba, de mais de 400 a 600 metros (104), e é assim que uma elevação mais considerável compensa uma distância maior da linha equinocial.

Além do Tararé, o campo muda inteiramente de aspecto: entramos nos *Campos Gerais*, a região mais interessante e mais bella, talvez, de todo o Brasil meridional. Os Campos Gerais que têm início pouco mais ou menos a 23° 40', terminam, aproximadamente, a 25°, a cêrca de 8

(103) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc, I, 84.

(104) A cidade de São Paulo, provavelmente muito mais elevada do que tôda a região compreendida entre ela e Curitiba, é, como já disse, situada a 402 ms., 60 (183 braças) acima do nível do mar. (KING in P. MÜLLER, *Ensaio*, 7).

ou 10 léguas de Curitiba. Acidentados e bem cobertos de matos, apresentam, em geral, um terreno plano e ondulado, onde, a perder de vista, descortinam-se imensas pastagens, cujo verde claro contrasta, agradavelmente, com as sombrias tintas dos capões de mato que se elevam nas baixadas. Ora só as *araucárias* formam êsses capões; ora misturam-se com outras árvores de um verde tão carregado como o que lhes caracteriza a folhagem. Enquanto que, na Europa, quasi nenhuma planta cresce nos bosques de pinheiros, nos Campos Gerais, uma infinidade de arbustos e sub-arbustos de plantas herbáceas nasce entre as *araucárias*, *contrastando*, sob vários aspectos, com a rudeza dessas grandes árvores e com as tintas sombrias das mesmas.

São as *gramíneas* que formam o conjunto das pastagens naturais; as outras plantas que em meio delas crescem, não são, como é natural, as mesmas em tôdas as partes. As mais comuns são, principalmente, as *vernônias*, as *mimóseas*, um *convolvulus*, a *composta* denominada vulgarmente *charrua*, uma *verbenácea*, uma *cássia* e uma *labiatiflora*. Em janeiro, em fevereiro e, mesmo, no comêço de março, a verdura dos Campos Gerais é tão fresca e aprazível quanto a dos prados europeus, mas não é, como a dêstes, esmaltada por tão grande número de variadas flores. Algumas pastagens, entretanto, apresentam, também flores muito numerosas; as provenientes de um *eryngium* e de uma *composta* são as que se vêem mais abundantemente, e, ao passo que as de côr amarela e branca predominam nos campos europeus, nos Campos Gerais são as de côr azul-celeste que predominam nas pastagens muito floridas.

Os botânicos encontrarão uma enorme variedade de plantas nas baixadas pantanosas próximas de Igreja Velha, e, provavelmente, em tôdas as localidades de análoga topografia; mas, em geral, não se encontra, nos Campos Gerais, grande número de espécies. Entre as que ali crescem, muitas existem que, debalde, se procurariam sob os trópicos. São encontradas em abundância, porém, muitas pertencentes a regiões assaz distantes, do lado do norte. Encontra-se, mesmo, para os lados de Caxambú, um campo onde árvores tortuosas e mirradas estão, como em Minas e Goiaz, disseminadas entre ervas e sub-arbustos; e, em o número de tais plantas, há várias que, por exceção muito singular e difícil de ser explicada satisfatòriamente, pertencem aos campos das províncias equinoxiais. Pode-se dizer, generalizando, que a flora dos Campos Gerais tem alguma relação com a da província limítrofe mais meridional e menos elevada — a do Rio Grande de São Pedro do Sul —, mas que mais se aproxima da das regiões mais setentrionais do Brasil.

Se compararmos as espécies dos Campos Gerais com as que são encontradas na *região das florestas*, nas cercanias da capital de Minas Gerais, a 20° 23' de latitude sul, de Mariana, a 20° 21', e de São Miguel de Mato Dentro, não notaremos, sem dúvida, muitas comuns às duas referidas regiões e observaremos, também, grandes diferenças no conjunto das formas vegetais; mas a estatística das famílias das duas regiões impressionará pelas suas mútuas relações. Trezentas e quinze espécies colhidas nos Campos Gerais, de 29 de janeiro a 9 de março, repartem-se em sessenta e sete grupos, dos quais 17 não existem, absolutamente em França; em trezentos e vinte espécies fornecidas, de 1 de janeiro a 21 de fevereiro, pelas cercanias de Vila Rica, Mariana e São Miguel do Mato Dentro, repartidas em 55 famílias, unicamente dezesseis são inteiramente tropicais, e, dentre elas, só nove são encontradas nos Campos Gerais. Entre as cinquenta famílias comuns a esta última região e à Europa, há apenas quatorze que não são encontradas entre as cinquenta e cinco de Minas. Nos Campos Gerais, as *corimbíferas* (JUSS.) formam o grupo mais numeroso em espécies, pois constituem cêrca de um sexto do total; vêm, em seguida, as *papilionáceas*. Em Minas, são as *melastomáceas* que predominam, mas constituem, apenas, um décimo do conjunto das espécies; apresentam-se, depois, respectivamente, os *fetos* e as *gramíneas*, vindo em quarto lugar as *corimbíferas*. As famílias que sem ser unicamente tropicais, e que só têm raros representantes na Europa, apresentam quasi o mesmo número de espécies nas duas regiões a que nos vamos referindo. Entre as trezentas e vinte cinco espécies de Minas não se encontram *paronchias*, *chicoráceas*, *carofiladas*, *renunculáceas*, *primuláceas*, *poligonadas*, *salicinadas*, *alismáceas*, *liliáceas* (JUSS.), nem *asfodeladas* (JUSS.); e êsses grupos têm seus representantes nos Campos Gerais. A única espécie de *valerianácea* que colhemos no Brasil foi fornecida por esta última região, e a única *cistinada* americana (105) começa a aparecer nessas mesmas terras, e daí continua a aparecer até muito mais longe, para o sul. A essas plantas, pertencentes também à flora francesa, reúnem-se 10 *mimosáceas*, 5 *cássias*, 2 *gutíferas* (106), uma *vochysia*, 6 *melastomáceas*, a *sauvagésia erecta*, LINN., que se encontra sob a linha equinoxial, uma *turnera*, duas *hipocrácias*, uma *anonácea* (107), uma *cunoniácea* etc. (108).

(105) *Helianthemum brasiliensis*, PERS. (*Cistus brasiliensis*, LAM.).

(106) Uma das quais é a *clusia criúva*, AUG. DE S. HIL., JUSS., CAMB.

(107) *Gualtéria australis*, AUG. DE S. HIL.

(108) *Weinmannia hirta*, SW.

Os gêneros que, tendo representantes na Europa, são encontrados em Minas, têm, na maioria dos casos, um lugar no catálogo das plantas dos Campos Geraes, onde, a mais, se contam um *salix*, duas *paronychias* (109), um *clematis* (110), um *cerastium* (111), dois *anagallis* (112), seis *hypericum* (113) etc.

Se, em vez de compararmos as plantas dos Campos Gerais com as da comarca de Vila Rica, comparássemos as mesmas com espécies colhidas sob uma latitude aproximada a dessa última região, mas em sítio muito menos elevado (às margens do rio São Francisco, por exemplo), é certo que obteríamos diferenças mais acentuadas. Muito menos afastada, é verdade, da linha equinocial do que os Campos Gerais, Vila Rica ou Ouro Preto está situada a 1.152 ms. (630 toezas) acima do nível do mar. Mariana a 729 ms. (398½ toezas) (114), e São Miguel do Mato Dentro, provàvelmente à mesma que Mariana. A altura dos Campos Gerais não pode ser, como acima já assinalai, de mais de 400 a 600 ms. De resto, é de se crer, que, se a nossa comparação fôsse baseada sôbre plantas colhidas em outros meses que não os de janeiro e fevereiro, chegaríamos a resultados diferentes. Acrescentarei, como já disse acima, com referência à região que precede os Campos Gerais, que as comparações em casos como o em aprêço não podem ser rigorosas, a não ser que possuísemos completa coleção da flora das duas regiões comparadas. O que temos dito sôbre o assunto só pode ser conceituado como simples esbôço: não se abre uma estrada unicamente pelo fato de se ter fincado, no terreno que a mesma deve atravessar, algumas balisas; mas é essa uma operação pela qual é indispensável começar-se.

A alguma distância do extremo dos Campos Gerais, a região torna-se mais montanhosa e mais coberta de matas. Além dêsse extremo, entra-se numa sombria floresta; Curitiba, que, entretanto, logo alcançamos, está ainda situada numa planície desnuda e ridente. Nas matas vizinhas dessa cidade cresce, abundantemente, o *mate* (*ilex paraguariensis*, AUG.

(109) *Paronychia communis*, AUG. DE S. H., JUSS., CAMB., e *paronychia camphorosmoides*, AUG. DE S. HIL., JUSS., CAMB.

(110) *Clematis campestris*, AUG. DE S. HIL.

(111) *Cerastium commersonianum*, SER.

(112) *Anagallis alternifolia*, CAV., e *anagallis tenella*, var. ascendente, AUG. DE S. HIL. e GIR.

(113) *Hypericum ternum*, *teretiuseulum*, *laxiuseulum*, *rigidum*, *denudatum*, *tenuifolium*, AUG. DE S. HIL.

(114) ESCHW., *Journal von Brasilien*, I, 37.

DE S. HIL.) (115), cujas fôlhas e ramas constituem objetivo de importante comércio. Os habitantes de Curitiba vangloriam-se pelo fato de, como afirmam, produzirem suas terras a *quina do Perú*; mas, a casca da planta a que dão êsse nome, casca excessivamente amarga e empregada com ótimo proveito contra as febres intermitentes, é a de um *solanum* (*solanum pseudoquina*, AUG. DE S. HIL.) (116).

À medida que nos afastamos de Sorocaba, ficamos à maior distância do trópico do Capricórnio. A temperatura média das regiões foi-se tornando gradativamente mais baixa e vimos ir desaparecendo, sucessivamente, a cultura das diversas produções coloniais, cujos *habitats* são limitados por êste conjunto de fatôres — a natureza de cada espécie, a elevação do sólo e o menor ou maior afastamento do equador. Além de Sorocaba, perto dos 23° 20' de latitude sul, o cafeeiro não é mais cultivado. Itapetininga, aproximadamente a 23° 38', é o limite da cultura da cana de açúcar; Itapeva, situada entre 15 ou 18 léguas mais ao sul, o das bananeiras; para o lado da Serra das Furnas, a cêrca de 30 léguas de Itapeva, cessa a cultura dos algodoeiros, que, desde Tararé, gelam, anualmente, após a colheita. Em Curitiba (a 25° 51', aproximadamente) as laranjas são muito ácidas e não é mais possível a cultura dos ananases (117).

Mas, se as plantas de cultura tropical desaparecem dos Campos Gerais e do distrito de Curitiba, o trigo, em compensação, é ali cultivado com proveito, e as árvores frutíferas da França e do sul da Europa, mesmo as cerejeiras e as pereiras, dão frutos mais ou menos abundantemente. É para lastimar, todavia, que a época das grandes chuvas coincide com a do desenvolvimento dos frutos, resultando daí que, exceto os figos, os demais frutos consigam perfeita maturação. De tôdas as árvores frutíferas é o pessegueiro a mais comum, pois não exige nenhum cuidado de cultura, sendo até empregado para cercar as propriedades.

(115) Os botânicos, nem sempre muito escrupulosos relativamente às regras gramaticais, têm excessivos escrupulos no que se refere à nomenclatura específica das plantas. Em consequência dessa última circunstância, pensaram alguns ser necessário mudar a denominação *paraguariensis*, que adotei, para *paraguayensis*; mas assim pensaram, certamente, por ignorarem que a primeira foi consagrada desde muitos anos, e que, por conseguinte, a segunda constitui uma espécie de barbarismo.

(116) V. meu trabalho intitulado *Plantes Usuelles des Brésiliensis*, n. XXI.

(117) Em outro ponto afirmei, incorrendo, provávelmente, em êrro, que a serra das Furnas, constituía o limite da cultura dos ananazes (*Aperçu d'un Voyage ao Brèsil. — Introduction à l'Histoire des Plantes les plus Remarquables du Brèsil et du Paraguay*, pl. XL). Comem-se ananases nas cercanias de Castro, e a serra das Furnas fica situada a duas léguas dessa vila. Devo acrescentar que, desde minha viagem, aproveitando-se, sem dúvida, boas disposições locais, os diversos limites por mim indicados estenderam-se um pouco mais além, para o sul.

Floresce a partir de agosto e produz, em grande abundância, seus frutos, que, muitas vezes, já podem ser comidos em princípios de fevereiro.

Em vez de prolongarmos a nossa viagem pelo planalto, além de Curitiba, descemos a serra do Mar, ali denominada serra de Paranaguá, chegando ao litoral. Nesse ponto tudo se transforma à nossa vista — as plantas européias desaparecem. Revemos os algodoeiros, as bananeiras, a cana de açúcar, os caféeiros, as *cecrópias* e uma infinidade de espécies pertencentes à flora do Rio de Janeiro. Assim, ao passo que, no planalto, quasi a um grau aquém do trópico, essa flora cedeu lugar a uma outra, encontramos-la, pelos 25° 51', no litoral, onde se estende, com modificações, não só até as fronteiras marítimas da província de São Paulo, como ainda até a ilha de Santa Catarina. Isso vem provar que a vegetação das costas apresenta uma uniformidade bem maior que a do interior dos continentes, fenômeno que, de resto, não deve causar admiração, porquanto a temperatura e outros agentes externos estão, nas costas, sujeitos, como é sabido, a variações muito menos sensíveis.

IV — POPULAÇÃO

Sobre a estatística da província de São Paulo, tem-se documentação mais precisa e mais numerosa do que sobre a de Goiaz, mas, verdade seja dita, está essa documentação longe de merecer inteira confiança. Se há no Brasil quem saiba alinhar algarismos tão bem como se faz na França na Alemanha, é de crer que possua os mesmos meios que nós para lhes dar o necessário cunho de exatidão. A preguiça geral no país, a ignorância de seus habitantes, sobretudo em certas regiões da província de São Paulo, a extrema disseminação dos habitantes são outros tantos obstáculos que se opõem a que, com referência à população, especialmente, se obtenham dados precisos. Os que se obtêm são, apenas, aproximações; mas, analisando as aproximações e cotejando-as entre si, pode-se, contudo, chegar a resultados curiosos e úteis.

De acôrdo com dados provavelmente oficiais, haveria, na província de São Paulo:

Em 1777, 116.975 habitantes

"	1805,	192.729	"			
"	1812,	205.267	"			
"	1813,	209.219	"	repartidos por	26.150	casas
"	1814,	211.928	"			
"	1815,	215.021	"	"	35.767	"
"	1820,	239.290	"	"	40.726	"
"	1826,	258.901	"			
"	1836,	326.902	"	"	50.968	" (118).

Se operarmos com o último desses números, referentes à época mais aproximada da em que escrevemos, e se, por outro lado, admitirmos como sendo de 17.000 léguas quadradas, de 18 por grau, a superfície da província de São Paulo, teremos, em cada légua quadrada, uma população específica de 10 — 23/100 habitantes. Na França, contam-se 34.230.178 habitantes, numa superfície de 527.636 — 19/100 kms. quadrados (119), ou 13.848 — 596/1.000 léguas quadradas, de 18 por grau (120), o que perfaz 2.471 — habitantes em cada légua quadrada; isso vale dizer que a população específica da província de S. Paulo está para a da França na mesma relação em que a expressão numérica 19 — 23/100 está para a expressão numérica — 2.471 — 173/100; ou, melhor dizendo, existiam, na província de S. Paulo, dispensadas as frações, 19 habitantes na mesma área em que na França existiriam 2.471 habitantes. Pode ser acoimada de extravagante tal comparação; mas tem a mesma fôrça de aproximar termos tão discrepantes um do outro, que não levariam a

(118) Os algarismos referentes aos anos de 1777 e 1812 foram recolhidos em SOUTHEY (*ist.*, III, 857); aos de 1805 e 1806 o foram em NICOLAU PEREIRA DE CAMPOS VERGUEIRO (PIZ., *Mem.*, VIII, 314); os de 1813 foram tirados de um quadro fornecido a ESCHWEGE pelo Conde da BARCA, ministro de D. JOÃO VI, e inserto no *Journal von Brasilien* (II, 160) e no *Patriota* (3-6); de SPIX e MARTIUS, provém os dados referentes a 1814 e 1815 (*Reise*, I, 224); enfim, a PEDRO MÜLLER, os de 1826 e 1838. Poderíamos ter colocado o número 200.468 entre os dados referentes a 1805 e 1812; mas, como ESCHWEGE demonstrou, pela comparação desse número com o relativo a 1813, os relativos a 1805 e 1812 são frisantemente absurdos, ao passo que o relativo a 1813 reveste-se de grande autenticidade; finalmente, o número 200.478 foi admitido para o ano de 1808, por MARTIUS, citado por FERDINAND DÉNIS, e, para o de 1811, por SOUTHEY e ESCHWEGE, pelo que julguei prudente não adotá-lo. Nada direi, também, sôbre a população da província em 1816, porque as indicações oficiais fornecidas por ANTÔNIO RODRIGUES VELLOSO DE OLIVEIRA (*Ans. Flums.* mapa 3) e por PIZARRO (*Mem.* VIII, 313) não abrange tôda a província. Para 1814 preferi o número 212.928, indicado por SPIX e MARTIUS, ao número referido no *Dicionário do Brasil* (II, 608). Os dados autênticos de 1813 elevam a população dessa época a 209.219, e, os de 1815, a 215.021, sendo impossível, consequentemente, que o número 199.364 seja exato para o ano de 1814.

(119) *Annuaire long.*, 1846, pag. 168.

(120) O quarto de meridiano e de 90° ou 10.000 quilômetros, ou, ainda, de 1.620 léguas de 18 por grau, equivalendo, assim, 1 quilômetro a 0,1, 1620.

resultados verdadeiramente úteis. Acrescentarei, mesmo, com relação à população, que há uma espécie de injustiça em aproximar a nossa velha Europa a um país cuja existência é de apenas três séculos. O mesmo não sucederá se, relativamente a assunto idêntico, compararmos a província de São Paulo com qualquer outra região do Brasil. Partiremos, então, do mesmo ponto, aproximadamente, e a aproximação fará ressaltar as diferenças que, na referida província, existem em meio das relações mais sensíveis.

A província de Minas Gerais, provavelmente a mais povoada do Brasil, forma uma espécie de paralelogramo situado entre 13° 23' de latitude sul e 328° 336' de longitude, a partir do meridiano da ilha do Ferro (121). Compreende, pois, 10° do norte ao sul e 8° de leste a oeste, ou 25.920 léguas quadradas, de 18 por grau, se os contornos fôsem perfeitamente regulares; mas, levaremos em linha de conta sua irregularidade, sem nos esquecermos, também, de que algumas de suas partes são inteiramente desertas, ou, pelo menos, percorridas, apenas, por algumas tribus errantes de indígenas selvagens, e computaremos sua superfície em 18.000 léguas quadradas, unicamente (122). Foi calculada a população de Minas, no ano de 1838, em 730.000 habitantes (123); por consequência, onde em São Paulo há 19 habitantes, em Minas há 40 (124). Fica-se surpreso, a princípio, com tão grande diferença numérica entre as populações de Minas e São Paulo, província esta com

(121) PIZ., *Mem. Hist.*, VIII, part. 2.^a, 58 AUG. DE S. HIL., *Voyage Rio de Janeiro*, I, 78.

(122) ESCHWEGE indica essa superfície (18.000 *quadra meilen*) no *Pluto Brasiliensis*, à página 589, e, um pouco mais adiante (pág. 596), só indica 17.000 léguas. Esse autor alemão foi quem, certamente, melhor estudou a estatística de Minas Gerais, pelo que semelhante contradição é de molde a fazer ressaltar quão incertos são os dados em que se baseia a mesma estatística. Desceríamos a uma avaliação bem mais baixa, se adotássemos a superfície apontada pelo *Dicionário do Brasil* (II, 99), isto é, 15.000 léguas quadradas. A província de Minas Gerais é, provavelmente, a mais bem conhecida de todo o Brasil; por ali julguem-se as outras.

(123) MILL e LOP. DE MOUR., *Dic.*, II, 99. — KIDDER, cujo livro foi impresso em 1845, afirmou ser de 760.000 habitantes a população de Minas, sem indicar, entretanto, a que ano corresponde tal número.

(124) A população de Minas é avaliada, por ESCHWEGE, em 28 indivíduos por milha quadrada (*quadrat meilen*), avaliação inserta no *Pluto Bras.*, *Worwort*, III; mas esse escritor não diz se, pela expressão *meile*, refere-se, como SPIX e MARTIUS, à légua de 18 por grau, ou se quer indicar a milha alemã, ou a milha geográfica. Incorri no mesmo equívoco, quando, deixando de indicar com que números tinha operado, computei a população específica de Minas, para 1817-1818, em 10 indivíduos por légua quadrada, (*Voyage Rio de Jan.*, I, 80). A diferença de 10 a 40 deixara de causar admiração, quando se souber que eu não só tomava por base o número baixo de 500.000 como o representativo da população da província de Minas, mas, ainda, atribuía-lhe a superfície de 50.000 léguas quadradas de 25 por grau.

mais de um século de vida do que aquela; mas os fatos históricos explicarão tal diferença, satisfatoriamente. Quando se soube que o ouro abundava na primeira dessas províncias, nuvens de aventureiros brasileiros e portugueses instalaram-se logo em seu território. Êsses homens, com o intuito de tornar seus trabalhos mais rápidos e mais fáceis, cercavam-se de escravos africanos, e numerosos mestiços não tardaram em aumentar uma população já relativamente considerável. Os paulistas, ao contrário, emigravam constantemente de seu torrão natal, indo procurar riquezas alhures, e a expensas da população de São Paulo foram povoados Mato Grosso, Goyaz e, mesmo, uma parte do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais.

Só poderíamos dar uma idéa mais exata da população relativa às duas províncias em aprêço, tomando, em nossa comparação, a légua quadrada por unidade fixa; mas, trate-se da América ou da França, a base para uma comparação dêsse gênero não é, realmente, mais do que uma ficção, porquanto, em nenhum reino, em nenhuma república, o número de habitantes é igualmente repartido pelas léguas quadradas da respectiva superfície. A população específica das regiões muito povoadas antigamente, da França, por exemplo, afasta-se muito menos da verdade do que a dos países novos, onde a nossa espécie não foi ainda forçada, por considerável proliferação, a espalhar-se por tôda a parte; e, contudo, descendo-se a pormenores, ver-se-á que a população, específica difere também na França, nos diversos departamentos, nas diversas regiões, segundo a maior ou menor divisão do território e o grau de fertilidade do solo. No Brasil, as diferenças, muito mais sensíveis da população específica numa mesma província, são devidas a causas puramente locais, que, com o tempo, serão modificadas de forma notável. Em Minas, buscava-se ouro — a população devia, naturalmente, aglomerar-se nos lugares em que êsse metal era encontrado. O deserto (*sertão*) é a parte do território não aurífera. Em São Paulo, entretanto, não havia ouro, ou havia muito pouco. Os primeiros colonos alí chegaram por via marítima, situaram-se onde tinham desembarcado, formando estabelecimentos agrícolas, e, a pouco e pouco, o litoral se povoou, litoral formado por comprida faixa de terra, separada do planalto por uma cadeia de montanhas. Essa cadeia de montanhas, que apresentava grandes obstáculos à penetração no interior das terras, permaneceu por muito tempo inviolada, mas, posteriormente, foi transposta, e os fundamentos da cidade de São Paulo foram lançados; nas circunvizinhanças da mesma foram montados engenhos de cana de açúcar e formadas aldeias, depois elevadas a vilas; aproveitaram-se os colonos do vale do rio Parnaíba para se espalharem a nordeste, e os intervalos

menos cobertos de florestas para rumarem a sudoeste. Uma segunda língua de terra, paralela ao litoral, cobriu-se de agricultores e de criadores de gado mais ou menos numerosos: e, pode-se dizer que, salvas algumas exceções, devidas a circunstâncias particulares, a população específica dos diferentes distritos da província de São Paulo é tanto mais considerável, quanto mais antigos são os distritos. Se compararmos, em relação à respectiva população, as léguas quadradas da superfície de um país situado na Europa, encontraremos enormes diferenças nas regiões ocupadas por aldeias, burgos e, sobretudo, cidades. Diferenças congêneres reproduzem-se, sem dúvida, no Brasil, mas são muitíssimo mais sensíveis. Na Europa, a população das cidades é quasi tôda permanente — só há um reduzido número de pessoas ricas, que possuem, além de suas casas nas cidades, habitações rurais, onde residem durante o verão; o resto da população, apenas nos domingos e dias de festas passa algumas horas no campo. No interior do Brasil o mesmo não ocorre — a população permanente das vilas e cidades é escassa; a maioria de suas casas pertencem a agricultores, que nas mesmas só permanecem aos domingos e dias santos, para assistirem às solenidades religiosas, conservando-as fechadas durante os demais dias do ano, sendo, pois, a bem dizer, inteiramente supérfluas, completamente inúteis (125).

E' sabido que, a não ser por circunstâncias de exceção, tais como emigrações, guerras, epidemias, fome, a população de todos os países aumenta continuamente, mas êsse aumento não se processa em tôda a parte nas mesmas proporções. Em 1777, como já assinalámos a província de São Paulo contava 116.975 habitantes e, em 1838, 362.902, perfazendo, pois, em 62 anos, um aumento de 209.927, o que vale dizer que, durante êsse lapso de tempo, a população quasi triplicou. Em Minas, no ano de 1777, contavam-se, aproximadamente, 319.769 habitantes, e, no de 1838, 730.000 (126); donde se vê que, em Minas, no mesmo período de 62 anos, houve um aumento 410.231 habitantes,

(125) ESCHWEGE afirma que, em 1813, havia 150 habitantes por légua quadrada, na comarca de Ouro Preto, província de Minas Gerais, mas distribuídos, fora das vilas e povoações, na proporção, apenas, de 50 por légua quadrada. Tal proporção, admitida para a França (BENOISTON DE CHATEAUNEUF, *Notes*, 47), não deve ser adotada segundo penso, em qualquer parte do interior do Brasil; mas, mesmo que fôsse exata para a comarca de Ouro Preto, não se deve esquecer de que essa comarca é, talvez, de todo o Brasil, excetuado o litoral, a região que, numa superfície igual, contém maior número de povoações, encontrando-se na mesma, o que não ocorre alhures, dois grandes centros de população, muito próximos entre si — Vila Rica e Mariana.

(126) Êsses algarismos foram colhidos no *Dicionário do Brasil*, II, 99. Para o mesmo ano, FABREGAS, in SIGAUD, *Anuário* (1846) acusa 760.000. KIDDER indica, igualmente, 760.000.

aumento menor, proporcionalmente, do que o havido em São Paulo, pois, naquela primeira província, a população apenas dobrou; ou, para falar de maneira mais rigorosamente exata, o aumento foi, em São Paulo, de cêrca de 1.000 a 2.794 por 1.000, ao passo que, em Minas, foi de cêrca de 1.000 a 2.282 por 1.000, apenas. A diferença seria ainda muitíssimo mais sensível, se tomássemos a França como têrmo de comparação, porquanto, alí, o aumento médio anual, em 27 anos (de 1817 a 1841), foi de 1 por 200, ou 5 por 1.000 (127), de onde a necessária conclusão de que, se durante 62 anos essa proporção permanecesse inalterada, o aumento total, para a França, seria apenas de 310 por mil, ao passo que, em São Paulo, foi de 2.794 por 1.000. Na França, a população não cresce por imigrações; a de São Paulo, ao contrário, recebe, constantemente, reforços de africanos, que em seu território se multiplicam mais ou menos intensamente; e, desde alguns anos, o contingente da imigração de europeus e mineiros, se bem que diminuto, veio ainda aumentar o número de seus habitantes. Entretanto, o que contribui sobremaneira, para o aumento da população em São Paulo, é ainda existirem em seu território imensos espaços desocupados, ao passo que o mesmo não ocorre na França. Demais a mais, no Brasil as mulheres são fecundas, e, finalmente, o americano não vive sempre atormentado pelo angustioso espírito de previdência, que leva o europeu a opor tantos obstáculos à multiplicação da espécie. Em Minas existem, igualmente, imensas regiões que só aguardam braços para explorá-las, e as mulheres mineiras não são menos fecundas do que as de São Paulo, bem como não é, ali, menor, a despreocupação pelo futuro; mas, à medida que as minas passaram a produzir menos, as importações de africanos tornaram-se menos consideráveis e os homens brancos começaram a abandonar os lugares onde não mais os retinha a esperança de enriquecerem rapidamente; muitos de seus habitantes transferiram-se, assim, para São Paulo e Goiaz, entregando-se à agricultura em terras goianas e paulistas, por julgarem-nas mais férteis do que as de seu torrão natal.

Limitamo-nos, até aquí, a considerar, em conjunto, o aumento que teve a população de São Paulo durante um certo lapso de tempo. Passaremos, agora, a perquirir em que proporções êsse aumento se efetuou. Em 1777, como já vimos, contava a província 116.975 habitantes e, em 1838, 326.902; o aumento anual foi, conseqüentemente, em têrmo médio, de 3.385 57/62, durante 62 anos. No mesmo espaço de tempo, o aumento foi, em Minas, de 6.616 59/62 por ano, a partir do número primitivo — 319.769 —, isto é, o do ano de 1777.

(127) MATHIEU, *Annuaire longit.*, 1846, pág. 139 e segs.

Em parte alguma as populações crescem, anualmente, em tais proporções. Nos países antigos, em que a população é já considerável e onde tôdas as terras estão ocupadas, existindo uma indústria manufatureira muito desenvolvida, o aumento se opera, necessariamente, numa proporção decrescente. A França é um exemplo disso, pois que, ali durante 14 anos, desde 1817 até 1830, a proporção foi, em termo médio, de 1/169 por ano (128), e, durante 27 anos, de 1817 a 1845, não foi mais do que 1/200 (129). Nos países novos, onde a agricultura e a criação de gado constituem quasi que a única occupação dos habitantes e onde todos podem ainda encontrar terras desocupadas a explorar, e onde, também, nada se opõe ao desenvolvimento de nossa espécie, a população deve, necessariamente, aumentar, com alterações para mais ou para menos, segundo os anos e por circunstâncias muitas vêzes inapreciáveis. No espaço de 62 anos, não temos, relativamente a São Paulo, infelizmente, senão os dados relativos a 8 anos; mas os termos médios, para os diversos intervalos entre êsses 9 anos, serão, portanto, menos afastados da verdade do que o termo médio obtido para os 62 anos. O quadro abaixo, resultante do acima formado, nos fornecerá o número dos aumentos sucessivos:

De 1777 a 1805, a população aumentou, em 28 anos, de 75.754 almas		
Térmo médio anual		2.705
De 1805 a 1812 (7 anos) — aumento total	de 12.538	"
<i>Térmo médio anual</i>		1.790
De 1812 a 1813, aumento total	de 3.952	"
De 1813 a 1814, aumento total	de 2.709	"
De 1814 a 1815, aumento total	de 3.093	"
De 1815 a 1820 (5 anos) — aumento total	de 24.269	"
<i>Térmo médio anual</i>		4.853
De 1820 a 1826 (6 anos) — aumento total	de 19.611	"
<i>Térmo médio anual</i>		3.268
De 1826 a 1838 (12 anos) — aumento total	de 68.000	"
<i>Térmo médio anual</i>		5.668

A diferença mais considerável é a que se nos apresenta a menos, nos sete anos compreendidos entre 1805 e 1812. Um fato histórico, entretanto, a explica — nesse intervalo saíram tropas recrutadas entre os habitantes da província, tropas que se incorporaram ao exército do Sul, na campanha contra o ditador ARTIGAS, e, além disso, fugindo ao

(128) MATHIEU, *Annuaire longit.*, 1833, pags. 111-114.

(129) MATHIEU, *Annuaire longit.*, 1846, pags. 139, 140, 148.

recrutamento, muitos deles passaram para Minas, com as famílias, ou afundaram pelos sertões a dentro. Se ainda houve, contudo, oscilações sensíveis, vemos que, em suma, o aumento da população de São Paulo está, como já afirmámos, em progressão crescente. Se tomarmos, pois, por base progressão o têrmo médio de 1815 a 1820 e o de 1826 a 1838, excluindo o número do aumento referente a 1820-1826, que, pela sua acentuada diferença com o de 1826 a 1838, nos levaria a resultados talvez exagerados, veremos que, a partir de 1838, a população de São Paulo deveria ter sido, em 1848, independentemente de qualquer perturbação, o que será ao fim de cem anos.

Agora, para computar a população da província de São Paulo relativamente às habitações, tomaremos para base de nosso computo o quadro da página 85, e chegaremos a estabelecer que, em 1813, havia em São Paulo 8 pessoas para cada casa; em 1815, pouco mais de 6 pessoas; em 1820, quasi 6; enfim, em 1838, mais de 6; ou, falando mais exatamente, 8.007 casas em 1813, 6.291 em 1815, 5.887 em 1820 e 6.413 em 1838. Na França, contam-se, nas cidades, 4 a 5 pessoas por casa, e, nos campos, 5 a 2 (130), isto é, em têrmo médio, número menos considerável que em São Paulo, onde a fecundidade das mulheres e a admissão dos escravos, mais numerosos nas famílias do que nossos servidores livres, explicam satisfatòriamente a diferença.

A comparação do montante da população com o número de nascimentos, casamentos o óbitos fornecerá os seguintes resultados:

NASCIMENTOS

Anos	Pop. total	Nasc.	Relação com a População total
1777	116.975	5.074	1 sôbre 23,5 indivíduos
1813	209.219	9.020	" " 23,19 "
1815	215.021	10.106	" " 21,37 "
1838	326.902	17.220	" " 18,98 "

CASAMENTOS

Anos	Pop. total	Cas.	Relação com a População total
1813	209.219	2.466	1 sôbre 84,84 indivíduos
1815	215.021	3.120	" " 68,91 "
1838	326.902	3.103	" " 105,35 "

ÓBITOS

Anos	Pop. total	Óbitos	Relação com a População total
1777	116.975	3.250	1 sôbre 35,99 indivíduos
1813	209.219	4.451	" " 47,00 "
1815	215.021	4.636	" " 46,38 "
1838	326.902	3.103	" " 34,57 "

Esse quadro bastaria para provar, se fôsse necessário, o quanto, em uma região nova, é mais favorável à multiplicação de nossa espécie do que a velha Europa, onde uma densa população disputa, sem tréguas, algumas geiras de terra. Entre os 4 anos em que, na província de São Paulo, o número de nascimentos foi mais fraco, isto é, em 1813, foi, ainda assim, de 1 sôbre 23,5 habitantes, ao passo que, na França, conta-se um nascimento sôbre 33,37 habitantes (131), e, em São Paulo houve mesmo, em 1838, 1 nascimento sôbre, apenas, 18,98 habitantes. Quanto ao sucessivo aumento da população observado durante os quatro anos por nós assinalados, é o mesmo, provávelmente, devido ao fato de, desde 1777, as emigrações dos paulistas do sexo feminino para as regiões auríferas terem diminuído, a princípio, e, por fim, cessado completamente; e devido, também, à circunstância de se ter começado a admitir o casamento dos escravos, tratados, então, com mais doçura. Entre a França e a província de São Paulo notamos uma diferença menor em o número de casamentos, comparado com o de nascimentos. Efetivamente, em o ano mais próximo da data em que escrevemos, houve, em São Paulo, um casamento para 105,35 habitantes, e, na França, um para 127,8 (132). Mas, se a comparação for feita entre os números de 1815 e 1838, não é possível deixar de notar a diminuição operada. Essa diminuição não é de molde a provar que os paulistas, com mais liberdade do que em 1815, tenham se tornado mais religiosos e adquirido mais moralidade.

Quanto ao número de óbitos, se tomarmos o têrmo médio dos mesmos 4 anos, acharemos, aproximadamente, o mesmo número para a província de São Paulo e a França: — 1 para 40,98 habitantes e 1 para 40, respectivamente. O número correspondente a 1815 seria, mesmo, segundo SPIX e MARTIUS, a favor de São Paulo, pois nesse ano houve na província, para cada 46 habitantes, 1 óbito, apenas (133). Mas, por circunstâncias que não conhecemos, a comparação, em 1838, torna-se favorável à França, porquanto, nessa época, houve, em São Paulo, um

(131) MATHIEU, *Annuaire longit.*, 1846, pg. 148.

(132) MATHIEU, *Annuaire longit.*, 1846, pag. 148.

(133) *Reise*, I, 224.

óbito para 34,57 habitantes. Sôbre o assunto devemos levar em conta uma observação de ESCHWEGE, relativamente ao bispado de Mariana, da província de Minas Gerais, observação que, segundo penso, pode ser aplicada a uma grande parte do Brasil: — um número relativamente grande de senhores sepultam seus escravos negros nos campos de suas propriedades, pelo que, não sendo os óbitos dos mesmos inscritos nos registros públicos, não podem constar das estatísticas da população (134).

Se compararmos, presentemente e sob o mesmo ponto de vista, a província de São Paulo com a de Minas Gerais, os resultados da comparação virão provar o quanto, no atual estado das cousas, a cultura das terras é, no Brasil, mais favorável ao desenvolvimento da população do que a exploração das minas, se bem que, para qualquer dêsses trabalhos, só sejam empregados, geralmente, os escravos. Enquanto que, em 1777, os nascimentos eram, em São Paulo, na proporção de 1 para 23,5 habitantes, na comarca de Ouro Preto (Minas Gerais), não se contava mais do que 1 nascimento para 40,44 habitantes. Essa diferença é, sem dúvida, enorme; mas não mais causará admiração, se lembrarmos que a comarca de Ouro Preto é o lugar do Brasil onde os minerais foram com mais ardor explorados; que para a extração do ouro é empregado número muito maior de escravos do que para a cultura das terras e a criação de gado, labores a que os paulistas se entregavam; e que, enfim, na referida época, havia, em Ouro Preto, para 7.847 homens e 4.832 mulheres brancas, 33.961 negros e 15.187 negras apenas. Aconteceu com Ouro Preto o mesmo que com Goiaz (135): a mineração já não rendia tanto como a cana de açúcar e o milho; os brancos, que não esperavam mais enriquecer com facilidade, retiraram-se para outras regiões; uma infinidade de negros morreu sem descendência, e, em 1813, isto é, num espaço de 39 anos, a população local ficou diminuída de 6.409 almas — um pouco mais de 1/13. Mas, enquanto as minas da comarca de Ouro Preto se esgotavam, a agricultura se desenvolvia nas outras regiões da província. Plantavam-se algodoeiros, criava-se gado, fabricavam-se queijos e exportavam-se tecidos grosseiros. A uma população instável succedeu uma população permanente, e, em 1816, tomado em consideração todo o conjunto do bispado de Mariana, onde se acha compreendida a cidade de Ouro Preto, e que é formado

(134) *Journ. von Brasilien*, II, 157. — ESCHWEGE afirma que a metade do número real dos escravos negros falecidos não está, por esta ou aquela razão, inscrita nos registros públicos do obituário; é, entretanto, fácil de perceber que tal afirmação é puramente arbitrária.

(135) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiaz*, I, 329.

por dois terços, aproximadamente, da província de Minas Gerais, já se podia contar um nascimento sôbre 27,35 habitantes (136). Se, relativamente a uma época bem mais próxima da em que escrevemos, isto é, 1838, nos apoiarmos em algarismos fornecidos pelos autores do *Dicionário do Brasil* (137), não mais teremos, para tôda a província de Minas, senão um nascimento sôbre 44,76 habitantes, proporção inferior ainda à acusada, em 1776, pela comarca de Ouro Preto, isoladamente; e, por consequência, São Paulo estaria sob êsse aspecto em progresso, estaria na vanguarda de Minas. Nenhuma guerra ou revolução fez desaparecer os habitantes masculinos dessa última província, e nenhuma epidemia dizimou seus habitantes; mas, de acôrdo com o *Dic. do Brasil*, não havia, em Minas, mais do que 3.313 casamentos sôbre 730.000 habitantes, isto é, 1 sôbre 220,34; ao passo que, em São Paulo, havia, como já disse, 1 sôbre 105,35, e, na França, 1 sôbre 127,8. Não é mister pesquisar, entretanto, a causa da diminuição do número de nascimentos. Sem o casamento dos pais, nasce um grande número de crianças; mas, na infância, estas, não tendo à vista, de ordinário, senão o exemplo do vício, não conhecem os laços da família e nem sabem o que seja a pátria: as raparigas se prostituem e os rapazes tornam-se vadios, extremamente numerosos em Minas Gerais, o que constitui o maior flagelo da província (138). A administração pública de Minas deve tomar cuidado relativamente a êsses indivíduos. Como a província de Minas, uma outra há — a de Goiaz —, cujos habitantes resvalaram para o mais triste estado de relaxamento de costumes, cuja principal causa é o desprezo pelos laços do casamento. O povo mineiro, que tão belas esperanças dava, deve ser preservado de semelhante desgra-

(136) Tendo concebido dúvidas quanto à exatidão dos algarismos apontados por diversos autores, julguei dever apoiar-me, unicamente, nos algarismos indicados por ESCHWEGE (*Journ. Bras.*, II, 159. — *Brasilien die Neue Welt*, II, 156), que viveu durante muitos anos na província de Minas Gerais, ocupando cargos elevados e que, por êsse motivo, estava intimamente relacionado com as autoridades locais.

(137) V. mais acima.

(138) Em diferentes épocas, o govêrno português baixou severíssimas ordenações contra os vadios, mas inutilmente. Pode-se consultar o que sôbre os mesmos escrevi em minhas segunda e terceira narrativas e o que, a respeito, disse o general RAIMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATOS, em vários trechos de seu *itinerário*. ESCHWEGE divide a população de Minas em cinco classes — os mineradores, os agricultores, os criadores de gado, os negociantes e os vadios. “Êstes”, acrescenta “guardada a devida proporção, são, em Minas Gerais, talvez, mais numerosos do que em qualquer outra parte do mundo...; e é, sobretudo, a hospitalidade dos habitantes da província que mais estimula nesses indivíduos o amor à preguiça. Eles incomodam os que trabalham, assassinam por dinheiro, levantam falsos testemunhos, roubam cavalos, cometem desatinos em tôda a parte, podendo ser considerados a escória da espécie humana”. (*Journal von Brasilien*, I, 1.^o, 11).

ça (139); os empregos públicos só devem ser confiados, na bela e rica província de Minas Gerais a homens casados; as paróquias devem ser tiradas dos vigários, que vivem em estado habitual de concubinato; uma sólida instrução, baseada nos princípios da religião, deve ser ministrada ao povo; enfim, devem os homens unir-se bem unidos, qual se procedeu na França, para livrar os infelizes mineiros da desordem em que naufragaram, reintegrando-os na comunhão cristã e dando-lhes uma família aos filhos.

A população da França, como a de tôda a Europa occidental, é perfeitamente homogênea — uma só raça de homens e não existem escravos. O mesmo, infelizmente, não ocorre no Brasil. Não sòmente a escravidão é ali admitida, como também três raças completamente distintas (e os numerosos mestiços que as ligações entre as mesmas produziram) constituem a população do país. Escravos negros, uns crioulos, outros africanos; negros livres, africanos e crioulos; alguns indígenas batizados; um número considerável de indígenas selvagens; mulatos livres e mulatos escravos; homens livres, todos considerados, perante a lei, como da raça caucásica, entre os quais se encontra, porém, grande quantidade de mestiços de brancos e de indígenas — tais são os habitantes da província de São Paulo. Entranha confusão de raças, do que resultam complicações embaraçosas e perigosas, quer para a administração pública, quer para a moral social. Os dois quadros abaixo dizem da proporção em que se acham mesclados os diversos elementos étnicos que acabo de numerar:

ANO DE 1813

Indivíduos brancos do sexo masculino	53.663	}	112.965
" " " " feminino	59.302		
Mulatos livres	21.074	}	44.053
Mulatas livres	22.979		
Mulatos escravos	5.173	}	10.643
Mulatas escravas	5.470		
Negros livres	1.771	}	3.951
Negras livres	2.180		
Negros escravos	21.326	}	37.602
Negras escravas	16.276		
Total	209.214		

(139) Numa época de perturbações no país, o meu amigo dr. SILVESTRE P. FERREIRA dizia que o Brasil poderia ser salvo pela província de Minas Gerais.

LIVRES

Branços e brancas	112.965	}	160.969
Mulatos e mulatas	44.053		
Negros e negras	3.951		

ESCRAVOS

Mulatos e mulatas	10.643	}	48.245
Negros e negras	37.602		

Total 209.214

ANO DE 1888

Indivíduos brancos do sexo masculino	84.892	}	172.879
" " " " feminino	87.987		
Mulatos livres	28.158	}	59.454
Mulatas livres	31.296		
Mulatos escravos	7.360	}	74.176
Mulatas escravas	7.362		
Negros livres crioulos	2.443	}	4.517
Negras livres creoulas	2.074		
Negros livres africanos	1.145	}	6.811
Negras livres africanas	1.149		
Negros escravos crioulos	17.110	}	34.210
Negras escravas crioulas	17.100		
Negros escravos africanos ..	23.826	}	72.211
Negras escravas africanas ..	14.175		
Indígenas catequizados	380	}	825
Indígenas catequizadas	445		
Total			326,902

LIVRES

Branços e brancas	172.879	}	239.969
Mulatos e mulatas	59.454		
Negros e negras	6.811		
Indígenas (dos dois sexos)	825		

ESCRAVOS

Mulatos e mulatas	14.722	}	86.933
Negros e negras	72.211		

Total 326.902

O exame desses quadros fornece os seguintes resultados:

1.º — No período de 26 anos, o número relativo aos escravos, em vez de diminuir, aumentou sensivelmente, pois que, em 1813, era, em relação aos brancos, na proporção de 1 para $\frac{299}{1.000}$, ao passo que, agora — (1838) —, está na proporção de 1 para $\frac{360}{1.000}$, e os crioulos, apenas, são, hoje quasi, tão numerosos, quanto eram, em 1813 (os crioulos e africanos reunidos (34.210 negros crioulos escravos em 1838 e 37.602 negros crioulos e africanos em 1813). Daí não concluiremos que os homens livres tornaram-se mais indolentes. E', ao contrário, mais verossímil, que trabalhassem muito mais. E' lícito, porém, concluir que o bem estar aumentou, porquanto, num país onde as terras têm ainda um baixo valor e onde é admitida a escravidão, o número de escravos é o sinal o menos incerto da riqueza. E' evidente, também, que o acréscimo do número de homens privados da liberdade provém do fato de, mais do que outrora, ser permitido o casamento entre escravos. Em 1838 realizaram-se, entre os escravos, 760 casamentos, ao passo que, em épocas mais remotas, entre êsses infelizes não ocorriam, senão relações sexuais ilícitas e passageiras. E' de crer, também, que, atualmente, as negras são mais bem tratadas durante a gravidez e que, em geral, os escravos são tratados com mais doçura. Com efeito, em 1838, o número de nascimentos relativamente aos escravos foi na proporção de 1 para 0,0471 (2.394 nascimentos para 86.933 escravos), e, entre os brancos, foi, apenas na de 1 para 0,0546 (6.862 nascimentos para 239.969 brancos), o que não constitui diferença extremamente sensível (140). Relativamente aos óbitos, a diferença é muito menor ainda, pois que ocorreram na proporção de 1 para 34,54, relativamente aos homens livres (6.947 óbitos para 239.969 homens livres), e na de 1 para 34,64, relativamente aos escravos (2.509 óbitos para 86.933 escravos) (141).

(140) Entre as causas que ESCHWEGE apontava, em 1820 (*Braz*, II, 158), como responsáveis pela escassa fecundidade das negras de Minas Gerais e das quais algumas parecem epigramáticas, é apontado o mau trato que as mesmas, muitas vezes sofriam durante a gravidez, bem como o bárbaro costume que as mesmas tinham de provocar o aborto, afim de não mais aumentar seus sofrimentos com os trabalhos exigidos pela amamentação dos filhos. É claro, pelo que acabamos de relatar, que se tal indignidade ainda hoje se repete na província de São Paulo, não é, contudo, muito frequente.

(141) Os diversos cálculos que esta alínea apresenta são baseados no *Quadro 6 do Ensaio de um Quadro Estatístico*, de PEDRO MÜLLER, e no apêndice do mesmo *Quadro*. Devo, porém, observar que, segundo êsse apêndice, o número de óbitos subiu, em 1838, a 9.456, ao passo que, segundo o *Quadro*, não ia além de 9.256. Preferi o primeiro número, por ser mais difícil de acoimá-lo de exagerado, sendo que o próprio MÜLLER o preferiu, também.

Poder-se-ia, em verdade, subtrair algumas parcelas dêsse cômputo, levando em linha de conta a omissão de algumas inscrições no competente registro; mas, de outro lado, não nos devemos esquecer de que o ar frio das montanhas de São Paulo e o frio úmido de algumas regiões dessa província são menos favoráveis à saúde dos negros, do que o forte calor do Brasil tropical (142).

2.^o — Atendendo-se, apenas, ao número extremamente baixo dos negros crioulos e livres, em relação ao resto da população, e, de outro lado, se se lembrar que a província de São Paulo é uma das mais antigas do Brasil, poder-se-ia crer que, na mesma, as alforrias são muitíssimo raras; mas, tal juízo careceria de exatidão. Os negros que os senhores libertam são, geralmente, aqueles cujos prolongados serviços querem recompensar; e, as mais das vêzes, os velhos, que nada mais produzem (143); as alforrias dos muito jovens são excepcionais. Os primeiros não podem pensar em casar-se; os segundos difficilmente encontram indivíduos de sua casta aos quais se possam unir. Além disso, não tendo sido preparados para a liberdade, por meio da necessária instrução, preferem a uma vida regrada e familiar, a vida dos *camaradas* (144), a libertinagem, ou, mesmo, o crime.

3.^o — De 1813 a 1838, o aumento do número de mulatos escravos foi de 1 para $\frac{722}{1.000}$ e o de homens livres foi de 1 para $\frac{633}{1.000}$ apenas. E' de se admitir que, nesse espaço de tempo, os brancos tenham tratado seus escravos com doçura, mas não podemos acreditar que os tenham poupado mais do que a eles próprios. É, pois, imperioso reconhecer que o número dos mulatos cresceu, não sòmente pela união dos mestiços dos dois sexos, como, também, por um contingente de filhos de negras com brancos, pelo que se pode afirmar que existiam homens livres de nossa raça, de alma bastante cruel para deixar os próprios filhos sujeitos à escravidão.

4.^o — Quando os portuguezes descobriram o território de São Paulo, era o mesmo habitado por numerosas tribus de indígenas, e, em pouco tempo, os novos colonos trouxeram para a capitania de várias regiões do país, grandes contingentes de indígenas reduzidos à escravidão.

(142) SPIX e MARTIUS, *Reise*, I, 224.

(143) É o que ocorre em Minas, e é lícito supor que a mesma cousa ocorra em São Paulo. V. o que escreví sôbre o assunto em minha *Voyage au District des Diamants* etc., I, 260.

(144) Os *camaradas* são servos livres, empregados, principalmente, no serviço das caravanas. — *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco*, etc.

E' impossível deixar de penalizar-se, quando se pensa que, de tôda essa população indígena, só restavam, em 1838, 825 pessoas, as quais pela maior parte, não mais existiriam hoje, se seus pais não nas tivessem pôsto, por intermédio dos jesuítas, sob a égide de Cristo e da liberdade. A terra de Minas foi a sepultura de enorme número de africanos, os quais, entretanto, já ali chegavam como escravos; e, se os mineiros violavam as leis de humanidade, perpetuando a escravidão dêsses infelizes, não contravinham, pelo menos, as de sua pátria. Quando os antigos paulistas dizimavam os indígenas com tanta barbaridade, infringiam as sábias ordenações de seus soberanos, cometiam ato de rebelião e despovoavam seu próprio país.

5.º — Em 1824, o número de brancos era, em Goiaz, 5 vêzes menor do que os dos homens de côr, negros ou mulatos, livres ou escravos (145); em 1808, o número de brancos era, em Minas, menor que a têtça parte dos homens de côr; em 1816, passava êle, apenas, da têtça parte dos homens de côr no bispado de Mariana, formado pela região mais aurífera da província de Minas (146). Em São Paulo (1838), o número dos homens denominados brancos é, ao contrário, de mais de 1/5, aproximadamente, sôbre o dos mulatos e negros reunidos. E' incontestável que, excetuados Missões, Rio Grande do Sul e Rio Negro (147), é São Paulo, de todo o Brasil, a província em que menor número de negros foi introduzido. Contudo, enganar-se-á quem considerar realmente brancos todos os indivíduos como tal declarados nas estatísticas da população. Os indígenas foram eliminados; mas, da aliança de suas filhas com os primeiros colonos, nasceram mestiços, que são confundidos com os indivíduos da raça verdadeiramente caucásica. O sangue indígena não pode mais ser renovado, e novos cruzamentos tendem a fazer desaparecer, cada vez mais, os traços dêsse sangue. Há ainda, entretanto, enorme quantidade de mestiços, que uma observação exercitada distingue sem maior esforço, e que é, mesmo, repelida, em muitos pontos do país, pelos verdadeiros brancos.

Possuímos, infelizmente, escassa documentação sôbre a relação numérica dos nascimentos de indivíduos do sexo masculino e do feminino. Apenas sabemos que, em 1838, na população livre, 6.700 nascimentos de indivíduos do sexo masculino e 3.345 do sexo feminino, e que, entre os escravos nasceram 2.250 do sexo masculino e 1.800 do femi-

(145) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiaz*, I, 328.

(146) ESCHW., *Journ. von Brasil*, I tab. 5. — *Bras. Neue Welt*, II, 155.

(147) SPIX e MARTIUS, *Reise*, I.

nino, o que vale dizer que, entre os brancos, o número de nascimentos de indivíduos do sexo feminino foi, para os do sexo masculino, na proporção de 1 para 1.053, entre os homens livres, e na de 1 para 1.238, entre os escravos — diferença extraordinária, difícil de ser razoavelmente explicada (148). No intuito de, a seguir, comparar a diferença do número dos indivíduos dos dois sexos no momento do nascimento, com o número que exprime idêntica diferença no conjunto da população, somos forçados a nos cingir à classe dos brancos, que não está sujeita a contínuas perturbações. Vimos, assim, que, em 1813, nessa classe, o número de mulheres, em relação ao dos homens foi na mesma proporção em que 905 está para 1; e em 1838, na em que 964 está para 1. Cotejando êsses Algarismos com os que assinalámos acima, temos a confirmação do que já foi observado relativamente à Europa, a saber — nascem mais meninos do que meninas (149); mas, ao fim de certo tempo, existem mais mulheres do que homens, pela razão bem simples de que a natureza dos trabalhos dêstes últimos os expõe a mais numerosos riscos de mortalidade. Os dados estatísticos da província de São Paulo para 1838, provam, entretanto, que na parte da população livre compreendida entre 50 e 70 anos, o número de homens sobrepuja o das mulheres, o que é, aliás, explicável por considerações médicas de fácil compreensão.

V — ADMINISTRAÇÃO GERAL — DIVISÃO DA PROVÍNCIA

Nenhuma homogeneidade existia, outrora, entre as diferentes províncias do Brasil, as quais, muito difficilmente, se comunicavam entre si, constituindo o único laço de união entre elas um igual respeito pelo mesmo soberano — o rei de Portugal. Tôdas, no entanto, com pequenas diferenças, tinham uma administração semelhante. A província de São Paulo, que, como as de Minas Gerais, Goiaz, Rio Grande, etc., tinha o nome de capitania (150), era, como estas últimas, governada por um *capitão-general*, cuja autoridade, por assim dizer, não tinha limites. Durante um certo tempo não era ela dividida senão em duas *comarcas*; depois de 1811, passou a ser dividida em três *comarcas* — as de

(148) O cálculo acima feito é baseado no Quadro n. 8 do *Ensaio Estatístico*, de PEDRO MÜLLER.

(149) MILNES-EDWARDS, *Zoologie*, I, 34.

(150) A denominação *província* era reservada às porções do território brasileiro menores do que as capitánias — por exemplo: a província de Santa Catarina, a das Missões etc.

São Paulo, Itú e Curitiba — *Paranaguá* (151), assim denominadas pelos nomes das vilas que constituíam seus principais centros de população (*cabeças de comarcas*). A primeira, com sua capital, que tinha o título de *cidade*, compreendia 22 vilas, assim denominadas:

Do Norte ao Sul, à beira-mar:

Ubatuba, São Sebastião, Vila da Princesa, Santos, São Vicente e Itanhaen.

No interior:

Areias, Cunha, Paraitinga, Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhagaba, Taubaté, S. José, Jacarei, Mogi das Cruzes, Bragança, Atibaia, Mogi-Mirim, Jundiá e Paranaíba.

Na comarca de Itú, contavam-se 7 vilas, entre elas compreendida a cabeça da comarca:

S. Carlos, Pôrto-Feliz, Sorocaba, Itapetininga, Itapeva e Apiaí.

Enfim, a comarca de Curitiba e Paranaguá, compreendia, no planalto:

Curitiba, Castro, Lapa e Lages (esta reunida hoje à província de Santa Catarina); e, no litoral:

Iguape, Cananéia, Antonina, Paranaguá e Guaratuba — 9 vilas, ao todo.

Cada *comarca* era dividida em *têrmos*, que se compunham de uma ou de várias paróquias. A principal autoridade das comarcas era o *ouvidor*, que exercia, ao mesmo tempo, funções judiciárias e administrativas. Uma câmara municipal (152) dirigia os negócios das vilas. Em Guaratinguetá, Taubaté, Santos, São Sebastião e Paranaguá residia *um juiz de fora*, o qual, nomeado pelo soberano em primeira instância e cujas decisões podiam ser reformadas pelo ouvidor da comarca. Nas outras vilas menos importantes, o *juiz de fora* era substituído pelos *juizes ordinários*, eleitos por seus concidadãos (153). Desde a revolução que mudou a face do Brasil, a administração da província de São Paulo passou, sucessivamente, por várias modificações, mais ou menos importantes. De acôrdo com a constituição do Império, modificada pela lei da assembléia geral de 1834, o poder executivo está hoje, em São Paulo, como nas outras províncias brasileiras, em mão de um presidente nomeado pelo govêrno central. A 7 de janeiro de cada ano,

(151) Não se conservou a grafia do original em relação aos nomes das localidades referidas pelo Autor. (*N. do tradutor*).

(152) *Senado municipal*, como se expressa o Autor. (*Nota do tradutor*).

(153) Em minha *Voyage à Minas Gerais* encontram-se extensos detalhes sôbre a organização administrativa das antigas capitánias.

o presidente da província convoca a assembléa legislativa, constituída por 37 deputados eleitos pelo povo, e à mesma apresenta um relatório sôbre os diversos ramos da administração. A assembléa organiza o orçamento e baixa os decretos que lhe parecem necessários ao bem público.

E' claro que o considerável crescimento da população do Brasil, desde trinta anos a esta parte, impôs a necessidade de reformas e mudanças relativamente às divisões do território do país. Em 1838, a província de São Paulo compunha-se de seis *comarcas*; no ano seguinte, a terceira foi dividida, e, por essa forma, foi criada uma sétima comarca — a da Franca —, cidade para a qual, em consequência de recente revolta, foi necessário o envio de um magistrado enérgico, afim de reprimir quaisquer tentativas criminais.

Em 1829 contavam-se, como já vimos, 38 vilas na província de São Paulo; em 1838, êsse número cresceu de 8; em 1845, foi elevado a 54; e, depois, foi ainda aumentado, como se verá na continuação da presente obra.

Eis, segundo um documento official (154), quais as comarcas da província de São Paulo, em 1845, e as cidades e as vilas que as compunham:

1. ^a Comarca denominada, vulgarmente, Taubaté	{	<i>Bananal, Areias, Queluz, Lorena, Silveiras, Guaratinguetá, Cunha, Pindamonhangaba, São Luiz (antigamente chamada Paraitinga), Taubaté, Jacareí, São José, Paraibuna, Mogí das Cruzes e Santa Isabel.</i>
2. ^a — de São Paulo	{	São Paulo (capital da província), <i>Santo Amaro, Paranaíba, Atibaia e Bragança.</i>
3. ^a — de Campinas ou de Jundiá	{	Jundiá, Campinas, (denominada, antigamente, São Carlos), <i>Constituição (Piracicaba antigamente) Araraquara e Limeira.</i>
4. ^a — de Itú	{	Itú, <i>Pôrto-Feliz, Pirapora, Capivari, São Roque, Sorocaba, Itapetininga, Itapeva e Apiaí.</i>
5. ^a — de Curitiba	{	Castro, Curitiba, Vila do Príncipe (Lapa, antigamente), <i>Paranaguá, Guaratuba, Antonina e Morretes.</i>
6. ^a — de Santos vulgarmente	{	Iguape, <i>Xiririca, Cananéia, Itanhaen, Santos, São Vicente, São Sebastião, Vila Bela da Princesa e Ubatuba.</i>
7. ^a — de Franca	{	Mogí-mirim, <i>Casa Branca, Franca e Batatais.</i>

(154) Êsse documento é o quadro 4.^o do relatório do presidente da província correspondente ao ano de 1845 (*Relatório apresentado etc.*). Acrescentei a nomenclatura do *Relatório* dos nomes antigos de algumas cidades e vilas, e, grafadas em letras itálicas, mas que foram criadas em 1811. As comarcas são indicadas apenas por números nos documentos officiais. Colhi seus nomes vulgares em Milliet e Lopes de Moura.

Um viajante honesto, ESCHWEGE, criticou severamente a muito frequente elevação de simples aldeias a vilas e de vilas a cidades (155); SPIX, MARTIUS e eu, considerando as expressões um tanto exageradas dêsse autor sôbre o assunto, já fizemos sentir que nossa opinião diverge (156). Em verdade, certas vilas e cidades da província de S. Paulo, tais como eram na ocasião de minha viagem, em qualquer outra parte só teriam o nome de aldeiolas ou aldeias; e não contesto que a criação de uma ou outra cidade ou vila tenha tido por causa ou vaidades mal orientadas, ou interêsses meramente particulares. E' mistér, entretanto, reconhecer que a afastada distância em que se encontram, uns dos outros, os centros de população, obrigou, muitas vêzes, a administração pública a erigir em vilas, insignificantes aldeias, porque o título de vila implica a presença de autoridades mais graduadas, que dispoñham bastante energia e bastantes poderes para manter a ordem pública.

Qualquer acréscimo que ocorra na população da maior parte da Europa, não influi, ou influi de modo pouco sensível, no aumento do número das cidades e vilas. Em São Paulo, ao contrário, êsse número cresceu, desde 1820, numa proporção que não é muito inferior à observada no crescimento da própria população. E' quasi desnecessário explicar a causa de tal diferença. Na Europa, não existem terras que não tenham proprietário; a população, quando se torna mais considerável, não pode espalhar-se, adensando-se mais. Em São Paulo e em outras regiões onde imensas porções do território estão deshabitadas, o excesso da população se espalha pelas terras desertas, onde, em pouco, se formam novas aglomerações humanas.

VI — JUSTIÇA CRIMINAL

Em todos os países, depois de decorrido certo lapso de tempo entre o crime e o conseqüente castigo, o horror que o crime despertou se apaga, e o público, não vendo mais no criminoso senão um homem que sofre, acaba por ter do mesmo piedade e dedicar-lhe interêsse. Pela época de minha viagem, a compaixão pelos criminosos era levada ao extremo pelos brasileiros, cujas impressões são mais vivas e passageiras do que entre nós, e cujos costumes, pelo menos na atualidade, são geral-

(155) ESCHW., *Bras. die Neue Welt*, II, 49.

(156) SPIX e MARTIUS, *Reise*, I, 194 — AUG. DE S. HILAIRE, *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc. I, 39.

mente, mais brandos. As execuções capitais, aliás muito raras no Rio de Janeiro, produzem ali, quando realizadas, espécies de sublevações, e ninguém, nas classes inferiores da sociedade deixará de auxiliar, de boa vontade, os criminosos a se libertarem das mãos da justiça. E' natural, num país onde semelhantes disposições imperam, que a instituição do juri deve proferir absolvições mais frequentemente do que entre nós. Em 1830, foram cometidas atrocidades, em seguida a uma sedição, no território de Franca, vila da província de São Paulo. Os culpados compareceram ao julgamento do juri; provas as mais evidentes de seus crimes foram estabelecidas, e, entretanto, foram unânimemente absolvidos. Por essa razão, o presidente da província, em 1840, dizia, com amargura, que a sedição não podia deixar de criar raízes no seio de um povo que lhe reservava semelhante triunfo (157). O temor de vinganças, tão fáceis no interior, onde a polícia quasi não tem fôrça, contribui para tornar os jurados mais indulgentes. A agir como agem, são êles levados pelo hábito bem antigo de ceder às solicitações (*empenhos*); e, ademais, até 1847, a própria lei brasileira favoreceu os jurados, com sua excessiva indulgência (158).

Tem-se pretendido estabelecer que os crimes contra as pessoas são os mais comuns nos países onde há mais ignorância, e que os contra a propriedade predominam nos em que a instrução é mais difundida. O que sucede no Brasil, onde, infelizmente, a ignorância é ainda muito grande, tem bastante fôrça para confirmar êsse conceito. O Ministro da Justiça declarava, com efeito, à assembléia legislativa de 1846, que "os crimes contra as pessoas, tais como os homicídios e ferimentos, são os mais comuns"; e parece que, em São Paulo, particularmente, os indivíduos acusados pelo crime de furto estavam, pelo menos há dez anos, relativamente aos acusados pelo crime de morte, numa proporção, aproximadamente, de 1 para 2 (159).

Na época de minha viagem não se cometia grande número de crimes em Minas e Goiaz, onde não eram conhecidos os roubos à mão armada; e, sobretudo longe das cabeças de comarcas, os proprietários raramente se queixavam de qualquer das espécies de furto ou roubo. Os homicídios eram, entretanto, assaz frequentes na parte da província

(157) Discurso pronunciado pelo presidente da província, MANUEL MACHADO NUNES, no dia 7 de janeiro de 1840, p. 3.

(158) Relatório do Ministro da Justiça, correspondente ao ano de 1847, *Anuário*, segundo ano, 92.

(159) É o que resulta do Quadro 7 do *Ensaio Estatístico*. Pode se admitir, sem dúvida, que o expresso por êsse Quadro não seja de rigorosa exatidão: mas não é lícito rejeitá-lo em seu conjunto.

de São Paulo que forma o norte da sétima comarca atual, o que não deve admirar, por que essa região, afastada dos grandes centros povoados, servia de asilo aos criminosos foragidos de Minas. Acredito, também, que a vizinhança da capital do Brasil tornava mais comuns os roubos e furtos nas regiões da província de São Paulo, limítrofe da do Rio de Janeiro, do que em qualquer outro ponto do país.

Parece que, atualmente, os crimes são mais numerosos, não somente em São Paulo, mas ainda em todo o Brasil, do que no período de 1816 a 1822. O Ministro da Justiça aponta a causa dêsse aumento da criminalidade, em seu relatório à Assembléia Legislativa geral de 1846: — “Para serem explicados tantos atos de ferocidade contrários ao caráter essencialmente bondoso do povo brasileiro, basta pensar por um momento nas revoluções de que o nosso país tem sido teatro, nas desordens que nele têm ocorrido, nas discussões, nos ódios, nas vingaças, que deveriam ser, necessariamente, a resultante dêsse estado de agitação, na perda dos antigos hábitos de disciplina e de obediência, no grande número de estrangeiros, que, fugindo de seus países, chegaram ao nosso, no abandono em que se tem deixado a educação religiosa, na desmoralização dos escravos cujo número é extraordinariamente considerável, finalmente, na facilidade com que os criminosos podem furtar-se à ação da justiça, refugiando-se nos desertos” (160).

VII — FINANÇAS

Muitos impostos que, no regime da antiga administração, eram pagos em Goiaz (161), eram igualmente exigidos dos paulistas; mas certos direitos havia que as diferenças das localidades e das produções não permitiam ser arrecadados nas duas províncias. Assim, desde muito antes de 1820, já não mais eram exploradas as minas em São Paulo; consequentemente, nessa província não havia mais o imposto do quinto. De outro lado, os paulistas iam buscar no Rio Grande do Sul os muares que vendiam em várias províncias do norte do Brasil. Êsses animais

(160) Desejaria comparar a estatística criminal da França com a da província de São Paulo; mas os presidentes dessa província não cessam de se lastimar contra a organização judiciária local, que lhes não permite estabelecer tal estatística. Os dados, constantes de seus relatórios que tenho presentes, não são bastante completos, para que eu possa valer-me dos mesmos com proveito.

(161) *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco*, I, 338.

passavam, forçadamente, pelo território de São Paulo, onde cada um deles pagava direitos que não poderiam ser exigidos dos goianos (162).

Em 1813 (163), e provavelmente até a revolução que mudou a face do Brasil, a província de São Paulo tinha como renda o produto dos direitos e impostos de que passamos a nos ocupar, em detalhe.

Donativos de officios — os titulares de certos cargos (*officios*) não percebiam honorários pròpriamente ditos. Ao contrário, o govêrnc recebia dos mesmos um têrço das contribuições que lhes eram devidas pelas partes interessadas, em pagamento de seus serviços (164).

Novos direitos.

Novos impostos — criados por dez anos, em 1755, cujo rendimento devia ser aplicado, unicamente, na reconstrução da alfândega de Lisboa. Cêrca de um século já transcorreu, e êste imposto perdura ainda (165).

Direitos da Chancelaria.

Peagem dos rios (166).

Direitos sôbre contratos e direitos sôbre cousas doadas — direitos sôbre os muares, os cavalos e o gado bovino entrados na província de São Paulo, vindos da do Rio Grande do Sul (167).

Dízimo sôbre os productos da terra — pago, aliás, em todo o Brasil, e que, como já foi dito e repetido, não era mais arrecadado para o clêro, sim, para o fisco.

Cruzados do sal — imposto sôbre o sal importado, à razão de 1 cruzado ou 400 réis (2 frs. 50 cs.) por *alqueire* (40 litros).

(162) Serão encontrados, no primeiro volume de minha *Voyage à Minas*, longos detalhes sôbre o imposto do quinto, e esta relação que agora publico também contém detalhes não menos extensos sôbre os direitos que se pagam na província de São Paulo sôbre os cavalos, os muares e os bovinos vindos do Sul do Brasil (V. o capítulo intitulado — *A cidade de Serocaba etc.*, ou o capítulo sob o título — *A vila de Castro*. — *Fim da Viagem aos Campos Gerais*).

(163) V. um quadro oficial, do ano de 1813, que o conde de BARCA, ministro de Estado, remeteu a ESCHWEGE, que o publicou com o acréscimo de algumas notas explicativas (*Journ. von Bras.*, II).

(164) Antes da chegada do rei de Portugal (D. JOÃO VI) ao Brasil, êsses *officios* rendiam ao fisco importâncias consideráveis. D. JOÃO VI, cedendo às solicitações dos cortezaões insaciáveis que o cercavam, aos mesmos concedeu a maior parte dêsses officios, com o que, a um tempo, descontentou os brasileiros e diminuiu as rendas que o imposto canalizava para o fisco. (V. minha *Voyage dans la Province de Minas*).

(165) V., sôbre os *novos direitos* e *novos impostos*, a nota da pág. 107.

(166) Num dos capítulos do presente volume, serão encontrados detalhes sôbre êsse imposto e sôbre a grande inconveniência do mesmo.

(167) V. a nota 162.

Subsídios literários — elevado imposto sôbre o açúcar e o café, para o custeio das despezas com a educação da mocidade, mas ao qual, no dizer de ESCHWEGE, era dado destino inteiramente diverso.

Direitos sôbre as mercadorias entradas em Minas.

Direitos da alfândega do pôrto de Santos.

Dízimo sôbre os bens de raiz e madeiras de construção.

Cisa e meia cisa — a cisa, informa ESCHWEGE, era paga sôbre cada negro vindo da África; a meia cisa, sôbre os negros crioulos.

Direitos do sêlo.

Carnes verdes — imposto ou taxa de 5 réis (3 cs.) sôbre cada libra de carne fresca.

Dêsses impostos, os que mais rendiam eram o *dízimo*, o sôbre o *sal*, os *subsídios literários*, e, finalmente, os direitos de *entrada de muares*, cavalos e gado bovino, pois sô êles produziam renda quasi igual a um quarto da recolhida com os demais impostos. Depois da revolução de 1822, a natureza dos impostos continuou, pouco mais ou menos, a mesma dos tempos anteriores. Eis os impostos cobrados em 1838 (168), e, com pouca diferença, os provàvelmente ainda cobrados hoje (169):

Novos e velhos direitos sôbre as provisões, os diplomas e os atos.

Novos impostos, compreendendo: um imposto de 6\$400 (20 frs. ao câmbio de 320) sôbre os estabelecimentos comerciais e tabernas da sede da comarca e das outras vilas do planalto; um sôbre os muares, cavalos e bovinos que passam pela feira de Sorocaba, e, finalmente, alguns outros direitos de menor importância (170).

Subsídios literários — imposto cobrado sôbre o gado abatido, destinado à venda por inteiro ou a retalho.

Carne verde — imposto que, ao invés de ser pago, como antigamente, sôbre cada libra de carne fresca exposta ao consumo, passou a ser exigido à razão de 1\$600 (5 frs.), por cabeça de gado abatido.

Dízimo dos produtos da terra — arrecadados, atualmente, com modificações que, anteriormente, não existiam.

(168) D. P. MÜLLER, *Ensaio Estatístico*, Quadro 9.

(169) V. os relatórios dos presidentes da província — anos de 1840, 1843, 1844, 1845 e 1847.

(170) Em suas notas sôbre o orçamento oficial de 1813, notas que reproduzi acima, ESCHWEGE informa que os *novos direitos* e *novos impostos* eram direitos sôbre as mercadorias; parece, entretanto, que assim afirmando, laborou, ao menos em parte, num equívoco, porquanto não seriam conservadas as antigas denominações, se a natureza dos referidos impostos passasse a ser outra, e MÜLLER diz, positivamente, que os *novos impostos* constituem a mesma taxa criada sob essa denominação, depois do terremoto de Lisboa.

Dízimo ou décima das propriedades urbanas — exigido nas vilas de 100 ou mais casas.

Décima dos legados e heranças — imposto de 10% sôbre os bens das pessoas falecidas sem herdeiros descendentes ou ascendentes.

Direitos do Rio Negro — cobrados sôbre os muares e cavalos entrados nas províncias, substituindo os outrora denominados *direitos sôbre contratos e casas doadas*.

Direitos sôbre a aguardente — 20% sôbre a aguardente de qualquer procedência.

Meia cisa — direito de 5% pela venda de escravos já adextrados. (E' claro que se devia suprimir, como suprimido foi, o *direito da cisa*, cobrado anteriormente sôbre os escravos africanos, pois agora só por contrabando entram no Brasil).

Direitos de expedições — percebidos pela secretaria da província.

Direitos sôbre os papéis entregues à embarcações que saem dos portos.

Contribuição para Guarapuava — imposto sôbre o gado bovino, os cavalos e os muares, afim de custear as despesas do estabelecimento de Guarapuava (171). Relativamente a êsse imposto, os animais criados entre a cidade meridional de Curitiba e a de Sorocaba pagam muito menos do que os provenientes do Sul, porquanto sôbre êstes últimos recaem três impostos diferentes, sem falar dos direitos de peagem.

Peagem dos rios.

Direito sôbre as casas de leilões. — O presidente da província no ano de 1844 observou que a renda dêste imposto é inteiramente insignificante, por existirem casas destinadas especialmente aos leilões, e propôs substituir o imposto por um direito de 2% sôbre as mercadorias postas em leilão.

Direitos de alfândega — cobrados sôbre as mercadorias importadas e exportadas, e aos quais se adicionou grande quantidade de pequenos direitos.

Direitos de chancelaria.

Direitos do sêlo.

Taxa das cartas de correspondência.

Sendo o Brasil um estado federativo, claro é que cada província, tanto a de São Paulo como as demais, deve ter um orçamento especial,

(171) Na minha *Viagem a Santa-Catarina* serão encontrados pormenores muito extensos sôbre a colônia de Guarapuava.

de seu exclusivo interesse, e que, além disso, tôdas elas devem, de acôrdo com a respectiva situação geográfica e com o estado de suas finanças, contribuir para as despesas gerais do Império; daí, duas espécies de rendas — as provinciais e as gerais. Estas últimas, quanto à província de São Paulo, provêm, unicamente, da arrecadação de quatro dos impostos acima relacionados, a saber — os direitos alfandegários, os da chancelaria, os do sêlo e a taxa sôbre a correspondência (*taxa do correio*). Todos os demais direitos e impostos constituem renda provincial, destinada à satisfação das necessidades da província.

O orçamento provincial para o ano de 1813 apresentou as seguintes cifras:

RECEITA	182:754\$054, ao câmbio de 160 ..	1.142.212 francos
DESPESA	178:130\$369, " " " " ..	1.113.314 "
EXCESSO DA RECEITA	4:623\$685 " " " " ..	28.898 "

Dessas cifras vamos aproximar as do ano financeiro de 1838-1839:

RECEITA	248:215\$284, ao câmbio de 320 ..	775.679 francos
DESPESA	211:812\$668, ao câmbio de 320, ..	
EXCESSO DA RECEITA	36:402\$416	

Se compararmos a quantidade de réis recebida em 1813 e a de réis despendida no mesmo ano, com a receita e a despesa de 1838-1839, igualmente em réis, veremos que estas últimas foram mais consideráveis do que a receita e a despesa de 1813; mas tal comparação seria de todo em todo errônea, porquanto, no intervalo dessas duas épocas, os valores representativos sofreram, no Brasil, grande depreciação. Reduzidas, então, a francos, as importâncias indicadas para 1813 e 1838, operando com a taxa cambial correspondente a cada um dêsses anos (172), constatamos realmente que, em 1838, a província de São Paulo, menos recebeu e menos despendeu do que em 1813, se bem que, nesse espaço de tempo, sua população tivesse aumentado de um têrço, aproximadamente. Tal diferença é devida, segundo creio, ao fato de, em 1813, ter havido grandes dispêndios com a guerra do Sul, e, de outro lado, à circunstâncias de que as finanças são atualmente mais bem administradas do que ao tempo do govêrno absoluto.

Não foi sòmente em 1839 que a receita excedeu à despesa; as verbas assinaladas nos orçamentos dêstes últimos anos, orçamentos que

(172) HORACE SAY, *Tableau Synoptique*, na *Histoire des Relations Commerciales*.

temos à mão, apresentam resultados semelhantes. Eis como se expressa, sôbre o assunto, o presidente da província, MANUEL FELIZARDO DE SOUSA E MELO:

— “Enquanto várias províncias do Império vêm-se privadas de recursos, lutando com mil dificuldades para satisfazer urgentes despesas, sendo até forçadas a solicitar recursos da caixa geral do Império, a de São Paulo tem rendas suficientes, não só para satisfazer suas múltiplas necessidades, mas, também, para pôr de reserva importantes somas. Devemos atribuir o estado de prosperidade de nossas finanças à prudência, à atividade de nossa administração provincial, ao zêlo dos nossos recebedores, e, sobretudo, à docilidade do povo paulista, o qual, cheio de respeito pela lei e pelas autoridades, de ordinário paga os impostos sem nenhuma dificuldade, sendo extremamente raros os exemplos de fraude entre os contribuintes”.

Entre as causas a que o presidente M. FELIZARDO atribuiu a prosperidade das finanças da província de São Paulo, penso que deveriam figurar, em primeiro pôsto, a extensão do comércio e o progresso da agricultura.

CAPÍTULO II

INÍCIO DA VIAGEM NA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO — A CIDADE DE FRANCA, ATUALMENTE SEDE DE COMARCA

LIGEIRA NARRATIVA DA VIAGEM DA FRONTEIRA DE GOIAZ A CIDADE DE SÃO PAULO. PANORAMA DAS MARGENS DO RIO GRANDE. ASPECTO DO CAMPO APÓS AS PRIMEIRAS CHUVAS. ALDEIA DO RIO DAS PEDRAS. ESTUPIDEZ, IMUNDÍCIE E APATIA DE SEUS HABITANTES. FERTILIDADE DO SOLO. — SÍTIO DE POUSO ALTO; SEUS MORADORES. UMA TEMPESTADE. O RIBEIRÃO DO INFERNO E SUA CACHOEIRA. UM CAMARADA NGVO. O CURSO DE ÁGUA DENOMINADO RIBEIRÃO CORRENTE. A ALDEIA DO MESMO NOME. PÉSSIMA POUSADA. GENIO INTRATÁVEL DE JOSÉ MARIANO. A VILA DE FRANCA; SUA HISTÓRIA; TORNA-SE CIDADE E CABEÇA DE COMARCA. USOS E COSTUMES DE SEUS HABITANTES. JOSÉ MARIANO PICADO POR UMA COBRA.

Ao terminar o relato de minha viagem a Goiaz, disse que, após ter transposto o rio Grande, limite da província de São Paulo, comecei, no dia 24 de setembro de 1819, a percorrer essa imensa província. Para alcançar sua capital, viajei 86 léguas (173), seguindo a estrada que as caravanas percorrem, em demanda de Goiaz e Mato Grosso. Gastei trinta e seis dias nessa viagem, muito castigado pelas chuvas e pelas más pousadas. A estrada em questão estende-se, mais ou menos paralela à fronteira ocidental de Minas Gerais, até *Pirapitingú*, não se afastando da referida fronteira mais de um grau, sendo que, em certos pontos, muito se aproxima da mesma.

Pelo ligeiro relato que fiz dessa viagem (174), já é sabido que, entre o rio Grande e São Paulo, atravessei as localidades denominadas — Franca, Casa Branca (175), Mogí-Guaçú, Mogí-Mirim, São Carlos e

(173) LUIZ D'ALICOURT estima a mesma distância em 89 e meia léguas (*Mem. Viaj.*, 113) e ANTÔNIO JOAQUIM DA COSTA GAVIÃO, em 88 léguas (*in MATOS, Itinerário*).

(174) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiaz*, II, 170.

(175) Ver-se-á, mais para diante, que, em época bem recente, Franca e Casa Branca foram elevadas a cidades.

Jundiaí; e que até Mogí, mais ou menos, num espaço de 50 a 55 léguas, os campos são pouco habitados, quasi sem culturas, sendo que os habitantes, estabelecidos de distância em distância, às margens da estrada, são geralmente, homens rudes, ignorantes e estúpidos (176). Além de Mogí, a região é mais animada e mais povoada. Encontram-se, a miúdo, burros carregados com mercadorias européias ou com gêneros coloniais; as habitações são menos raras e sente o viajante que se aproxima de um centro bastante povoado. Notam-se algumas diferenças nos hábitos dos colonos, que, pela fisionomia, pelos costumes e pela linguagem dão a perceber que o viajante não está mais em Minas Gerais ou em Goiaz. O aspecto da região acusa também modificações, não somente porque, a cerca de 20 léguas de São Paulo, as florestas substituem os campos, mas também porque, em geral, desde o rio Grande, a vegetação torna-se menos brilhante e menos variada. Percebe-se que dentro em pouco se sairá dos trópicos: a natureza anuncia uma outra flora. No próprio dia de minha chegada às margens do rio Grande (177), atravessei-o e dormi num vasto *rancho* (178), coberto de fôlhas, aberto de todos os lados. A noite estava muito fria. No dia seguinte, pela manhã, antes do despontar do sol, uma neblina espessa impedia-me de ver os objetos circunvizinhos; mas logo desapareceu e pude deliciar-me com a beleza da paisagem.

Nessa época do ano, isto é, ao fim do tempo da sêca, o rio tinha quasi a mesma largura que o Sena em frente do Jardim das Plantas, em Paris, e, por consequência, na estação chuvosa, deve apresentar um aspecto bem imponente. Corre com lentidão, descrevendo largas sinuosidades. As margens, pouco elevadas, são cobertas de matas, em meio das quais um grande número de árvores estavam, na ocasião de minha passagem, inteiramente desprovidas de fôlhas, ao passo que outras ostentavam uma nova folhagem. Uma ilha, cuja extremidade é avistada quando se chega ao local da peagem, muito contribui para embelezar a paisagem, dando-lhe um agradável aspecto de variedade. Além do Rio

(176) À medida que se afasta das vilas, diz LUIZ D'ALINCOURT (*Mem. viaj.*, 54), que viajava de São Paulo a Goiás, os habitantes dos campos se tornam cada vez mais selvagens.

(177) Itinerário, aproximadamente, da viagem do rio Grande à vila de Franca:

Das margens do rio Grande ao Rio das Pedras (arraial)	3 léguas
Do rio das Pedras a Pouso Alto (sítio)	4 "
De Pouso Alto a Ribeirão Corrente (arraial)	5 "
De Ribeirão Corrente a Franca (vila)	4 "
Total	16 "

(178) Os *ranchos* são barracões nos quais os viajantes encontram um abrigo (*Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, I, 64).

Grande, a região é bastante plana. Num espaço de cerca de 2 léguas, atravessei um *campo* (179) semeado de árvores raquíticas. As chuvas dos dias anteriores, se bem que pouco abundantes, tinham feito reverdecer essas árvores, cuja folhagem apresentava extrema frescura, com tons amarelos muito menos intensos dos que os dos nossos álamos, salgueiros e carvalhos durante a primavera. Após ter caminhado 2 léguas, passei diante de uma miserável cabana, construída de tábuas juntas uma às outras. Entrei, em seguida, num capão de mato (180) que me pareceu ser o mais extenso que atravessei desde Mato Grosso e Goiaz (181), pois media cerca de uma légua.

Parei, para passar a noite, em Rio das Pedras, espécie de aldeia formada por algumas casinhas, denotando tôdas elas extrema pobreza, e habitadas por diversos irmãos e *agregados* (182). O rancho em que me alojei estava em melhor estado do que essas cabanas; mas pareceu-me que não se davam ao trabalho de varrê-lo, porque os *bichos de pé* (*pulex penetrans*) nos devoravam.

Enquanto descrevia e examinava as plantas, aproximou-se um homem do rancho, permanecendo várias horas a olhar-me, sem proferir qualquer palavra. Desde Vila Boa até Rio das Pedras, tinha eu tido quiça cem exemplos dessa estúpida indolência. Esses homens, embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes, e, talvez, por excessos venéreos prematuros, não pensam: vegetam como as árvores, como as ervas dos campos. Obrigado, pela ventania, a deixar o rancho, fui procurar abrigo numa das cabanas principais, mas admirei-me da desordem e da imundície reinantes na mesma. Grande número de homens, mulheres e crianças desde logo rodeou-me. Os primeiros só vestiam uma camisa e uma calça de tecido de algodão grosseiro; as mulheres, uma camisa e uma saia simples. Os goianos e, mesmo, os mineiros (183) de classe inferior vestem-se com

(179) Dá-se o nome de *campos* a espécies de planícies ou savanas sêcas, que se compõem apenas de ervas e sub-arbustos, ou que apresentam, em meio das ervas, árvores espalhadas aqui e ali, quasi sempre tortuosas e mirradas (V. minhas três narrações precedentes).

(180) Na maioria dos campos, vêem-se capões de mato, de uma extensão mais ou menos considerável. *Capão* vem da palavra indígena que significa ilha. (*Voyage dans la Province de Rio de Janeiro* etc., II, 98).

(181) *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiaz*, II, 53-174.

(182) Denominam-se *agregados* indivíduos que nada possuem de seu e que se estabelecem em terreno de outrem (*Voyage dans la Province de Rio de Janeiro*, I, 73).

(183) Os mineiros são os habitantes da província de Minas Gerais. Em algumas regiões são também conhecidos pelo nome de *geralistas*.

muito pouco apuro, mas, pelo menos, são limpos; a indumentária dos pobres habitantes de Rio das Pedras era tão imunda quanto suas cabanas. À primeira vista, a maioria deles parecia ser constituída por gente branca; mas, a largura de suas faces e a proeminência dos ossos das mesmas traíam, para logo, o sangue indígena que lhes corria nas veias, mesclado com o da raça caucásica. Êsses indivíduos, que tinham o ar tão doentio quanto o dos habitantes das margens do rio Grande (184), disseram-me que sua terra era muito pantanosa e que as febres intermitentes muito os castigavam. A bem pouca distância dessa região insalubre encontrariam terras férteis e desocupadas, podendo, nas mesmas, respirar o ar mais puro da terra; mas os mestiços de indígenas com brancos têm a mesma imprevidência dos representantes de sua ascendência materna e, talvez, mais apatia. Pode-se acrescentar, ao demais, que, à indolência, juntam êles, geralmente, a idiotice e a impolidez; todavia, não mostram, nem a arrogância, nem a maldade característica, muitas vezes, do habitante dos camponesês de França. Têm qualquer ponto de semelhança com os habitantes de Sologne, mas são, entretanto, muito mais indolentes do que êstes e, ao mesmo tempo, muito mais grosseiros e menos ativos (185). Além de Rio das Pedras, atravessei, numa extensão de cêrca de quatro léguas, campos onde a vegetação não havia ainda feito os mesmos progressos notados nos que na véspera atravessara. O terreno é plano, e, como em outras zonas do Brasil, a terra é de um vermelho muito carregado. Levanta-se uma poeira espêssa à medida que se caminha, poeira que mancha as roupas, e que, misturada com o suor, suja o rosto e as mãos. Parei no sítio denominado Pouso Alto, próximo ao qual foi construído um vasto barracão para os viajantes (*rancho*). Os indivíduos que alí vi, à minha chegada, eram ainda descendentes de brancos com indígenas, e tão apáticos como os moradores de Rio das Pedras; mas imediatamente soube que o referido sítio não lhes pertencia, pois moravam nas vizinhanças do mesmo, e que o proprietário era um agricultor verdadeiramente branco, nascido em Minas Gerais, que adotara os costumes dos habitantes da região onde se fixara, porquanto sua casa de residência era tão imunda quanto a em que eu na véspera havia passado a noite.

Êsse homem me afirmou que as terras vizinhas de Pouso Alto são notáveis pela sua fertilidade, tanto quanto as de Rio Grande e Rio das

(184) *Voyage dans la Province de Goiás*, II, 311.

(185) Os "solonheses", melhor alimentados e vestidos, são hoje, talvez, mais ativos e menos grosseiros; mas à medida que se civilizam, tornam-se egoístas, e não respeitam como antes a fé de seus antepassados, e desconhecem a admirável fraternidade que aos mesmos caracterizava.

Pedras. Êle vendia o milho que cultivava, aos viajantes, e, uma vez por ano, ia à cidade de São Paulo, com um carro de bois, carregado de toucinho e de algodão, e dali regressava transportando sal e artefatos de ferro. Êsse percurso — ida e volta — de 158 léguas, era feito em cêrca de três meses.

Enquanto permaneci em Pouso Alto, o tempo foi mau. Meus burros fugiram, José Mariano, meu arrieiro, resfriou-se, vendo-me forçado a parar durante três dias nesse triste lugar. Nos arredores dessa localidade não encontrei nenhuma planta em flor e não podia conversar com quem quer que fôsse, pelo que morria de aborrecimento. Pelo dia seguinte ao de minha chegada, desencadeou-se um dos mais terríveis tufões por mim até então presenciado. Turbilhões de pó vermelho escuro nos envolveram no meio do *ranch*o, cobrindo nossas bagagens. Meus papéis e os couros com que são cobertos as cargas dos animais, para retê-las, foram arrebatados pelo vento, e, embora fechadas à chave, tôdas as minhas malas encheram-se de poeira. Uma chuva de pedras (*saraiva*) uniu-se ao tufão. Ao fim de alguns minutos grande chuvarada succedeu a êsses fenômenos meteorológicos, ficando o *ranch*o inundado por fortes correntes de água, dando-nos muitíssimo trabalho para impedir que as nossas roupas fôsse molhadas. Pela tarde, a chuva cessou; mas a água diluira a poeira, de forma que em nenhum objeto podíamos tocar, sem sujá-lo, ou sem nos sujar.

Perto de Pouso Alto corre um ribeiro, denominado antigamente *Ribeirão do Inferno*, denominação que os habitantes da localidade têm se esforçado para trocar pela de *Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo*. Êsse curso de água, segundo fui informado, nasce a uma légua portuguesa da vila de *Franca*, da qual dentro em pouco tratarei, e, após curso pouco extenso, deságua no rio Grande. A um quarto de légua de Pouso Alto, êsse ribeiro forma uma cascata, que fui ver. Acima do local de onde o mesmo se precipita, sua largura é de cêrca de 50 passos, mas cai de uma altura de, aproximadamente, três a quatro metros, nada, entretanto, apresentando de notável na queda.

Procurava eu um *tocador* (186), em substituição ao que me havia deixado poucos dias antes (187). Logo que cheguei a Pouso Alto, um jovem branco ofereceu-me seus serviços, oferta que me apressei em aceitar. Já tive ocasião de relatar como é difícil, no Brasil, encontrar servi-

(186) O *tocador* é quem sob a direção do arrieiro, guia os animais de carga, procura-os no campo, etc. (V. minhas narrativas anteriores).

(187) *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiás*, 306.

dores livres . Eu a ninguém conhecia na região e de ninguém era conhecido; assim, nada de mais prático tinha a fazer do que aceitar o primeiro que se apresentasse. Era um rapaz que parecia ativo e bem disposto para o desempenho de qualquer serviço. Contratei seus serviços à razão de 3\$000, mensalmente (18 frs., 75 cs.).

Para além de Pouso Alto, a região é ondulada, e apresenta, dentro de um espaço de 5 léguas, uma alternativa de *campos* entremeados de árvores raquíticas, capões de mato e terrenos pantanosos de pequena extensão, nos quais só crescem ervas. O verde das *queimadas* (18) variava conforme a época em que o fogo foi nas mesmas ateado. As mais antigas apresentavam o aspeto da primavera na Europa. As *gramíneas* que cresciam sob as árvores formavam um tapete encantador, e, si ainda não eram muito numerosas suas folhas, ostentavam uma intensa frescura. Outras *queimadas* apresentavam árvores menos enfolhadas e relvas mais baixas. Nas *queimadas* mais recentes, enfim, via-se, apenas, uma erva nascente, e as árvores só apresentavam brotos.

Passamos diante de dois miseráveis *sítios*. Junto do primeiro, denominado *Monjolinho*, corre um pequeno ribeirão, que, após um curso de cêrca de 15 léguas, desagua no rio Grande, e que tem o nome de *Ribeirão Corrente*. Tornei a encontrar êsse ribeirão no lugar onde fiz pouso — um lugarejo também conhecido pelo nome de *Ribeirão Corrente*, e que se compunha de vários casebres esparsos, habitados por diversas famílias. Êsses casebres nenhum confôrto prometiam, mas fui bem acolhido pelos seus moradores, o que me fez acreditar tratar-se de mineiros, porque os paulistas, muito hospitaleiros em certas regiões, são bem pouco tratáveis nessa que no momento eu percorria.

Em Ribeirão Corrente, passei a noite num pequeno *rancho*, aberto de todos os lados. Estávamos num terreno baixo, à margem de um regato. Perdí o sono, devido ao frio extremamente forte que fazia. Quando me levantei, sentia-me bastante desanimado, e o arriero José Mariano, contribuíu para aumentar meu desgosto, com o seu mau gênio. Sem nenhuma razão enfureceu-se contra o meu criado francês, o bom Larotte, que para êle sempre tinha sido muito complacente, ameaçando-o. Quando já estávamos em marcha, ameaçou com sua arma, ainda sem motivo para tal, o indígena Firmiano; mas êste, a quem sobrava coragem e sangue-frio, também sacou de sua arma, pronto a defender-se,

(188) Anualmente, ateia-se fogo às pastagens, afim de obter erva fresca para o gado, e dá-se o nome de *queimadas* às que foram recentemente incendiadas. (V. minhas narrativas anteriores).

pelo que José Mariano tornou-se mais tratável e cordato (189). Eu sabia que êsse indivíduo, inconstante como todos os mestiços, era capaz de me abandonar no meio da estrada, à primeira censura que lhe fizesse, e, como seria, em tal situação, impossível substituí-lo, eu me enchia de paciência. Além de Ribeirão Corrente, a região, sempre plana, ainda apresenta, num espaço de 2 léguas, campos entremeados de árvores raquíticas; mas a terra, depois de em longa extensão apresentar-se de côr vermelho-escura, torna-se um pouco arenosa, e daí a planície oferece excelentes pastagens, compostas apenas de ervas, pastagens manchadas, aquí e alí, por numerosos capões de mato.

A vila de Franca, onde pousei, é aprazivelmente localizada em meio de vastas pastagens, numa região descoberta, semeada de capões de mato e recortada por profundos vales. Ocupa essa encantadora vila o centro de uma elevação do terreno, larga e arredondada, de cada lado banhada por um pequeno regato (190). Não havia alí, ao tempo de minha viagem, senão cêrca de umas cincoenta casas, mas já estavam assinalados os locais para a construção de um grande número delas, e era fácil de perceber que Franca não demoraria em adquirir grande importância. Durante o tempo em que permaneci nessa vila, era a mesma inteiramente habitada por mineiros que, pelo ano de 1804, tinham construído as primeiras casas da localidade. Uns, sentindo falta de espaço em sua região natal, outros, fugindo das perseguições da justiça e de seus credores, tinham se deslocado para o oeste, chegando a uma região completamente deserta, onde encontraram terras férteis e excelentes pastagens, terras de que tomaram posse. Essa região não dependia da capitania de Minas Gerais; pertencia à de São Paulo. Os mineiros para alí emigrados puseram-se sob a proteção de ANTÔNIO JOSÉ DA FRANCA E HORTA, governador desta última capitania, dando um dos sobrenomes do mesmo à vila cuja criação iniciaram (191).

(189) Minhas três narrativas anteriores já deram notícia de Firmiano, indígena da tribo dos *botucudos*. Quanto ao arrieiro José Mariano, já esbocei seu retrato em minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc., I, 20.

(190) O regato a oeste é denominado, como afirma d'ALINCOURT, *Ribeiro de Itambé*, e o a leste, *Ribeiro do Vigário* (Mem. Viag., 59). Segundo a última obra intitulada *Dicionário Geográfico do Brasil* (I, 375), Franca estaria *situada à margem esquerda do rio Mogi*; confesso não compreender bem essa frase, que, de resto, reputo como o resultado de um êrro de copista.

(191) Penso que LUIZ D'ALINCOURT equivocou-se quando afirmou (*Mem. viag.*, 59) que Franca recebeu êsse nome, porque alí se estabeleceu, desde sua origem, gente oriunda de tôda a parte e de tôdas as condições.

Novos habitantes vieram juntar-se aos mais antigos, e antes da época de minha viagem (1819), Franca já se tinha tornado a principal localidade de uma paróquia cujos limites eram, de um lado, os da própria província, e, de outro, a paróquia de Batataes. Em 1824, a vila de Franca foi elevada à cidade, sob o nome de *Cidade da Franca do Imperador* (192), e, em 1839, a nova cidade tornou-se a cabeça da sétima comarca de São Paulo (193), de 1818 a 1823, a paróquia contava cêrca de 3.000 habitantes em idade de se confessar (194); em 1838, em todo o *térmo*, 10.664 habitantes de tôdas as idades, dos quais 9,149 eram livres e 1.516 eram escravos (195). Só a cidade, segundo se afirma, conta hoje (196) 5.000. Em seu comêço, os assassinatos e muitos outros crimes multiplicaram-se no seio da nóvel população, a qual, entre seus habtiantes, contava, como já disse, grande número de aventureiros e de indivíduos perseguidos pela justiça. Na ocasião de minha viagem, êsse estado de cousas não estava ainda muito mudado — Franca continuava a ser considerada como um covil de homens perigosos e de má fama: mas o governador da província, JOÃO CARLOS AUGUSTO D'OEYNHAUSEN, acabava de tomar medidas severas para impedir novas desordens. Tais providências tiveram, talvez, momentâneamente, resultado eficaz; entretanto, se depois de decorridos séculos e de longa série de revoluções, cada povo ainda conserva assinaladas marcas de sua origem, como os costumes dos ascendentes poderão desaparecer na segunda ou terceira geração, numa população extremamente escassa, que, isolada em meio de um deserto, nenhuma ocasião teve de se retemperar, e em relação à qual as leis de repressão policial só podem exercer fraquíssima atuação? Em 1838, Franca foi teatro de uma revolta incitada por um indivíduo chamado ANSELMO FERREIRA DE BARCELOS (197). Atrocidades foram cometidas, as pessoas de bem fugiram e o crime triunfou. A revolta acabou por ser dominada; depois disso é que Franca foi elevada a cabeça de comarca, tornando-se, por consequência, local de residência de um *juiz de direito*, espécie de magistrado de esfera superior, os quais, extranhos às regiões em que exerciam a judicatura, mais fâcilmente se impõem aos criminosos e malfeitores; o que não sucede com as autori-

(192) Os autores do *Dic. do Brasil* indicam (I, pág. 375) o ano de 1836; preferi o indicado por PEDRO MÜLLER (*Ensaio*, 43), que residia na província de São Paulo, e que, por sua posição, estava mais do que ninguém em condições de saber o que na mesma ocorria.

(193) P. MÜLL., *Ens. Est.*, 43.

(194) D'ALINC., *Mem. Viag.*, 60.

(195) P. MÜLL., *Ens. Est.*, apêndice, tabela 5.

(196) MILL. e LOP. DE MOUR., *Dic. Bras.*, I, 375.

(197) MILL. e LOP. DE MOUR., *Dic. Bras.*, I, 373.

dades locais, fáceis de ser intimidados, ou, mesmo, de se deixar arrastar por perigosíssima cumplicidade. Os rebeldes da cidade de Franca foram submetidos a julgamento perante o juri, o qual, temendo, sem dúvida, a ira dos mesmos, os absolveu, por unanimidade. Em seu discurso à assembléia legislativa provincial reunida em janeiro de 1840, o presidente MANUEL MACHADO NUNES lamentou as penosas dificuldades em que se encontra a autoridade pública, para manter a ordem nesses lugares afastados. — “Seria necessário”, declarou, “que os autores das atrocidades que deploramos fôsem punidos de modo exemplar, que o terror fôsse dissipado, que os fugitivos pudessem regressar tranquilamente a seus lares, e que as pessoas honestas quisessem aceitar os empregos públicos. Entretanto, assim não aconteceu... A sedição obteve o mais completo triunfo, e é lícito temer que os habitos de desordem e de insubordinação se radiquem cada vez mais nessa parte afastada da provincia” (198).

É justiça dizer, entretanto, que encontrei entre os habitantes de Franca mais polidez e muito menos selvageria do que entre os mais antigos, das margens da estrada de Goiaz a São Paulo. Com exceção de um pequeno número de operários e negociantes de comestíveis os demais eram todos agricultores, os quais, segundo o costume, não tinham casa na sede da comarca senão para nas mesmas passarem os domingos, casas que, durante os outros dias da semana, permaneciam fechadas, pois os respectivos proprietários residiam em suas fazendas. Os francanos cultivavam, fabricavam, em suas propriedades, tecidos de algodão e de lã (199), e applicavam-se especialmente à criação de gado vacum, de porcos e de carneiros. Suas occupações não se modificaram desde a época de minha viagem (200); mas a criação de gado vacum, no distrito de Franca, tomou grande incremento, e, em 1838, êsse distrito era um dos que forneciam mais gado bovino. Em consequência de sua vida de criadores é que os habitantes da região têm a vantagem de não necessitar de grande número de escravos (201). Uma outra vantagem devem também a essa circunstância: montando constantemente a cavallo, para correr em busca dos animais, nos campos, onde o ar é geralmente puro, gozam de ótima saúde, e parece que em nenhuma outra parte da pro-

(198) *Discurso pronunciado no dia 7 de janeiro de 1840, por ocasião da abertura da assembléia legislativa provincial, 2, 3.*

(199) PIZ., *Mem. Hist.*, VIII, 303.

(200) PED. MÜLL., *Ensaio*, tab. 14. — MILL. e LOP. DE MOUR., *Dic.*, I, 375.

(201) V. mais acima.

víncia há tantos exemplos de longevidade, como no distrito de Franca do Imperador (202). Enquanto permaneci nessa vila, José Mariano foi caçar. Regressou muito tarde, dizendo-me, ao chegar, que tinha sido picado por uma cascavel; mas nada temo, acrescentou êle, porque fui *curado* (203), e desde essa época já fui picado uma vez, sem que disso resultasse qualquer inconveniente. José Mariano pronunciou essas palavras de modo tão tranquilo e com o rosto tão sereno, e assegurando tão positivamente que apenas sofria um ligeiro entorpecimento na perna, que a princípio nenhuma inquietação tive; mas, quando, pouco depois, vi a cobra e o sítio em que a mesma picou, pouco faltou, confesso, para que eu perdesse os sentidos. Recordei-me da dolorosa perda que já sofrera em São João d'El-Rey. Em algumas horas, pensava eu, posso perder também José Mariano e de modo muito mais cruel ainda do que o ocorrido com Prégent (204); esta viagem parecia-me reprovada pela Providência; meus olhos se encheram de lágrimas. José Mariano contou-me que, quando foi mordido, atravessava um pequeno bosque, pondo o pé sôbre a cascavel, e que esta, depois de o ter picado não se moveu do lugar onde se encontrava, que, então, Firmiano a matou a pau, porque quem foi *curado* nunca deve matar nem deixar matar com instrumento de ferro a serpente que o mordeu. José Mariano apresentava duas picadas um pouco acima do tornozelo, uma com a extensão de uma linha e a outra com a de três linhas. As presas da cobra não ficaram nos lugares picados, e, pelo que me contou Firmiano, pouco sangue saíu das mordeduras. O doente disse-me que a dor que sentira no momento em que foi picado podia se comparar à produzida por uma forte queimadura. Fiz-lhe tomar um pouco de alcalí — três gotas em um copo de água —, e, com uma pena, pinguei duas ou três gotas da mesma substância nos pontos feridos. No momento em que foi aplicado o alcalí, o mestiço demonstrou sofrer uma dor muito viva, a qual, disse-me, se estendeu como um jato de fogo por tôda a perna, mas de pouca duração. Ao fim de um quarto de hora, repeti o mesmo tratamento. O doente estava pálido e parecia abatido; fi-lo repousar. Ficou deitado durante cêrca de meia hora, levantando-se em seguida e se pôs a preparar pássaros e a cobra que o havia picado. Queixava-se de um entorpecimento na

(202) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiaz* etc., I, 98.

(203) Em 1838, contavam-se nesse distrito, segundo PEDRO MÜLLER, sôbre 10.664 habitantes, 34 indivíduos livres e 22 escravos de 90 a 100 anos (*Ensaio*, tab. 5, continuação).

(204) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc., I, 93, 103, 105 e 113.

parte ofendida; mas sua perna não inchou e êle jantou como de costume. No dia seguinte nada mostrava de anormal. Eu não podia acreditar na ciência dos *curandeiros*, — que pretendem preservar o corpo humano das consequências das picadas de cobras, pelo que attribuí ao alcalí a cura de José Mariano. Entretanto, muito tempo depois, Firmiano, num momento de mau humor, veio dizer-me: “o sr. acreditou que José Mariano tivesse sido mordido pela cascavel? Êle disse uma mentira”. Nada respondi, para não estimular as delações, mas fiquei na dúvida sôbre o caso. José Mariano era muito capaz de ter querido mistificar-me; Firmiano também era muito capaz de ter mentido.

CAPÍTULO III

DE FRANCA A MOGÍ-MIRIM

ASPECTO GERAL DA REGIÃO SITUADA ENTRE FRANCA E MOGÍ-MIRIM. MUDANÇA NA VEGETAÇÃO. O CAMPO NO COMEÇO DA PRIMAVERA. ÉPOCA DO INÍCIO DAS CHUVAS. COSTUMES DOS HABITANTES, SUAS OCUPAÇÕES E MOEDA IMAGINÁRIA. OS CAMPOS QUE SE EXTENDEM PARA ALÉM DE FRANCA. ACIDENTE OCORRIDO COM DUAS MALAS DE BAGAGENS. O RIO DE SANTA BÁRBARA E A FAZENDA DO MESMO NOME. O RIO SAPUCAÍ. A FAZENDA DA PACIÊNCIA; SEU PROPRIETÁRIO. O CAMPO ALÉM DE PACIÊNCIA. A ALDEIA DE BATATAIS; A CASA COM O MESMO NOME; SEU PROPRIETÁRIO; AVENTURA DE LARUOTTE; O INTERIOR DAS CASAS RESERVADO AS MULHERES; ANEDOTA. AMULETOS. O CAMPO ALÉM DE BATATAIS. A FAZENDA LACES; SEU PROPRIETÁRIO. ALDEIA DE CUBATÃO. UMA GRANDE MATA. EXTRAVAGÂNCIA DE JOSÉ MARIANO. O RIO PARDO; ANIMAL CHAMADO MINHOTOÇÚ. ÁGUAS MINERAIS DE RIO PARDO; GÓSTO DO GADO POR ESSAS ÁGUAS. UM MERCADOR DE DIAMANTES. INCONSTANCIA DOS SERVIDORES LIVRES. FAZENDA DA PACIÊNCIA. A VILA DE CASA BRANCA; SUA HISTÓRIA. UM VENDAVAL. VEGETAÇÃO DA REGIÃO QUE SE ESTENDE PARA ALÉM DE CASA BRANCA. O JAGUARÍ-MIRIM. A FAZENDA DE ITAPEVA E O RIO DO MESMO NOME. OS CÃES. O RANCHO D'URUSSANGA; OS RANCHOS EM GERAL. CIGANOS; UMA CONSULTA. A VILA DE MOGÍ-GUAÇÚ. REGIÃO DOS ENGENHOS DE AÇÚCAR. O RIO MOGÍ-GUAÇÚ — RIO MUITO INSALUBRE; ENVENENAMENTO DOS PEIXES COM O TIMBÓ.

Entre Franca e Mogí-Mirim, num espaço de cêrca de 40 léguas, a região não é mais o que era desde a cidade de Goiaz. As árvores raquíticas que quasi por tôda a parte interceptavam a vista e a fatigavam com a sua monotonia desaparecem geralmente dos *campos*, e excelentes pastagens, caracterizadas, como as das regiões do Rio Grande, pelo *capim flecha*, permitem descortinar um vasto horizonte. Depois de Caldas, o viajante, que deixara de ver montanhas (205), avista uma pequena cadeia, ramificação da serra da Mantiqueira, denominada *serra do*

(205) V., sôbre a montanha de Caldas, minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiaz*, vol. II, cap. XXV.

Rio Grande e do Paraná (206), delineada ao longe, do lado do oeste, serra que estabelece uma variante na paisagem.

As chuvas, que tinham começado há poucos dias, davam aos campos um aspecto encantador. A relva já se tornara abundante e um verde claro sucedera às côres cinzentas que, durante a estação da sêca, por tanto tempo haviam desconsolidado meu olhar. Sem ser tão numerosas e tão variadas quanto nos países inteiramente tropicais, as flores tornavam-se, contudo, mais abundantes; os insetos se agitavam no meio dos estames e sobre as fôlhas nascentes; a natureza saia do torpor calmo e silencioso em que se mantivera mergulhada durante vários meses, parecendo dizer, como ao término de nossos tristes invernos: — *Mortal, não foste esquecido* (207).

A estação das chuvas não começa na mesma época, nas diversas partes do Brasil. Sob êsse aspeto, podem ser assinaladas diferenças extremamente notáveis. Na rota que eu ia então seguindo, dirigindo-me do noroeste para sueste, a sêca parecia acabar tanto mais tarde, quanto mais me aproximava dos trópicos do Capricórnio, porquanto, à proporção que me adiantava, diziam-me, em cada localidade, que a chuva do dia era a primeira que fôra um pouco mais intensa.

É já sabido que, desde além da cidade de Santa Cruz, emigrados de Minas Gerais vieram se estabelecer nos campos vizinhos da estrada de Goiaz a São Paulo, e que ali fundaram as aldeias de Farinha Podre e de Franca (208). Entre esta última e a cidade de Mogí-Mirim, a popu-

(206) De acôrdo com as regras que estabeleci para a nomenclatura dos rios do Brasil (*Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc., I, *Observações sôbre os divisores das águas em alguns dos rios da América* etc., no volume dos *Anais da Academia de Ciências*) essa cadeia deve ter o nome que lhe dou aquí, porque a mesma, envia afluentes, do lado de leste, para o Rio Grande e do lado do Oéste, para o Paraná. Pareceu-me ela ter pouca elevação, mesmo comparada com as outras montanhas do Brasil, unicamente, e cujas mais elevadas não excedem de 2.000 metros (ESCHW., *Braz.*, II, 199; — MART., *Physiognomie des Pflanzenreichs*, 23), e apenas apresentam uma vegetação correspondente a por nós denominada *alpestre*. Diante disso, é claro que os habitantes do Rio de Janeiro, que importam por elevado preço o gêlo da América do Norte, ficarão certamente admirados ao saber, por duas obras impressas em Paris a expensas de contribuintes, que às portas de sua cidade, a uma altura que não vai além de 2.000 metros, segundo ESCHWEGE (I, c., 165), ou 7.500 pés ingleses, segundo GARDNER (*Trav.*, 532), “a cadeia dos *Órgãos* apresenta picos cobertos de neve e geleiras nas quais se refletem os raios do sol dos trópicos (*Voyage Bonite, Relation*, I, 161), ou, mais ainda, que os *Órgãos* ficam algumas vêzes cobertos de neve... e que essa neve longinqua faz recordar a neve das regiões polares (*Voyage Vénus*, I, 52).”

(207) ROUSSEAU.

(208) *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans et la Province de Goiez*, vol. II, caps. XXVI e XXVIII.

lação, muito escassa, apresenta, igualmente, uma mistura de antigos habitantes com outros mais recentemente ali chegados. Os primeiros, todos paulistas e, provavelmente, mestiços de indígenas com brancos, em diferentes graus, são, como os agricultores de Rio das Pedras, das vizinhanças de Pouso Alto etc. (209), homens grosseiros, apáticos e sem nenhum asseio. Os segundos, nascidos, em geral, na *comarca* de São João d'El-Rei, sem possuírem as qualidades que distinguem (1816-1822) os mineiros das *comarcas* de Ouro Preto, de Sabará e de Vila do Príncipe, diferem, entretanto, muito e muito, de seus vizinhos. Há limpeza em suas residências e êles são mais ativos, muito mais inteligentes, menos grosseiros e mais hospitaleiros do que os verdadeiros paulistas instalados na região; entre êles são, em suma, encontrados todos os usos e costumes de seu torrão natal — Minas Gerais (210). Ao passo que em Minas, ao menos nas regiões mais civilizadas da provincia, os homens, mesmo os das mais baixas classes sociais, mantêm entre si relações de certa cordialidade, eu ouvia, desde que atravesssei a fronteira de São Paulo, falar-se, comumente, em matar, como em qualquer outra parte se falaria em dar bengaladas. *Chumbo na cabeça, faca no coração*, eram as doces palavras que, constantemente, feriam meus ouvidos. Os antigos paulistas faziam tão pouco caso da própria vida, como das de seus semelhantes; é possível, porém, que, na região que se estende do Rio Grande a Mogi, os descendentes dêsses aventureiros audaciosos tenham um pouco mais de resguardo pela própria vida do que seus antepassados, sem, entretanto, muito respeitar a do próximo. Como, de resto, poderiam perder a rudeza hereditária? Não recebem nenhum ensinamento religioso, os maus exemplos dos malfeitores, foragidos de Minas e entre êles abrigados, mais os excitam à prática do mal, e, ademais, em regiões tão afastadas, as leis de repressão podem ser consideradas como não existentes.

Os habitantes de tôda essa região aproveitam-se das excelentes pastagens da mesma, para a criação de carneiros, de bois e de porcos. Os *fazendeiros* (211) mais ricos remetem os animais que criam, por sua própria conta, para a capital do Brasil; mercadores da comarca de São João d'El-Rey adquirem os dos proprietários menos abonados. Um grande número de bois é, assim, levado da região para as vizinhanças

(209) V. mais acima.

(210) V. minha *Voyage dans le District des Diamants* etc., vol. I e minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc., vol. I.

(211) Proprietários de *fazendas* ou grandes casas (V. minhas narrações anteriores).

de São Paulo, onde são utilizadas no serviço dos engenhos de açúcar, e onde, devido à má qualidade das pastagens, pouco duram, o que obriga os proprietários a substituí-los por outros, constantemente. Alguns anos antes da época de minha viagem, os bois não valiam, em todo o país, mais do que 3\$000 (18 frs., 75); em 1819, os mercadores adquiriam-nos até por 5\$000 (31 frs., 25).

É sabido que nas regiões auríferas corre o *vintém de ouro* de 37½ réis — valor do pêso denominado igualmente *vintém* (212); as regiões onde não existem minas só admitem o *vintém de prata* de 20 réis, tal como ocorre em Portugal ou no Rio de Janeiro. Nas partes da província de Goiaz que percorri, o *vintém de ouro* — moeda fitícia —, é a única em curso. Desde Rio das Velhas até Farinha Podre, inclusive, correm tanto o *vintém de ouro* como o *de prata*. Quando transpús a fronteira de São Paulo, só ouvi falar no *vintém de prata*. Em regiões onde não existem minas de ouro em exploração, não há motivo para se afastar do uso geral, adotando o pêso do ouro como representativo dos diversos valores. Em São Paulo, em Santa Catarina e no Rio Grande, ninguém sabe o que seja *vintém de ouro*.

O quadro geral que acabo de traçar basta para dar uma idéia da região que se estende de Franca à cidade de Mogí-Mirim. O prosseguimento de meu itinerário fará conhecer, com mais detalhes, essa região.

Depois de ter deixado a vila de Franca (213), ainda encontrei, em suas circunvizinhanças, muitas casas: A pouca distância dessa localidade, o campo, como já disse, muda completamente de aspeto, não só porque não apresentam mais gramíneas e sub-arbustos, como também porque começam a ser vistas pequenas montanhas. A légua e meia do local denominado *Santa Bárbara*, fiz alto. Nesse local está situada uma

(212) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, vol. I.

(213) Itinerário aproximado de Franca a Mogí-Mirim:

De Franca a Santa Bárbara.....	3	léguas
" Santa Bárbara a Paciência (fazenda).....	4 1/2	"
" Paciência a Batatais (fazenda).....	2	"
" Batatais a Araraquara (fazenda).....	3	"
" Araraquara a Lages (fazenda).....	3	"
" Lages a Cubatão (aldeia).....	3	"
" Cubatão ao Rio Pardo.....	3	"
" Rio Pardo a Paciência (fazenda).....	4	"
" Paciência a Casa Branca (vila, hoje cidade).....	3 1/2	"
" Casa Branca a Olhos d'Água (fazenda).....	4	"
" Olhos d'Água a Itapeva (sítio).....	3	"
" Itapeva a Urussanga (sítio).....	4	"
" Urussanga a Mogí-Mirim (cidade).....	2	"

das mais importantes fazenda por mim encontradas. Poucos momentos antes de chegar a Santa Bárbara, atravessa-se, por uma ponte, um pequeno rio, chamado *rio de Santa Bárbara* (214). Enquanto José Mariano ia à frente para pedir hospitalidade no *sítio* vizinho (215), o novo *tocador*, inteiramente sem prática, caminhava lentamente atrás da tropa: os animais que a compunham, não tendo mais condutor, seguiram um caminho abandonado que ia desembocar no rio Santa Bárbara, e um deles, carregado com duas malas cheias de plantas secas, precipitando-se na água, pôs-se a nadar. Julguei que ia perder, num momento, quasi todo o fruto de uma viagem tão longa, tão acidentada e que me custara tantas privações. Minha calma abandonou-me: estava desesperado. Firmiano atirou-se à água para deter o animal. O *tocador* chegou, mas só se conseguiu trazer o animal a sêco, depois de muitos esforços.

As pastas das plantas estavam colocadas nas malas suspensas aos lados do animal; um dêesses lados, tendo mergulhado na água, ficou inteiramente molhado, sendo preciso secar as fôlhas de papel uma por uma. Enquanto nos ocupávamos com êsse fastidioso trabalho, fortes bátegas de chuva caíam do alto; a água penetrava na casa onde nos tínhamos abrigado, de forma que outras fôlhas ainda se molharam. Fomos obrigados a secá-las também, o que nos forçou a permanecer por dois dias e meio em Santa Bárbara, tostando o rosto e afogando-nos com a fumaça. Entre Santa Bárbara e Paciência, num espaço de 4 léguas, a região é ondulada, e, para o oriente, do lado da província de Minas, cujos limites estão muito próximos da estrada, vêem-se pequenas montanhas (serra do Rio Grande e do Paraná) (216). Quasi que por todos os lados o campo oferece pastagens unicamente relvosas, entremeadas de pequenos capões de mato. O terreno, ordinariamente arenoso, cessa de sê-lo em alguns lugares, onde se apresenta com uma coloração vermelho-escura, e árvores raquíticas começam a aparecer em meio dos *campos*.

A 2 léguas de Santa Bárbara, encontra-se o rio *Sapucaí* (rio das *lecythis*, nome que o mesmo deve a essa espécie botânica, que antigamente crescia em suas margens, e que, talvez, ainda alí vegete atualmente).

(214) Santa Bárbara, ou o rio do mesmo nome, deu tal denominação a um dos distritos da cidade de Franca (PEDRO MÜLLER, *Ensaio*, 44).

(215) Os *sítios* são habitações muito menos importantes que as *fazendas* (V. minhas narrações anteriores).

(216) V. páginas atrás.

É desnecessário dizer que a ponte de madeira, pela qual atravesssei o rio Santa Bárbara, estava em péssimo estado de conservação, pois, no interior do Brasil constroem-se pontes, que são em seguida abandonadas à violência das águas, às intempéries e aos danos produzidos pelo trânsito dos animais. As margens do Sapucaí são cobertas de árvores, cuja ramagem curva-se sôbre suas águas, sendo muitas vêzes pelas mesmas banhadas. No local onde êsse rio atravessa a estrada, tem êle pouca largura. Suas nascentes, segundo fui informado, estão situadas acêrca de 16 léguas de Paciência, perto de Jacuí, cidade da província de Minas Gerais; e, depois de ter recebido as águas de vários rios, entre êles a do Santa Bárbara, a que há pouco fiz referênciã (217), o Sapucaí desemboca no rio Grande (218).

A *fazenda da Paciência*, onde me detive e que não deve ser confundida com uma outra de nome idêntico de que também falarei, assemelha-se inteiramente às grandes casas residenciais da comarca de São João d'El-Rey, na província de Minas, bem como os campos da mesma fazenda assemelham-se aos de Oliveira e de Formiga, também da referida província (219).

Minhas malas foram descarregadas no *paiol* (celeiro); mas, mal ali pús os pés senti-os cobertos dos *pulex penetrans* (*bichos de pé*), pelo que resolví trabalhar ao relento. O proprietário da fazenda aproximou-se, dizendo-me ser mineiro. Falei-lhe de sua província, e logo nos tornámos bons amigos, tanto, que me deu permissão para entrar na sua casa e de alí armar meu leito. No dia seguinte, ao romper da madrugada, as vacas encheram o páteo da casa, e os filhos do proprietário, conjuntamente com negras, entregaram-se ao trabalho da ordenha. O páteo em questão era bastante espaçoso e todo cercado de grossos *moirões*, bem semelhantes ao das fazendas da comarca de São João d'El-Rey; em suma, encontrei na casa de meu hospedeiro todos os costumes dessa comarca. A região que atravesssei, além de Paciência, difere pouco da que per-

(217) MILL. e LOP. DE MOUR., *Dic.*, II, 612.

(218) Segundo LUIZ D'ALINCOURT (*Mem. Viaj.*, 58), é no rio Pardo que o Sapucaí deságua; mas CAZAL e MILLIET consideram-no, como eu, um dos afluentes do rio Grande (*Corog. Braz.*, I, 366. — *Dic.*, II, 642). MILLIET acrescenta que, em 1843, uma sociedade ofereceu ao govêrno imperial tornar navegável o Sapucaí, numa extensão de 40 léguas, até seu confluente, mas que êsse projeto ficou sem ser dado execução, por causa da dificuldade de ser aberta uma passagem através das *corredeiras* denominadas *Itapiché*.

(219) V. sôbre essas duas vilas, pertencentes à província de Minas Gerais. e que foram elevadas a cidades em 1839, o que já disse no primeiro volume de minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco*. Pelo que diz respeito à comarca de São João d'El-Rei, em geral, pode-se consultar a mesma obra, bem como o primeiro volume de minha *Voyage dans le District des Diamants* etc.

correra na véspera. A verdura dos *campos* era como a da nossa primavera, e nas pastagens não se havia ateado fogo durante a sêca, motivo porque nas mesmas havia mais fôlhas novas do que ramas e fôlhas sêcas. Por tôda a parte o *capim flecha*, gramínea essencialmente propícia ao gado, cresce em meio das outras ervas. Se o campo é ainda deserto, descobre-se, ao menos, um belo horizonte; árvores raquíticas não ocultam aos olhos do viajante as ondulações bastante variadas do terreno, e as pequenas montanhas que se elevam ao oriente completam a diversidade da paisagem. Entre essas montanhas é impossível não ser notada a *serra do Baú*, cujo nome é devido à sua forma singular.

A duas léguas de Paciência, detive-me na fazenda *Batatais*, abrigo-me num *rancho* cercado por grossos moirões, que o defendiam dos animais. Depois da cidade de Goiaz, nenhum rancho vi construído com tamanho cuidado. *Batatais* é dependência de uma pequena vila do mesmo nome, situada a pouca distância da estrada, do lado de leste, e que não cheguei a ver. Devido a razões políticas, provavelmente, essa vila em 14 de março de 1839 (220) foi elevada a cidade, e ali foram absolvidos, pelo tribunal do juri, indivíduos que, um ano antes, haviam cometido crime atroz na revolta de Franca (221).

No rancho de *Batatais* pude entregar-me tranquilamente às minhas ocupações costumeiras, o que, infelizmente, nem sempre acontecia. Quando terminei meu trabalho, saí a passear por uns instantes no campo. O sol acabava de se por; tôda a natureza estava mergulhada em profunda calma e um delicioso frescor fazia-se sentir. O entardecer ali era semelhante às tardes de nossa primavera na Europa. Na manhã seguinte fiz uma visita ao dono da casa. Era um velho alegre e bem disposto, o qual, pelo seu modo, parecia com os nossos proprietários rurais de Beauce. Recebeu-me muito bem e fez questão de que eu partilhasse de seu almôço. Chamava-se *Manuel Bernardo do Nascimento* (222) e era mineiro, nascido na comarca de São João d'El-Rey. Criava animais (bovinos principalmente), fabricava queijos e adquirira fortuna com a sua atividade. Sua residência era muito limpa, bem arrumada, e, nisso, bem diferente das dos paulistas habitantes da região. Esse homem possuía também um engenho de açúcar, onde distilava *cachaça* e onde notei que reinava também muita ordem.

(220) *Discurso pronunciado, em 7 de janeiro de 1840, por ocasião da abertura da Assembléia Legislativa Provincial*, 3.

(221) V., acima, pág. 118.

(222) D'ALINC., *Viaj.*, 57.

Pouco antes dessa minha visita ao proprietário da casa, Laruotte já se tinha dirigido à fazenda para pedir permissão de na mesma recolher nossas plantas, as quais, no *rancho*, eram espalhadas, por todos os lados, pelo vento. Esquecido dos costumes da região, e do interior do Brasil em geral, foi entrando por uma porta que dava para os fundos da casa, afugentando um grupo de mulheres que correram alvoroçadas, logo que o viram. A-pesar-disso, continuou êle a avançar, o que occasionou grande barulho. O dono da casa acorreu a ver do que se tratava e mostrou-se zangado; mas Laruotte, imediatamente, pediu desculpas e, graças à sua qualidade de estrangeiro, foi atendido. Como já disse em outro ponto (223), a espécie de páteo ou de jardim chamado *quintal*, e todo o interior das casas são, em Minas, em Goiaz e ao norte de São Paulo, reservados às mulheres, e a entrada de um estranho nesse local é considerada como grave temeridade. A menor cabana tem, na parte da frente, um aposento denominado *sala*, aposento em que são recebidos os estranhos. Lembro-me de que à minha chegada ao Rio de Janeiro, em 1816, uma senhora, por mim encontrada no Jardim Botânico em companhia de um oficial superior, convidou-me a visitá-la. Aceitei o convite, entrei no vestíbulo da casa em que a mesma residia, percorrendo-o todo, batí palmas; foi tudo inútil; ninguém apareceu. Ao fim de algum tempo, um negrinho apareceu na escada e eu prontifiquei-me a subir; mas o pequeno abriu as pernas em tôda a extensão dos degraus e estendeu os braços, para impedir-me a passagem. Felizmente a senhora, percebendo o que ocorria, chegou ao alto da escada, afastando o jovem escravo, tão zeloso na conservação dos velhos costumes brasileiros.

Como já tive ocasião de referir, a maior parte dos habitantes pobres do interior do Brasil trazem ao pescoço não sòmente um rosário, mas também vários amuletos. Pelo temor de parecer ignorante ou indiscreto, muito raramente perguntei para que serviam êstes últimos; mas, enquanto estive em Batatais, um homem, que trazia um comprido dente suspenso ao pescoço, declarou-me ser um dente de lobo, e que nada servia de melhor preservativo contra o *mau olhado*.

Além de Batatais, a região continua a apresentar alternativa de pastagens e de capões de mato. Um dêstes últimos, que atravessa a estrada, ostenta uma vegetação muito vigorosa e tem o nome de *Mato-grosso*, porque, segundo me informaram, é de grande extensão. As montanhas que se elevam ao oriente, e entre as quais distingue-se sempre a serra do Baú, dão aspecto de variedade à paisagem. Do mesmo

(223) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, I, 209.

lado, essa região está apenas a algumas léguas dos limites da província de Minas Gerais; o mesmo, entretanto, não ocorre para o lado do ocidente. Desde Santa Cruz de Goiaz (224) até ali, os descendentes dos portugueses não ocupam, no momento, (1819) mais do que uma estreita faixa de terreno, além da qual estão situados imensos desertos, onde vivem tribus de indígenas *coiapós*. Nas cercanias de Farinha Podre (225), os agricultores já estão muito próximos d'esses selvagens; mas estes últimos, se não fazem nenhum dano aos brancos, evitam, entretanto, de com os mesmos estabelecer relações, sem dúvida por não estarem ainda esquecidos das atrocidades que os homens de nossa raça cometeram contra os seus antepassados.

A três léguas de Batatais, detive-me, para pernoitar, na pequena *fazenda de Araraquara*, em volta da qual vêem-se vários casebres. O nome *Araraquara*, proveniente da *língua geral*, significa *buraco das araras*, e foi também dado, na província de São Paulo, a duas montanhas, uma colina, um rio e uma pequena cidade muito nova ainda, situada a trinta léguas S. O. de Mogí-Mirim (226). *Araraquara*, situada numa baixada, é quasi tôda cercada de matas e dominada por uma iminência que, talhada quasi a pique, assemelha a um velho castelo e dá à paisagem uma nota assaz pitoresca.

O proprietário dessa *fazenda* criava gado, como todos os seus vizinhos. Pelo mau estado da casa, pela desordem que na mesma existia e pela apalermada rusticidade de seus moradores, pensei, logo, que os mesmos eram paulistas, e, dentro em pouco, vi que era acertada a minha opinião.

Desde vários dias não tínhamos mais que nos queixar dos *borrachudos*, insetos malfazejos, que nos tinham atormentado horrivelmente na província de Goiaz (227); em *Araraquara* êsses insetos muito nos inco-

(224) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goiaz*, vol. II, 223.

(225) L. c., 302.

(226) LUIZ D'ALINCOURT grafa, como eu, *Araraquara* (*Mem. Viaj.*, 56), e é assim, indubitavelmente, que é denominada, na região a fazenda a que me refiro. Quanto à mais alta das duas montanhas que têm essa denominação, CAZAL e MILLIET chamam-nas simplesmente *Araquara* (*Corog.*, I, 203. — *Dic.*, I, 72); mas PEDRO MÜLLER escreve *Araraquara*, quer referindo-se à montanha, quer referindo-se à cidade. Quem diz *Araraquara*, segundo penso, dí-lo por corrupção: pois essa denominação, como observa FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO (*Revista Trim.*, I, 71, seg. série), viria de *ara* (dia) e *coara* (buraco); mas tal composição — o *buraco do dia* — nenhum sentido faz, e as palavras compostas oriundas do guaraní ou dialeto da costa têm, geralmente, significação muito precisa.

(227) V. minha primeira e minha segunda narrativas.

modaram ainda. Num espaço de três léguas entre essa fazenda e *Lages*, vi apenas uma cabana. O terreno é muito arenoso; e, ao passo que em outros lugares as terras de tal natureza só produzem ervas sub-arbustos, ali, pequenas árvores raquíticas elevam-se em vários pontos dos *campos*. Um pouco antes de *Lages*, passa-se por uma mata muito densa, onde a vegetação não é menos vigorosa do que dentro das grandes florestas virgens. Quasi ao entrar em *Lages*, sobe-se uma encosta extremamente pedregosa, denominada *Pé do Morro* (228).

A fazenda de *Lages*, onde parei, deve seu nome, que significa *pedras chatas*, a rochedos achatados, sôbre os quais corre um pequeno rio vizinho (*rio das Lages*) (229). *Lages* tem alguma importância, encontrando-se ali um engenho de açúcar, um grande páteo cercado de grossos moirões e um *quintal* plantado com laranjeiras. Como o *rancho* dependente da *fazenda* estava quasi inteiramente ocupado por uma caravana, José Mariano foi pedir ao proprietário acomodação no engenho, o que foi recusado. Tivemos, pois, de nos abrigar, como pudemos, no *rancho*, onde a ventania tornava meu trabalho quasi impossível. Fui à fazenda, afim de adquirir algumas provisões, percebendo então que os proprietários da mesma eram pessoas grosseiras, que, indubitavelmente, pertenciam ao número dos antigos habitantes da região. Além de *Lages*, o terreno continua muito arenoso, e o campo apresenta uma alternativa de capões de mato e de pastagens, as quais, algumas vêzes, são formadas apenas por ervas, mas que, em sua maioria, apresentam árvores enfezadas, produto de uma vegetação muito fraca e escassa. À direita vêem-se pequenas montanhas, cobertas de matas.

Desde algum tempo, meus animais de carga, não sei porque motivo, muito se afastavam durante a noite, de forma que já era muito tarde quando, no dia seguinte, eram encontrados, o que nos forçava a viajar nas horas mais quentes, chegando bastante fatigados a cada parada. Isso ainda aconteceu no dia em que deixámos *Lages*, com destino a *Cubatão* (230), espécie de lugarejo de alguns cabanas construídas

(228) LUIZ D'ALINCOURT (Mem. Viag., 56) dá a essa encosta o nome de *serra do Morro*, nome que me parece tão estranho como o de *Pé do Morro*. E' provavelmente da mesma encosta que MANUEL FELIZARDO DE SOUSA E MELO quis falar em seu discurso à Assembléia Legislativa de 1844 (*Discurso proferido no dia 7 de janeiro de 1844*), quando declarou que a câmara municipal de *Batatais* fez sentir a necessidade de ser reparada a *serra das Lages*.

(229) L. c.

(230) Será encontrado, muitas vêzes, o nome *Cubatão* neste relato de viagem, nome cuja origem procurei inutilmente. PIZZARRO afirma que êsse nome significa — *barroca entre duas montanhas* (*Mem. Hist., IX*).

numa baixada, no comêço de uma região coberta de matas e montanhosa. Abrigamo-nos num miserável *rancho*, meio descoberto, onde me seria muitíssimo difícil preservar minhas bagagens, se por acaso chovesse, e onde, mais do que em qualquer parte, fui atacado pelos *borrachudos*. No dia seguinte, pela manhã, ia deixar essa triste localidade, quando um cavalo, empinando-se, caiu pesadamente sôbre o pequeno leito de campanha, que eu usava desde minha terceira viagem. Na viagem a Minas, eu me utilizava, a princípio, de uma rêde, mas tendo caído da mesma, uma noite, quando já estava mergulhado em profundo sono, resolví fazer como os arrieiros — dormir por terra, sôbre um couro crú. De volta ao Rio de Janeiro, adquirí o leito de campanha de que acabo de falar, e creio dever ao mesmo, a saúde de que gozo desde 9 meses. O bom Larotte teve a habilidade de consertar êsse utilíssimo móvel, embora estivesse o mesmo bem avariado. Para além de Cubatão, atravessei a mata mais bela e talvez a mais vigorosa entre as por mim avistadas há 8 anos, isto é, desde que deixara a região das matas virgens, para entrar na dos *campos* (231). Quasi tôdas as árvores da mesma tinham os troncos enlaçados por lianas (*cipós*) espêssas, que por êles subiam, espalhando-se pelos galhos, e, do alto, caíam até o solo. Depois de atravessada essa mata, cuja extensão, do oriente ao occidente, é, segundo me disseram, muito longa, encontram-se *campos* em que os capões de mato são abundantes (232). Na época de minha viagem (dia 9 de outubro), a vegetação não estava ainda muito desenvolvida, o que serve para comprovar que, nessa parte do Brasil, as chuvas começam tanto mais tarde quanto mais se está próximo dos trópicos (233).

Eu tinha combinado com o arrieiro José Mariano que nos deteríamos por um dia nas margens do rio Pardo, para que êle tivesse tempo de matar alguns papagaios, aves que, em bandos numerosos, procuram as fontes de água mineral vizinhas dêsse rio. José tinha seguido à frente, para pedir hospitalidade em qualquer casa, e, quando cheguei, disse-me não ter encontrado nenhum lugar onde pudéssemos guardar as nossas bagagens, e que, por consequência, era necessário caminhar mais uma légua. Tal proposta desorganizava-me os planos, e, ao demais, não

(231) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc., vol. I.

(232) A expressão *capões de mato* e empregada para designar os pequenos bosques espalhados pelos campos. Como já disse noutro ponto, o vocábulo *capão* (*caapoam*, na língua indígena) significa *ilha*. E' sem razão que LUIZ D'ALINCOURT escreve *campões*, pois essa expressão, augmentativo de campo, designaria *grandes campos*; mas, certamente, ninguém se lembraria de dar tal nome a bosques.

(233) V. mais acima.

julgava possível atravessar o rio e alcançar um outro pouso antes da noite. Levantei objeções, com tôdas as cautelas oratórias que pude imaginar, contra as observações e de José Mariano. Foi trabalho inútil, diante de sua teimosia. Consentí, então, em seguir mais para diante; mas, mudando de opinião, êle quis ficar, e, para encurtar razões, assim procedemos, sendo descarregadas as malas num casebre habitado por uma pobre viúva, casebre que era a única habitação existente no local. Durante tôda a noite José Mariano continuou a demonstrar insuportável mau humor, e mudou de idéia umas três ou quatro vêzes, ora dizendo ser necessário continuar a marcha no dia seguinte, ora falando que se deveria permanecer alí, para dar caça aos papagaios. Tive o máximo cuidado em não irritá-lo, pois começava a conceber suspeitas relativamente à integridade de suas faculdades mentais. Passava êle, muitas vêzes, vinte e quatro horas sem provar alimento, tinha os olhos sempre semi-cerrados, a pele do rosto amarelada e uma fisionomia feroz; armava briga com todos, e, se, porventura, dirigia uma palavra amável a alguém, percebia-se, fâcilmente, que o fazia a contragosto.

O rio Pardo, a cujas margens passei dois dias, nasce nos campos da pequena cidade de Caldas, dependente, antigamente, da comarca de São João d'El-Rey, e parte, atualmente, da de Sapucaí (234), província de Minas Gerais. Em seu leito, que é obstruído por várias cachoeiras, recebe as águas de diversos pequenos rios entre os quais o *rio Araraquara* (235), e vai desaguar no rio Grande (236). No local em que a estrada de São Paulo a Goiaz o atravessa, está êle, ao que me informaram, afastado umas vinte léguas de sua nascente, e tem, mais ou menos, a largura de nossos rios de quarta ou quinta ordem (237). Suas duas margens são cobertas de matas, e suas águas, de côr pardacenta, não são muito próprias para beber. As circunvizinhanças dêsse rio são muito menos malsãs do que as do rio Grande; são, entretanto, assoladas alguma vêzes pelas febres intermitentes. Conta-se que, na época das cheias, aparecem, no meio dêsses rios, mamíferos anfíbios de tamanho monstruoso, uns parecidos com porcos e outros, com touros. Faz isso lembrar o que se diz em Goiaz relativamente ao famoso *minhocão*, e levaria a confirmar a existência dêsse fabuloso animal (238), existência melhor confirmada,

(234) MIL . e LOP. DE MOUR., *Dic.*, I, 200.

(235) CAZ., *Corog.*, I, 214. — D'ALIN., *Mem. Viaj.*, 54.

(236) LUIZ D'ALINCOURT diz (I. c.) que o rio Araraquara leva suas águas diretamente ao *Paraná*, mas à sua opinião opõem-se CAZAL e MILLIET.

(237) Teria, segundo D'ALINCOURT (I. c.), 150 braças (230 metros).

(238) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc., II, 132-35.

ao que me parece, por uma passagem de LUIZ D'ALINCOURT, o qual, referindo-se aos lagos situados a cêrca de 13 léguas do rio Pardo, perto de *Olhos d'Água*, acrescenta que os habitantes da região afirmam ser os mesmos lagos frequentados por um animal monstruoso, com a forma de uma pipa, chamado *minhotoçú* (239).

As águas minerais, a que já fiz referências, nascem no seio de um bosque cerrado, a cêrca de uma légua do rio. Nesse bosque encontram-se grandes clareiras, próximas umas das outras, nas quais nenhuma árvore cresce, e que só apresentam, com alguns tufos de ervas, uma lama espessa, amassada pelas patas do gado. No meio dessa lama notam-se pequenas poças esverdeadas e lodosas, que não têm escoamento, — as águas dessas poças são denominadas *águas minerais do rio Pardo*; não são amargas como as de Araxá (240), mas têm acentuado gôsto de ovos podres. Creio que a sujeira das mesmas é devida, unicamente, aos animais que, com a sua frequência, as turvam constantemente, porque há uma poça da qual menos se aproximam do que das outras, cuja água é límpida, se bem que de côr avermelhada. As águas do rio Pardo, como as de Araxá, são muito apreciadas pelos animais, e atraem grande número de aves, principalmente de *araras*, *papagaios* e *pombas*. O gado bovino bebe-as com prazer, fornecendo-lhe as mesmas o sal de que necessitam e que os criadores, no interior do Brasil, são obrigados a fornecer-lhe, a bem de sua conservação; entretanto, unicamente os criadores, estabelecidos nas proximidades dessas termas, encaminham seus rebanhos ao *bebedouro*, denominação dada ao local em que são encontradas essas águas. O sal não é muito caro na região, e o gado é muito menos selvagem quando vem, de tempos a tempos, tomar alimentação na fazenda, do que quando é enviado às águas minerais.

O que já disse acima, com relação ao gôsto dessas águas, basta para mostrar que as mesmas são essencialmente sulfurosas, e que, por consequência, poderiam ser empregadas, com proveito, no tratamento das moléstias cutâneas, desgraçadamente muito comuns no Brasil; entretanto, enquanto são preconizados os banhos de Caldas Novas e Velhas, perto de Santa Cruz de Goiaz, e que, evidentemente, só têm fracas propriedades medicinais (241), ignora-se, a não ser em suas vizinhanças, a existência das fontes do rio Pardo, às quais nenhum autor, até o momento, se referiu ainda. Atrevo-me a recomendá-las aos médicos e à administração da

(239) *Mem. Viag.*, 50.

(240) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc., I, 248.

(241) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc., II, 247-249.

provincia de S. Paulo. Pouco afastadas da alguns centros de população bem importantes — Mogí-Mirim, Campinas e Jundiáí —, poderiam prestar grandes serviços.

As terras vizinhas do rio Pardo são apropriadas a todos os gêneros de cultura, especialmente à da cana de açúcar. Refiro-me, aqui, aos *capões*, porquanto, de acôrdo com o sistema de agricultura adotado pelos brasileiros, não se semeia nos campos. Mas êsses, em vez de serem inúteis, oferecem excelentes pastagens, nas quais se cria muito gado.

Enquanto permaneci em Rio Pardo, um habitante das vizinhanças veio me oferecer à compra, misteriosamente, diamantes. Declarei-lhe que muita satisfação teria em vê-los. Começou o ofertante por me mostrar cristais brancos; depois, abrindo pequenos embrulhos de papel, exhibiu-me alguns diamantes corados, muito imperfeitos e feios, que tinham sido encontrados no rio. Agradeçi-lhe a gentileza, e assim terminou nosso encontro. Antes de eu partir de Rio Pardo, meu novo *tocador* declarou-me estar doente e abandonou o serviço. Êsses indivíduos cansam-nos com sua inconstância. Não mais me sentia com coragem de fazer, como havia projetado, minha viagem ao Rio Grande do Sul. Com outros servidores, não teria hesitado em caminhar até o fim do mundo.

Deixando o casebre da pobre viúva do Rio Pardo, atravessei êsse rio numa piroga. A peagem dessa travessia é cobrada por conta do fisco; pagam-se (1819) \$400 (2 fr. 25 cs.) por pessoa, 0\$60 (57 cents.) por animal e 0\$20 (12 cents. $\frac{1}{2}$) pela carga de cada animal, o que ocasiona enorme despesa aos proprietários de caravanas. Além de Rio Pardo estende-se uma linda planície, ligeiramente ondulada e coberta de pastagens. No meio destas últimas, vêem-se, em alguns pontos, árvores enfezadas; afora essas árvores, só crescem ervas, entre as quais vegeta sempre o *capim flecha*, tão útil ao gado bovino.

A fazenda da Paciência, onde parei, e que não deve ser confundida com a do mesmo nome acima referida, é de bastante importância, possuindo um belo engenho de açúcar (1819). Minhas bagagens foram abrigadas nesse engenho; mas, pelo fim do dia, o proprietário, rico mineiro, veio, pessoalmente, convidar-me a partilhar de seu jantar, convite que aceitei. Nele encontrei a polidez e a franqueza dos habitantes de Minas Gerais.

Deixando Paciência, logo percebi que começava a me aproximar de centros povoados, pois as casas tornam-se cada vez menos raras. A região, ondulada e descoberta, apresenta campos entremeados de capões de mato. Na data em que por alí passei (12 de outubro de 1819), a verdura das pastagens conservava-se sempre extremamente fresca, mas havia completa escassez de flores.

A aldeia de Casa Branca, onde pousei, compõe-se (1819) de casinhas esparsas e de uma rua reta, bastante larga, mas muito curta; numa das extremidades dessa rua está edificada uma pequena igreja, a igual distância das duas filas laterais de casas, igreja consagrada a *Nossa Senhora das Dores*. Sob plano análogo são traçadas quasi tôdas as vilas e aldeias de Minas. As casas que formam essa rua de Casa Branca, em número de 24, foram construídas para outras tantas famílias de insulares açorianos, introduzidas no Brasil para povoar aquela região. O govêrno brasileiro pagou tôdas as despesas de transporte dessas famílias, além de lhes dar, a cada uma, casa de moradia, e de lhes fornecer instrumentos agrícolas e meia légua de terras cobertas de matas. Êsses imigrantes, assustados à vista das enormes árvores que deviam derrubar, antes de preparar e semear as terras, fugiram quasi todos, atravessaram a província de Minas e foram lançar-se aos pés do rei, implorando-lhe que os retirasse de Casa Branca. Outras terras lhes foram fornecidas, então, para os lados de Santos, e Casa Branca, ficou quasi deserta (242). Já havia, entretanto, na época de minha viagem, cêrca de cinco anos que Casa Branca fôra elevada à cabeça de paróquia povoada por grande número de agricultores insulados em suas terras, paróquia que se estendia desde *Cubatão* até o rio *Jaguari-mirim*, numa extensão de 16 léguas, aproximadamente. CAZAL e PIZARRO nenhuma menção fazem dessa aldeia. Pelo que relato, vê-se o que era a mesma em 1819. Desde essa época, até 1823, Casa Branca desenvolveu-se de forma notável (243), e uma lei provincial, de 25 de fevereiro de 1841, elevou-a à categoria de cidade, constituindo um distrito autônomo, a espensas do de Mogí-Mirim (244). Alojei-me, em Casa Branca, numa casa bastante vasta, mas que só possuía as paredes mestras e o telhado. Ao comêço da noite, uma furiosa tempestade desencadeou-se. A chuva caía em catadupas, inundando a casa; graças, porém, à precaução de José Mariano, empilhando as malas sôbre pedaços de madeira e cobrindo-as com os couros crús destinados a cobrir a carga dos animais, de forma que nada se molhou. Durante a tempestade, encontrava-me em casa do irmão do vigário, que fui visitar, embora sem conhecê-lo; sendo-me impossível sair, confesso que estava cheio de mortal inquietação pelos especímens de história natural que transportava, desde alguns meses, com tanto

(242) LUIZ D'ALINCOURT relata (*Mem. Viaj.*, 51) que êsses insulares açorianos fugiram de Casa Branca, por que o govêrno não lhes fornecera tudo o que lhes havia prometido. E' bem possível que mais êsse motivo acrescesse ao por mim assinalado, para decidir os imigrantes a abandonar Casa Branca.

(243) LUÍZ D'ALINCOURT, *Mem. Viaj.*, 51.

(244) MILL. e LOP. DE MOUR., *Dic.*, 250.

trabalho. Constitui um verdadeiro suplício viajar pelo Brasil, com coleções, na época das chuvas.

Além de Casa Branca, a região é sempre ondulada, apresentando, ainda, uma alternativa de capões de mato e de campos, uns simplesmente erbosos, os outros semeados de árvores raquíticas, de fraca vegetação. E' de se notar que essas árvores pertencem, quasi tôdas, às espécies que crescem esparsas no meio das pastagens, nas regiões bem mais próximas da linha equinocial — o sul de Goiaz e o noroeste de Minas Gerais.

A quatro léguas de Casa Branca, fiz alto na propriedade *Olhos d'Água* (fontes), onde encontrei, como abrigo, apenas, um rancho meio descoberto. Ainda não tinha caminhado légua e meia além de Olhos d'Água, quando cheguei ao pequeno rio Jaguarí-mirim, que atravessa a estrada e que passei a vau. Esse rio separa a paróquia de Casa Branca da de *Mogí Guaçú*, tendo suas nascentes na província de Minas, lançando-se no *Mogí*, um dos afluentes do Paraná. Seu nome, tirado da *língua geral* (245), significa — *pequeno rio dos jaguares*.

O rancho da *fazenda de Itapeva*, situado à margem de um regato, (*ribeirão de Itapeva*), não me forneceu melhor abrigo que o de Olhos d'Água. A denominação *Itapeva*, dada também a uma pequena vila da província de São Paulo, sôbre a qual falarei mais para diante, vem de duas palavras da *língua geral* — *ita* e *peva* —, que significam *pedra chata* (246). As terras dessa região são muito férteis e apropriadas, principalmente, ao cultivo da cana de açúcar. As suas pastagens são também excelentes, sendo nas mesmas criado muito gado vacum, que é vendido em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na região, como em tôdas as regiões do interior, os *fazendeiros* possuem um grande número de cães. Na Alemanha e ao norte da França, êsses animais são tratados com muita doçura; o mesmo não ocorre no Brasil. Acontece, frequentemente, que se lhes dá apenas alimento, mas nenhuma carícia lhes é feita, ao contrário, são batidos, constantemente, sem nenhum motivo. Cercado de escravos, o brasileiro habitua-se a não ver senão escravos entre os seres sôbre os quais tem superioridade, seja pela fôrça, seja

(245) A *língua geral*, dialéto do *guaraní*, era falada pelos indígenas da costa e muito usada pelos antigos paulistas. Os jesuítas a estudaram, compondo uma gramática e um dicionário da mesma (V. minha *Voyage dans le District des Diamants et sur le littoral du Brèsil*).

(246) Não se escreve, como acreditava LUIZ D'ALINCOURT, *Itapeba*, que significaria *cascata chata*. No local não há cascata e uma cascata nunca é chata.

pela inteligência. A mulher é, muitas vêzes, a primeira escrava da casa (247), o cão é o último.

Para lá de Itapeva, a região é plana, com campos descobertos e capões de mato, apresentando uma côr verde encantadora, mas poucas flores (16 de outubro). As casas tornam-se ainda menos raras e encontram-se algumas pessoas na estrada, o que anuncia que saímos do deserto e nos aproximamos de um centro de população. A quatro léguas de Itapeva, parei no sítio Urussanga, pertencente ainda a um filho de Minas Gerais; sítio cujo nome, derivado do guaraní *urussanguai*, significa *rio da galinha que choca*. A chuva forçou-me a permanecer três dias no local, dentro de um rancho meio descoberto, rancho que ocupei em companhia de duas tropas. Só dispúnhamos de lenha úmida para entreter o fogo, pelo que a fumaça da mesma desprendida nos incomodava sobremaneira; e; eu me mantinha sempre atento, de noite, como de dia, afim de impedir que minhas coleções fôsem atingidas pela água da chuva. É, na verdade, espantoso que proprietários, que vendem seu milho às tropas dos viajantes, não façam a menor despesa para conservar seus ranchos. Afirmava-se que o novo governador — JOÃO CARLOS D'OEYNHAUSEN — acabava de ordenar, a êsse respeito, severas providências, mas duvido muito que tenham sido cumpridas.

Estava acampado em Urussanga, enquanto alí permaneci, um numeroso bando de boêmios (*ciganos*). Êsses indivíduos eram estabelecidos numa vila vizinha — Mogí-Guaçú; mas espalhavam-se pelo país, para fazerem, segundo o costume de sua raça, permutas de muares e cavalos. Haviam construído uma choça em Urussanga, e, quando não necessitavam de seus animais soltavam-nos nas pastagens dos arredores, que são excelentes. Nunca os ouvi falar outra língua senão a portuguesa; estavam vestidos como os brasileiros, mas tinham os cabelos compridos e longas barbas. Perguntei-lhes por que, contrariando o costume do país, deixavam crescer a barba; mas só obtive respostas evasivas. Todos tinham boa aparência; possuíam escravos e grande número de cavalos e de animais de carga. Na época de minha viagem, eram os ciganos,

(247) Eis como se exprime um escritor brasileiro, o qual, entre grande número de exageros, diz, contudo, algumas verdades: — “Julgo ser de meu dever declarar “que as mulheres brasileiras não fazem parte da sociedade; exceto nos grandes centros de população, são elas tratadas como escravas, em geral... As que pertencem às classes inferiores merecem os mais justificados elogios pelo ardor com que “se entregam ao trabalho, enquanto os respectivos maridos, ciosos e efeminados, levam a vida a dormir ou a se embalarem nas rêdes por elas fabricadas. Nas províncias do norte, principalmente, — Baía, Sergipe, Alagoas etc. —, são as mulheres “que sustentam os maridos... Não é uma companheira que o homem do povo procura; casa-se para ter uma escrava”. (ANTÔNIO MUNIZ DE SOUSA, *Viagens de um Brasileiro*, 63).

principalmente, que, no Rio de Janeiro, faziam, em segunda mão, o comércio de escravos, e entre os mesmos encontravam-se homens muito ricos. “Os ciganos (boêmios), diz ESCHWEGE, “foram convidados para as festas organizadas na capital do Brasil, por ocasião do casamento da filha mais velha do rei D. JOÃO VI com um infante da Espanha (248). Os jovens da raça, tendo à garupa suas noivas, entraram na arena, cavalgando belos cavalos, ricamente ajazados. Cada par saltou ao solo com incrível ligeireza, e todos juntos executaram lindas dansas jamais vistas. Todos os olhares estavam postos nas jovens boêmias, e as outras dansas pareciam ter por único fim fazer sobressair as das mesmas jovens, dansas mais interessantes e agradáveis” (249).

Os ciganos de Urussanga passaram um dia inteiro procurando fazer trocas com os proprietários das duas caravanas que, comigo, estavam abrigadas no rancho. Em tom de brincadeira, falei a um deles da pouca probidade de que é acusada a sua raça. “Eu engano tanto quanto posso, — respondeu-me sèriamente —; mas todos os que comigo negociam fazem o mesmo. A única diferença que existe entre nós, é que êles dão altos gritos quando se vêm embrulhados, ao passo que se me embrulham, nada digo a ninguém” (250). O mais idoso do bando, belo tipo de velho, veio uma tarde consultar-me. — “O senhor é médico?” — disse-me êle. — “Não”, — respondi. — “O senhor não quer confessar, mas se não fôsse médico, não andaria colhendo tantas ervas”. Neguei quanto pude, mas inútilmente, pelo que me resignei a aceitar o título de médico. — Bem! vejamos, de que mal se queixa? — disse eu ao velho. — Antigamente — respondeu-me — era um prazer ver-me galopar nestes campos, o senhor não poderia, então, deixar de me admirar; hoje nada mais posso, faltam-me as fôrças. Essa consulta foi exatamente a que Irene

(248) A princesa que, depois, desposou em segundas núpcias D. CARLOS, irmão de FERNANDO VII, rei da Espanha.

(249) *Brasilien die neue Welt*, II, 55.

(250) “Existe nos desertos da Baía, Sergipe, Alagoas e em quasi todo o Brasil”, diz MUNIZ DE SOUSA (*Viagens*, 38), “certos homens denominados *ciganos*, que “nascem, vivem e morrem a cavalo e que não têm outro pensamento senão matar e roubar... Andam em bandos, bem armados, procurando as oportunidades para se apoderarem dos bens alheios, cometendo os mais cruéis assassinatos... A todo o momento ouve-se falar dos roubos e assassinatos cometidos por êsses indivíduos pervertidos, que nunca são perseguidos pela justiça... e que espalham seus costumes detestáveis entre os próprios brasileiros”. Nas regiões do Brasil que percorri, ouvi falar dos roubos e trapaças dos ciganos (*Voyage dans la Province de Goiás*, II, 179), mas nunca dos crimes horrorosos de que os acusa MUNIZ DE SOUSA. Se se tomasse ao pé da letra o que escreveu êsse autor e também ESCHWEGE, não se poderia, sem temor, dar um passo nas terras brasileiras.

fez ao oráculo (251), e eu respondi como êste: — E' que o senhor está envelhecendo —; mas não tive a crueldade de acrescentar o que disse o oráculo: E' preciso morrer. Minha receita foi muito menos severa: — O senhor tem trabalhado muito; deixe seu filho trabalhar por sua vez. Não lhe aconselho, entretanto, a permanecer em absoluto repouso; continue a montar a cavallo, mas o quanto fôr necessário para distrair-se e se detenha quando perceber que a fadiga vai começar. Não use remédios; tome bons alimentos e, de tempos a tempos, beba um pouco de vinho —. A receita agradou ao doente, porque, alguns momentos mais tarde, enviou-me êle um prato de carne, presente que muito me agradou, pois havia um mês que só tinha comido arroz e feijão preto.

Entre Urussanga e Mogí-Guaçú, a região apresenta ainda campos descobertos e capões de mato. A pequena aldeia de Mogí-Guaçú foi levantada à margem esquerda de um rio do mesmo nome, e possui uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição. E' a cabeça de uma paróquia que, antigamente, abrangia Franca, Batatais e Casa Branca, mas que, depois que a população aumentou, foi, pouco a pouco, reduzida ao território situado entre o Jaguari-Mirim e o Mogí-Guaçú, de que, dentro em pouco, falarei. E' com a paróquia de Mogí-Guaçú que começa a vasta extensão de terras muito povoada que, em tôda a província de São Paulo, produz maior quantidade de cana de açúcar e compreende os *têrmos* de Mogí-Mirim, São Carlos, Jundiaí, Itú, Capivarí, Pôrto-Feliz e Constituição (252). Só na paróquia de Mogí-Guaçú, já havia, em 1819, vinte engenhos de açúcar, e as terras da região passavam por muito férteis.

Saindo da vila de Mogí-Guaçú, atravessa-se o rio do mesmo nome por uma ponte estreita e mal conservada, a qual, não tendo parapeito, torna-se muito perigosa para os animais (1819). O rio Mogí-Guaçú, ou, simplesmente, Mogí nasce na Serra da Mantiqueira ou num dos contrafortes da mesma; pode êle ter, abaixo da vila, a mesma largura que nossos rios de quarta ordem (253); o seu curso não é ainda bastante conhecido. Fornece êle aos habitantes da região pescado excelente; mas é muito malsão, ocasionando, comumente, verdadeiras epidemias de febres intermitentes (254). E é essa a causa principal do pequeno aumento que teve a vila de Mogí-Guaçú, ao passo que vilas

(251) LA BRUYÈRE, *Les Caractères*.

(252) PEDRO MÜLLER, Ensaio, quadro 3.

(253) LUIZ D'ALINCOURT computa essa largura em 68 passos (*Mem. Viag.*) 46.

(254) *Idem, idem*, 47.

vizinhas desenvolveram-se de modo sensível. LUIZ D'ALINCOURT relata (255) que, pelo fim do século passado, uma epidemia devastadora explodiu na paróquia de Mogí-Guaçú. Para apanhar os peixes mais facilmente, os seus habitantes tinham o pernicioso hábito de envenená-los, atirando *timbó* às águas do rio, nome dado a várias espécies de *cipós* pertencentes à família das *sapindáceas*. Na época relatada por D'ALINCOURT, prodigiosa quantidade de peixe foi morta por êsse processo, do que resultou que apodrecessem, infetando o ar ambiente com miasmas fétidos, e, daí, uma horrível moléstia de que sucumbiu grande número de pessoas (256). Entre Mogí-Guaçú e a vila de Mogí-Mirim, a região só apresenta *capoeiras*, o que prova que a mesma era, antigamente, coberta de matas.

(255) Idem, idem, 47.

(256) E' aos indígenas que os brasileiros devem o conhecimento das propriedades dos *timbós*, bem como as de um imenso número de outras plantas. O padre ANCHIETA escreveu que, no tempo da postura, uma dúzia de peixes maiores do que os outros procuram uma enseada pequena e estreita, para alí depositar os ovos, e que, quando encontram uma que lhes convenha, para a mesma encaminham inumerável quantidade de outros seres de sua espécie. Mas os indígenas, acrescentou, têm o cuidado de, com antecedência, cercar essas encadas, deixando uma estreita passagem apenas, lançando nas mesmas o *suco de certa madeira que denominam timbó, e os peixes, embriagados, deixam-se pegar a mão, sem maior trabalho, muitas vezes em número de doze mil e mais* (JOSÉ ANCHIETA, *Lit. in Not. Ultram*, I, 41).

CAPÍTULO IV

MOGÍ-MIRIM E CAMPINAS

A CIDADE DE MOGÍ-MIRIM; SUA HISTÓRIA; SUAS RUAS; SUAS CASAS; SUAS ICREJAS. — FERTILIDADES DE SEUS ARREDORES; SUAS PRODUÇÕES. — OS CAMARADAS QUE ACOMPANHAM AS CARAVANAS QUE VÃO DE S. PAULO A GOIÁS. — COMEÇO DE MUDANÇA DE VEGETAÇÃO; O PTERIS CAUDATA. — ENGENHO DE AÇÚCAR DE PARAPINTINGUI; CULTURA DA CANA DE AÇÚCAR. — MUDANÇA TOTAL DE VEGETAÇÃO; NOTÁVEL EXCEÇÃO. — O RIO JAGUARÍ-GUAÇÚ. — OS EMIGRANTES ESPANHÓIS. — O RIO TIBAIA; CONSIDERAÇÕES SÔBRE AS PEAGENS. — O CAPIM BARBA DE BÓDE (CHAETURES PALLENS). — REGIÕES MUITO MAIS POVOADAS. — RANCHOS REAIS. — A CIDADE DE CAMPINAS; SUA HISTÓRIA; POPULAÇÃO DE SEU TÊRMO. — O QUE PRODUZ A CANA; MANEIRA DE TRANSPORTAR O AÇÚCAR. — O MATE. — A CASA DE RESIDÊNCIA DO CAPITÃO-MÓR DE CAMPINAS. — VESTIMENTAS DAS MULHERES. — O RANCHO DE CAPIVARI; GROSSERIA DOS HABITANTES DA REGIÃO. — ORIGEM DOS COSTUMES DAS CIDADES.

Mogí-Mirim, ou simplesmente *Mogí* (257), como se diz comumente, por abreviação encontra-se entre 22° 20' 30" de latitude sul e foi elevada a cidade em 1769, sob o govêrno de D. LUIZ ANTONIO DE SOUSA BOTELHO. Cabeça duma paróquia e dum *térmo*, esta cidade pertencia antigamente à comarca de São Paulo e era administrada por *juizes ordinários* (258); desde a revolução que mudou a face do Brasil, Mogí foi, primeiramente parte da terceira comarca cuja cabeça é Jundiá. Mas, quando, em 1839, se criou, como já disse, uma sétima comarca em favor de Franca, foi decidido que a mesma compreenderia Mogí-Mirim. A cidade está situada numa região plana, cortada por pastagens e capões de mato. Compunha-se ela, em 1819, unicamente de duas ruas paralelas, e, na província de Minas, seria apenas cabeça de paróquia. As

(257) Esse vocábulo é escrito de várias maneiras: adotei o que me parece mais racional. Um hispano-americano, muito versado na língua guaraní, procurou, inútilmente a etimologia de Mogí. Esse vocábulo pode ser que venha do guaraní *môangi*, que significa *pequena quantidade*, e foi dado aos dois rios em aprêço, por causa de sua pequena importância.

(258) Vide o que escreví sôbre os juizes ordinários, em minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro* etc., I.

casas são baixas, muito pequenas, construídas em sua maioria com varas cruzadas e uma terra escura, que as torna extremamente tristes. Não creio que, ao tempo de minha viagem, o número das mesmas excedesse de cem, e só duas vi que, além da parte térrea, tinham um andar. Afora a igreja paroquial, que é de pouca importância e foi dedicada a São José, há uma segunda igreja consagrada a Nossa Senhora do Rosário. Vê-se nessa localidade um grande número de *vendas* muito mal abastecidas, e duas *lojas*, uma das quais muito bonita (1819). Os habitantes de Mogí são, em sua maior parte, agricultores, que só vêm à cidade aos domingos. Ao que parece, são eles os que mais porcos criam, em toda a província de São Paulo (259).

Suas terras são muito férteis e apropriadas à cultura da cana de açúcar, havendo na região grande número de engenhos de açúcar. Os proprietários ricos enviam o açúcar que fabricam ao Rio de Janeiro, por mar, pelo pôrto de Santos; os menos abonados vendem-no a mercadores de São Paulo, que vêm buscá-lo à porta, pagando à vista e, muitas vezes, adiantando numerário sobre a futura produção ou safra (1819). Apesar da fertilidade da região, as frequentes moléstias que reinam em Mogí e seus arredores detiveram, naturalmente, o desenvolvimento dessa pequena localidade, progresso entravado, também pelo inconveniente de serem os agricultores obrigados a pagar, pelo transporte de seus produtos, enormes taxas de peagem, às quais não estão sujeitos os habitantes das localidades mais próximas de São Paulo. De 1818 a 1823, muitos mineiros, possuidores de fortuna, vieram se estabelecer na região; entretanto, parece que Mogí, ainda agora (1849), não tem grande importância (260).

Mogí, como Campinas e Jundiaí, que estão situadas na mesma rota, mas mais próximas de São Paulo, fornece boa parte dos servidores (*camaradas*), que, com as caravanas, vão da capital da província a Goiás e Mato Grosso. Um *tocador*, alugado para ir de São Paulo a Vila Boa, recebe (1819) 20\$000 a 30\$000 (125 a 187 frs.) por viagem, que dura cerca de quatro meses. O proprietário da caravana fornece a alimentação aos cavalos de todos os seus *camaradas*; mas o regresso é inteiramente por conta destes últimos. O arrieiro, ou, como se diz, geralmente, *arrieador*, é pago à razão dos animais de carga (burros e bestas) que lhe são confiados para conduzir e tratar. Cada camarada pode levar, na caravana, um animal carregado de mercadorias que lhe pertencem

(259) PEDRO MÜLLER, *Ensaio*, quadro 3.

(260) LUIZ D'ALINCOURT, *Mem. Viag.*, 45. — MÜLL. e LOP. DE MOUR., *Dic.*, II, 114.

cem. Antes da partida, o proprietário adianta aos camaradas o dinheiro necessário aos mesmos para a compra de um animal de carga e de mercadorias, dinheiro que é, alcançado o fim da viagem, descontado do que aos mesmos é devido (1819).

Abriguei-me, em Mogí, num rancho situado à entrada da cidade, rancho muito bem coberto, de forma que nenhum receio tivemos de ser molhados durante a noite. Dessa vantagem nem sempre gozei, desde que começara a estação das chuvas. Não quis sair de Mogí sem visitar o *capitão-mor* do Distrito. Fui à sua casa, onde me fizeram esperar por mais de meia hora, para, afinal, dizerem-me que o mesmo estava doente. A região que percorri depois de ter deixado a cidade de Mogí (261) é ainda odulada, apresentando uma alternativa de pastagens e de capões de mato, mas êstes são em muito maior abundância do que nas regiões que eu percorrera, desde Santa Cruz de Goiaz; diferença que indica ao viajante que dentro em pouco sairá inteiramente da zona dos campos. Pela primeira vez, desde muito tempo, vi, num dêsse capões de mato, cujas árvores tinham sido queimadas, o grande feto (*pteris caudata ex MART.*) que, em Minas, vegeta, comumente, nos terrenos esgotados (262). É de crer que essa planta cresce, exclusivamente, nas regiões das grandes florestas, porquanto não a vi, quer em Goiaz, quer na parte da província de Minas situada na zona dos campos (263).

A 5 léguas de Mogí, pousei no engenho de cana de *Parapitinguí* ou *Pirapitinguí* (do guaraní *pirapitagi* — peixe quasi vermêlho) (264), estabelecimento de alguma importância. O engenho é muito grande e belo; mas a casa de residência do seu proprietário, se bem que de dois andares, é excessivamente pequena (1819), em nada se aproximando, sob êsse aspecto, das *fazendas* da província de Minas Gerais. Fomos muito bem recebidos pelo proprietário, que nos alojou no engenho. O gerente dêste (*feitor*), disse-me que, na região, a cana de açúcar produz dois anos seguidos; decorridos os dois anos, limpa-se o terreno, que é novamente plantado, o que se pode repetir por seis vêzes, deixando-se, depois,

(261) Itinerário, aproximado da cidade de Mogí-Mirim à de Jundiá:		
De Mogí-Mirim a Parapitinguí (fazenda)	3	léguas
" Parapitinguí à margem do rio Tibaia	4	"
Do rio Tibaia a Campinas (cidade)	3	"
De Campinas a Capivarí (rancho)	4	"
" Capivarí a Jundiá (villa)	3	"
	17	"

(262) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro* etc., I, 114.

(263) L. c., vol. II, 311.

(264) A essa propriedade foi dado o nome de *Pirapitanga*, na bela carta topográfica de São Paulo, editada no Rio de Janeiro, em 1847.

a terra repousar durante três anos, tempo necessário para que a *capoeira* já esteja bastante vigorosa, para ser derrubada e queimada (265), fornecendo suas cinzas um adubo reparador. Na região não se vê o *capim gordura*, gramínea ávida, que se apodera, em Minas, de tão imensos trechos do terreno (266), e o grande feto de que já falei acima só é visto nas terras más.

Além de Pirapitinguí, atravessei, como na véspera, uma região cortada de campos e capões de mato muito numerosos. Mas, caminhara apenas uma légua, quando vi, no lugar denominado *Borda do Campo*, limites da região descoberta, a vegetação mudar inteiramente, e ingressei numa floresta virgem, de grande extensão, a qual, sem nada apresentar de notável quanto ao vigor, não deixava de ser bela. Já indiquei, em outro ponto, a Serra da Mantiqueira como constituindo a separação dos campos e das matas, e disse que estas últimas cobrem, em geral, montanhas íngremes e escarpadas, que se garantem recíprocamente contra os golpes dos ventos. Em Borda do Campo, encontrava-me a quatorze léguas da *serra de Jundiá*, da qual mais para diante falarei; o terreno era tão pouco montanhoso quanto o que eu tinha visto nos dias precedentes; entretanto encontrei uma vasta floresta, continuação, sem dúvida, das florestas de Minas, Rio de Janeiro e Espirito Santo; essa notável exceção confesso ser difícil de explicar de forma satisfatória. Desde vários dias, notara que os capões de mato não crescem, ordinariamente, nas baixadas, como os da província de Minas, o que representa ainda outra exceção.

A duas léguas de Piratininguí a estrada é atravessada pelo rio *Jaguariquacú*, que não se deve confundir com o rio mais setentrional, denominado Jaguari-mirim, ao qual já me referí (267). Atravessa-se o Jaguari-guaçú por uma ponte estreita, mal conservada e sem parapeto. Nesse local de travessia é cobrada uma peagem, mas, devido ao meu passaporte real (*portaria*), nada paguei. O funcionário encarregado de receber êsse imposto dos viajantes, tomou-me por espanhol, como ocorreu com muitas outras pessoas, desde o início de minha viagem de Goiaz a São Paulo. Durante muito tempo passaram pela estrada de São Paulo a Goiaz, emgirados espanhóis de tôdas as condições, os quais, tendo atra-

(265) Como já tivemos ocasião de explicar noutro ponto, as *capoeiras* são os matos que nascem nos terrenos em descanso, originariamente cobertos de matas virgens.

(266) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro* etc., I, 194.

(267) V. mais acima.

vessado a província de Mato Grosso, dirigiam-se à Capital do Brasil. Eram os únicos estrangeiros até então vistos nessa rota, daí a dedução de que todo o estrangeiro deveria ser espanhol. Consta, de resto, que o govêrno portuguez concedeu a êsses emigrantes tôdas as facilidades possíveis para a viagem, e os brasileiros nunca tiveram motivo para queixar-se da conduta dos mesmos.

Depois de uma caminhada de quatro léguas, abriguei-me num rancho construído em meio da mata, à margem do *rio Tibaia* ou, como se escreve geralmente, *Atibaia* (268), rio cujas nascentes estão a cêrca de dezessete léguas da estrada, perto do lugar chamado *Nazareth*, e que, reunido ao Jaguarí-Guaçú, forma o *rio Piracicaba*, um dos afluentes do Tietê. No ponto em que o Tibaia atravessa a estrada tem, aproximadamente, a mesma largura que os nossos rios de quarta ordem; grandes pedras emergem de seu leito e suas margens são cobertas de matas. É êle atravessado por uma ponte, como os rios Mogí e Jaguarí-Guaçú, ponte fechada por uma porta, que só é aberta ao trânsito dos que pagam. Os pedestres pagam \$040 (25 cents.); as pessoas a cavalo pagam \$120 (75 cents.) e os animais de carga pagam a mesma importância; enfim, os carros de bois pagam 1\$200 (7 frs., 50 cents.). Arrecadando impostos tão elevados, a antiga administração deveria, ao menos, conservar as pontes de forma conveniente, mas nunca se preocupou com o assunto.

LUIZ D'ALINCOURT já mostrou (269) que de Paciência a São Paulo, num espaço de 44 a 45 léguas, havia cinco travessias de rios a pagar, e eu posso acrescentar que de Goiaz a Paciência havia mais cinco. Daí resulta que o algodão expedido, por exemplo, de Meia Ponte a São Paulo pagava direitos por dez vêzes, ao passo que o açúcar de Campinas e de Jundiá não pagava um real que fôsse; disso resulta ainda, como consequência, que os direitos aumentava em proporção do afastamento; que quanto mais elevadas as despesas de transporte, tanto mais altas eram as importâncias exigidas pelo fisco; enfim, resulta que quanto menos favorável era a situação de uma cidade ou vila, tanto mais carregado de impostos era o seu comêrio. É certo que nenhuma razão haveria para prejudicar Mogí-Mirim e favorecer Campinas, ou, então, para esmagar Meia Ponte e poupar Mogí-mirim: um rio atravessa a estrada, é preciso

(268) O vocábulo guaraní *atibai* significa *têmporas*, ou, *cabelos que caem sobre as têmporas* (ANTÔNIO RUIZ DE MONTOYA, *Tesoro de la Lengua*, 72); mas um hispano-americano, muito versado na lingua guaraní, afirma que *tibaia* vem provavelmente de *tobájay* — *rio do cunhado*. FRANCISCO DOS PRAZERES DE MARANHÃO faz derivar *tibaia* de *tyba* (feitoria) e *vg.* (rio); penso que PRAZERES DE MARANHÃO é quem fornece a verdadeira etimologia dêsse vocábulo.

(269) *Mem. Vaig.*, 53.

estabelecer uma peagem, porquanto uma peagem aumenta as rendas do tesouro público; foi êsse, unicamente, o raciocínio que se fez, mas não se pensou que agindo dessa forma paralisava-se completamente o comércio e a agricultura nas regiões longínquas, onde, quer um e quer outra, necessitavam de ser encorajados e estimulados.

Entre o rio Tibaia e a cidade de Campinas, sofri forte calor e era sempre dentro das matas que viajava. Os bambús são muito comuns na região; vi alí também, em grande quantidade, uma *composta* arborescente, a qual, notável pela altura, eleva-se a cêrca de doze metros, e que me pareceu pertencer ao grupo das *vernôneas*. Numa grande clareira só encontrei a gramínea vulgarmente denominada *barba de bode* (*chæturis pallens*, var. MEES e MART.), que é considerada boa forragem. Essa planta forma tufos muito espessos, de ordinário afastados uns dos outros, e tem fôlhas e panículos especificamente inclinados; crescem em sociedade com outras plantas, mas, em certos lugares, vegeta sòzinha, cobrindo grandes trechos do terreno; eu a encontrei, pela primeira vez, em 1816, perto de Gama, na estrada do Rio de Janeiro a Ouro Preto, e muito mais recentemente a colhi em Lages (270); alguns mapas indicam vastos campos de barba de bode ao noroeste da serra da Canastra.

À proporção que eu avançava na direção da cidade de São Paulo, comecei a perceber que já não me encontrava mais nos desertos. Encontrava viajantes; passava constantemente diante de terrenos cercados e de imensas plantações de cana de açúcar; penso, enfim, que, num espaço de três léguas, entre Tibaia e a cidade de Campinas, encontrei mais de meia dúzia de engenhos de açúcar, dos quais alguns pareceram-me importantes.

Chegando a Campinas, alojei-me, à entrada da cidade, num espaçoso rancho coberto de telhas, de sólidas paredes construídas com terra socada (*taipa*). Entre Campinas e São Paulo, vê-se certo número de ranchos construídos da mesma forma e que são denominados *ranchos reais*. A administração os construiu à sua custa, e, sob êsse ponto de vista, é merecedora de todos os encômios. Constituem assinalada proteção à agricultura, livrar as caravanas da cupidez e incúria dos proprietários e procurar garantir contra desastrosa deterioração, aliás muito fácil, os valiosos produtos da terra. Oxalá que fôsse uma constante preocupação a de favorecer assim os esforços dos agricultores e o comércio!

Apenas tinha-me acomodado no rancho de Campinas, quando três caravanas, com mulas carregadas de açúcar, alí também se abrigaram.

(270) V. mais acima.

A cidade de Campinas deve sua origem ao fabrico de açúcar. Durante muito tempo acreditava-se que as terras pretas dos arredores de Itú eram as únicas, de toda essa parte da província, apropriadas à cultura da cana de açúcar; entretanto, a-pesar-dêsse preconceito, algumas pessoas ensinaram, em 1770, plantar essa gramínea nas terras vermelho-escuras do atual *térmo* de Campinas. Completo êxito coroou êsse ensaio, e o exemplo foi logo seguido por grande número de agricultores. Sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, foi construída uma igreja (271), cuja primeira missa foi rezada em 1770 (272). Uma aldeia se formou, recebendo o nome de *Campinas (vastos campos)*. Em pouco tempo a igreja de Nossa Senhora da Conceição tornou-se paróquial. Enfim, em 1797, o capitão-general ANTÔNIO MANUEL DE MELO CASTRO E MENDONÇA a elevou a vila e a cabeça de *térmo*, sob o nome de *São Carlos*, desmembrando-a do *térmo* de Jundiaí, a que pertencia. A *juizes ordinários*, eleitos pelo povo, foi confiada a administração da justiça. De 1818 a 1825, a vila de São Carlos ou Campinas teve grande desenvolvimento, e o seu progresso foi muito mais notável depois que o Brasil se tornou independente. Em 1840, o govêrno provincial de São Paulo deu-lhe o título de cidade — *Cidade de São Carlos* (273).

Quando de minha viagem, o nome oficial não tinha ainda prevalecido, e parece que ainda hoje não é geralmente adotado, porque unicamente o de Campinas é visto nos relatórios dos presidentes da província à assembléia legislativa (*Relatórios etc.*, 1845, 1847) (274). Numa

(271) E' êsse o nome que LUIZ D'ALINCOURT e PIZARRO dão a essa igreja (*Mem. Viag.*, 34; — *Mem. Hist.*, VIII, 302), e é notória a confiança que o último dêsses autores merece relativamente a tudo quanto se refere às igrejas do Brasil.

(272) LUIZ D'ALINCOURT, loc. cit.

(273) MILL. e MOUR., *Dic.*, I, 213.

(274) Eis como se expressa um anglo-americano relativamente à mudança do nome de Campinas: — “Embora admire o nome de São Carlos, tanto quanto o de qualquer outro santo do calendário, não posso me conformar com o sistema de nomenclatura local que a política sacerdotal impôs aos brasileiros, a despeito dos sentimentos e do bom gosto dos mesmos. Se a harmonia, o bom senso, a verdade são qualidades desejáveis nos nomes próprios, é difficil encontrá-los mais perfeitos que os dos rios, das montanhas e de diversas localidade da América do Norte e da América do Sul” (KIDDER, *Sketches*, I, 265). Já tive oportunidade de dizer quanto a língua dos indigenas é mais vantajosa para as denominações de acidentes geográficos e de localidades, e, com KIDDER, deploro a supressão de alguns dos nomes dessa língua tirados. Convém, entretanto, não exagerar muito a harmonia da mesma língua, pois que, relativamente às denominações — *Itapetininga, Araraquara, Itaquecetuba, Pindamonhangaba, Guaratinguetá* —, a substituição dos mesmos pelos nomes de alguns santos do calendário romano ou grego, não seria, penso eu, absolutamente para lastimar. Não occulto os erros do clero brasileiro, mas, por isso mesmo, devo justificá-lo quanto a erros que não são de sua responsabilidade. Os portuguezes, católicos por excelência, olhavam os santos como intercessores, pondo sob a proteção dos mesmos os lugares que iam descobrindo. Chegavam à margem

extensão de cêrca de 8 léguas, o têrmo de Campinas contava, em 1819, 6.000 habitantes, aproximadamente (275), e, em 1838, contavam-se 6.689, dos quais 3.917 escravos (negros e mulatos). O crescimento da população foi, guardadas as proporções, muito menor alí do que em muitas outras partes do Brasil; mas isso não é para causar admiração, pois êsse têrmo, encerrado dentro de limites muito acanhados, já era, relativamente, muito povoado em 1819, não permitindo, assim, importante imigração, e, no atual estado de cousas, as terras dos engenhos de açúcar não são susceptíveis de grandes divisões.

A cidade de Campinas é cercada de matas por todos os lados. As suas ruas não são muito largas e suas casas são novas (1819), unidas umas às outras, cobertas de telhas, e construídas, em sua maioria, com terra socada (*taipa*). Algumas delas podem ser consideradas muito bonitas. A igreja paroquial, pequena e mesquinha (1819), eleva-se numa praça que forma um longo quadrado. Quando de minha viagem, era intensa, nessa localidade, a construção de casas, sendo por aí fácil de perceber que a mesma, em pouco tempo, adquiriria notável importância. A maior parte dos habitantes dos arredores de Campinas era contituida por agricultores. O seu têrmo é, de tôda a província, o que o mais açúcar produz. Desde 1819, contava êle com cêrca de uma centena de engenhos de açúcar compreendidos entre os mesmos as usinas de distilação de *cachaça*; e, em 1838, existiam noventa e três engenhos de

de um rio no dia da festa de um santo, o nome dêste era dado ao rio. Assim procedendo, obedeciam unicamente à sua fé, sem nenhuma combinação política, sem nenhuma violência, e, em absoluto, ninguém pensava que, assim procedendo, faziam êles agrado ao bom senso e ao bom gôsto. Êsse costume perdurava ainda ao tempo de minha viagem. Julião chegou às margens do Jequitinhonha no dia de São Miguel; não estava êle sob a influência de nenhum padre, e deu, entretanto, a denominação de São Miguel, à aldeia cujos fundamentos lançou (*Voyage dans les Provinces* etc., II). De resto, se os primeiros paulistas mudaram alguns nomes oriundos da *língua geral*, muitos outros tiraram desta mesma língua. Em todo o caso, penso que o exemplo da mudança do nome Campinas para o nome São Carlos nada prova contra a supressão das palavras indígenas, certo como é que Campinas é vocábulo português. Menos prova tal mudança contra a idéia de honrar os santos, substituindo seus nomes por outros mais antigos, pois não foi absolutamente em memória de SÃO CARLOS, arcebispo de Milão, que houve a troca do nome Campinas pelo de São Carlos — a mudança foi feita para homenagear a rainha D. CARLOTA JOAQUINA, espôsa de D. JOÃO VI (LUIZ D'ALINCOURT, *Mem. Viag.*, 34) como os franceses denominando *Santa Amélia* uma vila da Algéria, pensaram unicamente em MARIA AMÉLIA, então sua rainha. Quanto aos gracejos dirigidos contra o catolicismo, gracejos com que KIDDER finaliza seu artigo sôbre Campinas, nada direi, não pertencem ao nosso século, em que as diversas comunidades cristãs sabem se respeitar; e, se, por acaso, qualquer católico com os mesmos se sentir magoado, eu o remeterei à passagem tão elevadamente escrita, com a qual êsse escritor inicia seu livro, passagem que todos os cristãos lerão com prazer e agrado.

(275) Em 1822, PIZARRO indica 5,999 habitantes em tôda a paróquia (*Mem. Hist.*, VIII, 302), e esta tem a extensão que o têrmo.

açúcar pròpriamente ditos, e igual número de usinas de distilação (276). Entre os *senhores de engenhos* (proprietários de engenhos) (277), contavam-se muitos com avultada fortuna. LUIZ D'ALINCOURT, cita um, entre outros (278), cuja renda atingia, em 1817, a cêrca de 80.000 cruzados (200.000 frs.). As propriedades (*fazendas*), consideradas, na época de minha viagem, como tendo alguma importância, possuíam, pelo menos, uns vinte escravos, e me afirmaram que, com o trabalho dos mesmos, fabricavam, fâcilmente, 2.000 arrobas (29.480 quilos) de açúcar. Quanto mais vermelha é a terra, mais favorável é à cultura da cana de açúcar. As plantações produzem, na região, três anos seguidos (279); depois de três anos, arraza-se o canavial, para novo plantio. As boas terras, depois da derrubada das matas, produzem, 20 anos; no vigésimo ano, pareciam fatigadas, pelo que foram deixadas em repouso, por três anos; mas não se sabia ainda se essa segunda vez as mesmas renderiam, sem interrupção, um lapso de tempo tão considerável como o primeiro. Tudo que aí fica dito prova que, se o solo do *têrmo* de Campinas não é igual em fertilidade ao dos *Campos dos Goitacazes*, é, entretanto, mais fértil do que geralmente o são as regiões de Minas Gerais, em que se cultiva a cana de açúcar. Creio poder garantir a autenticidade dessas informações sôbre as terras de Campinas, porque me foram fornecidas pelo *capitão-mor* dessa localidade e por um sacerdote, não desprovido de instrução. Alguns proprietários do *têrmo* de Campinas possuem (1819) tropas, de que se servem para expedir o açúcar que produzem, até o pôrto de Santos; outros recorrem a arrieiros, que se encarregam do transporte, à razão de \$340 a \$400 (2 frs. a 2 frs. 50 cents.) a arroba (14 quilos, 74). As caravanas levam doze dias nessa viagem. Cada muar carrega oito arrobas, divididas em dois sacos, cada um deles encerrado num grande cesto de bambú (*taquara*) denominado *jacá*. Os jacás são achatados e pouco mais ou menos quadrados, muito semelhantes aos que servem para o transporte de queijos, de Minas Gerais à capital do Brasil (280).

Na tarde do dia em que cheguei a Campinas, fui visitar o capitão-mor, que me recebeu com muita gentileza, convidando-me a almoçar em sua companhia no dia seguinte. Logo que cheguei à sua residência, fui

(276) PEDRO MÜLLER, *Ensaio*, quadro 4.

(277) V. minha *Voyage dans la Province de Rio de Janeiro* etc., I, 57.

(278) *Mem. Viag.*, 37.

(279) Denomina-se, no Brasil *planta*, a primeira produção da cana de açúcar; a segunda tem o nome de *soca*, e, a terceira, o de *resoca*.

(280) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco*, I, 72.

convidado a tomar, à guiza de chá, uma decoção de *maté* (281) ou *erva do paraguai*. Como se verá a seguir, essa bebida acabou por me parecer deliciosa; mas, nessa primeira vez, achei-a pouco agradável, seja porque a *erva*, como se diz no Brasil, não fôsse de boa qualidade, seja porque eu tivesse necessidade de ao uso da mesma me acostumar.

A sala de recepção e a sala de jantar da residência do capitão-mor, únicos apartamentos que me foram mostrados, tinham as paredes pintadas imitando mármore até a altura do peitoril das janelas, daí, para cima, até o teto, eram pintadas de branco, com uma barra imitando um cordão de flores. Na época, êsse sistema de decoração, que não era de todo deselegante, parecia ser muito usado nas casas dos brasileiros ricos. O dia seguinte de minha chegada a Campinas caíu num domingo. Vi passar diante do *rancho* em que me alojei um grande número de agricultores, homens e mulheres, os quais, a cavalo, vinham à missa. A localidade encheu-se, assim, de gente.

Aí, como em todo o interior do Brasil, as mulheres montam a cavalo na mesma posição que os homens; quando cavalgam, usam um chapéu de feltro e vestem uma espécie de *amazona* feita, comumente, de pano azul. Desde Mogí, nem um só homem encontrei, mórmente quando a cavalo, que não tivesse seu *poncho*, vestimenta cuja descrição já fiz. Durante a missa, as mulheres de Campinas mantinham, como as da costa, o corpo e a cabeça envolvidos numa longa mantilha de tecido preto.

Além de Campinas, a estrada continua a atravessar a mata virgem que eu tinha começado a percorrer nos dias anteriores. Quasi por tôda a parte tinham sido cortadas as árvores, à direita e à esquerda, até certa distância, afim de que o ar, circulando com mais facilidade, secasse mais rapidamente a terra. Passei por vários casebres e pelo *rancho de Jurubatuba*, construído, como o de Campinas, à custa do tesouro real. Depois, tendo caminhado quatro léguas, detive-me no lugar chamado *Capivarí* (282). O rancho existente nesse local era, também, construído à custa do fisco. Era muito grande, podendo abrigar enorme quantidade de mercadorias, mas estava cheio de pó e de lixo, no meio do qual pululavam as pulgas e os bichos de pé. Ao fim de alguns instantes, meus companheiros estavam com os pés e as pernas cobertos desses insetos, e as minhas botas deles me livraram muito imperfeitamente. A alguns passos do *rancho de Capivarí* existia uma pequena fazenda, onde se ven-

(281) Aquí escrevo e antes já escreví essa palavra como deve ser pronunciada em francês, isto é, com acento agudo no *e* final (*maté*).

(282) *Capivarí* significa rio das *capivaras*; é denominação frequentemente encontrada no Brasil, em várias regiões.

dia milho aos viajantes. Censurei o proprietário pelo fato de não mandar varrer e limpar o rancho, do qual auferia vantagens, deixando os viajantes ser devorados pelos insetos daninhos. — De que vale varrer o rancho? — respondeu-me grosseiramente.

Tive oportunidade, certamente, de encontrar nessa estrada algumas pessoas complacentes e educadas; mas, em geral, os habitantes de suas margens são pouco corteses; suas atitudes são triviais; têm um ar triste, apalermado, apático, e grande quantidade de indivíduos de nossa raça distinguem-se dos camponeses de França por não terem nem a sua alegria, nem a sua vivacidade; muito diferentes nisso dos brancos das *comarcas* de Ouro Preto, Sabará e Serro Frio, na província de Minas, os quais, em sua maioria, são superiores aos a que me venho referindo (1819). Devo, de resto, acrescentar, que, se é grande injustiça julgar os mineiros, em geral, pelos que habitam perto da estrada tão frequentada, de Rio de Janeiro a Diamantina, não haveria a menor injustiça em pretender assimilar todos os paulistas a homens forçados, por assim dizer, a viver em meio de uma multidão de negros, de *camaradas* ignorantes, grosseiros e viciosos, que passam e tornam a passar constantemente.

Entre Campinas e Capivarí, sentí um calor excessivo; trovejou e, logo depois de minha chegada, uma tempestade se desencadeou; torrentes de água caíram do alto. Pela manhã, o tempo estava extremamente sombrio; mas os bichos de pé atormentavam de tal forma o pobre Larrotte, e estava êle tão triste, que resolví partir. A chuva caía; felizmente foi de pouca duração, e, como quasi sempre acontece, só depois do jantar é que começou a chover copiosamente.

A grande floresta continua a se prolongar entre Capivarí e Campinas. O terreno começou a apresentar-se um pouco montanhoso, e ia sempre se elevando mais; enfim, em redor de Jundiáí, vi montanhas bastante elevadas, as quais, certamente, são ramificações da serra da Mantiqueira. Parei a cêrca de meia legua de Jundiáí, no lugar denominado *Ponte*, onde existe um *pasto fechado* e pequenas casas, cujos quartos são alugados aos viajantes. Desde que comecei a viajar nas matas, meus animais sofriam bastante: os campos lhes ofereciam durante todo o tempo erva abundante e boa; em meio das matas só havia pastagens fechadas, artificialmente obtidas pela destruição das árvores e que estavam de tal forma tozadas, que os animais quasi nada podiam aproveitar das mesmas.

CAPÍTULO V

JUNDIAÍ — CHEGADA A SÃO PAULO

A VILA DE JUNDIAÍ; POPULAÇÃO DE SEU TERMO E DE SEUS ARREDORES. VISITA AO CAPITÃO-MOR DE JUNDIAÍ. COMO SE ORGANIZAM AS CARAVANAS QUE VÃO DE SÃO PAULO A GOIAZ E A MATO GROSSO. OS PAPUDOS DE JUNDIAÍ. O FERRADOR. RANCHO DO FELIZ. VEGETAÇÃO E ASPECTO DO CAMPO ENTRE ESSA LOCALIDADE E O RANCHO DO CAPÃO DAS POMBAS. O MORRO DO JARAGUÁ. UMA PAIZAGEM BRASILEIRA DESCRITA POR UM ANGLO-AMERICANO. AS MINAS DO JARAGUÁ. A ENCANTADORA REGIÃO SITUADA ALEM DO RANCHO DAS POMBAS. O RIO TIETÊ. CHEGADA A SÃO PAULO. A HOSPEDARIA DO BEXIGA. NOVAS COMBINAÇÕES COM JOSÉ MARIANO. O SR. GRELLET. O AUTOR SE INSTALA NUMA CASA DE CAMPO, VIZINHA DA CIDADE.

Jundiaí, que em seguida visitei, está situada a 25° 2' de latitude sul (283), junto à margem esquerda de um pequeno rio com o mesmo nome. Este, que deságua no Tietê, foi denominado *rio Jundiaí* devido à grande quantidade de *jundiá* (espécies de peixe) encontrada em suas águas (284). Em 1656 foram lançados os primeiros fundamentos de Jundiaí, atribuídos ao conde de MONSANTO, quando foi reconhecido herdeiro do primeiro donatário da Capitania de São Vicente (285). A vila de Jundiaí é pouco extensa; suas ruas são estreitas e suas casas unidas uma às outras, como em nossas cidades, e são, geralmente, baixas

(283) PIZ., *Mem. Hist.*, VIII, 302.

(284) FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, que publicou, na *Revista Trimensal* (I, 75, *seg. ser.*), um trecho interessante sobre a timologia brasileira, crê que *jundiaí* quer dizer *jandy yg* — *rio do óleo*. *Jandy*, na *língua geral* ou dialeto da costa, significa, realmente, *óleo* (*Dicionário Português e Brasileiro*, 18); mas não é a expressão *jandy* que entra na composição do vocábulo a que vou me referindo, sim, *jundiá*. Seria pouco natural, ao demais, dar a um curso d'água o nome de *rio do óleo*; ao passo que nada pode haver de mais plausível do que denominar *rio dos jundiás* em que são encontrados, em abundância, peixes desse nome. Levei ao Museu de Paris um desses peixes, que o naturalista VALENCIENNES classificou como pertencente ao gênero *platystome*, da família dos *sisuróides*, e denominou *platystoma emarginatum* (*Pois.*, XV, 19).

(285) PIZ., *Mem. Hist.*, VII, 302.

e pequenas. Além da igreja paroquial, consagrada à Nossa Senhora do Destêrro, há, na localidade, mais duas outras, uma das quais pertencente a um pequeno convento de padres beneditinos (*hospício*) (286). Como em Campinas e em Mogí, as funções judiciárias eram, antigamente, exercidas, no *têrmo* de Jundiaí, por *juizes ordinários*. Em todo êsse *têrmo*, que, provàvelmente, não é muito maior do que o de Campinas, contavam-se, ao tempo de minha viagem, 5.000 a 6.000 almas, e a população parece não ter aumentado muito, pois que, em 1838, era computada em 5.885 almas. E' evidente que as causas, que a impediram de aumentar de forma sensível, foram as que semelhante resultado produziram no *têrmo* de Campinas, já por mim assinaladas acima (287). Os habitantes de Jundiaí são, em sua maioria, agricultores, que só vêm à vila aos domingos. Permanecí todo um dia útil nessa localidade — as casas estavam tôdas fechadas. A êsse sucedeu um dia de festa religiosa — tôdas se abriram e as ruas se encheram de gente.

Durante muito tempo, só se cultivavam, nos arredores de Jundiaí, o arroz, o feijão, o milho e outras mercadorias de natureza semelhante, que eram vendidas em São Paulo ou nos próprios centros de produção; entretanto, após certo número de anos, a cultura da cana de açúcar foi introduzida na região. As terras não são alí tão favoráveis a essa cultura, como as de Campinas. Essa gramínea é, contudo, plantada com resultado, ao sopé da *serra do Japi* (288), cadeia de montanhas que se eleva ao sul da vila (289). Jundiaí fornece às caravanas, que demandam Goiaz e Mato Grosso, mais *camaradas* (servidores livres) do que Mogí-Mirim (290), e, segundo se afirma, os de Jundiaí são melhores do que os de qualquer outro distrito vizinho. Depois que o *tocador* Pedro deixou de trabalhar em minha companhia, eu tinha projetado dar-lhe um sucessor em Jundiaí, dirigindo-me para êsse fim, ao *capitão-mor* do distrito dessa vila, que se ocupava, especialmente, em procurar *camara-*

(286) A palavra *hospício*, em português, é tomada no mesmo sentido em que na França se tomava outrora *hospice*, sua correspondente em francês; isto é, para designar pequenos mosteiros que recebiam os religiosos em viagem.

(287) Pág. 149.

(288) Nome originado, talvez, de *iape*, clava (indíg.).

(289) LUIZ D'ALINCOURT afirma (*Mem. Viag.*, 30) que, em 1818, existiam mais de quarenta engenhos de açúcar no *têrmo* de Jundiaí, compreendidas as distilarias de cachaça, e PEDRO MÜLLER (*Ens.*, quadro 4) fala, unicamente, em duas distilarias e 29 engenhos de açúcar, nos quais eram fabricados concomitantemente, açúcar e cachaça. Parece-me mais verosímel que o número de engenhos de açúcar tenha diminuído de 1818 a 1838; conseqüentemente, haverá, sem dúvida, qualquer engano numa ou noutra dessas avaliações.

(290) V. mais acima.

das para as caravanas. O capitão-mor estava em sua *fazenda*, situada a légua e meia da vila. Guiado por um preto, que conhecia bem tôda a região, atravessei um terreno montanhoso, quasi inteiramente coberto de matas. Em alguns lugares pedregosos só se viam, entretanto, arbustos; e noutros, onde as árvores tinham sido derrubadas e queimadas, viam-se pequenas *capoeiras*; outros, ainda, onde o gado pastava, tinham-se tornado pastagens; alguns espaços, enfim, baixos e úmidos, nunca teriam apresentado senão plantas herbáceas. O capitão-mor de Jundiáí recebeu-me afavelmente. Notei ser êle um homem excelente, dotado de extrema delicadeza, mostrando-se inteiramente disposto a fazer tudo o que me pudesse ser útil. Pouco tempo antes recebera em sua casa dois prussianos muito distintos, SELLOW, do qual mais tarde falarei, e OLFERS, homem igualmente instruído e inteligente, o qual, depois de ter desempenhado missões diplomáticas no Brasil e em Portugal, tornou-se diretor dos museus de Berlim. Foi o capitão-mor de Jundiáí que, em época mais remota, organizou a caravana dos sábios SPIX e MARTIUS, quando a fuga do arriero dos mesmos fizera com que temessem não podem continuar a viagem (291).

Quasi tôda a região por mim percorrida para alcançar o rancho da Ponte, na propriedade do capitão-mor de Jundiáí, a essa autoridade pertencia, e em sua fazenda é que eram organizadas quasi tôdas as caravanas que iam de São Paulo a Cuiabá e Goiaz. Durante a estação das viagens, comprava o referido capitão-mor um milheiro de muares, ou mesmo maior número, na vizinha vila de Sorocaba, que é o entreposto dêsse gênero de comércio, vendendo-os, em seguida, por lotes, aos chefes de caravanas; e, ao mesmo tempo, lhes fornecia provisões e lhes arranjava *camaradas*. Cada caravana encontrva em suas terras certa extensão de terreno, onde podiam pastar os animais de que se compunham, e um rancho isolado, junto ao qual havia um espaço, em que tinham sido fincadas longas estacas dispostas em forma de xadres. Nesse local é que eram reunidas as mercadorias destinadas a ser transportadas e que se preparavam as cargas dos muares, os quais alí mesmo eram ferrados e carregados no momento de partir. O rancho e as pastagens, onde são, assim, organizadas as tropas, têm o nome de *invernadas* (292). Durante sua permanência nessa parte da província, SPIX e MARTIUS,

(291) SPIX e MART., *Reise*. 289.

(292) O vocábulo *invernada* significa, a bem dizer, o que se passa durante o inverno (MOR., *Dic. Port.*, II, 3.^a ed.), e não pode, ao que me parece ser senão imperfeitamente traduzido pela palavra francesa *hivernage*. E' natural que no Brasil tenha sido aplicado a essas espécies de abrigos aos quais as tropas podem se recolher ou organizar, antes da chegada da estação das viagens.

disse-me o capitão-mor de Jundiáí, tentaram curar, por meio do magnetismo animal, um homem atacado de hidrofobia; dois anos tinham decorrido, e o enfêrmo nenhum sintoma apresentava da moléstia que lhe ameaçara a vida (293).

Não devo esquecer-me de dizer que os papudos, infelizmente muito comuns em certas regiões da província de São Paulo, o são mais, talvez, em Jundiáí e seus arredores, e que são até designados, os habitantes dessa vila, pela alcunha de *papudos de Jundiáí*. Como muito bem fizeram observar SPIX e MARTIUS, essa enfermidade não é, entre os brasileiros, acompanhada do completo idiotismo que caracteriza os papudos dos vales suíços, e, se em certas regiões da província de São Paulo, na região, por exemplo, situada entre Itú e Itapeva, são êles apáticos e pouco inteligentes, seus vizinhos, não papudos, não são mais lesto de espírito, nem mais ativos (294). Depois de ter deixado o rancho da Ponte (dia 27 de outubro), passei primeiro pela vila de Jundiáí e atravesssei as montanhas que a cercam. Tôda a região que percorri, dentro

(293) Os dois sábios bavaros dão notícia, no relato de suas viagens, dessa ocorrência, chegando às mais curiosas conclusões (*Riese*, I, 258).

(294) Pode-se consultar, sôbre os papudos brasileiros, o que escreveram SI-GAUD, FAIVRE e FREIRE ALLEMÃO (*O Clima e as Moléstias do Brasil*, 102; *Análises das Aguas de Caldas; Memória sôbre o Papo que ataca no Brasil os Homens e os Animais*). SPIX e MARTIUS, e KIDDER (*Reise*, I, 211; — *Sketches*, I, 271) afirmam que na província de São Paulo dá-se a beber às pessoas portadoras de papo, água na qual foram mergulhados fragmentos de ninhos de formigas brancas, e que se aplicam, na parte doente, cataplasmas feitas, segundo o último desses autores, com a terra dos referidos ninhos e, segundo os primeiros, feitas de abóboras. KIDDER, referindo-se aos papudos, pretendeu dar a tradução portugueza do vocábulo *papo*; mas o que indicou tem significação inteiramente diversa, como se pode vêr pela leitura do capítulo de PISON — *De lue venereâ*. KIDDER, certamente, foi levado a êrro por qualquer mau gracêjo de algum individuo de classe inferior. Os viajantes que percorrem o Brasil, sobretudo quando pouco conhecem a língua do país, não devem aceitar, senão com muitas precauções, os informes que lhes fornecem os guias, os arrieiros, os *vadios* e os *camaradas*. E' certamente a *pândegos* dessa espécie que se deve a fábula de os brasileiros terem religioso escrupula de comer aves ao domingo, a dos pigmeus que habitam florestas de Minas, dos frutos do *Solanum lycocarpum* (A. S. H.), rolando pelas estradas, grandes como cabeças de crianças, das formigas brancas que se confundem com pássaros, dos negros devorados, sem que o percebam, pelos morcegos etc., etc. Quanto à história de um viajante montado a cavalo num jacaré, é plausível, como penso, atribuí-la a qualquer outra causa, tanto quanto a seguinte história: um viajante, atravessando uma mata virgem, ouve rumores que lhe lembram as cidades manufactureiras de seu país; fogos completam a ilusão pela sua semelhança com os das usinas européias; acredita encontrar-se em sua pátria, seu coração palpita, e êle se aproxima — o ruído de forjas é o coaxar dos sapos; os fogos, produzem-nos a luz fosforescente dos pirilampos. Pode-se ler, sôbre tudo isso, o que escreveu o verídico GARDNER, relativamente aos seus que os europeus estabelecidos no Rio de Janeiro narram, muitas vêzes, aos seus patrícios recém-chegados (*Travels in the Interior of Brasil*, 14)

do espaço de quatro léguas, é coberta de matas (295). Quasi que por tôda a parte as grandes árvores foram derrubadas de ambos os lados da estrada, não se vendo, à direita e à esquerda, senão arbustos, em meio dos quais o grande feto vegeta abundantemente. Por muito tempo o caminho estende-se acima de um vale estreito e profundo, sôbre o declive das montanhas que o cercam. Desde que comecei a viajar nas matas, tive o prazer de ouvir ainda, como nas florestas de Minas e do Rio de Janeiro, a *araponga* ou *ferrador* (*casmarhynchos nudicollis*), a qual, enquanto faz retinir o seu canto semelhante, alternativamente, ao ruído da lima e aos golpes de martelo, permanece quasi imóvel na parte mais alta de uma árvore despojada de fôlhas. Nesse dia, passei diante de algumas casas e de vários ranchos, e encontrei um grande número de caravanas que regressavam do pôrto de Santos, para onde tinham transportado açúcar. Umas regressavam sem nada transportar, outras vinham carregadas de sal.

Abriguei-me em um barracão denominado *rancho do Feliz*, construído do mesmo modo que o de Capivarí e igualmente imundo, mas onde não havia tantos bichos de pé. Várias caravanas já alí tinham descarregado suas mercadorias. Os sacos de sal e os cestos de açúcar estavam dispostos, ordenadamente, num canto do rancho. Duas fogueiras tinham sido acesas aquí e alí. A fumaça e a poeira enchiam o rancho, pelo que me era muito difícil aí trabalhar.

No dia seguinte, pela manhã muito cedo ainda, deixamos êsse rancho. A atmosfera estava carregada de vapores que, entretanto, logo se desfizeram, deixando-me admirar a extraordinária beleza do céu, que, nessa estação, é brilhante e de côr carregada. Por muito tempo gozamos de um frescor delicioso e, quando o sol começou a esquentar mais, a atmosfera cobriu-se de nuvens. O dia transcorreu extremamente agradável. A região sempre montanhosa que percorrí, é uma das mais remotamente povoadas de todo o Brasil meridional, e, conseqüentemente, nenhuma surpresa deve causar o fato das florestas que antigamente a cobriam terem sido destruídas, substituindo-as, inteiramente o grande feto (*pteris caudata*), cujas fôlhas velhas persistem muito tempo depois de dessecadas e, como são mais numerosas do que as novas, dão à paisagem um aspecto triste e acinzentado.

(295) Itinerário aproximado da vila de Jundiá a São Paulo:

De Jundiá ao rancho do Feliz	4	léguas
Do rancho do Feliz ao Capão das Pombas	3 ½	"
Do rancho do C. das Fombas a São Paulo	3	"
	<hr/>	
	10 ½	"

Do alto de alguns morros goza-se duma vista extensa, e, em meio dos campos hoje despojados de seu antigo ornamento, só se descobrem (1819) alguns capões de mato esparsos aqui e ali, que escaparam do machado e do fogo. De todos os morros avistados, o mais elevado é o do *Jaraguá* (296), o qual, visto de longe, tem o aspecto de uma espécie de cone dividido em duas pontas. Durante êsse dia ainda encontrei muitas caravanas, umas carregadas de açúcar, a caminho de Santos, e outras dalí regressando, sem cargas. Vi também, na estrada, dois ou três carros, vindos de Franca para São Paulo, carregados de mercadorias e puxados por bois. Êsses animais tinham sido desjulgidos, e sôbre os carros estavam mulheres que comiam e faziam "toilette". Já tinha encontrado, por várias vêzes, na estrada, alguns dêsses carros, que, frequentemente, vêm de muito longe nos quais os colonos transportam a sua produção à capital da província (297). Os proprietários dêsses veículos servem-se dos mesmos como tendas ou ranchos, abrigando-se sob êles para dormir e livrar-se da chuva, exemplo que eu próprio seguí, mais tarde, quando viajei num grande *carretão*, na província do Rio Grande, na campanha de Montevidéu e na região das Missões.

Detive-me diante de alguns casebres para colhêr informações e pedir de beber, mas fui recebido rudemente como, em tôda essa parte da província de São Paulo, parece ser o apanágio dos homens das classes inferiores. Como já disse, não se pode esperar muita polidez numa estrada tão frequentada e por onde transitam, constantemente tantos arrieros e negros. Alojiei-me, para passar a noite, no *ranchito real* denominado *ranchito do Capão das Pombas*. Era o maior que eu tinha visto até então — media trinta e nove passos de comprimento por dezesseis de largura; suas paredes, em que se abriam três grandes entradas, eram construídas de *taipa* (terra socada), como os outros ranchos reais, e era, como os demais, coberto de telhas, e de ótimo madeiramento. Eu chegara cedo a êsse rancho e, como não tivesse encontrado senão duas plantas em florescência entre os fetos e os *baccharis* (alecrim do campo) que cobrem o campo, fui erborizar no morro do Jaraguá, ao qual já me referi e que está a um quarto de légua, apenas, do local de situação do

(296) O nome *Jaraguá* é também o de uma pequena vila da província de Goiás e significa *água que murmura* (V. minha *Voyage dans la Province de Goyaz*, II, 49). E' nome também encontrado nas províncias de Alagoas e de Santa Catarina (MILL. e LOP. DE MOUR., *Dic.*, I). Certamente sem razão D'ALINCOURT denomina *Jaraguá* êsse morro da província de São Paulo.

(297) Como já relatei acima, no capítulo — *Comêço da Viagem na Província de São Paulo etc.* — há fazendeiros vizinhos do rio Grande, que transportam o algodão e o toucinho que produzem em carros de boi até São Paulo, gastando na viagem, que é de 158 léguas ida e volta, três meses.

ranchos. Esse morro tinha sido cercado de valos e de cêrcas para a constituição de uma enorme pastagem; atravessei êsses obstáculos e comecei a subir. Quasi que por tôda a parte vegetam, no flanco do morro, grandes fetos (*pteris caudata*), aos quais se põe fogo, de tempos a tempos, para que brote no terreno uma erva mais tenra e mais fácil de se desenvolver. Nalguns lugares, apresentam-se pequenos capões de mato; noutros, o rochedo mostra-se nú. O morro, que, antes de eu ali chegar, parecia-me, como já disse atrás, terminado em duas pontas, tem, na verdade, quatro picos principais. Atravessando sempre terrenos onde os fetos tinham sido queimados, atingi o pico menos elevado, de onde dirigí-me para o mais alto. Antes de ali chegar, vi desaparecer o ávido criptógamo que forma quasi tôda a vegetação local; mas, com a queimada das plantas dessa espécie que se encontravam mais abaixo, o fogo estendeu-se até o alto do morro, tudo consumindo, motivo pelo qual não encontrei, na minha longa caminhada, uma única planta em flor. No pico mais elevado há uma profunda excavação, onde havia em grande abundância formigas aladas, provàvelmente entorpecidas pela humidade. Aproximando-me, fiz levantar do fundo dessa excavação uma perdiz, entretida, segundo creio, em se nutrir com os aludidos insetos. A excavação em aprêço deve ser, como julga um viajante anglo-americano que por ali passou, obra dos antigos pesquisadores de ouro; mas, acrescenta o mesmo autor, os habitantes da localidade afirmam que nesse lugar os indígenas enterravam seus mortos (298).

Até os últimos tempos, todos os viajantes que procuraram descrever o Brasil eram europeus, motivo porque, constantemente, em suas descrições, comparam-no com a Europa. Não deixa, pois de ter interesse conhecer as impressões que a vista dos campos vizinhos do Jaraguá causou a um homem que não tinha ainda visitado a Europa e que só conhecia os Estados Unidos, terra ainda mais nova do que o Brasil. Passo a palavra a KIDDER: — “A vista que gozei do cume do Jaraguá era de tal forma variada, tão bela, que não tenho palavras para descrevê-

(298) KIDDER, *Sket.*, I, 237. — O citado escritor afirmou que os indígenas escolhiam para sepultar seus mortos os lugares mais elevados. Jamais ouvi referências a essa tradição. Se o mesmo autor diz ser muito penosa a subida ao morro do Jaraguá é porque, provàvelmente, não tinha o hábito de percorrer regiões montanhosas. Creio que não é muito mais difícil chegar ao cume do Jaraguá do que alcançar o alto da montanha de Monthery ou o cimo do outeiro de Montmartre antes de terem sido traçados caminhos nessas duas elevações de terreno. E' verdade que o ilustre botânico francês GUILLEMIN, ao qual dentro em pouco me referirei detalhadamente, recusou acompanhar KIDDER em sua excursão ao pico do Jaraguá. GUILLEMIN tinha erborizado nos Alpes e, portanto, não temeria uma caminhada assim tão fácil; mas, foi retido ao pé do morro em consequência da moléstia que, pouco tempo depois, o arrebatou do convívio de seus amigos.

la; essa vista compensou-me cem vêzes das fadigas da ascensão. A pouca distância vêem-se os sítios de lavagens do ouro, onde a terra foi removida e despojada dos matos pelos antigos mineradores. Do lado oposto está situada a capital da província, que se estende sôbre as terras antigamente denominadas planície de Piratininga. Além, pude reconhecer as vilas de Campinas, Itú, Sorocaba e Mogí das Cruzes. O aspecto geral da região é semelhante ao dos campos da América boreal. Com exceção de algumas plantas que cresciam nos precipícios mais próximos, eu podia fãcilmente acreditar, pela primeira vez desde que me encontrava no Brasil, que as paisagens que se me deparavam pertenciam aos nossos Estados Unidos. Desde que esta espécie de associação de idéias formou-se em meu espírito, tive uma impressão que jamais se apagará. Encontrava-me então na extremidade meridional da zona tórrida, e desde o equador nenhum objeto havia ainda percebido que me trouxesse à lembrança, a minha pátria. Aquí, a proximidade das regiões temperadas do sul e momentânea separação das coisas que tinha deixado aos meus pés, reavivam em meu espírito a recordação de outros tempos e de outros lugares. A necessidade de descer a montanha ia, infelizmente, dissipar tão doces ilusões" (*Sketches*, I, 239).

A montanha do Jaraguá pròpriamente dita e os morros vizinhos podem, segundo penso, ser considerados como formando a extremidade meridional da longa cadeia denominada serra da Mantiqueira (299). O principal pico tem tão pouca elevação, que na região outro nome não tem senão o de *morro do Jaraguá*. Entretanto, essas pequenas montanhas têm, na história do Brasil, alguma celebridade, porque encerram minas de ouro cuja exploração remonta a uma época extremamente remota. A descoberta das mesmas ocorreu, pelo que se diz, em 1590, e foi devida a um português chamado AFONSO SARDINHA, o qual, no mesmo ano, reconheceu a existência de ferro na montanha de *Arrasoibá* (300). Durante todo o XVIII^o século, foram extraídas consideráveis quantidades de ouro das minas do Jaraguá, as quais foram denominadas, ao que se afirma, o Perú do Brasil. Essas minas ainda eram exploradas quando o viajante inglês MAWE as visitou pelo comêço do ano de 1808, e, conquanto, em 1839, KIDDER alí não visse nenhum traba-

(299) PEDRO MÜLLER, *Ensaio*, 10.

(300) MAWE, KIDDER e ESCHWGE conceituam as minas do Jaraguá como as mais remotamente conhecidas no império do Brasil (*Travels*, 77; *Plut. Bras.*, 4; *Sket.*, I, 235); mas as de Paranaguá são mais antigas ainda, porque PIZARRO, que constantemente se baseou em fontes originaes, faz remontar a descoberta destas últimas a 1578 (*Mem. Hist.*, VIII, 265).

lhador, não é de crer que nessa época estivessem as mesmas inteiramente abandonadas (301).

As minas do Jaraguá e o pico do mesmo nome pertencem a uma importante *fazenda*, de propriedade, pelo comêço do século, do governador da província, ANTÔNIO JOSÉ DA FRANCA E HORTA que alí introduziu alguns melhoramentos (302). Em 1839, estava a mesma fazenda em mãos de uma viúva de nome dona GERTRUDES, que a explorava com grande inteligência, tendo acolhido, da forma a mais delicada, o viajante anglo-americano KIDDER (303), bem como o naturalista francês GUILLEMIN (304) e HOULET, sub-chefe das estufas do Museu de País.

À medida que a gente se afasta do pico do Jaraguá e do Capão das Pombas, o terreno torna-se menos desigual, acabando por constituir uma planície ondulada, limitada, ao norte, pelas montanhas recém-transpostas. Essa planície apresenta pequenos capões de mato, pouco elevados, de considerável extensão, muito próximos uns dos outros, em alguns pontos contíguos, e disseminados em meio de taboleiros de relva muito rente ao solo. É difícil determinar se existem mais terras cobertas de matos do que de pastos, ou se a quantidade dêstes excede àquelas. É uma espécie de mosaico de duas côres verdes bem diferentes e bem talhadas — a relva de um verde suave e os matos de um verde carregado. Tais são os campos aprazíveis que os primeiros habitantes da região designaram, com os indígenas, pelo nome de Piratininga, e que aqueles denominaram, também, *paraíso terrestre* ou *campos elíseos*. O nome

(301) *Sketches*, I, 237.

(302) MAWE, *Travels*, 81.

(303) *Sket.*, I, 236 - 247.

(304) ANTÔNIO GUILLEMIN viu a luz em Pouilly-sur-Saône, no departamento de Côte-d'Or, em 20 de janeiro de 1796, tendo falecido em Montpellier, a 15 de janeiro de 1842. Foi um dos discípulos favoritos do ilustre DE CANDOLLE, e vários estudos lhe são devidos sôbre vários ramos da botânica. Em 1838, o ministro da agricultura e comércio da França encarregou-o de estudar no Brasil a cultura do chá e de transportar do mesmo país algumas plantas, cuja aclimação se pretendia ensaiar na França. Depois de ter permanecido vários meses na capital do Brasil, GUILLEMIN embarcou para São Paulo, onde visitou as principais plantações de chá, indo ver, em seu regresso ao Rio de Janeiro, as de Ubatuba, onde se estabelecêra uma pequena colônia francesa; percorreu também a serra dos Órgãos, tão interessante para os botânicos. De volta à pátria, publicou um minucioso relatório sôbre a missão que lhe foi confiada, trabalho em que se refere a si próprio com uma modestia muitíssimo rara, e sôbre os resultados de sua viagem com uma sinceridade mais rara ainda. A fisionomia franca de GUILLEMIN era o espelho da lealdade de seu caráter e do seu bom gênio. Nunca foi avaro de sua erudição botânica, que muitos outros se a possuíssem, ter-se-iam mostrado ciosos. Estendia sempre sua mão generosa aos jovens principiantes, opondo-se vivamente às injustiças, e foi chorado por todos os homens para os quais a ciência tem ainda mais valor quando unida a qualidades amáveis e a um nobre coração.

Piratininga caiu em desuso, mas os campos que o tiveram nada perderam de sua beleza, e são hoje animados pela presença de grande número de muares, de cavalos e de bois, que nos mesmos pastam, por todos os lados, dentro de uma espécie de grandes parques cercados por fossos (*valos*) profundos (305). Se todos os testemunhos históricos não se reunissem no sentido de descrever a vegetação dessa planície, na época da descoberta, tal como é atualmente (306), eu acreditaria, confesso, com apóio nos elementos fornecidos pela minha experiência, que a mesma era, antigamente, coberta de matas. A possibilidade de cometer semelhante êrro prova o quanto é essencial averiguar, como sempre fiz, a natureza da primitiva vegetação, nos lugares onde a mesma ainda não foi destruída. Seja como fôr, se em seu aspeto geral a vegetação dos campos de Piratininga não sofreu alteração muito sensível desde os tempos do descobrimento, o observador atento conceberá, ao primeiro olhar, que uma real diferença alí deve ter ocorrido com a sucessão dos anos. A relva rasteira hoje observada nesses campos não poderia ter pertencido à primitiva vegetação; é a mesma, certamente, resultante da contínua presença de muares e cavalos, e pode-se afirmar, creio, sem temor de um equívoco, que antes da chegada dos portugueses, ervas mais altas cresciam alí, entre os capões de mato. A província de Minas apresenta, de acôrdo com a elevação de suas diversas regiões e com o afastamento das mesmas da linha equinocial, diferenças de vegetação assaz

(305) O nome *Piratininga* ou *Piratínim* é, segundo o padre GASPAR DA MADRE DE DEUS, o dum ribeiro que se lança no Tietê (*Mem. S. Vicente*, 106). Acrescentarei que é também encontrado na província do Rio Grande do Sul, e que ao mesmo podem ser atribuídas duas etimologias diferentes. De acôrdo com DIOGO LARA DE TOLEDO ORDOÑES, anotador da carta do padre ANCHIETA sôbre a história natural de São Vicente (*Not. Ultram.*, I, 167), essa palavra significa *peixe sêco*, e foi dada aos campos vizinhos de São Paulo, por que, em seguida às inundações produzidas pelo *Tamandataí*, muitos peixes eram retidos nos campos alagados, onde, baixadas as águas, o calor do sol em pouco tempo os secava. Nesse caso, *Piratininga* ou *Piratínim* viria das palavras indígenas *pirá* (peixe) e *tini* (sêco), como se vê em MONTOYA, *Tes. Leng. Guar.*, 391 - bis. Essa etimologia já foi por mim adotada há muito tempo (*Voyage Littoral*, I, 302) e é também a indicada por FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, fazendo derivar *Piratininga*, nome de um lago da província do Rio de Janeiro (*Revista Trimensal*, I, 78, *seg. ser.*), de *pirá* (peixe) e *tening* (secar); e, de fato, encontra-se, no *Dicionário Português Brasileiro*, *motining*, secar — e *tiníng*, *secura*, *sequidão*. Mas um hispano-americano, muito versado na língua guaraní, traduzia *Piratínim*, *Paratínim* ou, mais exatamente, *Piratíny* por estas palavras — *rio do peixe que faz barulho* (de *pirá* - peixe — e *tiníny* - barulho, ruído, zunido —, *ex* MONTOYA. Estou hoje inclinado a adotar esta última etimologia, pois que a palavra em apêço designava antes um rio, não sendo, assim, verossímil fôsse o mesmo denominado, simplesmente, *peixe sêco*. O que é, porém, evidente, é que *Piratininga* não pode significar *paraíso terrestre*, como pretende o estimável *Dicionário do Brasil*, vol. II, p. 328.

(306) JOSÉ DE ANCHIETA, *Epístola*, in *Not. Ultram.*, I, 136. GASPAR DA MADRE DE DEUS, *Memórias para a História da Cap. de S. Vicente*, 105. JOÃO MANUEL PEIREIRA DA SILVA, *Plutarco Brasileiro*, I, 34.

numerosas e, frequentemente, muito bem marcadas; não me recordo, porém, de ter visto nenhuma região de Minas que, quanto ao aspecto, possa ser exatamente comparada com a planície de Piratininga.

A cêrca de uma légua da cidade de São Paulo, atravessa-se, por uma ponte de madeira (1819), o rio Tietê, que, nesse ponto tem largura pouco considerável, mas cujas águas correm com bastante rapidez. Muito próxima de suas margens existia, ao tempo de minha viagem, uma linda casa de campo, sombreada por uma *araucária* (307), e, junto da referida casa, viam-se plantações de café dispostas em linhas cruzadas. Desde que eu deixara a *chácara* do vigário de Santa Luzia, em Goiaz (308), isto é, desde o começo de junho, e estávamos em fins de outubro, não mais vira uma casa de campo. Tal encontro, anunciativo do homem trabalhador, não poderia deixar de encantar o viajante, cujos olhos mantiveram-se entristecidos durante vários meses, pelo aspeto dos desertos, da indolência e da pobreza.

Cumpre-me fornecer alguns detalhes sôbre o Tietê, rio de que acima falei e que goza de grande celebridade na história da província de São Paulo. Originariamente, foi êle chamado *rio Grande* e *Anhambí* (309); mais recentemente, porém, êsses nomes foram trocados pela denominação Tietê, composta de dois vocábulos guaranís — *ti* (*água*) e *eté* (*boa, verdadeira*) — *água boa* (310). O Tietê nasce a cêrca de 20 léguas de São Paulo, entre a serra do Mar e a serra da Mantiqueira corre o primeiro para oeste, quasi paralelamente à primeira dessas cadeias, que o repele; dirige-se, depois, para noroeste. Recebe as águas de um grande número de afluentes, descreve mil sinuosidades, seu curso é acidentado por longa série de corredeiras e cachoeiras e, depois de percorrer 180 a 200 léguas, aproximadamente, deságua no Paraná, a qual, reunido ao Uruguai e ao Paraguai, forma o rio da Prata (311). Assim, como observa FREDERICO VARNHAGEN, o Tietê, que nasce a 8 ou 10 léguas do oceano, faz quasi um milhar de léguas para alí desaguar, ao passo que o Paraíba chega ao oceano depois de um curso de cêrca de 200 léguas, apenas, e, como ao principio dos respectivos cursos ambos

(307) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc., I, 84.

(308) L. c., II, 17.

(309) GASPARD DA MADRE DE DEUS, *Mem. S. Vicente*, 105. No *Orbis Novus*, de VAN LAET, impresso em 1630, encontra-se, frequentemente, *Injambí*.

310) RUIZ DE MONTOYA, *Tes. Len. Guar.*, 386-426. E' evidente, segundo a etimologia apontada aquí, que não se deve dizer *Thyetê* e *Tietí*, como escreveu o inglês MAWE.

(311) Para maiores detalhes sôbre o curso do Tietê, pode ser consultada a *Corografia* do Padre MANUEL AIRES DO CASAL, I, 210.

quasi se encontrem no lugar chamado *Nossa Senhora da Escada*, a 2.000 pés ingleses acima do nível do mar — pouco mais de 200 metros —, é claro que o primeiro deve ter, em seu conjunto, muito menos rapidez que o segundo (312). Várias aldeias tinham-se formado outrora às margens do Tietê, mas das mesmas não existe, atualmente, o menor vestígio, e os indígenas, que nelas habitavam, ou morreram, ou foram dispersados. A de *Arariguaba* existe ainda, é fato, mas tem hoje o nome de *Pôrto Feliz* (313), tornando-se uma pequena vila, habitada unicamente por descendentes dos portugueses. Nessa localidade embarcavam os paulistas, que, afrontando mil perigos, desciam o Tietê até o Paraná, de onde, sempre por via fluvial, chegavam a Cuiabá, em busca de ouro (314). À proporção que o viajante se afasta do Tietê e se aproxima de São Paulo, ha maior número de casas, mas não em grande quantidade (1819). A cêrca de meia légua da cidade encontra-se um *rancho real* — o de *Água Branca*, — extraordinariamente cômodo para os viajantes, que, em São Paulo, tanta dificuldade têm em encontrar alojamento, quanto nas outras povoações do interior do Brasil. Indicaram-me a hospedaria de um indivíduo conhecido por Bexiga (315), que tinha, mesmo em São Paulo, vastas pastagens. Para essa hospedaria me dirigí. Entrei na cidade, a 20 de outubro de 1819, por uma rua larga, cheia de pequenas casas, bem conservadas e, depois de ter passado diante de um lindo chafariz e de ter em seguida atravessado a ponte de *Lorena*, construída de pedras, ponte sôbre o ribeirão *Hynhangabahú*, cheguei à hospedaria do Bexiga. Fizeram entrar meus animais num terreiro lamacento, cercado de um lado por um fôssco e dos outros dois lados por pequenas construções, cujas numerosas portas davam para o referido terreiro. Essas construções eram os quartos ou aposentos destinados aos viajantes. Bexiga permitia a êstes levar os seus animais às pastagens de sua propriedade, mediante o pagamento de um *vintém* (12 centimos) por noite e cabeça de animal, ficando o viajante dispensado de qualquer pagamento pela sua hospedagem. Quando nada se paga, não se tem o direito de ser exigente; entretanto, não pude deixar de estremecer quando me encontrei num cubículo úmido, infeto, de uma repugnante imundície, sem fôrro, sem janela, e tão estreito que, conquanto minhas bagagens tivessem sido empilhadas umas sôbre as outras, pouco espaço restava

(312) F. VARNH., in ESCHW., *Journ. von Brasilian*, II, 239.

(313) Ver, mais para diante, o capitulo intitulado — “A Vila de Itú — a de Pôrto Feliz — a Navegação do Tietê”.

(314) Desde alguns anos foi aberto, entre Jundiá e S. Paulo, uma estrada um pouco mais curta do que o caminho por mim percorrido. Essa estrada destina-se a constituir nova róta, já iniciada em 1847. (*Discurso proferido pelo presidente da Província de S. Paulo*, no dia 17 de junho de 1807).

(315) Existe em São Paulo uma ponte, denominada *Ponte do Bexiga*, que deve seu nome, talvez, a êsse hoteleiro ou a algum de seus predecessores.

para permitir, quer a mim quer aos meus companheiros, qualquer movimento (316). Êsse cubículo escuro me fez ter saudades dos ranchos do deserto; José Mariano, porém, teve menos paciência do que eu tive, e, sôbre mim, que nada podia fazer, recaiu todo o seu mau humor. — Estou bem satisfeito — exclamou êle, em pleno terreiro da hospedaria — de ter chegado enfim a São Paulo; das duas occupações de que estou encarregado até o presente, só uma farei: ou cuidarei dos animais, ou prepararei os pássaros —. Desde algum tempo eu tinha vontade de desobrigar êsse indivíduo dos cuidados da caravana, afim de lhe deixar mais tempo para a caça, evitando assim oportunidade dele tão frequentemente testemunhar seu mau genio; mas, contentei-me em responder-lhe não ser alí o lugar e o momento para tratar de tais assuntos, dos quais trataríamos em momento mais oportuno. Logo que as bagagens foram descarregadas, apressei-me em ir à casa de um suíço chamado Grellet, que vendia mercadorias francesas por conta de uma casa estabelecida no Rio de Janeiro, e ao qual tôda a minha correspondência devia ser dirigida. Não o encontrei porém, em casa, mas unicamente um jovem caixeiro, que me pareceu desordenado e inexperiente, o qual, depois de ter rebuscado todos os cantos do armazém, entregou-me duas cartas, cuja data remontava a um ano. Eu esperava receber notícias recentes de pessoas que me eram caras, pelo que tive grande abatimento e estive tentado, momentâneamente, de regressar ao Rio de Janeiro.

No dia seguinte pela manhã, logo que me levantei, tive longa conversa com José Mariano, com o qual combinei que suas principais occupações seriam, para o futuro, a caça e a preparação dos animais caçados; mas que, entretanto, continuaria êle a ajustar as *cangalhas*, o que exige grande prática, e a ferrar os animais (cavalos e muares); e que, por isso, todos os cuidados com a caravana seriam confiados a um servidor livre (*camarada*), para êsse fim contratado. Depois de ter combinado isso, voltei à casa do senhor Grellet, para saber se o seu caixeiro encontrara mais correspondência a mim dirigida. Nada foi

(316) KIDDER disse que em 1839 existia em São Paulo uma hospedaria francesa, mas que o respeitavel Guillemín a muito custo conseguiu ser na mesma recebido, por não apresentar carta de recomendação para o hospedeiro; e, enquanto aguardava o consentimento do mesmo em hospedá-lo, o excelente naturalista outro abrigo não encontrou senão um imundo botequim, que a água da chuva alagava (Sket., I, 222). Em 1846, a senhora IDA PFEIFFER bateu em vão à porta de três hospedarias — uma alemã, outra francesa e a terceira portuguesa. Em nenhuma delas conseguiu ser recebida, pela mesma razão da repulsa sofrida por GUILLEMIN — não era ela portadora de uma carta de recomendação (*eine Frauenfahrt um die Welt*, I, 116). A precaução que tomam os hospedeiros de São Paulo não prova que, após minha viagem, o Brasil tenha sido visitado por homens extremamente honestos e respeitáveis.

encontrado, mas o senhor Grellet tinha chegado. Era um homem bondoso e delicado, que tinha conseguido fazer-se querido dos habitantes de São Paulo, e, durante o tempo em que permaneci na sua casa, muitas pessoas de importância na cidade foram felicitá-lo pelo seu feliz regresso. O senhor Grellet indicou-me uma casa de campo muito aprazível, situada a um tiro de espingarda da cidade, onde eu pude, enquanto durou minha permanência em São Paulo, gozar da maior liberdade possível.

Dormi uma segunda noite no Bexiga; mas, no dia seguinte, logo após me ter levantado, transportei-me, com minhas bagagens, para o meu novo alojamento. Atravessei a cidade de São Paulo, incontestavelmente a mais bela de tôdas por mim visitadas desde que estava no Brasil. Chegado ao convento do Carmo, de onde se descortina belíssima vista, descí por uma rua calçada, a qual, por uma ladeira bastante íngreme, estende-se até o córrego do *Tamandatahy*, e que é cercada de um lado por pequenas casas e do outro pelo terraço do convento. O córrego corre abaixo da cidade, constituindo ali um dos limites da mesma; é o mesmo transposto por uma ponte de pedra, de um só arco. Além dessa ponte, apresenta-se uma vasta planície, que, a-pesar-de uma mudança de nível muito pronunciada, deve, contudo, ser considerada como a continuação da de Piratininga, e que, muito pantanosa nas vizinhanças do córrego, apresenta, mais longe, uma alternativa de pastagens e de capões de mato pouco elevados. Num espaço de algumas centenas de passos a partir da ponte, o caminho é bordado e embelezado pelos tufos espessos de uma grande *seneceonácea* de flores de um amarelo doirado; depois, além dessa parte do caminho, vêem-se várias casas de campo. A em que eu ia me alojar e que pertencia ao coronel da milícia FRANCISCO ALVES, era uma das primeiras. Morei na mesma desde primeiro de novembro até nove de dezembro, e foi ali também que me alojei, quando, no mês de fevereiro de 1822, voltei a São Paulo.

CAPÍTULO VI

DESCRIÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO

HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO. — POPULAÇÃO DA MESMA E DE SEU DISTRITO. — AS DIVERSAS CLASSES QUE COMPÕEM ESSA POPULAÇÃO. NÚMERO DE CASAS. — POSIÇÃO DA CIDADE. — OS VARIADOS PANORAMAS VISTOS POR QUEM FAZ O CIRCUITO DA MESMA. — RUAS. — PRAÇAS PÚBLICAS. — CASAS. — MOBILIÁRIOS. — IGREJAS, CONVENTOS E PALÁCIO EPISCOPAL. — A CASA DA CAMARA E A CADEIA. — O PALÁCIO DO GOVERNADOR. — HOSPITAIS. — PONTES. — O JARDIM PÚBLICO. — COMÉRCIO, LOJAS E BANCO. — A MANUFATURA DE ARMAS. — CLIMA; SALUBRIDADE. — MÉDICOS, FARMACÊUTICOS E PARTEIRAS. — SOCIEDADE; POLIDEZ. — AS PROSTITUTAS. — COMPARAÇÃO ENTRE OS HABITANTES DA CIDADE E OS DO CAMPO, EM SÃO PAULO E EM OURO PRETO. — PRONÚNCIA DOS HABITANTES DO INTERIOR DE SÃO PAULO. — EXPLICAÇÃO SÔBRE O VOCÁBULO CAIPIRA.

Apenas chegados ao Brasil, os jesuítas estabeleceram um colégio na vila de São Vicente recém-fundada; mas essa vila era habitada pelos portugueses, e os padres da companhia de Jesús tinham o fim principal de trabalhar pela conversão dos indígenas, pelo que resolveram estabelecer-se em meio dêsses últimos, e, tendo descoberto um sítio admirável, a oeste da cadeia marítima, na vasta planície de Piratininga, neste local levantaram uma cabana. Tal foi o comêço da cidade cujos habitantes deviam representar um papel tão importante na história do Brasil. Uma pequena capela, coberta com fôlhas de palmeira (317), em pouco tempo, elevou-se juncto da cabana que abrigava os religiosos europeus com os seus neófitos. A primeira missa foi alí celebrada no dia 25 de janeiro de 1553, dia da conversão de São Paulo, tendo sido dado à nova colônia o nome de *São Paulo de Piratininga*, do qual só foi conservada a primeira parte (318). *Tebyreçá*, cacique dos guaianazes, abandonou a antiga aldeia de Piratininga, onde viveram seus pais e, com todos os

(317) DIOGO DE TOLEDO LARA ORDOÑEZ, *Adnotationes in Notic. Ultram*; I, 165.

(318) V. o primeiro capítulo da presente obra.

indígenas que lhe estavam submetidos, passou a habitar a aldeia dos jesuítas; e uma das ruas de São Paulo, a de *São Bento*, durante muito tempo, em homenagem a êsse chefe indígena, teve o nome de Martim Afonso, recebido por Tebyreçá quando foi batizado. O exemplo dêsse chefe foi seguido pelo venerável cacique *Cayobig* e por vários outros, todos habitantes da planície de Piratininga (319); mas a população de São Paulo teve, sobretudo, aumento sensível quando o governador geral, MEM DE SÁ, à mesma juntou a de Santo André, pequena vila cuja destruição ordenou. Até essa época, São Paulo mais não era do que uma aldeia humilde; desde aí foi-lhe concedido o título de vila, com os privilégios ao mesmo atribuídos e, como signo de sua elevação a vila, foi levantado diante da casa dos jesuítas o poste da justiça, que tinha sido transportado de Santo André. Nessa ocasião, nos campos vizinhos de São Paulo e na própria vila não se gozava a doce tranquilidade de nossos dias. A população vivia constantemente sob o temor dos ataques dos selvagens; algumas vêzes ouviam-se nos arredores da vila os rugidos do leão da América (*felis concolor*, S.); muitos jaguares mantinham-na em contínua ansiedade; esses animais levavam a ousadia ao ponto de arrebataram homens adormecidos em meio de seus companheiros; por tôda a parte pululavam serpentes venenosas; o viajante não podia atravessar os campos, sem correr o perigo de ser picado por êsses reptís (320).

Na mesma época, as casas de São Paulo eram provàvelmente construídas de barro e ripas cruzadas, ou, talvez, pouco diferentes seriam das habitações dos selvagens. Entretanto, sabe-se, por carta do Padre ANCHIETA, escrita em 1563 e dirigida ao geral de sua ordem, Padre LAINEZ, que, naquele tempo, São Paulo tinha uma porta para defendê-la dos indígenas inimigos, porta que os portugueses tinham cercado com palissadas. Os jesuítas plantaram alí um pomar; os campos dos arredores começaram a ser cultivados e numerosos rebanhos de vacas pastavam em seus campos (321). Pouco a pouco os paulistas, com as guerras que incessantemente faziam contra os indígenas selvagens, tornaram-nos menos temíveis; com a ajuda de numerosos escravos desenvolveram suas culturas, estabeleceram engenhos de cana e adquiriram riquezas. Enquanto ocorriam êsses fatos, a vila de São Vicente, desfavoravelmente situada e à qual Santos muito prejudicava, empobrecia

(319) GASPAR DA MADRE DE DEUS, *Noticias dos anos em que se descobriu o Brasil etc.*, in *Revist. Trim.*, II, 432. — *Id.*, *Mem. S. Vicente*, 110.

(320) JOSÉ DE ANCHIETA, *Epistola*, in *Notic. Ultram.*, I, 146, 148.

(321) JOSÉ DE ANCHIETA, *Carta de S. Vicente, para o P. mestre DIOGO LAINEZ* in *Revist. Trim.*, I, 538.

(322); por isso deixou de merecer o título de sede da capitania, título que, em 1581, foi transferido para São Paulo de Piratininga (323).

A população de São Paulo diminuiu, entretanto, muito sensivelmente, quando, pelo ano de 1560, os *goyacazes* abandonaram a vila (324). Em 1585, contavam-se na vila 120 habitantes, aproximadamente, não compreendidos entre êles os indígenas escravizados (325). Essa escassa população ainda diminuiu, sem dúvida, na época da expulsão dos jesuítas (1640). Entretanto, o que sobretudo deteve o desenvolvimento da população foram as excursões longínquas dos paulistas, durante cêrca de século e meio, para reduzir os indígenas à escravidão e em busca de ouro. Enquanto os habitantes da capitania de São Paulo percorriam os desertos, as mulheres ficavam sós em suas casas, e grande número delas não tornou a ver os maridos.

Pelo comêço do século XVII, não havia em São Paulo senão 200 habitantes, cerca de cem casas, um convento de carmelitas e o estabelecimento dos jesuítas (326). No fim do mesmo século, a população aumentou de forma assaz notável, não atingindo, contudo, a mais de 700 habitantes. Mas, como muito criteriosamente observa um historiador, "era evidente que os campos circunvizinhos eram muito povoados; sem isso São Paulo não poderia organizar os bandos de aventureiros que levaram a devastação até o Paraguai e exploraram o centro do continente americano" (327). São Paulo devia assemelhar-se, então, às cidades de Minas Gerais e de Goiaz que, atualmente, desertas durante a semana, enchem-se de movimento unicamente quando a devoção obriga os agricultores da vizinhança a assistirem os officios divinos, nos domingos e dias santificados.

Em várias épocas, os soberanos de Portugal outorgaram privilégios à cidade de São Paulo ou escreveram a seus habitantes principais, para

(322) São Vicente, a vila de MARTIM AFONSO DE SOUSA, caiu atualmente em inteira decadência. Seu pôrto e o canal que separava da terra firme a ilha em que está situada essa vila estão quasi obstruídos. Em 1838 sua população não se elevava a mais de 745 habitantes. Suas casas estão meio arruinadas; sua casa da câmara serviria apenas na Inglaterra, para uma escola de aldeia; e, se São Vicente tem ainda um pouco de vida, deve-o aos habitantes de São Paulo e de Santos, que alí vão tomar banhos de mar, atraídos por sua práia em suave declive (PIZ., *Mem. Hist.*, VIII, 308. — DAN. PED. MÜLLER, *Ensaio*, 63; KIDD., *Sket.*, 306).

(323) DIOGO DE TOLEDO ORDOÑEZ, *Adnotationes in Notic. Ultramar.*, I., 1581.

(324) GASP. DA MADRE DE DEUS, *Mem.*, 112.

(325) FERNÃO CARDIM, *Narrativa Episolar*, 102

(326) LAET., *Orb. Nov.*, 580.

(327) SOUTHY, *His.*, II, 668.

agradecer aos mesmos as importantes descobertas que tinham feito no interior das terras brasileiras.

Quando em 1712 a província de São Paulo começou a formar um govêrno distinto da do Rio de Janeiro, sua capital foi escolhida para residência dos capitães-generais ou governadores, recebendo o título de cidade. Durante muito tempo esteve ela submetida, como o resto da capitania, à jurisdição dos bispos do Rio de Janeiro; em 1746 tornou-se a sede de um bispado (328). Entretanto, é útil dizer, se bem que tenha tido São Paulo a extrema vantagem de reunir em seu seio as principais autoridades do país, só adquiriu verdadeira importância pelos fins do século passado quando a cultura das terras tomou, nas regiões circunvizinhas, um sensível desenvolvimento, tendo se multiplicado os engenhos de açúcar. Por informação de um oficial superior, que em São Paulo veio estabelecer-se no ano de 1772, soube que nessa ocasião só existiam na cidade seis casas, que, além do andar térreo, tinham um segundo andar.

As obras que pude consultar não indicam quais foram, no correr do século XVIII, os números sucessivos da população de São Paulo; mas é evidente que foi sobretudo na época em que o rei D. JOÃO VI chegou ao Brasil que a mesma acusou aumento. Parece que em 1807 a cidade e seu distrito (329) não contavam mais do que 15.000 a 20.000 habitantes; naquela e neste contavam-se, em 1817, 23.760 habitantes (330); em 1822, a população da cidade e de seu distrito ascendia a 25.682 pessoas, repartidas por 15 paróquias; em 1839, é verdade que se computava a população em 21.953 almas, mas todo o distrito, compreendida a cidade, estava reduzido a 9 paróquias e uma sucursal (331). A popu-

(328) Cumpre-me dizer que os autores não estão de acôrdo relativamente às duas datas por mim indicadas no texto. PIZARRO assegura que o primeiro capitão-general de São Paulo foi nomeado em 23 de novembro de 1709, tendo tomado posse do cargo em 18 de julho do ano seguinte. Acrescenta que o bispado de São Paulo foi destacado do Rio de Janeiro em 1746, mas que o primeiro bispo já tinha sido nomeado pelo rei anteriormente a essa data e foi confirmado, em 1745, pelo soberano pontífice (Mem. Hist., VIII, 280, 318, 319). O mesmo autor admira-se de que a nomeação do bispo tenha precedido à criação do bispado; tal anomalia repetiu-se na Igreja de França, em época bastante moderna, e os fatos explicaram facilmente o caso.

(329) JOHN MAWE, *Travels*, 68.

(330) CAZAL, *Corog. Braz.*, I, 235.

(331) Sou obrigado a repetir aquí que grandes confusões têm resultado relativamente ao emprêgo dos vocábulos *térmo* e *distrito*. MÜLLER, por exemplo, indica o *térmo* da cidade de São Paulo como compreendendo, além das 8 paróquias de Santa Ifigênia, Bom Jesús do Braz, Conceição dos Guarulhos, N. S. do O', Cutia, N. S. da Penha, S. Bernardo, Juquerí, as duas vilas de Santo Amaro e Paranaíba

lação da cidade de São Paulo, unicamente, e de seus subúrbios, reparada entre 3 paróquias — a catedral, *Santa Ifigênia* e *Bom Jesus do Braz*, elevava-se, em 1839, a 9.991 habitantes — 5.668 na primeira dessas paróquias, 3.664 na segunda e 659 na terceira (332). Em o número total contavam-se 33 pessoas livres e 8 escravos com idade de 80 a 90 annos, e 2 livres e 1 escravo com a idade de 90 a 100 annos.

São tão vagos os documentos existentes até agora sôbre a população de São Paulo, e tão duvidosos, que não me atreveria a indicar, de modo preciso, as relações numéricas das diversas castas que a compunham; entretanto, penso poder dizer que em 1839 o número dos brancos era apenas de 4/5 sôbre os homens de côr, negros e mulatos; que era quasi nulo o de indígenas; que o número das mulheres livres, brancas, mulatas e negras, era sensivelmente superior ao dos homens livres pertencentes a essas mesmas raças; que, finalmente, os escravos formavam apenas um têrço da população total. Segundo DANIEL PEDRO MÜLLER (333), ocorreram, em 1838, entre as 9.991 pessoas que constituíam então a população das três paróquias da cidade de São Paulo, 52 casamentos entre pessoas livres e 7 entre escravos; 448 nascimentos, sendo 311 de pessoas livres e 157 de escravos; e, finalmente, 464 falecimentos de pessoas livres e 156 de escravos. Faltam-me elementos para indicar o número de casas da cidade de São Paulo; mas SPIX e MARTIUS afirmam (334) que em 1815, quando o distrito de que a cidade é a capital compreendia ainda 12 paróquias, estas contavam 4.142 casas. Segundo ESCHWEGE (335), existiriam, em 1820, 4.016 casas no mesmo distrito, então reduzido a 11 paróquias; por fim, de acôrdo com DANIEL PEDRO

(*Ens.*, quadro I); e noutro local (loc. c., *cont. do apend. ao quadro 5*), refere-se, unicamente, à paróquias acima nomeadas, as quais, com a catedral, formam o têrmo. Penso que a primeira indicação é exata, não o sendo a segunda, e que as 9 paróquias, sòmente, não formam senão o distrito compreendido no têrmo, e que, finalmente, as vilas de Santo Amaro e Paranaíba têm, cada uma, o seu distrito.

(332) Êsses algarismos são extraídos do quadro do *Ensaio Estatístico*, em que o autor — D. P. MÜLLER — apresenta, classificada em indivíduos casados, viúvos e solteiros, a população de tôda a província. Creio dever observar, entretanto, que êsse quadro não está de acôrdo, absolutamente, com o do *Ensaio*, em que a mesma população está classificada por castas, porquanto êste último não nos indica, para as 3 paróquias da cidade de São Paulo, senão 9.401 habitantes, em vez de 9.991. Se preferimos o último dêsses algarismos, foi porque, salvo um êrro evidente de copista, é o mesmo apresentado nos *Sketches* de KIDDER, publicados em 1845, e o quadro de onde foi tirado admitia menos fâcilmente erros do que o quadro em castas, dividido num grande número de artigos.

(333) *Ensaio Estat.*, quadro 6.

(334) *Reise*, I, 238.

(335) *Journ. von Bras.*, II, 69.

MÜLLER (336), as 9 paróquias e a sucursal contavam um total de 4.168 casas. ESCHWEGE, acreditando que o número que indica para todo o distrito é o da cidade de São Paulo tomado isoladamente, sustenta que há na cidade 6 pessoas para cada casa; mas é claro que não se pode colher nenhum resultado seguro com elementos tão heterogêneos, confundindo os algarismos correspondentes à população urbana com os correspondentes à população das paróquias rurais, afastadas da cidade as distâncias que variam de uma a 7 léguas (337).

Funcionários de tôdas as ordens, operários de diversas categorias, um grande número de mercadores, proprietários de casas urbanas, proprietários de bens rurais que, ao contrário dos de Minas Gerais, não moram em suas *fazendas*, compõem a população da cidade de São Paulo, onde se contam também várias pessoas que vivem da venda de legumes e frutas cultivadas em suas próprias chacaras.

A cidade de São Paulo é situada, como já disse, a 23° 33' 10" de latitude sul, sôbre uma iminência que termina a planície elevada que se percorre quando se vem das montanhas do Jaraguá e que à mesma planície só está ligada por um dos lados (338). Abaixo se estendem vastos terrenos planos e pantanosos (*várzeas*); é muito irregular em seus contornos, que têm forma um tanto alongada, e ocupa o delta formado pelos ribeirões *Hinhangabahú* e *Tamandatahy* (339); os quais,

(336) *Ensaio Estat.*, quadro 5, cont.

(337) Não foi ESCHWEGE o único autor que tomou a população de todo o *térmo* de São Paulo, pela desta cidade em particular. O mesmo equívoco foi cometido por outros, do que resulta uma confusão quasi inextrincável. KIDDER censura (*Sket*, I, 350) a JOHN MAWE por ter exagerado o número de habitantes de São Paulo; o erro em que êste último incorreu consistiu no fato de indicar como número da aludida população o correspondente ao dos habitantes de todo o *térmo*. Os autores do indispensável *Dicionário Geográfico do Brasil* não cometeram semelhante equívoco, quando indicaram (vol. II, 612) o número 22.032, para o ano de 1845, porquanto declaram expressamente que êsse número designa a população *das diversas paróquias do distrito da cidade de São Paulo*, o que é exato, pois o número concorda, levada em linha de conta uma diferença de sete anos, com o apontado por DANIEL PEDRO MÜLLER para o ano de 1839. Como, entretanto, explicar o número 40.000 que os autores do *Dicionário*, uma página mais abaixo, atribuem à mesma população? O número 22.032 aplicar-se-ia, em verdade, como o indicado por PEDRO MÜLLER, a 9 paróquias e uma sucursal, e o número 40.000, sempre de acôrdo com os nossos autores, aplica-se a 14 paróquias, mas o distrito não podia, na mesma época, compôr-se de 9 e de 14 paróquias, e, ademais, uma possível anexação de 5 paróquias às 9 pre-existentes não poderia, ao que me parece, produzir na população uma diferença tão grande, quasi que a duplicando!

(338) FRIED. VARNHAGEM in ESCHW., *Journ. von Bras.*, II, 235.

(339) Creio não dever, como SPIX e MARTIUS, escrever *Inhangabahy* (*Reise*, I, 219), nem *Anhangabaü*, com D. P. MÜLLER (*Ensaio*, 35). Não se deve, também, como êste último faz, escrever *Tamanduatchy*; essa ortografia, contudo, leva-nos à verdadeira etimologia de *Tamandatahy*, palavra que, ao que penso, vem dos vocábulo da *língua geral* — *tamanduá*, *eté* e *ig* — *rio do verdadeiro tamanduá*.

depois de reunidos, deságuam no Tietê. Se, para ter uma idéia justa da extensão e da posição da cidade de São Paulo, se fizer um passeio em seu derredor, ver-se-á que, do lado do norte, o horizonte é fechado, pouco mais ou menos de oeste a leste (340), por uma cadeia de pequenas montanhas, em meio das quais se destaca o pico do Jaraguá, que dá seu nome a tôda a cadeia; mais elevado do que os morros vizinhos, êsse pico apresenta, de um de seus lados, um intervalo sensível e, visto de longe, parece terminar por uma cúpola arredondada, em cuja extremidade se erguesse uma pequena ponta. Do lado de leste, o terreno, mais baixo do que a cidade, estende-se, sem desigualdade, até a vila de *Nossa Senhora da Penha*, que se avista no horizonte. Em outros lugares notam-se no terreno movimentos mais ou menos sensíveis, e, para o sul e o oeste, o mesmo se eleva acima da cidade. O campo apresenta uma alternativa aprazível de capões de mato e pastagens rasteiras. Lindas casas estão espalhadas de todos os lados. *Araucárias* e algumas palmeiras se elevam acima dos matos, resultando, de todo êsse conjunto, panoramas extremamente agradáveis à vista. O *Hinhangabahú*, simples fio de água, verte abaixo do convento dos beneditinos, no *Tamandatahy*, e êste, serpenteando através das pastagens úmidas, dá maior variedade e mais encanto à paisagem.

A situação de São Paulo é encantadora e é puro o ar que alí se respira. Vê-se um grande número de lindas casas e as ruas não são desertas como as de Vila Rica (Ouro Preto); os edifícios públicos são bem conservados e não se tem a cada passo, como em grande parte das cidades e vilas de Minas Gerais, a vista impressionada pelo aspeto de abandono e ruínas. As ruas da cidade situadas no flanco da colina e pelas quais se desce ao campo, são as únicas em declive; as outras se estendem sôbre terreno plano. Tôdas são largas (341), bastante rectas e os veículos podem pelas mesmas circular fâcilmente. As mais belas

(340) Entre as muitas fábulas criadas sôbre a origem, o govêrno e os costumes dos antigos paulistas, o padre CHARLEVOIX e FRANÇOIS CORREAL (pseudônimo) algo disseram relativamente à posição de São Paulo. O primeiro pretende que *essa cidade é cercada, por todos os lados, de inacessíveis montanhas (Voyage aux Indes Occidentales, I, 249)*; o segundo, *que a mesma é situada no cume de um rochedo e que só poderá ser submetida pela fome (Histoire du Paraguay, I, 308)*. São Paulo é hoje bastante conhecida, para que seja necessário repelir tais asserções; mas não posso deixar de aquí observar o quanto o Brasil era pouco conhecido na época em que iniciei minha viagem ao seu território, as estranhas narrativas dos autores que acabo de citar foram reproduzidas, em 1816, na reimpressão do *Abrégé de l'Histoire Générale, de LA HARPE*, vol. XII, pg. 143 e segs.

(341) KIDDER afirma que as ruas são estreitas (*Sket., I, 229*). — SPIX e MARTIUS afirmam que as mesmas são muito largas (*Reise, I, 219*). Eu creio que a verdade está entre essas duas afirmativas.

são as ruas *Direita* e *Antônio Luiz*. Algumas são inteiramente calçadas, mas o calçamento é imperfeito; outras só o são diante das casas (342).

Há em São Paulo várias praças públicas, por exemplo — a do Palácio, a da Catedral e a da Casa da Câmara Municipal, mas tôdas são pequenas e nenhuma delas é perfeitamente regular. A pouca distância da cidade existe, entretanto, uma praça muito espaçosa, denominada do *Corro*, cujo nome, que significa a arena em que se realizam *touradas*, indica o fim a que a mesma se destina. Essa praça é circundada por âleas de *cedros*, espécies de árvores que vegeta com grande rapidez, produzindo muita sombra; e para dentro dessa arborização é cercada de muros. Ao longe descortina-se uma bela vista — a das montanhas que limitam o horizonte. Nessa praça, via-se, quando de minha viagem, o anfiteatro pròpriamente dito, construído de madeira, construção feita com bastante gôsto e atribuída à direção do engenheiro DANIEL PEDRO MÜLLER, autor do *Ensaio Estatístico*. Pelo fato de existir em São Paulo um local destinado aos combates de touros, não é motivo para acreditar, digo-o de passagem, que tal gênero de espetáculos seja comum no Brasil e a do agrado dos brasileiros. Não tive ocasião de assistir um único combate de touros durante a minha permanência no país (343).

As casas, construídas de taipa muito sólida, são tôdas brancas e cobertas de telhas côncavas; nenhuma delas, apresenta grandeza e magnificência, mas há um grande número que, além do andar térreo, tem um segundo andar e fazem-se notar por um aspecto de alegria e de limpeza. Os telhados não avançam desmesuradamente além das casas, mas têm bastante extensão para dar sombra e garantir as paredes contra as chuvas. As janelas não se fecham umas contra as outras, como é comum no Rio de Janeiro. As das casas de um andar possuem quasi tôdas vidraças, e são guarnecidas de balcões e postígos pintados de verde. As outras casas têm venezianas, que se erguem de baixo para cima, formadas de travessas de madeira cruzadas obliquamente.

Vi moradías dos principais habitantes de São Paulo tão lindas por dentro como por fora. As visitas são recebidas em um salão muito limpo

(342) No relatório apresentado a 7 de janeiro de 1845 (*Relatório Apresentado* etc.) pelo presidente da província, MANUEL DA FONSECA LIMA E SILVA, êsse magistrado declarou que não pôde aperfeiçoar bastante o sistema de calçamento adotado antigamente, pelas razões capitais de falta de operários especializados e das ferramentas indispensáveis e da má qualidade das pedras.

(343) Durante o pouco tempo que SPIX e MARTIUS permaneceram em São Paulo, chegaram a assistir a um dêsses espetáculos. Afirmam êsses autores que os touros não lhe pareceram muito bravios e que os *matadores* não eram tão adextrados e corajosos como os da Espanha (*Reise*, I, 225).

e mobiliado com gôsto. As paredes são pintadas com côres muito frescas; mas nas casas antigas vêem-se desenhos e grandes arabescos; nas mais modernas as paredes têm uma só côr e são guarnecidas com barras e rodapés, imitando os nossos papéis pintados. Como não existem lazeiras, colocam-se sôbre mesas os objetos de ornato, como sejam — castiçais, redomas, relógios etc. Frequentemente são os salões ornamentados também com gravuras, mas essas constituem, de ordinário, o refugio de nossas lojas, e, ao tempo de minha viagem, havia tanto atraso em matéria de arte, que era raro não me fazerem admirar tais *obras primas*. . . De 1818 a 1820, só havia em São Paulo duas paróquias — a cathedral e *Santa Ifigênia*, esta situada no subúrbio do mesmo nome, que se estende à margem esquerda do Hinhangabahú. Em época menos remota, foi criada uma terceira paróquia — a do Bom Jesús do Braz (344). Além das três igrejas paroquiais, existem ainda em São Paulo diversas capelas. De 1819 a 1822, contavam-se, na cidade, dois *recolhimentos* (345) para mulheres e três conventos para homens — o dos beneditinos, fundado em 1598; o dos carmelitas descalços, fundado em 1596; e o dos franciscanos (346). Os três referidos conventos foram edificados nos locais mais favoráveis, bastante afastados uns dos outros, sôbre os limites da plataforma onde termina a colina, e de cada um deles se descortina uma vasta extensão da planície. A igreja do convento dos carmelitas é muito bonita, ornamentada com muito gôsto e enriquecida com pinturas de ouro. Além do altar-mor, há mais três altares de cada lado, em que são reproduzidas as mais notáveis ocorrências da paixão de Cristo. Essa igreja me pareceu muito superior à cathedral. O convento dos franciscanos é, atualmente, ocupado pela escola de Direito (347). O palácio episcopal é uma casa bastante grande, mas muito feia, estando, ao tempo de minha viagem, com o revestimento de rebóque quasi inteiramente caído.

A casa da câmara municipal forma um dos ângulos de uma praça quadrada. É uma linda construção, de um andar, decorada com uma frontaria, medindo cêrca de 77 passos de comprimento, por 20 de largura, com 9 janelas de frente. A prisão (*cadeia*) está instalada no rez do chão, ao lado direito, e no andar superior do mesmo lado. Penso

(344) DAN, PEDRO MÜLLER, *Ensaio Estat.*, 35.

(345) CAZ, *Corog. Braz.*, I, 234.

(346) GASPAS DA MADRE DE DEUS, *Notícia dos Anos etc.*, in *Revist. Trim.*, II, 435, 439. — A' data indicada por MÜLLER como a da fundação do mosteiro de São Bento (*Ens. Quad.* 19) preferi a indicada pelo PAD. GASPAS DA MADRE DE DEUS, que cuidadosamente compulsou os arquivos da província de São Paulo, e que pertencendo à ordem dos Beneditinos, devia melhor conhecer a história da mesma.

(347) D. P. MÜLLER, *Ensaio*, 34. — KIDDER, *Sketches*, I, 255.

ser vantajoso para as prisões, a respectiva instalação nas casas das câmaras — um motivo de regularidade exige que elas tenham janelas idênticas às do resto do edifício, do que resulta serem as mesmas bem arejadas. Em São Paulo, como em outras localidades do Brasil, os presos podem ficar nas janelas das prisões, conversando com quem passa (348).

No antigo convento dos jesuítas residiam e residem os capitães-generais. Esse edifício, desde que deixou de ser ocupado pelos religiosos, tomou o nome de *palácio*, mas a sua aparência é, realmente, a de um mosteiro. O palácio, já que lhe temos de dar esse nome, é um prédio espaçoso, de um andar, formado por dois corpos que se encontram em ângulo reto, sendo que um deles é terminado pela igreja. Neste último, as janelas são muito próximas uma das outras; as do outro corpo do edifício guardam, ao contrário, maior distância de uma a outra, do que resulta um disparate arquitetônico. A posição do palácio é tão bem escolhida quanto a de todos os edifícios construídos pelos jesuítas no Brasil. Elevado numa das extremidades da cidade, está ligado à mesma por sua fachada, que forma dois dos lados de uma pequena praça quadrada. Os seus fundos dão para o campo. A distribuição de seus aposentos foi feita como convinha a um convento — alguma salas muito vastas, células e um grande número de corredores. As paredes internas são pintadas com muito gosto; os móveis são poucos, como ocorre, ordinariamente, nas casas portuguesas; mas, quando de minha viagem, notava-se em todo o prédio grande limpeza. A administração das finanças (*Contadoria*) tinha, em 1819, seus escritórios na parte térrea do palácio, e certamente ainda estão os mesmos ali instalados até o presente momento. Num dos salões do edifício é que são realizadas, atualmente, as sessões da assembléia provincial (349). Quem se posta nas janelas

(348) JOSÉ CARLOS PEREIRA ALMEIDA TÔRRES, presidente da província em 1843, achando a cadeia muito exígua, teve a lembrança de destinar todo o prédio aos presos, instalando em outro edifício a câmara municipal (*Discurso Proferido etc.*); parece, entretanto, que esse projeto foi abandonado pelos presidentes que o sucederam. Em todos os países em que o poder se mantém por pouco tempo nas mesmas mãos, cada novo representante da autoridade suprema timbra em realizar novas cousas, desprezando as iniciativas de seus predecessores; os planos se acumulam, mas nada é executado. Em São Paulo, contudo, foi iniciada, há vários anos, a construção de uma *Casa de Correção* (prisão para os réus condenados); mas essa construção, lentamente executada, ainda não estava finda em 1847 (*Disc. prof. pelo Presidente da Província em 7 de janeiro de 1847*). A administração provincial hesitou na escolha do método a adotar para dirigir e moralizar os condenados. Tratando de assunto tão grave, a hesitação é motivo para elogios; mas o que não pode deixar de surpreender é o fato de se ter iniciado a construção do edifício para a prisão dos réus condenados, antes de ter sido escolhido o método ou sistema penal a ser aplicado aos mesmos (*Disc. prof. pelo Pres. da Prov., no dia 7 de janeiro de 1844*; — *id.*, 1845).

(349) KIDDER, *Sket.*, I, 295.

do palácio, do lado que dá para o campo, desfruta uma vista deliciosa — a da planície que já descreví. Abaixo da cidade, vê-se o Tamandatahy, que deslisa sinuoso pelo campo em parte coberto de água (novembro), e além do qual estendem-se pastagens em que se apresentam, aquí e alí, tufo de matos pouco elevados. À esquerda, à noroeste, o horizonte é limitado pelas montanhas do Jaraguá, que descrevem um semi-círculo. À direita, a planície estende-se ao longe, atravessada pelo caminho do Rio de Janeiro, que é margeado por *chácaras*. Rebanhos de gado pastam nos campos e a paisagem é animada pelas caravanas que chegam à cidade, pelas que saem e pelo grande número de mulheres que lavam roupa à beira do ribeirão. À direita do caminho, algumas velhas *araucárias* (pinheiros) atraem a vista, com o seu talhe gigantesco e, sobretudo, com a sua ramagem que se eleva em forma de candelabros, formando um plano perfeitamente igual. Grupos de palmeiras esguias contrastam com a rigidez dessas coníferas, por sua folhagem mole, que cai sôbre o tronco e é embalada pelo vento. A verdura é mais bela, talvez, mais fortemente nuançada do que a dos nossos campos da Europa ao início da primavera, e me afiançaram que conserva sempre a mesma frescura.

Depois de ter descrito essa vista encantadora, é com profunda tristeza que passo a falar dos asilos destinados a alojar as misérias de nossa espécie, mas tal misturas de coisas é a imagem de nossa vida e, em suma, de tôda a sociedade. Ao tempo de minha viagem, o hospital militar era situado no bairro de Santa Ifigênia. Atinge-se o edifício por uma escadaria, e, ao centro do mesmo, encontra-se uma área quadrada. Na farmácia, uma de cujas portas abre-se para a parte exterior do prédio, eram vendidos remédios ao público, por conta do estabelecimento. Essa farmácia era espaçosa, muito asseada, perfeitamente instalada, dispondo de completo sortimento.

Existe em São Paulo um hospício (*lazareto*) para o recolhimento dos infelizes atingidos pela morfêa (350), horrorosa enfermidade, que só a caridade pode impedir de ser olhada sem enorme repugnância. Mas se bem que essa doença seja muito comum em certas regiões vizinhas da estrada de São Paulo á fronteira da província do Rio de Janeiro, o lazareto pode abrigar, apenas quatro pessoas, pelo que um número enorme de leprosos erra de localidade em localidade, vivendo da caridade pú-

(350) V. minha *Voyage dans la Province de Rio de Janeiro* etc., vols. I, 185, II, 370, e minha *Voyage dans la Province de Goyaz*, I, 151 e II, 217. — V. também a memória de FAIVRE, intitulada *Análise das Aguas Termais de Caldas Novas*.

blica (351). Êsse lazareto depende da Irmandade da Misericórdia (*Santa Casa da Misericórdia*), que tem por fim socorrer os indigentes e, principalmente, os doentes pobres. Essa Irmandade é encontrada em várias cidades do Brasil, onde presta relevantes serviços de beneficência; mas seus recursos, infelizmente, nem sempre bastam para o desempenho das obras impostas pelos fins a que se destina. Em São Paulo, a Santa Casa da Misericórdia possui algumas propriedades imóveis, a cuja renda se juntam as esmolas dos fiéis e certa importância que cada *irmão* paga anualmente. Em 1819 tentou-se também aplicar a êsse estabelecimento uma parte da renda dos teatros. Atualmente a Misericórdia de São Paulo possui para seus doentes um hospital particular; na época de minha viagem, porém, ela os fazia tratar no hospitall militar, pagando determinada somma por dia, à administração do referido estabelecimento.

Existem em São Paulo três pontes principais, duas sob o Hinhangabahú, e a terceira sôbre o *Tamandatahy*. São construídas de pedra, muito pequenas, de um só arco, que mereceriam ser apenas notadas em outro país que não fôsse o Brasil; mas, até o fim de 1819 eu não tinha visto, no interior do Brasil, qualquer outra construída com mais do que essas de São Paulo (352). A de *Tamandatahy*, denominada *ponte do Ferrão*, (situada ao início da estrada do Rio de Janeiro), tem cêrca de 37 passos de extensão, sobre 7 de largura, e possui parapeitos, com bancos de pedra. A ponte de *Lorena*, sôbre o *Hinhangabahú* (353), terá 12 passos de largura por 25 de extensão; é quasi plana, com parapeitos sem ornamentos. É essa ponte que estabelece comunicação entre a cidade e os caminhos que demandam Sorocaba e Jundiáí. A mais linda das três é a pela qual se vai da cidade pròpriamente dita ao bairro de Santa Ifigênia; tem cêrca de 150 passos de extensão e dezesseis de largura; a metade da mesma que se encontra mais próxima da cidade estende-se em declive, a outra metade é quasi plana; os parapeitos não deixam de ter certa elegância.

Quando estive em São Paulo, a cidade ressentia-se da falta de um passeio público. A administração provincial acabou por sentir que um logradouro dessa espécie é indispensável aos habitantes da cidade, para

(351) *Discurso pronunciado pelo Pres. MANOEL MACHADO NUNES, no dia 7 de janeiro de 1840, pág. 40 — Discurso pronunciado pelo Presidente MANOEL FELIZARDO DE SOUSA E MELLO, no dia 7 de janeiro de 1844, pág. 15.*

(352) O que digo aquí explica o epíteto de *magnificas* que CAZAL dá às três pontes de pedra de que trata o texto (*Corog. Braz., I, 234*); nossas apreciações constituem apenas meras comparações.

(353) O nome *Lorena* é o do capitão-general que governava a província em 1788.

que os mesmos possam, por vêzes, respirar um ar mais puro do que o dos seus mercados e suas ruas, entregar-se a diversões salutares, e para que não percam completamente o gôsto pelos prazeres puros; por êsse motivo, a administração criou, em 1825, um logradouro, que denominou *Passeio Público* ou *Jardim Botânico*, criação que já havia sido delineada em 1779 (354). Eis como se expressa sôbre êsse jardim um viajante que o visitou em 1839: “Em uma das posições mais aprazíveis, muito próximo da cidade, está situado o Jardim Botânico, creado há cêrca de dez anos. Nele existe um tanque de água pura. As âleas foram traçadas com gôsto, descrevendo curvas suaves e proporcionam aos visitantes uma sombra deliciosa. Êsse jardim é vasto, e seria encantador, se fôsse tratado com os cuidados necessários; mas os poucos recursos do tesouro provincial isso não permitem (355)”. Em época mais recente, o presidente da Província no ano de 1844, MANUEL FELISARDO DE SOUSA e MELLO, pronunciava as seguintes palavras perante a assembléa legislativa: “Desenhada sôbre um terreno vasto e perfeitamente unido, ornado com deliciosas âleas de árvores frutíferas, cheio de grande quantidade de outras árvores, tanto exóticas quanto indígenas, e de grande variedade de arbustos e de flores, o jardim público oferece aos habitantes de nossa capital um lugar de descanso, onde os mesmos se acostumam a sentir todo o valor das belezas da natureza”. Em seguida a êsse elogio, o presidente concita os deputados a envidar alguns esforços para o embelezamento do jardim, acrescentando, com sobras de razão, que seria de grande importância estabelecer no mesmo uma sementeira ou viveiro de árvores e outras plantas exóticas, que seriam depois distribuídas entre os agricultores da Província (356).

A cidade de São Paulo possui, como se vê, vários edifícios públicos e todos concordam em que ela é bonita e está muito bem situada; mas seria inexatidão afirmar que sua posição é muito favorável ao comércio. Não há, na verdade, mais de nove a doze léguas, entre ela e o mar; entretanto, quando se parte de Santos — o porto mais vizinho — o trajeto não pode ser feito em menos de dois dias, forçado que é o viajante a galgar a parte extremamente escarpada da cadeia marítima denominada *Serra do Cubatão*. A cidade de São Paulo mais não é do que um centro de depósito das mercadorias da Europa e de trânsito para os produtos do país; é-lhe indispensável o pôrto de Santos, o qual poderia, em rigor,

(354) MÜLLER, *Ensaio*, quadro 21.

(355) KIDD., *Sketches*, I, 232.

(356) *Discurso proferido etc., no dia 7 de janeiro de 1844.*

dispensá-la. São Paulo nunca teria sido, certamente, mais florescente do que Santos, se não se tivesse tornado a capital da Província e a sede residencial de tôdas as autoridades civis e eclesiásticas.

São vistas na cidade muitas lojas bem sortidas e bem arrumadas, em que se encontra uma variedade de mercadorias quasi tão grande como a das existentes nas lojas do Rio de Janeiro. Os comerciantes obtêm de seus colegas da capital do país um desconto de cêrca de 25% sôbre os preços do varejo, e não revendem muito mais caro do que aqueles; mas, como suprem uma boa parte de pequenas localidades da Província, seus benefícios são repetidos e, demais, as despesas em São Paulo são muito menores do que as do Rio de Janeiro.

Há em São Paulo algumas casas verdadeiramente ricas; mas, em geral, as fortunas não são muito consideráveis. Os proprietários de engenhos de açúcar vivem, muito frequentemente, em situação assaz precária. O dono de um estabelecimento dessa espécie deixa, ao morrer, certo número de escravos negros, que são partilhados entre seus filhos; cada um dêstes tem como ponto de honra tornar-se *senhor de engenho* como o pai, para o que adquire escravos a crédito. Pode ter, é certo, lucros para pagar êsses escravos ao fim de certo tempo; mas, nesse inter-vallo, perde alguns, seja em consequência de moléstias seja por falta de cuidados e por maus tratos; substitui os que perde, comprando outros ainda a crédito, pelo que passa a vida sempre devendo.

Quando de minha viagem, formara-se a pouco tempo, com o nome de *Banco de São Paulo*, um estabelecimento de crédito destinado, principalmente, ao desconto de títulos com vencimentos remotos e a proporcionar aos comerciantes adiantamentos sôbre o seu capital. Êsse Banco, que poderia ter se tornado de grande utilidade para o comércio, era uma espécie de sucursal de estabelecimento congêneres do Rio de Janeiro, ou, melhor dizendo, dependia inteiramente dêsse último (357).

Em S. Paulo não são encontrados negros a percorrer as ruas, como no Rio de Janeiro, transportando mercadorias sôbre a cabeça. Os legu-

(357) Não poderei dizer qual foi a sorte dêsse estabelecimento, nem se durou por muito tempo. Em 1843, o govêrno provincial baixou uma lei criando um do mesmo gênero, sob a denominação de *Banco Paulista*, cujos fundos deveriam ser constituídos pelo saldo, então existente, das rendas sôbre as despesas, por idêntico saldo dos anos vindouros, por juros capitalizados, e, enfim, pelos pagamentos que devia auferir o tesouro provincial de seu crédito contra o tesouro nacional. A referida lei apenas fôra decretada, quando explodiu a revolta de funestas consequências, motivo pelo qual os fundos destinados ao banco foram applicados ao pagamento das tropas, de forma que, em 1844, a lei ainda se mantinha em projeto (*Disc. pronunciado pelo presid. JOSÉ CARLOS PEREIRA D'ALMEIDA TÔRRES, em 7 de janeiro de 1843. — Disc. pronun. pelo presid. MANOEL FELIZARDO DE SOUSA E MELLO, em 7 de janeiro de 1844*).

mes e as mercadorias de consumo imediato são vendidos por negras, que se mantêm acoradas na rua, que, por motivo de tal comércio, tomou o nome de *rua da Quintanda*. Quanto aos comestíveis indispensáveis, tais como farinha, toucinho, arroz, milho, *carne sêca*, os mercadores, que os vendem, estão, em sua maior parte, estabelecidos numa única rua denominada *rua das Casinhas*, porque, efetivamente, cada *venda* forma uma pequena casa isolada. Não é, evidentemente, nessas *vendas*, que se podem encontrar a limpeza e a ordem: são obscuras e enfumaçadas. O toucinho, os cereais, a carne estão atirados em promiscuidade, e não existe ainda, nem por sombra, aquela arte com que nossos mercadores de Paris (358) sabem dar um aspecto agradável aos alimentos mais grosseiros. Não há em São Paulo rua mais frequentada do que a das Casinhas. A gente do campo alí vende suas mercadorias aos comerciantes, em cujas mãos os consumidores vão adquiri-las. Durante o dia nota-se alí acúmulo de negros, de roceiros, de muares, de arrieiros; de noite a cena é outra: os animais de carga e os compradores cedem lugar a verdadeiras nuvens de prostitutas de baixa classe, atraídas pelos *camaradas* (servidores livres) e pelos roceiros, que elas tentam pescar em suas rêdes.

Já em outro ponto fiz sentir que o Brasil deve permanecer ainda como país simplesmente agrícola e que não chegou a época em que lhe pode ser vantajoso estabelecer manufaturas; entretanto, quando fôr momento propício para isso, é em São Paulo que tais empreendimentos devem ser iniciados. O clima de São Paulo não é enervante como o do norte do Brasil; os víveres são vendidos por preços módicos, e os costumes da região opõem-se menos que os da província de Rio Grande de São Pedro do Sul ao hábito de um trabalho sedentário. Parece, como se vai ver, que essas considerações não escaparam inteiramente à antiga administração. Depois da batalha de Iena, o govêrno português, querendo estabelecer em Lisboa uma fábrica de armas, de fuzís especialmente, contratou operários da manufatura real de Spandau, que então estavam desocupados. Quando D. JOÃO VI estabeleceu-se no Brasil, êsses operários também vieram para o país, permanecendo alguns anos no Rio de Janeiro, quasi sem nada fazer, e, por fim, foram encaminhados para São Paulo, onde, na ocasião de minha viagem, encontravam-se desde três anos. A marcha extremamente lenta da administração portuguesa, o

(358) Eu poderia, de resto, citar, no sul da França, certa capital de departamento em que, muito tempo depois de minha viagem a São Paulo, não encontrei casas de venda de comestíveis de melhor aspecto do que as de São Paulo, de 1818 a 1822.

quasi nenhum conhecimento que os alemães possuíam da língua do país e a necessidade de criar operários subalternos foram, a princípio, fortes obstáculos a uma perfeita organização da nova fábrica; contudo, ao tempo de minha viagem, a mesma se achava em plena atividade; entretanto, desde a instalação, só havia produzido seiscentos fuzís. Eram êles fabricados pelo modêlo dos congêneres prussianos e muito bem acabados; o ferro empregado no fabrico provinha das forjas de Ipanema, de que mais tarde falarei; as coronhas eram feitas de *pau d'óleo*. A manufatura d'armas foi instalada em um dos lados do quartel e, como alí faltasse água, não puderam ser montados maquinismos que teriam economizado muito a mão de obra, pois era com o trabalho braçal que se perfuravam os canos dos fuzís. Trabalhavam nessa fábrica cêrca de sessenta operários, nesse número compreendidos dez mestres alemães, os quais recebiam, por dia, cada um, 2\$000 (12 frs., 50). Essa importância era, não resta dúvida, muitíssimo elevada; mas era necessário, talvez, fazer tal sacrifício para reter longe de sua pátria homens da mesma saudosos, e que, depois da confusão da paz geral, fàcilmente alí encontrariam trabalho. De resto, se os mesmos tinham prestado serviços, foi menos por seu trabalho pessoal do que pelo resultante dos aprendizes que formaram, e com os quais a administração, em pouco tempo, pôde dispensar o trabalho estrangeiro. A maior parte desses mestres alemães já se tinha, mesmo, tornado quasi inútil; podendo dispor, todos os dias, de importância bastante elevada e comprar cachaça a preço módico, entregaram-se êles ao vício da embriaguez, vício que, no Brasil, muito frequentemente sacrificou os europeus de classe inferior; eram êsses teutos vistos constantemente em estado de embriaguez, e a administração já pensava em dispensá-los. Mas, se esta tinha graves queixas dos estrangeiros que empregara, não menores queixas tinha dos empregados nacionais, que não se podia fazer trabalhar de forma regular e aos quais era necessário punir constantemente, para constrangê-los a não abandonar o serviço. Os operários, como terei ocasião de dizer mais tarde, têm, em São Paulo, poucas necessidades; seu vestuário é baratíssimo; sua alimentação muito mais cara não é do que o vestuário; não conhecem o uso de móveis, não tendo, mesmo, verdadeiras camas, e por alguns vinténs podem embriagar-se à vontade. A manufatura de armas em São Paulo existia ainda no fim do ano de 1820 (359), mantida pela vontade firme do capitão-general e pelo dinheiro do tesouro real; mas, como se acaba de ver, não tinha, ela própria, elementos para manter-se;

(359) ESCHW., *Journ. von Bras.*, II, 67.

e, se tivesse sido fundada, porventura, por um simples particular, em pouco tempo seria a causa da ruína do seu fundador.

“Situada sob o trópico do Capricórnio, aproximadamente, e a uma altura bastante considerável acima do nível do mar, São Paulo, — dizem SPIX e MARTIUS, desfrutava tôdas as belezas dum clima tropical, não sofrendo os rigores de um calor muito forte... A temperatura média anual não se eleva, segundo afirma DAN. PEDRO MÜLLER, acima de 22° a 23° do termômetro centígrado. O inverno e o verão apresentam uma diferença de temperatura muito mais sensível que ao norte do Brasil... Nas grandes planícies, que se estendem ao sul da cidade, nota-se uma relação regular entre os ventos e a posição do sol; enquanto este está no hemisfério boreal, sopram os ventos do sul-sudoeste e do sul-este; depois que o sol passa para o hemisfério austral, não têm mais os ventos a mesma constância”. — *Reise*, I, 233. — (360).

Como já se sabe, eu me encontrava em São Paulo durante a estação das chuvas. Por grande parte do tempo em que alí permaneci, o céu se manteve sempre encoberto. Algumas vêzes o sol mostrava-se entre as nuvens, sentindo-se, então, fortíssimo calor; quando o astro desaparecia, a temperatura era moderada e, geralmente, as noites e as manhãs eram frescas (361). Segundo me informaram, cai geada todos os anos, nos meses de junho e de julho; por êsse motivo, a cana de açúcar e o café são pouco cultivados nos arredores de São Paulo, ao passo que prosperam essas plantas, com muito exito, em Campinas, Itú e Jundiá, lugares que, certamente, são muito menos elevados, como o comprova facilmente a direção que segue o rio Tietê.

“E’ indiscutível — disse um dos presidentes da província de São Paulo — que o clima de nossa cidade é bastante salubre, porquanto, durante seis meses do ano, ela permanece, por assim dizer, no meio de um lago formado pelas enchentes do Tietê e do Tamandaty, sem que, entretanto, a saúde de nossos concidadãos sofra qualquer alteração”

(360) Estas observações não podem ser originaes de SPIX e MARTIUS, porquanto os mesmos só se detiveram em São Paulo durante uma semana. Sem dúvida foram-lhes fornecidos por PEDRO MÜLLER, motivo pelo qual não hesitei em transcrevê-las.

(361) JOHN MAWE, que estava em São Paulo em 1807, na mesma estação em que alí me encontrei, desta forma se expressa: — “O frio tornava-se algumas vêzes tão intenso durante a noite, que eu me via obrigado a fechar as portas e as janelas, a vestir roupas mais quentes e a ter no meu quarto um fogareiro cheio de brasas”. (*Travels*, 67). — SPIX e MARTIUS, que passaram em São Paulo os oito primeiros dias do ano de 1818, também afirmam que, durante êsse tempo, presenciaram muitas vêzes, pelas manhãs, uma neblina espessa e muito fria, que recobria as colinas vizinhas da cidade (*Reise*, I, 232).

(362). E' incontestável que a posição elevada de São Paulo e os ventos que reinam na região preservam seus habitantes das febres e de outras moléstias endêmicas que semelhantes inundações provocam em muitos outros lugares. Entretanto, custa-me acreditar que as inundações ocorridas anualmente em São Paulo nenhuma influência tenham contra a saúde pública. Eu acreditava, depois de que me foi narrado sobre a situação de São Paulo e a respeito de seu clima, que só encontraria ali homens robustos e de boa saúde, mas assim não aconteceu. Muito falta para que os habitantes, mesmo os da cidade de São Paulo, sejam fortes e desenvolvidos como os de uma grande parte da província de Minas Gerais ou da *comarca* de Curitiba. Em São Paulo muitos indivíduos encontrei com a pele amarelada e ar doentio. As moléstias da pele são ali extremamente comuns, principalmente uma espécie de sarna que se apresenta sob a forma de pequenas espinhas e que é, ao que se diz de grande perigo curá-la com remédios de aplicação externa, só cedendo com o uso de banhos de mar (363). Nada é mais comum, na região, do que as moléstias venéreas, contra as quais as pessoas das classes inferiores, principalmente, nenhum cuidado têm. Interrogada uma prostituta se estava afetada de sífilis: — Quem não sofre de tal moléstia? — respondeu a mesma. E' de crer que essa moléstia, fazendo tão grandes progressos, contribuía muito mais do que qualquer outra coisa para alterar a saúde pública (364). Em 1585, efetivamente, a região era considerada como extremamente salubre. A cidade de São Paulo ainda não contava, como já disse, senão 120 habitantes, e entre êles existiam alguns centenários, cujas idades, adicionadas, perfaziam um total de 500 anos (365).

Na ocasião de minha viagem, a maior parte das fôrças militares da província de São Paulo estava na província do Rio Grande do Sul, então em guerra contra ARTIGAS, e terei oportunidade de dizer, mais adiante, quanto os soldados paulistas se distinguiram por sua constância, valor, inteligência e disciplina; os militares que vi durante minha permanência

(362) *Disc. prof. pelo pres.* MANUEL FELISARDO DE SOUZA E MELLO, no dia 7 de janeiro de 1844.

(363) É provavelmente a espécie que o DR. SIGAUD descreveu, em poucas palavras, sob o nome de *sarna miúda* (*Du Climat etc.*, 397).

(364) "Quasi tôdas as moléstias que observamos em São Paulo e em suas circunvizinhanças, — dizem SPIX e MARTIUS, — tinham uma origem sifilítica etc." (*Reise*, I, 257). — ESCHWEGE, no relato de uma viagem que fez do Rio de Janeiro a São Paulo, entra, relativamente a êsse triste assunto, em detalhes que, provavelmente, são verídicos, mas que as conveniências e o bom gôsto não me permitem trasladar para aqui.

(365) FERNÃO CARDIM, *Narrativa Epistolar*, 104.

na cidade de São Paulo, não devem ser considerados mais do que uma espécie de reserva, composta dos homens menos válidos, e devo dizer que, geralmente enfezados e raquíticos, teriam sido, certamente, rejeitados em nosso exército. Ademais, acrescentarei também que na capitania de São Paulo, ninguém se empenhava, como em Minas e mesmo em Goiaz, pela honra de vestir a farda militar; os soldados eram homens alistados à fôrça, e sabe-se que, em tal caso, não são sempre os menos vigorosos que fogem (366).

Havia em São Paulo, em 1839, cinco médicos, quatro cirurgiões e sete farmacêuticos (367), e é impossível que entre êles não se encontrassem alguns de valor, porque médicos de tôdas as nações, faz certo número de anos, vieram para o Brasil, e foi criada no Rio de Janeiro uma escola de medicina, com professores de grande saber. Ao tempo de minha viagem, não havia ainda tais vantagens. Todos os que exerciam então a cirurgia na cidade de São Paulo e seus arredores eram indivíduos sem educação e sem estudos; e, entre as parteiras, a ignorância era ainda maior. O Dr. FRANCISCO DE MELLO FRANCO, filho de um médico célebre, e que era também médico do regimento militar de S. Paulo, afirmou-me que para partejar uma mulher, faziam-na assentar-se sôbre uma medida quadrada, denominada *meio-alqueire*, posição em que várias pessoas a mantinham, enquanto a parteira recebia a criança, tendo-se o cuidado de sacudir a parturiente, com a intenção de tornar o parto mais fácil. Parece que em 1819 e 1820, não havia em São Paulo, muito mais sociabilidade do que em outras cidades do interior do país, e que as mulheres pouco se deixavam ver. Durante a minha estadia na

(366) Eis como se expressava, em 1817, meu pranteado amigo ESCRAGNOLES, que passou tôda a sua vida a serviço de Portugal e do Brasil e se distinguia assim por seu espírito, como pelos sentimentos de honra que o animavam: — “A lei do recrutamento ordena, em verdade, que não seja perfeitamente são e que não tenha a altura, pelo menos, de 5 pés e duas polegadas. Mas os comandantes de distrito, encarregados do recrutamento, têm o cuidado de afastar todos os que, pela fortuna ou pela posição social, lhes parecem capazes de retribuir a êsse favor. Pobres miseráveis, raquíticos ou mal conformados, são os únicos julgados dignos de empunhar as armas” (ESCR., in FREY., *Voyage Hist.*, I, 317). — V. também sôbre o recrutamento, tal como era efetuado em 1834, a obra intitulada *Viagens e Observações etc.*, p. 41, a qual, em meio de evidentes exageros, contém, entretanto, muitas verdades.

(367) Êsses números foram colhidos em D. P. MÜLLER (*Ensaio*, 37). Exceto nas grandes cidades, os farmacêuticos, ao tempo de minha viagem, eram ainda raros no Brasil; mas, em várias localidades, os negociantes de fazendas e de víveres vendiam também alguns remédios. Isso ocorria em 1818, particularmente, na cidade de Cabo Frio, e mesmo em 1820, porque PIZARRO afirma, referindo-se a essa cidade, que na mesma não havia farmacêuticos com farmácia aberta (*Professores de farmácia nunca estabelecidos na cidade com casa aberta.* — *Mem. Hist.*, II, 153). Parece-me, pelo que recentemente escreveu o Príncipe de NEUWIED (*Brasílien*), que estamos atualmente quasi de acôrdo sôbre esse ponto, ao qual erroneamente, confesso, atribuí alguma importância (V. minha *Voyage dans le District des Diamants, etc.*, II, 44).

cidade, vi as principais autoridades locais e muitas pessoas me visitaram; entretanto, não fui convidado, por quem quer que fôsse, para festas e jantares, e não tive oportunidade de ver nenhuma senhora paulista. Fui à casa de uma das pessoas mais distintas da cidade, e, como a mesma se encontrasse no momento de se pôr à mesa, convidou-me para jantar; aceitei o convite, mas jantámos sós, pois sua mulher não apareceu (368).

Pelo que acabo de dizer não será lícito concluir que os homens das classes elevadas de São Paulo sejam mal educados, pois são, ao contrário, de fino trato, e a polidez dos paulistas estende-se até às classes inferiores. As pessoas de posição cumprimentam-se mesmo quando não se conhecem, e os indivíduos das classes subalternas nunca deixam de

(368) “Em São Paulo disseram-me, — escreveu ESCHWEGE em 1820, — que tudo na cidade perde a animação, como nas outras cidades do interior do Brasil, quando os governadores não procuram agitar um pouco a vida social a seu redor... Mal o capitão-general se ausenta de Vila Rica, a dança e o jôgo desaparecem com êle, e, segundo me afirmaram, a mesma cousa ocorre em São Paulo, pôsto que nesta última cidade existam mais casas de gente rica do que na capital de Minas Geraes (*Journ. von Bras.*, II, 81)”. — JOHN MAWE conta, é verdade, que, durante o tempo em que esteve em São Paulo, viu as senhoras paulistas, às quais elogia, e que foi várias vezes, convidado a tomar parte em jantares a que as mesmas estiveram presentes (*Travels*, 82); mas cumpre notar que êsse viajante esteve no Brasil em 1807, ocasião em que o governador da capitania de São Paulo — ANTÔNIO JOSÉ DA FRANCA E HORTA, e não ORTE, como grafou MAWE —, homem casado, que recebia as senhoras em palácio, convidava-as para bailes, forçando, com o seu exemplo, o trato social. Nessa época, além disso, D. JOÃO VI ainda não havia chegado ao Brasil; depois de sua chegada ao país, os habitantes do Rio de Janeiro, feridos pelo desprezo dos portugueses, tiveram, como é sabido, mais reserva na conduta e se tornaram menos comunicativos e hospitaleiros; não seria, assim, cousa extraordinária que os efeitos dessa espécie de revolução atingissem São Paulo, cujas relações com a capital do país eram frequentes, e onde, sem dúvida, chegaram também muitos europeus. É traçado, na interessante narração da viagem de SPIX e MARTIUS, um curioso retrato das senhoras de São Paulo; mas, como êsses escritores só tivessem permanecido na cidade pelo espaço de uma semana, é impossível que tal retrato decorra inteiramente de suas próprias observações. Creio que as palavras dos dois sábios bavaros não pecam pela inexatidão; contudo, sem assumir a responsabilidade pelos conceitos que as mesmas expressam, traduzo-as aqui: — “Um espírito naturalmente jovial, vivacidade, gôsto para leves gracejos, eis como se caracteriza a sociedade de São Paulo. As mulheres, como os homens, são simples e de coração bem formado. É sem razão que as primeiras são acusadas de levianas. É certo que sua conversação em nada faz recordar a linguagem delicada das europeias, às quais a educação e as conveniências vedam exprimir sem constrangimento o que sentem; mas, numa província onde, mais do que em outra qualquer parte do Brasil, foram conservados os sentimentos de independência e de afastamento de todos os artificios, não deve admirar que exista, entre as mulheres, uma alegria desprovida de reservas. As mulheres de São Paulo, sem ser magras, têm, contudo, um talhe elegante; seus movimentos são suaves; e em seus rostos, levemente arredondados, nota-se um mixto agradável de franqueza e bom humor. A côr de sua pele é menos pálida do que a das mulheres da maior parte do Brasil. São consideradas as mulheres mais lindas do Imperio” (*Reise in Brasilien*, I, 222). — Se bem compreendí as frases que precedem, occultam as mesmas, sob grandes elogios, uma censura que não creio desprovida de fundamento.

tirar o chapéu às pessoas de mais elevada posição social; mas é certo que tal demonstração de deferência é atribuída menos à pessoa do que à posição que ocupa. Quando vestia o uniforme, todo o mundo me cumprimentava; com trajés civís era um pouco menos saudado nas ruas, entretanto, mesmo assim, acabava por achar demasiado incômoda uma polidez que me forçava a descobrir a cabeça a cada momento.

As mulheres ricas, informaram-me, trabalham em leves serviços no interior de suas casas — bordam, fazem flores, enquanto que um grande número de mulheres pobres permanecem em ociosidade durante o dia, e, quando a noite, espalham-se pela cidade, dedicando-se ao tráfico de seus encantos, como único recurso de subsistência. E' incontestável que logo após o pôr do sol vêem-se nas ruas muito mais pessoas do que durante o dia; ficam as mesmas repletas de homens e de mulheres que andam à procura de aventuras. Os indivíduos dos dois sexos envolvem-se em capotes de lã, de grandes golas que lhe encobrem a metade do rosto; as mulheres usam um chapéu de feltro preso atrás da cabeça; o dos homens é puxado sôbre os olhos. Em nenhuma parte do mundo por mim percorrida vi tamanho número de prostitutas; eram de tôdas as côres; as calçadas ficavam, por assim dizer, cobertas de mulheres dessa baixa espécie. Caminhavam devagar ou esperavam os fregueses nas esquinas; mas, cumpre dizer, nunca abordavam os homens, nem costumavam injuriá-los ou injuriar-se entre si; olhavam apenas quem passava, conservando uma espécie de pudor exterior, e nada demonstravam de cínico despudor que, na mesma época, era tão frequentemente revelado pelas prostitutas parisienses de baixa classe. E' desagradável, para um viajante serio, descer a tão triste detalhes; mas deve ter a coragem de fazê-lo, quando tem oportunidade de mostrar a que estado de degradação podem chegar as classes pobres, inteiramente abandonadas, se lhes não é ministrada uma educação moral e religiosa. Os filhos dessas numerosas mulheres, apenas vindos ao mundo, têm ante os olhos exemplos dos vícios; as lições que recebem são as da infâmia; e o sacerdote, olvidado dos preceitos de seu divino mestre, não exclamam como êste último exclamou — *Deixae vir a mim as criancinhas* — Essas pobres criaturas crescem e parecem com as mães. Honra seja feita à administração atual, que se ocupa carinhosamente da educação das crianças dos dois sexos! Por dilatado tempo encontrará obstáculos de várias espécies; mas deve perseverar, pois acabará por obter completo triunfo, e, pouco a pouco, é lícito esperá-lo, uma feliz mudança operar-se-á nos hábitos das classes inferiores.

Elogiei a polidez e as boas maneiras dos habitantes de São Paulo pertencentes às classes abastadas; acrescentarei que, na parte oriental

de Minas Gerais os agricultores são geralmente mais civilizados dos que os da província de que me ocupo neste momento. Na cidade de São Paulo nota-se mais cultura do que na capital de Minas Gerais (Ouro Preto). A razão de tal diferença parece-me esta: — Desprezados pelos brancos de raça pura, os antigos mamalucos não deviam ter grande vontade de residir na cidade. Dirigidos por chefes audaciosos, uns espalharam-se pelas diferentes partes do Brasil e fizeram as maravilhosas descobertas que immortalizaram o nome dos paulistas; outros, menos empreendedores, não quizeram, sem dúvida, se afastar muito da terra natal, entregando-se, assim, à agricultura. Os mamalucos não herdaram apenas o gôsto pela vida errante que caracteriza os indígenas, pois dêstes herdaram também a descuidada preguiça, vício êsse que mais se acentuou em relação aos que não tinham coragem de se aventurar pelos desertos. Criados pelas indígenas, êsses homens viviam em completo isolamento, desprezados pelos pais; ninguém procurava elevá-los da ignorância em que jaziam. Seus costumes eram, necessariamente, grosseiros. Vários cruzamentos, em verdade, aproximaram da raça caucásica os descendentes dos primeiros mestiços; entretanto, como já tive ensêjo de observar, notam-se ainda, na fisionomia de um grande número de agricultores paulistas, traços característicos da raça americana; êles não procuram instruir-se, seu modo de vida continua a se ressentir da rusticidade de seus antepassados pelo lado materno, cuja indolência herdaram também. Na cidade de São Paulo, ao contrário, desde há tempo a civilização foi continuamente mantida pelos europeus. Não foram unicamente pessoas pobres e sem educação, procurando fazer fortuna, que na referida cidade vieram se estabelecer; a amenidade do clima, a sua localização aprazível, a vizinhança da costa e suas facilidades de comunicação têm atraído para seu seio homens de classe mais elevada; magistrados que estudaram na Europa em São Paulo se casaram, tendo necessariamente, transmitido a seus filhos certa distinção e finura de trato. De forma inteiramente diversa ocorreu na capitania de Minas, povoada mais recentemente do que a de São Paulo, principalmente por brancos de pura raça, que não se agruparam num ponto só, mas se espalharam pelo seu imenso território, na exploração das minas. Enriquecidos em pouco tempo, fizeram ministrar educação a seus filhos, e o conhecimento das letras perpetuou-se em várias famílias de *fazendeiros*. Em verdade, o núcleo mais importante de colonização foi, em Minas Gerais, Ouro Preto (antiga Vila Rica); mas, quando as minas locais e de seus arredores tornaram-se menos produtivas, os que até então as tinham explorado partiram para mais longe, em procura de outras; é também possível

que alguns primeiros colonizadores afastaram-se para não chamar sôbre suas fortunas a atenção dos capitães-generais ou para se subtrair mais fâcilmente ao despotismo dessas orgulhosas e arbitrârias autoridades. Os mineradores com posse de maior fortuna e dispondo de instrução deveriam, assim, ser encontrados fora da capital da capitania, onde permaneceram apenas funcionários, comerciantes e um grande número de mulatos sem fortuna, os quais, muito orgulhosos para cultivar as terras ou delas extrair o ouro com as próprias mãos, aprenderam ofícios. Efetivamente, a população branca da cidade é ainda hoje quasi inteiramente constituída por europeus; mas, como nenhuma atração pode ter para os homens de posses uma região desolada e cujos meios de comunicação são escassos, os recém-vindos são, geralmente, aventureiros sem educação e sem conciência, mais capazes de fazer retrogradar a civilização nos meios em que se instalam, do que de a mesma trazerem qualquer progresso (1816-1822).

Diante de tudo o que acabo de expor, não deve causar admiração o fato dos habitantes do interior da província de São Paulo falar e pronunciar muito incorretamente o português, ao passo os do interior da de Minas Gerais, ao menos na parte oriental dessa província, falam, em geral, com correção, e têm uma pronúncia que só difere da dos portugueses da Europa em ser mais melodiosa e mais suave.

Os paulistas do interior, em vez de *vossemecê*, abreviação de *vossa mercê*, pela qual é designada a segunda pessoa, dizem *mecê*; sua pronúncia é áspera e arrastada. Substituíram êles por *ts* e *ch* português, dizendo, por exemplo, *matso* por *macho* e *atso* por *acho* (do verbo achar) etc.

Nenhuma dificuldade há em distinguir os habitantes da cidade de São Paulo dos das localidades vizinhas. Êstes últimos, quando percorrem a cidade, usam calças de tecido de algodão e um grande chapéu cinzento, sempre envolvidos no indispensável *poncho*, por mais forte que seja o calor. Denotam seus traços alguns dos caracteres da raça americana; seu andar é pesado, e têm um ar simplório e acanhado. Pelos mesmos têm os habitantes da cidade pouquíssima consideração, designando-os pela alcunha injuriosa de *caipiras*, palavra derivada provàvelmente do têrmo *corupira*, pelo qual os antigos habitantes do país designavam demônios malfazejos existentes nas florestas. Parece mesmo que êsse têrmo ainda é usado no Alto-Paraguai, sem nenhuma alteração, e sempre

numa acepção injuriosa, porquanto, quando um dos pequenos guaranís nascidos nessa região e que eu, infelizmente, levava para França, queria injuriar seu companheiro, dava-lhe o nome de *corupira* (369).

(369) “Ninguém ignora, — disse o apóstolo do Brasil, — que certos demônios, denominados *corupiras* pelos indígenas, destes se aproximam nas florestas, ferindo-os, martirizando-os e, afinal, matando-os”. JOSÉ DE ANCHIETA, *Epístola in Notícias Ultramarinas*, I, 162). — O padre JOÃO DANIEL faz dos *corupiras* a mesma idéia que o padre ANCHIETA (Parte Segunda do *Tesouro Descoberto no rio Amazonas*, in *Revista*, II, 481). — Segundo VASCONCELOS, os *corupiras* eram os *espíritos dos pensamentos* (Not. Cur., II, n. 14). — ROQUETTE, em seu *Dicionário*, indica o nome *caipóra* como significando uma luz fosforescente que se vê nas matas. O que é assaz extraordinário é que, nestes últimos tempos, a palavra *caipira* foi levada do Brasil para Portugal e, durante a guerra ali travada entre os dois irmãos D. PEDRO e D. MIGUEL, os partidários do primeiro aplicavam, como alcunha injuriosa, aos soldados do segundo, — Passando para a língua francesa, sofreu um vocábulo, alemão mudança de sentido inteiramente semelhante à sofrida pelo vocábulo *corupira*, em sua passagem para a linguagem dos paulistas. Trata-se do vocábulo francês *drôle*, que é, segundo AMPÈRE, “a antiga palavra germânica *troll* — nome dos maus gênios e dos feiticeiros; daí a acepção injuriosa da expressão francesa — *um drôle*”. (*Hist. Lit. Française au XIIIe. Siècle*, II, 138). Se não se quiser aceitar a aplicação que meus jovens guaranís — Pedro e Diogo — davam à aludida palavra *corupira*, pode-se tomar o vocábulo *caipira* como derivado de *caapora* (habitante das matas), nome que os indígenas catequizados pelos jesuítas davam a seus compatriotas ainda selvagens (Padre DANIEL, parte segunda do *Tesouro* etc., in *Revista*, II, 481). — *Caapora* é dado, no *Dicionário Português e Brasileiro*, como sinônimo de rústico.

CAPÍTULO VII

PERMANÊNCIA DO AUTOR EM SÃO PAULO — ALGUMAS PALAVRAS SÔBRE A CIDADE DE SANTOS E O CAMINHO DE CUBATÃO

RETRATO DO GOVERNADOR JOÃO CARLOS d'OEYNHAUSEN. — UM JANTAR OFICIAL. — O ESPETACULO. — OS VIAJANTES QUE ANTES DE MIM TINHAM VINDO A SÃO PAULO. — WILLIAM HOPKINS. — UM CAMARADA. — CARTAS DA FRANÇA; INCERTEZAS. — RESOLVO IR POR TERRA ATÉ RIO GRANDE DO SUL. — DIFICULDADE EM OBTER MALAS; OS OPERÁRIOS DE SÃO PAULO. — O VILAREJO DE N. SENHORA DA PENHA; E CAMINHO QUE AO MESMO CONDUZ. — AS VENDAS DOS SUBÚRBIOS DE SÃO PAULO. — PRODUÇÕES DOS ARREDORES DA CIDADE. — AS CASAS DE CAMPO. — A DO GENERAL DE BRIGADA BAUMAN. — A DE JOAQUIM ROBERTO DE CARVALHO. — O MANUEL. — HIDROGRAFIA GERAL DA EMBOCADURA DO RIO CUBATÃO. — DESCRIÇÃO DA CIDADE DE SANTOS; OS HOMENS NOTÁVEIS QUE NA MESMA NASCERAM; SEU COMÉRCIO. — HISTÓRIA DO CAMINHO QUE COMUNICA SÃO PAULO COM SANTOS; ESTADO ATUAL DESSE CAMINHO.

Desde o dia seguinte ao de minha chegada a São Paulo, apresentei-me ao capitão-general, JOÃO CARLOS AUGUSTO D'OEYNHAUSEN, levando-lhe meus passaportes e uma carta de recomendação que o governador de Goiaz, FERNANDO DELGADO, me fornecera, apresentando-me ao seu colega de São Paulo. Fui recebido gentilmente por êste, que me ofereceu seus préstimos e me reteve para jantar em sua companhia e na de vários oficiais que, a seu exemplo, me cumularam de atenções.

JOÃO CARLOS D'OEYNHAUSEN (370) era filho de um conde alemão casado com uma senhora portuguesa notável pelos seus dotes de espírito. Governou primeiramente o Ceará, em seguida Cuiabá e Mato Grosso e, finalmente, foi nomeado, em 4 de julho de 1817, governador de S. Paulo,

(370) Devido possuir a assinatura dêsse governador, bem certo estou da exactidão do seu nome como acima está grafado, razão pela qual cumpre-me reconhecer que já o grafei erradamente, em outro local, como se fôsse OYENHAUSEN.

cargo do qual tomou posse em 25 de abril de 1819 (371). Os traços de sua fisionomia e a desenvoltura de seu físico acusavam, desde logo origem alemã. Era cheio de atividade e homem cuja companhia agrada. Sua apresentação e suas maneiras eram muito simples. Poder-se-ia, quiçá, censurar-lhe certos modos bruscos e um pouco de negligência no vestir-se. Falava corretamente o francês, palestrava bem, demonstrando inteligência e instrução. Nas diversas regiões do país por onde passei, não soube de ninguém que fôsse tão geralmente elogiado e louvado como JOÃO CARLOS D'OEYNHAUSEN.

Permaneci durante longo tempo em Mato Grosso, e todos os habitantes dessa região só se referem ao seu nome com as mais vivas saudades. Desde que chegou a São Paulo, impôs ordem em todos os ramos da administração. Afastou dos cargos os funcionários que oprimiam o povo, tomou medidas severas contra os pouco diligentes e os vagabundos, e, em épocas fixas, exigia, dos capitães-mores, exata informação sobre os negócios públicos; recebia para exame tôdas as sugestões que lhe eram apresentadas; conciliava as rixas possuais, evitando os pleitos judiciários; assumia, enfim, uma posição de verdadeiro pai de seus administrados (372).

(371) Piz., *Mem. Hist.*, VIII, 291.

(372) O marechal de campo FRANCISCO DE PAULA MAGESSI TAVARES DE CARVALHO, que substituiu JOÃO CARLOS D'OEYNHAUSEN em Mato Grosso, fez, pelo seu procedimento, ser lamentada a ausência de seu predecessor, MAGESSI, cuja elevação ao cargo foi devida à família LINHARES, desejava o govêrno de Mato Grosso, solicitando-o, com perseverança, de D. JOÃO VI. Este, tendo repugnância de lhe conferir um pôsto tão importante, e que grande embaraço tinha sempre que era necessário recusar qualquer pretensão, lembrou-se um dia de perguntar ao importuno pretendente se elle era casado. MAGESSI vivia em concubinato, por isso nada respondeu. Encantado por ter conseguido um meio de desembaraçar-se do candidato, o rei não deixava nunca de lhe repetir a pergunta, quando o govêrno de Mato Grosso voltava ao cartaz. MAGESSI tomou, enfim, uma grande resolução — casou-se com sua amante e, quando o rei lhe dirigiu a costumada pergunta, respondeu que era casado. D. JOÃO VI não ousou mais desatendê-lo, nomeando-o governador de Mato-Grosso. Nessa época eu pretendia visitar essa província, razão pela qual me apresentei, no Rio de Janeiro, ao novo governador. Era um homem de elevada estatura, cuja cabeça enorme e quasi redonda emergia de um pescoço muito curto, e cuja fisionomia, sem ser de todo desagradável, pecava pela falta de expressão. No curso de nossa palestra, disse-me êle que a província de Mato Grosso produzia muita quina; opôs algumas dúvidas contra essa afirmação. MAGESSI, então, abriu-me um mapa manuscrito, no qual a quina vermelha era assinalada por manchas vermelhas, e a amarela, por manchas dessa côr. É claro que nada podia ser retrucado diante de prova tão convincente..., por isso limitei-me a guardar respeitoso silêncio. Antes de partir do Rio de Janeiro, MAGESSI TAVARES aliciou um bando de vis aventureiros, com os mesmos internando-se pelos sertões, em direção à sede de seu govêrno. Viagei seguindo as pégadas desse bando e, por onde passava, contavam-me, com horror, os monstruosos excessos pelo mesmo cometidos (V. minha *Voyage dans les*

Na tarde do dia em que eu me apresentei ao capitão-general, fui levado pelo sr. GRELLET à presença do ouvidor. Esse magistrado recebeu-me com muita polidez, convidando-me a tomar chá em sua companhia. Entendia muito o francês, pôsto que o não falasse. Foi assunto principal de nossa palestra a França e os extraordinários eventos ali ocorridos nos últimos 30 anos. O *ouvidor* mostrava grande admiração pelos nossos pretensos filósofos do século passado. Demonstrei-lhe, claramente, que não partilhava de sua opinião, mas de forma a evitar qualquer discussão. A maior parte das pessoas que, entre os portugueses e os brasileiros, tinha alguma instrução, era nessa época constituída por admiradores das obras, atualmente quasi esquecidas, que, em França, foram as precursoras de tão horríveis catástrofes; mas, o que é de admirar, nunca soube que essas pessoas procurassem aplicar à própria pátria os princípios que lhes imbuíam o espírito. Seria por prudência? Ou seria a consequência do respeito que tributavam então pela autoridade todos os súditos da monarquia portuguesa, respeito que, a bem dizer, adquiriam com o leite que mamavam? E' esta última razão que sou tentado a aceitar. Naquela época, os habitantes das partes afastadas do Brasil não acreditavam que o rei tivesse sido elevado ao trono por seus súditos, pensavam, ao contrário, que os súditos eram uma criação do rei; consideravam-no com o representante de Deus sôbre a terra, como um ente superior, e estavam persuadidos de que o mesmo lhes faria justiça, se conhecesse os vexames de que muitas vêzes eram vítimas.

O dia de São Carlos (4 de novembro) era o da festa da rainha, que se chamava CARLOTA. O general deu um grande jantar, para o qual fui convidado. Dirigi-me ao palácio pelas três horas da tarde e ali já encontrei reunidas as principais autoridades da cidade, bem como oficiais de *linha* (do exército) e da guarda nacional, todos em grande uniforme. Enquanto esperava o jantar, o general jogou uma partida de "whist"; depois de servida a sopa, levantou-se, bebendo à saúde do rei, e a música do regimento, que estava à porta do salão, executou uma marcha de guerra. Fizeram-se sucessivamente, brindes pela saúde do

Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais, I, 356). Chegado a Goiaz, o novo governador foi recebido por FERNANDO DELGADO, permanecendo durante algum tempo em Vila Boa; sua mulher não quis, contudo, deixar escapar tão feliz oportunidade de ganhar dinheiro, motivo pelo qual mandava vender nas ruas da localidade algumas mercadorias que levára do Rio de Janeiro. MAGESSI fez-se detestar durante seu governo, e, quando explodiu a feliz revolução que outorgou ao Brasil sua completa independência, foi afastado do cargo.

infante D. SEBASTIÃO (373), nascido em igual dia de alguns anos anteriores, pela da princesa da Beira, de sua mãe, dos paulistas, do capitão-general e de várias autoridades locais. Foi casualmente, por assim dizer, que foi lembrada a rainha, em cuja honra a festa era celebrada; mas não é de admirar o fato, pois a rainha não era no momento muito querida (374). Os convivas também brindaram-se entre si. Esse costume, então usado no Brasil, era, como já notei alhures, um dos mais incômodos que se possa imaginar. Era necessário saber o nome de todos os convidados, nenhum deles olvidar, estar atento para proclamar seus nomes no instante em que os mesmos não estivessem distraídos comendo ou conversando com os seus vizinhos; observar cuidadosamente as preferências, gritar bem alto, de uma ponta a outra da mesa, e estar sempre de atalaia, para responder, com uma saudação, os que elevavam brindes. Pedí permissão ao capitão-general para levantar um brinde à eterna união de Portugal e da França. Falei em francês, e o general, levantando-se, traduziu o meu brinde para o português. Foi bebida também à saúde do rei LUIZ XVIII. Em seguida, todos se assentaram, e o gene-

(373) D. SEBASTIÃO é filho de um infante da Espanha e da princesa da Beira, filha primogênita do rei D. JOÃO VI, que ficou viúva pouco tempo após o casamento, pelo que era chamada, geralmente, no Rio de Janeiro — a princesa viúva. É sabido que essa princesa desposou em segundas núpcias o irmão de D. FERNANDO VII, D. CARLOS, que por muito tempo foi pretendente da coroa da Espanha. Era ela a filha querida de D. JOÃO VI e muito se parecia com êste e com o príncipe D. PEDRO, mais tarde imperador do Brasil, com o nome de D. PEDRO I. Excetuado êste, nenhum dos filhos do rei possuía tanta inteligência e tanto caráter quanto a princesa viúva; vendo com pesar o quanto a educação de seus irmãos tinha sido negligenciada, declarou que o mesmo não sucederia com a de seu filho, e, efetivamente, o confiou, desde a mais tenra idade, a uma pessoa de grandes méritos — a filha de um antigo cônsul da Inglaterra em Lisboa. No seio da corrompida côrte do Rio de Janeiro, a aia ou preceptora do jovem infante D. SEBASTIÃO soube conservar tôda a sua dignidade, repelindo com firmeza os gracejos inconvenientes com que frequentemente a perseguia o jovem infante D. MIGUEL, tio de seu discípulo. Quando o rei saía a passeio, levava muitas vezes em sua companhia, na carruagem o seu neto. Essa criança nada tinha de notável na forma de vestir-se. As vestes do avô eram ainda mais simples; a carruagem usada pelo soberano era tão modesta, que nenhum habitante rico do Rio de Janeiro da mesma se serviria. Se as finanças de Portugal foram mal administradas sob o reinado de D. JOÃO VI, tal não ocorreu, pelo menos, em consequência das despesas pessoais do monarca, as quais, em absoluto, não contribuíram para endividar o país.

(374) Sabe-se que na referida época a rainha D. CARLOTA não vivia com seu marido, o qual da mesma tinha muita queixa. Estava ela reduzida a tal grau de simplicidade, que, em pessoa, na ocasião de minha chegada ao Rio de Janeiro, acompanhou com um castiçal á mão, o bom padre RENAUD, capelão da Hermione, que a conhecera anteriormente e que fôra apresentar-lhe suas homenagens. Quando a constituição foi proclamada no Rio de Janeiro, D. CARLOTA mostrou-se inteiramente favorável à nova ordem de cousas, reaproximando-se então de seu marido e, quando êste saudava o povo, ela o obrigava a se inclinar mais profundamente. Chegado a Lisboa, de regresso do Brasil, D. JOÃO VI abraçou o partido constitucional; D. CARLOTA, então, mudou de opinião, imiscuindo-se em tôdas as intrigas dos realistas.

ral, olhando-me intencionalmente, levantou, em francês, um brinde ao *triumfo da boa causa*; êle tinha vivido em Lisboa, em meio dos emigrados franceses mais distintos, conhecendo perfeitamente a história de nossa revolução e guardando de cor todos os termos do “argot” do partido chamado aristocrático. Em meio do jantar, um coronel da guarda nacional levantou-se, pronunciando, em tom inspirado, um discurso em versos de louvor à rainha; êsse oficial não era cortesão. Alguns instantes depois, leu o mesmo o elogio do infante D. SEBASTIÃO, e, afinal, uma ode aos paulistas. Não pude perceber perfeitamente o sentido dos versos; mas o que comprehendí pareceu-me cheio da ênfase encontrada nas composições poéticas escritas ao tempo de LUIZ XIII e cujo ridículo os portugueses ainda não haviam sentido. Devo, contudo, dizer que a ode aos paulistas tinha algo de original, fazendo honra ao poeta. O exemplo dêste e um excelente vinho do Pôrto animaram a verve dos convivas, e cinco ou seis pessoas puseram-se a improvisar versos em honra do general e de sua mãe; travou-se um verdadeiro desafio entre a maioria dos presentes, o que comprova que os versos alí recitados constituíam improvisos: a natural harmonia da língua portuguesa e o pequeno número de desinências que a mesma possuía tornam semelhante diversão muito fácil. O jantar transcorreu com alegria, mas com grande decência e os convivas demonstraram, constantemente, boa educação.

Um dia em que jantei em casa do general, convidou-me êle a assistir um espetáculo, de seu camarote. Às oito horas da noite dirigí-me ao palácio, para, em companhia do general, ir ao teatro, que está situado à frente daquele edificio. O prédio do teatro não denota, pela parte exterior, o fim a que se destina; vê-se uma casa pequena, de um único andar, baixa, estreita, sem nenhum ornamento arquitetônico, pintada de vermelho, com três largas janelas de postigos negros; as casas particulares, mesmo as dos que são pouco abastados, têm melhor aparência. Internamente o edificio é mais cuidado, mas é extremamente pequeno. Entra-se primeiro num vestíbulo estreito, por onde se vai aos camarotes e à platéia. A sala, muito bonita e com três ordens de camarotes, era iluminada por um belo lustre central e por velas colocadas entre os camarotes; quanto às pinturas do teto, do pano de bôca e das decorações, muitas se viam de melhor gôsto em casas particulares. Na platéia só havia homens, assentados em bancos. Ao centro da segunda ordem de camarotes estava o do general, bem em frente ao palco, camarote estreito e comprido; atingia-se o mesmo por uma espécie de saguão de boa aparência e os ocupantes assentavam-se em cadeiras colocadas dos dois lados. Quando chegámos, o público estava já reunido. O general saudou à direita e à esquerda: nesse instante, as pessoas que se encontra-

vam na platéia levantaram-se, voltando-se para o seu lado. Assentaram-se em seguida, tendo início a representação, mas durante todos os entreatos os assistentes conservavam-se de pé. Foi representada o *Avaro* e uma pequena farça. Os atores eram todos operários, a maior parte mulatos; as atrizes, mulheres públicas. O talento destas últimas corria parilhas com a sua moralidade; dir-se-iam fantoches movidos por um fio. A maior parte dos atores não era também constituída por melhores comediantes, entretanto, não se pode deixar de reconhecer que alguns deles possuíam inclinação para a cena.

Sem contar os portugueses, não era eu o primeiro europeu que visitava São Paulo. A proximidade da costa, a amenidade do clima, a aprazível situação da cidade atraíram mais estrangeiros a São Paulo, do que, realmente, às outras cidades do Brasil que não têm pôrto de mar. JOHN MAWE a visitara antes da chegada do rei D. JOÃO VI ao Brasil; depois dele, WOODFORDT, ricaço inglês, amador de plantas, ao qual se deve o conhecimento da *passiflora racemosa* (375); o conde de PAHLEN, ministro da Rússia; SCHWERTZKOFF, homem amável, conselheiro da mesma côrte; o príncipe TAXIS; SPIX e MARTIUS; OLFERS, então secretário da legação prussiana e depois diretor dos museus de Berlim, etc. Quando eu estava em São Paulo, encontrava-se na cidade vários ingleses e alguns franceses; mas eram todos homens de classe inferior. Entre os primeiros tive, entretanto, o prazer de tornar a encontrar um antigo conhecimento — era Williams Hopkins, criado de WOODFORDT, que êste me tinha recomendado quando de minha passagem por Lisboa, e ao qual o duque de LUXEMBURGO concedeu, a meu pedido, permissão para transportar-se ao Brasil, em minha companhia, a bordo da *Hermione*. Esse homem voltara a São Paulo afim de rever uma mulher que alí conhecera; desposou-a, estabelecendo-se na cidade, com êxito, como funileiro. William (*Guilherme*) e sua mulher julgavam dever-me a felicidade de que gozavam; prestaram-me, com grande zêlo, pequenos serviços e envidaram todos os esforços para testemunhar o seu reconhecimento. Tal sentimento é tão pouco comum, que não devem ser olvidados aqueles que o manifestam. Já disse, noutro ponto, que estando próximo de Mariana (376) me encontrara, numa casa, com um homem que, pela maneira de se expressar, reconheci com um dos discípulos da casa de educação fundada próximo de Lisboa, por D. MARQUET, antigo superior

(375) Essa planta, hoje cultivada em nossas estufas, foi comunicada por WOODFORDT a BROTERO, que a descreveu nas *Transactions of Linnean Society*, XII, t. 6.

(376) V. minha *Voyage dans le District des Diamants* etc., I, 187.

do colégio de Pontlevoy. Tive em São Paulo um encontro mais, ou menos semelhante. Jantando no palácio, encontrei um oficial que falava corretamente o francês; tratava-se, também, de um ex-discípulo de D. MARQUET. Minha educação foi iniciada em Pontlevoy, sendo êsse oficial quasi meu colega. Ao vê-lo, tive recordações da infância e da pátria, sentindo um instante de felicidade, e a fisionomia dêsse homem ficou profundamente gravada em minha memória.

Já se sabe que, à minha chegada a São Paulo, muito me afligira o fato de não encontrar cartas de minha família, tão impacientemente esperadas. Apressei-me em escrever aos meus amigos do Rio de Janeiro, rogando-lhes o envio das que pudessem ter recebido para mim. Cada dez dias, partia um combôio da capital do Brasil para São Paulo. Depois de vinte dias de espera recebi, afinal, um pacote volumoso de cartas da França. Nas mesmas tive notícias, felizes algumas, e detalhes sôbre a perda cruel por mim sofrida ao comêço desta viagem — a da senhora de Salvert, minha muito amada irmã. Os diversos sentimentos que essas notícias despertaram em meu espírito muito me conturbaram; fiquei como que fora de mim. Insurgia-me contra a viagem que tomara a resolução de empreender e, ao mesmo tempo, faltava-me coragem para renunciá-la, ou, melhor dizendo, tinha a coragem de não renunciá-la. Querido como eu era de minha família, faltavam-me fôrças para da mesma me afastar mais ainda, para me afundar, novamente, em regiões quasi deshabitadas, sobretudo com os indivíduos que me acompanhavam; mas difficilmente podia compreender que motivos me levavam a prolongar meu exílio. Recompensas, não esperava; entusiasmo, não mais tinha; o que enlevava a minha imaginação tinha arrefecido ante as longas e fatigantes caminhadas que fiz, percorrendo, sòzinho, em profundo silêncio, as plagas ardentes de Espirito Santo e os extensos desertos de Goiaz e de Minas Gerais. Não creio também que o cuidado pela minha reputação me fizesse agir; arrastava-me uma espécie de teimosia; queria acabar, porque começara; quiçá continuaria, porque muito difficil me parecia acabar.

Estava indeciso, a princípio, se devia ir à província do Rio Grande do Sul, que pretendia visitar, fazendo o trajeto por mar, ou se melhor seria fazê-lo por terra. Por via marítima chegaria mais depressa, mas ficaria privado, por algum tempo, de fazer qualquer observação e estaria, ademais, sujeito ao perigo de ser aprisionado pelos piratas espanhóis, que, como se dizia, tornavam-se cada dia mais audaciosos. Tomei a decisão de viajar por terra.

Quando chegara a São Paulo estava precisando de tudo; mas não me foi difficil adquirir o que necessitava, nas lojas da cidade, em geral bem

providas. Mas não era tudo — as dezoito malas, com as quais viajara na província de Goiaz, estavam completamente cheias, sendo-me necessário obter outras. Desde o primeiro dia de minha chegada, encomendei duas malas a um marceiro (377); a pedido do mesmo, adiantei-lhe dinheiro, mas as malas só ficaram prontas depois de duas semanas, e, provávelmente, não nas teria obtido dentro dêsse espaço de tempo, se meu hospedeiro — o coronel FRANCISCO ALVES — não tivesse ameaçado o marceiro com prisão; êste prometeu continuar a trabalhar para mim; mas, dentro de pouco tempo, veio participar-me que não poderia continuar com o serviço, porque não tinha madeira. O senhor GRELLET, juntamente comigo, dirigiu-se a várias pessoas de nosso conhecimento, e, particularmente, ao *ouvidor*, pedindo-lhes que nos indicassem um marceiro espedito e hábil com o qual se pudesse contar. Essas pessoas nos responderam que havia em São Paulo bons artefices, mas que nenhum havia que trabalhasse com rapidez e fôsse pessoa de palavra. O senhor GRELLET lembrou-se de um artífice então empregado na manufatura de fuzís; conseguimos que o mesmo fôsse dispensado de seu trabalho pelos respectivos chefes. Êsse indivíduo tomou a medida das malas, entretanto, algumas horas após, veio comunicar-me que tinha inútilmente procurado conseguir madeira em tôda a cidade. O coronel FRANCISCO ALVES disse-me que era muito possível estar o mesmo enganado, mas que êle próprio empenharia todos os seus esforços no sentido de conseguir algumas tábuas.

De acôrdo com a opinião geral, constatada, aliás, por mim, penso que em nenhum país os artífices sejam tão preguiçosos e tão pouco exatos no cumprimento de seus tratos e no desempenho dos mesmos com honestidade, como em São Paulo. Não tinham êles, contudo, para desculpa, um esforço excessivo, mas, suas necessidades, como já assinaei, eram de pouca monta, pelo que poderiam satisfazê-las muito fâcilmente, uma vez que os víveres e os aluguéis eram muito módicos. Descendentes, em sua maior parte, dos mamalucos, tinham ademais, conservado tôda a imprevidência da raça indígena, e os recém-vindos adotavam, para logo, os seus costumes. Quando um trabalhador ganhava algumas *patacas* (\$320 — 2 frs.), repousava até que essa importância fôsse consumida. Possuíam apenas os utensílios indispensáveis aos seus trabalhos, e quasi nunca estavam providos do material necessário à execução dos mesmos trabalhos. Assim, era mister fornecer couro ao

(377) Compram-se as malas (*canastras*) duas a duas, porquanto são precisas. necessariamente, duas para carregar cada muar, uma de cada lado. Pelo fato de não haver ainda no Brasil (1816-1822) maleiros prôpriamente ditos, as malas são feitas por marceiros.

correieiro, linha ao alfaiate, madeira ao marceneiro; adiantava-se-lhes dinheiro para a compra desses materiais, mas, quasi sempre, o dinheiro era por êles gasto e a obra não era executada ou executada depois de prolongado tempo. Quem tinha a mínima encomenda a fazer aos artífices era obrigado a fazê-la com muito tempo de antecedência. Suponhamos, por exemplo, que se tratasse de uma obra de marcinaria, era necessário, logo de princípio, recorrer a amigos, para procurar no interior, a madeira indispensável; logo depois fazia-se mister procurar cem e mais vêzes o marceneiro, ameaçá-lo, e, muitíssimas vêzes nada se obtinha. Perguntei a uma pessoa de destaque estabelecida em S. Paulo, como agia quando tinha necessidade de um par de sapatos. — Eu os encomendo — respondeu-me — a vários sapateiros ao mesmo tempo, e entre êles encontro, de ordinário, um que, premido pela falta de dinheiro, resigna-se a cumprir a incumbência. Os officiais da guarda nacional, o próprio *ouvidor*, não obstante todo o poder de que é revestido, nada podiam conseguir contra essa extraordinária apatia.

Contudo, o coronel FRANCISCO ALVES veio anunciar-me que suas buscas não tinham sido infrutíferas, pois descobrira, afinal, um marceneiro que possuía madeira e podia fabricar as malas. Esse homem procurou-me, efetivamente, tomou as medidas e afiançou-me que ia trabalhar; entretanto, muita razão eu tinha para não ser crédulo. Incidentemente, devo observar que, nessa ocasião, os artífices brasileiros, ao menos os do interior do país, não possuíam qualquer medida fixa: serviam-se do primeiro pedaço de madeira à vista, ou, apenas, das próprias mãos; assim, o que executavam era, geralmente, mais longo ou mais curto do que o que lhes fôra encomendado. Deixei transcorrer alguns dias, indo depois à casa do marceneiro que tão belas promessas me fizera; êle, entretanto, disse-me como os outros, que não podia cumprir o prometido. Zanguei-me, tratando-o severamente, mas a minha attitude não produziu sôbre o mesmo qualquer impressão ou efeito. Nessa ocasião, os brasileiros de classe subalterna escutavam, sorrindo, as verdades mais mortificantes, quando proferida por um superior, mas não modificavam, absolutamente, sua conduta.

Nesse mesmo dia, jantei em palácio. Perguntou-me o general quando pretendia partir. Estou encantado — disse-me — de vê-lo ainda aqui; mas estamos na estação das chuvas e se o senhor tardar muito em pôr-se a caminho, encontrará estradas impraticáveis — — Bem o sei — respondi-lhe — e isso me desgosta; mas seus operários não querem, absolutamente, ganhar meu dinheiro. — Contei-lhes em seguida a história das minhas malas, acrescentando que estava quasi resolvido a

não prosseguir na viagem. — Como — interpelou-me o general — há mais de três anos que o senhor se encontra no Brasil e não sabe ainda como proceder! deveria ter se dirigido a mim. — Para assunto tão insignificante — retruquei-lhe — jamais teria ousado importunar o governador de um país tão grande como a França. — O governador, imediatamente, chamou um ajudante de campo, dizendo: — Vá procurar o marceneiro tal, ordenando-lhe que dentro de tantos dias termine as malas encomendadas pelo sr. SAINT-HILAIRE, que as pagará pelo mais elevado preço, a metade adiantadamente, e à porta do mesmo ponha um soldado —. A presença do soldado foi indiferente ao marceneiro, mas servia como uma espécie de lembrete que lhe dizia continuamente: — se não trabalhares serás preso —; e os descendentes dos velhos indígenas, que tanto amavam a independência, temem, mais do que nós, europeus, a privação da liberdade. JOÃO CARLOS D'OEYNHAUSEN conduziu-se, nesta circunstância, com o despotismo repugnante aos nossos costumes, e que não pretendo, decerto, justificar. Entretanto, quando a preguiça tornou-se um vício geral, não é justo que a autoridade pública lance mão de rigor para fazê-la cessar? não é justo que o operário, que também depende dos outros, trabalhe, por sua vez, para os que têm necessidade de seus serviços e se prontificam a pagá-los devidamente?

Aproveitei-me de minha permanência em São Paulo para erborizar no vilarejo de *Nossa Senhora da Penha*, situado a duas léguas da cidade, sôbre uma colina que termina, a leste, a vasta planície a que já me referí. Vista de longe, sua igreja parece cercada de árvores frondosas, limitando o horizonte pitorescamente. Para chegar ao referido vilarejo, segue-se a estrada do Rio de Janeiro, estrada que atravessa a planície e começa, do lado de São Paulo, com uma bela pavimentação de cerca de quatrocentos passos de extensão, através do brejo marginal do Tamandaty. A planície é tôda ela sem acidentes e, como já tive oportunidade de assinalar, apresenta uma encantadora alternativa de pastagens rasteiras e de capões de mato pouco elevados; os habitantes de São Paulo a denominam *vargem*, denominação que se aplica, geralmente, a tôdas as planícies úmidas. Nas partes em que ha mais água, o solo é entremeiado de montículos cobertos de espessos tufo de relva, apresentando o mesmo aspecto das pastagens pantanosas da Sologne. Acredito que, percorrida com atenção em tôdas as estações do ano, a *vargem* proporcionará ao botânico preciosas colheitas; ali encontrei, entre outras, duas espécies cujas formas pertencem à flora européia, e podiam, por momentos, dar-me uma ilusão da pátria, se não fôsse a enorme distân-

cia que da mesma me separava — refiro-me à delicada violeta, que denominei *viola gracilima* e à *utricularia oligosperma*, tão semelhante à *utricularia comum* dos pântanos vizinhos de Paris (378).

O vilarejo de *N. Senhora da Penha*, ou *Penha* simplesmente (379), onde dentro em pouco cheguei, forma uma paróquia que faz parte do distrito de S. Paulo. Do alto da colina que domina êsse vilarejo, abaixo da qual corre o Tietê, descortina-se deliciosa vista — tôda a planície, as montanhas que a cercam, a cidade de São Paulo com seu palácio e seus campanários. O referido vilarejo, pròpriamente dito, compõe-se de um pequeno número de casas; mas, muitas habitações, mais ou menos importantes, e casas de campo (*fazendas, sítios e chácaras*) dele dependem. A igreja, construída ao centro do vilarejo é muito vasta, e, quando avistada da cidade, parece cercada por espêssa mata; mas é isso um efeito da perspectiva que aproxima as matas vizinhas, e da distância, que impede de se perceber as casas. Fiz uma visita ao vigário da Penha, o qual, embora não me conhecesse, recebeu-me muito cordialmente, dando-me várias informações que muito me interessaram. A sua casa era grande, bem mobiliada, e, contudo, os párocos de São Paulo eram, como já tive ocasião de assinalar, muito menos ricos do que os de Minas Gerais.

Na estrada de São Paulo à Penha, encontra-se um grande número de casebres onde estão instaladas *vendias*; mas, ao passo que, na provincia de Minas e em outras regiões os estabelecimentos da espécie ficam abertos a todos os que passam (380), nos existentes nessa estrada a ninguém é permitido entrar na dependência em que se acham os comestíveis e a cachaça; do interior dos mesmos, o proprietário entrega a mercadoria ao comprador, por uma pequena janela aberta para o exterior. Semelhante costume remonta, provàvelmente, aos primeiros tempos da descoberta. Os mercadores deviam, então, naturalmente, tomar precauções contra a gulodice dos indígenas e a rapacidade dos mamaluços, os quais, por certo, não tinham idéias muito justas do teu e do meu, tanto quanto os próprios indígenas.

(378) V. minha obra intitulada *Histoire des Plantes les plus Remarquables du Brèsil*, p. 265, quadro 261, e minha *Voyage dans le District des Diamants etc.*, II, 427.

(379) E não Nossa Senhora das Dores (*Our Lady of Pain*), como escreveu um anglo-americano (KIDD., *Sket.*, I, 253). Não é unicamente na provincia de São Paulo, mas em muitas outras do Brasil, que se encontram paróquias consagradas a *Nossa Senhora da Penha*.

(380) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I.

O distrito de São Paulo é tido como um dos menos férteis da província (381); produz, entretanto, com maior ou menor abundância, arroz, feijão, milho e farinha de mandioca. Produz também chá, pouco café, pequena quantidade de algodão e fumo, muitos legumes e frutas; fabrica-se aguardente de cana de açúcar (*cachaça*); criam-se gado vacum, porcos, muares, carneiros e, sobretudo, cavalos (382). As bananeiras e a cana de açúcar não se desenvolvem bem, devido à elevação do solo e à pouca intensidade do calor médio. Se as habitações muito ricas (*fazendas*) não são tão comuns nesse distrito como na maior parte dos outros, conta-se, ao menos em redor da cidade, um grande número de *chácaras*. Exceto nas proximidades do Rio de Janeiro, poucas vi durante todo o curso de minhas viagens; mas, nos arredores de São Paulo, estão elas disseminadas por todos os lados, contribuindo singularmente para o embelezamento da paisagem. Muitas delas têm grandes cercados, onde se vêem plantações simétricas de caféeiros e áreas, regularmente dispostas, de *laranjeiras*, *jaboticabeiras* e outras árvores frutíferas. Emquanto estive em São Paulo, fiz uma visita ao general de brigada (*brigadeiro*) BAUMAN (383), que residia numa casa de campo situada a meia légua da cidade, para além de Santa Ifigênia. Essa casa, onde cheguei depois de ter passado por um grande número de propriedades cercadas por muros de *taipa* era muito bem tratada. Vi, no pomar, muitos pessegueiros (29 de novembro), cujos frutos tinham o tamanho de um ovo de pomba; vi também, ali, abricoteiros, ameixeiras, macieiras, pereiras, castanheiros e nogueiras, bem como lindas parreiras carregadas de cachos, e outras em plena floração. O proprietário da casa assegurou-me que tôdas essas árvores frutificavam regularmente. Ele cultivava também, em grande quantidade, cravos, papoilas, ervilhas de cheiro (*lathyrus odorans*, L.),

(381) PIZ., *Mem. Hist.*, I, 297. — MILL. e LOP. DE MOUR., *Dic.*, II, 613.

(382) Eis a estatística das produções do distrito de São Paulo, tal como foi comunicada, em relação ao ano de 1838, por DAN, PED. MÜLLER: — 2.197 *canadas de cachaça* ou aguardente de cana de açúcar, 879 arrobas de café, 2.096 alqueires de farinha de mandioca, 4.368 de feijão, 45.583 de milho, 540 arrobas de fumo, 540 arrobas de *algodão em rama*, 191 suínos, 1.617 cavalos, 264 muares, 901 vacas e 494 carneiros (ENSAIO Estatístico, quadro 3). O mesmo autor diz ainda que, em 1838, existiam, no distrito de São Paulo, várias pequenas distilarias de cachaça, três *fazendas*, onde se plantava café, 24 onde se criavam cavalos e gado vacum. Devo acrescentar, para a boa compreensão desta estatística, que, segundo FREYCINET, a *canada* equivale a 1,180 litros; o alqueire a 40 litros e a arroba a 14,785 quilogramas.

(383) Após a proclamação da independência do Brasil, BAUMAN foi nomeado governador militar (*governador das armas*) da província de Goiás; morreu, repentinamente, na capital dessa província, depois de 1826 (RAIMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATOS, *Itinerário*, II, 319, 340).

botões de ouro (*ranunculos acris*, L.) de pétalas dobradas, *escabiosas*, saudades, cravos da Índia etc., plantas que, quando de minha visita, estavam tôdas floridas.

Conheci no Rio de Janeiro o Sr. FROE, que residia na referida cidade e pertencia, como seu tio, o excelente *sargento-mor* ALEXANDRE PEREIRA E CASTRO, à nobre família do corajoso paulista a quem se deve a descoberta de Paracatú (384). Quando dali parti para empreender a viagem cuja narração agora publico, o senhor FROE dera-me uma carta de recomendação para o senhor JOAQUIM ROBERTO DE CARVALHO, rico proprietário, residente em abastada casa de campo (*chácara de Água Branca*), nos arredores de São Paulo. À minha chegada nesta cidade, apresentei-me ao referido senhor, que me recebeu muito atenciosamente, autorizando-me a soltar meus animais em suas pastagens. Cada proprietário de chácara tem o cuidado, efetivamente, de possuir pastagens cercadas por valos, porquanto, nas vizinhanças de uma cidade muito habitada, não seria prudente deixar pastar livremente nos campos os cavalos e animais de carga. A casa do senhor JOAQUIM ROBERTO era construída ao fundo de um grande páteo cercado por uma grade de madeira, pela parte da frente e, dos lados, por muros. A parte residencial só tinha o rez do chão; à frente dos edifícios estendia-se uma *varanda* larga, a qual terminava de um dos lados por linda capela e, do outro, por um pequeno salão. O cercado era bastante grande, vendo-se no mesmo fileiras de laranjeiras, muitos pessegueiros, *pitangueiras* (*eugenia michelii*, LAM), pés de ananás e, sobretudo, prodigiosa quantidade de *jaboticabeiras* (*myrtus cauliflora*, MART). Enquanto permaneci em São Paulo, os frutos das jaboticabeiras estavam em plena maturidade, sendo vendidos nas ruas da cidade. As jaboticabas (385) são as mais saborosas entre tôdas as frutas indígenas do Brasil; são açucaradas sem ser enjoativas, agradavelmente mucilaginosas e de extrema frescura (386). Era também a época da maturação das *pitangas*, as quais, muito inferiores às *jaboticabas*, têm um gosto resinoso, que, de resto, é mais ou menos comum a tôdas as diversas frutas do grupo das *mirtáceas*; são, contudo, excelentes para o preparo de geleas, conservando ainda um pouco de seu sabor primitivo. Cumpre-me observar, nesta oportunidade, que, se a maior parte das frutas co-

(384) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*, I.

(385) E' desnecessário dizer que as *jaboticabas* são os frutos das *jaboticabeiras*, como as *pitangas* o são das *pitangueiras*.

(386) V. minha *Voyage dans le District des Diamants etc.*, I.

mestíveis indígenas do Brasil não são constituídas, como as cultivadas na Europa, pela família das *rosáceas* (JUSS.), pertencem, entretanto, a um grupo muito aproximado daquelas — o das *mirtáceas*.

Durante as minhas idas e vindas de São Paulo aos seus arredores, o marceneiro, ao qual o general tinha encomendado as malas de que eu necessitava, não tardou em me entregar a encomenda. Ocupei-me, então, em fazer os preparativos para a viagem, despedindo-me das diversas pessoas de quem havia recebido finezas, particularmente do general JOÃO CARLOS AUGUSTO D'OEYNHAUSEN. Êste não cessara de me cumular de gentilezas; não só forneceu-me um passaporte geral (*portaria*), no qual concitava as autoridades a prestar-me auxilio, fornecendo-me víveres e cavalos, mas também deu-me carta de recomendação para todos os *capitães-mores* das localidades por onde eu devia passar. Não deixei de apresentar aos respectivos destinatários as cartas de recomendação; mas do passaporte não me utilizei senão em casos raríssimos, de absoluta necessidade.

Levara comigo quatro pessoas — o bom Laruotte, José Mariano, o qual, como já disse, devia ferrar os animais, cuidar das *cangalhas* e caçar e preparar os pássaros; um servidor livre (*camarada*) chamado Manuel, que me foi enviado pelo *capitão-mor* de Jundiáí, e cujas funções consistiam em pegar os muares no pasto, carregá-los e descarregá-los; e, enfim, o indígena Firmiano, encarregado de cozinhar o feijão e de ajudar o camarada Manuel. Já em outro ponto descrevi três destes homens; direi agora algumas palavras sôbre o quarto: — Manuel, negro crioulo e liberto, que cumpria muito bem sua obrigação; mas levava o gôsto pela libertinagem muito mais longe do que todos os camaradas que eu tivera até então, o que basta para revelar o seu temperamento. Apenas chegávamos a qualquer localidade onde eu devesse pernoitar, Manuel prontamente trocava de roupa, vestindo um célebre colete vermelho, destinado, sem dúvida, a realçar a côr negra de sua pele, e partia logo à busca de aventuras, só regressando no dia seguinte, para prosseguimento da viagem. Orgulhoso de sua dignidade de homem livre, tinha o mais profundo desprezo pelos trabalhos considerados como o apanágio dos escravos, motivo pelo qual o botocudo Firmiano, livre de qualquer preconceito de casta, era quem ia buscar água e apanhar a lenha de que necessitávamos. O *nobre* Manuel teve certa ocasião uma disenteria; quando chegamos ao pouso, recomendei-lhe que bebesse água de arroz e saí a erborizar. À minha volta, perguntei-lhe se cumprira minha prescrição. — Não havia água — respondeu-me —. Um regato corria a quatro ou cinco passos do local em que nos encontrávamos, mas Firmiano tinha se ausentado. Tomei de uma cafeteira, enchi-a d'água, que

ofereci ao mesmo. Este ficou profundamente surpreendido; mas duvido bastante que tivesse compreendido a lição. Inteiramente imbuído de incômodos preconceitos, não viu, provávelmente, senão baixeza ou extravagância na ação de um homem branco, indo buscar água para dar a um homem preto. Um dos mais tristes resultados da escravidão é o aviltamento do trabalho.

Como a existência de São Paulo e a de Santos estão essencialmente ligadas uma à outra, podendo se considerar a segunda destas cidades como o pôrto de mar da primeira, muito lamento não a ter visitado. Afim de não deixar uma grande lacuna neste relato, darei aqui alguns detalhes esparsos em diversas obras que não foram traduzidas para o francês, detalhes que submeti ao mais atento exame, mas cuja responsabilidade não assumo inteiramente, como faria se fôssem por mim diretamente colhidos.

Diante da embocadura do rio Cubatão, que desce da serra do Mar, estão situadas, como já disse em outra ocasião, duas ilhas — a de Santo Amaro ou *Guahybé* do lado de leste e a de São Vicente ou *Enguaguaçú* ao ocidente. A primeira, pantanosa, insalubre e apenas povoada, é separada do continente pelo canal pouco navegável, chamado *Barra da Bertioga*, a cuja entrada foi construído outrora um estabelecimento (*armação*) para a pesca da baleia, então muito abundante naquelas paragens. Nada direi sobre o canal de *São Vicente*, situado entre a ilha de igual nome e a terra firme, navegável unicamente por pirogas. Só um dos três canais (387) formados pelas duas ilhas tem verdadeira importância — é o que as separa uma da outra, chamado *Barra Grande*, *Barra do Meio*, *Barra* ou *Rio de Santos*; pode ter cerca de mil passos de extensão e a respectiva entrada é defendida por alguns fortes. Esse canal dá passagem aos maiores navios, que, em seguida, encontram seguro e perfeito abrigo no pôrto de Santos.

A cidade a que esse pôrto pertence, e que recebeu o mesmo nome, está situada ao norte da ilha de São Vicente e encostada a uma montanha isolada, de nome *Monsserrate*, por causa de uma capela na mesma existente, dedicada a Nossa Senhora de Monteserrate. Foi o capitão BRAZ CUBAS, *lugar tenente* do ilustre MARTIM AFONSO, quem fundou Santos (388). Esta cidade adquiriu em pouco tempo uma im-

(387) A geografia da província de São Paulo deve muito a D. P. MÜLLER; não é, porém, em seu *Ensaio Estatístico* que deve ser estudada a posição dos três canais acima referidos. Para se aquilatar do que afirmo, bastará lançar a vista sobre o mapa de VILLIERS DE L'ISLE-ADAM.

(388) JOHN MAWE (*Travels*, 59) diz que Santos, assim como São Paulo, deve sua fundação ao primeiro naufragio ocorrido na ilha de São Vicente. Seria necessário ainda mais sagacidade para decifrar este enigma, do que para encontrar a ilha de Santo Amaro na de *S. Omar*, de que fala o mesmo autor (1. c., 89).

portância comercial considerável, e, entretanto, em 1630, não contava mais do que duzentos habitantes, excluídos, provavelmente, os escravos. Depois dessa época, sua população cresceu de forma muito sensível, pois, em 1838, elevava-se a 5.836 almas, e deve aumentar ainda, porquanto, se é lícito julgar de seu acréscimo no próprio ano de 1838, o número de nascimentos excedeu de muito ao de mortes, e várias casas estrangeiras, afirma KIDDER, estabeleceram-se recentemente ali. Os algarismos que acabo de citar referem-se, bem o sei, a todo o distrito; mas êstes só compreende a vertente oriental da serra do Cubatão, a parte setentrional da ilha de São Vicente e a pequena ilha de Santo Amaro, e, fora da cidade, não há grande número de habitantes. Ademais, afirma-se, é verdade, que a região, baixa, pantanosa e coberta em parte de mangues, é muito insalubre. Contudo, se os algarismos indicados por PEDRO MÜLLER são exatos, e se sôbre 5.836 habitantes havia, realmente, como disse êsse autor, 25 de 80 a 90 anos e 13 de 90 a 100 anos, é muito verossível que a cidade, habitada desde muito tempo, não seja insalubre como seus arredores.

BRAZ CUBAS logo depois de ter fundado Santos, obteve, para a sua nova colônia, o título de *vila*, e, mais tarde, estabeleceu-se ali um *juiz de fora*, encarregado de presidir a câmara municipal e de distribuir justiça em primeira instância. Após o Brasil ter se separado completamente de Portugal, Santos recebeu o título de *cidade*, reservado antigamente ás sedes episcopais. A cidade em aprêço nada tem de notável. Suas casas são construídas de pedra, com paredes de pouca largura; seus edifícios públicos resumem-se à igreja paroquial, algumas capelas, o conventos dos franciscanos, o dos carmelitas, o dos beneditinos, a câmara municipal, a alfândega e o arsenal de marinha. A confraria da Misericórdia, estabelecida pelo fundador da cidade — BRAZ CUBAS —, é a mais antiga de tôdas as congêneres formadas no Brasil; possui a mesma uma igreja e um hospital. Em seguida à expulsão dos jesuítas, a residência dêsses padres foi transformada em hospital militar; recentemente, segundo o dizer de KIDDER, foi construído um palácio destinado ao presidente da província, quando em visita à cidade.

Santos foi o berço de três dos homens mais ilustres do Brasil — JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, ALEXANDRE DE GUSMÃO e o irmão dêste último, BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO. O primeiro — poeta, ilustre sábio, homem de Estado — contribuíu mais poderosamente do que qualquer outro para o advento da independência do Brasil; o segundo foi um diplomata muito hábil, cujas cartas o tornaram célebre; o terceiro, padre secular, irmão do precedente, teve a glória de conceber,

antes dos sábios franceses, a idéia dos aeróstatos, tendo mesmo feito construir um em Lisboa, no ano de 1709 (389).

Cultiva-se a cana de açúcar nos arredores de Santos, mas unicamente para o fabrico de *cachaça*, destinada ao consumo local; cultivam-se, também, o café, em pequena quantidade, um pouco de mandioca e muito arroz (390). Em 1839 existia na própria cidade um engenho de açúcar, o primeiro, talvez, estabelecido no sul do Brasil. Encontram-se em Santos muitíssimos artífices livres, pertencentes, sobretudo, às profissões relacionadas com os serviços de reparos de navios — carpinteiros, serralheiros e calafates. É digno de nota que não há, em nenhuma cidade da província, sem excetuar São Paulo, tantos padeiros como em Santos, o que é devido, provavelmente, à circunstância de alí aportar, constantemente grande número de estrangeiros, que não estão acostumados ao uso da farinha de mandioca.

Os habitantes de Santos dedicam-se, principalmente, ao comércio. Diariamente chegam à cidade várias centenas de muares carregados com produtos vindos do interior, e igual número parte diariamente para São Paulo, transportando mercadorias importadas da Europa e de outras partes do mundo. Em 1836, duzentos e vinte quatro navios de todos os tamanhos entraram no pôrto de Santos; cento e vinte e duas pequenas embarcações construídas nos estaleiros nacionais foram empregadas em a navegação de cabotagem e dezenove navios nacionais e trinta e nove

(389) EMÍLIO JOAQUIM DA SILVA MAIA publicou, numa coletânea intitulada *Revista Trimensal de História* etc. — (segunda série, I, 116) — um elogio de JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA e, anteriormente, o doutor SIGAUD consagrou a esse eminente homem de Estado uma notícia necrológica (*Echo Français*, n. 9). Sua biografia foi, também, traçada por J. M. PEREIRA DA SILVA, no *Plutarco Brasiliense* (II, 112). Esta última obra contém também a biografia de ALEXANDRE DE GUSMÃO, a qual, assim como a de BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO, foi trazida a publico um pouco mais tarde, por JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO, barão de São Leopoldo, numa obra intitulada — *Vida e Feitos de ALEXANDRE DE GUSMÃO e de LOURENÇO BARTOLOMEU DE GUSMÃO*. Vários escritores ingleses, incorrendo em erro por motivo do título de *padre* que se dá, em português, aos sacerdotes seculares, transformaram em monge BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO, mas renderam ao mesmo inteira justiça. Conquanto o autor do artigo *Bartelemi de Gusmão*, inserto na *Biografia Universal* (vol. XIX, pág. 218), tenha-se enganado, dizendo que esse grande brasileiro nasceu em Lisboa e pertencia à companhia de Jesus, reconheceu, entretanto, como os ingleses, ter sido êle o verdadeiro inventor dos aeróstatos, pois assim se expressa: — “Pa-rece certo que se devem ao padre GUSMÃO as primeiras experiências sôbre o balão aerostático, experiências renovadas com tão grande successo sessenta anos depois de “sua morte”. FERDINAND DÉNIS, que possui documentos tão preciosos sôbre a história do Brasil, possui o desenho do aeróstato de BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO, prometendo publicá-lo um dia.

(390) Segundo D. P. MÜLLER (*Ensaio*, quadro 3), foram colhidos, em 1838, no distrito de Santos, 150 arrobas de café, 3.386 alqueires de arroz e 130 alqueires de farinha de mandioca, e foram fabricadas 434 canadas de *cachaça* (V., sôbre o valor dessas medidas, a nota da pág. 202).

estrangeiros fizeram a navegação de longo curso. No exercício financeiro de 1835 a 1836, Santos fez negócios muito importantes com o Rio de Janeiro, tendo importado desta última cidade mercadorias no valor de 1.944:970\$110 (8.456.392 frs. (391); recebeu também diversos artigos de outros nove portos do Brasil. Hamburgo forneceu-lhe ferro em obra e óleo de linhaça; Tarragona, vinho e calçados; Pôrto, ferro em obra, artefatos de ouro, vinho, quinquilharias, tecidos, sal e ceras; Portsmouth, farinha de trigo, sal, pranchas de pinho, velas, alcatrão e bacalhau sêco; as ilhas do Cabo Verde, sal; a Patagônia, sal e drogas; Buenos Aires e Montevidéu, carne sêca, couros, sebo, sabão e peles de animais selvagens; Nova York, farinha de trigo, tecidos, vinho e louças. Desde 1836, Santos começou a negociar com Boston, Cabo da Boa Esperança, Gênova, Trieste e Valparaíso. De todos os centros produtores estrangeiros com os quais comercei de 1835 a 1836, foi Buenos Aires que mais importantes remessas de mercadorias lhe fez (392). Os produtos que Santos habitualmente exporta são, em primeiro lugar, açúcar, depois café, fumo, toucinho e ouro; em menor quantidade, arroz, feijão, farinha de mandioca; em quantidade ainda menores, couros, graxa e cachaça; e, enfim, em quantidade diminuta, chifres de boi, queijos, doces, polvilho, mate, melado e alguns outros artigos sem importância. Suas exportações elevaram-se, em 1835-1836, a 1.714:300\$460 (7.453.610 frs.), e suas importações atingiram a 2.257:025\$794 (9.813.155 frs.); mas cumpre notar que os artigos fornecidos pelo Rio de Janeiro montam nesta soma a cêrca de 9/10, ao passo que os fornecidos pelos demais portos do Brasil montam apenas a 1/22; notar cumpre também que só o açúcar contribui nessas exportações com a elevada soma de 1.180:115\$544, e o café com a de 266:588\$169, e é evidente que não é no Brasil que ficou a maior parte dêsses dois produtos, representados por importâncias tão avultadas.

Têm sido censurados os santistas por não serem hospitaleiros, mas é impossível que, num pôrto onde chegam frequentemente estrangeiros, tal virtude seja praticada, como ocorre nas províncias afastadas, raramente percorridas pelos viajantes. Deve, necessariamente, assim suceder

(391) Fiz a redução do *mil réis* a francos, ao câmbio de \$230 por 1 franco, de acôrdo com a tabela inserta por HORACE SAY em sua *História das Relações Comerciais entre a França e o Brasil*.

(392) JOHN MAWE, que esteve em Santos em 1807, diz (*Travels*, 60) que, então, os habitantes da cidade muito se queixavam dos hispano-americanos, pela má fé com que os mesmos agiam em suas relações comerciais com os brasileiros, usando de todos os subterfúgios, artimanhas e meios dilatatórios para se furtar ao pagamento do que adquiriam. Para evitar tais inconvenientes, os comerciantes de Santos só faziam, com o Rio da Prata, transações mediante pagamentos à vista.

em grande parte do litoral; e, se, algumas vêzes, em certas regiões da costa raramente visitadas, há tão pouca hospitalidade quanto nos portos, é isso devido ao natural apático dos habitantes, cujo sangue mesclou-se com o dos indígenas, e que são congênitamente inervados pelo extremo calor e por alimentação muito pouco substanciosa.

Bem pesado tudo o que acabo de dizer, torna-se claro que à cidade de Santos, pela sua localização, advêm as maiores vantagens, que teria perdido se, à semelhança de alguns pequenos portos da província, não tivesse diretas comunicações com o interior. Para ir do litoral à planície de Piratininga, os portugueses, até 1560, só tinham um perigosíssimo caminho, infestado pelos tamoios, seus fidalgais inimigos. Êstes selvagens se ocultavam nos matos, à direita e à esquerda do caminho, atacando de improviso os viajantes, despojando-os, aprisionando-os e levando-os para seus bárbaros festins. Tocados de compaixão, os jesuítas LUIZ DE GRAM e NÓBREGA resolveram por um fim a essa dolorosa situação, que tanto atemorizava a população branca. Os referidos jesuítas, com mais dois padres seus colegas, tão empreendedores quão industriais, favorecidos pelo governador MEM DE SÁ e auxiliados por indígenas catequizados, abriram, com perigo de vida, um novo caminho, seguindo um traçado isento do perigo de ataques por parte dos selvagens. Os habitantes do planalto e os do litoral puderam, afinal, comunicar-se entre si, sem se expor a horrorosos suplícios, e testemunharam o mais vivo reconhecimento aos padres da companhia de Jesús e ao governador MEM DE SÁ.

É certo, e nem o contrário poderia imaginar-se, que essa estrada em nada se assemelhava às que, atualmente, são abertas, com tanta arte, em meio das mais escarpadas montanhas. O padre VASCONCELOS, que pela mesma passou cem anos depois de sua abertura (1656), afirmou não ter ela passado por qualquer modificação, e assim a descreveu, mostrando como era difícil o seu trajeto e como é admirável a região que atravessa: — “Não é caminhando” — disse o padre VASCONCELOS — “que se faz a maior parte da viagem; é de rastros sôbre as mãos e os pés, agarrando-se às raízes das árvores, em meio de rochedos ponteados e de tão terríveis precipícios, que eu tremia, devo confessá-lo, quando olhava para baixo. A profundidade do vale é aterrorizante, e o número de montanhas que se elevam, umas por cima das outras, faz quasi perder tôda a esperança de chegar ao fim. Quando se acredita estar no cume de uma delas, chega-se ao sopé de outra mais alta ainda. Mas é verdade que, repetidas vêzes, sente-se recompensado das fadigas da ascensão. Quando eu me sentava sobre um rochedo e lançava o olhar para baixo, parecia-me estar olhando do alto do firmamento, e que o

globo encontrava-se abaixo de meus pés; uma vista admirável descorria-se — a terra e o mar, planície, florestas, cadeias de montanhas, numa infinita variedade, constituindo a mais encantadora paisagem que o nosso espírito possa imaginar”.

KIDDER, em 1839, precisamente no momento em que começava a descer a montanha, percebeu, a pouca distância da estrada, quatro pedras deslocadas, semi-enterradas na lama, e, tendo-as feito limpar, leu nas mesmas uma inscrição indicando, com a data de 1790, que a estrada tinha sido aberta no reinado da rainha D. MARIA I, durante o governo do capitão-general BERNARDO JOSÉ DE LORENA (393). Não é admissível que a estrada em aprêço tenha se conservado até o tempo de D. MARIA I tal como a descreveu o padre SIMÃO DE VASCONCELOS; mas, até o reinado dessa soberana, foi necessariamente reparada e posta nas condições em que foi vista posteriormente (394).

A estrada compõem-se de três partes bem distintas: — O espaço não acidentado, compreendido entre a cidade de Santos e a base da montanha — serra do Cubatão (395), antigamente serra da Paranapiacaba — a própria montanha, e, afinal, a parte do planalto que se estende desde esta última até São Paulo.

Outrora, quem pretendesse ir de Santos a São Paulo, fazia-o em barcos, por água, atravessando a baía e entretanto no rio *Cubatão*, estreito curso de água, pantanosa, habitado por jacarés e aves aquáticas,

(393) Eis a inscrição tal como foi comunicada pelo próprio KIDDER (*Sket.*, I, 212):

MARIA I Regina

Neste áno 1790.

OMNIA VINCIT AMOR SUBDITORUM.

Fes se este caminho no felis governo do Illmo. e Excellmo. Bernardo José de Lorena general d'esta capitania.

(394) Lê-se, no útil *Dicionário Geográfico do Brasil* (I, 309), que, no século XVIII, os jesuítas fizeram abrir um caminho, inteiramente calçado, que ia de São Vicente à planície de Piratininga; e que MEM DE SÁ, encantado com a beleza dêsse trabalho, deixou-se dominar pelos padres da companhia de Jesús, e que foi devido a isso que na ocasião ordenou a destruição, para agradar-lhes, da vila de Santo André. É impossível que não tenha ocorrido, nessa passagem, um êrro de copista ou de tipografia; porquanto, pelo que se pode ver na mesma obra (II, 611), a vila de Santo André foi arrasada em 1560 e não no século XVIII; os jesuítas deveram seu prastígio junto a MEM DE SÁ pelos serviços que ao mesmo prestaram em sua expedição contra os tamoios e os franceses; enfim, o padre VASCONCELOS não diz, absolutamente, que a estrada fôsse pavimentada, e, se tivesse sido, o padre FERNÃO CARDIM, em 1585, e, mais tarde, o próprio padre VASCONCELOS, não teriam sido obrigados, para irem a São Paulo, a se arrastarem sôbre as mãos, agarrando-se

(395) Devo observar que não se deve escrever, como MAWE, *Cuberton*.

que serpenteiam, lentamente, através extensos mangues. Depois de um percurso de cêrca de 3 léguas, chegava-se a uma vila onde existia um pôsto alfandegário e que tem o mesmo nome dado ao rio e à montanha (*vila ou arraial do Cubatão*). Dêsse ponto, galgava-se a montanha sôbre oombo de muares; ali, também, descarregavam-se os animais de carga vindos de São Paulo, recolhendo-se em depósitos as mercadorias pelos mesmos trazidas da referida cidade, afim de embarcá-las para Santos, quando a maré tornava-se favorável. Ora, êsse meio de transporte, além de muito dispendioso, ocasionava demoras prejudiciais ao comércio. Afim de dar um remédio a tão graves inconvenientes, foi aberta uma bela estrada, perfeitamente plana, que se prolonga até Santos, por uma espécie de cais construído na baía, com arcos de distância em distância.

Muito perto da vila de Cubatão, começa-se a subir a serra. O caminho que leva ao seu cume é calçado sòlidamente, mas estreito, e, embora formando um “zigue-zague” de 180 ângulos (KIDDER), é tão abrupto, que ùnicamente os pedestres, os cavalos e os muares podem percorrê-lo (396). O referido caminho foi cortado numa espécie de para-peito que a montanha forma, com regatos que, de ambos os lados, precipitam-se em despenhadeiros de grande profundidade (FR. VARNHAGEN). Nalguns lugares, olhando-se para cima, os rochedos para a frente projetados, sôbre os quais a estrada faz mil voltas, semelham uma fortaleza ameaçadora; se se olha para o lado, a vista se perde num espantoso abismo (ESCHWEGE). A altura da serra do Cubatão é calculada, por ESCHWEGE, em 2.320 pés ingleses (706 metros); gasta-se uma hora a uma hora e meia para atingir o planalto. Nesse ponto tudo se transforma; o solo torna-se plano, e “parece”, segundo KIDDER, “com as pradarias esparsas em meio das florestas de carvalhos existentes na Amé-

(396) MAWE elogia, em têrmos pomposos, a construção dessa estrada (*Travels*, 63). — KIDDER à mesma se refere elogiosamente (*Sket.*, I, 212); ESCHWEGE, porém, juiz mais competente, não partilha a opinião dêsses dois autores, lamentando que o dinheiro dispendido com a abertura dêsse caminho não tenha sido empregado na construção de uma estrada praticável por carroças e outros veículos de rodas (*Bras.*, II, 71). De alguns anos para cá foi iniciada a abertura de uma nova estrada, que dêve apresentar essa vantagem, estrada já em parte transitável e que recebeu o nome de *Caminho da Maioridade*, em honra da proclamação antecipada da maioridade do imperador D. PEDRO II (V. os *Relatórios dos Presidentes da Província*, correspondentes aos anos que vão de 1844 a 1847). Foi também projetada uma estrada ligando, dirêtamente, Santos e *Mogí das Cruzes*, vila esta última, de que falei em outra narrativa de minhas viagens, e que está situada a cêrca de 10 léguas N. O. de São Paulo (V. os *Relatórios* acima citados). Qualquer que seja o futuro dessas estradas, a que, ainda em 1847, ligava São Paulo a Santos era horrivelmente mal conservada, a se acreditar no que disse a senhora IDA PFEIFFER — “cheia de buracos, de fossos e de “poças de lama, em que os muares se enterravam, muitas vêzes, até o meio das pernas” (*Frauenfahrt*, I, 115).

rica do Norte". — "O local denominado *Borda do Campo* (limite da região descoberta), já tem", diz ESCHWEGE, "um aspeto mais riscinho... (397). Dêsse ponto ao *Rio das Pedras*, o solo abaixa-se um pouco...; mas, *Ponte Alta*, que vem em seguida, parece ser o ponto mais elevado do planalto". Vários cursos de água são atravessados (398) e passa-se pela planície do *Ipiranga*, onde o imperador D. PEDRO I proclamou a independência do Brasil, e, depois de uma caminhada de cerca de 8 léguas, desde o comêço do planalto, chega-se a São Paulo (399).

(397) ESCHWEGE, que passou por êsse local no fim do ano de 1819, considerou-o uma paróquia (*Bras.*, II, 71); entretanto, ainda não era paróquia em 1839, e, provavelmente, ainda não o seja. O sábio alemão confundiu, certamente, *Borda do Campo* com uma paróquia muito próxima, do lado do oeste — a de *São Bernardo*, dependente do distrito de São Paulo, e situada no mesmo ponto em que existia a antiga vila de Santo André.

(398) "Depois de um percurso de uma légua a partir do Rio das Pedras", diz FR. VARNAGHEN, "chega-se ao *rio Pequeno*, e, $\frac{1}{2}$ légua adiante, encontra-se o *rio Grande*. Esses dois rios, em pouco reunidos, fórmam o *rio dos Pinheiros*, que desagua no Tieté, a duas léguas de São Paulo, do lado do oeste. Os rios Pequeno e Grande comportam a navegação de pequenos barcos, o rio Pinheiros compôrta a de "barcos maiores, e como o Tieté é também navegável nas vizinhanças da cidade e o Tamandatahy, afluente dêste último, permite o tráfego, é claro que se pode ir, por água, do rio Pequeno ao rio Grande, e dêste à capital da província. O trajecto por terra é, em verdade, muito mais curto; mas já se tem servido da via fluvial para o transporte de objetos de grande pêso, tais como canhões e sinos (*Beobachtungen*, in "ESCHWEGE, Journal, II, 245)". Falando dos regatos encontrados no planalto, depois de galgada a serra, MAWE pretende que "todos êles correm do lado sudoeste, a enorme distância das respectivas nascentes, e que, reunidos, formam o grande rio *Corrientes*, que se lança no *La Plata*. *Travels*, 63". A passagem de FRIEDERICH VARNAGHEN, já por mim citada acima, refuta satisfatoriamente tôdas essas asserções. Acrescentarei, apenas, que, se no Brasil pròpriamente dito existem alguns rios denominados *Correntes* ou *Corrente*, nenhum há com o nome de *Corrientes*. MAWE evidentemente, quis se referir ao Paraná, que deságua no *La Plata*, em cuja confluência está situada a cidade espanhola de *Corrientes*.

(399) Padre FERNÃO CARDIM, *Narrativa Epistolar*, 100 — Padre SIMÃO DE VASCONCELOS, *Crônica*, I, 130 e II, 235. — LAET, *Orb. Nov.*, 579. — GASPAR DA MADRE DE DEUS, *Mem. S. Vicente*, 96 e segs. — FRIED. VARNAGHEN, *Beobach.*, in ESCHW., *Jour*, II, 242. — ESCH., *Bras.*, II, 71, 79. — PIZ., *Mem. Hist.*, VIII, 306. — DAN. PED. MÜLLER, *Ensaio*, 10, 68, quadros 12, 14, 15 e 17. — KIDD., *Sket*, 311, 214 e 306. — MILL. e LOP. DE MOURA, *Dic.*, II, 523.

CAPÍTULO VIII

VIAGEM DE SÃO PAULO À CIDADE DE ITÚ

DESCRIÇÃO DA REGIÃO SITUADA ENTRE SÃO PAULO E ÁGUA BRANCA. — COSTUME INCÔMODO PARA OS VIAJANTES. — TRÊS NOTÁVEIS MUDANÇAS DA VEGETAÇÃO EM 18 LÉGUAS. — A VILA DE PINHEIROS; SUA HISTÓRIA. — REFLEXÕES SOBRE OS INDÍGENAS. — FAZENDA DE CARAPICUVA. — SÍTIO DE ITAQUÉ; SEU PROPRIETÁRIO; A OCUPAÇÃO DO MESMO E DOS SEUS VIZINHOS. — REFLEXÕES SOBRE O ABUSIVO COSTUME DE CONSTRUIREM GRANDE NÚMERO DE IGREJAS. — AS PARÓQUIAS MUITO MULTIPLICADAS NOS ARREDORES DE SÃO PAULO. — A FAZENDA DE PUTRIBÚ; O NÚMERO DE NEGROS NECESSÁRIO PARA O CULTIVO DA CANA DE AÇÚCAR. — UMA REGIÃO SOB O TRÓPICO DO CAPRICÓRNIO, APRESENTANDO VEGETAÇÃO SEMELHANTE À QUE SE VÊ SOB 14° DA LATITUDE S. — RAZÃO PELA QUAL, EM UM MESMO ESPAÇO DE TERRAS, A TEMPERATURA VARIA MAIS VEZES DO QUE NA EUROPA. — CHEGADA A ITÚ.

No dia 9 de dezembro de 1819, partí de São Paulo em demanda do Rio Grande do Sul, e comecei por visitar Itú, Pôrto Feliz e Sorocaba, cidades muito próximas umas das outras e pouco afastadas da capital da província. Foi para Itú que me dirigí em primeiro lugar. Existe, informaram-me, um caminho muito melhor do que o por mim percorrido, caminho frequentado quasi que unicamente pelos *tropeiros* e de gado vacum; mas meu amigo JOÃO ROBERTO DE CARVALHO, que me fornecera um pequeno itinerário, tinha-me indicado a rota mais próxima de sua casa de campo — a chácara de Água Branca — onde queria receber-me ainda (400). Entre esta casa e a cidade de Itú, num espaço de 18 léguas, vi o aspeto da região e a respectiva vegetação mudar três vezes. Além de Água Branca o terreno é montanhoso e o campo agradavelmente entremeado de capões de mato pouco elevados e de pastagens.

(400) MANUEL FELISARDO DE SOUSA E MELLO, presidente da província de São Paulo em 1844, disse, em seu relatório à assembléa legislativa da mesma província (p. 26), que a grande estrada (*estrada geral*) de Itú a São Paulo é desprezada pelos tropeiros, porque faz uma volta considerável, motivo pelo qual os mesmos preferem seguir caminhos particulares. Seria conveniente estudar, acrescentou, se não conviria rasgar um caminho que fôsse, em linha reta, encontrar a estrada aberta entre

Mais longe ainda, a região torna-se extremamente montanhosa, entrando-se em grandes matas virgens, com sucessivas *capoeiras* de permeio. Enfim, bem próximo de Itú, tornei a encontrar *campos* inteiramente semelhantes aos que por muito tempo percorri em Minas Gerais e Goiaz. Não me lembro, durante tôda a duração de minhas viagens, de tão grandes diferenças na vegetação primitiva, num espaço de terra tão pouco considerável.

JOAQUIM ROBERTO DE CARVALHO acolheu-me com a sua costumada gentileza; mas, quando o deixei, senti para logo os inconvenientes de uma espécie de uso que jamais pude compreender e que muitas vêzes foi motivo para me lastimar. Quando pernoitava em casa de algum proprietário abastado e que o mesmo me convidava para jantar, eu tinha quasi sempre a certeza de passar fome durante a jornada do dia seguinte; não é porque a comida não fôsse abundante e saborosa, mas, antes de minha partida, cabia-me tomar, como almôço, café, apenas, acompanhado de pequenos biscoitos; ora, tal repasto não deixava de ser um pouco frugal para uma pessoa que ia permanecer cinco horas a cavalo e que só poderia tomar nova refeição à noite. Não acusarei, é certo, de miseráveis os meus hospedeiros, porquanto vi meus camaradas se regalarem com um copioso almôço, ao passo que, provávelmente, para dar-me uma honra que eu dispensaria, só me ofereciam o modesto café. Afim de evitar os inconvenientes de semelhante regime, eu acabava por ir, ocultamente, comer em companhia de meus homens, e, em seguida a essa refeição, o café tornava-se uma sobremesa muito agradável.

Além de Água Branca, tive sempre diante dos olhos, à minha direita, as montanhas do Jaraguá, as quais davam variedade à paisagem, constituída, como já assinalei, por uma encantadora mescla de pastagens e de pequenos capões de mato, nos quais predominam as *mirtáceas*; são encontradas também em abundância — a *terebentácea* chamada *aroeira* (*echinus terebinthifolius*, RAD.), a *composta*, tão comum, denominada

Judaiá e São Paulo (V. acima), e que mais não é do que o projeto de uma nova estrada. Como quer que seja, eis o itinerário que fiz e ao qual junto a avaliação aproximada das distâncias:

	léguas
De S. Paulo à chácara de Água Branca.....	0 $\frac{3}{4}$
De Água Branca a Carapicúva (fazenda).....	3
De Carapicúva a Itaquê (fazendóla)	3
De Itaquê a Piedade (paróquia).....	3 $\frac{1}{2}$
De Piedade a Putribú (engenho de assúcar).....	3
De Putribú ao rancho de Braga.....	3
Do rancho de Braga a Itú (cidade).....	3

alecrim do campo e a pequena árvore, de fôlhas ternárias n.º 1204 bis. Consideráveis espaços de terreno são recobertos pela *barba de bode* (*chaeturis pallens*, var. *y* NEES), gramínea muito desenvolvida, ao passo que em algumas elevações cresce uma erva magra e de pequena altura. As matas ressoam com os pios vibrantes da *araponga* (*casmarinchos nudicollis*), ave que, nas províncias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, só vi nas florestas primitivas. Encontrei, durante o dia, um grande número de muares que, carregados de açúcar, iam de Itú para Santos; encontrei também um enorme rebanho de bois conduzidos da cidade de Curitiba para a capital do país. Isso serve para demonstrar que não me encontrava numa região deserta; entretanto, afora a vila de Pinheiros, não ví senão um pequeno número de casas, e não encontrei plantação. Foi a cêrca de 1/4 de légua da casa de JOAQUIM ROBERTO que passei pela vila a que acabo de me referir, antiga *aldeia* formada outrera por certo número de indígenas da nação guaianaz (401). As casas dessa vila são esparsas e construídas inteiramente como as dos lusos-brasileiros; mas, tôdas são muito pequenas e em mau estado de conservação, algumas foram até completamente abandonadas. A igreja é muito bonita na parte exterior, mas também muito pequena.

Não é lícito acreditar que ainda até presentemente os habitantes da aldeia de Pinheiros sejam todos indivíduos de raça americana perfeitamente pura, porquanto essa aldeia existe a muitíssimos anos. Muito próxima de S. Paulo, seus habitantes mantêm relações frequentes com os brancos e, sobretudo, com os mulatos e negros; assim, a maior parte das pessoas que vi, quer à porta das casas, quer na estrada, acusava evidentes traços do seu sangue mesclado.

É sabido que, quando ANCHIETA lançou os primeiros fundamentos de São Paulo, vários chefes indígenas guaianazes, atraídos pelas virtudes dêsse homem venerável, reuniram-se, com suas tribus, à escassa população da vila em formação (402). Êsses indígenas, entretanto, viam os portugueses, cada vez mais numerosos, apossarem-se de suas terras, razão pela qual abandonaram São Paulo, onde permaneciam

(401) Diz um escritor que a *aldeia dos Pinheiros* tem também o nome de *Carapicuiba*, e um pouco adiante que a mesma chama-se *Carapimiba* (MACH. DE OLIV., *Not. Raciocín.*, in *Revista Trimensal*, seg. ser., I, 211, 212). Não é impossível que o segundo dêsses dois nomes seja devido a um êrro de tipografia, porquanto encontra-se unicamente *Carapicuiba* nas *Memórias* do padre GASPAR DA MADRE DE DEUS. — JOSÉ AROUCHE DE TOLEDO RENDON escreve *Carapicuibe*, ortografia provavelmente mais acertada do que *Carapicuiba*, por ser mais consoante com a pronúncia indígena; afinal, eu próprio, como se verá para diante, detive-me numa *fazenda* denominada *Carapicuva*, situada a cêrca de três léguas de Pinheiros.

(402) GASPAR DA MADRE DE DEUS, *Notícia dos Anos in Revist. Trim.*, II, 432.

desde dilatado número de anos, indo fixar-se (1560) nas duas aldeias que formaram, uma sob a invocação de *Nossa Senhora dos Pinheiros*, a outra, sob a proteção do arcanjo São Miguel. Alguns anos mais tarde, o delegado de LOPO DE SOUSA, donatário da capitania de São Vicente, concedeu aos habitantes de Pinheiros 6 léguas quadradas de terras, na região de Carapicuiwa, e outro tanto, na região do Uruguai, aos de São Miguel (403).

Durante dilatado tempo, os membros da câmara municipal de São Paulo foram encarregados da administração das aldeias de São Miguel, de Nossa Senhora dos Pinheiros, de Guarulhos e de Baruerí; mas, lembrou-se dos indígenas unicamente quando dos mesmos necessitavam para fazer alguma expedição no interior ou levar socorros às províncias do litoral. Os próprios magistrados principais (*ouvidores*) foram os primeiros a ordenar que se tirasse dos infelizes indígenas as terras que lhes pertenciam, para serem arrendadas por conta da câmara municipal. Em época bastante próxima, o administrador geral das aldeias de São Paulo, PEDRO TAQUES DE ALMEIDA, cujo nome merece ser conservado, reclamou contra tal injustiça, conseguindo fazer-se ouvir pela corte de Lisboa, mas a câmara municipal ganhou tempo, e reco-

(403) GASPAS DA MADRE DE DEUS, *Mem. S. Vicente*, 113. — Eis de que maneira se expressa um autor a quem devemos preciosas informações sobre os indígenas de Queluz, de Itapeva e de Grapuava: — “Quando da invasão dos conquistadores, os guaianazes não puderam acompanhar as tribus de sua nação que procuraram, em meio das florestas, um refúgio contra a escravidão e a morte. Os que permaneceram na região, fatigados por trinta anos de uma vida nômade e pelos longos sofrimentos que padeceram, cederam, afinal, ante a força das circunstâncias; dêram a entender que queriam a paz e que submeter-se-iam completamente ao serviço dos brancos, sob a condição, porém, de que viveriam em comum entre si, mas separados daqueles... Foram atendidos. Sabemos, por tradição, que a aldeia dos Pinheiros... foi fundada em 1560.” (MACH. DE OLIV., *Not. Raciocin.*, in *Revist. Trim.*, seg. ser., I, 210). A esse relato penso ser preferível o do paulista D. GASPAS DA MADRE DE DEUS, cujas memórias têm por único fim esclarecer os pontos mais obscuros da história da sua pátria e constituem autoridade sobre o assunto. Todos sabem com que atenção esse consciencioso beneditino entregou-se a suas interessantes pesquisas, e que sagacidade empregou em sua crítica, mostrando-se digno de pertencer à sábia corporação que o admitira como um dos seus membros. — Devo acrescentar que já tive, por momentos, dúvidas sobre a exatidão do nome de LOPO DE SOUSA, que GASPAS DA MADRE DE DEUS dá ao donatário que concedeu terras aos indígenas de Pinheiros e de São Miguel, e não me admirei que, equivocados, como eu, pela semelhança dos nomes e pelo pequeno espaçamento das datas, JOSÉ AROUCHE DE TOLEDO RENDON e JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE OLIVEIRA tenham indicado PERO LOPES DE SOUSA, irmão do ilustre MARTIM AFONSO DE SOUSA, como sendo o donatário em aprêço (*Mem., Adl.*, in *Revist.*, IV, 309; — *Not. Raciocin.*, in *Revist.*, seg. ser., I, 223). Mas, na realidade, não poderia ser assim, pois que PERO LOPES DE SOUSA desapareceu durante uma viagem que empreendeu em 1539, sem que houvesse qualquer notícia, desde então, a seu respeito (GASP. DA MADRE DE DEUS, *Mem.*, 162), e que a concessão ocorreu em 1580.

meçou a se apoderar, como antes, das terras dos indígenas (404). Como os paulistas arrastavam os pobres indígenas em suas expedições longínquas, as aldeias se despovoaram, e os diversos serviços em que os respectivos habitantes eram ocupados, na própria região, por conta do Estado, começaram a se ressentir. Um governador geral do Brasil julgou ter encontrado um meio engenhoso para remediar o mal, isto é, ordenar que as pessoas que se dirigiam ao interior das terras para a caça dos indígenas pagassem um quinto para as aldeias do rei. Semelhante remédio não deu grande resultado; os indígenas, maltratados pelos brancos e mamalucos, fugiam para longe, internando-se nas florestas, e, em 1686, só permaneciam, na aldeia dos Pinheiros, dezesseis indígenas ao todo, homens mulheres e crianças. Quando, pelo começo do século findo, ordenações do governo forçaram os paulistas a libertar seus escravos americanos, as aldeias começaram a ser repovoadas; mas novos vexames acarretaram logo novas deserções. O capitão geral D. LUIZ ANTÔNIO DE SOUSA BOTELHO MOURÃO, que governou São Paulo em 1766, quis melhorar a sorte das aldeias; foram excelentes suas intenções, mas não conhecia êle nem o país, nem os indígenas, nem, mesmo, ao que parece, os homens em geral, porquanto não podia, razoavelmente, ter a ilusão de encontrar, nos administradores que dava aos indígenas, as perfeições que pretendia encontrar nos mesmos administradores. Tendo reconhecido que as terras das aldeias tinham passado, inteiramente, para a mão de extranhos, e que, entre os intrusos, vários não pagavam o foro, quis restituir aos seus legítimos proprietários os bens que lhes pertenciam. Munido dos títulos dominiais de Pinheiros e de São Miguel, deu ordens para que fôsem medidas as *seis léguas em quadra*, que tinham sido concedidas aos guaianazes, primitivos habitantes de cada uma dessas aldeias. Contra qualquer verossimilhança, acreditava o governador que se tinha pretendido conceder aos indígenas uma superfície quadrada, da qual cada lado medisse o comprimento de seis léguas; mas, quando percebeu que as cidades de São Paulo e de Mogí das Cruzes seriam, de acôrdo com tal avaliação, incluídas na área atribuída aos indígenas, não prosseguiu no seu projeto de medição (405). — “Atualmente, escreveu, em 1797, o padre GASPAR DA MADRE DE DEUS, — os infelizes indígenas, descendentes dos antigos donos das terras, não possuíam quasi nada mais; o brancos despojaram-nos da maior parte de suas terras,

(404) J. AROUCHE DE TOLEDO RENDON, *Mem. sôbre as Aldeias da Prov. de S. Paulo in Rev. Trim. de Hist. e Geogr.*, IV, 309. — J. J. MACH. DE OLIV., *Not. Raciocin. in Revist. Trim. de Hist. e Geogr.*, seg. ser., I, 216.

(405) JOSÉ AROUCHE DE TOLEDO RENDON, *Mem. sôbre as Aldeias etc., in Revist. Trim.*, IV, 301, 304, 313 e 314.

embora as áreas que lhes foram concedidas o tivessem sido sob a expressa condição de não causarem qualquer prejuízo aos indígenas” (406). Em 1823, a expolição dos indígenas de Pinheiros estava completamente consumada, e pode ser que o estivesse desde muito tempo antes; intrusos ocupavam tôdas as terras que a êsses infelizes pertenciam. Ganhavam os mesmos a vida trabalhando como jornaleiros; as mulheres fabricavam artefatos de barro (407).

Pelo que acima foi dito, é muito verossímil que não exista mais em Pinheiros um único descendente dos antigos guaianazes; a população dessa aldeia foi várias vezes renovada e algumas vezes foi aniquilada. As leis, no entanto, lhes eram favoráveis, e, além disso, educados por ANCHIETA e seus sucessores, os indígenas de Pinheiros não eram, certamente, mais ignorantes do que aqueles paulistas que executaram feitos tão maravilhosos, mas que não tiveram entre êles ninguém capaz de transmitir à posteridade o relato de tais feitos. Seria crível, se a aldeia de Pinheiros fôsse povoada por europeus — alemães, italianos, suécos, etc. — e que os mesmos tivessem gozado das vantagens concedidas aos indígenas, que se deixassem espoliar e oprimir como êstes últimos? Certamente que não, pois seriam iguais aos portugueses, se aos mesmos não fôsem superiores. Porque tal diferença? Porque os indígenas do litoral, tão favorecidos pela lei, deixam-se tratar atualmente (1819), como o foram outrora os de Pinheiros? Como justificar que, como presenciei, um único espanhol, sem inteligência, completamente ignorante, tiranizasse, nas missões do Uruguai, tôda uma aldeia de indígenas que valiam, cada um individualmente, mais do que êle? E’ que os indígenas, homens como nós, chamados a destino idêntico ao nosso, permanecem sempre crianças. Podem êles, ter inteligência e raciocínio; como as crianças, mas, como estas, não têm providência (408), e a criança que fôsse abandonada sem guia, com um pouco de dinheiro, numa cidade ou mesmo na menor vila, seria, em pouco tempo, completamente despojada. A nossa sociedade é tôda ela baseada sôbre a idéia do futuro e ninguém poderia fazer parte da mesma se afastado dessa idéia. Um dos nossos mais cultos escritores, que não visitou a América, mas que estudou os fatos, sentia perfeitamente essa verdade, quando disse: — “A-pesar-de numerosas analogias de detalhe, parece-me... não ser possível compa-

(406) GASPAR DA MADRE DE DEUS, *Mem., S. Vicente*, 113.

(407) JOSÉ AROUCHE DE TOLEDO RENDON, *Mem., Ald., in Revist.*, IV, 314.

(408) Os pequenos guaranis que levei para a França não podiam compreender o que fôsse amanhã. — E’ preciso deixar isso para amanhã — dizia-se-lhes. — Que é amanhã? — perguntavam êles. — Quando dormires virá o amanhã. — Oh! então haverá outros amanhã.

rar as hordas germânicas que conquistaram a Gália com os selvagens do novo mundo, como fez GUIZOT. Êsses selvagens são aperfeiçoáveis? Nada até o presente parece prová-lo... Se os selvagens que se apossaram do Pará, em 1835, tivessem se apoderado de todo o Brasil, daí nada adviria de semelhante à idade média européia” (409). Os indígenas têm necessidade de tutores; é certo que não lhes será jamais restituído o que perderam; pouco mais cedo, pouco mais tarde, desaparecerão êles da superfície da terra. Mas, enquanto algum existir, as autoridades e os homens de bem deverão protegê-los, da mesma forma porque protegem e amparam o órfão e o menor de idade. Os brasileiros caritativos associaram-se, em várias cidades, para instituir casas de misericórdia, que têm prestado e prestam ainda muitos serviços; porque não se associam com o intuito de patrocinar os indígenas, essas infelizes criaturas indefesas e infantís, que, entretanto, podem se elevar até a acreditar num Criador? O govêrno provincial de São Paulo merece os maiores elogios por ter tido piedade dos indígenas de *Garapicuíba* e *Barueri*. Durante a permanência do imperador D. PEDRO II em São Paulo, os desafortunados indígenas imploraram-lhe a proteção contra as usurpações dos brancos; o presidente da província, no ano de 1847, nomeou-lhes um advogado para a defesa de seus interêsses (410). É de esperar que o mesmo cumpra os seus deveres com tanto zêlo quanto PEDRO TAQUES DE ALMEIDA, e que obtenha melhor êxito do que êste.

A pouca distância da aldeia dos Pinheiros, passei por uma ponte recém-construída sôbre um pequeno rio que tem o mesmo nome da aldeia (*rio dos Pinheiros*) e que deságua no Tietê. Depois de uma caminhada de três léguas, parei na *fazenda de Carapicuva*, uma das que, na região, é denominada *fazenda de criar*, porque na mesma são criados cavalos e gado vacum. Em Carapicuva existe unicamente uma construção, de muito mau aspecto e mal cuidada; mas parece que as terras que a constituem, têm grande extensão. Em meio das mesmas existe uma aldeiola habitada por indígenas e dependente da paróquia de Pinheiros (411),

(409) AMPÈRE, *Hist. de la Littérature de la France avant le XIIe Siècle*, II, 110.

(410) *Discurso pronunciado pelo Presidente MANUEL DA FONSECA LIMA E SILVA no dia 7 de janeiro de 1847.* — O advogado dos indígenas de Carapicuíba e ao mesmo tempo diretor da respectiva aldeia, nomeado em 1846, foi JOAQUIM ANTONIO PINTO JUNIOR. Na mesma ocasião foi nomeado diretor geral dos indígenas da província o coronel JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE OLIVEIRA, cujas idéias filantrópicas fazem ter boas esperanças relativamente à sorte dêsses infelizes.

(411) Os próprios habitantes da região informaram-me que a vila de Pinheiros constituía uma paróquia, e como tal é indicada no excelente mapa denominado *Carta Topográfica da Província de São Paulo*, editado no Rio de Janeiro, em 1847; mas devo dizer que DAN. PEDRO MÜLLER não a considera como paróquia da província, não fazendo mesmo qualquer menção a respeito.

certamente um remanescente do primeiro estabelecimento que os indígenas formaram nesse local. O proprietário de Carapicuva lastimava-se amargamente de que seus vizinhos roubavam-lhe animais. A idéia do teu e do meu, como farei ver em a narração de minha viagem às missões do Uruguai, é uma das que os indígenas apreendem com mais dificuldade; e não é certamente com o exemplo dos brancos, usurpadores de suas propriedades, que os habitantes da paróquia de Pinhieros poderiam compreendê-la. Em Carapicuva e em tôdas as outras *fazendas de criar* das cercanias de São Paulo, só se dá sal às vacas e às éguas uma vez por mês.

As primeiras dão cria desde o mês de agosto até o de janeiro; mas os bezerros que nascem neste último mês são pouco vigorosos e, muitas vêzes, não podem ser criados. Quando as vacas dão cria, os bezerros são trazidos das pastagens e encerrados em um pequeno *curral*, só sendo aproximados das mães, pela manhã e à tarde, tal qual se procede nos arredores de São João del Rei e em outros pontos do Brasil (412). As éguas são divididas por lotes de cêrca de 25, e, como no *sertão* de Minas (413), à frente de cada lote é pôsto um *garranhão*, a que os brasileiros dão o nome de *pastor*. E' o *pastor* que escolhe por si mesmo suas fêmeas, não permitindo que das mesmas se aproximem outros garranhões. As éguas começam a dar cria em julho. São postos as mães e os potrôs em pastagens separadas, e tem-se o cuidado de visitar êstes últimos repetidamente, para desembaraçá-los dos vermes que, de ordinário, se desenvolvem na cicatriz umbelical, para o que é empregado o mercúrio doce em applicações directas.

Entre Carapicuba e a *fazenda Itaquê*, onde pernoitei, a estrada passa quasi sempre por terrenos altos, de onde se descortinam, muitas vêzes, vistas aprazíveis. Ondulações do solo assaz variadas, reunião de capões de mato e pastagens, rochedos, o Tietê que serpenteia ao fundo, algumas casinhas, a capela de Barirí — todo êsse conjunto, visto de diferentes pontos, apresenta lindíssimas paisagens. Nesse dia, passei a vau dois grandes ribeirões que deságuam no Tietê — o *ribeirão da Cutia* e o *ribeirão de Berirí, Barirí* ou *Baruerí* (414), ribeirões cujos nomes são também os das igrejas vizinhas.

(412) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco* etc., I, 67.

(413) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et Minas Gerais*, II, 327.

(414) Segundo FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA, *Baruerí* ou *Barirí* significa o rio da planta chamada *barirí*, que tem flores vermelhas e sementes pretas (*Diário da Viagem*, 57).

Tôda a região que então percorri era antigamente habitada por numerosos indígenas. Foram aniquilados, e as denominações por êles dadas às terras em que moravam são os únicos vestígios que deixaram; assim o fogo, à proporção que avança, consome a erva das savanas. Nossa raça perversa só se utiliza da sua superioridade sôbre as outras raças, para oprimí-las; reduzimos os africanos à escravidão, e em espaço de tempo pouco apreciável, não restarão, provàvelmente, da raça americana, mais do que obscuras lembranças.

O sitio de Itaque (415), onde me detive, é situada à margem dum ribeirão, além do qual eleva-se uma pequena montanha coberta, ao tempo de minha viagem, em parte de milho e em parte de mata virgem. Uma grande capela existe perto da residência do proprietário. Enquanto eu trabalhava, êsse homem, indivíduo de sangue mesclado, veio conversar comigo, dirigindo-me, perguntas frequentemente muito tolas, e notei que evitava responder as perguntas que eu lhe fazia sôbre a região. Perguntei-lhe várias vêzes quanto rendia o milho; acabou por me indicar um número tão baixo, que duvidei de sua informação, e, no mesmo instante, fez-me êle a enumeração dos impostos que pagava e dos serviços que prestava ao Estado, julgando, segundo penso, que eu estivesse encarregado de colhêr informes dos quais pudesse decorrer algum aumento nos impostos.

Êsse digno homem, e vários de seus vizinhos, como êle pouco abonados, só possuíam pastagens, cultivavam apenas para satisfação da subsistência das próprias famílias. Compravam muares que, internados em seus pastos, alugavam aos proprietários dos engenhos de açúcar, ou os empregavam diretamente no transporte de açúcar, sob pagamento prèviamente ajustado. Ao que parece, nunca houve razão de queixa relativamente à probidade das pessoas que exercem esta espécie de ocupação.

A mãe do proprietário de Itaqué foi quem, a-pesar-de muito pobre, fez construir a grande capela existente perto dessa fazenda, e à qual já me referí. Essa senhora, querendo assegurar, tanto quanto possível, a duração da capela, fez, ao morrer, o legado de uma pastagem, para com o seu rendimento garantir a conservação e manutenção da mesma. Construir igrejas era, na época, a obra reputada como de mais agrado a Deus, a que, em tal sentido, sobrepunha-se a tôdas as outras (416). Parece que atualmente não podem ser censurados os brasileiros pelos

(415) Do guaraní itaquí — *pedra de amolar*.

(416) V. minhas *narrações* anteriores.

abusos dessa espécie; é de esperar que êles jamais negligenciem o que é indispensável, substituindo por atos de caridade o que seus antepassados exageravam ou em que os mesmos nem sempre pensavam.

Além de Itaquê, a região torna-se muito montanhosa e a vegetação muda completamente de aspeto, como já assinaliei acima. Essa mistura de pastagens e de capões de mato, que torna tão aprazíveis as paisagens dos arredores de São Paulo, desapareceram. Não se vê mais do que altas matas, onde ressam os cantos da *araponga* e onde os macacos ronca-dores fazem escutar seus roncões parecidos com o ruído que produzem as grandes quedas de água. Nos lugares em que as matas foram derrubadas, há *capoeiras*; mas entre nenhuma delas existem pastagens de permeio. Depois de ter percorrido três e meia léguas desde Itaquê, detive-me numa *venda* situada sôbre uma elevação. Todos os morros vizinhos tinham sido despojados das grandes matas que os cobriam antigamente, e as *capoeiras* que as substituíram não interceptam, absolutamente, a vista. Numa baixada, abaixo da *venda*, vê-se uma pequena igreja rodeada de casebres. Essa igreja é a da paróquia da *Piedade* ou de *Nossa Senhora da Piedade* (417), da qual dependem muitos sítios espalhados pela campanha. Como já tive ocasião de dizer, as paróquias são muito frequentes no país e muitas vêzes compõem-se unicamente de habitações dispersas aqui e acolá. Logo que deixei São Paulo, atravesssei primeiramente a de Pinheiros. Itaquê depende da paróquia de *Cutia* ou *Nossa Senhora de Monserrate de Cutia* e, a pouca distância desta última, atravesssei a de *Piedade*. A paróquia de *Cutia* é dependência do *térmo* de São Paulo; a de *Piedade* pertence ao distrito da pequena vila de *Paranaíba* (418). É em *Piedade* que tem início, dêsse lado, a

(417) PEDRO MÜLLER diz que “o distrito de *Paranaíba* abrange a paróquia de *Arassariguama*”, e acrescenta, algumas linhas abaixo, que no mesmo distrito “está situada a capela de *Nossa Senhora da Piedade* de “*Arassariguama*” (Ensaio, 38). Essa capela seria a pequena igreja que vê, e seria mistér procurar alhures a igreja paroquial de *Arassariguama*? Ou, então, a igreja que encontrei seria a verdadeira paróquia de *Arassariguama* que tivesse sido consagrada a *Nossa Senhora da Piedade*? Penso que devo aceitar o que me foi dito naqueles próprios lugares; mas não quis silenciar as dúvidas que podem decorrer do relato contido no *Ensaio Estatístico*, p. 38.

(418) A vila de *Paranaíba*, chamada também *Parnaíba* ou *Paranaíba* é uma das mais antigas da província de São Paulo, pois foi fundada, em 1625, por MONSANTO, que tomou o título de donatário da mesma. Possui ela uma igreja paroquial dedicada a Sant’Ana e um pequeno convento de Beneditinos, quasi em ruínas. Seu distrito, que confina com os de São Paulo, Jundiá, São Roque e Itú, produz, principalmente, café, cana de açúcar, milho e algodão; existe nele também criações de bovinos e de muares, êstes em grande número e destinados ao transporte dos produtos da Região. Em 1823, PIZARRO acusava 6.559 habitantes para a paróquia de *Paranaíba* unicamente, e, em 1838, MÜLLER indicava apenas 4.196 habitantes para todo o distrito, compreendendo duas paróquias. Se êsses cômputos fôsem exatos, ser-se-ia forçado a admitir uma diminuição de população cuja causa não se poderia precisar (Piz., *Mem. Hist.*, VIII, 300. — MÜLL., quadro 5).

região de cultura da cana de açúcar, a que já me referi em tôda a sua extensão, alhures (419). Entre Piedade e o *rancho de Braga*, numa área de 6 léguas, a estrada, muitas vêzes íngreme e de trânsito difícil, continua a atravessar um terreno montanhoso e coberto de matas. De distância a distância, percebia o Tietê, e depois deixava de vê-lo. Assim, depois de ter percorrido um certo trecho sem vê-lo, tornei a avistá-lo um pouco além da fazenda chamada *Potribú* (420). Nesse ponto o Tietê corre entre montanhas. As matas estendem-se até suas margens, e suas águas parecem de côr enegrecida. Durante algum tempo caminha-se paralelamente ao leito do rio, e ora percebem-se suas águas, ora estão estas ocultas pelas árvores; mas então, o ruído que fazem, correndo em meio dos rochedos, indica ao viajante que não está muito afastado das mesmas.

A pouca distância da fazenda de Potribú, a estrada passa sôbre um morro elevado, de onde se descortina uma vista muito extensa, morro que tem o mesmo nome da fazenda (*morro de Potribú*). O cume dêsse morro é árido, não se vendo nele senão ervas e sub-arbustos, embora todo o resto da região seja recoberto de matas virgens. Em localidades semelhantes é que são encontradas, de ordinário, as plantas de maior variedade, como tive muitos exemplos em Minas Gerais; entretanto, a chuva que caía não permitiu que eu me detivesse para fazer observações. O mau estado do tempo impediu-me de passar além da fazenda de Potribú, onde fui alojado na casa do engenho de açúcar. O meu hospedeiro afirmou-me que as terras de sua propriedade rendem, relativamente ao milho, 300 por 1. Acrescentou mais que a cana, pouco mais ou menos como para os lados de Campinas, produz durante três anos consecutivos; em seguida, deixa-se repousar o terreno. Ao fim de três ou quatro anos, as *capoeiras* já estão de bom tamanho para a derrubada, e são substituídas, novamente, por plantação de cana. Disse-me ainda que, no ano anterior, tinha conseguido, com o trabalho de sete negros, 1.000 arroba (14.7469 quilos) de açúcar; mas que seus escravos em outra cousa não se ocupavam senão na cultura da çana e na fabricação dos respectivos produtos, porquanto, como já disse, calculava-se nessa época, que para produzir mil arrobas de açúcar eram necessários, pelo menos, dez negros, os quais, em verdade, tinham ainda tempo para cultivar bastante milho, feijão e arroz para o consumo da propriedade.

(419) V. acima.

(420) *Potribú* seria um vocábulo híbrido composto do têrmo português *potro*, e do indígena *ibi*, terra, equivalendo pois a — terra ou região dos potros.

Perto de Potribú, as casas tornam-se mais frequentes; mas são maltratadas e têm péssima aparência. Esse engenho de açúcar a que vou me referindo, dependia da paróquia de Piedade. No dia em que ali me detive só caminhara três léguas; no dia seguinte não conseguí vencer maior distância. Alojei-me num rancho muito alto, coberto de telhas e cercado por paredes de terra socada, rancho denominado *rancho de Braga*. Era ainda um dos que tinham sido construídos a espensas do fisco (fazenda real) e que eram designados sob o nome de *ranchos del Rei* (421). O rancho de Braga é situado na paróquia da cidade de Itú, paróquia que tem início um pouco antes de *Pau d'Alho* (nome de uma espécie de arvores), engenho de açúcar muito importante, situado a cerca de uma légua de Potribú. Disse que entre São Paulo e Itú a vegetação muda três vêzes de natureza e de aspeto; um pouco além do rancho de Braga, foi que vi operar-se a terceira mudança. A região tornou-se menos ondulada e a terra de pior qualidade; entrei nos *campos*. A vegetação parecia-me, em seu conjunto, a mesma que a de uma grande parte das regiões desprovidas de matas que por tão grande período de tempo percorri em Goiaz e Minas Gerais (422): são ainda árvores pequenas que se elevam, muito próximas umas das outras, em meio de ervas e sub-arbustos; encontrei, entre outras, uma *gutífera* comum nos campos de São Francisco, *pequís* (*caryocar brasiliense*, AUG. S. HIL., JUSS., CAMB.), *quáleas*, entre outras a de n.º 1244, uma *leguminosa* e até *borúleas* (*brosimum*).

Parecerá extraordinário, à primeira vista, que, encontrando-me sob o trópico do Capricórnio, se me apresentassem quasi que as mesmas plantas existentes aos 14º de latitude; mas, não se deve esquecer de que, a grandes distâncias, a vegetação se reproduz sob a mesma forma, seja no sentido dos meridianos, seja no dos paralelos, quando, além disso, são análogas as condições: a *bétula mana* cresce no Broiker como na Lapônia, e algumas espécies marítimas vegetam, em Auvergne, às margens das fontes de água mineral. Nos *campos* entremeados de árvores raquíticas, do norte de Minas e do Sul de Goiaz, sente-se um calor fortíssimo; o terreno é ondulado e de peor qualidade do que o das matas virgens. Os campos dos arredores de Itú não são montanhosos, a terra é extremamente arenosa; enfim, durante todo o dia 15 de dezembro,

(421) V. mais acima. — Parece, segundo o relatório de um dos presidentes de São Paulo, que a conservação desses *ranchos* não foi abandonada pela administração provincial.

(422) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, vol. II. — V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*, vol. II.

sentí elevado calor, e desde as seis horas da manhã o termômetro marcava 14° R.

Itú, Campinas e Santos são considerados como os lugares mais quentes dos arredores de São Paulo, e me convenci, por experiência própria, de que, relativamente às duas primeiras cidades, tal reputação não é infundada. Muito mais elevada do que Santos, mais elevada mesmo do que Itú e Campinas, como o comprova a direção do Tietê, a capital da província deve, necessariamente, gozar de um clima mais temperado do que as três referidas cidades; entretanto, fazendo mesmo abstração da região em que se encontram altas montanhas, pareceu-me que, no Brasil, em geral, a temperatura varia muito mais, dentro de pequena distância, do que nas partes planas, ou quasi planas, de nossa Europa; o que é devido, sem dúvida, às desigualdades do terreno, à diferença entre as matas virgens e os *campos*, enfim, às diferenças do solo, que devem ser muito mais sensíveis, numa região quasi nova ainda, do que nos países onde uma longa cultura modificou a natureza do solo, dando-lhe uma espécie de uniformidade.

Antes de chegar a Itú, dára ordem a José Mariano para ir à frente, afim de apresentar minha *portaria* ao *capitão-mor*, para que êste houvesse por bem proporcionar-me um alojamento. Pouco tempo após, vi regressar meu mensageiro, que me disse ter sido muito bem acolhido e que já estava preparada uma casa para me receber. Apenas minhas malas foram descarregadas, recebi a visita dum capitão da guarda nacional (*milícia*), enviado pelo capitão-mor para me cumprimentar e perguntar-me se tinha necessidade de alguma coisa. Quando as plantas recolhidas durante o dia foram por mim analisadas, saí com o capitão a fazer um passeio pela cidade e ver o que a mesma possuía de mais notável; fiz também uma visita ao capitão-mor, que me cumulou de gentilezas já fora de uso desde muito tempo, ao norte da Europa, mas a que os portugueses ainda não haviam renunciado. O *ouvidor da comarca*, ao qual também visitei, recebeu-me muito bem; encontrei-o mais tarde em Sorocaba, onde continuou a dispensar-me atenciosas gentilezas.

CAPÍTULO IX

A CIDADE DE ITÚ — A DE PÔRTO FELIZ — A NAVEGAÇÃO DO TIETÊ

HISTÓRIA DA CIDADE DE ITÚ. — A POPULAÇÃO DA COMARCA DE QUE É SEDE. — A DE SEU DISTRITO. — DESCRIÇÃO DESTA CIDADE; RUAS; CASAS; IGREJAS; CONVENTOS; CAMARA MUNICIPAL; HOSPITAL; LOJAS; O LOCAL ONDE SE VENDEM COMESTÍVEIS. — PRODUÇÃO DOS ARREDORES DE ITÚ; ENGENHOS DE AÇÚCAR. — A CASCATA. — VENDA DE CARACATINGA; MESTIÇOS. — SÊCA. — DESCRIÇÃO DA CIDADE DE PORTO FELIZ; SUA LOCALIZAÇÃO; SUAS RUAS; SUAS CASAS; SUA IGREJA. — ROTA DE PÔRTO FELIZ A CUIABÁ, PELOS RIOS; O CAMINHO ATUAL; O PÔRTO DE PÔRTO FELIZ. — OS ENGENHOS DE AÇÚCAR DOS ARREDORES DESTA CIDADE. — A POPULAÇÃO DE SEU DISTRITO.

Itú, considerada uma das cidades mais antigas e das mais importantes da província, está situada junto ao ribeirão *Caracatinga* (423), 18 léguas de São Paulo, uma de Tietê, 5 de Pôrto Feliz, aos 23° 28 de latitude S. e aos 330° 25' 10" a partir do primeiro meridiano da ilha do Ferro (424).

A palavra Itú, originária da língua dos indígenas, significa cascata, que d'água. Foi inicialmente adotada para nome da cidade, por causa de uma notável queda d'água que o Tietê forma em sua vizinhança (425).

(423) A palavra *caratinga* designa uma espécie de *cará* (o inhame dos colonos franceses, *dioscoréa* dos botânicos). — MÜLLER escreve *Caiacatinga*.

(424) Essas posições anotadas por PIZARRO, parecem ter sido determinadas pelos padres da companhia de Jesús (*Mem. Hist.*, VIII, 262, 300). Há, entretanto, alguma diferença com o que a respeito ESCHWEGE indica para a latitude, a saber 23° 27' 2", cuja determinação é devida, diz esse autor, aos jesuítas DIOGO SOARES e DOMINGOS CAPACI, dos quais já falei noutro ponto (V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco*, etc., vol. II, 67).

(425) Tem-se escrito *Itú*, *Hyttú*, *Hitú*, *Ytú* e *Ig-Tù*. Devia-se grafar *Itú*, em conformidade com a pronúncia atual, pronúncia que tal ortografia retrata perfeitamente; mas procurou-se aproximação da etimologia indígena e alguns embaraços surgiram, porque a pronúncia da palavra primitiva não tem equivalente na língua portuguesa. No termo *yg* (água) e em todos os vocábulos em que há um

Antes mesmo dos europeus terem tomado posse da ilha de São Vicente, o local em que Itú se eleva agora era ocupado por uma tribo de indígenas guaianazes. Foram êsses indigenas do número dos que acorreram em defesa do país (1530), quando souberam que MARTIM AFONSO DE SOUSA quis da mesma se apoderar; mas, vendo que o chefe de tôdas as tribus guaianazes, o grande TEBIREÇA, tinha feito aliança com o capitão português, retiraram-se para a selva (426). Atraídos, um pouco mais tarde, pelo amor que ANCHIETA e seus companheiros demonstravam pelos homens de sua raça, os indígenas de Itú, conduzidos pelo seu cacique, reuniram-se à colônia que os jesuítas acabavam de fundar sob o nome de São Paulo de Piratininga. Foi possivelmente nessa ocasião que alguns portugueses ou mamalucos começaram a fixar-se em Itú; os primeiros habitantes da localidade foram aniquilados ou dispersados, e, desde 1654, a antiga aldeia tornou-se uma vila portuguesa (427). Em 1811, Itú foi elevada a sede de uma comarca que abrangia *Mogè-Mirim, Campinas, Pôrto Feliz, Sorocaba, Itapeva, Itapetininga, Apiaí*. Quando

som pouco mais ou menos semelhante a se fazer sentir perfeitamente, “êsse som, diz o padre ARAUJO, forma-se na garganta, dobrando a língua, inclinando a ponta da mesma e expelindo o ar para diante, fim de formar uma espécie de intermediário entre as vogais *i* e *u*, que não é nem uma nem outra e parece compreender ambas (*Advertências in Dic. Port. e Bras. iii*)”. Esta pronúncia, que se aproxima de certo modo da sílaba *ig* dos alemães, tinha sido assinalada, a princípio, por um *i* compreendido entre dois pontos colocados um acima e outro abaixo da letra; por sua vez, o padre RUIZ DE MONTROYA empregou, para exprimi-la, um *i* coroado pelo sinal que, em latim, indica os *ii*; mas, de acôrdo com as regras, bem fundamentadas do padre ARAÚJO, dever-se-ia escrever *y* como correspondente de água, e, assim, *ytú* por cascata, se desde dilatado tempo os lusos-brasileiros não houvessem, geralmente, consagrado a sílaba *hy* para representar, nos nomes compostos, o vocábulo que, entre os indígenas, significava — água, rio; ex.: *Jundiahy, Jacarehy, Apiahy*, etc. Já que nessas palavras admitimos *hy*, é claro que, para ser coerentes, devemos escrever *Hytú*, porque ninguém, certamente, pretenderá que a ortografia de uma palavra deva variar, nas suas compostas, segundo se encontre ao princípio ou ao fim das mesmas; o vocábulo alemão *milch* (leite), por exemplo, é escrito de idêntica forma em *milch-brau*, (leiteira), e *butte-milch* (manteiga de leite). Não é possível crêr, de certo, que, em todos os nomes próprios atuais terminados por *i*, tal determinação indique sempre as palavras *água* ou *rio*, e que êsse som deva constantemente ser tomado por *hy*. Sem falar dos verbos, a letra *i*, ao fim dos substantivos, modifica-lhes o sentido e parece ser um diminutivo, como o provam os exemplos apresentados pelo padre LUIZ FIGUEIRA (*Arte da Gramática da Língua Geral*, 4.^a edic., 97); *comandá*, fava; *comandai*, fava pequena; *pitanga*, menino; *pitangai*, menino pequeno. Não teríamos nenhuma dúvida sôbre as etimologias dêsse gênero, se os portugueses, adotando as palavras indígenas, tivessem cuidado de acentuá-las de acôrdo com as regras adotadas pelos jesuítas; mas, como assim não ocorreu, é impossível que alguns erros não escapem aos atuais etimólogos, por mais atentos que sejam. Daí creio que se deve concluir que a palavra *Pitanguí*, designativa de uma cidade de Minas, não quer dizer o *rio dos meninos*, mas o *menino pequeno*.

(426) GASPAR DA MADRE DE DEUS, *Noticia etc., in Revist. Trim., II, 426*.

(427) Essa data foi indicada a um tempo por PIZRRO, SPIX e MARTIUS e D. P. MÜLLER; se se encontra 1584 no *Dicionário Geográfico do Brasil*, deve-se atribuir o fato a um erro de impressão.

da nova divisão da província de São Paulo em 6 comarcas (1833), Itú tornou-se sede da 4.^a comarca; a assembléa provincial a elevou a cidade, e o imperador D. PEDRO I deu-lhe o título de *fidelíssima* (428). Em 1839, a 4.^a comarca compreendia, além da sua sede, 9 cidades — *Pôrto Feliz, Sorocaba, Itapeva, Itapetininga, Apiáí*, e 4 outras de criação nova, a saber — *Capivari, Constituição, Araraquara e São Roque* (429); a partir dessa época, aldeias foram ainda erigidas em cidades, e às que acabamos de nomear é mister acrescentar mais estas — *Pirapora, Limeira, São João do Ribeirão Claro e Tatuí*; o que perfaz ao todo 13 cidades, compreendendo juntas 27 paróquias (430). Desde muito tempo a história de Itú, intimamente ligada à do resto da província, nada apresenta que mereça ser mencionado de modo particular; entretanto, diremos que não obstante seu título de fidelíssima, foi essa cidade uma das primeiras a tomar parte na revolução que explodiu aos 17 de maio de 1842, contra o govêrno central, revolução que foi em pouco tempo debelada pelos numerosos amigos da ordem pública (431).

Quando a província de São Paulo compreendia apenas três comarcas, a população da comarca de Itú, segundo o quadro remetido a ESCHWEGE pelo ministro de Estado conde da BARCA, tinha, no ano de 1813, a seguinte população (432):

<i>Branços</i>			
Homens	12.795	}	
Mulheres	13.725	}	672
<i>Mulatos e Mulatas Livres</i>			
Mulatos	5.641	}	
Mulatas	5.162	}	10.803
<i>Negros e Negras Livres</i>			
Negros	336	}	
Negras	336	}	10.672

(428) MILL e LOP. DE MOURA, *Dic.*, I, 504.

(429) D. P. MÜLLER, *Ens. Est.*

(430) *Mapa Topográfico da Província de São Paulo*, 184.

(431) *Discurso Proferido pelo Presidente JOSÉ CARLOS PEREIRA D'ALMEIDA TÔRRES, em janeiro de 1843*, p. 3.

(432) *Journ. von Bras.*, II, quadro I.

Mulatos e Mulatas Escravos

Mulatos	947	}	1.915
Mulatas	968			

Negros e Negras Escravos

Negros	6.266	}	10.462
Negras	4.196			

Total 50.372

Em 1839, depois de terem sido separados os distritos de Campinas e de Mogi-Mirim da comarca de Itú, o número de habitantes desta última era representado pelo total e parcelas abaixo:

Branços

Homens	18.943	}	38.721
Mulheres	19.778			

Mulatos e Mulatas Livres

Mulatos	5.411	}	11.553
Mulatas	6.142			

Negros e Negras Livres

Negros crioulos	667	}	1.337	}	1.522
Negras crioulas	670					
Africanos	108	}	185			
Africanas	77					

Mulatos e Mulatas Escravos

Mulatos	958	}	2.010
Mulatas	1.052			

Negros e Negras Escravos

Negros crioulos	4.053	}	8.029	}	19.633
Negras crioulas	3.976					
Africanos	7.358	}	11.604			
Africanas	4.246					

Indígenas 14

Total 73.453 (433).

A comparação entre êsses dois quadros leva a considerações assaz curiosas: 1.º) A-pesar-da retirada dos distritos de Campinas e de Mogí-Mirim, a população da comarca de Itú augmentou, em 25 anos, de cêrca da metade do número primitivo, e, como o número de habitantes dos distritos desmembrados es elevava, em 1838, a 12.574, claro é que, se não tivesse ocorrido o desmembramento, o aumento teria sido de cêrca de 7 décimos. O têrmo médio anual do aumento seria, para a atual comarca de Itú, e mais os distritos de Mogí-Mirim e Campinas, de 14.265, ou, se melhor se julgar, de $1/35$ do número primitivo, desprezando a fração; e, se, por consequência, admitirmos, por um momento, a ausência de qualquer causa de perturbação, 35 anos bastariam para fazer dobrar a população, mesmo que o seu crescimento não se efetuasse, como é natural, em progressão ascendente. Em França, ao contrário, seriam necessários, pelo menos, 139 anos para que a população atingisse o dôbro do que era em 1846, supondo-se que o seu crescimento se mantivesse tal como ocorreu nesse mesmo ano (434); consequentemente, o aumento da população francesa estaria para o da comarca de Itú, como 1 para 3,97 (435). 2.º) O número de indivíduos livres estava para o de escravos, em 1813, como 3 para 1, o que se explica pelo extenso desenvolvimento tomado pela cultura da cana de açúcar, para a qual empregam-se muitos escravos. 3.º) Como em França, o número de homens é, na comarca de Itú, inferior ao de mulheres; mas parecia que a igualdade tendia a estabelecer-se, assim como na França (436), porque muito menor era a diferença em 1838 do que em 1813. E' evidente que tratamos aquí unicamente dos brancos e das brancas, porquanto as alforrias, as importações de escravos, a necessidade de maior número de negros do que de negras e o estado dos costumes produzem, nas outras castas, múltiplas perturbações. 4.º) O número de mulatos e mulatas livres ficou muito longe de alcançar o aumento do dos brancos; o primeiros são, geralmente, pobres, casando-se menos, portanto, do que os indivíduos de nossa raça; demais, os mulatos se empregam, frequentemente, como *camaradas*, seguindo para longe com as caravanas; um grande número de mulatas entrega-se à prostituição. Terminando essas observações, devo repetir que os mestiços de brancos com indígenas,

(434) *Annuaire Long.*, 1846, 139.

(435) Lê-se na *Carta Topográfica de São Paulo*, publicada no Rio de Janeiro, em 1847, que a população da comarca de Itú eleva-se, atualmente, a mais de 100.000 almas. Se tal número é exato, a realidade teria ido além do cálculo que acabo de fazer, pois que, a-pesar-do desmembramento dos distritos de Campinas e Mogí-Mirim, a comarca de Itú teria visto dobrar sua população, em trinta e cinco anos.

(436) *Annuaire Long.*, 1846, 139.

muito numerosos nas partes setentrionais da província de S. Paulo, são, em Itú, considerados como brancos de raça pura (437) e confundidos, entre tôda a população, com os verdadeiros brancos, dos quaes não é, realmente, sempre fácil distinguí-los. Em relação à população do distrito de Itú, isolado de todos os que, com êle, formam a comarca de que é sede, possuímos os dois seguintes quadros:

1815

Branco de ambos os sexos	3.076	} 3.836 pessoas livres
Mulatos livres de ambos os sexos	621	
Negros " " " " "	139	
Mulatos escravos de ambos os sexos	287	
Negros " " " " "	2.914	
Total	7.037	habitantes.

1838

Branco de ambos os sexos	4.966	} 6.532 indivs. livres.
Mulatos livres de ambos os sexos	1.055	
Negros " " " " "	511	} 4.714 escravos
Mulatos escravos de ambos os sexos	199	
Negros " " " " "	4.510	
Indígenas	5	
Total	11.246	almas (439).

Basta comparar êsses dois quadros com os que indicam o número de tôda a população da comarca, para concluir que o distrito de Itú é dos em que existe maior quantidade de engenhos de açúcar; efetivamente, sabemos que é sobretudo nas explorações dêsse produto que se empregam escravos negros, e, guardada a proporção, muito mais negros escravos encontramos no distrito de Itú, isoladamente, do que em todos os outros distritos resumidos. Essa conclusão, tirada *a priori* de um único fato, conforma-se inteiramente com a verdade; porquanto, em 1839, existiam 98 engenhos de açúcar no distrito de Itú, apenas. Constituição que, em seguida possuía mais, tinha apenas 78, Araraquara um e São Roque nenhum.

(437) "Há indígenas, diz JOSÉ AROUCHE DE TOLEDO RENDON, que são considerados como brancos, porque os cruzamentos fizeram esquecer sua origem. Tais são muitas famílias novas, de recente genealogia. *Memória sobre as aldeias etc.*, in *Revist. Trim.*, vol. IV, 299).

(438) Êsses dois quadros foram extraídos, o primeiro, do grande quadro geral de SPIX e MARTIUS para 1815 (*Reise*, I, 238, 9); o segundo, da obra de D. P. MÜLLER, *Ensaio Esta.*, cont. do ap. do quadro 5).

Na ocasião de minha viagem, e mesmo pelos fins de 1820 (439), o distrito de Itú só compreendia uma paróquia — a da própria cidade de Itú; em 1838, três mais foram criadas — as de *Cabriúva*, *Indaiatuba* e *Capivarí de Cima*; (440) desde essa época, enfim, uma outra foi criada, a de *Água Choca* (441).

Já dei notícia, embora de forma aproximada, da população da *comarca* de Itú, e da do distrito do qual esta cidade é a sede; seria, porém, mais difícil indicar de maneira precisa a desta última em particular. Em Itú, de fato, como aconteçe em muitíssimas vilas e pequenas cidades de Goiás e de Minas Gerais (442): grande número de casas pertencentes a *senhores de engenhos de açúcar*, os quaes só vêm à cidade aos domingos, afim de *ouvir missa*, não se podendo mesmo, em rigor, computá-los como elementos constituintes da população. Quanto à população permanente, composta na maioria por comerciantes e artifices, era calculada, ao fim do ano de 1819, em 1.000 ou 1.200 almas (443).

O terreno que cerca a cidade de Itú é ondulado; matas virgens cobriram-no, provàvelmente, outrora; atualmente só se vêem alí *capoeiras* e matas pouco elevadas. Quanto ao solo em que foi levantada a cidade, oferece apenas ligeiros acidentes. A cidade é estreita e muito alongada, compondo-se de algumas ruas paralelas, de pouca largura, mas bem alinhadas, que cortam outras ruas estreitas, em geral, e marginadas por muros de jardins. Nas ruas principais, a frente das casas é calçada com largas pedras lisas e compactas; as demais não são calçadas, pelo que os transeuntes afundam os pés na areia do respectivo leito. As casas são pintadas de branco e, em sua maioria, construídas de taipa; algumas, que podem passar por belas, têm um andar além do rez do chão; o maior número delas, porém, é constituído por construções pequenas, baixas e de muito má aparência. Tôdas possuem um *quintal*, mais ou menos vasto, onde se encontram as árvores que os habitantes de

(439) *Jorn. von Brasilien*, I, 69.

(440) D. P. MÜLLER, *Ensaio Estatístico*, quadro 18.

(441) Encontrei esta última indicação, no mapa denominado *Carta Topográfica da Província de São Paulo, 1847*. MÜLLER diz que a paróquia de *Capivarí de Cima* tinha, em 1838, também o nome de *Água Chóca*; necessariamente foram à mesma dados êsses dois nomes, porque, então, ela compreendia as duas vilas; mas se o mapa acima citado é exato, e nenhuma razão tenho para duvidar de sua exatidão, criaram depois uma paróquia de cada uma delas.

(442) V. minhas *narrações* anteriores.

(443) Lê-se, no *Dicionário Geográfico do Brasil*, II, 305, que a população de Itú se eleva a mais de 10.000 almas; é evidente que a de todo o distrito deve ser aplicado êsse cômputo.

Minas costumam plantar nessas espécies de jardins (444). Vêem-se em Itú várias pequenas praças; mas a em que está edificada a igreja paroquial é a única um pouco mais notável. Essa igreja, dedicada a *Nossa Senhora da Candelária*, ocupa um dos pequenos lados da praça, que tem a figura de um longo quadrilátero; é ornada com gôsto e tratada com extrema limpeza, apresentando a majestade que convem a um edificio consagrado ao culto divino. Pode medir cêrca de 37 passos de cumprimento, desde a *capela-mór* até a porta da entrada (445). De cada lado da nave, estão situados dois altares, e mais dois outros, colocados obliquamente, segundo é uso, à entrada da capela-mór. Êstes dois ultimos e o da referida capela são adornados com colunas torcidas, muito bem feitas e cuidadosamente doiradas. O teto da capela-mor é ornado com pinturas que demonstram ter o autor das mesmas nascido com pendores artísticos naturais, e que para ser um verdadeiro artista só lhe faltou o auxílio de bons modelos. Não se pode deixar de lastimar que uma igreja tão bela como a da Candelária não tenha campanário, que não esteja situada no centro da praça em que foi construída e que a nave não tenha teto.

Além da egreja paroquial, possúe Itú mais oito edificios consagrados ao serviço divino. Os principais são a igreja dos Carmelitas, da qual dentro em pouco falarei, e a de *Nossa Senhora do Patrocínio*. E' esta a mais linda de tôdas. Na ocasião de minha viagem, acabava a mesma de ser decorada, serviço que foi executado com gôsto. Tudo alí respirava frescura e extrema limpeza. A nave é constituída por um único plano, e, em divergência com a das outras igrejas, não tem grades dos lados (446). Duas filas de poltronas guarnecem a capela-mor, novidade que ainda não vira em nenhuma parte. Acima do altar-mor eleva-se uma

(444) V. minhas *narrações* anteriores.

(445) Eis o que já disse noutro ponto sôbre a capela-mor: "nenhuma igreja apresenta planos inferiores. O santuário não é como entre nós, em continuidade com o resto da nave; assim, a denominação portugueza *capela-mor* indica uma verdadeira capela distinta da nave, menos elevada e, sobretudo, mais estreita do que ela. Afim de mascarar os ângulos que de cada lado resultam naturalmente da diferença de largura entre a nave e a capela-mor, existe à direita e à esquerda, um altar colocado obliquamente" (v. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I, 120). "Êsse gênero de construção, muito menos majestoso do que o adotado na maioria de nossas igrejas, é, todavia, encontrado nalgumas regiões da França".

(446) Eis o que se nota nas outras igrejas: "Tôdas são assoalhadas e, dos dois lados da nave, numa largura de cinco a seis pés, o assoalho é mais elevado, de cêrca de nove polegadas, do que no resto da igreja. Êsse espaço assim proeminente é separado do meio da nave por um gradil..., o qual, prolongado paralelamente até o altar-mor, separa ainda o santuário da nave" (V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, II, 121).

pirâmide formada por dez fileiras de degraus e terminada por uma figura doirada, que representa o cordeiro pascual. Sobre os degraus dessa pirâmide, estão colocados, segundo o uso, candelabros doirados, os quais, muito próximos entre si, devem produzir bellissimo efeito, quando acesos, o que só se pratica nos dias de grande festividade.

Numa das extremidades da cidade está o convento dos Carmelitas Calçados, e em outra o dos Franciscanos. Este último é um grande edificio de um só andar; sua igreja é, entretanto, muito pequena. Foi fundada no ano de 1704.

O convento dos Carmelitas, que data de 1719 (447), é subordinado ao do Rio de Janeiro. Possui terras arrendadas e uma fazenda; mas esta, na ocasião de minha viagem, era muito mal administrada, e havia fundados temores de que, dentro em pouco, perdesse muito de seu valor. Nessa mesma época não existia mais espírito de corporação entre os religiosos brasileiros; cada um, nos conventos, vivia para si, e nenhum pensava no futuro; os referidos religiosos cederam à influência enervadora do clima e imitavam frequentemente os leigos aos quais deviam dar exemplos e orientar (448). O estado de monge caíu em grande descrédito, evidentemente, porquanto no Brasil, onde o mesmo não obrigava mais a qualquer dever penoso e onde a ociosidade tem tanto encantos, evitava-se abraçá-lo. Deus me livre, contudo, que eu proponha a destruição dos mosteiros ainda existentes no Brasil! Não ignoro quantos e quão valiosos serviços prestaram as ordens monásticas nas diversas partes do globo, e sei quantos ainda poderão prestar. Se se aniquilassem tôdas as instituições humanas em que abusos foram cometidos, nada restaria de pé sobre a terra, e, após ser tudo detruído, seria mister mais destruir ainda. O jardineiro a quem se confia o cuidado de uma árvore frutífera, por longo tempo desprezada, não a arranca, poda-a, fazendo-a retomar a direção primitiva.

Como quer que seja, fui muito bem recebido pelo prior dos Carmelitas, o único religioso existente no convento (449), o qual mostrou-me sua igreja com muita complacência. Essa igreja é muito bonita e extremamente limpa, mas não tem a majestade da Candelária e é, talvez, muito clara para um edificio religioso. De cada lado da nave estão situados três altares, elevando-se sobre cada um deles uma grande estátua

(447) A data da fundação desses dois conventos foi colhida em D. P. MÜLLER.

(448) V. minha *Voyage dans le District des Diamants et Sur le Littoral du Brésil*, II, 69.

(449) Parece que, também em 1839, um só religioso havia ali (KIDD., *Sket.*, I, 269.)

de madeira, pintada e vestida, que representa Jesús Cristo em diversas atitudes de sua paixão. Cortinas impedem a poeira de deteriorar essas imagens; não foi esquecido nenhum acessório para orná-la, tais como grandes nimbos de prata etc., mas tudo isso não as torna mais belas; entretanto, são sempre mostradas como obras primas, e, cada vez que uma das cortinas era decerrada, o bom religioso olhava-me com ar complacente e procurava ler, na expressão do meu rosto, se eu partilhava de sua admiração (450). O teto e as paredes da igreja dos Carmelitas são decorados com muitas pinturas, que estão longe, não há dúvida, de ser belas. Entretanto, descobre-se nas mesmas o cunho dum verdadeiro talento; tais pinturas foram executadas, bem como uma parte das da igreja paroquial, por um sacerdote que nunca aprendeu desenho e que só saíu de Itú para tomar ordens em São Paulo. O convento dos Carmelitas tem um andar, além do rez do chão; mas é muito pequeno; seu interior é mantido com limpeza e suas células são espaçosas, belas e muito alegres.

A câmara municipal de Itú está instalada num edifício construído num dos ângulos da praça em que se encontra também a igreja paroquial. Esse edifício, de um andar, em nada difere de uma construção comum. A cadeia, como é de uso no país, ocupa o rez do chão desse edifício.

Existe em Itú um hospital para os infelizes afetados de *morféia*, e diz-se que em 1839 tratava-se de construir um outro hospital para receber os outros doentes (451).

Nos domingos e dias de festa, Itú tem muito movimento. Nesses dias, como já assinalei, os proprietários da vizinhança vão à cidade afim de assistir o serviço divino; mas, no correr da semana, as casas principais permanecem fechadas e as ruas mantêm-se desertas. Os habitantes abonados de Itú e dos seus arredores, tendo, por causa da colocação ou do transporte do açúcar que produzem, frequentes relações com São Paulo, nesta ultima cidade adquirem os objetos de que necessitam; por esse motivo, há, em sua cidade, menos lojas do que em muitas outras de menor importância, e as lojas que vi não são muito bem guarnecidas.

Os gêneros alimentícios são vendidos em Itú, como em São Paulo, em espécies de casinhas obscuras, que dão para uma das ruas transver-

(450) Não temos, certamente, razão para nos admirar pelo encontro de imagens mal esculpidas num país novo como o Brasil, quando, em nosso país, onde as artes são cultivadas desde tanto tempo, vêm-se, nas igrejas, mesmo nas maiores cidades, tão horrorosas esculturas.

(451) KIDD., *Sketches*, I, 269.

sais a que já me referí. Como na capital da província, essas pequenas casas são denominadas *as casinhas*; pertencem à cidade a qual aufere renda da locação das mesmas. Afirmaram-me que, durante o ano de 1818, foram vendidas n'essas casinhas mercadorias no valor de 20.000 cruzados, e cumpre não esquecer que o dinheiro tinha um valor que foi depreciado pela introdução do papel moeda e de uma grande quantidade de moedas de cobre.

Colhe-se no distrito de Itú pequena quantidade de café, algodão, chá, óleo de rícino, certa quantidade de trigo e de feijão, mas é a cultura da cana de açúcar que constitui a riqueza dêsse distrito. Quando da minha viagem, existiam nele mais de 100 engenhos de açúcar, entre os quais alguns assaz importantes. Certas terras são ainda muito férteis; outras, contudo, tendo sido exploradas por muito tempo, sem receber adubação, começam a se esgotar. Em vez de serem produzidas, com dez escravos, 1.000 arrobas (14.740 quilos) de açúcar como noutros lugares, só se obtêm 600 a 800 arrobas, e, quando o terreno foi cultivado durante três anos, é-se obrigado a deixá-lo repousar por seis anos, antes de fazer nova plantação. Os senhores de engenho consideravam, na época de minha viagem, que seus lucros eram bastante satisfatórios, quando vendiam o açúcar branco de 1\$000 a 1\$200 (6 frs. 25 a 7 frs. 50) a arroba de 14 quilos 74. A maior quantidade de sua produção era colocada em São Paulo e Santos; os mais abonados expediam-na para o Rio de Janeiro. Fui informado que as cidades de Itú, Jundiaí, Campinas, Sorocaba, Pôrto Feliz e a paróquia de Percicaba, elevada posteriormente a cidade, com o nome de *Constituição*, tinham exportado, no correr do ano de 1818, 300.000 arrobas de açúcar (4.422.000 quilos).

Afirma-se que as romas dos arredores de Itú são as melhores de todo o Brasil, e que as cebolas ali atingem extraordinário tamanho. Alguns pomares, acrescentam, são muito bem cultivados; recolhem-se uvas excelentes, tendo-se conseguido fabricar com as mesmas ótimo vinho (452).

Não querendo deixar Itú sem ver o salto à qual a cidade deve o nome, pus-me a caminho para visitá-lo, acompanhado pelo meu arriero José Mariano. Num círculo de cêrca de uma légua até a margem do Tietê, que atravessa a estrada de Itú a Campinas, percorri uma região coberta de matas virgens antigamente, mas onde hoje só se vêem capoeiras. Vi no campo alguns engenhos de açúcar. Chegando ao Tietê, encontra-se uma ponte estreita, muito mal conservada e desprovida de parapeito. A referida ponte é seccionada por uma linha em duas par-

tes desiguais; a parte mais vizinha da margem direita do rio tem cêrca de 48 passos de extensão, a ilha tem 47 e a outra parte da ponte, 120. Nesse local o rio divide-se, formando várias ilhas eriçadas, como o seu próprio leito, de rochas de pedras negras, que parecem sobrepostas com regularidade, formando uma espécie de muro de apôio. Maciços de árvores e de arbustos, de um efeito pitoresco, cobrem as ilhas e tufos de orquídeas, que crescem sôbre as pedras, formam soberbos ramos de flores purpúrinas. Em cada extremidade da ponte existe uma *venda*, tendo ao lado um pequeno *ranch*o, e um pouco mais abaixo, à direita do rio, vê-se a capela de *Nossa Senhora da Ponte*, com a casa do vigário. Todo êsse conjunto forma uma lindíssima paisagem.

Correndo sob a ponte a água, apertada entre os rochedos, escapa-se com ruído; além existe um grande monte de pedras, e um pouco mais longe está a cascata. Depois de ter serpenteado, ràpidamente, entre duas fileiras de pedras amontoadas, o rio lança-se de-repente num estreito canal, limitado em cada margem por u'a muralha de rochedos a pique, e é alí que o mesmo se precipita, de uma altura de 25 a 30 pés, com inconcebível impetuosidade e um ruído ensurdecedor, ruído tão forte que é escutado na cidade de Itú. Encontrando na queda pedras irregularmente agrupadas, a água divide-se em vários jatos, que saltam, cruzam-se, misturam-se, formando confusa massa de espuma dum branco avermelhado, e fazem subir ao ar inumeráveis gotas de água, que, em conjunto, formam espêssa névoa. Abaixo da cascata, as águas encontram ainda outras pedras, e durante algum tempo continuam a produzir espuma. Para ter o tempo necessário de examinar sossegadamente êsse admirável conjunto, solicitei do vigário de Nossa Senhora da Ponte permissão para receber-me em sua casa, pedido que o mesmo atendeu com muita polidez. Narrou-me que, quando chegou à localidade, havia quarenta anos passados, o rochedo de onde o rio se despenha formava uma longa plataforma furada ao centro como uma goteira, que a água pela mesma passando, descrevia então uma longa secção de círculo, e que as andorinhas passavam e tornavam a passar sob esta espécie de arcada (453). Essa plataforma foi se gastando a pouco e pouco com a fôrça das águas, as quais hoje caem sôbre as próprias rochas. Vi ainda um grande número de andorinhas voar ao redor da cascata; presumo que as mesmas alí procuram para alimento, alguma espécie de inseto aquático. Acima

(453) O príncipe de NEUWIED, em sua obra bastante apreciável sôbre os pássaros, descreveu três espécies do gênero *cypselus*, e oito do gênero *hirundo* (*Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien*, III, 342 - 347); não saberia dizer, infelizmente, a qual dessas onze espécies pertenciam as andorinhas que vi.

da queda de água só se encontram no Tietê pequenas espécies de peixes, abaixo, entretanto, são pescados peixes de grande tamanho, entre outros os *dourados* etc.

Em Itú, tinha-se grande confiança na imagem de Nossa Senhora da Ponte; no tempo das sêcas, era a mesma carregada em procissão e transportada para a igreja paroquial da cidade, onde permanecia em exposição até que chovesse. Quando de minha viagem, essa imagem ali se encontrava, porque havia grande necessidade de água, e tôdas as tardes a população lhe dirigia preces. Era o segundo ano que a sêca se fazia sentir.

De Itú transportei-me numa viagem de dois dias a Pôrto Feliz, distante cinco léguas. Quando partí, o capitão-mor de Itú fez-me acompanhar por seu sobrinho. Não deixei de ficar reconhecido; mas é verdade que tal gênero de polidez sempre me contrariava. Quando eu tinha um companheiro de viagem, era forçado a seguir mais depressa, e, com receio de importuná-lo, passei, sem me deter, diante de plantas, que lamento não ter podido observar e colhêr para meus estudos. Foi o que aconteceu, precisamente, nos campos mais próximos de Itú. A região que percorri além dessa cidade é acidentada e coberta de *capoeiras*.

Depois de ter caminhado duas léguas, detive-me, para pernoitar, numa *venda* situada perto do ribeirão Caracatinga, o qual, como já disse, para também por Itú. A venda em aprêço pertencia a uma família pobre e numerosa; nas vizinhanças existiam várias casas esparsas, de ambos os lados do rio; mas tôdas elas como a venda, apresentavam aspecto de penúria de seus moradores, que tinham a pele muito branca, cabelos castanhos ou mesmo loiros. Era fácil, entretanto, perceber que não se tratava de descendentes de portugueses de raça pura; a cabeça arredondada, as arcadas zigomáticas muito proeminentes, o nariz achatado indicavam, nesses indivíduos, a mescla de sangue indígena. Impressionou-me igualmente a semelhança de sua pronúncia com a dos verdadeiros indígenas. Como estes, não abriam quasi que a bôca ao falar, elevavam pouco a voz e imprimiam nas palavras um som gutural. A forma pela qual pronunciavam o *ch* português era inteiramente indígena. Não era nem *tch*, nem mesmo *ts*, mas um som mixto, molemente articulado. Encontrei também nas mulheres as maneiras infantis notadas entre as dos indígenas (454). Mais de meia dúzia dessas mulheres tinham-se reunido na venda onde me alojei, e, em vez de se retirar, como

(454) V., mais abaixo, o capítulo intitulado *Viagem de Itapitininga aos Campos Gerais* etc.

teria feito a maioria das brancas e até das mulatas de Minas ou de Goiaz, permaneceram entre nós enquanto trabalhávamos. Passaram a tarde a conversar, a rir, a beber e a fumar em compridos cachimbos, de cêrca de três pés, muito usados entre as mulheres da região e as de Goiaz. Nenhuma delas fazia qualquer serviço, pôsto que o mau estado de suas vestes provava, suficientemente, que tinham grande necessidade de trabalhar.

Deixando a venda de Caracatinga, atravessei o ribeirão do mesmo nome, o qual, a pouca distância, deságua no Tietê. A região que percorri, numa extensão de três léguas, é acidentada; como a que atravessei entre Itú e Caracatinga, pareceu-me ter sido, outrora, coberta de matas virgens; atualmente, porém, só se vêem matos pouco elevados e *capoeiras* onde cresce, abundantemente, o grande feto (*pteris caudata*).

Na véspera, 16 de dezembro, o termômetro, em Itú, marcara 18° R., às 6 horas da manhã; já no outro dia marcava apenas 14°, à mesma hora. O calor foi, entretanto, extremamente forte durante tôda a nossa caminhada: o tempo estava soberbo; não chovia, embora estivéssemos na estação das chuvas, e podia se considerar perdido o milho que, plantado oportunamente, estava em flor. É fácil de prever que, se a sêca se prolongasse, a penúria, já grande, produzida pela sêca do ano anterior, teria, em 1820, as mais lamentáveis consequências. Nesse dia, nenhuma planta interessante encontrei; as localidades que percorri pouco forneciam geralmente, e a sêca ainda mais diminuía o número de espécies vegetais.

Pôrto Feliz (455), onde fiz alto, foi elevada a cidade, em 1797, sob a administração do governador da província ANTÔNIO MANUEL DE MELO CASTRO E MENDONÇA (456), e tinha sido, em tempo remoto, uma aldeia denominada *Araratiguaba* (457). Esta cidade, situada a 23 léguas de

(455) Não é necessário dizer que o nome *S. Feliz*, usado num livro pouco conhecido, mas cuja leitura é interessante e instrutiva, o errôneo (J. F. van WEECH, *Reise über England und Portugal nach Brasilien*, I, 267). Esse autor deve ser pôsto em o número daqueles aos quais o príncipe de NEUWIED censura de negligentes quanto à ortografia dos nomes portugueses (*Brasilien*, 51).

(456) PIZ., *Mem. Hist.*, VIII, 301.

(457) SPIX e MARTIUS traduziram essa palavra pelas expressões — *o lugar em que as araras comem pedras*. *Ararita* pode ser, é certo, *pedra das araras*; mas, pôsto que LACERDA tenha dado *guava* com o significado de *comer* (*Diário da Viagem*, 55), *guaba*, em guaraní e *guabo* na *língua geral* não pareciam ter aquela significação: tais sílabas são, em certos casos, desinências do gerúndio (RUIZ DE MONTOYA, *Tes. Guar.*, 127 - bis; — LUIZ FIGUEIRA, *Arte da Gramática*, 4.ª ed., 69). A expressão portuguesa *comer* é representada, segundo os mesmos autores, por *u*, em guaraní, e por *ui* na *língua geral*. Devo acrescentar, entretanto, que no artigo

São Paulo, 5 de Itú e 5 e 1/2 de Sorocaba, é a sede de um distrito e de uma paróquia, e era, ao tempo de minha viagem, administrada por dois *juizes ordinários*. É muito menos extensa do que Itú e não foi tão bem construída; sua localização, porém, é infinitamente mais aprazível. Efetivamente, estende-se por uma colina, a cujo sopé corre o Tietê. De vários pontos vê-se êste rio, que serpenteia por um profundo vale, tendo situadas em suas margens várias fazendas; mais ao longe vêem-se campanhas cobertas de matas e de pastagens. A colina sôbre a qual a cidade foi construída eleva-se quasi a pique acima do Tietê; contudo, em espaço considerável, estende-se, por um declive muito suave, até a margem do rio; nesse ponto, denominado pôrto, efetuam-se os embarques pela via fluvial. O terreno em que foi edificada Pôrto Feliz é muito acidentado. As ruas da cidade não são calçadas, nem mesmo foram niveladas. As casas, baixas, pequenas, afastadas umas das outras, só têm, em geral, o rez do chão; ao passo que as de Itú são, em sua maioria, construídas de taipa, em Pôrto Feliz são tôdas construídas com ripas cruzadas (*pau a pique*) e terra (458) tapando os interstícios, e isso porque na cidade e seus arredores não é encontrada a argila própria para fazer a taipa. Não há em Pôrto Feliz senão um edifício religioso, que é a igreja parochial, sendo a única construção feita como as casas de Itú. Na época de minha viagem, essa igreja, consagrada a *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, não estava ainda inteiramente terminada. Mede cêrca de 58 passos de comprimento, a contar da capela-mor até a porta de entrada; tem duas tôrres que servem de campanário, construídas, segundo o costume do país, dos dois lados da porta central de entrada (459).

O Tietê, atualmente, só contribui para embelezamento de Pôrto Feliz; mas, com o correr dos tempos, dará a esta cidade a mais alta importância. Com efeito, além do salto de Itú, torna-se êle navegável um pouco abaixo da mesma, e em Pôrto Feliz terão início as gigantescas navegações a que já me referí noutro lugar, e que ferem de espanto a imaginação dos europeus, acostumados a seus rios mesquinhos. Pôsto que entrando por um grande número de corredeiras, o Tietê permite chegar até a sua confluência com o Paraná, de onde se pode ir, seja ao

guaba do *Tesouro* encontra-se *caguaba* — instrumento de que se serve para beber e que no artigo *ca* torna-se a encontrar a mesma palavra, com a seguinte explicação — *cousa com o auxílio da qual bebe-se o mate*. Já assinalei alhures que em *Guaba Grande*, denominação de uma localidade às margens da lagoa de Araruama, na província do Rio de Janeiro, *guaba* vem do guaraní *iguaba*, vaso para beber água (V. minha *Voyage dans le District des Diamants et sur le Littoral du Brésil*, I, 358).

(458) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, I, 205.

(459) L. c., I.

Rio da Prata, seja a Goiaz, e, mesmo até a embocadura do Tocantins (460), seja, enfim, a Cuiabá e a Mato-Grosso. Essa última navegação, tentada pela primeira vez no começo do século passado, muitas vêzes ajudou os paulistas em suas expedições longínquas às minas de ouro de Cuiabá. Atualmente, como dentro em pouco farei ver, foi ela muito desprezada; entretanto, na ocasião de minha viagem, não tinha sido ainda completamente abandonada.

Quando se pretende ir a Mato-Grosso pela via fluvial, embarca-se no Tietê, em Pôrto Feliz, em grande pirogas ou barcas. A quatro léguas desta cidade, encontra-se a paróquia da *Santa Trindade de Pirapora*, a qual, em 1842 a 1844, foi elevada a vila, sob a denominação de *Vila de Pirapora*; a partir daí, percorre-se uma imensa extensão de terras desertas. Ao fim de 25 ou 26 dias atinge-se a confluência do Tietê com o Paraná, descendo-se por êste cêrca de 30 a 35 léguas; depois sobe-se o *rio Pardo*, e, muitas vêzes, empregam-se até dois meses para viajar 80 léguas por êste último, entravado, tal qual o Tietê, por uma sucessão de corredeiras e cascatas. Chegando-se ao *rio Sanguexuga*, que deságua no rio Pardo, as embarcações são levadas para terra, sendo carregadas, bem como as cargas que transportam, em carros de quatro rodas, puxados por 6 a 7 juntas de bois. Êsses carros são fornecidos pelo proprietário do primeiro estabelecimento luso-brasileiro situado, depois de Pirapora, naquelas imensas solidões, estabelecimento denominado *fazenda de Camapuan*. É nessa fazenda, situada às margens de um pequeno rio do mesmo nome — *rio Camapuan* — (461), que os carros, depois de terem percorrido cêrca de três léguas através de matas e campos, transportam as embarcações. Em Camapuan, que já depende da província de Mato-Grosso, são encontradas diversas provisões — milho, toucinho,

(460) V. minha *Voyage dans la Province de Goyaz*, I, 369.

(461) Há também um *rio Camapuan* na província do Rio Grande e uma localidade com o mesmo nome, em Minas Gerais. *Camapuan* é, segundo CAZAL (*Corographia Brasileira*, II, 61), o nome primitivo do rio que separa a província do Rio de Janeiro da do Espírito Santo; por corrupção foi transformado em *Camapuana* e *Caoapuana*. Êsses dois nomes foram-me indicados na própria região (V. minha *Voyage sur le Littoral* etc., II, 168); mas o príncipe de NEUWIED ouviu vários agricultores dizer *Itabapuana* (*Brasiliën*, 161). PIZARRO prefere o nome primitivo, escrevendo *Camapuan* (*Mem. Hist.*, III, 28). MILLIET e LOPES DE MOURA, reconhecendo que êste último nome é o mais antigo, admitem a denominação *Cabapuana* em todo o curso de sua importante obra, tal como fez JOÃO MANUEL DA SILVA, traçando a vida de JOSÉ DE ANCHIETA. Não é de crer, entretanto, que NEUWIED seja o único de idêntico modo de pensar, como em tempo acreditei, porquanto encontrei *Itabapuana* na *Informação*, de FRANCISCO MANUEL DA CUNHA (*Revist. Trim.*, IV, 245) e no mapa bem recente intitulado *Carta Topográfica da Província do Rio de Janeiro*. Tudo isso, ao que me parece, fôrça a conclusão de que o rio em aprêço tem, pelo menos duas denominações; e não seria o único exemplo do gênero que nos oferece o Brasil.

feijão e carne sêca; mas é êsse local situado ainda na metade da viagem. No rio Camapuan, as embarcações não podem receber senão meia carga. Dalí passa-se pelo *rio Cochim*, no qual um grande número de corredeiras dá ainda enormes trabalhos ao navegante. O rio Cochim leva as embarcações ao *rio Taquarí*, que é um pouco mais largo. Na confluência dêste último rio encontram-se ainda corredeiras que é preciso transpor, e pouco mais além existem outras denominadas *Belliago*, as quais, menos difíceis de transpor do que as precedentes, são, como informa o abade MANUEL AYRES DE CAZAL, as últimas entre as cento e treze corredeiras e cascatas que o navegador encontra, desde Pôrto Feliz, até Cuiabá, fim de sua viagem. O Taquarí irriga encantadores prados entremeados de capões de mato e, como descreve curvas de pouca extensão, mas muito repetidas, o viajante, encantado, pensa estar percorrendo uma série de lagos. Como os *payaágoazes*, indígenas quasi anfíbios que viviam nessas regiões, atacavam muito frequentemente os paulistas, êstes adotaram o costume de reunir-se no pôrto chamado *Pouso Alegre*, onde formavam uma flotilha, cujas fôrças reunidas podiam, mais fâcilmente, enfrentar o inimigo. Em pouco tempo chega-se ao local denominado *Pantanais*, onde o rio, dividido e sub-dividido, forma grande quantidade de ilhas, as quais, na estação das chuvas, ficam inteiramente cobertas pelas águas. Nesse ponto tudo é novidade para o viajante, quer venha da Europa, quer já tenha percorrido qualquer outra zona do Brasil, pois não reconhecerá, certamente, os objetos que o cercam. Palmeiras de formas bizarras, misturadas com grupos de sub-arbustos perfumados, bordam as margens do rio; pássaros dos mais curiosos voam em nuvens de todos os lados. A proporção que a embarcação se adianta, levantam-se nuvens de frangos d'água e de patos selvagens com enormes bicos; cegonhas gigantescas parecem querer disputar aos jacarés o império dos brejos, ao passo que cardumes de peixes saltam em meio das águas inquietas. Movimento por tôda parte, por tôda a parte uma superabundância de vida; mas é a vida dos desertos, a vida dos primeiros dias de criação: o homem ainda não apareceu. Uma ou outra vez avista-se a leve piroga do selvagem guaicurú, deslizando entre imensos campos de arroz selvagem, semeados pela natureza naquela região para alimento das aves aquáticas alí muito abundantes. O estranho e grandioso aspecto dos pantanais anuncia a vizinhança de um dos grandes rios da América — o Paraguai —, o qual, mesmo no tempo da sêca, mede, em sua confluência com o Taquarí, quasi uma légua marítima de largura, e que, quando os pantanais estão inundados, forma, segundo SPIX e MARTIUS, um imenso lago de mais de cem milhas quadradas. Quando se entra no rio Paraguai, a navegação nenhuma dificuldade apresenta. Dêsse rio passa-se ao *rio São Lourenço*,

aproximadamente aos 17° 25; entra-se no rio Cuiabá, margeado por campos de arroz selvagem, e, depois de uma viagem de cinco meses nas pirogas, em meio de desertos, atinge-se a cidade de Cuiabá, fim da viagem (462).

Esta rápida notícia bastará para mostrar quão perigosa é essa navegação, quasi tão longa quanto a da Europa às Índias Orientais. Tão perseverantes, quanto intrépidos, os antigos paulistas afrontavam todos os perigos: não temiam nem a flecha dos selvagens, nem a fome, nem as intempéries das estações, nem a falta de repouso, nem as privações de toda a sorte, nem mesmo as moléstias pestilentas, que, entretanto, dizimaram, em meio daquelas regiões desertas, tão grande número de seus primeiros exploradores. Contudo, quando em 1737 rasgou-se o caminho de Goiaz a São Paulo e que comunicações foram estabelecidas entre as províncias de Mato Grosso, Rio de Janeiro e Baía, quando, enfim, foi adotado habitualmente o itinerário de ida ao Pará pelos rios *Guaporé*, *Madeira* e *Maranhão*, a rota de São Paulo a Cuiabá, pelos rios, começou a ser menos frequentada (463). Na ocasião de minha viagem, já havia quinze anos que a mesma estava sendo desprezada e depois de três anos os viajantes a renunciaram completamente. Da mesma só se servia o govêrno, alguma vêzes, para o transporte, a Mato Grosso, de tropas ou de munições de guerra. Alguns meses antes de minha passagem por Pôrto Feliz, uma expedição dêsse gênero tinha sido realizada. Não foram as fadigas e as dificuldades da viagem que desgostaram os viajantes; se os costumes dos paulistas tinham se abrandado, não haviam êles, entretanto, perdido, seja o espírito empreendedor, seja a intrepidez: as viagens pelo Tietê, o Paraná e o Camapuan foram substituídas por outras que não são muito menos penosas, mas que deixam maiores lucros. Parte-se de São Paulo com mulas carregadas; passa-se pôr Goiaz, e, chegando-se a Mato Grosso, as mercadorias transportadas são vendidas, prosseguindo-se daí para a Baía, onde as mulas são negociadas com um lucro superior a 100% (464). Uma especulação dêsse gênero não pode

(462) O que aí fica referido sôbre a rota de Cuyabá pela via fluvial foi colhido em vários tópicos esparsos da *Corografia Brasilia* de CAZAL (I, pgs. 211, 262, 267, 272, 299, 303), como também nos informes prestados a SPIX e MARTIUS pelo capitão-mor de Itú em exercicio ao início do ano de 1818 (*Reise*, I, 264), informes quasi idénticos ao texto de CAZAL. E' de crer, de resto, que CAZAL tenha tido conhecimento dos preciosos manuscritos do matemático JOSÉ FRANCISCO DE LACERDA E ALMEIDA, extraído do IX volume das *Memórias Históricas* de PIZARRO, publicadas em 1840, por ordem da assembléia legislativa da província de São Paulo, sob o título de *Diário da Viagem de D. JOSÉ FRANCISCO DE LACERDA E ALMEIDA pelas Capitánias do Pará etc., nos anos de 1780 a 1790*.

(463) CAZAL, *Corog. Bras.*, I, 262.

(464) Pode-se ver, em minha *Voyage a Goyaz* (Vol. II, 56), que encontrei um condutor de caravanas que se propunha a fazer tal viagem.

ser levada a fim senão depois de alguns anos, e a nossa imaginação admira-se, quando se pensa na extensão da viagem a fazer e nos sofrimentos a passar, sobretudo durante a travessia dos áridos desertos da Baía, onde a falta de água é comum. É evidente, de resto, que não se servirá mais do Tietê e dos outros rios, senão para o transporte dos objetos de grande pêso, quando for executado o projeto de se abrir um caminho em linha reta, de Mato Grosso a São Paulo. Parece mesmo, pelos discursos dos presidentes da província perante a assembléia legislativa, que alguns trechos dêsse caminho já estão construídos; e, em 1843, o presidente de Mato Grosso fez até passar pela picada demarcadora dêsse caminho o portador de sua correspondência, o qual só empregou dois meses na viagem (465). Antes de chegar a Pôrto Feliz não sabia eu da pequena importância que desde então tinha a navegação pelo Tietê; esperava encontrar alí pouco mais ou menos o mesmo movimento que há em nossas pequenas cidades situadas à margem dos rios, por menos consideráveis que sejam; mas, minha imaginação ficou infinitamente aquém da verdade. Só encontrei em Pôrto Feliz três ou quatro pirogas empregadas pelos cultivadores da vizinhança para a travessia do rio; nada indicava o pôrto, a não ser um grande *rancho*, onde se podia pôr as pirogas ao abrigo do sol e depositar as mercadorias antes do embarque.

A maior parte das casas de Pôrto Feliz pertencem a agricultores, e nessa localidade só vi um pequeno número de lojas e *vendas*. Constitui a riqueza da região a cultura da cana de açúcar. Os habitantes de Pôrto Feliz afirmam ser suas terras, que têm côr vermelha, muito mais adequadas a essa cultura do que as terras de Itú; acrescentam que com o auxílio de dez pretos podem produzir mil arrobas de açúcar e mais até; enfim, que não é necessário, depois de arrancada a cana, deixar repousar o terreno por mais de dois a quatro anos. Mas, de outra parte, Pôrto Feliz está mais longe de Santos do que Itú, gastando-se mais de oito dias para a viagem a Santos; na época de minha passagem por alí, época em que o milho era raro e extremamente caro, os arrieiros exigiam, para o transporte de uma arroba (14,7 quilos) uma *pataca* e meia (3 frs.), importância que, convém não esquecer, tinha valor muito mais elevado do que atualmente. Em 1838, quando o distrito de Pirapora dependia do de Pôrto Feliz, produziram-se, em todo êste último, 73.113 arrobas de açúcar (2.924.520 litros) e 560 *canadas* de *caxaça* (2.541 litros); foram colhidos 20.480 alqueires de milho (807.200 litros), um pouco de arroz e certa quantidade de feijão. Contavam-se, então, em Pôrto Feliz, 76 engenhos de açúcar (466).

(465) *Discurso proferido pelo Presidente* MANUEL FELISARDO DE SOUSA E MELLO, no dia 7 de janeiro de 1844, p. 39.

(466) P. MÜLLER, *Ensaio*, quadro 3, 4.

A população dêsse mesmo distrito, em 1815, comparada com a de 1838, oferece o seguinte quadro:

1815

Branços dos dois sexos	3.877	}	5.609 pessoas livres
Mulatos livres dos dois sexos	1.583		
Negros livres dos dois sexos	149	}	2.752 pessoas escravas
Mulatos escravos dos dois sexos	338		
Negros escravos dos dois sexos	2.414		
Total			8.361 pessoas

1838

Branços dos dois sexos	6.831	}	8.066 pessoas livres
Mulatos livres dos dois sexos	1.023		
Negros livres dos dois sexos	212	}	3.177 pessoas escravas
Mulatos escravos dos dois sexos	184		
Negros escravos dos dois sexos	2.993		
Total			11.243 pessoas (467).

Se relacionarmos êste quadro com o que apresentamos (pág. 231) relativamente à população do *térmo* de Itú nos mesmos anos, veremos que ao fim de 23 anos o aumento dos brancos foi, nesse *térmo*, de quasi dois terços do numero primitivo, e o dos negros escravos de um pouco mais da metade; ao passo que, no *térmo* de Pôrto Feliz, o número de brancos quasi duplicou, e o dos escravos apenas teve o aumento de um quinto. Tal diferença pode parecer singular à primeira vista, mas é fácil explicá-la, a região de Itú é uma das da província que os brancos occuparam em data mais remota; tôdas as terras devem ter, desde muito tempo, proprietários, e as imigrações não podiam ter sido muito numerosas. O *térmo* de Pôrto Feliz, ao contrário, formado muito mais recentemente, está ligado a regiões desertas, e, em 1838, possuía ainda terrenos sem proprietários; homens emigrados de suas terras, em satisfação do desejo de possuir qualquer cousa, ou por nomadismo natural, ou por qualquer outro motivo para alí se dirigiram, bastante contribuindo para o aumento da população. O aumento dos negros escravos efetuou-se em sentido inverso: os proprietários dos engenhos de açúcar do distrito de Itú, estabelecidos desde tempo mais remoto, eram assaz ricos ou tinham bastante crédito para aquisição de negros; mas os novos colonos de Pôrto

(467) SPIX e MAR. (*Reise*, I, 238. — *Ens. Estat.*, cont. do apend. ao quadro 5).

Feliz, entre os quais havia, sem dúvida, bom número de mestiços passando por brancos, deviam ser muito pobres para adquirir grande número de escravos (468).

(468) “Se a população do *térmo* de Pôrto Feliz muito aumentou desde certo tempo, não foi porque — afirmam SPIX e MARTIUS — Pôrto Feliz e seus arredores sejam tão favoráveis à espécie humana e aos produtos agrícolas. A vizinhança do rio, ordinariamente coberto de brumas espessas e a das florestas, a péssima construção das casas, que são baixas e cujas paredes de terra cobrem-se de eflorescências salinas, são múltiplas causas a favorecer o desenvolvimento dos papos, e produzem febres intermitentes, hidropsias, cloroses e bronquites, moléstias a bem dizer endêmicas na região. Tivemos ensejo de observar que as pessoas adultas eram inchadas e que várias crianças sofriam de uma tosse asmática de mau caráter (*tosse comprida*), a qual, segundo se afirma, degenera comumente em tuberculose pulmonar” (*Reise in Brasilien*, I, 272).

CAPÍTULO X

A CIDADE DE SOROCABA — AS FORJAS DE IPANEMA

PARTIDA DE PÔRTO FELIZ. — GUARDA DE SOROCABA. — REGIÃO SITUADA ENTRE ESSA LOCALIDADE E A CIDADE DO MESMO NOME. — HISTÓRIA DESSA CIDADE; SUA POPULAÇÃO; SUA LOCALIZAÇÃO; RUAS; CASAS; PRAÇAS PÚBLICAS; IGREJAS; HOSPITAL; CONVENTOS; PAÇO DA CAMARA MUNICIPAL; PONTE. — AS PLANTAS CULTIVADAS NOS ARREDORES DE SOROCABA. — COMÉRCIO DE MUARES. — DIREITOS QUE SE PAGAM SOBRE ESSES ANIMAIS. — COSTUMES DOS HABITANTES DE SOROCABA; JOGOS. — AS FESTAS DO NATAL. — OS ESTRANGEIROS NO BRASIL; CIRCUNSTÂNCIAS INCÔMODAS EM QUE SE ENCONTROU O PAÍS. — RAFAEL TOBIAS DE AGUIAR. — O OUVIDOR DE ITÓ. — DESCRIÇÃO DAS FORJAS DE IPANEMA; SUA HISTÓRIA; O ESTADO DESSAS FORJAS EM 1820. — UMA ENCANTADORA CASCATA. — RETRATO DE NATTERER. — RETRATO DE SELLOW. — CHUVAS; MISÉRIA.

Parti de Pôrto Feliz dirigindo-me à cidade de Sorocaba, distante apenas cinco léguas e meia, empregando nessa viagem dois dias. Durante cerca de um quarto de légua acompanhou-me o capitão-mor de Pôrto Feliz, o qual me cumulava de gentilezas e me forçava a fazer uma refeição em sua companhia. Era um bom homem de campo, franco, alegre, um pouco orgulhoso de sua dignidade de capitão-mor, na qual fôra recentemente investido, e que me pareceu desejar que eu comunicasse ao capitão-general a boa acolhida a mim feita. A região que percorri no primeiro dia de viagem, numa extensão de quatro léguas, é antes ondulada do que montanhosa. Percorri, a princípio, três léguas por dentro de matas não muito vigorosas, e durante a última légua atravessei campos, além dos quais existem ainda matas. Existem alguns sítios esparsos pelos campos. Às seis horas da manhã, o termômetro de Réamur marcava 14°. Durante o dia foi insuportável o calor. Nenhuma planta encontrei em estado de florescência nas matas; só encontrei, nesse estado, três ou quatro nos campos. Fiz alto na localidade denominada *Guarda de Sorocaba*, onde existia uma pequena casa com uma *varanda*, e onde eram pagos os impostos devidos, como direi mais adiante, sobre os muares procedentes do Sul. Um diminuto número dêsses ani-

mais passava por êsse caminho, pelo que a guarda compunha-se apenas de dois soldados da *milícia* (guarda nacional), os quais eram substituídos de seis em seis meses e percebiam dez *patacas* (20 francos) como paga.

Entre Guarda de Sorocaba e a cidade do mesmo nome, atravesssei sempre campos; mas, a pouca distância, percebí matas. Os primeiros apresentam tufo de gramíneas, cujas hastes e fôlhas são finas e densas, e em meio das quais cresce um escasso número de outras plantas. No espaço de uma légua e meia que percorrí nesse dia, nenhuma flor tive ocasião de ver. Um pouco antes de chegar ao Sorocaba, avista-se esta cidade, cuja situação é muito aprazível, como se verá a seguir.

A cidade de Sorocaba, cujo nome vem do guaraní *çorocaa* (bosque quebrado, mata quebrada, (469), está a 1960 pés ingleses (597 metros) acima do nível do mar (470) e a dezoito léguas de São Paulo (471), seis de Itú e cinco e meia de Pôrto Feliz, estando situada a 23° e 39' de latitude austral e a 303° e 23' de longitude, a partir do meridiano da ilha do Ferro (472). Pertencia ela, antes de minha viagem, à *comarca* de Itú, da qual ainda faz parte atualmente. Tinha dois *juizes ordinários* e um capitão-mor, e acabava de estabelecer-se alí um professor de gramática latina pago pelo rei. Esta cidade, de acôrdo com as tradições colhidas dos seus habitantes mais cultos, deve sua origem a um pequeno mosteiro de beneditinos, que ainda existe. Um agricultor que se tinha estabelecido na região, chamou dois religiosos dessa ordem, dando-lhes uma considerável gleba de terras. O convento foi construído e vários particulares fixaram-se nas imediações, para poderem preencher mais fâcilmente seus deveres de cristãos. Pouco tempo depois, os habitantes de certa vila chamada *Itapebussú*, descontentes de sua situação, abandonaram-na completamente; transportaram-se a Sorocaba, que estava a pouca distância, e o pelourinho, marco da dignidade das *vilas* foi também transferido de Itapebussú para Sorocaba, que foi elevada a sede de paróquia e de *térmo* (473) Em 1838, Sorocaba era simplesmente vila;

(469) E' desnecessário dizer que não se deve escrever, como fez J. MAWE, *Sorocaba* (*Travels*, 54).

(470) ESCHW., *Jour. von Bras.*, II, 86.

(471) Se as *Memórias Históricas* de PIZARRO indicam 48 léguas, incorrem evidentemente em êrro, atribuível, com certeza, à respectiva impressão.

(472) ESCHWEGE indica a latitude de 23° 31' 24" (*Journ. von Bras.*, II, 173).

(473) D. P. MÜLLER faz remontar a fundação do pequeno mosteiro dos beneditinos de Sorocaba ao ano de 1667. Êsse escritor e PIZARRO indicam o ano de 1670 para a fundação da própria vila; mas não nos informam em que época a mesma obteve o título de vila; MÜLLER, *Ens. Estatist.*, 50 e quadro XIX. — PIZ., *Mem Hist.* (VIII, 297). Lê-se no útil *Dicionário Geográfico do Brasil* (II, 64) que Sorocaba fundada em 1670, começou a se desenvolver sensivelmente, quando AFONSO SARDINHA

mas, depois foi elevada a cidade, provàvelmente para fazer cessar a ciuemeira excitada pela elevação de Itú à mesma categoria e sede de comarca.

Pelo fim de 1819, a população permanente de Sorocaba elevava-se, aproximadamente, ao número indicado, em 1817, pelo abade MANUEL AIRES DE CAZAL, a saber, a 1.777 almas. Em tôda a paróquia, que media 14 léguas de comprimento por largura um pouco menor e que, muito provàvelmente, compreendia, então, a paróquia de *Campo Largo*, contavam-se 9.000 a 10.000 almas, o que representava, aproximadamente, 62 pessoas por légua quadrada (474).

A cidade de Sorocaba está situada em região acidentada, cortada por matas e campos; estende-se pela encosta de uma colina, em cujo sopé corre um rio com o mesmo nome — *rio Sorocaba* —, mas que os habitantes da região denominam comumente *rio Grande*, pelo motivo, certamente, de não conhecerem outro maior. Êsse rio deságua no Tietê, perto de Pirapora; é à sua margem esquerda que a cidade foi construída. Vista das elevações vizinhas, Sorocaba empresta à paisagem uma perspectiva encantadora; mas a cidade é de má aparência, em seu conjunto. As ruas não são calçadas, e, como são em declive, as chuvas cavaram nas mesmas, de todos os lados, profundos buracos (1820). As casas são, de ordinário, pequenas, e poucas há que não constem apenas do andar

descobriu a mina de ferro de Araçoiaba. E' evidente que tal asserção resulta de uma dessas inadvertências quasi impossíveis de evitar num trabalho tão extenso como o *Dicionário*. Como muito sensatamente ponderam os próprios autores dessa obra (I, 159), foi em 1590 que SARDINHA fez sua descoberta. Devo acrescentar que não encontrei, em nenhuma das obras que pude consultar, a denominação Itapebussú; mas, é evidente, que foi a pequena vila formada nos arredores de Araçoiaba pouco tempo após a descoberta da mina de ferro da montanha dêsse nome, e de onde os habitantes se retiraram para Sorocaba antes do ano de 1626 (VARNH. *in* ESHW., *Jour.*, II, 261). Entretanto, é necessário admitir a ocorrência de êrro relativamente a alguma das datas indicadas, porque o convento de Sorocaba não pode ter sido fundado em 1667, a vila em 1670 e os habitantes de Itapebussú à mesma se terem transportado em 1626. Itapebussú é, provàvelmente, o local indicado por VAN LAET (*Orb. Nov.*, 580) sob o nome de *São Filipe*.

(474) Não tendo encontrado a criação da paróquia de Campo Largo indicada em nenhum documento com a respectiva data, não posso afirmar, de forma positiva, que a mesma não estivesse já, em 1820, desmembrada da de Sorocaba. Mas é isso muito verossímil, porquanto, se esta última contasse 10.000 habitantes após a separação, como todo o distrito, compreendendo as duas paróquias, só contaria, em 1838, 11.133 almas, número indicado por D. P. MÜLLER? Além disso, medeiam três léguas entre Sorocaba e os limites do distrito de Pôrto Feliz, e duas e meia até os limites de Campo Largo, ao todo cinco e meia léguas; consequentemente, não é possível admitir-se a extensão de 14 léguas, largura e comprimento, que me foi indicada para a paróquia de Sorocaba, tal como era a mesma ao tempo da minha viagem. E', finalmente, muito possível que, se o Campo Largo existisse então, ter-me-iam informado de sua existência, pois que atravessei o território dessa região, e, em minhas anotações, nada encontro relativamente ao assunto.

térreo; são cobertas de telhas, construídas com terra socada (*taipa*), e tôdas possuem um *quintal* plantado de bananeiras e laranjeiras. Existem na cidade duas praças públicas — uma muito extensa e muito irregular, situada na parte mais baixa da cidade; a outra, quasi quadrada, diante da igreja paroquial, igreja consagrada a *Nossa Senhora da Ponte*, edificada em ponto que domina considerável parte da cidade. Esse templo é vasto, mas acha-se em péssimo estado de conservação (1820). Na época de minha viagem, acabava de ser construída uma de suas duas tôrres, que foi feita com altura e largura desmesuradas relativamente às dimensões do próprio edifício. Além dessa igreja, outra existe, menor, dedicada a Santo Antônio (475). O mosteiro ou convento dos beneditinos, ao qual já me referí, está situado na parte mais elevada da cidade e não tem de notável senão a bela vista que do mesmo se descortina. Quando alí estive, habitava-o um religioso apenas e, em 1838 (476), continuava a ser residência de um só monge. Grande extensão de terras possui esse convento, o qual, no entretanto, não é muito rico: numa região onde existem ainda tantos terrenos vagos, nada se possui, em realidade, quando se é proprietário de terras sem escravos e sem usinas.

Existe em Sorocaba um estabelecimento de religiosas reclusas, que seguem a regra de Santa Clara, mas que não fazem voto. Esse estabelecimento possui escassos bens, e as reclusas, que são cêrca de quatorze (1820) (477), vivem dos donativos que recebem das próprias famílias. A igreja do convento é aberta a todos os fiéis; mas nenhuma das janelas da casa das reclusas dá para o exterior. Numa região em que os casamentos são pouco comuns e onde a libertinagem frequentemente impera, não se pode negar que instituições da espécie sejam de grande utilidade, e acrescentarei que devido às perniciosas influências sofridas, necessariamente, pelas reclusas na infância, é de muito bom aviso não ser das mesmas exigido qualquer voto. Existia antigamente um hospital em Sorocaba, cujo edifício ainda se via na época da minha viagem, mas de nada mais servia. Já assinalei alhures (478) quantos obstáculos opõem-

(475) Além dessa igreja, D. F. MÜLLER indica uma outra com o nome de *Santa Cruz* (*Ens. Estat.*, 51). Segundo CAZAL, que escrevia em 1817, os negros tinham iniciado uma outra para colocar a imagem de Nossa Senhora do Rosário (*Corog. Bras.*, I, 244), que ainda não estava concluída em 1838 (MÜLL., loc. cit.); mas MILLIET e LOPES DE MOURA, que nada dizem da capéla de Santa Cruz, referem-se à do Rosário, como estando completamente construída, em 1845 (*Dic.*, II, 664).

(476) MÜLL., *Ens.* quadro 19.

(477) Segundo MÜLLER, eram vinte em 1838.

(478) V. minha *Voyage dans le District des Diamants etc.*, I, 45.

se a que os estabelecimentos de beneficência tenham, no Brasil, longa duração. Uma caridade ativa e bem dirigida, triunfaria, sem dúvida, dêsses obstáculos; mas, pôsto que os bons resultados produzidos pelas confrarias da Misericórdia (*casa da misericórdia*) provem que os brasileiros não são extranhos e esta sublime virtude, seria necessária que a mesma fôsse reavivada entre muitos delas. É o nobre papel que o clero deve desempenhar, saindo de seu torpor e se capacitando, afinal, de sua verdadeira missão: um vasto campo abre-se diante dele, um campo desde muito tempo inculto; que o clero o semeie de instituições de caridade, de boas obras, de bons exemplos, com o que ficará credor da religião, da humanidade e do país.

A *casa da câmara* de Sorocaba é um edifício pequeno e de mau aspecto, elevado no canto de uma rua estreita e imunda. Uma ponte estabelece comunicações entre a margem direita do rio Sorocaba e a esquerda, sôbre a qual foi construída a cidade. É uma ponte de madeira, medindo, pouco mais ou menos, 150 passos de comprimento. As lojas são numerosas e bem sortidas. Como ocorre em Itú, os comestíveis são vendidos em pequenas casas (*casinhas*), de propriedade da administração pública. Já em São Paulo eu tinha visto casinhas do mesmo gênero.

Uma parte das casas de Sorocaba pertence a agricultores, que as ocupam unicamente aos domingos. Nos arredores da cidade cultiva-se a cana de açúcar, com menor rendimento, porém, do que em Itú e, sobretudo, em Campinas. Os algodoeiros vegetam perfeitamente acima das montanhas que se estendem a leste da cidade, mas o algodão que produzem é de baixa qualidade. Não é mais o clima, nem, provavelmente, o solo de Goiaz e de Minas Novas; entretanto, tecidos grosseiros fabricados na região encontram seguro consumo em Curitiba e na província do Rio Grande do Sul, onde não é possível a cultura do algodão.

Não é, de resto, a agricultura que constitui a riqueza de Sorocaba, sim o comércio de muares ainda não domesticados, comércio de que a cidade é, verdadeiramente, o entreposto. Êsses animais provêm da província do Rio Grande e são trazidos a Sorocaba em numerosas tropas por mercadores do Sul. Essas tropas (*manadas de bêstas bravas*) põem-se em marcha pelos meses de setembro e outubro, na ocasião em que as pastagens começam a reverdecer. Vários mercadores transportam suas tropas sem nenhuma interrupção, e as mesmas chegam a Sorocaba pelos meses de janeiro, fevereiro e março; outros deixam-nas repousar durante todo um ano nos arredores de Lages, cidade da província de Santa Catarina, e só depois dêsse longo intervalo de tempo fazem-nas atravessar o *Sertão*, imenso deserto coberto de matas, onde

não há habitantes nem pastagens (479). Os mercadores de Minas Gerais vêm a Sorocaba comprar muares, conduzindo-os a seu Estado, onde os fazem domar. Anos houve em que vieram do Rio Grande a Sorocaba até 20.000 muares; em 1818, vieram apenas 18.000, pelo que o respectivo preço teve o aumento de um têrço. Esse comércio rendia ao govêrno elevadas importâncias, porque pagavam-se em Sorocaba 3\$500 (21 frs. 87 cs.) por muar proveniente do Sul (1820). Sôbre essa quantia, 1\$000 destinados à província do Rio Grande eram recolhidos pela alfândega (*registo*) de *Santa Vitória*, pertencente àquela província e situada em seu limite extremo, próximo à fronteira de São Paulo; mas, para facilidade do comércio, permitia-se que essa parte do imposto fôsse, como a parte restante, paga em Sorocaba. Em Santa Vitória os mercadores recebiam uma permissão de trânsito (*guia*), com o número de animais que traziam, deixando no registo um documento de obrigação sôbre o montante do imposto que teriam de pagar. Esse documento era feito em triplicata — uma das vias era enviada à administração do Rio Grande, porque era, como acabei de dizer, em proveito dessa província que essa parte do imposto era arrecadada; a segunda via era remetida ao recebedor de Sorocaba, e a terceira à junta do tesouro (*junta da fazenda real*), em São Paulo, precaução tomada para que não houvesse fraude, quer de parte do mercador, quer de parte do arrecadador do imposto. Este remetia as importâncias recebidas à junta de São Paulo, a qual entendia-se com a do Rio Grande. Sôbre os 2\$500 recebidos em Sorocaba, além dos 1\$000 a que acabo de me referir, metade, denominada *direitos do contrato* era posta de reserva de três em três anos, e recolhida à conta do vendedor (480). Os 1\$250 restantes tinham o nome de

(479) O *Sertão* ou deserto referido no texto tem, segundo me informaram, cêrca de 60 léguas de extensão, prolongando-se da pequena cidade de *Lapa* à de *Lages*. Em 1806, Lapa recebeu, oficialmente, o nome de *Vila Nova do Príncipe*, mas, quando de minha viagem, prevalecia na região ainda o seu antigo nome. Pertencia à província de São Paulo, constituindo a cidade mais ocidental da mesma e formando o limite do deserto ao lado do oriente. Lages limita-o, de certo modo, do lado do oeste, e, depois de ter feito, por longo tempo parte da província de São Paulo, como Lapa, foi reunida, em 1820, à de Santa Catarina. Os indígenas selvagens atacaram-na frequentes vêzes; de 1832 a 1840 foi tomada várias vêzes pelos revoltosos da província do Rio Grande (CAZ., *Corog. Bras.*, I, 230. — MÜLL. e LOP. DE MOUR., *Dic.*, I, 546), , por consequência, não pôde adquirir grande importância.

(480) No quadro das finanças da província de São Paulo para o ano de 1813, quadro enviado a ESCHWEGE pelo conde da BARCA, ministro de Estado, os *direitos do contrato* têm o nome de *meios direitos de Curitiba* (*Journ. von Bras.*, II, quadro 5). Os referidos direitos elevaram-se, nesse ano de 1813, a 25:656\$532 ou 160.353 frs., e, como cada muar pagava 1\$250, claro é que, no ano em aprêço, entraram 20.525 muares. Em verdade, só posso apresentar esse número aproximadamente, porque os cavalos e as éguas também pagavam um imposto cujo importe devia estar compreendido na soma total; mas é duvidoso que se importassem cavalos e éguas

direitos da casa doada. Este último imposto foi criado, originariamente, em proveito de quem abriu a estrada de São Paulo ao Sul; posteriormente, porém, foi atribuído ao tesouro público, fazendo parte das rendas da província, por conta da qual era diretamente recebido (481). Os direitos de 3\$500, ou 21 frs. 87 cs., por muar, parecerão, não resta dúvida, assaz elevados; mas não era tudo: os animais sobre os quais êsse imposto era arrecadado, estavam sujeitos ainda a novos impostos, quando entravam na província de Minas Gerais. Os muares são, em imensa parte do Brasil, os únicos meios de transporte; sobrecarregá-los com tantos impostos prejudica, certamente, o comércio e a agricultura, que, no país, tanto necessitam, de encorajamento. Seja como for, resulta do quadro das finanças da província de São Paulo para o exercício de 1813, que nesse ano, entraram em seu território 20.525 muares; sabemos que, nos anos imediatamente precedentes a 1818, foram introduzidos 30.000; e, finalmente, em 1838, a introdução elevou-se a 32.747. Êsses dados são, não resta dúvida, pouco numerosos; entretanto, se os números de 1813 e de 1838 não são excepcionais, tenderiam a provar que a necessidade de muares fez-se sentir cada vez mais no espaço de 25 anos, e que, conseqüentemente, as produções agrícolas tornaram-se de mais em mais avultadas, tendo se cultivado, gradativamente, maiores extensões de terras.

De tudo o que ficou acima, pode-se ver que os habitantes de Sorocaba e os de Itú, têm, em geral, ocupações muito diversas; por essa razão, é claro que seus costumes, seus hábitos, e o desenvolvimento de sua inteligência não podem ser inteiramente idênticos, e parece, efetivamente, que a mocidade de Sorocaba é menos instruída do que a de Itú. Desde muito tempo um professor real de gramática latina foi estabele-

em grande número, pois em São Paulo êsses animais são criados em quantidade considerável, necessitando os paulistas unicamente de muares, animais que, em Minas, Goyaz e mesmo em São Paulo, servem para o transporte de mercadorias. Quanto ao nome de *meios direitos* dados aos impostos de que se trata, vê-se não ser o mesmo mal aplicado, pois que não constituíam senão a metade da soma total devida.

(481) O orçamento da receita e da despesa da província de São Paulo, em 1838, designa, sob a denominação de *direitos do Rio Negro*, o conjunto dos impostos arrecadados sobre os muares em sua entrada na província. “Êsses direitos — diz D. P. MÜLLER (*Ensa. Estatist.*, quadro 9) — consistem em 2\$500 por cabeça de muar, “2\$000 por cavalo e \$960 por égua; renderam, no referido exercício, 81:869\$950”. Esta importância, representando o total dos antigos *direitos do contrato* e *direitos da casa doada*, deve ser dividida por 2\$500, se quizermos saber o número de muares introduzidos; efetuada a operação, veremos que o foram em número de 32.747. Não tomo aqui em consideração os cavalos e as éguas, não só por motivo das razões aduzidas em a nota anterior, mas também porque, em 1838, ocasião da guerra do Rio Grande, os habitantes dessa província deviam, naturalmente, reservar seus cavalos para o próprio uso. Devo acrescentar que a denominação *direitos do Rio Negro* foi tirada de uma paróquia dependente de Lapa ou Vila Nova do Príncipe, paróquia situada na fronteira extrema de São Paulo.

cido nesta última cidade, e, como já disse, pouco tempo antes da minha viagem mandaram um a Sorocaba; mas não é essa a única razão da diferença notável entre os jovens das duas cidades. Os habitantes de Itú, agricultores e sedentários, podem ministrar a seus filhos a educação que o adiantamento da cidade permite. Os mercadores de Sorocaba, ao contrário, fazem frequentemente longas viagens; seus filhos acompanham-nos e passam seus primeiros anos nas estradas, em meio de muares e de *camaradas*; por tal motivo lhes será muito difícil adquirir alguma instrução, e seus modos devem, necessariamente, ressentir-se do exemplo dos homens rudes e grosseiros, em cujo meio foram criados (1819-1822).

Pareceu-me que em Sorocaba os homens jogavam cartas muito mais do que em qualquer outra parte. Existia também na cidade um bem instalado bilhar; em Itú, também, existia um, e foram ambos os primeiros que vi depois de minha estada no Brasil. Não tive ocasião de presenciar qualquer pessoa ocupando-se nesse jogo; mas não é de crer que o mesmo tivesse sido instalado sem a finalidade que lhe é própria, e a sua existência serve a comprovar que há, na localidade, um pouco menos de indolência do que nas outras partes do Brasil em que até então viajara. Os homens muito indolentes resignam-se a fazer exercício quando a necessidade de manter a existência a isso os obriga; não o fazem, entretanto, com o fim, apenas de se proporcionar um prazer. Estive em Sorocaba na época do Natal (482); houve, então, sete dias de festas. Nessa região e nas outras partes do Brasil que até o momento eu tinha percorrido, pouco se trabalha nos dias úteis; nos dias de festa nenhum trabalho se executa; essa é a única diferença entre os dias úteis e os de festa. Os deveres de cristão estão cumpridos quando se ouviu uma missa comum; as missas solenes são realizadas unicamente quando alguma confraria ou qualquer particular paga os respectivos gastos, e não se conhece nenhuma das outras solenidades da igreja. Como já disse noutro ponto (483), as festas do Natal são a época das reuniões da família, mas decorrem tristemente; a gente se aborrece só, da mesma forma que se aborrece em numerosa companhia. Nada de passeios, nada de excursões campestres, nada que possa excitar a alegria; a gente se recosta indolentemente, entretendo-se longamente com assuntos os mais comuns e acaba se aborrecendo.

Antigamente, quando um estrangeiro chegava a Sorocaba, recebia a visita dos principais moradores da localidade, como, em 1813, ainda era

(482) SPIX e MARTIUS referiram-se de forma emocionante às recordações que suscitaram as festas do Natal que passaram no Brasil.

(483) V. minha *Voyage dans le District des Diamants* etc., I, 124.

costume em Minas Gerais (484). Como muitas vêzes tais visitas não eram retribuídas, êsse hábito caíu em desuso. Os estrangeiros em viagem pelo Brasil parecem acreditar que nada devem aos brasileiros, e que êstes tudo lhes devem; eu vi alemães, principalmente, tratar o povo brasileiro com um desprêzo que nada justificava. Há nações como há indivíduos isolados; tôdas têm seus defeitos, tôdas têm algumas qualidades boas, e estas, como os defeitos, resultam de tais e tais influências. Nesse sentido poderia citar uma cidade da Alemanha, na qual, há 40 anos, falava-se das ciências e das letras com um menosprezo que nunca ví ninguém demonstrar entre os brasileiros. A cidade em questão é um pôrto de mar; fazia na época negócios com o mundo inteiro, o comércio absorvia todo o tempo e tôdas as faculdades dos seus habitantes, não lhes restando nenhum momento para pensar em qualquer outra cousa. E que país se tem encontrado em condições mais prejudiciais do que o Brasil? Desde o reinado de FILIPE, seus habitantes foram, durante dois séculos, de tal forma sequestrados dos outros povos, que COMMERSON, aportando no Rio de Janeiro em 1767, foi obrigado a disfarçar-se em marinheiro para poder colhêr algumas plantas. Os brasileiros só tinham relações com os portugueses, que os oprimiam e os cobriam de desprêzo; encontravam em seu próprio país poucos meios de se instruírem; nada lhes excitava a emulação, e, para dominá-los, eram mantidos na indolência e na torpeza. Depois, todos os vícios em plena capital do país; nuvens de aventureiros, provindo de tôdas as nações, invadiram a terra, autorizando-os a crer que a Europa estava mais degrada do que a América, aventureiros que lhes deram tristíssimos exemplos.

De resto, a boa companhia do ouvidor de Itú, que então residia em Sorocaba, e a de um dos mais recomendáveis moradores da cidade — RAFAEL TOBIAS DE AGUIAR —, não me deixaram lamentar a perda de algumas visitas rápidas e de caráter meramente cerimonioso. Eu travara conhecimento no Rio de Janeiro com RAFAEL TOBIAS, e, quando me encontrava a pequena distância de Sorocaba, mandei um emissário prevení-lo de minha chegada. Teve êle a bondade de me arranjar uma bela casa, pela tarde enviou-me um excelente jantar e continuou a fazê-lo até o momento de minha partida da cidade. Eu teria ficado encantado, confesso-o, de tomar refeição em sua companhia; envergonhava-me de me aproveitar de uma hospitalidade tão amável, sem poder demonstrar a quem ma concedia que eu não era indigno de tal favor; parecia-me encontrar-me na situação de quem come na hospedaria, sem pagar. Todos os dias, de resto, eu me esforçava, na forma do possível, para

(484) V. minha *Voyage dans le District des Diamants etc.*, I, 39.

avistar meu excelente hospedeiro, e dentro em pouco soube o motivo pelo qual o mesmo não me admitia em sua mesa — tinha êle por costume tomar as refeições em companhia de sua mãe e suas irmãs, e, como estas senhoras não queriam aparecer a extranhos, não podia receber-me RAFAEL TOBIAS DE AGUIAR, cujo conhecimento eu devia ao nosso amigo comum JOÃO RODRIGUES PEREIRA DE ALMEIDA, barão de Ubá, era, na ocasião, se bem que muito jovem ainda, major da guarda nacional, tendo exercido, mais tarde, em sua província, um pôsto mais importante, pois foi presidente da mesma, desde o mês de novembro de 1831 a novembro de 1835.

Ao *ouvidor* já eu tinha visitado, como acima relatei, em minha passagem por Itú; encontrei-o nas forjas do Ipanema, sôbre as quais falarei a seguir, e em sua companhia regresssei a Sorocaba; nesta cidade, convidava-me quasi diâriamente para jantar, e não cessou de me cumular de gentilezas. No dia seguinte ao de minha chegada a Sorocaba — 22 de dezembro fui a *Ipanema* (485), situada a 2 léguas e $\frac{1}{2}$ da cidade. O terreno que se atravessa para alí chegar é irregular, e coberto de matas e de campos. A pouco distância de Sorocaba, a estrada bifurca-se em dois ramos; uma grande cruz de ferro, fundida em Ipanema, indica o que conduz à forja do mesmo nome. Quando se atinge êsse local, não se pode deixar de admirar a sua extensão, o movimento alí reinante e a beleza da paisagem. Nada tinha visto de semelhante desde que me encontrava no Brasil. As forjas do Ipanema estão instaladas na montanha de *Araçoiaba* (486), antigamente conhecida pela denominação de *Morro do Ferro*, de onde se extrai o minério e que é recoberta de matas. As edificações de que se compõe o estabelecimento formam uma espécie de anfiteatro, abaixo do qual corre o rio Ipanema, um dos afluentes do rio Sorocaba. Quando se chega às forjas, atravessa-se o Ipanema por uma ponte bastante larga. Em frente vê-se um belo lago cavado pela mão do homem e que serve de reprêsa às águas do rio. Êsse lago é cercado de matas, e algumas ilhas pequenas elevam-se do meio de suas águas. A ponte é dividida em duas partes ou, melhor dizendo, existem

(485) *Ipanema* vem de *yg* (rio, água) e *panemo* (sem valor) — o rio sem valor. O padre RUIZ DE MONTÓYA diz que *ypane* significa rio sem peixe (*Tes. Guar.*, 261-bis), o que equivale à explicação acima.

(486) *Araçoiaba* não pode vir senão das palavras *araçoeya* (a aurora) e *mbaæ* ou *mba* (cousa, fantasma) — RUIZ DE MANTÓYA, *Tes. Guar.*, -bis, 212 — cousa. fantasma da aurora. O nome *Araçoiaba* ou *Araçoeyambæ* foi dado a essa montanha, provavelmente por alguma tribu indígena que a avistava do lado de leste, e seu isolamento podia fazer considerá-la como um fantasma. Lê-se, na *Corografia Brasileira* (I, 203) e no *Dicionário Geográfico do Brasil* (I, 68), que a palavra *Araçoiaba* quer dizer — *que cobre o sol*. Nenhum elemento encontrei, devo confessar, que confirme tal asserção.

duas pontes, exatamente correspondentes, uma sôbre o rio e outra sôbre um canal que fornece às novas forjas as águas tiradas do lago. Um dique de pedras, com 60 pés ingleses (18 ms. e 24 cms.) de altura e 150 pés ingleses (45 ms. e 60 cms.) de largura, construído abaixo da ponte, no leito do Ipanema, só deixa escapar as águas supérfluas do rio. Entre as duas partes da ponte, à esquerda, está um edifício quadrado, que serve de depósito e onde está instalada a administração do estabelecimento. E' à direita, do lado oposto ao reservatório d'água, que estão tôdas as construções de que as forjas se compõem. À margem do rio, vêem-se as antigas forjas construídas pela companhia suéca à qual dentro em pouco me referirei. As novas forjas foram construídas sôbre um plano mais elevado; compõem-se de dois altos fornos, reunidos numa só peça, dois aparelhos para pulverizar o minério e duas edificações diferentes, onde estão os aparelhamentos para a refinação. Este conjunto forma um edifício regular, que representa três corpos salientes: os altos tornos ao centro, as refinações nas duas extremidades, e, num plano mais recuado, os aparelhos de pulverização, colocados entre as refinações e os fornos. Atrás do referido edifício, passa o canal cujas águas, retiradas do reservatório, destinam-se a mover as rodas dos altos fornos, dos aparelhos de pulverização e das refinações. Esse canal, construído com pedras talhadas, mede 15 pés (4 ms. 56 cms.) de largura e tem 1.000 pés de extensão. Acima do canal, num plano ainda mais elevado, estão três edifícios quadrados, em correspondência com os altos fornos e as refinações, destinados ao depósito do carvão. Em ponto mais alto ainda, mas ao lado, vêem-se diversos edifícios que servem de oficinas e de alojamentos para os mestres, para os escravos do estabelecimento e, enfim, para o destacamento militar alí acantonado (487).

Em resumo, as forjas do Ipanema compõem-se (1820) de dois altos fornos, cada um com seu fole de madeira; oito refinações; dois pulverizadores de pilões; dois *martinetes* (martelos-pilões); quatro fornos catalães; um aparelho para perfurar canhões; uma roda com seu moinho; um moinho para farinha; uma serra mecânica e um enorme forno para cal, que, em fins de 1919, ainda não estava concluído. Existem no estabelecimento 17 rodas postas em movimento pela fôrça da água. O minério é tirado, como já referí, da montanha Araçoiaba e é encontrado à flor da terra. Essa montanha tem diversos cumes e é inteira-

(487) O gráfico VIII do *Pluto Brasiliensi*, de ESCHWEGE, representa fielmente as novas forjas de Ipanema. Pode-se, também, fazer uma idéia do conjunto de tôdas as construções pelo gráfico VII da mesma obra; mas a forma extremamente defeituosa pela qual alí figura a ponte sôbre o Ypanema e a completa omissão da ponte sôbre o canal prejudicam assaz a clareza do plano.

mente isolada. “Sua base — diz FRIEDRICH VARNHAGEN — forma uma figura oval, cujo diâmetro maior mede 3 léguas do norte ao sul, medindo o menor uma légua e meia. Os cumes são separados entre si por várias superfícies planas, numa das quais há um pequeno lago pantanoso, denominado *Lagoa Dourada*, onde, segundo a lenda popular, há tesouros ocultos (488). Diversos regatos vertem da montanha sendo mais importante o que nasce no vale *das Furnas* (grotas), e que tem o nome de *ribeirão da antiga fábrica*. Matas densas, onde o machado quasi não trabalhou, cobrem a mina, e são extraordinariamente ricas em madeiras de construção e de marcinaria, das quais conseguí reunir 108 espécies diferentes (489). Do lado de léste é que corre o rio Ipanema, que, no local, tem a largura de 25 pés (7 ms., 60); a oeste corre o *Sarapahú*, que é um pouco maior. Os dois deságuam no Sorocaba e são navegáveis até a sua confluência com este último. Em alguns lugares vizinhos de Araçoiaba, existem terrenos auríferos, que antigamente foram explorados; mais tarde foram abandonados, porque os víveres tornaram-se muito caros, e porque, também, só se pagavam, aos escravos empregados na mineração, 6 *vinténs* (75 cents.) por dia, quando deviam perceber, pelo menos, o salário de 8 *vinténs*, para dar aos seus senhores algum lucro (490)”.

Desde um grande número de anos foi descoberta a existência de ferro na montanha de Araçoiaba, outrora denominada *Biraçoiaba*, *Guraçoiaba* e *Quiraçoiaba*, alterações ou corruptelas do verdadeiro nome (491). Já em o ano de 1590, AFONSO SARDINHA, minerador ativo e empreendedor, instalou, na própria montanha, um forno catalão, do qual existem ainda vestígios. SARDINHA fez presente dêsse forno a D. FRANCISCO DE SOUSA, então administrador geral das minas (492).

(488) Existem no Brasil vários lagos e lagoas, relativamente aos quais são contadas lendas mais ou menos semelhantes, todos denominados *Lagoa Dourada* ou *Lagoa do Pão Dourado* (V. o que já escrevi sôbre o assunto em minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, II, 189).

(489) SPIX e MARTIUS dizem que a *Araçoiaba* está a mil pés acima de Ipanema; segundo VARNHAGEN, está a 2.010 pés ingleses acima da referida localidade e a 4.600 acima do nível do mar; ESCHWEGE, finalmente, indica 1.822 pés ingleses, como sendo a altura da planície em que está situada a montanha, 1.088 pés como sendo a altura da mesma acima da planície, e, por consequência, 2.910 pés (884 metros) como sua altura acima do nível do mar. (SPIX e MARTIUS, *Reise*, 253. — *Beobachtungen in Eschw.*, *Journal*, 255. — *Plut Bras.*, 530). Tão grandes diferenças demonstram a necessidade de nova medição.

(490) FRIED. VARNHAGEN, *Beobachtungen etc.*, in *ESCHW.*, *Journ. von Brasilien*, II, 254-258.

(491) Devo apenas dizer que o nome *Gorussuava*, referido por MAWE, é inteiramente errôneo.

(492) PEDRO TAQUES, *História da Capitania de São Vicente*, in *Rev. Trim.*, 2.^a série, II, 450.

Uma pequena aglomeração humana formou-se nas vizinhanças, e dentro em pouco foi honrada com o poste da justiça (pelourinho) que é o símbolo designativo das vilas; mas, pouco depois, seus moradores trasladaram-se para Sorocaba (493), e em 1629 a fábrica foi inteiramente abandonada. Pelos anos de 1766 ou 1770, novas forjas foram estabelecidas no mesmo local onde estavam as primitivas, e se por muitos anos não subsistiram, foi porque o govêrno, que pretendia manter o sistema colonial em todo o seu rigor, proibiu que nas mesmas se trabalhasse (494).

Quando o rei D. JOÃO VI veio para o Brasil, foi lembrada, naturalmente, uma jazida que, situada a pouca distância do mar e em meio de um centro agrícola, podia ser explorada com tão grande facilidade. Com o intuito de instalar, às margens do Ipanema, um estabelecimento importante, foi proposta a organização de uma sociedade com a capital constituído por 60 ações do valor nominal de 2.000 cruzados cada uma. 47 ações foram subscritas por particulares e 13 pelo rei, que substituiu as suas por um valor muito mais elevado do que os das mesmas: a saber, deu ao estabelecimento projetado a propriedade de 85 escravos, em sua maior parte mulatos, tirados dos antigos estabelecimentos dos jesuítas, escravos que eram mais civilizados, do que o eram, de ordinário, os escravos comuns. Fez-se vir da Suécia uma turma de operários, com um técnico que os dirigia, e os alicerces das novas forjas foram lançados em 1811. A companhia Suécia, assim foi denominada o grupo de operários estrangeiros que deram início aos trabalhos no estabelecimento; a companhia Suécia fez cavar o reservatório de água, construiu os 4 fornos catalães, assim como o engenho de serrar madeira, e abriu várias estradas. O diretor suéco pôs-se à frente do estabelecimento até 1815, e durante todo êsse lapso de tempo os acionistas nenhum dividendo perceberam. Êsse indivíduo foi acusado de incapacidade e censurado por ter feito despesas inúteis, razão pela qual foi demitido. Para substituí-lo, foi escolhido o tenente-coronel FREDRICH VARNHAGEN, alemão, nascido em Hesse, que desde muito tempo servia Portugal, como engenheiro militar. Afirmava-se que no Brasil era impossível a utilização dos altos fornos, devido ao calor, à natureza do ar atmosférico e, sobretudo, à qualidade da pedra. VARNHAGEN sustentou que os altos fornos teriam êxito em Ipanema, tanto quanto na Europa, e que a pedra do país resistia muito bem à fôrça do calor. Êsse técnico traçou o plano dos

(493) Trata-se, incontestavelmente, da vila de *Itapebussú*, da qual já falei (V. pág. 473, nota 248).

(494) FRIEDRICH VARNHAGEN atribui a uma outra causa a destruição dessas forjas, isto é, á ignorância dos seus empreendedores.

edifícios que já descreví e que compõem as novas forjas, dirigindo êle próprio as construções, e a obra ficou terminada ao fim de dois anos. A primeira fusão nos altos fornos foi realizada em 1.º de novembro de 1818, e inteiro sucesso corou o empreendimento. Quando se sabe o espírito de intriga que reina no Brasil, a ignorância dos operários, sua inconciência e excessiva preguiça (1820), pode-se então, ter uma idéa dos obstáculos quasi insuperáveis que VARNHAGEN teve de vencer, e não se pode deixar de julgar como uma espécie de prodígio a rapidez com a qual conseguiu êle levar a cabo tão importantes trabalhos.

As novas forjas foram construídas por tarefas, fazendo o govêrno tôdas as despesas, mediante o reembôlo das mesmas com o décimo da produção líquida do estabelecimento. Os vencimentos do diretor e dos operários estrangeiros eram pagos pelo rei, que sempre protegeu o estabelecimento, desde o momento em que êste iniciou os trabalhos.

Se o que me relatou o diretor VARNHAGEN é exato, o minério de ferro da montanha de Araçoiaba rende 80% de metal, quando tratado em grande escala; entretanto, é necessário misturá-lo com um quarto de pedras verdes e outro tanto de pedra calcárea. Assegurou-me também o diretor que cada um dos altos fornos podia produzir, diàriamente, 20 quintais de ferro (1.180 kgs.). Em vez de carvão, empregavam-se, para o aquecimento dos altos fornos toros da árvore denominada peroba. O método de refinar o metal era um sistema mixto, utilizando-se, conjuntamente, os sistemas wallão e germânico. O estabelecimento possuía uma gleba de terras de 7 léguas de contôrno, quasi inteiramente coberta de matas, gleba em cujo centro está localizada a montanha de Araçoiaba. Fazia-se com os moradores da região um acôrdo, pelo qual êstes últimos comprometiam-se a fornecer às forjas uma determinada quantidade de minério que lhes era paga à razão de 8 réis a arroba (5 cs. por 14 kgs. 75); pagava-se o carvão a 40 réis a arroba e a pedra calcárea a 25 réis. Os fornecedores de carvão eram obrigados a comprometer-se, para o fornecimento, a um dos dois métodos usados na Europa e a cortar a madeira nos trechos das matas indicados pelo diretor. Para o trabalho interno, eram empregados, com os 85 escravos a que já me referí, cêrca de 24 mestres livres. O govêrno fazia fundir em Ipanema canhões e as respectivas balas; fundiam-se também alí moendas para os engenhos de açúcar e fabricavam-se machados, picaretas, enxadas, cravos para ferir animais, etc. O preço das obras fundidas era de 6\$400 por quintal (40 frs. por 58 kgs. 9); o ferro em barra, muito procurado no país, era vendido pelo mesmo preço. A se acreditar no diretor, o ferro custava ao estabelecimento apenas \$908 (5 frs. 67 cs.) e o ferro em barra 3\$200. O diretor superintendia todo o estabelecimento, mas era obrigado a

prestar contas a um conselho de que fazia parte, conselho composto pelo capitão-general, pelo *ouvidor* da comarca de Itú e por um representante dos acionistas (*procurador dos acionistas*), nomeado pelo capitão-general. A qualquer pessoa é dado perceber que tal forma de administração é muito defeituosa, pois os acionistas não podiam tomar parte na mesma. O diretor, que era realmente tudo na administração, era nomeado pelo rei de quem recebia os vencimentos; o capitão-general e o ouvidor da comarca nenhum interêsse tinham nas forjas; finalmente, o procurador do acionistas, acolhido pelo capitão-general, era apenas um homem de sua confiança e, ademais, se não partilhasse da opinião do resto do conselho, nenhum meio tinha para fazer prevalecer a sua. Assim, pôsto que pertencendo em grande parte a particulares, as forjas estavam na realidade, sob a inteira dependência do govêrno.

Entretanto, não era esta a única censura do público ao estabelecimento das forjas. Segundo muitas pessoas, tal estabelecimento não produzia os belos resultados pretendidos pelo seu diretor, ao contrário, despendia muito mais do que produzia. VARNHAGEN cometeu a imprudência de se indispor com os que trabalhavam sob suas ordens, os quais se tornaram seus inimigos. Tôda a gente afirmava que o principal suéco, que tinha permanecido em Ipanema depois do afastamento do primeiro diretor, possuía grande inteligência e preparo, sobretudo relativamente a mecânica, e era geralmente sustentado que a êsse indivíduo devia-se, em grande parte, a construção das forjas. Um fundidor francês, expulso do estabelecimento, entregou, como era voz corrente, ao capitão-general esclarecimentos e contas com os quais pretendia demonstrar que as forjas, administradas como estavam sendo então, ocasionariam ao acionistas grandes prejuízos. O que era certo é que, desde a nomeação do novo diretor, o estabelecimento não rendeu aos interessados mais do que no tempo anterior. Deve-se proclamar, entretanto, que o mesmo não poderia estar melhor situado e reunir mais propícias vantagens. A jazida é rica, quasi à flor da terra e nunca poderá ser exgotada; sem ser extremamente abundantes, as águas bastam para o serviço; o estabelecimento possui 7 léguas de matas; a pedra calcárea e a pedra verde são abundantes nos arredores; e, finalmente, encontram-se também pedras de construção que resistem satisfatòriamente ao grande calor dos altos fornos.

Depois de minha partida, VARNHAGEN deixou Ipanema. Durante a guerra da independência, nada ou quasi nada se fez em beneficio do estabelecimento, e, durante a paz, D. PEDRO I do mesmo se ocupou tanto quanto antes. Mas, sob a regência do padre FIJÓ, procurou-se dar às forjas a primitiva atividade, tirando-as do estado de ruína em que

tinham caído e dando-lhes até proporções muito maiores. O major BLÖEM, nomeado diretor do estabelecimento, atraíu a Ipanema um grande número de operários alemães. Construções mais importantes substituíram a antigas, novos maquinismos foram instalados, estradas foram abertas e o reservatório de água foi aumentado. Ipanema tornou-se sede uma paróquia sob o nome de *São João de Ipanema*, e, em 1836, o estabelecimento forneceu 754 artefatos de ferro fundido, 1.460 arrobas de ferro em barra e 850 arrobas de ferro guza. Entretanto, mau grado tais empreendimentos, o govêrno central indagava, em 1843, num relatório oficial, se ao invés de continuar com as despesas que se faziam desde 30 anos com as forjas do Ipanema, não seria mais acertado abandonar êsse estabelecimento (495). “Depois da época em que foi iniciada a instalação das forjas do Ipanema — diz KIDDER — 100 estabelecimentos congêneres foram instalados nos Estados Unidos, custeados pela indústria privada, e com vantagens talvez um pouco inferiores, forneceram uma produção um milhão de vêzes superior à da província de São Paulo. Tal é a enorme superioridade das emprêsas particulares em comparação com as exploradas pelos governos”. A experiência de todos os países tem provado; à saciedade, que os estabelecimentos industriais custam infinitamente mais aos governos do que aos particulares. Mas, independentemente de verdade tão incontestável, ESCHWEGE procura demonstrar, com razões muito plausíveis, que ainda não chegou o tempo das grandes manufaturas, e, em particular, o tempo em que os altos fornos poderão produzir, no Brasil, verdadeiros benefícios. “Com o auxílio de operários berlineses — diz êsse autor, concluindo — VARNHAGEN teria chegado a obter ferro fundido da mais bela e fina qualidade; mas a produção não tinha bastante saída, para que pudessem ser cobertas as despesas, e os acionistas lamentavam-se amargamente. Ninguém queria compreender que os verdadeiros obstáculos ao almejado êxito provinham, principalmente, da escassa população do Brasil e de sua excessiva disseminação; acusava-se a administração das forjas de todos os insucessos; várias vêzes mudaram sua direção, mas os resultados foram sempre os mesmos. Dessas razões que aduzi deve-se tirar como consequência, desde já inatacável que, enquanto a população do Brasil não tiver tido um crescimento bastante sensível, os altos fornos não poderão ter êxito no país; que pequenos fornos espalhados por tôdas as províncias, não fornecendo, anualmente, mais do que 2.000 arrobas de ferro, podem proporcionar vantagens quer aos compradores quer aos vendedores; que, finalmente, durante muito tempo ainda, êsse cômputo

(495) KIDD., *Sket.*, I, 281. — MÜLL., *Ens.*, quadro 14. — *Min. Bras.*, 34.

deve servir de norma a todos os que quiserem estabelecer forjas” (496). Enquanto permaneci em Ipanema, VARNHAGEN dispensou-me tôda a sorte de atenções e gentilezas. Não posso ser juiz sôbre os seus conhecimentos em metalurgia e em mecânica mas posso afirmar que era um homem de elevado espírito.

Encontrei-me em Ipanema com NATTERER, zoólogo da comissão científica que o imperador da Austria tinha enviado ao Brasil, para estudar e analisar suas produções. NATTERER tinha se alojado há um ano nas proximidades das forjas, e aí formou uma imensa coleção de animais. Era impossível deixar de admirar a beleza dos pássaros; nenhum vi que tivesse uma única pena colada ou uma só gota de sangue. NATTERER era filho do empalhador do museu de Viena, mas tinha mais conhecimentos e o saber do que um preparador comum; desenhava muito bem e descrevia, afirmaram-me, todos os objetos que colecionava. Era, além disso, um homem frio e pouco comunicativo; raramente falava e parecia ocupar-se exclusivamente com a sua missão.

Em Ipanema encontrei também SELLOW, jovem prussiano, e o primeiro naturalista chegado ao Brasil depois da paz. Fôra anteriormente colocado no jardim das plantas de París, para aperfeiçoar-se na arte da jardinagem, e vivia então de uma pensão que lhe fazia o ilustre e generoso HUMBOLDT, persuadindo-o de que a mesma era fornecida pela administração do jardim. SELLOW empregava em suas pesquisas uma atividade e um zêlo incomuns. Tinha percorrido as costas do Brasil, desde o Rio de Janeiro à Baía, com o príncipe de NEUWIED; regressara com OLFERS, afim de visitar a província de Minas; dali, afinal, veio para São Paulo. Era a botânica a parte da história natural a que se tinha dedicado com fervoroso ardor; pareceu-me possuir, relativamente a essa ciência, conhecimentos muito profundos, e não se descuidara do estudo das relações que as plantas mantêm entre si. Seus conhecimentos não se resumiam à botânica; mantinha com brilho a conversação sôbre outros assuntos, falava várias línguas e demonstrava, constantemente, inteligência e discernimento. Frio, rude às vêzes, parecia ter excessivo amor próprio. Eu o desgostava fazendo-lhe a enumeração das pessoas que,

(496) Os técnicos lerão com proveito, o memorial minuciosamente escrito por ESCHWEGE sob as forjas do Ipanema dirigidas por VARNHAGEN. Esse memorial, inserto primeiramente no *Brasilien die Neue Welt*, II, 88, foi, posteriormente, reproduzido no *Pluto Brasiliense*, 350, com a adição de um capítulo intitulado — *Os altos fornos podem dar resultado no Brasil?* — Alguns topicos devidos a VARNHAGEN são encontrados também na reprodução feita no *Pluto*; mas é de lamentar que não tenha sido citado o autor. Devo apenas dizer que o conde de PALMA não sucedeu, como ministro de Estado, ao conde de LINHARES, assim como afirmou KIDDER, mas que ao tempo da instalação das forjas de Ipanema, era êle simplesmente governador de São Paulo.

enquanto estávamos no Brasil, descreviam na Europa uma parte das produções desse país. Cumulando-o de gentilezas e tratando-o com intimidade consegui forçá-lo a ter para comigo trato simples e afetuoso; mas o mesmo não ocorria quando êle se encontrava com VARNHAGEN e NATTERER. Ao regresso de minha viagem ao Sul remetí-lhe grande quantidade de cartas de recomendação para os meus amigos do Rio Grande e de Montevidéu os quais acolheram-no muito bem. Escreveu-me, em 24 de abril de 1824, para apresentar seus agradecimentos e comunicou-me que inútilmente solicitara passaportes para atingir Mato Grosso através dos Estados de FRÂNCA, pelo que contentou-se em percorrer a província do Rio Grande do Sul e a Banda Oriental, e que estava em vésperas de voltar a São Paulo, passando pelo *sertão* de Lages. Terminava a carta dizendo-me esperar que ainda nos encontraríamos. Morreu afogado no rio Doce, em 1831. Em seus *Anais da Província do Rio Grande do Sul*, 2.^a edic., 32, J. F. FERNANDES PINHEIRO traçou um belo elogio desse homem distinto. SELLOW, disse êsse autor, fornecera-lhe graciosas notas, das quais se utilizou; determinara na província do Rio Grande várias posições geográficas e estudara os minerais da mesma província, sem prejuízo de importantíssima coleção de plantas que organizou.

Fiz, com SELLOW e o ouvidor de Itú uma pequena excursão, muito agradável, a-pesar-da chuva que durante a mesma caía. Fomos visitar a uma légua acima de Sorocaba, uma queda de água formada pelo rio do mesmo nome, e ainda mais bela do que a de Itú. Descrevendo uma curva, o rio Sorocaba cai de golpe, de uma elevada altura, sôbre massas de rochedos; suas águas saltam, espumam, para em seguida correrem pacificamente entre margens cobertas de matas virgens. Grandes árvores estendem seus ramos por cima da cascata, embaixo da qual há uma ilha onde crescem alguns arbustos, e, ao lado, vê-se, entre as folhagens, um fio de água que, escapado do rio, faz mover um moinho (497).

Desde minha volta de Ipanema a Sorocaba, até o dia 6 de janeiro, não cessou de chover, razão pela qual não pude prosseguir a viagem.

(497) “Existe, a uma légua da vila de Sorocaba, no rio de igual nome — diz VARNHAGEN — uma queda de água de cêrca de 300 pés ingleses, à qual se dá o nome de *Salto do Vuturati*. O rio Sorocaba tem duzentos pés de largura e tem o “livre curso impedido por muitas outras cascatas menores; entretanto, apresenta “longos intervalos em que corre suavemente, prestando-se à navegação. Formou êsse “rio, em sua margem direita, uma vasta gruta, cuja abóboda é ornada por numerosas “estalactites, e que os moradores da região chamam *Palácio*”. (*Beobachtungen*, etc. in ESCHW., *Jour.*, II, 253-254). E’ possível que *Vuturati* provenha de *itú* (cascata), *ra* (cousa semelhante, que se parece), *ty* (brancura). — (RUIZ DE MONTÓYA, *Tes. Guar.*, 164-bis, 335-bis e 385). Pela decomposição da palavra acima feita, equivaleria a mesma a *cascata branca*, nome que, certamente, foi dado a essa queda de água, por causa da alvura de suas espumas.

Essa prolongada chuva era bem necessária, porquanto tinha sido quasi completamente consumido o milho da safra do ano precedente; desde muito tempo os agricultores, mesmo os mais abastados, estavam privados de farinha; eu próprio paguei à razão de 10 *patacas* (20 frs.) o *alqueire* dessa mercadoria, a qual custava, ordinariamente, em Sorocaba, 1 1/2 ou 2 pacatas, e, mesmo assim, tive de recorrer a proteções para obter uma pequena quantidade. Tratava-se de colhêr o milho novo, embora fora da época de sua maturação; mas como a elevação do preço que se fazia sentir desde muito tempo e o temor da fome levaram os agricultores a plantar êsse cereal em muito maior quantidade do que a de costume, era lícito esperar que a colheita atingisse, nesse ano, uma fatura capaz de exceder as necessidades do consumo (498).

(498) A colocação do acento agudo nos vocábulo portuguezes, determina-lhes a pronúncia e mesmo o sentido; exemplo: *amáras*, *amarás*. Na maioria das palavras a voz se apoia, quando se fala, sôbre a penúltima sílaba, e quando se escrevem essas palavras, suprime-se completamente o acento; mas, como é frequentemente a última sílaba que se faz mais fortemente soar nos vocábulo oriundos da língua dos indígenas, é util, quando assim não ocorrer, não se emitir o acento; por essa razão sempre coloquei o acento agudo na penúltima sílaba da palavra *Sorocaba*. E' claro, pelo exposto, que o príncipe de NEUWIED (*Brasilien*, 13) tem inteira razão em attribuir à posição do acento grande importância, e é precisamente porque sou do mesmo parecer, que persisto em acreditar que se deve escrever *Maricá* e não *Márica* como fez êsse autor, tendo visitado o Rio de Janeiro cinco vêzes, alí permanecendo, durante essas visitas por mais ou menos tempo, julgava-se também seguro da ortografia do nome da pequena vila de Maricá, vizinha daquela capital, como seguro estou das palavras *Vincennes* e *Bercy*; entretanto, quis reforçar minha convicção. Sete jovens brasileiros recentemente chegados do Brasil, consultados sôbre o assunto, afirmaram todos que se deve escrever *Maricá*; que se encontra *Maricá* em CAZAL (*Corog.* II, 9-10 e 22), no primeiro volume da *Revista Trimensal* (p. 144) e no *Dicionário Geográfico* (II); da mesma forma e lido no mapa, da provincia do Rio de Janeiro denominado *Carta Topográfica da Provincia do Rio de Janeiro*, de NIEMEYER; enfim, essa ortografia que adoto, e que é adotada pela maioria dos autores, foi consagrada por documento official — o *Relatório do Ministro do Império para o Ano de 1847*, 37.

CAPÍTULO XI

A VILA DE ITAPETININGA

ASPECTO GERAL DA REGIÃO SITA ENTRE SOROCABA E ITAPETININGA; SEUS HABITANTES. — O SÍTIO DE PEDRO ANTUNES; BREJOS; INVERNADAS. — EXQUISITICES DE JOSÉ MARIANO. — REGIÃO SITUADA ENTRE PEDRO ANTUNES E O RIO SARAPUHÚ. — REGIÃO SITUADA ENTRE ESSE RIO E A VENDA DE LAMBARÍ. — CHEGADA DO AUTOR A ITAPETININGA. — DESCRIÇÃO DESSA CIDADE; COMÉRCIO; PEDRAS DE FUZIL. — FOME. — O DISTRITO DE ITAPETININGA; SUAS PRODUÇÕES; SUA POPULAÇÃO.

Desde minha partida de São Paulo fiz voltas, muito me afastando da estrada que conduz diretamente ao Sul — *estrada real* (499); nessa estrada entrei ao chegar a Sorocaba, seguindo-a sempre até o *rio Jaguariíba*. Dirigi-me em primeiro lugar à pequena vila de Itapetininga, afastada doze léguas da de Sorocaba, pelo lado sudoeste. A região que percorri não é deserta, mas percebe-se que se abandonam distritos ricos e florescentes, onde é cultivada a cana de açúcar, e que se entra numa região miserável e pouco civilizada (1820). Essa região que atravessassei até Itapetininga, ora plana ora ondulada ou mesmo montanhosa, apresenta uma alternativa de matas e de campos. Excetuados os arredores de Sorocaba, onde êstes últimos, dentro de pequeno espaço, são semeados de árvores raquíticas, apresentam, geralmente, apenas gramíneas em tufos esparsos, entre os quais não se vê grande número de outras plantas. Próximo a *Pedro Antunes*, e mais além, em um espaço de cinco léguas, entre o rio Sarapuhú e a *mata de Lambarí*, os tufos de gramíneas são,

(499) Itinerário, aproximado, de Sorocaba a Itapetininga:

	léguas
De Sorocaba a Pedro Antunes (sítio).....	3
De Pedro Antunes ao rio Sarapuhú.....	3
Do rio Sarapuhú a Lambarí (venda).....	3
De Lambarí a Itapetininga (cidade).....	3

entretanto, todos entremeados de numerosas palmeiras de fôlhas inteiramente radicadas; é a espécie conhecida no Brasil com o nome de *endaiá*, e que produz um fruto cuja parte interna é comestível (500).

Em parte alguma há grandes *fazendas*; mas vêem-se, frequentemente, esparsas pelos campos, casas que, mal conservadas, muito pequenas, constituem indício de completa indigência. Os moradores dêsses tristes casebres parecem ser brancos e como tais são tratados, mas suas fisionomias demonstram suficientemente, uma originária mistura de sangue indígena. Aos caracteres que indicam essa mescla, já por mim assinalados, muitas vêzes juntam-se outros, que recomendo à particular atenção dos antropólogos e dos naturalistas em geral — os da côr da pele e do cabelo. Ao passo que os portugueses de raça pura teem uma pele morena e olhos pretos, e que os indígenas teem olhos e cabelos pretos, e uma pele escura, os indivíduos dessa região, originários dessas duas raças, são fâcilmente reconhecidos por sua côr esbranquiçada e cabelos louros, caracteres que eu já tinha observado, com pequenas diferenças, entre os mestiços de Caracatinga. Trata-se, talvez, duma espécie de albinismo (501), cuja causa deve ser complexa e não poderá ser atribuída, unicamente, ao cruzamento das duas raças.

Êsses mestiços, relativamente à inteligência, estão muito abaixo dos mulatos, e diferem inteiramente dos fazendeiros brancos da parte mais civilizada da província de Minas Gerais. Êstes são homens mais ou menos abonados, que possuem escravos e não cultivam a terra com as próprias mãos; nos colonos brancos, ou pretensos brancos, da parte da província de São Paulo de que me vou ocupando, não se podem ver senão verdadeiros camponeses: não possuem escravos e são êles próprios que plantam e colhem, vivendo, geralmente, em grande penúria. Têm tôda a simplicidade e os modos grosseiros de nossos camponeses, mas não possuem, seja sua alegria, seja sua atividade. Se quinze camponeses de França se reúnem num domingo, cantam, riem, discutem, os de que

(500) Essa espécie botânica é, muito provavelmente, diferente do *andaiá* de Minas e de Goiaz (*Voyages dans les Provinces de Rio de Janeiro* etc., I, 103. — *Voyages dans la Province de Goyaz*, II, 27). Parece que os nomes *andaiá*, *indaiá*, *endaiá*, applicam-se a várias palmeiras; essa é também a opinião do príncipe de NEUWIED (*Brasilien*, 70).

(501) Sabe-se que o albinismo não é raro entre os indígenas. ROUBLIS observou entre os indígenas do México tôdas as nuances dessa aberração singular, entre os mestiços de brancos com indígenas. Eu tive ocasião de ver, na zona às margens do Jequitinhonha, botocudos quasi brancos, e Firmiano, filho de um chefe indígena que os portugueses chamavam *capitão-branco* tinha a pele esbranquiçada e os cabelos castanhos claros e piscava frequentemente os olhos. O príncipe de NEUWIED encontrou também indígenas quasi inteiramente brancos. Finalmente, CAZAL afirma que os parecis tinham essa côr e que são encontrados alguns homens brancos entre os bugres que habitam a região vizinha da que vou descrevendo.

trata apenas falam, não cantam, não riem e mantêm-se tão tristes depois de ter bebido *cachaça*, como o estavam antes da ingestão dessa bebida alcoólica. Encontrei-me, num domingo, em uma *venda* visinha da mata de Lambarí. Grande número de agricultores estava alí reunido. Êsses indivíduos cercavam-me como ocorria em Minas; mas, alí, faziam-me mil perguntas, perdiam-se em conjeturas sôbre os fins de meu trabalho; aquí, olhavam-me e não proferiam palavra. Êsses camponeses têm todos, pouco mais ou menos, o mesmo costume; andam com as pernas e os pés inteiramente nús; usam um chapéu de abas estreitas e copa muita alta; vestem ceroulas de tecido de algodão e uma camisa do mesmo tecido, camisa cujas fraldas flutuam por cima das ceroulas; trazem um rosário ao pescoço e, ao redor do corpo, um cinto de couro ou de tela, ao qual está presa uma grande faca dentro duma bainha de couro. Os menos pobres usam um colete de pano azul, e o poncho, que é objeto de sua maior ambição.

E' desnecessário dizer que as casas dêsses camponeses não são de melhor aparência no interior do que em seu exterior. Tôdas se parecem, com poucas modificações apenas: para que se as conheça, bastará a descrição da em que pernoitei à margem do rio Sarapuhú, limite do distrito de Sorocaba. Era essa casa construída de terra e ripas cruzadas; compunha-se de três pequenos compartimentos sem janelas e, por isso, extremamente escuros. O compartimento em que fui alojado era um pouco mais claro do que os outros dois, pela razão de dar para o *quintal*, e porque, dêsse lado, não havia outro anteparo senão o constituído por estacas fincadas na terra, umas próximas das outras. Como se tem o costume de acender fogo nos compartimentos internos das casas, ao centro dos mesmos, as paredes e os tetos eram pretos como carvão. Todo o mobiliário consistia num *girau*, um par de bancos e pilões destinados à socagem do milho para o fabrico de farinha. Não se deve pensar que a população, cujas moradias e cujos caracteres e costumes acabo de descrever, esteja confinada nas doze léguas que separam Sorocaba de Itapetininga; encontrei pouco mais ou menos indivíduos semelhantes, com a mesma apatia e, quiçá, mais miseráveis, entre esta última vila e os Campos Gerais, num círculo de cêrca de 30 léguas. Um único traço mais bastará para completar o retrato dêsses infelizes. Desde Sorocaba até Morongava, não há menos de 40 léguas; eu apenas percorria duas ou três diâriamente. Parava nas melhores casas, mas só encontrei duas em que a água das chuvas não caísse de todos os lados. Não se pode dispensar para habitação, pelo que é indispensável construí-las, mas há muita preguiça para a conservação das mesmas. A água da chuva penetra por um lado, e todos os objetos nesse ponto situados são trans-

portados para outro ponto; e os moradores vão, assim, se refugiando, de um lado para outro, até que a casa caia inteiramente em ruínas.

O prosseguimento de meu itinerário levará a bem conhecer essa região. Saí de Sorocaba pela estrada que vai às forjas e gosei ainda o belo panorama dessa cidade, que se estende, como já fiz notar, pela encosta de uma colina. A igreja paroquial, com sua torre, domina toda a cidade; grupos de laranjeiras e bananeiras espalham-se entre as casas, contrastando, pela sua côr verde carregada, com a alvura das paredes carregadas e com o vermelho das telhas que cobrem as casas. A região circunvizinha, ligeiramente acidentada e cortada por matas e pastagens, tem, como limite do lado de leste, montanhas; abaixo da cidade a vista se detém encantada num braço do rio que serpenteia entre molduras de matas.

Entre Sorocaba e o local onde fiz alto, divisei sempre diante de mim, um pouco para a direita, o morro da Araçoiaba, que constitui uma variante na paisagem. Já disse que, depois de Sorocaba, tinha atravessado pequenas pastagens entremeadas de árvores raquíticas, pertencentes às espécies que vegetam nos *campos* muito mais setentrionais de Goiás e de Minas; tratava-se da *gutífera* denominada *pinhão* (*kielmeyera insignis*, A.S.H., JUSS., CAMB.); (502) e da mesma *qualea* de grandes flores, etc.

A palmeira *endaíá*, à qual já me referí, cresce nos pontos dos campos em que o solo é arenoso.

A 3 léguas de Sorocaba, detive-me no *sítio Pedro Antunes*, de que era dependência um engenho de açúcar cujo proprietário possuía alguns escravos; sua casa, entretanto, como todas as do distrito, era muito pequena. Durante a noite que passei nesse sítio, meus animais estraviaram-se nas pastagens; pela manhã do dia seguinte só muito tarde foram encontrados, podendo eu então prosseguir viagem. Aproveitei-me da estadia nessa localidade, para fazer grande herborização; mas, embora tivesse percorrido brejos, poucas plantas colhi. Geralmente, quer nessa região, quer nas outras partes do Brasil que até então percorrera, os terrenos pantanosos não oferecem tamanha variedade de plantas como na Europa. Encontrei em lugares úmidos e lamacentos, nas vizinhanças de Pedro Antunes, os capões de mato que ocupam, ordinariamente, a parte baixa dos paues, formando quasi sempre uma orla alongada nos mesmos. Aquí, como em Minas (503), êsses capões apre-

(502) Ver-se-á para adiante, que um pouco mais ao sul, a um dia de viagem de Itapeva, ainda encontrei exemplares anoes dessa mesma planta.

(503) V. minha *Voyage aux Sources du Rio S. Francisco* etc., I, 177.

sentam um espêsso conjunto de arbustos e árvores de caule fino e erecto, muitas vêzes ramoso desde a base. Se êsses vegetais crescem ordinariamente na parte mais baixa dos brejos, é, por certo, devido a que maior porção de terra vegetal alí se deposita. Na região que vou descrevendo, os capões de mato dessa natureza têm o nome de *restingas*, nome que, na costa, ao norte do Rio de Janeiro, é aplicado às línguas de terra arenosa cobertas de arbustos de caule herbáceo (504). Não acredito que em Minas seja dado um nome especial às *restingas* análogas a essas da província de São Paulo (505). Durante o tempo em que eu estava herborizando, encontrei à margem de um riacho algumas cabanas cobertas de fôlhas de palmeira, com a altura de 5 pés apenas, protegidas por um cercado de madeira. Um jovem convidou-me delicadamente para entrar numa dessas cabanas. Estendeu um couro por terra, desdobrou por cima o seu poncho, convidando-me a sentar. Travamos palestra e êle contou-me que era *camarada* de uma tropa de muares bravos proveniente da pequena cidade de Faxina. Quando uma tropa chega é solta nas vizinhanças de Sorocaba; os camaradas constroem cabanas perto do local onde pastam os animais e alí permanecem até que a tropa fique completamente descansada. E' o que se denomina *invernada*; e, em geral, êsse nome é dado a todos os locais em que as caravanas param durante algum tempo.

Enquanto me encontrava no sítio de Pedro Antunes, José Mariano deu nova prova de suas exquisitices. Êle não tinha tomado nenhuma refeição antes de partir de Sorocaba; chegando ao referido sítio, foi caçar, só regressando à noite. Firmiano e o preto Manuel tinham comido sem esperá-lo, deixando, entretanto, sua ração perto do fogo. José Mariano, ao regresso, arrumou sua cama, deitando-se; depois, repentinamente, pôs-se a murmurar, pelo fato de não o terem esperado, declarando que iria embora, se continuassem a tratá-lo com tão pouca atenção. Às três horas da tarde, o termômetro Réamur não marcara menos de 24°; era impossível que êsse homem, o qual, com tão forte calor, montara a cavalo e passara o dia caçando, sempre sem tomar qualquer alimento, não estivesse com os nervos extraordinariamente irritados, e eu aguardava para o dia seguinte de manhã qualquer nova cena de sua parte. Ao levantar-se, José Mariano apresentava um ar carrancudo e sombrio, ia e vinha de um lado para outro, em silêncio, e só ao fim de trinta e seis horas tomou algum alimento. Desde êsse momento, tornou-se mais

(504) V. minha *Voyage dans le District des Diamants et sur le Littoral du Brésil*, I, 337; II, 41.

(505) No linguaajar comum, *restinga* é têrmo de marinha, significando escolho, banco de areia.

suportável e pela tarde demonstrava, sem motivo plausível, uma louca alegria.

Entre Sorocaba e Pedro Antunes, a região, semeada de capões de mato e de campos, é quasi inteiramente acidentada. Além de Pedro Antunes, torna-se montanhosa, assim continuando por cêrca de três léguas, até o rio Sarapuhú (506). Daí para diante predominam as matas; essas, entretanto, são raramente entremeadas de alguns campos, e durante a derradeira légua que se percorre antes do Sarapuhú, atravessa-se, ininterruptamente, uma floresta, por péssimo caminho. Chegando-se à extremidade dessa pequena floresta, transpõe-se, por uma ponte de madeira estreita e sem parapeito, o rio Sarapuhú, que tem pouca largura. E' êsse rio que separa o *térmo* de Sorocaba do de Itapetininga. Detive-me à sua margem esquerda, num casebre em lastimável estado de conservação, casebre que já descreví acima.

Além do Sarapuhú, num espaço de três léguas, até a entrada da pequena mata de Lambarí, a região é ondulada. Vêem-se aqui e alí capões de mato; mas a estrada atravessa, sem interrupção, imenso campo, onde os tufos de gramíneas são, como já assinalei, entremeiados de numerosas palmeiras de fôlhas radicadas. Em alguns pontos baixos elevam-se pequenas árvores, entre as quais reconheci muitas *myrsineas*; vi, em meio dêsses campos, plantas para mim desconhecidas, mas encontrei muitíssimas outras pertencentes a todos os campos. Próximo da pequena mata de Lambarí, a região torna-se mais arborizada. Durante tôda a viagem, tinha visto casebres dispersos pelos campos; perto da mata do Lambarí são os mesmos mais comuns. Alojiei-me no último dos que precedem à mata; era uma venda com o mesmo nome dessa matas (*venda do Lambarí*), mata que por sua vez tem êsse nome tirado dum riachô vizinho.

A mata do Lambarí, com cêrca de uma légua de extensão, ostenta belíssima vegetação. Saindo-se dessa mata, encontram-se campos onde vegetam apenas gramíneas, algumas outras ervas e pouquíssimos subarbustos. O terreno é muito plano na mata de Lambarí (507), o mesmo ocorrendo relativamente ao campo que se lhe segue.

Pretendendo passar a noite em Itapetininga, mandei à frente José Mariano, afim de que, antes de minha chegada, entregasse ao *capitão-*

(506) A ortografia que adoto aqui está de conformidade com a pronúncia adotada na região; mas a grafia *Sarapuky* aproxima-se mais da etimologia; e assim escreve MÜLLER (Ensaio), 32, porque essa palavra parece vir dos vocábulos guaranis — *carapua* (curto e largo) e *yg* (água) — *rio curto e largo*. No *Ensaio* (31), encontra-se, além da grafia *Sarapuhy*, *Sarapiú*.

(507) O nome *Lambarí* é o de uma espécie de peixe muito pequeno (V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*, II, 27).

mor uma carta que o capitão-general da província lhe escreveu, recomendando-me. Minha caravana adiantou-se também, de forma que entrei sozinho na vila; e, encontrando tôdas as casas fechadas, muito trabalho tive para descobrir onde meus serviçais foram parar. Soube, afinal, que estavam numa péssima hospedaria. Muito extranhei que a prestigiosa recomendação por mim trazida não me tivesse proporcionado melhor hospedagem. José Mariano explicou-me, então, que o capitão-mor se encontrava na fazenda de sua propriedade, que um capitão da milícia (guarda nacional), a quem apresentara a carta do governador da província, não quis abri-la, e que só conseguiu, de um sargento, que a abrisse e tomasse conhecimento do conteúdo da mesma, sargento que lhe indicara a referida hospedaria. Esse sargento, à noite, veio visitar-me, pedindo-me muitas desculpas por não ter me alojado em sua própria casa. Disse-me, também, que remetara a carta do governador ao capitão-mor, mas que este, provavelmente, não viria ver-me, por estar ausente de sua fazenda. Entretanto, pelas nove horas, recebi sua visita. Os capitães-mores eram sempre escolhidos entre os homens de maior importância das regiões em que exerciam o cargo, e, de certo modo, era possível julgar, pelos mesmos, do grau de prosperidade e de cultura das localidades de cuja administração eram encarregados. O vestuário do de Itapetininga vinha confirmar a triste idéa que eu já tinha de seu distrito, pois apresentou-se com o paletó rôto nos cotovelos. Contudo, muitíssimo grato lhe fiquei, pelos cuidados e atenções que, continuamente, me dispensou.

A um tempo sede de um distrito e de um *térmo*, Itapetininga, que, na mesma época, não seria, em Minas, mais do que modesta aldeia, está situada a 30 léguas de São Paulo, 12 de Sorocaba, outro tanto de Pôrto Feliz e 18 de Itapeva, a 23° 30' de latitude austral e a 329° 53' 18" de longitude a partir do meridiano da ilha do Ferro (508). Seu nome origina-se dos vocábulos indígenas — *itapeti ny* (*pedra que produz som*). Foi fundada em 1770, pelo governador da província de São Paulo, D. LUIZ ANTÔNIO DE SOUSA (509), e, sob o antigo govêrno, era administrada por uma câmara municipal e dois *juizes ordinários*. A estrada do Sul passa por essa localidade, que foi levantada ao fim de bela planície coberta apenas por pastagens. Abaixo do local em que está situada corre um grande riacho — o *ribeirão de Itapetininga* —, vendo-se, do lado oposto desse ribeirão, matas que dão um cunho de variedade à pai-

(508) Essas indicações são devidas a PIZARRO (*Mem. Hist.*, VIII, 298); ver-se-á, porém, no capítulo seguinte, em que tratarei da vila de Itapeva, que as mesmas podem ser consideradas duvidosas.

(509) Piz., *Mem. Hist.*, VIII, 298.

sagem. Itapetininga tem forma pouco mais ou menos quadrada. O número de suas casas, ao tempo de minha passagem por ali, não ia além de 60, muito pequenas, em mau estado de conservação e construídas de terra socada (*taipa*). A igreja, consagrada a *Nossa Senhora das Mercês* (510), eleva-se numa pequena praça, não possuindo campanário, nem tórres; os sinos são suspensos, ao lado do edifício, sob um telheiro do mesmo separado. Quasi todos agricultores, os habitantes de Itapetininga só ali aparecem aos domingos, o que explica porque, quando a essa localidade cheguei, encontrei-a quasi deserta. Há, entretanto, várias *vendas* e algumas lojas, mas as primeiras, principalmente, eram muito mal abastadas. Paguei os objetos que tive necessidade de comprar com o aumento de 100% sôbre os preços correntes, para os mesmos, em São Paulo. Esta última cidade está, em verdade, apenas a 30 léguas de Itapetininga; mas as estradas são de trânsito difícil, os transportes, sempre feitos em lombo de muares, são extremamente caros, e a concorrência é quasi nula.

Na ocasião de minha viagem, Itapetininga possuía um pequeno movimento comercial, que por certo desapareceu posteriormente, do qual constituíam objeto pedras para fuzil, talhadas em suas vizinhanças, principalmente em ambas. — “Essas pedras — escreveu FRIEDRICH VARNHAGEN, em 1814 — são de ótima qualidade e de côr mais escura do que as provenientes da França e da Suíça. Pessoas pobres as cortam e talham com o auxílio de pequenos martelos chatos, de ferro, com 6 polegadas de comprimento, uma de largura e 1/4 de polegada de espessura, martelos fixados num curto cabo de madeira. Um operário pode fabricar duzentas pedras, diâriamente, e cada cento é pago a 8 *vinténs* (1 fr.). Grande quantidade das mesmas é vendida até nos portos de mar, onde são mais apreciadas do que as que vêm do estrangeiro” (511).

Pela primeira vez, ao deixar Sorocaba, encontrei milho para os animais. Pedí em tôdas as *vendas*, inútilmente, toucinho, a única substância que, no Brasil, substitui a manteiga ou o azeite; eu teria sido forçado a passar sem toucinho, se o *capitão-mor* não tivesse mandado buscar, em sua fazenda, uma pequena provisão de algumas libras. Bastam êsses fatos para demonstrar quão grande era, nesse ano, a falta de gêneros alimentícios, porquanto a região é essencialmente agrícola, e

(510) CAZAL e MÜLLER escrevem (*Corog. Bras.* I, 244 e *Ens. Estatíst.*, 51), como acima — *Nossa Senhora das Mercês*; mas, segundo PIZARRO, o nome dessa igreja seria *Nossa Senhora dos Prazeres* (l. c.).

(511) *Beobachtungen über eines Theil der Capitanie S. Paulo; vorzüglich in geognostischer Hensicht, in ESCW., Journ.*, II, 257.

parece que êsses gêneros são, alí, de ordinário, muito abundantes. Na época em que me encontrava em Itapetininga, seu distrito e sua paróquia, cujos limites são os mesmos, extendiam-se, de leste a oeste, por um espaço de cêrca de 14 léguas, desde o rio Sarapahú, que os separava de Sorocaba, até o rio *Paranapanema*, onde começa o território de Itapeva. Do norte ao Sul, as fronteiras eram ainda incertas; em direção ao mar, que está apenas a 20 léguas da vila de Itapetininga, havia vastas florestas quasi deshabitadas, e, do lado oposto, onde estão os campos, pouco se estendeu a população, para não se encontrar com indígenas ainda selvagens, que inspiravam grande terror. Em 1839, os limites do distrito eram ainda os mesmos, mas a paróquia, única antigamente, tinha sido dividida, pois, além da que dependia da igreja da vila, havia ainda outras duas paróquias — a de *Tatuí* e a de *Paranapanema* (512), ambas situadas ao sùl de Itapetininga, entre esta vila e o oceano, ou, melhor esclarecendo, entre a referida vila e o pequeno pôrto de Iguape. Finalmente, por fôrça de leis provinciais de 1842 e 1844, Tatuí, já então paróquia desde 12 anos, foi destacada do território de Itapetininga e erigida a vila (513).

Em 1820, quasi todos os moradores do distrito eram agricultores. Cultivavam milho, arroz, feijão e enviavam êsses produtos a Sorocaba, onde a permanência, embora pequena, das caravanas de Minas e do Sul ocasionavam um apreciável consumo dos mesmos produtos, porquanto os produzidos na própria região eram insuficientes. Nas zonas do distrito não assoladas pelas geadas, tais como os vales, cultivava-se o algodão, com o qual eram fabricados tecidos grosseiros, expedidos, como os fabricados nos arredores de Sorocaba, para o Rio Grande do Sul e para Curitiba. Havendo nas circunvizinhanças de Itapetininga vasta extensão de excelentes pastagens, vários colonos ocupam-se unicamente com a criação de gado, que vendem em São Paulo e, até no Rio de Janeiro. Existiam também, no distrito de Itapetininga, alguns engenhos de açúcar; além do mesmo, porém, nenhum outro estabelecimento do gênero era encontrado, e o rio Paranapanema pode ser considerado como sendo, no planalto, o limite da cultura da cana de açúcar. A vinha e, sobretudo, os pessegueiros, segundo me informaram, desenvolvem-se muito bem no distrito de Itapetininga (514). Entre Itapetininga e o oceano existem, nas matas, terrenos auríferos, mas o ouro não é abundante nessas jazir-

(512) D. P. MÜLLER, *Ens. Estatíst.*, 51.

(513) *Relatório apresentado etc., pelo Presidente MANUEL DA FONSECA LIMA E SILVA, jan. 1845, p. 3.*

(514) CAZAL, *Corog.*, I

das, pelo que a sua extração é feita apenas por alguns pobres *fiscadores* (515). Depois de 1820, a população de Itapetininga muito aumentou; as matas situadas ao sul dessa vila tornaram-se menos desertas, e a agricultura, principalmente no que se refere à cana de açúcar, muito se desenvolveu. Em 1837 ou 1838 foram colhidos, no distrito de Itapetininga, 5.500 arrobas de açúcar, 1.280 alqueires de feijão, um pouco de arroz e de milho e foram criados 800 bois e 120 muares (516).

Ao tempo de minha viagem, contavam-se, no distrito de Itapetininga, de 5.000 a 6.000 almas; em 1838, quando a atual vila de Tatuí ainda fazia parte do mesmo distrito, a população já se elevava a 11.510 almas. O quadro abaixo demonstrará, detalhadamente, o aumento que a referida população teve de 1815 a 1838, e, pelas comparações que o mesmo quadro nos fornecerá, poderemos tirar consequências que contribuirão para nos dar um conhecimento mais perfeito da região:

1815

Branços dos dois sexos	2.172	} 4.950 homens livres	
Mulatos livres dos dois sexos	2.755		
Negros livres dos dois sexos	23		
Mulatos escravos dos dois sexos ..	96		440 escravos
Negros escravos dos dois sexos ..	346		_____
Total		5.390 almas	

1838

Branços dos dois sexos	7.422	} 8.810 homens livres	
Mulatos livres dos dois sexos	1.097		
Negros	291		
Mulatos escravos dos dois sexos ..	511		2.700 escravos
Negros escravos dos dois sexos ..	2.189		_____
Total		11.510 almas	

(515) Os *fiscadores* são catadores de ouro sem recursos, que não podem entregar-se a importantes explorações, pelo que se limitam à lavagem da areia dos rios ou das terras que marginam (V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I, pág. 257 e seguintes).

(516) MÜLL., *Ens. Estatist.*, quadro 3.

(517) SPIX e MARTIUS, *Reise*, I, 238. — MÜLLER, *Ens. Estatist.*, contin. do ap. quadro 5.

1.º — É bem evidente que a população branca não pode ter triplicado em 23 anos; por consequência, consideráveis imigrações ocorreram, animadas pela fertilidade das terras e pela vasta extensão das que ainda se conservavam devolutas.

2.º — É impossível que o número de mulatos tenha diminuído de metade nos mesmos 23 anos; é, pois, lícito acreditar tivessem sido anteriormente computados entre êles mestiços de brancos com indígenas, cujos traços traíam, evidentemente, a origem. Os filhos dêsses mestiços, menos aproximados, racialmente, dos indígenas do que os respectivos pais, foram considerados, por uma geração mais indulgente, indivíduos da nossa raça, contribuindo, assim, para o aumento do numero de brancos.

3.º — O número dos escravos de tal modo aumentou, que é claro terem os mesmos sido trazidos pelos imigrantes, e que êstes últimos não eram homens pobres.

4.º — Não seria necessário tão grande aumento de escravos, se os colonos se tivessem adstringido ao trabalhos da criação do gado; tal aumento indica que se entregaram ao cultivo das terras, principalmente à cultura da cana de açúcar, a qual, efetivamente, não era na região, em 1820, mais do que uma espécie de acessório, mas que, depois dessa data, adquiriu verdadeira importância, pois que, em 1838, o número de engenhos de açúcar não era inferior a dez.

O distrito de Itapetininga não é, de fato, tão favoravelmente situado como os de Itú, Campinas e Jundiaí, muito mais próximos da capital da província e do pôrto de mais movimento; entretanto, possui também notáveis vantagens. A proximidade em que está de Sorocaba assegura-lhe, como já assinalei, o consumo de um aparte de suas produções, e, por outro lado, a vila de Itapetininga não está, na realidade, muito afastada do mar. Em verdade, no ano de 1838, eram necessários quatro dias de viagem por terra e cinco outros navegando pela *Ribeira de Iguape*, para ir de Itapetininga ao pequeno pôrto de Iguape (518); mas é de crer que esse espaço de tempo fique consideravelmente encurtado quando as estradas, já em construção, de Paranapanema a *Xiririca* e da própria vila de Itapetininga ao *rio Juquiá* (afluente do Iguape) forem entregues ao trânsito (519); e, então, as produções do distrito de Itape-

(518) Cito êsses números, de acôrdo com MÜLLER (*Ens. Estatico.*, 51); mas os argumentos e a inspeção do mapa publicado em 1847, por VILLIERS, levam a crer que os mesmos número pecam pelo exagêro.

(519) V. os relatórios dos presidentes da província de São Paulo à assembléia legislativa provincial.

tinga encontrarão um escoadouro muitíssimo vantajoso no pôrto de Iguape, que entretém um comércio de cabotagem, não só com o litoral do Brasil, mas, também, com o Rio da Prata (520).

(520) Pouco mais ou menos à altura da vila de *Cananéia* tem comêgo uma ilha estreita e alongada, com cêrca de 6 léguas de comprimento, a qual, estendendo-se de sudoeste para nordeste, deixa de permeio, entre ela e a terra firme, um canal denominado *Mar Morto* ou *Mar Pequeno*. Precisamente na extremidade setentrional do referido canal, entre o mesmo, ao sul, e a Ribeira de Iguape, ao norte, foi levantada, no continente, a pequena vila de Iguape. Seu pôrto não é bastante fundo, só permitindo entrada a pequenas embarcações (*sumacas* e *lan-chas*). Por êsse pôrto é exportada grande quantidade de arroz produzido em terras ao mesmo circunvizinhas; mas parece que até 1838 não se faziam pelo mesmo exportações muito consideráveis. Iguape tem estaleiros para a construção de embarcações de variados tamanhos. Em sua igreja consagrada a *Nossa Senhora das Neves*, há uma imagem de Cristo que atrai grande numero de peregrinos. Seu distrito, cuja população se elevava, em 1822, a 6.700 habitantes, e, em 1838, a 9.300, parece ser muito menos insalubre do que outras partes do litoral; é fértil e regado por um grande numero de ribeiros e pela Ribeira de Iguape, denominada, em sua origem, *rio Assunguí*, Ribeira que é o mais importante curso de água que, na provincia de São Paulo, nasce na cadeia marítima. Foi iniciada, segundo consta, a abertura de um canal destinado a estabelecer comunicação entre a embocadura do Iguape e a vila do mesmo nome; se tal obra for concluída, muito beneficiará a vila, principalmente quando os produtos do distrito de Itapetininga e do de Tatuí chegarem mais facilmente do que agora no rio Juquiá e a Xiririca (CAZAL, *Corog.* II, 228. — PIZ., *Mem. Hist.*, VIII, 309. — MÜLL., *Ens.* 61. — MILL. e LOP. DE MOUR., *Dioc.*, I, 450). Num escrito de real valor, mas um pouco prejudicado por algumas daquelas declamações filosóficas tão usadas no século passado, o illustre brasileiro MARTIM FRANCISCO RIREIRO DE ANDRADA traça doloroso e triste quadro sôbre a corrupção de costumes dos habitantes de Iguape. (*Diário de Viagem etc.*, in *Revist. Trim.*, II, 2.^a série, pág. 533).

CAPÍTULO XII

VIAGEM DE ITAPETININGA AOS CAMPOS GERAIS — A VILA DE ITAPEVA — INDÍGENAS

DESCRIÇÃO GERAL DA REGIÃO SITUADA ENTRE ITAPETININGA E OS CAMPOS GERAIS. — A CAMPANHA VIZINHA DE ITAPETININGA. — REGISTRO VELHO; COSTUME DO PROPRIETÁRIO DESSE SÍTIO. — O SÍTIO DE CAPIVARÍ, CHUVAS ABUNDANTES; DISSABORES, TRISTEZA; FOME. — HISTÓRIA DOS CAMPOS DO GUARAPUAVA; O MISSIONÁRIO JOSÉ DAS CHAGAS LIMA. — O LUGAR DENOMINADO PESCARIA; SEUS HABITANTES. — BELOS CAMPOS; ESTRADAS HORROROSAS. — A ESTRADA QUE ATRAVESSA O DESERTO (SERTÃO) DE LAGES; REFLEXÕES SOBRE A INCURIA DA ADMINISTRAÇÃO. — O RIO PARANAPANEMA; MISÉRIA. — O RIO APIAÍ. — SÍTIO DA FAZENDINHA; UMA VELHA MULHER. — FALTA DE VIVERES. — SÍTIO DO CAPÃO DO INFERNO.

A região que percorri, numa distância de cerca de 28 léguas, entre Itapetininga e Itararé até os limites dos Campos Gerais, compreende a parte mais ocidental do *térmo* de Itapetininga e todo o *térmo* de Itapeva. Como essa região está vizinha da cadeia marítima e como os afluentes do Paraná estão, ali, pouco afastados de suas nascentes, é quasi desnecessário dizer que a mesma apresenta sensível elevação. Por toda a parte é ondulada e aprazivelmente semeada de capões de mato e de pastagens em que só crescem ervas e sub-arbustos. A estrada por mim seguida foi sempre a de São Paulo a Curitiba e Rio Grande, a qual, embora ostentando o pomposo nome de *estrada real*, é, muitas vezes, horrivelmente má, traçada unicamente, em certos trechos, pelas patas dos animais, que eram obrigados a caminhar premidos pelas árvores. Comecei a afastar-me aos poucos do trópico, dirigindo-me para o sudoeste; mas, se os campos são menos próprios para a cultura das plantas coloniais, tanto por causa de sua situação geográfica, como por sua elevação, não são, contudo, estéreis, e as vastas pastagens que os cobrem podem alimentar imensos rebanhos. Existem na região algumas importantes fazendas, onde são criados cavalos e bois; mas, enquanto que em Minas os grandes proprietários moram geralmente em suas fazendas os

destas paragens (*feitores*), ou, mesmo, aos de escravos, vivendo em São Paulo, completamente descuidados das péssimas casas existentes em suas propriedades rurais, casas que nunca ocupam. De todos os lados vêem-se casebres esparsos pelos campos, casebres muito mais miseráveis do que os encontrados entre Itú e Itapetininga. Os habitantes dessas tristes moradias parecem, em sua maior parte, ser o produto de uma mistura das raças indígena, africana e caucásica; se alguns parecem pertencer particularmente a essa última, outros, ao contrário, têm, predominantes, os traços da raça americana ou da africana. Êsses indivíduos, geralmente simples, estúpidos e sem higiene, são, talvez, menos civilizados do que os moradores dos campos entre Sorocaba e Itapetininga; não possuem escravos, cultivando a terra com as próprias mãos; mas parece que a preguiça os impede de plantar além do necessário para não morrerem de fome. Os mestiços são, geralmente, superiores a uma das raças às quais devem a origem (521); assim, êsses indivíduos são superiores aos indígenas, mas estão situados infinitamente abaixo dos mulattos, e são, mesmo, inferiores aos habitantes, tão pouco inteligentes e tão apáticos, da parte mais ocidental de Minas Gerais; porquanto êstes últimos devem sua estupidez a ignorância e ao isolamento em que vivem; ao passo que os primeiros a devem à mistura de sangue e que lhes corre nas veias. Há, nessa região, apenas alguns verdadeiros brancos, que na mesma vieram se estabelecer em época muito recente, e que recusam reconhecer os antigos colonos como seus iguais, do que resultam incessantes dissídios e demonstrações de ódio. Desde 1820, novas imigrações certamente ocorreram e outras hão de ocorrer ainda; novos caldeamentos de sangue se darão, retemperando a população, e a instrução, que o govêrno provincial procura disseminar, acabará por tirá-la do estado de semi-barbaria em que jaz.

Meu itinerário servirá para confirmar a verdade do quadro que acabo de traçar (522).

(521) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*, II, 271.

(522) Itinerário, aproximadamente, de Itapetininga ao Tararé:

	<i>Léguas</i>
De Itapetininga ao Registro Velho (sítio)	1 ½
Do Registro Velho a Capivarí (sítio)	3
De Capivarí a Pescaria (sítio)	2
De Pescaria a Paranapitanga (fazenda)	2 ½
De Paranapitanga a Fazendinha (sítio)	3 ½
De Fazendinha ao Capão do Inferno (sítio)	2 ½
Do Capão do Inferno a Itapeva (vila)	2 ½
De Itapeva a Fazendinha (fazenda)	1 ½
Da Fazendinha a Perituva (fazenda)	3 ½
De Perituva a Tararé (aldeia)	5

Saindo de Itapetininga, atravesssei, por uma ponte de madeira, o riacho denominado *ribeirão de Itapetininga*, e entrei num campo descoberto, tão plano como as nossas planícies de Beauce. Mas essa regularidade do solo constituía, realmente, uma exceção; o terreno não tardou a apresentar algumas ondulações, oferecendo sempre à vista pastagens entremeadas de alguns capões de mato. O aspeto do campo era encantador; a erva que, provàvelmente, tinha sido queimada no mês de setembro, formava um tapete de côr verde clara, contrastando com o verde carregado das matas.

A cêrca de uma légua de Itapetininga, encontra-se um pequeno curso de água com o mesmo nome, que não deve ser confundido com o ribeirão a que acima fiz referênciã; é transposto por uma ponte de madeira, onde se paga uma peagem que, como de ordinário, não me foi cobrada, em virtude da isenção concedida pelo meu passaporte (*portaria*). Depois de ter prosseguido caminho numa extensão de légua e meia, parei num pequeno sítio, muito bonito, pertencente a um capão da milícia. Tal sítio é denominado *Registro Velho*, devido à circunstância de no mesmo ter sido estabelecido antigamente um pôsto de guarda para impedir o contrabando do ouro tirado das margens dos rios Paranapanema e Apiaí. A princípio só tive ingresso na galeria que se prolongava diante da casa (*varanda*) (523); a porta desta última permanencia hermèticamente fechada, e, tôdas as vêzes que o dono da casa queria entrar para o interior da mesma, fazia uma longa volta, passando pelo jardim. Entretanto, como pela tarde começasse a chover, foi-me permitido entrar na *sala* (524), para alí transportando minhas malas e na mesma pernoitando. Não deve ser motivo de admiração o fato do *capitão-mor* do distrito ter o paletó rôto nos cotovelos, porquanto o capitão proprietário do Registro Velho só vestia umas ceroulas de tecido de algodão e uma camisa do mesmo estôfo. A extrema simplicidade dêsses trajes bastará para demonstrar o quanto a região é pobre, porque são sempre escolhidas para oficiais da milícia as pessoas mais importantes e mais abonadas. Como não deviam ser, alí, os simples guardas nacionais?

Os casebres que se viam esparsos nos campos constituíam uma prova flagrante da pobreza da região, tal a pequenez e a falta de confôrto dos mesmos, demonstrando, mais do que mera pobreza, uma aflitiva indi-

(523) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I, 210.

(524) Dá-se o nome de *sala* ao compartimento da casa em que são recebidos os extranhos (V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I, 210).

gência. Além do Registro Velho, num espaço de 3 léguas até *Capivarí* (525), onde parei, percorri ainda uma região ligeiramente acidentada, semeada de capões de mato e de campos descobertos. Aqueles eram vistos mais comumente nas encostas das colinas e nas baixadas, mas algumas vêzes, também, nos pontos elevados, exceção devida certamente a algum transporte fortuito de sementes.

O sítio de *Capivarí* em que me alojei era, como já disse, situado a beira de um regato. Seu proprietário, um simples camponês, permitiu-me a instalação na *sala*, a qual, segundo o costume, era extraordinariamente pequena, pelo que os arreios dos animais, bem como as cargas miúdas, foram recolhidos a um *rancho* pertencente ao *sítio*. Não devo deixar de mencionar que em quasi tôdas as localidades em que parei para pernoitar, desde o reinício da viagem, e que são as em que, ordinariamente, pernoitam as caravanas, havia um *rancho* armado sôbre estacas; mas êsses primitivos abrigos estavam todos meio descobertos e em tão mau estado de conservação quanto os da estrada de Goiaz. Durante a primeira noite que passei em *Capivarí*, a chuva caíu a cântaros, e continuou quasi da mesma forma durante vários dias, motivo por que, só depois do quinto dia seguinte à minha chegada alí, pude prosseguir na viagem. Era difícil estar pior alojado do que eu estava, para afrontar o verdadeiro dilúvio que caía das nuvens. Desde a primeira noite o rancho ficou inundado; a água caía de todos os lados no compartimento escuro e estreito em que minhas bagagens estavam amontoadas e muito esforço tive para preservá-las. Privado dos meus meios ordinários de trabalho, não podendo sair e não tendo companhia para conversar por alguns momentos, aquela ociosidade enchia-me de tristeza e de angústias. Obsedavam-me os pensamentos mais sombrios; não me abandonava o espírito a aflitiva recordação de meus pais; temia não mais ter a felicidade de revê-los; afligia-me, não achando consôlo junto de quem quer que fôsse; nunca sentí mais fortemente que me encontrava numa terra extranha.

Em vez de me proporcionarem qualquer distração, os meus serviços ainda mais aumentavam as minhas angústias. O bom Laruotte, em verdade, era sempre o mesmo; trabalhava continuamente e demonstrava a todo o momento o desejo de ser agradável; mas José Mariano estava

(525) Não deve ser confundido êste lugar com a pequena vila de *Capivarí*, pertencente também à província de São Paulo e situada nas vizinhanças de Sorocaba. Como já tive oportunidade de assinalar (*Voyage à Goyaz*, II, 189) a denominação *Capivarí* que significa — *rio das capivaras* — é encontrada, no Brasil, em grande numero de lugares diferentes, e prova quanto as *capivaras* eram, outrora, comuns no país.

constantemente de mau humôr, nada fazendo; Manuel não cessava de se lastimar; o botocudo Firmiano, tão alegre antes, imitava exatamente José Mariano, tornando-se tão incômodo com êle.

Em meio de todos êsses dissabores que sofria, um triste pensamento veio ainda preocupar-me — minhas provisões estavam se esgotando, e eu não sabia onde poderia renová-las. A fome campeava em tôda a região de maneira terrível. Os agricultores não tinham mais farinha; colhiam o milho antes de completa maturação, assando-o; constituíam o milho assim preparado e o leite seus únicos alimentos.

Não era o único viajante retido em Capivarí pelo mau tempo. Um homem assaz interessante encontrara alí um asilo; era o coronel DIOGO PINTO DE AZEVEDO PORTUGAL, que muito recentemente havia contribuído para a abertura de uma nova estrada em direção ao Sul, através dos *campos de Guarapuava*. Teria êle podido fornecer-me seguras informações sôbre a região, sôbre os indígenas que a habitavam e sôbre o seu vigário — o abade FRANCISCO DAS CHAGAS LIMA, cujo nome era pronunciado com grande veneração —; mas tivemos poucas oportunidades de nos encontrar. O coronel trazia em sua companhia todos os seus, que foram alojados no interior da casa; êle não os deixava, e, consoante os velhos costumes do país, teria, sem dúvida, julgado uma inconveniência a introdução de um extranho no seio de sua família. Julguei, entretanto, de meu dever fazer-lhe uma visita. Conversamos sôbre a viagem que eu tencionava fazer até o Sul, e êle me alarmou dizendo achar impossível o meu embarque para a Europa antes de 1822. Nunca tive tamanho desejo de deixar o Brasil; não acreditava que o destino me fizesse mais feliz na França, e já temia a vida sedentária que em minha pátria iria viver; mas a minha presença, eu refletia, seria para minha mãe um consôlo à perda que havíamos sofrido. Conformar-me-ia com a idéia de não mais tornar a ver a minha mãe; não podia, contudo, suportar a de não lhe dar a alegria de ainda me rever.

O coronel mandou perguntar-me um dia se eu desejava tomar *mate*. Aceitei o convite, acreditando que nos reuniríamos, como quando se toma chá na Alemanha ou na França. Assim não ocorreu. O coronel enviou-me seu filho, menino de seus doze anos, que trazia dois guardanapos muito brancos e bem dobrados, sôbre um dos quais havia pequenos pedaços de queijo, sôbre o outro a cabaça que continha a infusão de mate e o canudo de metal (*bombilho*) destinado a aspirar a infusão. Novato ainda, não retirei a tempo o canudo da bôca, de que resultou queimar-me de modo a ter na lembrança o pensamento de, para outra vez, ser mais lento e mais prudente.

Os campos de Guarapuava, que o coronel DIOGO tinha colonizado em parte, constituíam, então, objeto de tôdas as conversações. Dar-me-ia grande prazer visitá-los, mas as dificuldades da viagem me amedrontaram; entretanto, para tornar minha narração menos incompleta, valer-me-ei de dados e detalhes, fornecidos por autoridades de valor, sôbre essa parte da província de São Paulo (526).

Os campos de Guarapuava (527) estão situados ao lado da fronteira ocidental da referida província, mais ou menos sob a mesma latitude em que situado está a parte mais setentrional do distrito de Curitiba, a 30 ou 40 léguas dessa vila e da de Castro, de que em breve falarei; podem medir umas vinte léguas de comprimento, por 12 a 14 de largura, e são quasi inteiramente cercados por altas montanhas e por densas e sombrias matas. O viajante, entristecido por estas últimas, que só pôde atravessar depois de grandes trabalhos e dificuldades, experimenta intensa alegria quando, repentinamente, percebe lindas campinas descobertas e suavemente onduladas, irrigadas por grande número de ribeirões e ribeiros. Os campos de Guarapuava, elevados, segundo SELLOW, a 450 braças (900 metros) (528) acima do nível do mar, e afastados cêrca de dois graus do trópico do Capricórnio, são favoráveis à cultura dos produtos da Europa, principalmente à das nossas árvores frutíferas, e, mais ainda, à criação de bois, cavalos e carneiros.

Um homem de gênio — o marquês de POMBAL —, que, continuamente, tinha a atenção fixa no Brasil, julgou que seria útil a êsse país a criação de estabelecimentos nas zonas mais afastadas da província de São Paulo, facilitando as comunicações da mesma província com o Paraguai e impedindo as usurpações dos espanhóis. Obedecendo ordens dêsse ministro de Portugal, três bandos de paulistas foram enviados,

(526) FRANCISCO DAS CHAGAS LIMA, *Memória sôbre o Descobrimento de Guarapuáva*, in *Revist. Trim.*, IV, 43. — JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE OLIVEIRA, *Notícia sôbre as Aldeias etc.*, in *Revist. Trim.*, 2.^a série, I, 339.

(527) FRANCISCO DAS CHAGAS LIMA acredita que *Guarapuáva* quer dizer *passaro que voa velozmente* (*Revist. Trim.*, 1.^a série, 43); mas demonstra êsse autor, em sua obra, preciosa, aliás, nenhum conhecimento possuir do guaraní. Sou levado a crer que êsse nome provém de *guará* (especie de ave) e *puahava* (que parece significar *golpe*), donde *guarapuáva* — *golpe dado ou recebido pelo guará* (RUIZ DE MONTROYA, *Tes. Guar.*, 322-bis). FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu interessante escrito (*Revist. Trim.*, 2.^a série, 73), diz que *Guarapuava* significa um *guará de pé*; nada percebo, confesso, que possa justificar tal etimologia. O hispano-americano já por mim citado várias vêzes faz derivar *Guarapuava* de *yarapuava* — *rio arredondado*.

(528) É o abade CHAGAS que, em sua *Memória sôbre o descobrimento etc.*, cita SELLOW, o qual, por consequência, passou pelos campos de Guarapuava, e é de lamentar profundamente que suas observações sôbre a região não tenham sido publicadas.

sucessivamente, às regiões desertas situadas entre o *Iguassú* e o *Paraná*. As duas primeiras dessas expedições nenhum resultado útil obtiveram; mas, em setembro de 1770, CÂNDIDO XAVIER DE ALMEIDA E SOUSA, que comandava a terceira, chegou aos campos de Guarapuava, dos mesmos tomando posse em nome do rei de Portugal. Durante dilatado tempo essa descoberta ficou esquecida; mas, à chegada de D. JOÃO VI ao Brasil, o ministro D. RODRIGO, conde de LINHARES, que tinha algumas idéias elevadas, retomou os planos do marquês de POMBAL. Uma tropa de duzentos homens partiu da capital de São Paulo, sob o comando do tenente-coronel DIOGO PINTO DE AZEVEDO PORTUGAL, e chegou, ao fim de mais de um ano, em 17 de janeiro de 1810, aos campos de Guarapuava, onde foi celebrada uma missa, sob uma tenda, pelo missionário secular FRANCISCO DAS CHAGAS LIMA.

Dez dias foram empregados em reconhecer a região num círculo de 10 léguas, e, não tendo sido encontrados moradores, foram lançados os primeiros fundamentos de uma aldeia, que recebeu o nome de *Atalaia* (529). Algumas casas tinham sido apenas construídas, quando foram ouvidos na campanha gritos dados com tôda a fôrça que possa atingir a voz humana — tratava-se de um bando de trinta ou quarenta indígenas. Fizeram êstes sentir aos soldados paulistas, por meio de sinais, que pretendiam estabelecer com os mesmos relações de paz, e chegaram até a aldeia, sem cometer nenhuma violência. Foram-lhes fornecidos instrumentos, tecidos de algodão e quinquilharias, após o que se retiraram cheios de alegria. De tempos em tempos, voltavam à aldeia, regressando à sua taba, pacificamente. É certo que, de vez em quando, levantavam-se querelas entre êles e os paulistas, contudo, ao fim de dois anos, já os indígenas pareciam ter-se acostumado aos hábitos dos paulistas, sendo que alguns vieram até residir na aldeia. Foi então (1812) que o abade CHAGAS começou a se ocupar sèriamente com a instrução dos mesmos. Êstes indígenas, que à chegada dos paulistas entre êstes se apresentaram, pertenciam a duas tribus diferentes — os *comes* — e os *votorons*. Os primeiros eram meigos e dóceis; os segundos, altivos e ferozes. Viviam, contudo, na maior harmonia entre si, unidos, provavelmente, pelo mesmo implacável ódio que nutriam a uma terceira tribu, a dos *dorins*. As encarniçadas lutas que mantinham êstes infelizes muito retardaram o progresso da nova colônia; mas a defeituosa organização da mesma foi-lhe, talvez, mais prejudicial ainda. Era de inteira justiça que o Estado arcasse com as despesas do estabelecimento de Guarapuava e que se confiasse a guarda e defesa do mesmo aos soldados de linha; mas

(529) *Atalaia*, vocábulo do idioma português, significa um estabelecimento ou pôsto elevado, de onde se descortina uma grande extensão das terras subjacentes.

assim não se procedeu — foram os guardas nacionais das três vilas do *térmo* de Curitiba, os condenados, por estarem mais próximos, a cumprir tão pesado mister. A esperança de descobrir tesouros nas montanhas vizinhanças de Guarapuava e de aproveitar a fertilidade da planície manteve-lhes a princípio a coragem; mas acabaram por se desgostar, pelo que foram substituídos por homens de uma milícia inferior (*ordenanças*), composta pelos mais degradados elementos sociais. Esses homens deviam ser substituídos de três meses, mas quasi todos desertavam antes do decurso desse prazo, fugindo para o Rio Grande, motivo pelo qual o *térmo* de Curitiba se despovoava, sem qualquer proveito para a nóvel colônia. Esse *térmo* mais sofreu ainda, quando o coronel DIOGO teve a idéia de abrir a estrada em direção a Guarapuava e, em seguida, em demanda da província de Missões. Por não serem forçados a trabalhar nos serviços de abertura dessa estrada, de grande utilidade, aliás enorme número de homens, abandonando as respectivas famílias, foram se ocultar nos pontos mais afastados da província do Rio Grande, onde passaram a viver em vil libertinagem com as indígenas, e, como se verá a seguir, em certas regiões só havia, ao tempo de minha viagem, mulheres que amaldiçoavam o nome do coronel.

Até 1818, o estado dos campos de Guarapuava poucas melhorias tinha obtido; pretendeu-se, ao menos, tornar mais regulares as relações entre as autoridades civis e eclesiásticas da colônia ali estabelecida, pelo que foi a mesma elevada a paróquia sob o nome de *Nossa Senhora de Belém*; e, por uma lei de 4 de setembro de 1818, teve a administração a *generosidade* de fazer aos indígenas verdadeiros donos da região, a dádiva de uma sorte de terras (*sesmaria*) medindo 4 léguas, terras às quais alguns proprietários juntaram, por um sentimento de caridade, algumas glebas das que possuíam. Ao tempo de sua criação, a paróquia de Belém foi anexada ao distrito de Castro; mas, como estava separada desta vila por vastas florestas deshabitadas, florestas entre as quais formava uma espécie de oasis em meio do deserto, muito difficil era manter a ordem e o policiamento ali. Em 1839, uma horda de vagabundos e celerados espalhou-se pela região, causando grandes males à sua população; esses malfeitores reapareceram em 1842 e 1843; afim de evitar novas sortidas dos mesmos, os presidentes da província foram levados a solicitar da assembléia legislativa provincial medidas de proteção, por meio da necessária fôrça armada, para a colônia ainda muito fraca, mas possuidora de fartos elementos para se tornar de grande importância (530).

(530) V. os relatórios dos presidentes da província de São Paulo, referentes aos anos de 1840, 1843 e 1844.

Foi, como já disse, em 1812 que o abade CHAGAS começou a ministrar instrução aos indígenas instalados na aldeia de Atalaia; mas êsse esforçado sacerdote encontrou grandes obstáculos em sua obra, pelo fato de desconhecer a língua e o caráter inconstante de seus discípulos (531), donde a dificuldade em fazer com que compreendessem as elevadas verdades da doutrina cristã e em corrigí-los quanto à sua paixão pela vingança e à sua inclinação pelos deboches os mais embrutecedores. CHAGAS era cheio de zêlo e de caridade; aproximava-se, tanto quanto o permitiam as circunstâncias, do método dos antigos missionários, e foi secundado, durante algum tempo, por um indígena chamado ANTÔNIO JOSÉ PAÍ, notável por suas virtudes e pelo ardor com que concorria para a conversão de seus irmãos. Quando PAÍ morreu, sua morte foi muito lamentada, principalmente por CHAGAS, que não tinha quem o substituísse. Os consecutivos esforços do digno missionário foram coroados de algum êxito; mas melhores sucessos teria obtido, se estivesse unicamente êle entre os indígenas. Os soldados paulistas, homens viciosos em sua grande maioria, misturavam-se com os indígenas, tornando inúteis, por suas palavras e, principalmente, por seus maus exemplos, os elevados ensinamentos de CHAGAS. Não só isso: foi permitido, na aldeia, o estabelecimento de tavernas, onde os indígenas começaram a tomar gôsto pelo perigoso e degradante uso da *cachaça* (aguardente fabricada com a cana de açúcar); e, confundidos com os brancos corrompidos ou com os escravos ainda mais corrompidos, entregavam-se a tôda a sorte de deboches. “Ao fim de oito anos — disse CHAGAS — tentou-se remediar o mal, separando-se as habitações dos indígenas das dos brancos; mas era muito tarde; a malícia, como disse JOB, tinha penetrado até a medula dos ossos. Isso deve servir de lição aos que vierem depois de nós; que êles saibam que os indígenas jamais perderão seus hábitos, se não houver o cuidado de afastá-los do contágio dos maus exemplos”. Embora o que tem ocorrido em todo o Brasil há oitenta anos e os fatos de que fui triste testemunha não justificassem o sistema de sequestro adotado contra os indígenas pelos antigos missionários, o tópicio do padre CHAGAS acima transcrito e o mais que escreveu provariam satis-

(531) O abade CHAGAS afirmou que os indígenas de Guarapuava falavam o guaraní; entretanto, o mais superficial conhecimento dessa língua basta para provar que tal afirmativa é completamente errônea. Não me contentei, de resto, com uma simples aparência — procurei no excelente dicionário da língua guaraní de autoria do padre RUIZ DE MONTÔYA, todos os vocábulos citados por CHAGAS, só encontrando três pertencentes à referida língua: *be*, *co* e *ia*, mas os dois primeiros têm, nessa língua, sentido inteiramente diverso do que lhes dão os indígenas de Guarapuava; unicamente a significação do terceiro oferece, nos dois idiomas, uma ligeira analogia. Ademais, o idioma dos indígenas de Guarapuava admite a letra *f*, exemplo — *feye* — (flor), letra completamente desconhecida no guaraní.

fatòriamente que tal sistema, tantas vèzes combatido, era o único adequado a preservar os indígenas da miséria e da destruição. Quando os indígenas vieram fixar-se, em 1812, na aldeia de Atalaia, o seu número era de 326 indivíduos; mais tarde outros 36 vieram se lhes juntar, e, num espaço de 14 anos, ocorreram 151 nascimentos; em 1827 só havia em Atalaia 171 indígenas. CHAGAS tinha atingido, então, a idade de sessenta e nove anos, e havia dezessete que se encontrava nos campos de Guarapuava, sentindo já necessidade de repouso. Em pouco tempo recebeu a recompensa de seus trabalhos apostólicos, os indígenas dos campos de Guarapuava perderam seu esforçado protetor. Eis como se expressou o presidente MANUEL DA FONSECA LIMA E SILVA, em seu discurso de 7 de janeiro de 1847, dirigido à assembléia legislativa da província de São Paulo (532): “De ano em ano a aldeia de Guarapuava cai em decadência. Pelo fim do ano de 1845, na mesma não havia mais de 60 indígenas dos dois sexos, vivendo inteiramente dispersos e sem qualquer organização. As terras que a princípio obtiveram nas vizinhanças de Belém e cujos limites tinham sido exatamente demarcados e fixados, foram invadidas por intrusos, e, por meio de vendas fraudulentas, passaram, divididas em pequenas porções, para as mãos de novos usurpadores. Estou habilitado a dizer-vos que a administração geral dos indígenas tomará, oportunamente, medidas capazes de remediar êsses males”. As intenções, não é lícito duvidar, são as melhores; mas, que se poderá fazer em benefício dos indígenas, quando não mais existem, ou, se se quizer, quando existe apenas insignificante número dêsses infelizes, despojados de tudo, degradados por tôda a sorte de vexames, pela miséria e pelo contacto com os soldados, com os escravos e com as mulheres públicas da mais ínfima classe? Os antigos missionários pertenciam a corporações; o bem que faziam era continuado por seus sucessores. CHAGAS lutou contra os maiores obstáculos; fez todo o bem que podia fazer, mas agia isoladamente. Sua morte acarretou a ruína da aldeia de que foi o fundador e que não durou mais do que meio século (533).

(532) *Discurso Proferido etc.*, pág. 12.

(533) Não aguardei tanto tempo para prestar uma justa homenagem às virtudes do abade CHAGAS. Muito ouvira falar a seu respeito durante minha viagem a Curitiba, e, apenas regresso à França, assim me expressei: “Não posso deixar de nomear dois homens cujo zêlo e cuja benemerência foram de grande utilidade para os indígenas — o abade CHAGAS, encarregado de civilizar os índios de Guarapuava, e um francez, de nome MARLIÈRE, fundador de Manoelburgo, onde reuniu varios milhares de *purús*”. (*Aperçu d'un Voyage dans l'Interieur du Brésil*, 37, ou nas *Mémoires du Muséum*, vol. IX).

Penso que os detalhes acima expostos são de molde a contribuir para auxiliar o conhecimento da província de São Paulo, razão pela qual sôbre os mesmos me detive. Passo, em seguida, à continuação do relato de minha viagem.

A 2 de janeiro, o vento mudou, soprando para leste. O proprietário da fazenda de Capivarí afirmou-me que, com o vento em tal direção, não cairia chuva; assim, embora estivesse muito encoberto o tempo, pus-me a caminho. Meu hospedeiro não se enganara. As nuvens dentro em pouco se dissiparam, tornando-se bellissimo o dia. Desde que caíra a chuva, as matas e os campos tornaram-se mais verdes e mais alegres. A vista da campina dissipou, aos poucos, as idéias sombrias que me conturbam o espírito por algum tempo; gozei, com delícia, os encantos da tarde.

A estrada que eu seguia era bastante frequentada; nesse dia, como nos precedentes, encontrei várias pessoas a cavalo e numerosas tropas de burros bravos. De vez em quando viam-se casas, mas sempre pequenas e em mau estado de conservação. Foi numa casa dessa espécie que me alojei, pouco distante do *rio da Pescaria*, pequeno curso de água que atravessa a estrada, casa que tinha o mesmo nome do rio. Pela tarde passei pelos arredores desse pouso, e vi várias choupanas esparsas no meio da campina. Tôdas estavam meio descobertas, não tendo outros móveis além de algumas banquetas e *giraus*. Os moradores das mesmas, provavelmente oriundos das raças africana, americana e caucásica misturadas entre si, eram de feio aspeto e excessivamente imundos; pela lividez da pele e pela magreza extrema demonstravam servir-se de alimentação pouco substancial ou insuficiente; muitos dentre êles eram desfigurados por enorme papo. As mulheres tinham os cabelos despen-teados e o rosto e o peito cobertos de sujeira; as crianças pareciam enfêrmas e eram tristes e apáticas; os homens eram abobados e estúpidos. Parece que êsses infelizes tinham muita preguiça para o trabalho, só cultivando o estritamente necessário à satisfação das próprias necessidades, e a sêca do ano anterior levou ao cúmulo a sua miséria. Quasi por tôda parte me pediam esmola; desde que me encontrava no Brasil não presenciara em parte alguma tamanha pobreza.

Na manhan seguinte à minha chegada a Pescaria, atravessei, logo cedo, o curso de água do mesmo nome; percorri um campo descoberto, penetrando dentro em pouco em cerrada mata virgem, de bellissima vegetação. O solo dessa região é bem plano, mas a estrada, verdadeiramnete horrível, era cheia de obstáculos constituído de galhadas e raízes das árvores; os animais, com dificuldade para caminhar, serpenteavam entre

as árvores, enterrando as patas numa lama pegajosa. Alí, como na estrada de Ubá a Forquilha, os pés dos animais tinham formado (534) uma alternativa de fossas e proeminências, de trânsito muito penoso para as bêstas de carga, que escorregavam e caíam, só se levantando depois de enormes esforços (535). Já tinha eu passado por caminhos mais ou menos semelhantes, na véspera, entre Capivarí e Pescaria, e, alguns dias antes, entre Registro Velho e Capivarí. Tais caminhos já me davam idéia da estrada do *Sertão do Sul*, antigamente denominada das *Lages* ou de *Viamão* (536), pela a qual as caravanas eram obrigadas a passar, além de Curitiba, e sôbre a qual todos os viajantes por mim encontrados forneciam-me péssimas informações. Antes de ingressar por essa rota, diziam-me, deveis munir-vos de provisões necessárias a um percurso de 60 léguas, desde Lapa até Lages. Nessa longa viagem, não encontrareis nenhuma habitação; tereis de atravessar extensos brejos e de transpor vários cursos de água. O caminho é tão estreito, às vêzes, que os animais carregados não podem prosseguir pelo mesmo. Há uma falta quasi absoluta de pastagens. Ficareis, por fim, exposto a sofrer os efeitos, em região inteiramente deserta, de terríveis tempestades, que vitimam grande número de animais. Era impossível que tão aterrorizantes informações não me inspirassem algumas reflexões sôbre a incúria da pública administração da época. Não é inconcebível, pensava eu, que os poderes públicos nada tenham ainda feito para tornar mais transitável uma estrada tão necessária? Porque não se manda cortar as árvores que impossibilitam a marcha dos animais de carga? Porque não são instalados, de distância em distância, postos militares junto aos quais os réus condenados sejam obrigados a cultivar a terra? Porque não instalar ranchos e *vendas* entregues a pessoas às quais sejam concedidos alguns privilégios e favores? Quando a administração pública, refletia eu ainda, não se ocupasse, por estrito dever de justiça, de uma estrada da qual tanta renda arrecadava, deveria, pelo menos, fazê-lo por interêsse, porquanto morre, todos os anos, no Sertão, um grande número de muares, relativamente aos quais o fisco não pode arrecadar senão os direitos recebidos em Santa Vitória.

(534) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*, I, 29.

Semelhante alternativa apresentam as partes baixas não calçadas do caminho de Orleães a París, por onde transita muito gado bovino.

(536) *Sertão de Lages*, porque tem início perto da vila do mesmo nome; *Sertão de Viamão*, porque conduz à vila de *Viamão*, onde os mineiros, antigamente, iam adquirir muares, única vila que conheciam na província do Rio Grande do Sul.

Ao sair da mata em que a estrada era tão má, encontrei o rio *Paranapanema*, que atravesssei por uma ponte de madeira de pouca largura, mas provida de parapeitos em bom estado, o que no Brasil era, então, cousa muito rara. Esse rio, um dos mais consideráveis da província de São Paulo, tira o nome destas duas palavras indígenas — *paraná* (mar) e *panema sem valor* — (537); suas nascentes estão situadas na cadeia marítima. Tem um curso muito longo, mas pouco conhecido; numerosos afluentes nele deságuam, e êle, por sua vez, deságua no Paraná, o rio gigantesco. E se algum dia fôr possível fazer desaparecer os rochedos que, como se afirma (538), entram o livre curso de suas águas, oferecerá êle os mais úteis meios de comunicação aos habitantes dos distritos de Itapeva, Castro, Itapetininga, e aos colonos que vierem se estabelecer em suas márgens. Logo depois de ter atravessado uma peagem, entrei num campo descoberto, e, de longe, avistei a *fazenda de Paranapitanga*, situada numa elevação, para além da orla de uma floresta, que se desenvolve às margens do *Paranapitanga*, rio que deu o nome à referida fazenda e que, depois de ter separado o distrito de Itapetininga do de Itapeva (539), deságua na Paranapanema. O nome Paranapitanga compõe-se destas duas palavras da *língua geral* — *paraná* (mar) e *pitanga* (criança, filho) — *filho do mar*.

As últimas chuvas tinham feito transbordar o rio, que se espriava muito além da ponte de madeira que o atravessa. Julgando que as águas cobriam um terreno plano, ia continuar a atravessá-las em direção da ponte; mas o meu arrieiro, que me viu de longe, gritou-me para passar de lado, e soube, mais tarde, que as águas, na direção em linha reta que eu ia seguindo, eram de grande profundidade.

A fazenda de Paranapitanga foi a primeira por mim vista nas margens dessa estrada. Enquanto que em Guarapuava foram concedidas a 500 indígenas apenas quatro léguas de terras, que pouco depois lhes foram arrebatadas, só a fazenda a que me vou referindo possuía terras numa extensão de 6 léguas de comprimento, por quasi outro tanto de largura. O edificio de residência do proprietário era construído de *taipa* (terra socada), com um pavimento acima do rez do chão; mas, desde algum tempo, estava mal cuidado, porque tôda a propriedade fazia parte de uma herança “pro indiviso”.

(537) FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, *Colet. Etim. Bras., in Revist. Trim.*, I, 2.^a série, 77.

(538) CAZ., *Corog. Bras.*, I, 209.

(539) O *Paranapanema* tem sido indicado como limite dêsses dois distritos. A diferença seria, por assim dizer, nula, tão proximo está êle do *Paranapitanga*.

As terras de Paranapitanga e as que se estendem para os lados de Itapeva, posto que de muito boa qualidade, ressentem-se de um grande inconveniente — é que, seguindo o defeituoso sistema de agricultura adotado pelos brasileiros, muito cedo têm de ser abandonadas. Ao fim de dois anos, as *capoeiras* já estão bastante altas para serem cortadas (540), mas não podem as terras ser replantadas por mais de seis vezes seguidas. Os grandes fetos (*pteris caudata*) logo aparecem, e, se entre êles crescem alguns arbustos, mantêm-se êstes muito afastados uns dos outros. As pastagens, entretanto, são excelentes, razão pela qual é muito intensa, em tôda a região, a criação de gado. A fazenda de Paranapitanga que da fazenda do mesmo nome dependiam as miseráveis cabanas esparsas nos campos vizinhos de Pescaria. Os indivíduos que ocupavam essas cabanas, e a que já me referí acima (541), não possuíam a mais insignificante porção das terras em que localizados; mas tinham obtido dos proprietários de Paranapitanga licença para construir e plantar nas terras de propriedade dos mesmos. Eram êles da categoria dos chamados *agregados*, na província de Minas Gerais, e, provàvelmente, também assim chamados na de São Paulo (542).

Na própria fazenda de Paranapitanga encontrei quasi tanta miséria como em tôda a região. O gerente (*feitor*) da fazenda e sua família alimentavam-se apenas de leite e de feijão cozido, sem farinha e sem gordura (*toucinho*). Por não existir milho, não foram engordados porcos. Desde um ano nem um grão dêsse cereal foi dado às galinhas, e, algumas que comprei, tinham um gôsto tão mau e eram magras, que não pude comê-las. Muitas pessoas apenas se alimentavam com brótos de palmeiras (*palmitos*) e frutas silvestres.

Adiante de Paranapitanga, numa extensão de 3 léguas e meia, viajei, quasi sempre, através de campos onde a estrada era muito bela, o que ocorre, geralmente, nas regiões descobertas. A campina era admirável, o verde das matas e das pastagens apresentava uma extraordinária frescura; mas não encontrei nenhuma planta com flores. A uma légua do local onde parei para pernoitar, encontrei o *rio Apiaí* que é transposto, com o pagamento de uma peagem, por uma ponte de madeira, de cêrca de 60 passos de comprimento. Êsse rio é um dos afluentes da

(540) V. minha *Mémoire sur le Systhème d'Agriculture Adopté par les Brèsi-liens*, e minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I, 191.

(541) V. pág. 431.

(542) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I, 72.

margem esquerda do Paranapanema. Como nos dias anteriores, vi, nesse dia, alguns casebres insignificantes e miseráveis. O em que me alojei, denominado *sítio da Fazendinha*, estava, quiçá, em estado menos precário do que os outros, e, entretanto, a água das chuvas o invadia por todos os lados. Era residência de uma mulher velha, de raça branca, que ali morava sem outra companhia que a de uma indígena. Essa mulher falava constantemente, mas tinha uma alegria e uma atividade pouco comuns na região. Vivia, então, de feijão cozido em água, não tendo mais farinha, nem toucinho. Isso não é grande desgraça — diziam-me, rindo —, é forçoso acreditar de bom grado o que Deus quer; passaremos melhor no ano próximo.

Quanto a mim, restava-me ainda um pouco de farinha; mas, desde alguns dias, tinha procurado, inútilmente, por tôda a parte onde passava, um pouco de toucinho. Da mesma forma que a velha mulher, eu e meus serviçais comíamos simplesmente feijão cozido em água sem sal. Para além do *sítio da Fazendinha*, comecei a ver, nos capões de mato, a majestosa *araucaria brasiliensis* (*pinheiro*, pinho do Brasil), que produz efeito muito pitoresco entre os outros vegetais. Passei por diante de alguns casebres, que me pareceram menos miseráveis do que os avistados nos dias anteriores. Encontrei, seguidamente, enormes tropas de burros bravos.

Fiz alto numa cabana, fui acolhido, por um bom velho, com uma polidez e demonstrações de satisfação às quais eu já estava desacostumado. Sua moradia estava situada a alguns passos da estrada, abaixo de uma pequena mata denominada *capão do Inferno*, porque a estrada, antes de ali chegar, era de trânsito muito difícil. A residência de meu hospedeiro — *sítio do Capão do Inferno* — adotou o mesmo nome da pequena mata acima referida.

Dêsse local fui parar, para pernoite, na vila de *Itapeva*, a duas léguas e meia de distância.

CAPÍTULO XIII

A VILA DE ITAPEVA — OS INDÍGENAS BUGRES E GUANHANÁS

A VILA DE ITAPEVA; SUA HISTÓRIA; SUAS CASAS; SUA IGREJA; SEUS MEIOS DE COMUNICAÇÃO. — O DISTRITO DE ITAPEVA; SEUS LIMITES; SUA POPULAÇÃO; SUAS PRODUÇÕES; SUA POBREZA; PROGRESSOS SENSÍVEIS. — NOVOS DETALHES SOBRE A MISÉRIA. O CAPITÃO MOR DE ITAPEVA. — O RIO TAQUARI. — FAZENDA FAZENDINHA. — OS CAMPOS VIZINHOS. — A ALDEIA DE ITARARÉ; SEU DESAPARECIMENTO; CASCATA. — TERRAS DAS IMEDIAÇÕES DE ITARARÉ; SUAS PRODUÇÕES. — OS INDÍGENAS BUGRES. — OS GUANHANÁS; SUA LÍNGUA; UM JOVEM DESTA TRIBU. — OS INDÍGENAS DE ITAPEVA; SUA HISTÓRIA. — O BARÃO DE ANTONINA.

Itapeva, cujo nome, oriundo da *língua geral*, significa *pedra chata* (543), está situada em uma região muito acidentada, coberta de matas e de campos (544). Esta vila não foi sempre sede ou cabeça do distrito do mesmo nome. O pelourinho que como é sabido, distingue particularmente as vilas, tinha sido elevado primeiramente numa aldeia chamada *Faxina*, situada a duas ou três léguas da estrada (545); posteriormente foi transportado para Itapeva, mas, na ocasião de minha viagem, aplicava-se, geralmente, a essa última localidade, o nome da antiga sede do

(543) *Ita* (pedra), *apeba* (chata). *Itapeva* significa, também, *lâmina de ferro* (*Dic. Port. Bras.*, 24), etimologia, esta última, aceita por FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, mas a primeira me parece mais acertada.

(544) PIZARRO, que, como já se viu, situa Piratininga aos 23° e 30' de latitude austral, diz que Itapeva está situada a 23°,19' e 30"; mas a posição desta última cidade é certamente mais meridional que a da primeira, é evidente que há engano quanto a uma dessas suas indicações. Esse fato e muitos outros provam quão necessário é que as antigas denominações sejam verificadas por algum sábio acostumado à exatidão aplicada atualmente aos trabalhos do gênero.

(545) Tem-se afirmado que os nomes *Itapeva* e *Faxina* sempre se referiram a uma só localidade (*Dic. Bras.*, I, 362-407). Não estive na verdadeira *Faxina*, mas custa-me a crer que os habitantes da região estejam enganados sobre a existência de localidade situada, diziam eles, a 2 ou 3 léguas de distância do local onde residiam.

distrito, isto é, Faxina (546) ou *Itapeva da Faxina*. Itapeva é, certamente, a vila menos importante entre tôdas que visitei, desde que me encontrava no Brasil (547). Não tinha ela, em 1820, mais do que 25 a 30 casas, cuja maioria estava em péssimo estado de conservação, e que formavam três agrupamentos principais. A mais importante era construída, como a igreja paroquial dedicada a *Santana*, ao alto da colina, abaixo da qual corre, por um vale estreito e profundo, o *riacho Fundo*, que deságua no *rio Taquarí*, afluente do Paraná. Um outro grupo se elevava no declive da colina, e o terceiro à margem do ribeirão *Riacho Fundo*. Rochedos chatos e unidos, em meio dos quais crescem algumas plantas, guarnecem, de distância a distância, o flanco das colinas que cercam o *Riacho Fundo*. Itapeva goza de uma vantagem de que tôda a estrada que a serve estava privada em 1826 — a de poder comunicar-se com o mar, vantagem que, para o futuro, poderá tornar assaz importante essa localidade. A cêrca de 15 léguas para os lados do oceano está situada a pequena vila do Apiaí (548); há uma estrada que vai de Itapeva a essa vila, de onde se pode, pôsto que com algumas dificuldades, descer em pirogos até o pequeno pôrto de *Iguape*, pelo rio denominado *Ribeirão de Iguape*. Em 1820, era essa via já utilizada para o transporte do sal, de que o gado tem necessidade, produto que, assim, ficava por preço muito menos elevado do que o proveniente de Sorocaba (549).

O distrito de Itapeva estende-se desde o *rio Paranapitanga* até o *rio Itararé*, onde começa o distrito de Castro. Em 1820, não contava êle mais de 2.000 habitantes, e era administrado por *juizes ordinários*. O número de escravos nele existentes era pouco considerável, não só porque os seus habitantes eram muito pobres, mas também porque a

(546) *Faxina* ou *Fachina* quer dizer, ao mesmo tempo, *feixe* e *destruição*. Eu seria levado a acreditar que a última significação é a que deve ser adotada, porque os indígenas da região eram considerados como grandes destruidores.

(547) Depois que os impulsos da vaidade fizeram criar tantas e tantas cidades nas províncias de Minas Gerais, de Goiaz e de São Paulo, é possível que existam cidades menores que a de Itapeva.

(548) Apiaí, situada em meio das montanhas da cadeia marítima, deve sua origem ao ouro encontrado antigamente em seus arredores. Parece que alí foram efetuadas lavagens muito importantes; mas considerável número de escravos pereceu num desmoroamento de terras, devido, sem dúvida, à imperícia dos mineradores, e, atualmente, só se encontram em Apiaí alguns *faiscadores*. O nome Apiaí vem das palavras guaranis — *apia* e *yg*, significando a primeira mácula e membro viril.

(549) MANUEL FELIZARDO DE SOUSA E MELO, presidente da província em 1844, declarou, em seu discurso à assembléa legislativa (*Discurso* etc., 32), que, segundo as informações fornecidas pela câmara municipal de Apiaí, foi iniciada, entre essa vila e Itapeva, uma estrada ao trânsito de carroças e carros de bois, mais curta do que a estrada antiga em cêrca de 6 a 8 léguas.

criação de gado, de que se ocupam habitualmente, pouco trabalho exige. Itapeva fornece grande quantidade de gado bovino à cidade do Rio de Janeiro; mas parece que a maior parte das fazendas da região, as quais, de resto, são em pequeno número, pertencem a homens ricos, que nas mesmas não residem, e que, contrariamente aos *fazendeiros* de Minas Gerais, dispendem suas rendas alhures (1820). Resulta disso que a região é, como se viu, muito pobre; e, se na mesma circula algum dinheiro, deve-se, principalmente, às caravanas vindas do Sul (550). Nas terras boas, o milho rende de 150 a 200 por 1; a cana de açúcar não pode ser cultivada, por causa das geadas que caem nos meses de junho e julho, época do inverno no hemisfério austral.

Como já tive ensejo de dizer, não há, no distrito de Itapeva, entre os habitantes realmente brancos, senão alguns recém-vindos; os antigos, todos êles, são indivíduos de sangue mesclado. Entretanto, como se encontrem, entre êstes, pessoas cuja côr é a mesma dos descendentes de europeus de raça pura, pretendem as mesmas, a todo o transe, passar como representantes de nossa raça; mas os verdadeiros brancos as repelem e reciprocamente se destestam. Tal era, em 1820, o estado da região; mas, depois dessa época, operaram-se, a se acreditar no que diz DANIEL PEDRO MÜLLER, notáveis progressos. A população era, em 1838, de 4.000 almas, e, conseqüentemente, no espaço de 18 anos, tinha atingido a mais do dôbro (551). O número de escravos — deplorável sinal da riqueza —, que, em 1815, não excedia de 240 (552), elevava-se, em 1838, a 657. Pela escolha, possivelmente, das localidades mais favorecidas por suas condições especiais, foi fabricado um pouco de açúcar, colheu-se enorme quantidade de milho (250.000 alqueires) e foram criados 2.094 bois (553).

Viu-se, pelo que precede, como, na época de minha viagem, a falta de gêneros era grande em todo o *térmo* de Itapeva. Tal estado de cousas não datava, entretanto, de 1820, pois perdurava desde dois anos. Em 1818 os bambús frutificaram, ocorrendo o que, em caso idêntico, ocorre igualmente em Minas Gerais — enormes bandos de ratos, atraídos pelas sementes dos bambús, devoravam grande quantidade de milho, a princí-

(550) E' geralmente sabido que a ausência dos proprietários ricos é uma das causas da pobreza dos camponeses da Irlanda.

(551) Encontra-se, no útil *Dicionário Geográfico do Brasil*, a indicação de 2.000 almas para a população do distrito de Itapeva (I, 497). E' claro, segundo o informe de PIZARRO, que esta indicação refere-se, mais ou menos, a 1822, e é, provavelmente, exagerada, como talvez o seja também a referente a 1838.

(552) SPIX e MARTIUS, *Reise*, I, 238.

(553) MÜLLER, *Ens. Estat.*, quadro 3.

pio nas plantações, depois nos paióis (554). A colheita de 1819 foi, como já assinalai, quasi nula, devido à excessiva sêca; por essa razão, o preço da farinha, ordinariamente de \$480 o *alqueire* (3 frs. por 40 litros), elevou-se até 4\$000 por *alqueire* (25 frs. por 40 litros), e eu próprio paguei êsse produto à razão de 2\$800 por *alqueire*. Os moradores da região, depois de terem por longo tempo se alimentado com *palmitos* (brotos de palmeira), *gabiobas* (555) e outras frutas silvestres, começaram a colher o milho logo depois de granado, sem esperar a completa maturação. A maioria deles estava em lastimável estado de magreza, e tinha a pele pálida e lustrosa — seguro indício dos sofrimentos ocasionados pela fome. A disenteria já começava a atacar várias pessoas, fazendo temer que se desenvolvesse com o caráter epidêmico.

Antes de minha chegada a Itapeva, tinha enviado José Mariano à frente, com uma carta de recomendação do capitão geral da província ao capitão-mor. Êste encontrava-se em sua *fazenda*; mas um sargento da milícia procurou-me, em sua ausência, uma casa muito cômoda. Logo depois de ter recebido a carta do capitão-general, o capitão-mor veio para a cidade; e, infelizmente, já estava deitado, quando chegou. No dia seguinte pela manhã recebi sua visita, mandando-me, depois, nas horas próprias, o almoço, o jantar e a ceia para a casa por mim ocupada, vindo tomar essas refeições em minha companhia. Seu genro trazia os pratos, e, de acôrdo com o costume do país, servia-me, com um guardanapo sôbre o ombro. O capitão-mor, que era, provàvelmente, o proprietário mais abastado da região, tinha pouco mais ou menos o jeito dos nossos proprietários rurais de Beauce. Pediu-me muitas desculpas por não se ter apresentado com o uniforme; vestia uma sobrecasaca de grosso pano azul, um colete de veludo preto e um chapéu alto, redondo, cuja forma estava, na parte inferior, cercada por um galão de ouro.

Os mais importantes moradores da localidade vieram também visitar-me, mas poucas perguntas me fizeram, pois não tinham nem a inteligência, nem a curiosidade dos mineiros; desconheciam tudo o que ocorria pelo mundo, podendo falar, apenas, dos objetos que os cercavam. Muitos agricultores da região não compreenderam até o que eu lhes perguntava, quando os interrogava sôbre a produção anual do milho em suas terras de cultura. Chegando a Itapeva, mandei fazer buscas para obter víveres; não foi possível encontrar nem galinhas nem toucinho, nem carne.

(554) Êste fato, atestado por pessoas que vivem a algumas centenas de léguas umas das outras, não pôde ser pôsto em dúvida.

(555) Como já disse noutro local (*Voyage à Goyaz*, II, 278), dá-se o nome de *gabioba* a tôdas as pequenas especies de *psidium* de bagas arredondadas. Os *psidium guaxumaefolium corymbosum multiflorum* (AUG. S. HIL., JUSS., CAMB.) são *gabiobas*. O *myrtus mucronata* (A. S. H., J. C.) é também uma *gabioba*.

Sem o auxílio do capitão-mor, que sempre se mostrou atencioso e complacente para comigo, não sei o que me teria sucedido. Consegui encontrar as provisões que me eram necessárias, e só recebeu pagamento pelas que havia comprado. Antes de minha partida da cidade, ofereceu-me um jantar realmente muito abundante, tendo-se em consideração a extrema escassez dos gêneros alimentícios na ocasião, e quis, absolutamente, acompanhar-me durante um percurso de meia légua, até o pequeno rio denominado *Tacuarari*, ao qual já me referi acima (556). O referido rio, que nesse local dá passagem a vau, durante o tempo da sêca, cessa de dá-la depois de chuvas prolongadas. Quem viaja a pé pode, contudo, atravessá-lo por uma pequena ponte de madeira, recentemente construída, quando o *ouvidor* de Itú, anteriormente *juiz de fora* em Curitiba, passara pela estrada, em trânsito, para tomar posse de seu novo cargo. Se naquele tempo alguma comodidade era, em geral, encontrada nas estradas, devia-se isso à passagem, pelas mesmas, dos capitães gerais e dos *ouvidores*. O rancho da Guarda-Mor, existente na estrada de Goiaz a Mato-Grosso, foi mandado construir por JOÃO CARLOS D'OEYNHAUSEN e a estrada, por FERNANDO DELGADO, etc. (557).

O capitão-mor de Itapeva tinha pôsto dois homens à minha disposição, afim de me auxiliarem na travessia do rio. Minhas bagagens foram levadas às costas, por êsses homens, pela pequena ponte de madeira; os animais de carga atravessaram o rio a nado. Pouco depois de termos reiniciado a caminhada, a chuva começou a cair, pelo que chegamos inteiramente encharcados à *Fazendinha*, pequena fazenda onde devíamos pernoitar (558). Geralmente, na estação das chuvas, quando não chove durante todo o dia, ao menos à tarde isso acontece; raríssimo é, porém, que chova pela manhã e que, à tarde, faça bom tempo — foi o que observei durante duas estações das chuvas, na província de Minas Gerais.

A *Fazendinha*, onde parei (23 de janeiro), era um estabelecimento rural do gênero dos que se denominam *fazendas de criar*, porque ocupam-se com a criação do gado. Pertencia a uma senhora de Sorocaba, que alí mantinha um gerente (*feitor*), com alguns escravos, mas que à mesma jamais ia. Demais, não sei onde poderia alojar-se, porquanto só havia na *Fazendinha* uma miserável choupana, quasi em ruínas, cheia

(556) Deve ser lembrado que o quadro geral que se encontra no início do capítulo precedente, refere-se não só à região que se estende de Itapetininga a Itapeva, como também a que vai de Itapeva a Itararé.

(557) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*, II, 156-209.

(558) Não é mistér dizer que não se deve confundir essa fazenda com o *sítio da Fazendinha*, ao qual, noutro ponto, já me referi.

de baratas e onde não havia espaço para a gente mover-se. Além dêsse local, num círculo de 3 léguas e meia, a região é, de ordinário, quasi plana; os capões de mato e as pastagens formam encantadora variedade de aspectos. O verde dos campos era admirável. Nos dias anteriores, eu já tinha visto *araucárias* em meio dos capões; nesse dia, avistei um trecho de mata inteiramente constituído por essas majestosas árvores. O local elevava-se em anfiteatro na encosta de uma colina, e, como os galhos das *araucárias* brotam na mesma altura, todas as que estavam situadas numa mesma linha horizontal formavam uma espécie de plataforma alongada, de côr verde sombria; o plano superior apresentava uma segunda plataforma, e assim ia sucedendo até o cume da colina.

Nesse mesmo dia, atravessei vários riachos que correm entre duas colinas, sôbre um leito de pedras muito achatadas (*lageados*). Fiz uma bela colheita de plantas nesse local. Capões de mato inteiramente formados por *araucárias* e rochedos muito chatos à borda das águas, constituíam o anúncio dos Campos Gerais, onde em pouco tempo entraria. Antes de alcançar a *fazenda de Perituva*, onde fiz alto (24 de janeiro), passei, por uma ponte de madeira, estreitíssima, o rio do mesmo nome (*rio Perituva*), o qual, como me informaram, deságua na Taquarí. A fazenda de Perituva (559) pertencia a um indivíduo muito rico de São Paulo, que alí nunca aparecia, deixando seus escravos ocuparem-se com a criação de animais; não se deve, por consequência, ficar admirado de só existirem na fazenda algumas cabanas miseráveis e em péssimo estado de conservação. Foi numa dessas cabanas que me alojei.

Antes de começar a trabalhar, examinei minhas *canastras* (malas), afim de ver se, durante a noite precedente, não tinham entrado baratas nas mesmas. A casa onde dormira, como já disse, estava repleta dêsses repugnantes insetos, que tudo maculam e destroem. Grande número deles tinham-se introduzido entre a madeira e o couro das malas, e eu só poderia esperar desembaraçar-me dos mesmos, mediante inspeções feitas com cuidado e várias vêzes repetidas. Enquanto continuava a viagem, as provisões que me arranjara o amável e prestimoso capitão-mor de Itapeva restituíam-me, aos poucos, as fôrças perdidas. Durante alguns dias, minha alimentação fôra péssima; à minha chegada a Itapeva, sentia-me bastante mal, com os nervos muito excitados, e cairia doente, se tivesse continuado a comer apenas feijão cozido em água com sal. Além de Perituva, sempre campos magníficos. Depois de ter caminhado cêrca de légua e meia, a partir dessa fazenda, passei pela do *Rio Verde*, pertencente ao mesmo proprietário, e onde eram também

(559) O nome *Perituva* vem das palavras da *língua geral* — *pery* (junco) e *tyba* (abundância, reunião); donde sua significação — *lugar onde existem muitos juncos*.

criados animais — cavalos e bois. Não havia em *Rio Verde* senão duas ou três cabanas muito piores do que as de Perituva. Foram as únicas que vi durante tôda a caminhada dêsse dia, a qual foi muito prolongada. Pretendia, a princípio, parar na *fazenda de S. Pedro*, situada a alguma distância da estrada, e também pertencente ao proprietário das duas anteriores, mas persuadiram-me a renunciar a êsse projeto, informando-me de que as baratas eram de tal forma numerosas alí, que minhas malas e as *cangalhas* (arreios) dos animais ficariam em pouco tempo cheios dêsses insetos.

As fazendas de Perituva, Rio Verde e S. Pedro, reunidas, formavam um território mais extenso do que muitos principados. Um número superior a cem pessoas tinha obtido do proprietário dessas três fazendas permissão para morar em suas terras, onde criavam gado e faziam plantações, sem qualquer pagamento; mas é bom dizer que o pequeno valor das terras tornava êsse ato de beneficência menos meritório do que poderia parecer a qualquer outro europeu pouco conhecedor do Brasil. Todavia, os homens que se aproveitavam, assim, da bondade do proprietário de Perituva, estavam numa situação simplesmente precária, pois um novo proprietário podia expulsá-los ou impor-lhes, para continuar na posse das terras que ocupavam, pesadas condições. Indo se estabelecer a algumas léguas de distância, teriam encontrado, do lado do mar, terras ainda devolutas, onde os selvagens não apareciam; não lhes sobrava, porém, bastante energia para a realização de tão pequeno esforço.

O clima da província de São Paulo não mudou; outras influências às quais a espécie humana é submetida na mesma província, ao menos em sua parte ocidental, também muito pouco mudaram — como, pois, explicar a razão pela qual os mestiços que habitam a região compreendida entre Sorocaba e os Campos Gerais, oriundos, indubitavelmente, dos antigos mamalucos, sejam tão diferentes de seus antepassados? Não é lícito admitir que os múltiplos cruzamentos, que os aproximaram de nossa raça, tenham contribuído para sua degenerescência. Será mais lógico acreditar que os antigos mamalucos elevaram-se, temporariamente, acima de seu estado normal. Não tinham êles menos apatia, é certo, do que os seus atuais descendentes; talvez fôsem, mesmo, mais apáticos; mas eram excitados pelo exemplo dos brancos e queriam mostrar-se iguais a êstes últimos, procurando encobrir, pela sua crueldade contra os indígenas, a vergonha de descendentes dessa raça proscrita e tão injustamente desprezada.

Não querendo, como já disse, deter-me na fazenda de S. Pedro, por causa das baratas que alí pululavam, tomei a deliberação de ir mais longe, fazendo nesse dia uma marcha de 5 léguas, a mais longa que fiz

desde São Paulo. A alguma distância da fazenda do Rio Verde, passei a vau o rio do mesmo nome (*rio Verde*), que corre num leito de pedras chatas. Pouco depois dêsse local, vêem-se, à direita da estrada, imensas florestas. A pouco e pouco me dirigia, embora muito obliquamente, para o Sul; por consequência, a vegetação devia apresentar alguma mudanças. Encontrava, de fato, nos campos descobertos, muitas plantas que eu ainda não conhecia; mas via também muitas que crescem igualmente nos campos de Minas, de Goiaz e do norte da província de São Paulo. Posso citar, por exemplo, exemplares anãos do *pequi* (*caryocar brasilienses*, A.S.H., CAMB., JUSS.), cujo fruto tem na região o singularíssimo nome de *fruto inglês*. Desde minha partida de Sorocaba, tinha encontrado, mas em pequena quantidade, o *borulê* (*brosimum*). Um dia, antes de chegar a Itapeva, vi ainda vários espécimes anãos da *gutifera* de grandes fôlhas glaucas róseas (*kielmeyera speciosa*, A.S.H., CAMB., JUSS.), tão comuns nos campos de Minas. Finalmente, a planta vulgarmente denominada *falsa mangabeira* ou *mangabeira falsa*, não é, absolutamente, rara na região. A flora dessa parte da província de São Paulo forma o comêço da transição entre a vegetação tropical e a da província do Rio Grande.

O capitão-mor de Itapeva deu-me uma carta de recomendação para um cabo da guarda nacional (*milícia*), comandante da aldeia de *Itararé* (560), onde cheguei a 25 de janeiro. Mandei José Mariano à minha frente levar essa carta, e o seu destinatário fez preparar, para me receber, a melhor casa da localidade, o que, certamente, não era fôrça de expressão. Fui recebido pelo cabo, que era um homem branco, delicado, e sobrinho do capitão-mor. A aldeia de Itararé tem o mesmo nome de um rio que passa em sua vizinhança (*rio Itararé*), e se compõem de alguns miseráveis casebres, muito pequenos, extremamente baixos, obscuros, construídos de terra e ripas cruzadas (*pau a pique*), e em cujo madeiramento não foram empregados nem cavilhas, nem encaixes, nem pregos; os arcabouços das coberturas eram sustentados por quatro estacas terminadas em fôrça; tôdas as peças de madeira amarradas com cipós. Passei um dia nessa aldeia, para estudar um grande número de plantas que tinha colhido na véspera, e para conhecer o rio Itararé. Partí a cavalo, pelo meio do dia, juntamente com o cabo a quem fui recomendado, e, depois de ter atravessado vastas pastagens,

(560) *Itararé* é palavra proveniente dos vocábulos guaraníes *ita* e *rare* — *pedra que o ribeirão escavou* (RUIZ DE MONTOYA, *Tes. Guar.*, 179), Disseeram-me que êsse nome significava *pédra que move, mó*; mas, de acôrdo com essa etimologia, seria preciso admitir que *Itararé* vem de *itaire*, grafia que muito difere de *itararé*; além disso, como dentro em pouco farei ver, o nome de *pedra que o ribeirão escavou* convém perfeitamente a tôda a região em aprêço. Entretanto, não se deve, absolutamente, qual fizeram os tão laboriosos autores do *Dicionário do Brasil*, escrever *Iteraré*.

avistamos o vale por onde corre o Itararé, ou, como dizem os moradores da região, o Tararé.

Em seguida nos dirigimos para um ponto denominado *Barra* (confluência), porque nesse local um pequeno rio do mesmo nome (*rio da Barra*) e o Itararé confundem suas águas. As colinas que nesse ponto margeam este último são muito pantanosas; a princípio se estendem por suave encosta e apresentam apenas pastagens; mais perto do rio, crescem arbustos, notadamente a *mimosácea* 1.397 — *bis*; depois, de repente, descem a pique até o fundo do vale. O pequeno rio da Barra chega ao vale por sôbre um leito de pedras chatas, e, após pequenos saltos, precipita-se de considerável altura sôbre o Itararé, formando uma cortina vertical de água. Abaixo dessa cascata, o Itararé deriva por uma profunda escarpa, desaparecendo aos olhos do observador. Nesse ponto, os rochedos que o margeiam se aproximam, recobrem-no, só deixando perceber uma fenda de pouca largura. Entretanto, em meio das pastagens, as sinuosidades do rio são fâcilmente reconhecidas, pois são desenhadas pelo verde escuro de um espêsso tufo de arbustos e de pequenas árvores que emergem das rochas talhadas a pique nas bordas da escarpa. Entre êsses vegetais, comprimidos uns contra os outros, é impossível não se distinguirem elegantes palmeiras e a *clusia criuva*, A.S.H., JUSS., CAMB., de flores brancas em corimbo e de fôlhas lustrosas. Só ao fim de uma légua é que se começa a avistar novamente o Itararé, que reaparece, a princípio, com uma largura de cêrca de 6 a 7 decímetros, e, depois, repentinamente, espalha-se por um leito de aproximadamente 6 a 7 metros de largura, correndo com rapidez, preso ainda entre os rochedos a pique, entre os quais cresce um grande número de arbustos. No ponto em que o rio reaparece, um regato, cuja água é bebida na aldeia, vai nele desaguar, formando linda cascata, que se precipita do alto dos rochedos, entre árvores e moitas de arbustos. Depois de ter percorrido certo trecho, o Itararé, informou-me o meu guia, alarga-se bruscamente mais uma vez, numa largura de cêrca de 16 *braças* (34 metros); até ali é êle muito profundo, e suas águas são de gôsto bastante desagradável.

Segundo me informou o cabo, as terras dos arredores de Itararé são ótimas e próprias, em geral, para a cultura do milho, do arroz, do feijão e da mandioca. O milho rende até 400 por 1. O grande feto invade ràpidamente as terras medíocres, mas não aparece nas de boa qualidade; estas, entretanto, fâcilmente se cansam, e, ao fim de um certo número de colheitas, torna-se necessário destruir as ervas daninhas, o que não precisa ser feito nas terras ainda novas. O algodão ainda

produz na região. A geada, é certo, se faz sentir todos os anos, mas unicamente após a colheita dos derradeiros frutos.

Desde São Paulo, todas as pessoas que íamos encontrando, vindas do Sul, falavam-nos dos indígenas de Itapeva, e amedrontavam meus servidores com mil narrativas trágicas. E' bem verdade que nessa ocasião hordas de selvagens habitavam nas matas vizinhas da espada, as quais, desde Itapeva, estavam muito próximas desta última, e que os indígenas apareciam principalmente entre Itarê e o *rio Jaguariáiba*; é bem verdade, também, que tinham por várias vêzes destruído as fazendas situadas próximo das matas; era, porém, extremamente raro que se arriscassem até a estrada. Os selvagens, geralmente, só atacam com plena segurança do que fazem e os que habitavam na região deviam saber que os viajantes não na percorriam isoladamente e desarmados. Todos os anos os guardas nacionais (*milicianos*) de Itapeva se reuniam e se internavam nas matas para dar caça aos indígenas selvagens, emprêsa em que revelavam notável habilidade, e raramente regressavam sem trazer mulheres e crianças que aprisionavam; o seu ardor era excitado pelo desejo de afastar vizinhos tão perigosos, e, mais ainda, pelo de fazer prisioneiros, por isso que lhes era permitido explorar-lhes o trabalho durante 15 anos, a título gratuito, e, mesmo, vendê-lo por êsse espaço de tempo.

Desde muito perto de São Paulo até as fronteiras ocidentais da província, e, mesmo, em Santa Catarina, é dado aos indígenas o nome de *bugres* (561), que vem, evidentemente, do francês, mas cuja significação foi desvirtuada. Quanto aos indígenas de Itapeva, sabe-se que eram distinguidos pelo nome de *guanhanã*, que parecia ser tão desconhecido àqueles a que aplicado, como o nome de *coiapós* o é dos indígenas de Goiaz (562). Presumo que as denominações atribuídas à maior parte das tribus indígenas mais não são do que as palavras que teriam feito a atenção dos portugueses em sua primeiras conversações com os selvagens componentes dessas tribus, denominações que aqueles teriam aplicado, desfigurando-as, às próprias tribus. Pelo que é muito possível que o nome *guanhanã* não seja outra cousa senão *guaianazes* e *guainás*, nomes que, como é sabido, eram dados aos habitantes da planície de Piratininga, e que uma recordação histórica levou à tribu de Itapeva (563).

(561) Como já se viu em minha *Voyage sur le Littoral*, II, 309, dá-se também o nome de *bugres* aos indígenas selvagens da província do Espírito Santo. Não tenho necessidade de dizer que não se escreve nem *bugros*, nem *boogres*.

(562) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco e dans la Province de Goyaz*, II.

(563) Não é lícito esquecer que, na língua portuguesa, o grupo consonantal *nh* é pronunciado como o grupo consonantal francês *gn*, o que aproxima muito intima-

Enquanto permaneci nessa localidade, mostraram-me um jovem guanhanã que tinha sido aprisionado há dois anos e que fôra comprado por um proprietário das vizinhanças. Nele notei todos os traços da raça americana; sua face tinha a pele muito escura, afora isso, nada mais observei que o distinguisse particularmente. Tentei obter dêsse jovem indígena um pequeno vocabulário de sua língua. Foi necessário, primeiramente, vencer a sua timidez, mas aconteceu que o mesmo estava esquecido da mor parte das palavras que eu lhe perguntava. Sòmente sôbre o nome dos animais selvagens respondia com precisão e presteza, o que não deve ser motivo de admiração, porque os indígenas têm nesses animais a sua principal alimentação e dos mesmos frequentemente se ocupam; vivendo com êles nas matas e lhes fazendo contínua guerra, observam seus costumes e manhas, aprendem a imitar suas vôzes, sabem espiá-los e surpreendê-los, e lhes atribuem muitas vêzes uma intelligência e um discernimento que um animal selvagem não podê ter. O botocudo Firmiano dava-me constantes provas do que vou referindo.

Eis as palavras perguntadas ao jovem guanhanã e as traduções que êle deu às mesmsa :

Deus	<i>Tupé</i> (564)	Jaboticaba (fruta)...	<i>Meve</i>
Sol	<i>Leve</i>	Jaguar	<i>Mingue</i>
Lua	<i>Cassime</i>	Fogo	<i>Fininve</i>
Estrêlas	<i>Clíngué</i>	Papagaio	<i>Iongiovo</i>
Homem	<i>Dofuve</i>	Jacú (ave)	<i>Penho</i>
Mãe	<i>Nigtave</i>	Lambarí	<i>Clingloforce</i> (os 2 l nesta palavra participam do som do r).
Menino	<i>Cofuve</i>	Milho	<i>Nheré</i>
Menina	<i>Jacrove</i>	Farinha	<i>Manenfu</i>
Olhos	<i>Caneve</i>	Feijão	<i>Ingró</i> (in pronuncia-se como em latim e o o é aberto).
Pau	<i>Cave</i>	Abóbora	<i>Pavoce</i>
Cavalo	<i>Mingbagare</i>	Flecha	<i>Dove</i>
Tapir	<i>Cojuru</i>	Perdiz	<i>Curupepé.</i>
Água	<i>Goió</i>		
Veado	<i>Kinbeve</i>		
Macaco	<i>Cajere</i>		
Grande	<i>Crangue</i>		
Pequeno	<i>Carove</i>		
Cachorro	<i>Fogfogve</i>		

mente as palavras *guaianãs* e *guahanãs*. JOÃO DA SILVA MACHADO, barão de ANTONINA, proprietário, em 1843, da fazenda de Perituva, confirma inteiramente o que digo aqui, porque não dá outra denominação senão a de *guaianazes* à tribu bárbara que infestára os arredores de Itapeva (*Revista Trimensal*, 2.^a série, 231). E' de notar também que o velho paulista FERNÃO DIAS PAIS, que, antes de descobrir as Minas, percorrerá os sertões vizinhos do rio Tibagi, nos mesmos aprisionou grande número de indígenas, aos quais deu o nome de *guaianazes* (BALTAZAR DA SILVA LISBOA, *Anais do Rio de Janeiro*, II, 280).

(564) E' notavel que seja encontrado esse nome, com pequenas alterações, numa extensa parte da America, entre tribus indigenas que jámais tivêram com-

Devo prevenir ao leitor que nas palavras acima transcritas, o *e* não acentuado tem a pronúncia fechada, ao passo que o *e* acentuado (*é*) tem-na muito aberta, como em português. A repetição da sílaba *ve*, em seguida a um grande número de palavras, faz acreditar que indica a adição de um artigo. Posteriormente, comparei êsse pequeno vocabulário com os das línguas dos *coroados* de Rio Bonito, dos *malalís*, dos *monoxós*, dos *macunís*, dos *botocudos*, dos *machaculís*, dos *coiapós*, dos *chicriabás* (565), mas nenhuma semelhança notei. Fiz mais — comparei essas palavras, ditadas pelo jovem *guanhanã* de Itapeva, com os três dialetos da língua geral, e me convenci da inexistência de qualquer relação entre as referidas palavras e as que, nos três aludidos dialetos, exprimem a mesma cousa. As línguas não escritas, como já tive ocasião de salientar noutro ponto (566), alteram-se e modificam-se com grande facilidade; mas, no decurso de dois séculos apenas, não pôdem sofrer mudança tão radical, que lhes mude inteiramente o caráter. Ora, os antigos guaianazes falavam a *língua geral*, pois foi com êles que ANCHIETA a aprendeu; consequentemente, os *guanhanãs* de Itapeva nada têm de comum com aqueles, a não ser a semelhança de nome, o qual, como já disse acima, lhes foi dado pelos primeiros brancos ou mestiços que se estabeleceram na região, e isso assim ocorreu, certamente, porque os guaianazes eram os únicos indígenas que conheciam ou de que conservaram a lembrança.

Como quer que seja, parece que os *guanhanãs* estão, na escala da civilização, em grau muito menos baixo do que o de muitas outras tribus de selvagens. Acreditam na existência de um poder supremo; fazem plantações de feijão e de milho, e, se os homens andam completamente nus, as mulheres cobrem seu órgão sexual. Êsses indígenas, que, na ocasião de minha viagem, tão grande terror inspiravam, não foram ainda dominados; mas deixaram de aparecer nos arredores de Itapeva. Cêrca

municação entre si e que falam línguas muito diversas. Presume que muitas vezes tenha elle sido levado de uma tribo a outra pelos missionários catechistas, que acreditavam, sem dúvida, fazer-se entender melhor pelos indígenas usando os nomes por estes adoptados, ao envez de usar os equivalentes de origem grega ou latina. Com varios autores, indiquei, acompanhando o padre VASCONCELLOS, a palavra *Tupan* como exprimindo a *excellencia terrificante*; mas FERDINAND DÉNIS chamou minha atenção para uma passagem do padre ANTONIO RUIZ DE MONTOYA, que apresenta uma etymologia mais satisfatória, expressando-se por este modo: — “*Tu*, partícula de admiração, e *pa*, “partícula de interrogação — *quem é elle?* — nome que applicam a Deus”. (*Tes. de la Lengua Guaraní*, 402). MALTE-BRUN, em sua *Geographie Universeile*, deu tambem a palavra *Tupan* traducção semelhante; mas não declarou onde colheu a mesma e não decompoz a palavra.

(565) V. minha *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, I, 46, 427 e II, 47, 154 e 213. V. minhas outras obras — *Voyage dans le District des Diamants et sur le Littoral du Brèsil*, II, 293 — e *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*, II, 108, 261 e 289.

(566) V. minha *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco etc.*, I, 41.

de duzentos indígenas, pertencentes a uma outra tribo, vieram se estabelecer, há muitos anos, na margem esquerda do rio Taquarí, a pequena distância da sede do distrito. Entraram em luta com os guanhanãs, os quais, sentindo-se muito fracos contra êsses inimigos, aliados com os paulistas, internaram-se mais pelas florestas, e deixaram de inquietar os homens de nossa raça (567). Êsses indígenas que vieram se estabelecer à margem esquerda do rio Taquarí eram de caráter dócil e pacífico, e logo se fizeram querer dos brancos, seus vizinhos, vindo muitas vezes à vila afim de trocar, por ferramentas e roupas, cera e mel, que iam, com grande trabalho, colhêr no deserto. Entretanto, os serviços que prestaram aos brancos tornaram-se-lhes fatais; êstes últimos, nada mais tendo a temer dos *guanhanãs*, puzeram-se a cultivar as excelentes terras de que antes não ousavam aproximar-se; os indígenas, em pouco tempo, ficaram comprimidos em estreita faixa de terreno, e a caça, que constituía sua principal alimentação, acabou por lhes faltar. Em tal situação, nove dêsses indígenas apresentaram-se, em 1.º de setembro de 1843, na fazenda de Perituva, à qual acima já me referí, e que, então, pertencia a JOÃO DA SILVA MACHADO, barão de ANTONINA, comunicando ao mesmo o estado crítico em que se encontravam e a resolução que tinham tomado de se afastarem para bem longe, internando-se nas matas. O barão apressou-se em solicitar, para os pobres selvagens, socorros ao govêrno provincial; não foi, contudo, atendido imediatamente. Assim, generosamente, tomou os mesmos debaixo de sua proteção, estabelecendo-os em suas terras nas proximidades dos rios Verde e Itararé, por êles fazendo tudo o que lhe foi possível (568). Parece, entretanto, que em 1844 o presidente da província lembrou-se dêsses indígenas de Perituva, remetendo ao barão diversos objetos para que os distribuisse entre os

(567) Não é de todo impossível que os *guaianás* de que fala AZARA (*Voyage dans l'Amérique Méridionale*, II, 75), e que habitam o oriente do Uruguai e do Paraná, sejam os mesmos *guanhanãs* de São Paulo, pois como êstes últimos entregam-se à agricultura e suas mulheres, como as dêstes, revelam algum pudor, ao passo que os homens andam completamente nus. — Vê-se na *Voyage Pittoresque* de DEBRET uma gravura representando os *selvagens goianás do Mar Pequeno*, com esta explicação do autor (I, 29): — “O local em que se passa esta cena apresenta um “duplo interêsse, pois representa não só a floresta virgem no ponto em que se encontram as nascentes da famosa Lagôa dos Patos... , mas também testemunha “a indústriosidade dos goianás, que entretêm, com suas canoas, uma útil navegação “aos viajantes, para percorrerem o litoral da província do Rio Grande”. E’ pouco mais ou menos como se dissesse que os camponeses de Berry têm pequenos barcos sôbre a Mancha, nascente do Rodano; que recebem os viajantes, levando-os a visitar o reino dos Algarves... E’ de lastimar que DEBRET, que tão bem observara as cenas da vida doméstica dos habitantes do Rio de Janeiro, não tivesse reproduzido mais outras, tendo assim sacrificado seus pincéis no sentido de reproduzir plantas que mal conhecia e indígenas que, em absoluto, não conhecia.

(568) J. J. MACHADO DE OLIVEIRA, *Not. Racioc.*, in *Revist. Trim.*, vol. I, 2.ª série, 247.

seus protegidos; e, para ministrar aos mesmos os princípios da fé cristã, enviou-lhes um dos missionários capuchinhos que o Sumo Pontífice mandara ao Brasil, em serviço da catequese dos selvagens, a pedido do govêrno central. Atraídos, sem dúvida, pelo bom acolhimento que o barão de ANTONINA fazia aos indígenas, outros vieram juntar-se aos primeiros, de sorte que, em 1847, a pequena colônia compunha-se de cêrca de 400 indivíduos. O missionário capuchinho pediu que se concedesse a êsses infelizes terra bastante para lhes assegurar a subsistên-cia e que se desse ao seu aldeamento um título legal; mas o presidente da província no ano de 1847 declarou em seu discurso-relatório à assemblêia legislativa, que tal solicitação não seria satisfeita enquanto não fôsse nomeado um *director* que ficasse à frente dos indígenas (569). Os diretores foram para os indígenas, comumente, tiranos tão cruéis; é lícito pois, conceber justificados temores quanto ao futuro dos indígenas de Itapeva, destinados a ser submetidos a um regime que muitas vêzes foi destruidor e, sempre, despótico.

Quanto ao missionário, é de crer que tenha encontrado grandes obstáculos ao seu humanitário ministério, por parte dos indígenas adultos, provàvelmente já corrompidos por fôrça de suas relações com os brancos e os escravos; e, assim, ter-se-á consolado atraindo para sua companhia as crianças, e esparzindo em suas almas as sementes da vir-tude. De acôrdo com os sábios e elevados conselhos de um dos que o precederam em sua nobre tarefa — “é preciso torcer a árvore enquanto nova e o galho quando nasce”. Enquanto a cêra está mole imprime-se-lhe o formato que se quiser, é enquanto a argila está úmida, que se fabrica o vaso. Não posso esquecer-me, aquí, da expressão de HORÁCIO, quan-do disse que o vaso retém, por dilatado tempo, o perfume e o sabor da primeira substância que conteve; e o papel o primeiro escrito e a pri-meira tinta que nele foram lançados (570).

(569) *Discurso Proferido pelo Presidente da Província* MANUEL DA FÔNSECA LIMA E SILVA, no dia 7 de janeiro de 1847, p. 13.

(570) Padre MAURILLE DE S. MICHEL, *Voyage des Isles Camarcandes en l'Amé-rique*, 151.

R E S U M O

duma

VIAGEM NO INTERIOR DO BRASIL, PROVINCIA CISPLATINA E MISSÕES DO PARAGUAI

(lido na Academia de Sciencias)

POR

AUGUSTE DE SAINT HILAIRE

De volta à França St. Hilaire leu na Academia de Ciências um relatório (571) sôbre suas viagens e onde resumiu os resultados de seis anos de estudos. Damos a seguir a tradução do relatório de St. Hilaire, assim como do parecer da comissão (572) nomeada, como é de praxe, para opinar sôbre o trabalho.

Julgamos prestar assim um auxílio a quem queira estudar mais pormenorizadamente as viagens do grande botânico francês. Ambas as peças foram publicadas em coleção de difícil consulta no Brasil, assim como as separatas que constituem raridades bibliográficas. A leitura dêsses dois trabalhos corrige pequenos enganos praticados por diversos autores que escreveram sôbre Saint-Hilaire. (*)

(*) Nota explicativa do traductor.

(571) Vide n. 9 da bibliografia. St.-Hilaire, quando leu o relatório, era "membro correspondente". Só foi eleito membro efetivo e 1830, na vaga de Lamarck.

(572) Rapport sur le voyage de M. Auguste de Saint-Hilaire dans le Brésil et les missions du Paraguay lu à l'Institut de France, Académie royale des Sciences. Paris, imprimerie de J. Smith, 1823, in-4.º, 8 pg.

Depois de ter percorrido, durante 6 anos, vasta extensão do território brasileiro, a província Cisplatina (573) e as Missões do Paraguai, ocupei-me, sem descanso, em coordenar os diversos materiais que reuní e que se referem, principalmente, à botânica. Mas, mesmo antes de ter classificado inteiramente as minhas coleções e de ter coligido tôdas as minhas notas, creio ser de meu dever apresentar à Academia um ligeiro resumo de minha viagem.

Partí da França no dia 1.^o de abril de 1816, a bordo da fragata *Hermione*, que levava ao Rio de Janeiro o embaixador francês — duque de LUXEMBURGO.

As três paradas que fizemos em Lisboa, Madeira e Tenerife foram, infelizmente, assaz curtas para me permitirem muitas pesquisas; deram-me, contudo, o ensejo de observar a diferença que a mudança de latitude produz na época do desenvolvimento dos vegetais. Assim é que deixamos, em Brest, os pessegueiros ainda desfolhados e sem flores; a 8 de abril, os de Lisboa já estavam completamente floridos, o mesmo ocorrendo com os *cercís*, com várias espécies de *lathyrus*, de *vicia*, de *ophris*, de *juncus* etc.; a 25, na Madeira, já havia pêssegos formados e o trigo estava em espigas; a 29, em Tenerife, os trigais estavam sendo ceifados e os pêssegos já tinham quasi atingido a completa maturidade.

Passei no Rio de Janeiro todo o tempo em que alí permaneceu o embaixador, percorrendo, então, cuidadosamente, os arredores da cidade. A extrema umidade que reina nessa parte do Brasil mantém a vegetação em constante atividade. Durante tôdas as estações encontra-se grande abundância de plantas em flor. O verão e o inverno distinguem-se apenas pela pequena diferença na côr verde das matas; e, excetuadas as montanhas elevadas da capitania de Minas Gerias, creio que o distrito do Rio de Janeiro é a região, de todo o Brasil meridional que, na mesma extensão de terreno, apresenta uma flora mais variada.

Iniciei minhas viagens por uma excursão às margens do Paraíba, a cerca de 25 ou 30 léguas do Rio de Janeiro, tendo passado um mês na

(573) A província de Cisplatina é a porção do território do antigo Paraguai que se encontra entre o mar, o Rio da Prata, o Uruguai, as Missões e a capitania do Rio Grande do Sul. Essa província foi anexada ao reino do Brasil por um ato de seus deputados, reunidos em assembléa no dia 15 de junho de 1822.

magnífica fazenda de Ubá, situada em meio de matas virgens (574). Em Ubá, como no Rio de Janeiro, muitas contrariedades sofri com a dissecação das plantas, devido à excessiva umidade. Colhi, entretanto, grande número de espécies e tive a oportunidade de fazer várias observações muito interessantes.

As matas existentes à pequena distância de Ubá, para os lados de Rio Bonito, servem de asilo a algumas centenas de indígenas que os portugueses chamados de *coroados*, denominação sob a qual confundem os derradeiros representantes de diferentes tribus. O conjunto dos mesmos traços é encontrado em tôdas as tribus americanas; mas cada uma se distingue por nuances fisionômicas tão fáceis de perceber como o são as que caracterizam os povos da Europa. Os coroados de Rio Bonito são, talvez, os mais feios e os mais antipáticos de todos os indígenas que encontrei em minhas viagens. Têm a pele de côr escura carregada; são, geralmente, de pequena estatura e têm enorme cabeça, achatada na parte superior e como que enterrada nas espáduas. A fisionomia dêsses selvagens apresenta qualquer cousa de ignóbil que jamais notei nos outros indígenas brasileiros. São indolentes, tristes, indiferentes e estúpidos. Apenas olham para quem os acaricia ou os presenteia. Ora demonstram uma espécie de timidez simplória, baixando a cabeça, como crianças, quando alguém lhes dirige a palavra; ora dão fortes risadas, sem que se possa saber a causa de tal hilaridade. Êsses indígenas erram nas matas, a 30 léguas da capitl do país, sem habitações fixas, muitas vêzes devorados por moléstias vergonhosas, à mercê dos mulatos e de indivíduos de classe inferior entre os quais vivem; e ninguém cuida de lhes ministrar quaisquer ensinamentos de moral e de elevá-los ao rudimentar grau de civilização de que seriam capazes.

Tive o desgôsto de ver DELALANDE, meu companheiro de viagem, embarcar de regresso para a Europa. Êsse naturalista infatigável, difficilmente poderia ser substituído; mas, querendo tornar sua partida do Brasil menos sensível a nossos zoólogos, comecei, durante minha permanência em Ubá, a reunir insetos, pássaros e pequenos quadrúpedes; e, até meu regresso à França, consagrei todo o tempo que pude furtar às minhas observações botânicas ao cuidado de formar coleções de animais, muito contrariado, infelizmente, com as difficuldades de transporte e com um sem número de contratempos, cuja narrativa exorbitava dêste resumo.

(574) A fazenda de Ubá pertence ao meu amigo comendador JOSÉ RODRIGUES PEREIRA DE ALMEIDA, que me deu cartas de recomendação para tôdas as partes da América que visitei. Devo reconhecer que sem tal auxílio ter-me-ia sido impossível terminar minhas viagens.

Parti do Rio de Janeiro em 7 de dezembro de 1816, com rumo à capitania das Minas, e gastei quinze meses a percorrer uma grande parte dessa vasta província. As matas virgens que começam no Rio de Janeiro, estendem-se numa largura de mais de 50 léguas, e não apresentam diferenças extremamente sensíveis; entretanto, como o solo se eleva gradualmente e como a umidade diminui mais ou menos na mesma proporção, a vegetação se torna também, a pouco e pouco, menos rica e menos variada.

Até além do lugar denominado Mantiqueira, a região apresenta uma sucessão de montanhas, muitas vèzes escarpadas e separadas por profundos vales, mas a algumas léguas mais longe de Mantiqueira, perto da cidade de Barbacena (575), o terreno torna-se menos desigual; às montanhas sucedem-se colinas arredondadas; vastas pastagens apresentam-se à vista do viajante, e, com uma vegetação diferente, vêem-se outros pássaros e novos insetos: mudança que, de resto, não é tão brusca a ponto de não poder ser pressentida antes pelo observador atento. *Gramíneas*, sôbre que se espalham ervas, sub-arbustos e algumas vèzes arbustos de pouca altura, formam essas pastagens. Encontram-se allí *compostas* e, sobretudo, *vermônias*; as *mirtáceas*, as *melastomáceas* de frutos capsulares são muito comuns; mas não se vêem mais as *acântecas*, tão abundantes nas matas virgens.

As pastagens que acabo de descrever, e que são denominadas *campos* (576), são encontradas em tôdas as regiões elevadas do sul da capitania das Minas; formam porção muito considerável da *comarca* do Rio das Mortes, região onde é intensamente criado o gado vacum destinado à alimentação dos habitantes do Rio de Janeiro. Se, entretanto, em meio de um terreno descoberto e simplesmente ondulado, encontra-se um vale úmido e profundo, se existe alguma concavidade na encosta de um morro, pode-se ter a certeza de que no local é encontrado um dêsses pequenos bosques que os brasileiros denominam *capões*, onde formam suas plantações e onde a vegetação em muito difere da das matas virgens.

Enquanto que as paisagens do Rio de Janeiro esgotam pela pompa e pela variedade a admiração do viajante, as dos arredores de Vila Rica, capital da capitania das Minas, lhe entristecem o olhar, pelo aspeto áspero e severo. Só se vêem, por todos os lados, gargantas profundas e montanhas áridas. Por tôda a parte terrenos sulcados, rasgados, revolidos em tôdas as direções, atestam os trabalhos dos mineradores; as antigas florestas foram incendiadas; a verdura da relva foi substituída

(575) E não Barbazenas ou Barbasinas, como se tem escrito.

(576) Para diante se verá que existem diferentes espécies de *campos*.

por montões de pedras, e os rios, poluídos pela operação da lavagem, rolam águas avermelhadas e lodosas.

Sem qualquer conhecimento de hidráulica, os habitantes da capitania de Minas Gerais tem, entretanto, rara inteligência para conduzir as águas ao local onde as mesmas se tornam necessárias. Além disso, a arte da mineração está, entre êles, ainda na infância; é em gamelas que fazem transportar a terra que contém ouro; deixam escapar muitas parcelas dêsse metal durante a operação da lavagem; muitas vêzes, para atingirem um filão situado na base de uma montanha, cortam-na em tôda a altura, e muito escravos perecem, sepultados nos desmoronamentos de terras decorrentes de tão primitivo processo de trabalho.

As altas montanhas dos arredores de Vila Rica apresentam um número de vegetais infinitamente mais considerável do que os *campos* da comarca do Rio das Mortes, e, sem dúvida, muitos anos decorrerão antes de ficar completamente esgotada a flora das serras do Itacolúmi (577), do Caraça (578) de Deus Livre etc. Ali vegetam, principalmente — *melastomáceas* de pequenas fôlhas, algumas lindas *sauvagésias*, muitos *ericaulons*, *xiris*, grande número de *compostas*, *apocíneas* etc. Entre as plantas que caracterizam as altas montanhas da capitania das Minas, não posso deixar de citar ainda as *velósias* (*vandeli*) (579) —, gênero da família das *amarilídeas*. Entre várias de suas espécies que vivem em sociedade, ramos espalhados, curtos, espessos e cobertos de escamas (580) formam um arbusto estiolado, muito notável pelo seu porte; êsses ramos terminam por um tufo de fôlhas gramíneas, de cujo meio desabrocham flores azues, roxas e, algumas vezes, brancas, tão grandes como os nossos lírios.

O ferro, tão comum na capitania das Minas, é indicado na região por varias plantas particulares, destacando-se entre as mesmas a *rubiácea* de caule arborescente e frágil, de fôlhas duras e flores aromáticas, que

(577) Essa denominação provém de dois vocábulos indígenas — *oita* (pedra) e *cunumí* (criança, menino). Escrevo *Itacolúmi*, porque tal ortografia está de acôrdo com a pronúncia atual. E' sem razão, parece-me, que um ilustre historiador censura o autor da *Corografia Brasílica* como tendo se afastado das verdadeiras etimologias, diante da forma pela qual grafou o nome dos lugares. Deve-se, certamente, tanto quanto possível, cingir-se às etimologias; mas é também necessário, se não me engano, que o viajante e o geógrafo grafem os nomes das regiões que descrevem, tais como os habitantes das mesmas os pronunciam e grafam. Sem ser observado êsse conselho, a geografia tornar-se-ia uma ciência ininteligível.

(578) Das palavras indígenas *cara* e *haça*, ou *caa raçapaba*, ou mesmo, simplesmente, *caraça* — desfiladeiro, despenhadeiro.

(579) *Radia*, ACH. RICH. O nome *vandeli* deve ser preferido porque é o mais antigo e porque lembra dois botânicos brasileiros muito ilustres. A *velósia* está muito próxima da *xerophyta*.

(580) Essas escamas mais não são do que a base das antigas fôlhas.

os naturais do país denominam *quina da serra* ou *do Remijo*, e a que dão o mesmo emprêgo dado à quina do Perú (581).

A região que se estende de Vila Rica à Vila do Príncipe apresentava até pouco tempo imensas florestas, considerável porção das quais foi substituída por pastagens. Quando se corta uma floresta virgem nessa região e se teia fogo às árvores derrubadas, cresce, em sucessão aos vegetais gigantescos que as compunham, um bosque formado por plantas inteiramente diferentes e muito menos vigorosas. Se são queimados êsses novos bosques ((582), para entre as respectivas cinzas ser feita alguma plantação, como se fez, anteriormente nas das florestas virgens (583), vê-se, dentro em pouco, nascer um grande feto extremamente semelhante ao *pteris aquilina*; ao fim de muito pouco tempo, enfim, as árvores e os arbustos desaparecem, e o terreno encontra-se inteiramente ocupado por uma gramínea cinzenta, aveludada e de uma única flor, que permite apenas algumas plantas comuns em meio de seus caules unidos, e que tem o nome de *capim melado* ou *capim gordura* (584), porque transuda um suco abundante e viscoso. Vários moradores da região denominam, e com razão, *campos artificiais*, as pastagens cuja origem acabo de indicar, e assim as distinguem das do Rio das Mortes, que denominam em opposição, *campos naturais*.

O ouro era, antigamente, abundante nos arredores de Vila Rica; essa região foi rica e florescente, tendo sido na mesma construídas lindas vilas; mas o metal, ao qual a capitania das Minas deve sua população, tornou-se raro, ou difícil de ser estraído; os escravos morreram, e, em falta de capitais, não puderam ser substituídos; os mineiros tendo revolvido vastas extensões de terras, tinham-nas tornado impróprias à agricultura, e, não querendo empregar os adubos, nem a charrua, não podem tirar partido de seus campos de *capim gordura* (585); são, por isso,

(581) *Cinchona ferruginea* N. *Caule frutescente, gracili, vix ramoso; foliis lanceolatis, oblongis, margine revolutis, rugosis, superne sulcatis, subtus nervosis; racemis axillaribus, compositis, elongatis, interruptis. Pedunculi, flores, foliorum-que pagina inferior pilis ferrugineis obtecti.* Obs. Essa planta afasta-se das *cinchonas* por sua inflorescência; mas é impossível relacioná-la a um outro gênero, pois que tem ela um cálice de 5 pontas, uma coróla infundibuliforme, cujo limbo é partido em 5,5 estames ocultos, uma cápsula com duas cavidades polispérmicas, que se abre por meio de fechos membranosos, e que encerra grãos espermáticos imbricados e munidos de um bordo membranoso um pouco lacinado.

(582) E' a essa nova vegetação que os brasileiros dão o nome de *capoeiras*.

(583) Tal é o sistema de agricultura adotado pelos brasileiros das capitánias do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, de Goiaz etc., onde não são usados nem os adubos, nem o arado.

(584) Muitas vêzes o *capim gordura* substitue imediatamente as *capoeiras*, ou, então, aparece no meio das mesmas, depois que as matas virgens foram cortadas.

(585) O *capim gordura* engórda os cavalos e o gado vacum, dando-lhes, porém, pouco vigôr.

obrigados a se afastar de suas antigas moradias, espalhando-se pelas fronteiras de sua vasta província, destruindo outras florestas, com inveja das tribus errantes dos botocudos (586), relativamente aos asilos que ainda lhes restam.

Fiquei detido na Vila do Príncipe por uma enfermidade bastante grave, em consequência da fadiga por mim sofrido. Ao fim de um mês, reiniciei a viagem, mas, aos invés de me dirigir para o norte, penetrei pelas matas espessas que recobrem a parte oriental da capitania das Minas, e cheguei a Passanha, onde foi aquartelado um dos destacamentos incumbidos de proteger as fronteiras da capitania contra as invasões dos selvagens (587).

Desde Ubá não tinha visto nenhum indígena, mas encontrei em Passanha os derradeiros representantes de algumas tribus, que se aproximaram dos portugueses devido ao temor que lhes inspiravam os botocudos, inimigos de tôdas as outras tribus indígenas.

O trigo produz õtiramente nas terras de Passanha, rendendo, comumente, quarenta por um.

Como não se encontram, além dessa região, senão florestas impetráveis, habitadas por botocudos, em luta constante contra os portugueses, fui obrigado a voltar pelo caminho até então percorrido; mas, dentro em pouco, dirigí-me para o distrito de Minas Novas, que forneceu à Europa enorme quantidade de ametistas, de crisólitas, de topázios brancos e de águas-marinhas.

Os vastos planaltos, tão comuns nesse distrito, apresentam espécies de florestas anãs, compostas de arbustos de três a cinco pés de altura, muito aproximados entre si, os quais, segundo as localidades em que situados, diferem, extraordinariamente, uns dos outros, pelos respectivos gêneros e espécies; arbustos entre os quais predominam abundantemente, de ordinário, uma *mimosa* espinhosa, de fôlhas dispostas em frágeis espigas, cujo porte lembra, algumas vêzes, a nossa leguminosa *genet anglican* (588). Fora do distrito de Minas Novas, raramente encontrei as florestas anãs que acabo de descrever, florestas que os habitantes da região denominam *carrascos*.

(586) Êsse vocábulo é de origem portuguesa, como o príncipe de NEUWIED muito bem observou. Não se deve escrever *botecudis*, como o têm feito alguns viajantes.

(587) Êsses destacamentos, compostos de diminuto número de soldados, são colocados em sete pontos diferentes, e têm, muito imprõpriamente, a pomposa denominação de *divisões*. Sua organização data do ministério do conde de LINHARES.

(588) *Mimosa dumetorum* N. *Caule parce aculeato; ramis sulcatis, pubescentis; foliis B-pinnatis, partialibus multijugis, foliolis minutis, lineari-ellipticis, subtus glanduloso-punctatis; spicis axillaribus, geminis, gracilibus; corolla profunde 5-fidã; stam. 10 liberis; ovario villosa.*

Depois de ter atravessado, por caminhos extremamente difíceis, uma região deserta, que é repetidamente teatro das incursões dos botocudos, cheguei ao local chamado Alto dos Bois (589), onde está situado o aldeamento dos *maconis*. Em quasi tôda a extensão do Brasil, os indígenas da costa falam diversos dialetos da língua que os jesuítas denominaram *língua geral* (590), língua a que se prende também o idioma guaraní, falado nas Missões e em todo o Paraguai pròpriamente dito; mas, por uma singularidade muito notável, as línguas dos indígenas do interior — os *maconis*, os *coroados*, os *malalis*, os *monochos*, os *machaculis* ou *machacares*, os *bororós*, os *coiapós* etc. — nenhuma semelhança têm com o idioma guaraní, e diferem igualmente entre si.

Quando cheguei à Vila do Fanado, capital do distrito de Minas Novas (591), estávamos no mês de maio; não mais encontrei coleópteros e as flores tornavam-se cada vez mais raras. No Rio de Janeiro chove, indiferentemente, em todos os meses do ano; o mesmo não succede, porém, nas capitánias de Minas, Goiaz e numa parte da de São Paulo; as chuvas, que nessas regiões começam em fevereiro, continuam até o mês de março; e, durante os meses seguintes, a terra só é refrescada pelo orvalho das noites.

Além da Vila do Fanado, o terreno se abaixa e se torna plano; a vegetação muda ainda uma outra vez, encontrando-se matas que representam um meio têrmo entre as florestas virgens e os *carrascos*. As *caatingas* — denominação dada a essas matas — apresentam, de ordinário, um espêso conjunto de plantas espinhosas, de outras plantas trepadeiras e de arbustos, em meio dos quais se elevam, como balizas, árvores de altura e dimensões médias. Ao fim da estação das chuvas, as caatingas começam a perder as fôlhas, estando, em junho, completamente desfolhadas. Nessa época não mais se encontram insetos, e os próprios pássaros, em sua maioria, retiram-se para as margens dos rios e para as vizinhanças das habitações. Entretanto, muito tempo antes da volta do verão, os brotos de várias espécies começam a se desenvolver, *bombax* cobrem-se de flores antes de ter fôlhas, e, finalmente, quando

(589) Monte ou Montanha dos Bois.

(590) Um autor moderno refere-se a essa língua, como se a mesma tivesse ainda, no Brasil, o nome de *língua tupi*; mas êste último vocábulo é, hoje, completamente desconhecido dos brasileiros; e, em realidade, parece que o mesmo foi sempre uma alcunha injuriosa aplicada aos indígenas da costa por seus inimigos, os indígenas do interior do país.

(591) Essa localidade tem também o nome de Vila do Bom Sucesso. As denominações Tocaies e Tocaia, que têm sido indicadas como nome da capital do distrito de Minas Novas, referem-se a lugares imaginários. Possivelmente, designariam a *fazenda Tocaïos*.

as chuvas recomeçam a cair, a relva renasce, os arbustos se revestem de nova folhagem e os insetos reaparecem.

Isso prova, de resto, que as caatingas devem à sêca a queda das fôlhas, porquanto, conservam sua verdura nas margens dos rios e das nascentes de água, e muitas vêzes o viajante tem diante dos olhos, ao mesmo tempo, a imagem risonha da primavera e a imagem árida do inverno.

Depois de ter por muito tempo atravessado extensas caatingas, vi a vegetação apresentar, de repente, um aspecto diferente, e florestas majestosas, ostentando o mais belo verde, sucedem, sem qualquer transição, a matas inteiramente despojadas de fôlhas, semelhantes, muitas vêzes, aos nossos bosques artificiais de dezoito anos. O solo das caatingas apresenta uma mistura de areia muito fina e terra vegetal enegrecida e friável, ao contrário do que encontrei nas matas virgens, que é muito menos arenoso e mais substancial. Tal é, segundo penso, a razão da singular diferença que acabo de assinalar.

Quando cheguei às matas virgens, estava a cêrca de 50 léguas da Vila do Fanado, perto de São Miguel de Jequitinhonha (592). Numerosas tribus de botocudos erram nas matas vizinhas dessa aldeia, vivendo em boa inteligência com os portugueses. Permaneci durante 15 dias entre êsses indígenas, que são, indubitavelmente, os mais vingativos e os mais imprevidentes dos indígenas brasileiros, mas são, também, os mais alegres comunicativos, os mais valentes e, quiçá, os mais inteligentes. Ocupei-me em observar e bem conhecer essa interessante tribu; quando deixei as margens do rio Jiquitinhonha, fui seguido por um jovem botocudo, o qual, depois, constantemente me acompanhou em minhas viagens, mas que fiz regressar à sua taba, provido de recursos, quando embarquei, de regresso à Europa (593).

Os botocudos passam a vida nas matas, sem habitações fixas, sem nenhuma demonstração de culto religioso, sem outra lei a não ser um

(592) Escreve-se, também, Giquitinhonha ou Jequitinhonha, mas não se deve escrever Jigitinhonha, como fez moderno viajante.

(593) As leis publicadas pelo rei D. José, sob o glorioso ministério do marquês do POMBAL, proclamaram a liberdade dos indígenas. Entretanto, durante a permanência do rei D. João VI no Brasil, foi baixado um decreto real concedendo aos agricultores dez anos de trabalho dos botocudos que tomassem em sua companhia, para instruir e educar. Esse decreto, como é facil de prever, deu ensejo aos mais horribes abusos. Mulato e mesmo brancos compram, por uma bagatela, filhos aos pais, ou deles se apossam violentamente, vendendo-os depois nas diversas vilas e aldeias do distrito de Minas Novas. Ao tempo em que estive nas margens do Jequitinhonha, já ali não havia mais crianças nas tribus em mais íntima comunicação com os portugueses, e, para ter mais crianças a vender, essas tribus raptavam-n'as de outras mais afastadas, com as quais, para tal fim, entravam em lutas ferozes. As acertadas instruções da capitania de São Paulo a seus deputados fazem esperar que o novo govêrno brasileiro se ocupe com a sorte dos indígenas, apressando-se em revogar o decreto acima referido.

pequeno de usos, transmitidos pelos pais aos filhos. Não cultivam a terra e limitam sua indústria ao fabrico de uma cerâmica pouco variada e grosseira, de pequenos sacos de fios trançados e de arcos e flechas. E' sua única ocupação a caça; mas o que mata um animal destinado à alimentação, abandona-o a seus companheiros, nenhuma porção comendo do mesmo. Besuntam o corpo de negro e vermelho, não usando, porém, nenhuma vestimenta; se se dá a uma mulher botocuda um pedaço de qualquer tecido, a mesma o utiliza apenas para cobrir a cabeça. Quando uma criança atinge a idade de 8 a 12 anos, furam-lhe o lóbulo das orelhas e o lábio inferior e introduzem pelos orifícios resultantes dessa operação um pedaço de bambú, em pouco tempo substituído por um disco de madeira leve; progressivamente, êsse disco vai sendo substituído por outros de dimensões maiores, que atingem, entre os indivíduos adultos, até polegada e meia e duas polegadas de diâmetro. Os botocudos só se juntam com uma mulher, mas admitem o divórcio; e, quando um dos esposos surprende o outro na prática de adultério, tem o direito de lhe fazer nos braços longas incisões, castigo que o culpado recebe sem reação. Quando êsses indígenas se emocionam por qualquer paixão, quando querem demonstrar o descontentamento ou a gratidão, agitam suas flechas para o ar, anima-se-lhes a fisionomia, cessam de falar, cantam e misturam a inflexões de voz monótonas e anazadas, gritos terrificantes. Vários sábios acreditam que os indígenas americanos não formam uma única raça distinta. Os botocudos, algumas vêzes quasi brancos, assemelham-se ainda mais à raça mongólica do que os outros indígenas. Quando o jovem botocudo, que me acompanhou em minhas viagens, viu pela primeira vez chineses no Rio de Janeiro, chamou-os de tios, e, efetivamente, o canto dos chineses é muitíssimo semelhante ao dos botocudos, diferindo apenas em ser extremamente mais suave.

Voltei à Vila do Fanado por outro caminho, atravessando várias aldeias e vilas do distrito de Minas Novas, pequenos centros de população que se desenvolveram proveitamente, depois que seus habitantes renunciaram à aventureosa busca do ouro e das pedras preciosas e se entregaram à cultura do algodoeiro, malvacea que alí dá notável rendimento, principalmente nas terras leves em que crescem as caatingas.

Sob o regime colonial, os mineradores caminhavam sôbre o ferro, mas havia rigorosa proibição de ser fundida a menor quantidade que fôsse dêsse metal. Mas, depois da mudança da côrte de Lisboa para o Rio de Janeiro, foi, finalmente, concedida permissão, aos habitantes do Brasil, para se aproveitarem dos benefícios que a natureza lhes prodigalizou. O próprio govêrno instalou, à sua custa, estabelecimentos para a fundição do ferro, e grande número de particulares instalou pequenas

forjas, para suprirem suas próprias necessidades. Foi em Bonfim, perto de Arassuaí, no distrito de Minas Novas, que vi o mais importante estabelecimento da espécie (594), e, depois de ter continuamente diante dos olhos o aflitivo espetáculo da indolência e da apatia, sem verdadeiro prazer contemplando, afinal, essa demonstração da indústria e do trabalho. Estando em Arassuaí, encontrei-me, pela segunda vez, a pequena distância do Distrito dos Diamantes; mas, antes de visitá-lo, quis percorrer a parte da capitania das Minas chamada *deserto* (*sertão*). E' uma vasta região ondulada, onde se encontram algumas montanhas, que se estendem a oeste da capitania, e serve de bacia ao rio S. Francisco. Nesse local, caatingas mais ou menos semelhantes às de Minas Novas, crescem nas baixadas; a útil e majestosa palmeira denominada *buriti* eleva-se em meio dos brejos; e os planaltos são cobertos de pastagens entremeadas de diversas espécies de árvores tortuosas e enfezadas, cuja casca é suberosa, cujas fôlhas são, de ordinário, duras e quebradiças e cujo conjunto faz lembrar o efeito que produzem as macieiras plantadas nos prados europeus.

Se se faz abstração das matas virgens, encontrar-se-á, entre as variadas espécies de vegetações particulares à província das Minas, uma sorte de escala em que as plantas diminuem de tamanho, à proporção que o terreno se eleva. As caatingas crescem nas partes mais baixas; acima delas encontram-se os campos de árvores enfezadas; mais acima, os carrascos, que se parecem com os nossos bosques de recente formação; os carrascos pròpriamente ditos coroam os grandes planaltos; e, enfim, nos pontos mais elevados, só se vêem plantas erbáceas, entremeiadas de sub-arbustos. E' bem de ver que tal disposição não é de ser considerada extremamente rigorosa, e que devem existir muitíssimas exceções devidas à maior ou menor exposição ao sol, ao grau de umidade, e, sobretudo, à natureza dos terrenos.

Entre os animais comuns no *deserto*, pode-se citar a ave denominada *seriema* (595), que rivaliza em ligeireza com os *veados*, quadrúpedes de que existem cinco espécies diferentes.

O gado *vacum* e os cavalos formam a principal riqueza do *sertão* ou *deserto*, e as terras salitradas que abundam nessa região substituem, para o gado *vacum*, o sal que se é forçado a dar ao mesmo gado nas outras partes da capitania das Minas e na de São Paulo, quando não se quer vê-lo adoecer e perecer em pouco tempo.

Continuando minha viagem para o noroeste, cheguei, finalmente, ao rio São Francisco, rio magnífico, em relação ao qual só há referências

(594) Foi instalado pelo capitão MANUEL JOSÉ ALVES PEREIRA.

(595) A *cariama* dos naturalistas.

de grande pavor no resto da capitania das Minas, por causa das enfermidades que são contraídas em suas margens. Suas águas, durante a estação das chuvas, crescem a pouco e pouco, espraíam-se e se estendem até uma légua além do respectivo leito. Em fins de dezembro, a inundação chega ao seu auge; mas, aos poucos, as águas evaporam e, em abril, o solo fica inteiramente coberto por uma camada lodosa. O ar fica corrompido pelas matérias animais e vegetais em putrefação; e é então que começam a aparecer as moléstias que reinam todos os anos nas margens do rio São Francisco; uma febre ardente, precedida de calafrios, ataca os habitantes ribeirinhos, e muitas vezes essa enfermidade deixa complicações que levam à sepultura os indivíduos ainda não aclimatados ou de constituição fraca.

Os terrenos inundados das margens do rio São Francisco (596) têm o nome de *alagadiços*, e são cobertos por duas *leguminosas* providas de espinhos, uma *bauhinia* de fôlhas pequenas e uma *mimosea* aromática, plantas essas que formam touceiras impenetráveis. Foi nos meses de agôsto e setembro que percorri os desertos do rio São Francisco. Não tinha, por consequência, nada a temer das enfermidades alí reinantes; foi essa minha viagem, entretanto, uma das mais penosas que fiz no Brasil, e a sêca excessiva fê-la uma das menos aproveitáveis para a história natural (597).

(596) Basta isso para fazer sentir o que se deve pensar das brilhantes descrições que têm sido feitas das margens do rio São Francisco. E' certo que o aspecto dessa região deve ser encantador à vista na estação das chuvas; mas não reina alí uma eterna primavera, pois que a maior parte das árvores perde as fôlhas durante a épocas da sêca.

(597) Entre os pássaros que caeci no rio São Francisco, isto é, nessa região do referido rio, não posso deixar de me referir ao encantador *tropical* chamado *soffré* (*soffrer*, CAZAL, *Corog. Bras.*, vol. I, pág. 91). Em tôda a capitania das Minas êsse pássaro é encontrado apenas no *sertão* (deserto), a começar de Paracatú. Daí é encontrado pelo interior até a Baía, e, talvez, mais além, para o lado norte. Voa em pequenos grupos, nutre-se de insetos, e, não obstante o que diz CAZAL, tem um canto muito agradável. E' aprisionado e transportado em gaiolas para a Vila do Príncipe e para outros lugares; mas sua plumagem alaranjada embranquece dentro em pouco, e não vive mais de um ano fora de sua região natal. VALENCIENNES, naturalista do Museu, que classificou os animais vertebrados que remetí a êsse estabelecimento, e que, além de sólida cultura filosófica, tem um conhecimento profundo das espécies zoológicas caracteriza o *soffré* pela forma seguinte: — "*Oriolus aurantio, capite, jugulo, alis, caudâ et dorsis medium versis fascia, nigerrimis; macula alarum alba.* — *Guir's Tangeima* MARC. 192; *pro oriole ictero a GOMELIN acceptus.* — *Or. ictero multum affinis, sed differt, 1.º magnitudine minore; 2.º rostro abbreviato acutiore; 3.º colore florido aurantio; 4.º occipite aurantio et non nigro.* — Ab Or. Jacamaici *differt, 1.º magnitudine majore; 2.º cervice nigro nec aurantio; 3.º maculâ alarum majore et magis porrectâ*". Observarei que, admitindo-se o *guira tangeima*, MARCG. como sinônimo do *oriolus aurantius*, faz supor que a palavra *uranicus* foi posta, por êrro de impressão, em lugar da palavra *aurantius*, e confessar, ao mesmo tempo, que o vocábulo — clamare-, empregado por MARCGRAFF, pouco convém para exprimir o canto do *soffré*.

O Distrito dos Diamantes, onde entrei depois de ter saído do *deserto*, pode medir 12 léguas portuguesas de circunferência. Essa região, a mais elevada, talvez, de tôda a capitania das Minas, não apresenta mais do que terrenos áridos, areias e rochedos nús, em meio dos quais são, entretanto, encontradas inúmeras plantas raras e interessantes (598). Um acidente, de que escapei de ser vítima, reteve-me durante um mês em Tejuco, sede do distrito (599); aproveitei-me dessa permanência ali para colher esclarecimentos exatos sôbre a singular administração da região, e, antes de deixá-la, visitei os vários pontos onde ainda se trabalha na lavagem dos diamantes. Essa pedra preciosa não é mais encontrada em suas matrizes primitivas, mas apenas no leito e nas margens dos ribeirões e córregos. É, atualmente, muito menos abundante do que outrora; entretanto, pôsto que não sejam empregados em sua extração tantos escravos como antigamente, nos dez anos anteriores a 1818, houve uma produção, em têrmo médio, de 18.000 karats.

Não querendo voltar à Vila Rica pelos mesmos caminhos, seguí pelo cimo das montanhas denominadas Serra da Lapa, que dividem, em parte, as águas dos rios Doce e São Francisco, montanhas que podem ser colocadas entre as mais altas da capitania das Minas. Não posso deixar de assinalar, de passagem, que os peixes dos rios que correm a oeste dessas montanhas e deságuam no rio São Francisco, são, geralmente, diferentes dos rios que, dirigindo-se para leste, vão reunir suas águas às do rio Doce.

Teria feito, na Serra da Lapa, a mais farta colheita de plantas, se as chuvas, que caíam desde um mês, não me tivessem forçado a me afastar da região, onde os menores cursos de água se transformam em caudalosas torrentes. Recomecei, então, a encontrar insetos. Os vegetais apresentavam flores e linda folhagem verde, mas seria difícil dar uma idéia do tempo que se é obrigado a perder e dos cuidados que se tornam necessários, quando se viaja na região durante a estação das chuvas, transportando coleções a serem conservadas. Antes de regressar a Vila Rica, passei por Sabará, e, nos arredores dessa localidade, na Serra da Piedade, tive o ensejo de observar um extraordinário caso de catalepsia, que atraíra a atenção de tôda a capitania das Minas.

(598) Não posso deixar de citar, entre outras, a *sauvagésia elegantissima* N., a mais linda planta, quiçá, de tôdas as que colhi em minhas viagens, e que assim caracterizei: — *S. caule suffruticoso, parum ramoso, foliis fasciculatis, confertissimis, parvis, subsessilibus ovatis, integerrimis, glaberrimis enerviis, stipatis pilorum fasciculo stipularum vicem gerente; racemo terminali, brevi; corollâ interiore l-petalâ, ovatâ, 10-denticulatâ.*

(599) Passei êsse tempo na casa do Intendente dos Diamantes, MANUEL FERREIRA DA CÂMARA BETHENCOURT E SÁ, casa em que fui tratado como na de um pai. Que êsse administrador, igualmente recomendável por seu saber e sua retidão, receba aqui a homenagem de meu reconhecimento.

dos homens. Com poucas diferenças apenas, as espécies das cercanias do Rio de Janeiro são encontradas muito longe, na costa ao norte dessa cidade. Entretanto, observei uma vegetação nova para mim nesses terrenos vizinhos do mar, chamados *restingas*. Arbustos, de quatro a seis pés de altura e ramosos desde a base do tronco, crescem espalhados daqui e dali; apresentam-se, geralmente, sob a forma de touceiras isoladas, mas cada espécie tem um porte e uma folhagem características; pequenas lianas sobem pelos seus ramos; um *loranthos* (601) espalha-se sobre numerosas *myrtaceas e cactus*, de ramos nús e erectos, contrastam com as massas de folhagem arredondadas que os cercam: dir-se-ia um jardim inglês, em que dispostas com arte as espécies de arbustos que melhor se combinam, ou que produzem as oposições mais felizes. Se o terreno é sêco, vê-se, entre êsses arbustos, apenas uma areia pura; se, ao contrário, é úmido, crescem no mesmo plantas baixas, entre outras — *scirpus*, *eriocaulons* e *xiris*, dois gêneros que se dão muito bem em companhia, como entre nós o *linum radiola* e o *exacum filiforme*; finalmente, se a umidade torna-se mais forte, caminha-se sobre encantadores tapetes de verdura, em que se abrem, com abundância, pequenas flores côr de carne, flores de uma *hedyotis* (602). E' também no meio das *restingas* que crescem o *ionidium ipécacuanha* e uma espécie muito aproximada, que os habitantes da região confundem com êsse *ionidium* (*ionidium indecorum*, N.) (603). Com exceção da Serra do Caraça e

(601) *Loranthus rotundifolius* N. *Caulibus diffusis; foliis subrotundis glabris; floribus axillaribus, congestis, bracteatis, 6-andris; pedunculis brevibus plurifloris*. As folhas dessa parte são usadas, fervidas com leite e açúcar, como remédio para as moléstias dos pulmões.

(602) Penso que êsse gênero deve ser reunido não só às *haustonias*, como também às *oldelandias*.

(603) *Ionidium indecorum*, N. *Villosum; caule prostrato; foliis lanceolatis, acutis, argute serratis; pendunculis axillaribus, solitariis, folio brevioribus, 2-bracteatis; corollâ calice duplo brevior, inclusâ, glabr; filamentis 3-sterilibus*. Essa planta só difere do *ionidium ipécacuanha* por sua coróla glabra, duas vêzes mais curta do que o cálice e por seus filamentos éstereis; afora isso, possui todos os caracteres da referida espécie: será uma variedade da mesma? *Obs.* A planta que aqui denomino *ionidium ipécacuanha*, e que se vê juntamente com o *ionidium indecorum*, é, certamente, a mesma que a *viola itoubou* de AUBLET (GUY., 808, quadro 318) e *viola* nome é mais comum e significativo, e porque considero as *v. ipécacuanha* e *calceária calceára* de LOEFLING (id., 184); mas dou-lhe o nome de *ipécacuanha*, porque tal de LINNEU como idénticas. Com efeito, a planta de BARBERE, dada como sinônima da primeira, é bem certamente o *itoubou* de AUBLET. Ha mais: BARBÈRE cita PISON, o qual, em sua curta frase (*Med. Bras.*, pg. 101), indica, certamente minha planta e PISON só a podia ter em vista, pois que a denomina *ipécacuanha branca* (blanca por erro de impressão), e também porque é a minha espécie que tem a denominação de *ipécacuanha* ou *poaia branca* em Pernambuco, onde PISON fazia suas observações. A *pompalia* de VANDELLI, que, seja dito de passagem, deveria ser adotada como mais antiga, em vez de *ionidium*, a *pompalia*, repito, citada como sinônima de da *v. ipécacuanha*, convém perfeitamente à minha planta, com esta diferença — não ser a mesma peluda; mas as amostras que apresentei são já menos peludas do que as que vêm da Guiana, e estas últimas muito variam quanto à quantidade de pêlos. O prin-

da da Penha, na capitania das Minas, a restinga, vizinha da cidade (604) de Cabo Frio, é, talvez, sob o ponto de vista botânico, o local mais interessante por mim visitado desde então.

Antes de chegar à cidade de Cabo Frio, fui visitar a aldeia de São Pedro, onde vivem os últimos indígenas que ainda existem na costa entre o Rio de Janeiro e São Salvador de Campos. Além da cidade de Cabo Frio, fui visitar o cabo que tem o mesmo nome e que é a primeira terra avistada pelos navegadores na costa do Brasil, quando vêm da Europa ao Rio de Janeiro.

No distrito de Goiatacazes (605), há uma vasta planície entre as montanhas e o oceano, onde, em tôda a capitania do Rio de Janeiro, é cultivada a canna de açúcar com mais proveito. Os arredores da cidade de Campos são, talvez, tão animados como os das nossas grandes cidades da província e têm aspecto idêntico. Poucas regiões oferecem exemplo de fertilidade semelhante à das terras do distrito de Goiatacazes, onde há pontos que, desde cem anos, jamais deixaram de produzir, e onde, contudo, não se empregam adubos e nenhum rio os irriga (606). Foi nessa região que encontrei uma orientação, embora rudimentar, de inteligente cultura. Quando a cana de açúcar começa a produzir menos, é substituída pela mandioca, que dá abundantes colheitas, e, quando as plantações dessa raiz alimentícia começam a produzir menos, replanta-se, imediatamente, a cana de açúcar, que vegeta com enorme vigor.

Enquanto que na capitania das Minas eu tanto me fatigara com a monotonia do aspecto dos campos, nesta nova viagem passei a me deliciar com a vista dos mais belos e variados panoramas. Mas é certo que não encontrei entre os habitantes da costa a amável hospitalidade e a inteligência pouco comum dos mineiros. A proximidade de uma capital como o Rio de Janeiro explica muito bem o reduzido sentimento de hospitalidade das regiões circunvizinhas; várias causas se opõem ao de-

cipe de NEUWIED, que colheu nos mesmos lugares em que colhi as plantas a que me vou referindo, lhes dá também o nome de *viola ipêcacuanha* e as relaciona igualmente à *pompalha* de VANDELLI. Tudo isso fará parte de uma dissertação sôbre as raízes de propriedades eméticas do Brasil meridional. De resto, seja como fôr os brasileiros empregam as raízes dessas plantas como remédio para as disenterias, com resultados muito satisfatórios. Afirma-se, também, ao norte do país, que a *ipecacuanha branca* cura a moléstia de forma reumática denominada gota.

(604) O título de cidade é dado, em geral, às localidades que são residência de um bispo. Por exceção, foi êsse título dado à vila de Cabo Frio, ao tempo de FILIPE II da Espanha, título depois conservado.

(605) Êsse nome é o de uma povoação indígena que os portugueses confundem com várias outras, sob a denominação genérica de *coroados*, decorrente da forma pela qual êsses indígenas cortam os cabelos.

(606) Existem terrenos que sofrem inundações do rio Paraíba, anualmente, mas não são os mais férteis da região.

envolvimento das faculdades intelectuais dos habitantes dessas regiões. Apontarei apenas uma dessas causas, que decorre da seguinte observação que fiz: — mesmo na capitania das Minas, região afastada do mar, notei que a inteligência dos habitantes mantinha uma relação direta com a elevação do solo (607).

A capitania do Espírito Santo começa a pouco distância de Campos, prolongando-se, para o norte, até além do rio Doce; mas ao passo que do lado de Mato Grosso o domínio brasileiro estende-se até as fronteiras das colônias espanholas, na zona a que me vou referindo os portugueses não se aprofundaram pelo interior além de oito léguas do litoral. Depois dessa faixa, encontram-se imensas florestas, habitadas por indígenas selvagens, os quais, por vêzes, fazem incursões na costa, tornando-se perigosas de ser percorrida (608). Homens de nossa raça e mulatos e negros costumam narrar longa série de fatos com o fim de provar que êsses indígenas são antropófagos; mas, quando se conhecem os sentimentos de ódio que contra êles manifestam as pessoas que os acusam de tão ignominiosa selvageria, é lícito duvidar dessa acusação.

Na capitania do Espírito Santo vêem-se várias aldeias, antigamente povoadas e florescentes, construídas por indígenas civilizados; hoje, entretanto, essas aldeias estão desertas, caindo em ruínas, e é fácil prever que dentro de poucos anos, só reterão, de seus primitivos habitantes, recordações históricas e alguns dos nomes pelos mesmos dados aos locais em que viveram.

Numa grande extensão do Brasil, os agricultores se queixam, e com justa razão, dos grandes danos que as formigas causam em suas plantações mas êsses insetos talvez causem muito maior devastação do que em qualquer outra parte, nos arredores de Beneventes e de Vila da Vitória, capital da capitania do Espírito Santo. Muitas vêzes, numa só noite, as formigas despojam inteiramente das fôlhas grupos de laranjeiras, ou destroem completamente enormes plantações de mandioca, e até o presente não se conseguiu um meio eficaz de destruição de tal praga.

(607) Reconhecendo que os habitantes da costa não acolhem os estrangeiros como os do interior, devo dizer também que muito exagerada tem sido a acusação de não serem aqueles hospitaleiros. Quanto à censura de serem ferozes, que ainda lhes é feita, pode-se refutá-la com segurança, diante da moderação que têm geralmente demonstrado durante as revoluções ocorridas no país. Seria quasi ridículo, creio, deter-me em demonstrar a falsidade do que já foi escrito sôbre a pretensa dextreza com que os habitantes do Rio de Janeiro manejam suas facas contra as pessoas que reputam lhes ter feito qualquer injúria.

(608) Não há inteiro acôrdo relativamente às tribus a que pertencem êsses indígenas. Aquí notarei, de passo, que a antiga denominação *tupinambás*, encontrada em várias obras modernas, não é atualmente conhecida pelos brasileiros. O mesmo ocorre com os nomes *manducús*, *araras*, *paikices*, etc.

Antes de chegar à Vila da Vitória, vi, com alguma admiração, um terreno cuja vegetação tinha o mesmo aspecto do *carrascais* de Minas Novas. As plantas das *restingas* têm, geralmente, grande analogia com as dos planaltos arenosos da capitania das Minas, o que serve para provar que as diferenças da composição dos terrenos não contribuem menos que a elevação do solo para as diferenças observadas na vegetação dessa capitania.

O rio Doce, que foi o fim dessa viagem, nasce na capitania das Minas, e poderia ser da maior utilidade para transportar o ferro à costa do país e levar o sal, que é indispensável ao gado *vacum*, aos criadores do interior. Diversos obstáculos, porém, opõem-se à franca navegabilidade desse rio — várias cachoeiras retêm-lhe o curso das águas, e suas margens, extremamente malsã, são, além disso, frequentadas por tribus de botocudos, ferozes inimigos dos portugueses. Sob o sistema colonial, o govêrno evitava estabelecer meios de comunicação entre as capitanias; após a chegada de D. JOÃO VI ao Brasil, enormes despesas foram feitas para tornar navegável o rio Doce; mas êsse dispêndio de dinheiro foi mal encaminhado, de forma que, quando visitei o referido rio, era o mesmo frequentado apenas por alguns aventureiros mulatos, aos quais a ambição de ganhos levava a afrontar os perigos de sua navegação (609). Para poder visitar a localidade denominada Linhares e o magnífico lago de Juaparã (610), permaneci durante cinco dias nas margens do rio Doce, e, de três pessoas que comigo se encontravam, duas regressaram enfêrmas. As chuvas que caem tão abundantemente na capitania das Minas, de novembro até março, fazem o rio transbordar, e, nos lugares baixos, formam-se, sob as grandes árvores das matas virgens, enormes poças de água estagnada, onde apodrecem fôlhas e outros detritos vegetais. Os gases exalados por essa putrefação infetam o ar atmosférico durante a estação da sêca, e quando, em seguida, o rio novamente transborda, arrasta essas águas estagnadas, que corrompem todo o volume das suas, tornando estas últimas perigosíssimas para beber. Assim, ao passo que as margens do rio São Francisco só são malsã numa estação, as do rio Doce o são durante o ano todo; mas as febres que as mesmas ocasionam constituem um tributo que só se paga uma vez, e cedem, de ordinário, sob o efeito de medicação vomitiva.

Quando voltei à Vila da Vitória, a estação das chuvas tinha já começado, o que tornava a viagem por terra muito difícil. Para regressar

(609) Foi anunciada a constituição de uma companhia tendo como objetivo explorar a navegação do rio Doce; mas é lícito acreditar que tão pouco sucesso tenha como outras congêneres até o presente formadas no Brasil.

(610) Dos vocábulos indígenas *ju* e *parana* — *lago dos espinhos*. Os nomes dados pelos indígenas são muito significativos.

ao Rio de Janeiro, teria eu de percorrer caminhos já percorridos; resolvi, assim, fazer a viagem de regresso por via marítima. Aproveitei-me dos poucos dias anteriores à minha partida para colher novos apontamentos sobre a capitania do Espírito Santo, que possui muitos portos (611), excelentes madeiras de construção e para marcinaria, e que muito florescente seria, se tivesse sido governada por homens mais hábeis do que os que a governaram até então, e se tivessem sido estabelecidas vias de fácil comunicação entre ela e a das Minas (612).

Chegando ao Rio de Janeiro, depois de 4 dias de navegação, fiz, ao Museu de Paris, nova remessa de especimes de história natural; acondicionei com a maior precaução os que conservava no Brasil, entregando-os à guarda do encarregado dos negócios da França, o qual se prontificou a tê-los em seu poder durante toda a minha ausência (613).

Durante as minhas duas primeiras viagens, tive o cuidado de coligir, tanto quanto me permitiam meus fracos conhecimentos, anotações sobre a estatística das regiões que visitei e sobre o estado do comércio e da agricultura, bem como sobre os usos e costumes dos respectivos habitantes. Continuei a trabalhar no desenvolvimento desse mesmo plano, até o momento de meu regresso à Europa.

Não me contentei em recolher plantas — procurei também inteirar-me do valor das que colhi, preocupando-me, nesse sentido, principalmente com as espécies que os nativos empregam para qualquer fim determinado.

Num país onde os médicos são ainda pouco numerosos, cada agricultor procura remédios entre os vegetais que crescem em suas propriedades, e, se entre as plantas empregadas pelos brasileiros para alívio de seus males, algumas existem de virtudes imaginárias apenas, outras são encontradas, às quais não é possível recusar propriedades medicamentosas eficazes. O governo português teve a lembrança de fazer reunir todas as espécies de vegetais de que os brasileiros usam como remédios, entregando-as ao estudo de homens de saber, que dissessem de seu valor terapêutico e unificassem os nomes vulgares das mesmas. Se fôsse possível a realização desses estudos em toda a sua extensão, não

(611) Essa parte do Brasil foi descrita, com muita exatidão, nas viagens do Príncipe MAXIMILIANO DE NEUWIED.

(612) Durante a permanência do rei D. JOÃO VI no Brasil, foi iniciada a abertura de uma estrada que deve ir dos arredores da Vila da Vitória até Minas, mas é de acreditar que muitos anos decorrerão antes de estar a mesma concluída.

(613) O encarregado dos negócios da França, Snr. MALIER, prestou-me todos os serviços a seu alcance e solicitou do governo português, com muito interesse, todas as facilidades que me eram necessárias.

poderia ser tarefa para um único homem, mórmente para um homem ocupado, como eu, com muitas outras cousas, e forçado a atender os mínimos detalhes de uma penosa viagem. Entretanto, durante todo o longo curso de minhas excursões, nada desprezei que me possa fornecer elementos, se as circunstâncias mo permitirem um dia, para traçar os primeiros fundamentos de uma *História das Plantas Usuais dos Brasileiros*, dando assim a êsses últimos uma ligeira demonstração de meu conhecimento.

Parti do Rio de Janeiro pela terceira vez, começando essa nova viagem no dia 26 de janeiro de 1819. Querendo evitar minha reentrada na capitania das Minas pelos mesmos caminhos já percorridos, dirigí-me, diretamente, para São João del Rei, visitando, na estrada da Serra Negra, um dos pontos do Brasil meridional onde é encontrado o maior número de plantas.

Quando, seguindo a estrada de Vila Rica, passa-se das florestas para os *campos*, pode-se, como já disse, presentir, pouco tempo antes, essa diferença de vegetação. Mas a mudança, na zona a que me vou referindo, opera-se sem qualquer gradação intermediária — eu saía de um caminho estreito, onde, de ordinário, podia alcançar com as mãos as árvores majestosas que me cercavam de todos os lados, e não pude deixar de ser tomado por viva impressão de surpresa, quando, de repente, descortinei imensa extensão de colinas arredondadas, cobertas unicamente por um tapete de ervas pardacentas, entre as quais havia dispersos, aquí e alí, capões de mato de côr verde escura.

A perda de um servidor, tão útil quão fiel, reteve-me durante um mês em João del Rei. Isolado no meio dos homens que cercavam e nos quais nenhuma confiança poderia ter, estive a pique de regressar pelo caminho percorrido. Contudo, fiz esforços para que não me invadisse o desânimo, e retomei a marcha em direção da capitania de Goiaz, atravessando a parte da das Minas que ainda desconhecia.

As cercanias de São João del Rei, e, em geral, tôda a comarca do Rio das Mortes, forneciam outrora muito ouro; mas a exploração dêsse metal foi quasi completamente abandonada, sendo substituída pela agricultura, e na região se entende, melhor do que em qualquer outra parte do Brasil, da criação de animais, alí extraordinariamente favorecida pela excelência das pastagens.

Fazendo uma volta, dirigí-me, pela rota mais frequentada, à Serra da Canastra (614), e admirei a cascata imponente e muito pouco conhe-

(614) Tal nome é devido à configuração da serra em aprêço.

cida, denominada Cachoeira da Casca d'Anta, à qual o majestoso rio São Francisco deve sua origem.

Araxá (615), a primeira vila que encontrei depois de ter deixado a Serra da Canastra, é notável pelas águas minerais sulfurosas encontradas em seus arredores. Os nativos não as empregam para a cura de sus enfermidades, mas as mesmas substituem, para o gado que criam, o sal, produto que na região tem preço muito elevado. Todos os meses, os criadores trazem, de dez léguas em derredor, seus rebanhos até Araxá; fazem os animais entrar, em dia designado pelo juiz, em cercados construídos onde as águas têm suas fontes, e alí deixam-nos permanecer durante uma noite, retirando-os no dia seguinte. Todos os animais apreciam singularmente essas águas de gosto desagradável. Nas vizinhanças das mesmas tem sido abatidos tantos veados, porcos selvagens e outros quadrúpedes, que pouquíssimos alí aparecem presentemente; mas ainda vi grandes quantidades de aves, sobretudo periquitos e pombas.

A cêrca de 12 léguas para oeste de São João del Rei, já começava eu a perceber alguns campos entremeados de árvores tortuosas e enfezadas (*taboleiros cobertos*), semelhantes às que vira, em 1817, em minha viagem a N. O. da capitania das Minas. Até Paracatú (616), encontrei uma alternativa de campos, entremeados de pequenas árvores e de outros campos inteiramente descobertos.

Contava fazer rica colheita de plantas, ao percorrer o planalto em que, numa das extremidades, estão as nascentes do rio São Francisco, e que serve de divisor das águas dêsse rio do Paraná; mas fui, infelizmente, enganado nessa minha expectativa. A maior parte das plantas que alí vi eram semelhantes às que tinha observado há cêrca de dois anos perto do rio São Francisco, e nas árvores enfezadas vistas sôbre os *taboleiros cobertos*, tornei a ver pouco mais ou menos sempre as mesmas *leguminosas*, as mesmas *malfigias*, *bigoneáceas* de flores amarelas, as mesmas *salicáceas*, as mesmas *apocíneas* e *vochíseas*, entre outras a *salvércea convallariædora* (617); e, finalmente, a espécie conhe-

(615) Contam-se na região lendas sôbre a etimologia dêsse nome. Talvez venha dos vocábulos indígenas *ara* e *echa* — cousa voltada para o sol.

(616) Dos dois vocábulos indígenas *pira* e *catú* — *peixe bom*.

(617) A memória com a qual tornei conhecida essa planta e a família das *vochíseas* foi publicada nas *Memórias do Museu*, pág. 253, vol. VI. Como em minha ausência tenha sido publicado êsse trabalho, há no mesmo uma contradição que me cumpre desfazer. Em dois pontos diferentes do mesmo trabalho foi dito que a etamina da *salvércea convallarioedora* é alternada com uma das pétalas, e na descrição detalhada dessa espécie notável, que sua etamina é *oposta*. Êsse último caráter é que é verdadeiro — a etamina fértil é oposta a uma pétala, e os rudimentos a duas outras pétalas como ocorre com a *vochísea*. Assim, dos três gêneros que compõem a família das *vochíseas*, só a *qualca* tem a respectiva etamina situada um pouco ao

cida pelo nome de *quina do campo*, cuja casca substitui contanto successo a quina do Perú, e que reconhecí, com admiração, ser um *stricnos* (618). Demais, pouca chuva tinha caído durante o verão; desde o fim de abril eu já tinha razão de queixas contra a sêca, e a colheita de plantas que fiz nessa viagem, do Rio de Janeiro a Goiaz, a de Goiaz a São Paulo, foi, infelizmente, pouco abundante.

Paracatú, situada, como um oasis, em meio do deserto, deve sua existência às minas encontradas em sua vizinhança, e sua ainda recente fundação a um daqueles paulistas empreendedores, que descobriram tão grande parte do Brasil (619). Essa localidade teve um momento de esplendor; colhia-se, então, na mesma, sem muito trabalho, grande quantidade de ouro no Córrego Rico e em outros cursos de água vizinhos (620); mas êsse ouro era pròdigamente dispendido à medida que ia sendo retirado da terra; faziam-se vir, com grandes despesas, através do deserto, vinhos e outras mercadorias da Europa; havia alí músicos e até um pequeno teatro; somas enormes eram gastas com festas de igrejas; e os próprios negros espalhavam ouro em pó sôbre as *carapinhas* (cabelos enroscados) de suas melhores dansarinas. Entretanto, as minas foram se tornando, a pouco e pouco, mais difíceis de serem exploradas; a afeição e o reconhecimento foram motivo para a alforria de um grande número de escravos e outros morreram e não puderam ser substituídos. Atualmente contam-se em Paracatú duas ou três pessoas que se ocupam exclusivamente com a extração do ouro, e a população local, extraordinariamente reduzida, compõe-se, atualmente, em sua grande parte, de negros libertos, cuja vida decorre indolentemente na ociosidade e na indigência (621).

lado de sua pétala. De resto, a *v. convallarioedora* merece bem o nome que tem, pois que, tendo feito abrir num copo com água uma flor dessecada desde seis anos e que tinha sido submetida várias vèzes aos vapores do enxofre, comunicou a mesma ainda à água um cheiro bastante pronunciado de lírio-convale.

(618) *Strycnos pseudo quina* N. *Caule inermi, tortuoso; cortice suberoso; foliis coriaceis, ovatis, quintuplinerviis, subtus cillois; floribus racemoso-paniculatis, axillaribus, pedunculisque villosis. Bacca cerasiformis, olygosperma; flores albi, odore gratissimo.*

(619) JOSÉ RODRIGUES FROE, cuja familia ainda existe nas Minas e em São Paulo.

(620) *Córrego* — nome dado a pequenos cursos de água; corresponde a regato, ribeiro ou ribeirão.

(621) Tudo isso prova que incorreram em êrro os escritores que afirmaram que os brasileiros, jamais concediam a liberdade a seus escravos. As alforrias são, ao contrário, muito frequentes nessa parte da América, onde são encontradas algumas localidades povoadas quasi que unicamente por negros e mulatos libertos ou filhos de libertos.

Até Paracatú encontrei quasi que as mesmas espécies de aves já vistas em minha primeira viagem à capitania das Minas. Um pouco além de Paracatú, comecei a encontrar novas espécies. Continuando a atravessar pastagens, ora descobertas, ora entremeadas de árvores raquíticas, cheguei a *Os Arrepêndidos*, local que separa a capitania das Minas da de Goiaz. Era, então, pelo fim do mês de maio; e o que prova o quanto essas regiões longínguas são pouco frequentadas, é que, folheando os registros do comandante do pôsto militar alí existente, vi que, desde 19 de fevereiro, era eu o primeiro viajante que transitara por aquela estrada.

Depois de ter atravessado várias pequenas povoações muito mais belas do que tôdas as do interior de nossas províncias, mas que dia a dia se tornam mais desertas, cheguei a uma floresta muito diferente das florestas da costa, e que, medindo apenas 9 léguas de extensão, tem, entretanto, o nome de *mato grosso* (622), porquanto não se conhece na região qualquer outra maior. Únicamente a presença do ouro determinou, de ordinário, a escolha dos locais onde foram fundadas as povoações do interior do Brasil, por isso a desvantajosa situação das mesmas, sob todos os pontos de vista. Vila Rica, Vila do Príncipe, Vila Boa, capital da capitania de Goiaz, constituem frisantes exemplos dêsse asêrto; e, entretanto, julgar tôda essa última capitania por sua capital, seria fazer da mesma uma idéia ainda muito favorável. Quando o ouro abundava nessa região, foi estabelecido em Vila Boa um capitão geral, bem como um ouvidor; sendo também, alí, colocados muitos funcionários e instalado um estabelecimento para a fundição do ouro. Mas as minas se esgotaram, ou não puderam mais ser exploradas sinão com o trabalho de um grande número de braços; e o afastamento da costa não permite aos habitantes procurar, como os mineiros, outra fonte de riqueza na cultura das terras. Não podendo pagar os impostos, os mesmos abandonam suas propriedades, retiram-se para as regiões desertas, onde perdem os hábitos da civilização, as idéias religiosas, o costume de contrair legítimas núpcias, o conhecimento da moeda e o uso do sal — uma extensa região, maior do que a França, esgota-se em benefício de alguns funcionários indolentes, e mesmo os arredores de Vila Boa apresentam apenas ruínas sem tradição (623).

Deixando Vila Boa, fiz uma excursão à Serra Dourada, onde encontrei uma *melastómacea* conhecida no país pelo nome de *árvore do papel*, porque o seu *líber* (uma das membranas que compõem a casca das árvores) se destaca em finas fôlhas que, de fato, têm a côr e a consis-

(622) Floresta grande.

(623) Vila Boa recebeu, recentemente, o nome de cidade de Goiaz; mas o nome anterior prevalece ainda na região.

tência do papel da China. Da Serra Dourada dirigí-me a São José, onde um dos governadores de Goiaz fundou, para os indígenas coiapós, uma aldeia magnífica, mas que lhes foi, a bem dizer, quasi inútil, porquanto não houve o cuidado de consultar prèviamente seus gostos e seus costumes. Os homens que civilizaram os indígenas da costa, deles se serviam para a construção das aldeias em que os mesmos iam morar, com o que os tornaram felizes com pouco dispêndio. Desde essa época o govêrno português dispendeu, para o benefício dos indígenas, elevadas somas de dinheiro; mas os encarregados do emprêgo dêsse dinheiro não tomavam pelos indígenas nenhum interêsse real, e a destruição dêsses infelizes foi dia a dia fazendo os mais rápidos progressos (624).

O rio Claro, que foi o término dessa minha viagem, deu-me uma idéia do que teria sido o interior do Brasil ao início da descoberta das minas de ouro. No tempo da sêca, homens de Vila Boa, Meia Ponte e, às vêzes, de mais longe, vêm procurar ouro e diamante no leito do rio Claro; trazem algumas provisões indispensáveis, constroem barracas nas margens do rio, e, quando acabam os víveres trazidos, suprem-nos pela caça.

Era meu projeto seguir pelo interior do Brasil até o Paraguai pròpriamente dito, e de lá até Montevidéu; mas o ministério português, ao qual não posso, aliás deixar de ser muito reconhecido, tendo resolvido não deixar entrar nenhum estrangeiro na capitania de Mato Grosso, fui obrigado a retroceder pelo caminho percorrido, regressando por Vila Boa e Meia Ponte, e rumando em seguida para São Paulo.

Tendo chegado a Bonfim, desviei-me de minha rota, para visitar as fontes de águas termais situadas a 22 léguas dessa vila. No ponto em que atravesssei o ribeirão da Água Quente, ribeirão formado por algumas das referidas fontes, mede o mesmo 34 passos de largura e 2 $\frac{1}{2}$ de profundidade, e suas águas fazer subir a 28° o termômetro de RÉAMUR.

Voltando à capitania das Minas, passei pelo Rio das Pedras e por Estiva e Boa Vista, três aldeias habitadas por indígenas cujo sangue é misturado aõ da raça africana. Êsses indígenas são os mais felizes que vi durante tôda a minha permanência na América, e sua felicidade decorre, cumpre dizer, do fato de viverem isolados, por assim dizer esquecidos, sem que nenhum homem de nossa raça tenha se estabelecido entre êles. Suas terras são ótimas, e pouco trabalho basta para lhes assegurar os meios de subsistência. De pouca cousa necessitam e não

(624) Não posso deixar de citar os nomes de dois homens cujo zêlo benfazejo foi de assinalada utilidade para com os indígenas — o abade CHAGAS, encarregado da civilização dos de Guarapuava; e um francês, o major MARLIER, fundador de Manuelburgo, onde aldeou vários milhares de indígenas.

têm tentações. Vivem em profunda paz e são muito unidos entre si. Conhecem as vantagens as mais reais da civilização, da qual ignoram os males. O luxo, a cupidez e a ambição lhe são extranhos, e não se preocupam com essa espécie de providência que envenena o presente em troca de um incerto futuro.

Visitei a bela cascata das Furnas, e passei pela aldeia de Sant'Ana, habitada pelos indígenas chicriabas, cuja língua, julgada pelas poucas palavras que pude recolher, deve ser eminentemente sistemática, porquanto os vocábulos, que representam idéias da mesma natureza, começam ou terminam por uma mesma sílaba.

Até o mês de outubro, época em que entrei na capitania de S. Paulo, a sêca tinha sido excessiva. Passei, muitas vêzes, dias inteiros sem ver mais de duas ou três flores, pertencentes a espécies comuns. Os coleópteros desapareceram, as aves tornaram-se raras. Insetos malfazejos, em densas nuvens, devoravam-me, quando era forçado a pernoitar à margem de algum rio insalubre, como o rio Grande; e, ao terminar minhas jornadas fatigantes, não tinha nem mesmo o consôlo de um entretenimento com um hóspede acolhedor, porque o moradores das bordas da estrada que percorria eram, geralmente, homens grosseiros, muitas vêzes criminosos egressos das regiões em que nasceram, fugindo à perseguição da justiça, e a passagem das caravanas, que vão anualmente de São Paulo a Mato Grosso, fazem-nos ter desconfiança dos viajantes.

No mês de outubro, as chuvas recommçaram a cair, as pastagens a reverdecer e a se cobrir de flores; mas a vegetação não era mais tão variada quanto na capitania das Minas. Em direção da vila de Mogí, a região é muito menos deserta, e aos *campos* sucedem matas em que as terras são extremamente favoráveis à cultura da cana de açúcar. Cheguei, finalmente, a São Paulo, cidade bastante conhecida pela beleza e vantagens de sua situação, pela doçura e amenidade do clima e pela salubridade do seu ar.

E' possível que entre os habitantes da cidade de São Paulo exista mais polidez do que entre os de Vila Rica; mas, abstração feita das duas capitais, a vantagem da comparação recairá, inteiramente, para lado dos mineiros. Para determinar tôdas as causas desta minha apreciação, seria mister sair fora dos limites de um simples resumo; contentar-me-ei com a indicação de uma dessas causas — se os mineiros fizeram cruzamentos, assim ocorreu com indivíduos da raça africana, os paulistas, ao contrário, cruzaram com os indígenas, e, sob o ponto de vista do desenvolvimento das faculdades intellectuais, êsse último cruzamento parece ser o mais desfavorável à nossa espécie.

Deixei entre as mãos do governador da capitania de S. Paulo (625) as coleções que vinha organizando desde o Rio de Janeiro, e prossegui na viagem. Ciente de que há mais uniformidade na vegetação das costas do que na das terras do interior, preferi dirigir-me para a extremidade da capitania de São Paulo, passando a oeste da grande cordilheira paralela ao aceano.

Atravessei a cidade de Itú (626), próximo da qual existe uma linda cascata; visitei Pôrto Feliz, de onde partem as caravanas em rumo a Mato Grosso, pela via fluvial, e cheguei à cidade de Sorocaba (627), em cujas proximidades encontra-se um estabelecimento de fundição de ferro, o qual, desde que dirigido por uma administração inteligente e econômica, poderá rivalizar com o que a Europa apresenta de melhor no gênero. Chuvas constantes começaram a cair desde que cheguei a Sorocaba, continuando durante três meses, até minha chegada a Curitiba (628), e no percurso dessa viagem tive imenso trabalho com a conservação dos especimes de história natural recolhidos diàriamente.

De Sorocaba ao rio Tararé (629), notável por suas diversas singularidades, o solo é ondeado e só apresenta pastagens entremeadas de capões de mato. Os habitantes ocupam-se, de ordinário, com a criação de gado; mas os principais proprietários das fazendas de criar residem em São Paulo, e grande maioria dos que residem na região vivem numa indigência de que há poucos exemplos nas outras partes do Brasil. A um quarto de légua de Tararé, encontrei um rio pouco profundo — o rio do Funil —, o qual, depois de ter corrido sôbre um leito de pedras achatadas, enovelando-se com impetuosidade, oculta-se da vista, desaparecendo de repente. Conduzido pelo meu guia, descí a uma profunda barroca, onde, afinal, encontrei a entrada de enorme gruta, mais ou menos triangular. No fundo dessa gruta existe uma abertura que dá sôbre uma espécie de sala arredondada, do alto da qual se precipita com rapidez uma coluna de água escumante e esbranquiçada, que mais não é do que o próprio rio, cujas águas se ocultam na barroca. Uma luz fraca penetra pelo funil, em que o rio entra e se oculta, iluminando a

(625) JOÃO CARLOS AUGUSTO OYENHAUSEN, que me cumulou com expressivas demonstrações de benevolência e amizade.

(626) Essa palavra vem de *itu*, que, na língua indígena, significa cachoeira, cascata.

(627) Por *soro caa* — que quer dizer, na mesma língua, mato quebrado.

(628) E' sem visos de razão que se costuma escrever *corritiva*. O nome desta cidade, devido às *araucárias* que crescem em sua vizinhança, vem de duas palavras indígenas — *curi* e *tiba* (reunião de pinheiros).

(629) Por *itararé* — pedra que rola com velocidade — da língua indígena.

coluna de água, bem como a sala em que a mesma cai, produzindo um efeito cujo encanto é impossível de se descrever.

Do outro lado do Tararé é que começam os *campos* denominados *gerais*, devido à vasta extensão dos mesmos. Essa região é, certamente, uma das mais belas que vi no Brasil. Não é muito plana a ponto de ter a monotonia de nossas planícies de Beauce, mas os movimentos do solo não são muito sensíveis, de forma que não limitam a vista. Por mais longe que o nosso olhar se estenda, descobrimos uma imensa extensão de pastagens; capões de mato, onde predomina a útil e majestosa *arau-cária*, são esparsos aqui e ali, nas baixadas, e contrastam, pelo verde sombrio de sua folhagem, com o verde risonho dos tapetes de relva; algumas vêzes rochedos à flor da terra aparecem na encosta das colinas, deixando escapar entre êles lençóis de água, que se precipitam nos vales. Numerosos rebanhos de muares e de bois dão vida à paisagem. Vêm-se poucas casas, mas as existentes são muito bem cuidadas, cobertas de telhas, possuindo um pequeno quintal com árvores frutíferas.

O trigo é cultivado com resultado nos Campos Gerais; o leite ali produzido tem tanto creme como o produzido em nossas montanhas; os marmeleiros, a vinha, as macieiras, os pessegueiros e as pereiras dão os respectivos frutos com abundância. Respirando um ar puro, ocupados continuamente em montar a cavalo, atirar o laço ou campear os animais, galopando nas pastagens, os habitantes dos Campos Gerais gozam de saúde. Têm êles os cabelos castanhos e a tez corada, sendo, geralmente, altos e elegantes. Não observei entre êles a mesma inteligência dos mineiros; mas não são menos generosos e hospitaleiros.

As plantas dos Campos Gerais têm alguma semelhança com as da capitania do Rio Grande; mas conservam ainda grande relação com a vegetação das partes mais setentrionais do Brasil. Entre São Paulo e Curitiba vi deter se sucessivamente a cultura das diversas produções coloniais, cujos limites resultam da natureza de cada planta, da elevação do solo e do afastamento do equador, combinadamente.

Sorocaba, situada a 18 léguas de São Paulo, forma o limite dos cafeeiros; Itapitininga (630), a 12 léguas mais longe, para o sul, é o limite da cana de açúcar; a 15 léguas além, perto de Itapeva (631) não mais se encontra a bananeira; finalmente, a 40 léguas mais diante, perto da Serra das Furnas, não há mais algodoeiros, bem como ananazes. A parte da capitania de São Paulo, por mim percorrida entre Sorocaba e Curitiba é constituída por uma estreita faixa de terra, limitada ao

(630) Por *itapetiny*, da língua indígena, significando — pedra que ressoa.

(631) Significa — caminho pedregoso.

oeste por desertos habitados por indígenas selvagens, e a leste pela grande cordilheira paralela ao oceano. Essa faixa de terra, com cêrca de 30 léguas de extensão, nenhuma comunicação mantém com a costa, da qual está, afastada numa distância de 20 léguas (632). Por falta de meios de comunicação, e, portanto, impossibilitados de fazer exportações, os habitantes dos Campos Gerais tiram pouco partido de suas terras férteis, entregando-se em sua grande maioria ao aventureiro comércio de muares, que vão adquirir, afrontando mil perigos, na capitania do Rio Grande do Sul.

Os curitibanos se gabam de possuir a *quina* do Perú; e, nos casos em que o emprêgo dessa planta é entre nós aconselhado, usam, efetivamente, com sucesso, uma casca notável por seu excessivo amargor. E' evidente que uma verdadeira *cinchona* não pode vegetar tão longe dos trópicos. Examinei a *quina* de Curitiba, e reconheci tratar-se de uma *solanácea*. Uma planta não menos interessante cresce abundantemente nas matas vizinhas de Curitiba — é a árvore conhecida pelo nome de *árvore do mate* ou da *congonha*, que fornece a famosa *erva do Paraguai*. Como as circunstâncias políticas tornavam, então, quasi impossíveis as comunicações do Paraguai pròpriamente dito com Buenos Aires e Montevidéu, vinha-se dessas cidades buscar o mate em Paranaguá (633), porto vizinho de Curitiba. Os hípanos-americanos, achando uma grande diferença entre a *erva* preparada no Paraguai e a do Brasil, pretendem que essa última é fornecida por um outro vegetal. Amostras que recebí do Paraguai deram-me razão para afirmar às autoridades brasileiras ser a árvore de Curitiba inteiramente semelhante à do Paraguai; e a identidade de ambas ainda se me tornou mais evidente, quando vi, com meus próprios olhos, as plantações de árvores de *mate* feitas pelos jesuítas nas antigas missões. Se, de fato, o *mate* do Paraguai é, por sua qualidade superior ao do Brasil, resulta essa diferença apenas da diversidade dos processos empregados na preparação da planta. Até o presente os autores estão em desacôrdo relativamente ao gênero em que deve ser classificada tal planta. Eu, tendo-a encontrado com flores e frutos, pude analisá-la, e, numa memória que pretendo submeter à Academia sôbre o vegetal em questão, ser-me-á fácil demonstrar que o mesmo pertence ao gênero *ilex* (634). Além de Curitiba, o

(632) Existe um ponto de comunicação, por Apiaí; mas essa rota poucas facilidades apresenta para ser frequentada.

(632) *Grande extensão de água em forma de círculo, ou enseada.*

(634) *Ilex paraguariensis* N. *glaberrima; foliis cuneato-lanceolatoque-ovatis, oblongis, obtusiusculis, remote serratis; pedunculis axillaribus multipartitis; stigmate. 4-lobo, putaminibus venosis.* Em minha memória sôbre a *erva do Paraguai*, será encontrada a descrição e o desenho de uma planta que os habitantes de algumas partes do distrito de Minas Novas consideram uma espécie de *congonha*, mas que

Brasil é, por assim dizer, interrompido, por isso que, do lado do mar, são encontradas as montanhas quasi inacessíveis denominadas Serra de Paranaguá; e do outro lado não se pode penetrar na capitania do Rio Grande, senão atravessando um horrível deserto, de mais de 60 léguas, que serve de abrigo a indígenas selvagens (635). Fazia parte, sem dúvida, do antigo sistema colonial isolar as províncias, afim de mais facilmente mantê-las sob opressão.

Depois de ter hesitado por algum tempo sobre a resolução a tomar, decidí-me a descer a Serra de Paranaguá, mas quasi imediatamente reconheci não haver exagêro quanto às informações a mim fornecidas relativamente às dificuldades do trajeto. Alcancei a praia, depois de ter caminhado algumas léguas para leste, tendo encontrado plantas que não via desde muito tempo a oeste da grande cordilheira — tornei a ver algodoeiros, bananeiras, cana de açúcar, cafeeiros, cecrópias, e grande quantidade de espécies pertencentes à flora do Rio de Janeiro.

Os habitantes de Paranaguá pagam a preço elevado as vantagens de possuir essas úteis produções, porque a região, quente e paludosa, é extremamente insalubre. As crianças e a gente do povo têm, geralmente, a tez amarelá e um ar doentio; e as próprias pessoas que se alimentam com mais cuidado, estão bem longe de apresentar a saude de que gozam os agricultores e criadores dos Campos Gerais.

O pequeno pôrto de Guaratuba (636), onde estive depois de deixar Paranaguá, deve seu nome à imensa quantidade de *ibis rubra* encontrada em suas vizinhanças. Desde o pôrto de Santos, essa bela ave é encontrada em diversos pontos da costa; mas todos concordam em afirmar que essa ave só nidifica na ilha dos Guarás, situada na baía de Guara-

deve ser catalogada próximo da *sauvagesia*, no grupo das *frankeneas*. Essa planta pertence a um gênero que dedico ao Duque de LUXEMBURGO, sob cujos auspícios iniciei minhas viagens, e desta forma a caracterizo: — *Luxemburgia calix 5-hypogyna, inæqualia. Antheræ hypogynæ, definitæ seu indefinitæ, subsessiles, lineares, 4-gonæ, apice poris 2 dehiscentes, in massulam concavam, secundam coalitæ. Stylus subulatus, incurvus. Stigma terminale. Ovarium oblongum 3-gomum curvatum, gynophoro brevi insidens, 1-loculare, polyspermum. Capsula 3-valvis, polysperma, valvulis marginibus introflexis, seminiferis, nec usque ad centrum capsulæ productis. Semina marginata. Embryo rectus in perispermo parco axilis; radícula umbilicum fere attigente. — Frutices ramosi, glaberrimi. Folia alterna, dentata, cuspidata, nervis lateralibus, parallelis numerosis; petioli basi 2-stipulis ciliatis, caducis. Flores terminales, racemosi, lutei. — Species: Luxemburgia octandra foliis subsessilibus, lineari-lanceolatis, angustis; floribus 8-andris. — L. polyandra foliis petiolatis lanceolato ellipticis, oblongis; floribus polyandris.*

(635) Erôneamente se tem afirmado que os indígenas eram antropófagos: os próprios portugueses nunca os acusaram de tamanha selvageria. Causa pena ver que escritores acatados applicam ainda hoje aos indígenas êsse conceito de bárbara animalidade, provávelmente impressionados pelo que escreveram os primeiros historiadores do Brasil.

(636) Das palavras indígenas — *tuba* (reunião) e *guarás* (ave do mar).

tuba. Em Paranaguá, Guaratuba e mais para o sul da província de Santa Catarina, encontra-se um grande número de pessoas — homens e mulheres — que têm o gôsto extravagante de comer terra, de preferência a terra retirada dos ninhos das formigas, e apreciam muitíssimo, também, os casos de potes de barro. As jovens são gulosas, sobretudo, por certos vasos ligeiramente perfumados, vindos torna-se tão grande paixão, que se viam escravos, que foram amordaçados, rolas sôbre o pó, para poder aspirar algumas partículas de terra. Entretanto, os infelizes atacados dessa moléstia exquisita emagrecem progressivamente, perdem as fôrças, dessecam-se e acabam por perecer.

A pouca distância de Guaratuba, atravessei o pequeno rio denominado *Sai-Mirim* (637), entrando na província de Santa Catarina. Seguindo sempre a praia, cheguei à altura da ilha de S. Francisco (638), onde parei durante uma dezena de dias. Os moradores desta ilha vivem, em sua maioria, em grande penúria; acostumados a se nutrir de farinha e de peixes cozidos nágua, não se dão ao trabalho de procurar outra alimentação mais substancial, e a debilidade da compleição lhes aumenta ainda mais a indolência. A qualquer classe que pertença um homem, é êle, ao mesmo tempo, pescador, não há indivíduo que não possua uma piroga (*canoa*) e que não a saiba dirigir com habilidade e destreza. Mulheres, com o mar revôlto, entram nessas frágeis embarcações, sem demonstrar o menor temor. O mar é o elemento dos habitantes de São Francisco; desde crianças, mal começam a falar, já sabem de que lado sopra o vento e quais as horas das marés. Da mesma forma que se diz nos Campo Gerais, para exprimir a abundância de qualquer cousa, que com a mesma pode-se carregar um burro, em São Francisco se diz que dá para encher uma canoa.

Quando estive entre os malalis na capitania das Minas, êsses indígenas me falaram frequentemente, de um verme que consideram um delicioso manjar, verme denominado *bicho da taquara* (639), porque é encontrado nas varas dos bambús, quando os mesmos estão em flor. Alguns portugueses, que viveram entre os indígenas, tornaram-se também apreciadores dêsses vermes, que são levados ao fogo, produzindo uma massa gordurosa, que é conservada nesse estado como condimento. Os malalis reputam a cabeça do *bicho da taquara* como poderoso veneno; mas todos são acordes em que o referido animal, sêco e reduzido a pó,

(637) Dos vocábulos indígenas — *sai miri* (pequenos olhos).

(638) E' desnecessário, creio, ressaltar a inadvertência de um autor moderno que disse ter estado em S. Francisco e que pretende não se tratar de uma ilha. A descrição dêsse autor faz-me supor, de resto, que êle applicou o nome São Francisco ao pôrto de Paranaguá.

(639) *Bicho do bambú* ou *verme do bambú*.

constitue um poderoso vulnerário. A se acreditar nesses indígenas e nos próprios portugueses não é unicamente para êsse fim ou emprêgo que os primeiros conservam o *bicho da taquara*. Quando uma paixão violenta lhes causa insônias, engolem um dêsses vermes secos, previamente separado da cabeça, mas sem estar privado do tubo intestinal; e caem, então, numa espécie de sono extático, que dura, muitas vêzes, mais de um dia e que se parece com o que sentem os orientais quando absorvem ópio em excesso. Contam, ao despertar, sonhos maravilhosos, em que viram matas brilhantes e onde comeram frutas deliciosas e mataram, sem qualquer esforço, as caças apreciadas; mas o malalis acrescentam que têm o cuidado de só se entregar muito raramente a êsse gênero de gôzo enervante. Entre êsses indígenas vi, apenas, *bichos da taquara* secos e separados da cabeça; mas, numa herborização feita em São Francisco, em companhia de meu botocudo, êsse jovem indígena encontrou um grande número dêsses vermes num bambuzal florido, e se pôs a comê-los na minha presença. Partia o animal ao meio, retirava com cuidado a cabeça e o tubo intestinal, chupando, em seguida a substância mole e esbranquiçada existente debaixo da pele do mesmo. A-pesar-de minha repugnância, seguí o exemplo do jovem indígena, e achei, nessa comida singular, sabor bastante agradável, lembrando o do mais delicado creme.

Se, como não posso duvidar, o que contam os malalis é verdadeiro, a propriedade narcótica do *bicho da taquara* está, unicamente, no tubo intestinal, pois que a matéria gordurosa que envolve êsse tubo nenhum acidente produz. Submetí a LATREILLE a descrição que fiz do animal em apreço, e êsse profundo entomologista o classificou como uma lagarta, pertencente, provavelmente, ao gênero *cossus* ou ao genero *hepial*.

Da ilha de São Francisco, dirigí-me, seguindo sempre a praia, à *armação* de Itapocoroia (640), um dos estabelecimentos para a pesca da baleia. Desde muitíssimo tempo o govêrno português aproveita-se da pesca da baleia, com estabelecimentos em terra firme, para o preparo dos produtos da mesma pesca. Êsses estabelecimentos são, atualmente, em número de oito, e são denominados *armações* (641); dois estão na capitania de São Paulo, e os outros seis na província de Santa Catarina; mas, como já observou um ilustre zoólogo, os grandes cetáceos tornam-se cada vez mais raros. Desde 1777, época em que foi instalado o estabelecimento de Itapocoroia, foram pescadas, em suas vizinhanças,

(640) Por *ítapocora* (voz da língua indígena) — que tem a forma de um muro de pedras.

(641) *Armação* é palavra portuguesa de significação genérica; não deve, portanto, ser considerado como nome particular de uma vila, ou ser transformado em *armasas*.

num só ano, até trezentas baleias; entretanto, em 1819, em todos os oito estabelecimentos reunidos, só foram pescadas cinquenta e nove.

Em Itapocoroia, embarquei com destino à ilha de Santa Catarina. Desde que me encontrava no Brasil, não tinha ainda visto uma paisagem tão risonha como a que apresenta a cidade de Santa Catarina e seus arredores. De todos os lados é ela cercada por colinas e pequenas montanhas, de formas muito variadas, e que, dispostas sôbre planos diferentes, apresentam encantadora mistura de tintas brilhantes e vaporosas. Em frente à cidade, o canal, que separa a ilha da terra firme parece formar uma baía mais ou menos circular. O azul do céu não é tão carregado nem tão brilhante como o do Rio de Janeiro, mas é tão puro e matizado ao longe, pela côr pardo-clara dos morros que fecham o horizonte. As montanhas não são muito elevadas, nem o canal assaz extenso para dar à paisagem um ar de majestade. A natureza não ostenta alí as pompas que, algumas vêzes, apresenta nos trópicos, mas tem aspectos belos e risonhos como no sul da Europa, como em Lisboa ou na Madeira.

Devido a que a mesma temperatura se prolonga, sob o mesmo meridiano, em extensão mais considerável à beira do mar do que longe de suas praias, a vegetação tem, geralmente, também muito valor uniformidade no litoral do que no interior das terras — o que se observa em Santa Catarina confirma essa verdade. Quando cheguei a Curitiba, não mais via, desde muito as plantas do Rio de Janeiro; e duas têrças partes dos vegetais que encontrei floridos na ilha de Santa Catarina, pertenciam à flora da capital do Brasil. Muitíssimos insetos são comum às duas regiões, e muitas aves, sobretudo das pequenas espécies, são encontradas, igualmente, em Santa Catarina e no Rio de Janeiro.

Para ir a Garupava, um dos estabelecimentos de pesca de baleia, situado a treze léguas da cidade de Santa Catarina, tomei uma embarcação. Foi o primeiro ponto da costa em que comecei a observar mudanças notáveis na vegetação; mas, naquela latitude, a diferença entre o verão e o inverno é já bastante sensível — estávamos em maio, e quasi não se viam mais plantas com flores. Em Laguna, pequeno centro de população construído a cêrca de onze léguas ao sul de Garupava, observei grande quantidade de aves que ainda não tinha visto no Brasil, aves que continuei a encontrar em tôda a minha viagem para o Sul. Nas capitánias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Goiaz, o solo é geralmente muito montanhoso, de forma que o único meio de transporte possível é o burro. Desde Paranaguá até Laguna tive dificuldades inconcebíveis com o transporte de minhas coleções; mas, além desta última localidade, o solo tornou-se tão plano, que já comporta o trânsito dos imensos carros descritos por AZZARA.

Para chegar a Tôrres, um pouco mais longe do que o rio Araranguá, limite da província de Santa Catarina, segue-se por uma praia deserta e monótona, só apresenta areias esbranquiçadas e áridas. Uma *amaranthácea*, um *cardo* de hastes longas e trepadeiras e alguns tufos de *cyperáceas* são os vegetais que crescem naquelas tristes praias, onde sete ou oito espécies de aves aquáticas dão à paisagem um pouco de movimento e de variedade. Inúmeras *gaivotas de cabeça cinzenta* (*larus poliocephalus*), em fila sôbre a areia, quasi imóveis, a cabeça voltada para o mar, esperam o momento em que as ondas, banhando-lhes os pés traga o alimento. As *grandes gaivotas* (*larus vetula* Mus. Par., sp. n. vulg. *maria velha*), misturadas com as outras, mas em número muito menor, espreitam pequenos peixes. Os *manuelzinhos* ou *massaricos* (*charadrius larvatus*), com o pescoço esticado e a cabeça situada na mesma linha do dorso, correm pela praia com extrema velocidade, parecendo, vistos de longe, com pequenos quadrúpedes. Várias espécies de andorinhas do mar (vulg. *trinta réis*), as *sterna speculifera* Mus. Par. sp. n., *cayana* LATH, *hirundinácea* Mus. Par. sp. n., vêm pousar em meio das *gaivotas*, dentro em pouco retomando o vôo. Finalmente, os *baiacús* (*hæmatopus palliatus*, Mus. Par. sp. n.), que andam de ordinário aos pares, mantêm-se a algumas centenas de passos da praia.

Os moluscos de concha não são muito abundantes no Brasil, e encontro apenas *fucus*, em pouquíssimos pontos da praia, entre o Rio de Janeiro e a Vila da Vitória. Além de Tôrres e do rio Araranguá (642), afastei-me pouco a pouco da praia, para atingir Pôrto Alegre, capital da capitania do Rio Grande do Sul.

Essa capitania que se estende de 27° 51' S., a 33°, é uma das que a natureza mais favoreceram. Seu fértil território produz, na parte setentrional, a cana de açúcar, o algodão, a mandioca, e, para o sul, o trigo e todos os frutos da Europa (643); um ar puríssimo faz com que os habitantes da região gozem de saude; excelentes pastagens permitem a criação de inúmeros rebanhos; um lago de 75 léguas de extensão e numerosos rios facilitam as comunicações e fornecem fartos meios de transporte.

Quando o viajante entra na capitania do Rio Grande é logo surpreendido pela beleza de seus habitantes, pelo frescor de suas cutis coradas, pela vivacidade de seus movimentos e pelo desembaraço e liberdade que lhes é peculiar. O sistema colonial, procurando isolar as províncias estabeleceu diferenças muito mais sensíveis, entre os respectivos habi-

(642) Por *Ararerunguay* (da língua indígena) — rio de areia preta.

(643) Não quero dizer, assim me exprimindo, que o trigo não produza nas partes setentrionais da capitania do Rio Grande do Sul.

tantes, do que as existentes na Europa, entre os da maior parte dos países limítrofes. Tais diferenças são muito mais marcantes relativamente ao povo do Rio Grande, que vive sob outro clima, com alimentação diversa e regime de vida também diverso, circunstâncias essas de que resultaram hábitos e costumes diferentes dos dos demais brasileiros. Assim, os mineiros, por exemplo, são dados a idéias contemplativas em razão de seu temperamento um pouco hipocondríaco e sua vida sedentária. Os homens da capitania do Rio Grande, que levam sua vida quasi inteiramente ao relento e, por assim dizer, com inclinações animais, são pouco propensos aos sentimentos religiosos. Na capitania das Minas, os casamentos são raros, e as mulheres, retidas dentro da casas, mais não são do que as primeiras escravas de seus maridos; na do Rio Grande, as mulheres não se ocultam, as uniões legítimas são mais comuns e os costumes são mais puros. Os mineiros cometem, algumas vêzes, crimes por traição; os riograndenses cometem-nos por aventura. Os primeiros são de gênio brando, delicados, afetuosos e comunicativos; os segundos têm maneiras bruscas e grosseiras. A rara inteligência dos mineiros, sua facilidade em apreender e o desejo que têm de se instruir, são qualidades geralmente conhecidas. Quando eu viajava nessa província, era continuamente assaltado por perguntas. Todo o mundo queria saber qual o fim de seus trabalhos; perguntavam-me constantemente sôbre os detalhes de nossas artes, de nossas leis e de nossa história. Na capitania do Rio Grande, quando se sabe domar um cavalo bravo, atirar o laço, lançar as bolas, castrar um touro, sangrar um boi, nada mais se quer saber. Os mineiros têm pouca imaginação, mas têm o espírito de imitação muito desenvolvido, e têm grande aptidão para tôdas as artes e tôdas as profissões. Na capitania do Rio Grande, ao invés, as artes são desprezadas, e a maior parte dos artífices é constituída por estrangeiros. Embora ciosos de sua terra, os mineiros a deixam sem pesar; os habitantes do Rio Grande não saem de seus pagos, porque sabem que em qualquer outra parte teriam, algumas vêzes, de andar a pé, e em nenhuma outra parte encontrariam, em abundância, a carne, que constitui quasi que a sua única alimentação. Os mineiros gastam o dinheiro que possuem com ostentação; os riograndenses têm muitas vêzes uma fortuna considerável, mas, quem vê suas residências e a forma por que vivem, julga-os indigentes. A capitania das Minas esgota-se; a do Rio Grande cada dia mais se enriquece. Os mineiros têm uma coragem comum; os riograndenses distinguem-se por um valor brilhante, e, sob o comâdo de um chefe ousado e empreendedor, fariam fáceis conquistas por tôda a parte em que não fôssem contrariados em seus gostos e hábitos. Mas quero os mineiros quer os riograndenses, têm um traço

marcante de semelhança -- são igualmente hospitaleiros, e eu lhes devo igual reconhecimento.

Pôrto Alegre, capital da capitania do Rio Grande, está edificada sôbre uma península formada por uma colina que avança de nordeste a sudoeste do lago ou lagoa dos Patos (644), que deve sua origem a quatro rios navegáveis, rios que reúnem suas águas diante da cidade, e que, divididos na embocadura num grande número de braços, formam um labirinto de ilhas (645). Seria difícil descrever a beleza de tal situação; não é mais a zona tórrida, com seus aspectos majestosos, e, menos ainda, com a monotonia de seus desertos — é o sul da Europa, com tudo o que tem de mais encantador.

Quando entrei na capitania do Rio Grande, estávamos no mês de junho; o frio já se fazia sentir; não encontrei mais flores, os insetos tinham desaparecido e só se viam, em grande abundância, as aves que vivem à beira dos lagos, dos brejos e dos rios. A água muitas vezes gelou durante minha permanência em Pôrto Alegre, e, quando fazia menos frio, caíam chuvas abundantes. Nas capitanias de Goiaz e das Minas, uma sêca constante caracteriza o inverno; no Rio Grande, ao contrário, essa estação é acompanhada de chuvas quasi contínuas. Nessa época, o vento do sudoeste, chamado *minuano* (646), depois de ter passado por cima da grande cordilheira do Chile e atravessado os pampas, vem esfriar a atmosfera. A êsse vento, é lícito acreditar nos habitantes da região, é que se devem atribuir os casos de tétano tão frequentes em seguida aos mais leves ferimentos, e nos quais, em muitíssimas oportunidades, foi empregado, com êxito, o ópio em doses elevadas, e, sobretudo, fricções feitas com escôvas duras.

Indiquei o limite das diversas produções coloniais na parte da capitania de São Paulo situada a oeste da grande cordilheira; mas disse, ao mesmo tempo, que no litoral a cultura das mesmas produções esten-

(644) O nome dêsse lago é o de uma tribu indígena que já não existe.

(645) Êsses quatro rios são — o Guaíba, que mais acima tem o nome de Jacuí, o Caí, o dos Sinos e o Gravataí. O abade CAZAL e outros afirmam que o lago começa abaixo de Itapuã, e consideram as águas, que se estendem entre êsse local e Pôrto Alegre, como uma continuação do Guaíba. E' bem verdade que, além de Itapuã, o lago torna-se mais largo; entretanto, quando se sôbe as alturas vizinhas de Pôrto Alegre, é fácil convencer-se que o Caí, o rio dos Sinos e o Gravataí não deságuam, como afirma CAZAL, no Guaíba, mas que se reúnem com êsse último em um reservatório comum, o qual, muitíssimo mais largo que o Guaíba, não é mais do que a continuação dos outros três rios; parece-me, até, que êsses três se prolongam muito mais do que o Guaíba, pois se estendem na mesma direção, ao passo que o Guaíba só chega ali lateralmente. E' também em Pôrto Alegre que o historiador do Rio Grande, meu respeitável amigo JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO, diz começar o lago, o qual, em sua origem, tem o nome de Viamão ou lago de Pôrto Alegre, e em sua extremidade meridional o de Mearim.

(646) Êsse nome é o de uma tribu indígena.

dia-se muito mais longe, para os lados do sul. Encontram-se plantações de mandioca e de cana de açúcar até nos arredores de Pôrto Alegre; mas essa cidade, situada a 30° 2', deve ser considerada como o verdadeiro limite dessas plantas na parte oriental da América meridional. Quanto ao algodão, é certo que se estende a mais grau e meio para o sul.

Para ir de Pôrto Alegre à cidade do Rio Grande de São Pedro do Sul, seguí a estreita língua de terra que separa a lagoa dos Patos do oceano, e que só apresenta pastagens arenosas, entremeadas de capões de mato e recortadas de lagos. Rio Grande de São Pedro do Sul está situada a cêrca de três quartos de légua do mar, à margem do canal que estabelece uma ligação entre o mesmo e a lagoa dos Patos. Nada há de mais triste do que a situação dessa cidade, pois que, de todos os lados, é inteiramente cercada de água, de brejos e de areia. Essas, levantadas no tempo do frio pelos fortes ventos do oeste e do sudoeste, voam em turbilhões, formam montículos, penetram muitas vêzes nas casas, por bem fechadas que estejam, acabando por cobrí-las inteiramente. A referida cidade estendia-se, outrora, muito mais do que agora, para o lado do oeste; as areias sepultaram ruas inteiras; mas, em compensação, a população avançou pouco a pouco para leste, formando aterros sôbre a lagoa; e casas que se encontravam há trinta anos, no centro da cidade, estão hoje em sua extremidade ocidental.

Aproveitei minha estadia em São Pedro para ir ver na encantadora vila de São Francisco de Paula, as grandes fábricas de carne sêca (*xarqueadas*), que canalizam, anualmente, elevados capitais para a capitania do Rio Grande, principalmente depois que os rebanhos de gado vacum foram quasi aniquilados nas estâncias de criação das margens do Rio da Prata. Pelo fim de agôsto, o frio não mais se fazia sentir; os pessegueiros estavam cobertos de flores, os prados começavam a reverdecer, e nos campos já eram encontradas algumas plantas floridas, em sua maior parte pertencentes a gêneros europeus; e, o que é notável, é que vários dos gêneros que entre nós fornecem espécies primaverís são os mesmos a que se relacionam as plantas que em primeiro lugar florescem na região que venho descrevendo. Assim, colhi *carex*, uma *anémona*, *rainúnculos*, ou, ao menos, uma espécie vizinha dêsse gênero, um *cerastium*, *arenáreas*, um *centunculs* (647), uma *linárea* etc.

(647) As *primulacéas* são, entre nós, plantas primaverís. Desde o comêço da primavera encontrei, também, com abundância, desde Rio Grande, até Maldonado, uma *primulácea* anômala, que será objeto de uma terceira memória sôbre a *placenta central*, e que caracterizo da seguinte forma: — *Pelletiera*. *Calix* 5-partitus. *Petala* 3-hypogyna. *ovata*, *unguiculata*, *distantia*, *calice* multioies *minora*. *Stam.* 3 *basi petalorum inserta*, *iisdemque opposita*. *Stylus* 1. *Stigma capitatum*. *Ovarium globosum* — *loc.* 2-spermum. *Ovula placentæ centrali semi-immersa orbiculari, desinente in filum cum interiore stili substantia continuum, max evanidum*. *Capsula* 3-valvis,

Tive ocasião de observar nos arredores do Rio Grande os extraordinários cães chamados *ovelheiros* (648). Ali, como em todo o resto do Brasil, os rebanhos não tem pastôres e não são fechados em apriscos ou currais; mas na capitania do Rio Grande são expostos a inimigos quiçá mais numerosos do que em qualquer outra parte, entre outros os cães selvagens que devoram as ovelhas e os caracás que arrancam os olhos dos cordeiros. Para dar um defensor ao rebanho, escolhe-se um cão recém-nascido, de espécie vigorosa que é separado da mãe antes de abrir os olhos. Esse cão, aleitado por uma ovelha, é castrado e pôsto numa pequena cabana situada em meio do rebanho. Os primeiros sêres vivos que vêem são os carneiros, aos quais se acostuma tomando-lhes grande afeição, tornando-se seu defensor e repelindo, corajosamente, os animais que, porventura, os ataquem. Habitua-se a comer pela manhã e à tarde em seu abrigo, nunca abandona o rebanho, e se as ovelhas, por acaso, se afastam dos campos habituais, priva-se do alimento, para não abandoná-las.

Deixei o Rio Grande a 19 de setembro, e, para alcançar a fronteira das possessões espanholas, seguí a faixa de terra que separa o oceano do lago *Mearim*, continuação da lagoa dos *Patos*. Essa região apresenta apenas pastagens muito rasteiras, entremeadas de alguns tufos de árvores, que vão rareando à proporção que se avança para o sul. À medida que eu me afastava do Rio Grande do Sul, a vegetação ia diminuindo, e a influenciado clima sôbre as plantas tornava-se mais sensível. Assim, a um grau N. de Pôrto Alegre, as árvores, no rigor da estação fria, estavam quasi tôdas cobertas de fôlhas. Em São Francisco de Paula, perto de Rio Grande, um têrço pouco mais ou menos dos vegetais lenhosos, estava desfolhado; e finalmente a cêrca de dois graus mais para sul, em Jerebatuba (649) e Chuí, sômente um décimo das árvores conservava a folhagem, décimo representado apenas pelas espécies menos elevadas, tais como — *myrtáceas*, *myrsineas*, uma *onagrarea* e uma *nyctaginea*, que floresce em pleno inverno, como na Europa — o *helleborus hyemalis*.

Pela altura de Chuí, antigo limite meridional dos *campos neutros*, termina o lago *Mearim*. Nesse ponto, afastei-me da estrada, para herborizar no Cerro de São Miguel, pequena cadeia de colinas que não se pode deixar de notar numa região tão plana como a que eu ia per-

2-sperma. Embryo rectus, in perispermo axilis, umbilico carallelus. — Pelletiera ver-
na. Herbula glaberrima, facie centucolorum. Caulis basi ascendente ramosus. Rami
quadrangulares erecti. Folia opposita, sessilia, elliptico-lanceolata, integerrima. Flo-
res axillares, pedunculati pedunculis folio brevioribus. Calices divisuræ linearis-subu-
latæ acutissimæ. Petala alba. — In honorem dixi amicissimi D. M. PELLETIER AURE-
LIANENSIS, botanices peritissimi qui de gemmis alborum egregie dissertavit.

(648) Da palavra portugueza *ovelha*.

(649) Dos vocábulos indígenas — *jyriba* e *tiba* (reunião de palmeiras).

(650) Por *juyy* (da língua indígena) — rio das rans.

correndo. Pôsto que as árvores ainda não estivessem revestidas de folhagem, encontrei em São Miguel mais plantas em flor do que esperava, e fiquei admirado pela relação das mesmas com a flora européia. Colhi, entre outras, várias *vicia*, vários *lathyrus*, *asphodéleas*, um *helianthemum*, um *carex*, um *berberis*, uma *Tanchágem*, várias *paronichyáceas*, várias *caryophylleas*, uma *poa*, uma *euphorbiácea* etc.

As palmeiras parecem deter-se, nessa parte da América, entre 34° e 35° de latitude sul, o que corresponde, pouco mais ou menos, ao limite das mesmas em a Nova Holanda. Dentro em pouco entre nas possessões espanholas e comecei a percorrer magníficas campanhas, que foram, antes da guerra, tão ricas e tão florescentes, tanto que eram denominadas o paraíso da costa oriental da América. Em nenhuma outra parte existem melhores pastagens; a terra é, tôda ela, de grande fertilidade, e os rebanhos são ali muito mais belos do que nas possessões portuguesas.

Visitei as cidades de Rocha, São Carlos e Maldonado; herborizei nas pequenas montanhas chamadas Cerro Áspero, Pão, de Açúcar, Cerro das Almas, e cheguei a Montevidéu. A acupação dessa cidade e das regiões circunvizinhas pelas tropas de Portugal trouxeram a paz à margem direita do Rio da Prata. A administração portuguesa e seu respeitável chefe (651), triunfaram contra um ódio nacional inveterado, honra reservada à prudência e à moderação.

A encantadora região que se prolonga de Montevidéu até a embocadura do rio Negro apresenta uma extensíssima planície ligeiramente ondulada, onde, por mais longe que a vista alcance, quasi que só se vêem pastagens. A relva ali atinge a mesma altura que nos prados de França, mas é mais fina do que a de nossas pradarias; compõe-se quasi exclusivamente de *gramíneas*, entre as quais dominam as *stipas*; e não é, como no interior do Brasil, entremeada de arbustos e sub-arbustos. Nessas campanhas não se vê nenhuma mata, mas grandes regatos e recortam, correndo entre orlas de árvores pertencentes a pequeno número de espécies, árvores em meio das quais se eleva um *sangueiro*, tão elegante quão pitoresco. Essas árvores não apresentam tintas sombrias como as das matas da zona tórrida; o verde de suas fôlhas é mais suave e mais encantador do que a dos nossos bosques na primavera; uma erva tenra cresce debaixo de sua sombra, onde as pacíficas *capivaras* (652) se recreiam, quasi aos pés dos viajantes, enquanto que o *cardeal* (653) desfere seu canto, esvoaçando pelos ramos.

(651) O general LÉCOR, barão da LAGUNA.

(652) Vários autores escrevem *capibara*. O orthografo MARCGRAFF mais se aproxima das etimologias.

(653) *Loxia cuculata* LIN. Com essa espécie encontra-se uma outra, à qual também se dá o nome de *cardeal* — a *emberrizza gubernatrix* TEM.

Nos arredores do Rio de Janeiro e em tantas outras partes do Brasil, vêem-se flores durante todo o ano, mas nunca é encontrado grande número ao mesmo tempo. Ao passo que em Montevidéu, nas margens do rio da Prata e do rio Uruguai, as flores aparecem, como entre nós, em espaço de tempo muito curto, mas são, na época em que aparecem, muito abundantes. Os meses de outubro e novembro são a época em que se encontram mais flores; no inverno, a vegetação se suspende, e durante o verão, os campos ficam secos devido à ardência do sol. Pelo fim de novembro, as plantas, nas vizinhanças de Montevidéu, já não apresentam o mesmo frescor; oito a dez dias mais tarde, as pastagens tomam a côr amarelada que os nossos prados apresentam no momento em que vão ser ceifados; a 25 de dezembro, finalmente, quando cheguei ao rio Negro, a erva dos campos estava completamente dessecada, sendo vistas raras plantas em flor nas margens dos regatos.

Desde o forte de Santa Tereza, situado a 34° de latitude sul, até Montevidéu, e dessa cidade até a embocadura do rio Negro, aos 33° e alguns minutos, recolhi cêrca de quinhentas espécies de plantas, seguido primeiramente a côsta e, depois, o rio da Prata, em seguida o rio Uruguai. Nesse número de vegetais, é digno de nota que apenas quinze não se relacionam com alguma das famílias de que se compõe a flora da França. Refiro-me a duas *loasa*, três *turnera*, duas *calycéreas*, um *sesuvium*, duas *bigóneas*, uma *cormelínea*, uma *malfígea*, uma *passiflora* e uma *gesnérea*.

Algumas plantas européias, tais como um dos nossos *anagallis*, a *leonorus cardiaca*, um dos nossos *chenopódium*, quasi que se naturalizaram nos arredores do Rio de Janeiro. A quantidade de espécies provenientes da Europa já é mais considerável em redor dos centros de população situados nas partes elevadas da capitania das Minas; assim, por exemplo, encontram-se, em Vila Rica a nossa *verbena*, uma das nossas *menthas*, a *poa annua* etc.; em Tejuco vêem-se o *verbascum blattaria*, a *urtica dioica*, um dos nossos *xanthium* etc. O número das plantas da Europa ainda mais aumenta nos arredores da cidade de São Paulo — o *marrubium commune* e o *conium maculatum* crescem até nas ruas da cidade; o *polycarpon* vegeta nos muros dos jardins etc. Mais recuada para o sul Pôrto Alegre recebeu muitas das nossas espécies; vêem-se, comumente, em algumas de suas ruas pouco frequentadas, a *alsina média*, o *rumex pulcher* *geranium robertianum*, o *conium maculatum*, a *urtica dioica* etc. Mas em parte alguma as plantas da Europa se multiplicaram com tanta abundância como nas campanhas que se estendem entre Santa Tereza e Montevidéu, e desta última cidade até a povoação de Rio Negro. A *violeta*, a *borragem*, alguns *gerânios*, o *anethum*

fœniculum etc., já estão naturalizados em tôrno de Santa Tereza. Plantas que em sua terra natal só se encontram isoladas, vivem em comum nas cercanias de Montevidéu; seguem, por assim dizer, os passos do homem, cercam-lhe as habitações e se apoderam das pastagens por êle mais frequentadas. Os caminhos são orlados por largas faixas de flores de côr azul avermelhada — as flores do *echium vulgares*; a *avena sativa* é também comum em algumas pastagens, como se nas mesmas tivesse sido semeada; encontram-se por tôda a parte estas plantas nossas — *malvas*, *anthenis*, o *marroio comum*, um dos nossos *erisimum* etc. Um dos nossos *myagrum*, cujo primeiro pé appareceu há dez anos nos muros de Montevidéu, recobre, quasi que só, todo o espaço que se estende da referida cidade a seus arrabaldes. Esperava encontrar muitas plantas no Cerro de Montevidéu, a única montanha próxima dessa cidade; mas no cume da mesma foi instalado um forte, soldados percorrem-na continuamente, e sua vegetação, quasi tôda artificial atualmente, pertence, em grande parte, à flora da Europa. Contudo, nenhuma espécie é tão espalhada nas campanhas do Rio da Prata e do Uruguai, para muito além do rio Negro, como o *cardo-maria* (*carduus marianus*) e, sobretudo, o nosso *cardo cynara* (*cardonculus*). Como estivessem essas campanhas, antes da guerra, cobertas por inumeráveis rebanhos e como os animais que os compõem são muito gulosos relativamente aos brotos novos do cardo, essa planta pouco florescia e se multiplicava com maior lentidão; mas, desde que os rebanhos foram exterminados, a planta em aprêço espalhou-se com extraordinária rapidez, cobrindo hoje imensos tratos de terreno tornado inútil para o gado vacum e cavalari, estorvados pelas suas fôlhas espinhosas. Essa planta tornou-se assim, alí, um monumento indestrutível das lutas civis que agitaram a linda região.

Além do rio Negro, a região é muito menos povoada do que entre êsse rio e Montevidéu; é mais difficil de ser percorrida, em apraz dizer que sem os repetidos serviços e auxílios que me foram prestados pelos officiaes das tropas portuguezas e brasileiras acantonadas nas margens do rio Uruguai (654), não me teria sido possível continuar a minha viagem.

Excetuados os pequenos jardins plantados pelos soldados portuguezes, não vi, num espaço de mais de cincoenta léguas, senão uma quadra única de terras cultivadas. Escravos de uma indolência, de uma indiferença que o europeu procuraria, em vão, comprehender, os habitantes dessas regiões, muito bem descritos por AZZARA, outra occupação não têm senão montar a cavallo e galopar no rasto do gado; e não conhecem outro prazer

(654) Devo referir-me, nominalmente, entre outros, ao general CARLOS JOÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUN e ao coronel GALVÃO, da legião de São Paulo. Não posso deixar de nomear também o meu amigo major JOÃO PEDRO DA SILVA FERREIRA.

senão o de aspirar por um canudo infusões de mate e comer carne meio crua. muitas vêzes sem sal e sem pão. O povo de Montevidéu talvez seja superior ao de Rio Grande e de Pôrto Alegre; mas os camponeses dessa parte da América espanhola que percorri, estão, sem dúvida, em nível inferior aos da capitania do Rio Grande. A diferença que aqui acentua decorre, segundo creio, de que na capitania do Rio Grande os habitantes dos campos, filhos ou netos de lavradores das ilhas dos Açores, são brancos de raça pura; ao passo que os camponeses espanhóis são, em grande parte, mestiços de indígenas; e aqueles cujo sangue não é misturado adotaram, por espírito de imitação, os hábitos e costumes da maioria.

Visitei as cachoeiras do rio Uruguai, chamadas Salto Grande e Salto Chico, indo até Belém. Entre êsse local e as Missões, minha viagem tornou-se mais penosa do que nunca. Gastei 13 dias atravessando um deserto completamente deshabitado, sem nenhuma estrada, percorrido unicamente por inúmeros jaguares, por grandes manadas de veados, por avestruzes (655) e por cavalos selvagens; os únicos homens que pouquíssimas vêzes vi, assim mesmo muito ao longe, do outro lado do rio, eram insuretos espanhóis, inimigos dos portugueses. Foi nesse deserto, às margens do arroio Sant'Ana, que escapei de morrer, bem como dois de meus servidores, envenenados por algumas colheradas do mel da véspera chamada *lecheguana*.

Nos meses de dezembro e janeiro, o calor foi muito excessivo; o termômetro marcava de 24° a 29°, ordinariamente, entre duas e cinco horas da tarde; acabei por não encontrar mais plantas. Entretanto, nos últimos dias de Janeiro, chuvas abundantes caíram; as pastagens desseccadas reverdeceram com admirável rapidez, e muitos dias tinham decorrido sem que eu visse qualquer flor, quando entrei na província das Missões.

À proporção que eu me afastava de Rio Negro, ia observando menos relações entre a flora da região e a da Europa. Comecei a encontrar um *ingá* e uma *melastomácea* nas cachoeiras do Uruguai; o *salgueiro*, tão comum nos arredores de Montevidéu, quasi desaparecera quando entrei na província das Missões; enfim, quando cheguei a essa província, desde algum tempo mais não via plantas pertencentes a outros gêneros da Europa; mas em compensação voltei a ver várias espécies que

(655) Os brasileiros das capitanias de Minas Gerais, Goiaz etc., dão a essas grandes aves o nome de *emas*, nome proveniente de algum idioma das Índias Orientais. Os riograndenses dão-lhes o nome português e espanhol de avestruzes. Os guaraníes denominam essa ave por — *chuni*, e não *churi*, como já vi algures. Quanto à denominação *nandú*, que os naturalistas consagraram, posso afirmar ser a mesma pouco usada entre êsses indígenas, embora seja encontrada no dicionário dos jesuítas; entretanto, os guaraníes se servem da palavra *nandúa*, que significa pena, plumagem grande.

já tinha recolhido nos *Campos Gerais* e mesmo nas partes elevadas da capitania das Minas. Se presentemente encaro em seu conjunto as plantas que recolhi entre a embocadura do rio Negro, a 33° e alguns minutos, e o rio Ibicuí, limite das Missões, a 29° e alguns minutos, vejo que em 295 espécies há 21 que não pertencem a famílias de nossa flora francesa, a saber: — duas *calycéreas*, duas *palmeiras*, duas *bigoneáceas*, duas *malpigheas*, duas *sapindáceas*, duas *melastomáceas*, duas *menisperméas*, *nyctagínea*, um *cissus*, três *commelineas*, uma *utrnera* e uma *gesnerea*.

É sabido que as Missões ditas do Paraguai, compõem-se de 30 aldeias, das quais 23 situadas entre o rio Paraná e o rio Uruguai, e as 7 restantes situadas na margem esquerda dêsse último rio. As primeiras foram reduzidas a cinzas durante a desastrosa guerra que ARTIGAS fez contra os portugueses e contra seus próprios concidadãos (656); as outras, conquistadas pelos brasileiros em 1801, são as únicas que subsistem ainda, com o nome, atualmente, de província das Missões, e foram essas que visitei. As tradições ainda conservadas nessa bela região e as ruínas que a cóbrem próvam demasia que foi descrita sem exageros a felicidade de que antigamente gozava (657). Não é por falta de inteligência que os indígenas são inferiores aos homens de nossa raça; mas qualquer que possa ser a sua educação, vivem sempre sem nenhum espírito de providência (658), e êsse defeito é a origem de todos os outros que os caracterizam. O govêrno ao qual os guaraní obedeceram até 1768, absurdo, é certo, para homens de nossa raça, era baseado no profundo conhecimento dos indígenas. Homens que, como as crianças, não se preocupam com o dia de amanhã, não podiam, sem guias, trilhar a estrada da civilização, pois que essa é inteiramente fundada sôbre a idéia do futuro. Os guaraní viveram antanho sob uma tutela cuja experiência provou ser absolutamente necessária, tutela que não podia deixar de ser paternal, porquanto o interêsse dos tutores, de acôrdo com a honra e o dever, era inseparável do dos pupilos. Depois de 1768, os guaraní foram entregues a homens que nos mesmos viram apenas os instrumentos de rápida fortuna; em pouco tempo a região se empobreceu e acabou por cair em inteira decadência. Os portugueses trataram os guaraní de modo mais descuidado do que os espanhois. A côrte de Lisboa e a do Rio de Janeiro, quando para o Brasil veio D. JOÃO VI, pareciam ter esquecido de que a província das Missões fazia parte da monarquia portuguesa, pois deixaram-na arruinar-se sob a direção de

(656) Várias foram incendiadas pelo marechal português CHAGAS SANTOS; e as outras pelos habitantes do Paraguai prôpriamente dito e pelos prôprios indígenas.

(657) Vide MONTESQUIEU, RAYNAL, CHATEAUBRIAND etc.

(658) Pouquíssimas exceções podem ser citadas.

funcionários subalternos. Em 1768, a população das 7 aldeias hoje portuguesas, elevava-se a 30.000 almas; quando, em 1801, os espanhóis dali se retiraram, deixaram ainda 14.000 habitantes; em 1814, não mais havia do que 6.395 (659); assistí, enfim, eu próprio, o recenseamento a que se procedeu em 1821, pelo qual ficou constatado que em tôda a província a população indígena era apenas de 3.0.. indivíduos! Foram arrebatadas aos guaranís suas melhores pastagens; seus gados foram devorados ou arrebanhados pelos portugueses; as aldeias caíram em ruínas; os templos de que os viajantes se admiravam foram despojados de suas riquezas e abandonados; apenas algumas pessoas velhas conservam tradição das artes e ofícios, e vi infelizes que a fome devorava numa terra que lhes pertence e que produz, anualmente, duas colheitas. Numa palavra, a província das Missões, outrora tão florescente, apresenta hoje o quadro de tôdas as misérias que afligem a raça humana, e, dentro de curtíssimo espaço de tempo, nenhum indígena será ali encontrado (660).

A parte mais meridional das Missões, compreendida entre os rios Ibicuí, Uruguai e Camacuã, apresenta excelentes pastos. Mas, à proporção que nos afastamos de São Francisco de Borja (661), as matas tornam-se mais comuns, a erva perde suas qualidades e em São João e Santo Anjo é necessário, para que o gado não pereça, sobretudo as vacas, fornecer-lhe sal, como na região das Minas. Em compensação, as terras do norte da província são ótimas para a agricultura. Sem receber qualquer adubo, produzem, como já assinaei, duas colheitas anualmente, com igual abundância, de trigo, milho, arroz, feijão, mandioca, melões, abóboras, melancias e, em geral, os legumes e as frutas européias. Nos lugares mais abrigados pode-se, até, cultivar, com algum sucesso, a cana de açúcar.

Principalmente na parte setentrional da região, o conjunto da vegetação muitas relações mantem com a do distrito de Curitiba, afastado das Missões apenas dois graus para o norte; mas não são encontradas *araucárias* nessa última província. Atravessei a serra de São Francisco Xavier, que é a continuação e quasi a extremidade da grande cor-

(659) V. a excelente obra intitulada *Anais da Província de São Pedro*, por JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO.

(660) O que deixo dito sôbre as Missões não concorda inteiramente com a opinião de FELIX AZZARA. Mas êsse escritor, que merece os maiores elogios como fino observador e como pintor de costumes, deixou-se impressionar pelos preconceitos trazidos, geralmente, pelos espanhóis na América, e contradiz seus próprios conceitos, quando se refere aos guaranís. De resto, foi êle refutado vitoriosamente por um historiador amigo de seu país — D. FUNES, em seu *Ensaio de la Historia Civil del Paraguay* etc.

(661) Ou, simplesmente, São Borja.

dilheira, e em pouco tempo me encontrei novamente na capitania do Rio Grande. Corria o mês de abril; não se viam insetos nem plantas em flor, e me contrariavam constantemente chuvas abundantes e a travessia dos rios. Desde que saí da província de Santa Catarina, caminhei cêrca de seiscentas léguas, percorrendo uma região cortada por numerosos rios. Uma parte dessa região é rica e florescente, entretanto, não possui uma única ponte e, algumas vêzes, nem uma simples canoa nas margens dos rios. Para atravessá-lo, usam os habitantes, geralmente, um couro crú, amarrado nos quatro cantos, formando, assim, uma espécie de barco arredondado (*pelota*), ao qual é presa uma correia. Quem quer atravessar o rio, senta-se nessa espécie de piroga e fica imóvel no centro da mesma, enquanto um nadador, tendo a correia entre os dentes, vai arrasando tão primitiva embarcação até a margem oposta. Por essa forma fiz transportar bagagens às vêzes muito pesadas; mas é fácil de conceber que o naturalista não pode, sem justificadíssima inquietação, ver-se forçado a aventurar dessa maneira o fruto de longo e penoso trabalho.

Tendo chegado à vila do Rio Pardo, embarquei pelo rio Ibicuí (662), e após alguns dias de navegação, cheguei de novo a Pôrto Alegre, depois de cêrca de um ano de viagem (663). Não tendo encontrado nenhum meio de transporte por terra, decidí-me a embarcar para a cidade do Rio Grande e dali regressar, por mar também, para o Rio de Janeiro. Embarcações de três mastros podem subir até Pôrto Alegre, e constantemente são vistos mais de cincoenta embarcações, de diversos tamanhos, no pôrto dessa cidade. Entretanto, a navegação da lagoa dos Patos não deixa de ser isenta de perigos — fortíssimos ventos alí sopram e as embarcações só podem se abrigar unicamente em dois pontos diferentes; suas águas, finalmente, espalham-se por grande extensão, deixando, para a passagem dos navios, apenas um canal muito estreito, que não se teve, até hoje, o cuidado de assinalar por meio de balizas. A barra móvel do pôrto da cidade do Rio Grande ainda é mais perigosa, e não obstante as precauções tomadas para garantia das embarcações, os naufrágios são alí muito frequentes.

Aportei ao Rio de Janeiro sem qualquer incidente, mas tinha que ir a São Paulo para buscar as coleções que alí deixara. Pretendendo tornar essa viagem tão útil quanto de mim dependesse, decidí-me a passar pela capitania das Minas. Partí do Rio de Janeiro em fins de janeiro de 1822; galguei novamente a serra Negra; tornei a estar em

(662) *Rio dos Jacús* (penélope).

(663) Sem as recomendações que me deu o conde de FIGUEIRA, governador da capitania do Rio Grande do Sul, e as facilidades de tôda sorte que o mesmo me concedeu, ter-me-ia sido impossível terminar essa viagem.

Barbacena e São João del Rei; subí a duas altas montanhas que ainda não conhecia — as de Ibitipoca e de Juruoca; e a-pezar-do exíguo tempo gasto nessas excursões, forneceram-me as mesmas abundantes colheitas, o que serve a provar que minhas anteriores pesquisas, durante 18 meses (664) na capitania das Minas, muito longe ficaram de esgotar as riquezas de seu território. Passei pela vila de Santa Maria do Baependí (665), famosa pela cultura do fumo; tornei a ver, nos arredores dessa localidade, matas de *araucárias*; atravessei com muitas fadigas e trabalhos a serra da Mantiqueira, ramo elevado da grande cordilheira entrando de novo na capitania de São Paulo.

Num espaço de cêrca de 50 léguas, a região que se estende aos lados da estrada do Rio de Janeiro a São Paulo é inteiramente montanhosa. Perto de Lorena, entra-se numa baixada ou vale formado pela serra da Mantiqueira e a grande cordilheira marítima; e o terreno torna-se mais plano do que em qualquer outro ponto do centro do Brasil. A vegetação do Rio de Janeiro é reencontrada, com pequenas diferenças, em tôda a parte montanhosa da estrada, prolongando-se, mesmo, por 12 léguas além. Mas junto do Pindamonhangaba, sofre repentina mudança, apresentando diferenças assaz sensíveis, em relação com as da capitania das Minas e dos Campos Gerais. A quem percorrer, em tôdas as estações, os brejos vizinhos de Taubaté e de Mogí das Cruzes, será dado realizar belas colheitas de plantas.

Embarquei, de regresso à Europa, no começo de junto de 1822, tendo tido a ventura e o prazer de preservar de qualquer acidentes as coleções zoológicas e botânicas que representam o fruto de minhas viagens. O número das plantas, particularmente, eleva-se a cêrca de sete mil dissecação das partes cujo conhecimento esparge mais luzes relativamente às analogias naturais. Serei feliz se permitido me fôr lançar os primeiros fundamentos sôbre a Flora do Brasil meridional, e se puder deixar de ser inútil à ciência cujos estudos me proporcionaram, tantas vêzes, tão doces prazeres!

(664) Quinze meses durante minha primeira viagem, e três meses para regressar a Goiaz.

(665) Ou Baependí, simplesmente.

(666) Os pássaros a 2.005, os insétos a 16.000, os quadrúpedes a 129, os réptis a 35 etc.

R E L A T Ó R I O

sôbre

A VIAGEM

DO SR. AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE

no

BRASIL

e nas

MISSÕES DO PARAGUAI

Fomos encarregados pela Academia (DESFONTAINES, LATREILLE, GEOFFROY DE SAINT-HILAIRE, BRUGNIART e JUSSIEU) de fazer-lhe a exposição dos trabalhos empreendidos e executados pelo Sr. AUGUSTE DE SAINTE-HILAIRE em sua viagem ao Brasil, para observar e recolher as produções naturais dêsse país. Uma permanência de seis anos no Brasil, uma grande extensão de terras percorridas em diversos sentidos e sob diversos climas, numerosas coleções de animais, vegetais e minerais, exatas descrições dos lugares percorridos, observações gerais sôbre os climas, locais, costumes dos habitantes, produções naturais de cada região, natureza dos terrenos e gênero de cultura apropriado a cada um deles — tais os resultados da viagem do Sr. SAINT-HILAIRE, resultados que exigiriam longos detalhes, para fazer apreciar com exatidão os serviços prestados à ciência por êsse viajante naturalista. Somos forçados a apresentar apenas um resumo, suficiente, no entanto, para comprovar que êle desempenhou sua missão pela forma mais útil à ciência e a mais honrosa para seu nome.

O Sr. SAINT-HILAIRE, tendo partido da França 1. de abril de 1916, em companhia do Duque de LUXEMBURGO, chegou a 1.º de junho ao Rio de Janeiro, capital do Brasil, depois de curtas demoras em Lisboa, Madeira e Tenerife. Começou, imediatamente, a percorrer os arredores da capital brasileira, formando coleções de plantas, principal objeto de sua viagem, de aves e de insetos.

Em dezembro seguinte, dirigiu-se para o norte, na capitania em que permaneceu durante quinze meses, visitando-a em diversas de suas partes. Dirigiu-se, primeiramente, a Vila Rica, penetrando e atravessando florestas antigas e muito extensas, percorrendo, a seguir, regiões descobertas que apresentam outras plantas, outras aves e outros insetos. Foi alí que encontrou uma *quinquina* diferente da do Perú, mas empregada com os mesmos fins, e que indica a presença do ferro. Observou também uma planta gramínea viscosa, muito abundante nos terrenos antes ocupados pelas matas virgens. Depois de uma moléstia que o reteve por cêrca de um mês na Vila do Príncipe, percorreu outras florestas, situadas a leste dessa vila, e viu os restos de antigas povoações indígenas. Observou, no distrito de Minas Novas, uma outra vegetação, de matas compostas apenas de pequenos arbustos. Mais para diante se apresentavam

outras matas mais elevadas, denominadas *caatingas*, que perdem as fôlhas durante a estação da sêca. Passou quinze dias nas margens do Jiquitinhonha, no meio de botocudos, indígenas belicosos, que vivem nas matas, completamente nus e sem nenhum abrigo de próprio fabrico. Dai, dirigiu-se ao grande rio São Francisco cujas margens percorreu. Entrando no distrito dos diamantes, visitou os locais onde se extrai essa pedra preciosa, como antes havia examinado os processos usados para a extração do ouro das montanhas e dos rios. Regressando a Vila Rica, depois de longa volta, retomou a estrada do Rio de Janeiro, cidade onde chegou no mês de março de 1818 e de onde fez, ao Museu de História Natural, uma remessa de duzentas aves, alguns quadrúpedes, oitocentas espécies de insetos e duzentos volumes de sementes, juntamente com duas memórias sôbre botânica, memórias que foram impressas pelo Museu.

Uma segunda viagem, de alguns meses de duração, realizou nas regiões marítimas, ao norte do Rio de Janeiro, até o rio Doce, viagem que lhe proporcionou aproximadamente os mesmos objetos que recolhera nas matas vizinhas da capital do país, excetuando os que lhe ofereceram os terrenos arenosos cujos produtos são diferentes. Visitou o cabo Frio, a cidade de São Salvador de Campos, tôda a capitania do Espírito Santo, as margens insalubres do rio Doce, e, embarcando em Vila da Vitória, voltou por mar ao Rio de Janeiro, de onde fez nova remessa de animais e sementes ao Museu de História Natural.

Sua terceira viagem, a mais longa e a mais importantes, teve início no mês de janeiro de 1819, e foi dirigida, primeiramente, para o noroeste, na parte ocidental da capitania das Minas, onde viu uma bela cascata, nas nascentes do rio São Francisco e as águas sulfurosas de Araxá, que o gado bebe gulosamente. Para atingir Goiaz, seguiu por um planalto deserto que em suas extremidades opostas, dão nascimento aos rios São Francisco e Tocantins, rios que, ambos, deságuam no mar, em pontos diferentes. A vegetação pareceu-lhes pouco diferente da observada nas margens do rio São Francisco. As pastagens eram ora inteiramente descobertas, ora entremeadas de pequenas árvores tortuosas. O Sr. SAINT-HILAIRE, depois de ter visitado Vila Boa, capital da capitania de Goiaz, passou alguns dias entre os indígenas coiapós, foi até as fronteiras de Mato-Grosso, de onde tomou a estrada para São Paulo, dirigindo-se para sudeste. Chegou a São Paulo, em dezembro de 1819, depois de um fatigante e longo trajeto, na estação dos grandes calores e da sêca; nessa cidade deixou suas diversas coleções, acondicionadas cuidadosamente, proseguindo sua rota para o sul.

Costeou, a princípio, o lado ocidental da grande cadeia de montanhas que separa o interior da região das praias marítimas, e viu, sucessiva-

mente, as cidades de Sorocaba, Itú, Pôrto Feliz e os respectivos arredores; determinou os limites das produções coloniais as mais importantes. Entretanto nos Campos Gerais, região encantadora por sua fertilidade, suas belas pastagens, suas matas de *araucárias*, planta mais conhecida sob o nome de *pinho do Chile*, e suas variadas paisagens. Fez ampla coleção de plantas que já anunciavam uma clima mais temperado. Alí observou o que se denomina, impròpriamente, *erva do Paraguai*, planta que classificou como uma árvore do gênero do *ilex*. Viu também a *quinquina* (*quina*) do país, que é uma *solanácea*. Atravessando em seguida a cadeia de montanhas, na parte mais abrupta chamada serra de Paranaguá, chegou à costa marítima, mais baixa e mais quente do que o planalto interior e cujas produções muito se aproximam das dos trópicos até 27° de latitude. Visitou as ilhas de São Francisco e de Santa Catarina, bem como os estabelecimentos de pesca da baleia. Para diante dêsse ponto, o terreno é arenoso e árido, animado unicamente por prodigioso número de aves aquáticas.

A Capitania do Rio Grande do Sul, na qual em seguida entrou, é uma das mais férteis e uma das que possui população mais vigorosa. Observou que o limite da cultura da cana de açúcar é próximo do trigésimo grau, e o das palmeiras vai até o trigésimo quarto grau, como ocorre em a Nova Zelândia, e o do algodão prolonga-se ao trigésimo primeiro grau. Passou o inverno já rigoroso nessas regiões, nas cidades de Pôrto Alegre e do Rio Grande, tendo deixado esta última em outubro de 1820, isto é, durante a primavera na região. As plantas que apareciam nessa época pertenciam aos mesmos gêneros que vegetam na Europa durante a primavera, tais como os *carex*, *anemonas centunculus*, *arenárias* etc. Reconheceu também a influência dos climas na vegetação; assim, na estação mais fria, as árvores conservavam a folhagem, a um grau ao norte de Pôrto Alegre; um têrço delas a tinha perdido em Rio Grande, e a dois graus mais ao sul, apenas uma décima parte tinha ainda as fôlhas.

O Sr. SAINT-HILAIRE entrou, finalmente, nas possessões espanholas, atravessou várias vilas e lindas campanhas ao longo das margens do rio da Prata, para chegar a Montevidéu, onde a vegetação lhe pareceu ter tais relações com a da Europa, que só encontrou quinze plantas que não pôde relacionar com as famílias européias. Já tinha visto nos arredores de algumas cidades várias de nossas plantas francamente aclimatadas. Nos arrabaldes de Montevidéu sobretudo, teve ocasião de observar e assinal que campos incultos muito extensos estavam cobertos de nosso cardo tornado selvagem e empregado unicamente como combustível. Dirigindo-se a seguir para os lados do rio Negro, rio que deságua no

Uruguai, encontrou, muito para além, uma região muito menos povoada e cujos costumes estão de acôrdo com as descrições de AZZARA. Sua viagem tornou-se mais penosa entre Belém e a província das Missões, e passou treze dias em um deserto completamente deshabitado, onde só haviam avestruzes, veados e jaguares, contra os quais teve de defender sua vida, e, sobretudo, a dos seus cavalos, não tendo podido, entretanto, salvar todos. Foi nessa região que o Sr. SAINT-HILAIRE sofreu, com dois de seus servidores, um acidente, em consequência de terem tomado algumas colheres de mel fabricado por uma espécie de vespa. Visitou as sete aldeias, únicas que restam das trintas que formavam, outrora, as missões do Paraguai. Observando-as com atenção, lastimou o fato de não encontrar nas mesmas senão ruínas e o espetáculo da miséria numa região fértil, cujos esplendores de antanho não foram exagerados pelos nossos escritores. Reentrando em seguida no Brasil pròpriamente dito e viajando durante a estação das chuvas, correu muitas vêzes o risco de perder suas notas e coleções. Regressou, no fim de um ano a Pôrto Alegre, onde embarcou na lagoa dos Patos para ir à cidade do Rio Grande, e dali voltou por via marítima ao Rio de Janeiro, onde chegou pelo fim do ano de 1821, depois de uma ausência de cêrca de três anos.

Devia ainda ir a São Paulo buscar as coleções que alí deixou. Ao invés de ir a essa cidade diretamente, fez um desvio, afim de visitar diversos pontos da capitania das Minas, que ainda não conhecia e onde recolheu, nessa quarta viagem, grande número de plantas. Em princípios de junho de 1822, depois de seis anos de permanência na América, depois de ter percorrido cêrca de 2.400 léguas portuguezas, sob climas diferentes, desde 12° até 34°, embarcou de regresso à Europa, onde teve a felicidade de chegar com tôdas as suas coleções, depositadas atualmente no Museu de História Natural.

De acordo com o arrolamento sumário que dessas coleções fizeram os professores do Museu, podemos apresentar a seguinte relação:

1.º — A coleção contém um pequeno número de amostras de minérios, entre os quais se encontram algumas rochas notáveis; fragmentos de ferro oligisto micáceo, outras de ferro oligisto compacto muito abundante no Brasil e contendo ouro disseminado em sua massa; um pudim ferruginoso e silicoso, chamado *cascalho dos diamantes*, um seixo dos diamantes, que serve de envólucro ou de ganga dessa pedra preciosa no Brasil, e que é da mesma natureza da que envolve os diamantes da Índia, e ainda não conhecida na Europa, porque a entrada no distrito dos diamantes é severamente proibida.

2.º — 129 espécimes de animais mamíferos referentes a 48 espécies, dos quais 13 faltavam à coleção do Museu, e nesse número estão quatro

morcegos, um novo macaco roncador, o *aguarachai* (espécies de chacal conhecido apenas pelas descrições de AZZARA), um *porco-espinho* de cauda flexível, um novo *apereá* chamado *mocó*.

3.º — 2.005 aves formando 451 espécies, das quais 156 novas para as galerias do Museu. A maior parte delas nos fazem conhecer, melhor as espécies descritas por AZZARA e facilitam os meios de classificá-las convenientemente no sistema ornitológico. Nesse número devem ser notadas a *chaja*, antes pouco conhecida, aproximada do *camichí*, do gênero *parra*; uma espécie de *rhynecho*, que é o primeiro exemplo de uma espécie das Índias Orientais encontrada na América; o *cisne branco de pescoço negro do Paraguai*; o *psittacus hyacinthinus*, de que só existem dois ou três indivíduos nos Museus da Europa; a *água coroadada*; várias espécies de *tangarás* conhecidas apenas por AZZARA, bem como o *guirayetapa* ou pequeno galo, assim chamado, porque, do tamanho apenas de nossos pardais, tem a cauda erguida como a dos nossos galos domésticos.

4.º — 35 espécimes de reptís, reduzidos a 21 espécies, entre as quais encontra-se uma segunda espécie de *lachesis*, gênero de serpentes venenosas, de que só uma espécie era conhecida.

5.º — 58 peixes, dos quais 21 espécies, em sua maioria novas, vivem nas águas doces, entre os quais três *chalceos* e o *pimelade oxyringue*.

6.º — Algumas conchas, entre as quais uma nova espécie de *unio*, encontrada no rio Doce, e uma nova *ampulária*, cujo *spix* gira para a esquerda.

7.º — Cêrca de 16.000 insetos conservados com cuidado, dos quais o Sr. LATREILLE julga que mais de 800 não eram conhecidos.

8.º — Grande número de pacotes de sementes, independentemente dos que anteriormente já remetera ao Museu em várias épocas e que já tinham produzido novas riquezas no Jardim do Rei.

9.º — Um herbário composto de cêrca de 30.000 peças, formando mais de 7.000 espécies de plantas bem conservadas, das quais o Sr. DESFONTAINES calcula que as espécies novas podem elevar-se a dois terços, entre as quais existem gêneros novos e, talvez, novas famílias, sendo uma delas a das *vochiseas*, chegada numa remessa anterior e já descrita em publicação feita pelo Museu.

Acrescentamos que o Sr. SAINT-HILAIRE, tendo feito um diário exato de sua viagem, recolheu no mesmo tôdas as informações que pôde conseguir sôbre a estatística das regiões visitadas, sôbre os costumes dos respectivos habitantes, seus idiomas, seu comércio, seus hábitos etc.

Viajando mais especialmente para fazer estudos e pesquisas sôbre os vegetais, fez a descrição das espécies colhidas, principalmente das de que os brasileiros fazem uso na medicina e nas artes. Reuniu tôdas as notas necessárias para o estabelecimento da concordância de seus nomes vulgares com os nomes botânicos.

É de desejar que o govêrno haja por bem, com os meios de que dispõe, favorecer a publicação dêsses novos assuntos e a execução dos desenhos e gravuras que devem ser postos nessa importante obra. Tal publicação será de inestimável utilidade, sobretudo no que diz respeito à parte botânica, ciência sôbre a qual o Sr. SAINT-HILAIRE tem conhecimentos positivos e muito profundos.

(Assinado) — GEOFROY SAINT-HILAIRE, DESFONTAINES, LATREILLE, BRONGNIART. DE JUSSIEU, Relator.

A Academia aprova o presente Relatório, cujas conclusões adota. Está conforme.

O Secretário perpétuo, Conselheiro de Estado e Comandante da Ordem Real da Legião de Honra. (Assinado) — Barão CUVIER.

A Academia Real das Ciências resolve, em seguida, por unanimidade, que o Relatório supra seja enviado a Sua Excelência, o Ministro do Interior.

Bibliografia citada por Saint-Hilaire

- ALINCOURT, LUIZ — *Memoria sobre a viagem do porto de Santos á cidade de Cuyabá...*
- ANCHIFTA, JOSÉ DE — *Cartas*. Publicadas na Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., vs. 2, 3, 7, 8.
- ANDRADA, MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE — *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo, no anno de 1808*. (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., v. 9).
- ANSON, GEORGE — *A voyage round the world in the years 1740-1744... compiled by Richard Walter*. London, 1748.
- AZARA, FÉLIX DE — *Voyage dans l'Amérique méridionale...* Paris, 1809. 4 vs.
- CARDIM, FERNÃO — *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente...* Lisboa, 1847.
- *Carta corographica da provincia do Rio de Janeiro*, segundo os reconhecimentos feitos pelo coronel Conrado Jacob de Miemeyer e major Henrique Luiz de Niemeyer, Bellegarde, Julio Frederico Racler e Carlos Rivière, directores e chefes de secções da Directoria de Obras Publicas... Escala I: 400.000.
 - *Carta topographica da provincia de S. Paulo*, gravada na lithographia imperial de V. Larée, Rio de Janeiro, 1847. J. H. Leonhard gravou. Publicada no Rio de Janeiro por Firmin Didot Irmãos, Belin le Prieur e Morisot.
 - *Carta topographica e administrativa da provincia do Rio de Janeiro...* por V. J. de Villiers de l'Isle Adam, gravada na lithographia imperial de V. Larée. Rio de Janeiro, J. C. Leonhard fecit. Escala I legua — 0m0125.
- CASTELNAU, FRANCIS DE — *Expedition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima et de Lima au Pará, exécuté par ordre du gouvernement français pendant les années 1843 à 1847...* Paris 1850-57. 7 partes em 20 vs.
- *Catalogo dos capitães-móres governadores, capitães-generaes, e vice-reis que tem governado a capitania do Rio de Janeiro desde sua primeira fundação em 1565 até o presente anno de 1811*. (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., vs. 1 e 2).
- CHARLEVOIX, PIERRE FRANÇOIS XAVIER — *Histoire du Paraguay*. Paris, 1756.
- *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas...* Lisboa, 1812.
- CORÉAL, FRANÇOIS — *Relation des voyages de François Coréal aux Indes Occidentales. In Recueil de voyages dans l'Amérique Méridionale contenant diverses observations remarquables touchant le Pérou, la Guiane, le Brésil...* Amsterdam, 1738. 3 vs.

- CUNHA, FRANCISCO MANUEL DA — *Informação que deu sobre a provincia, então capitania do Espirito Santo, ao ministro de estado Antonio de Araujo e Azevedo, em 23 de julho de 1811.* (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., v. 4).
- DANIEL, JOÃO — *Thesouro descoberto no maximo rio Amazonas.* (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., vs. 2, 3 (41)).
- DEBRET, JEAN BAPTISTE — *Voyage pittoresque et historique au Brésil...* Paris, 1834-9. 3 vs.
- DENIS, FERDINAND — *Brésil.* Paris, 1837.
— *Diccionario portuguez e brasileiro.* Obra necessaria aos ministros do altar por xxx Lisboa, 1795.
- DU PETIT-THOUARS, ABEL — *Voyage autour du monde sur la frégate la Venus pendant les années 1836-39.* Paris, 1840-49. 11 vs. e 4 atlas.
- DURÃO, JOSÉ DE SANTA RITA — *Caramurú; poema epico do descobrimento da Bahia...* Lisboa, 1781.
- ESCWEGE, WILHELM LUDWIG VON — *Brasilien, die neue Welt...* Braunschweig, 1830, 2 vs.
- ESCHWEGE, WILHELM LUDWIG VON — *Journal von Brasilien...* Weimar, 1818. 2 vs.
— *Exceptos de uma memoria manuscripta sobre a historia do Rio de Janeiro, durante o governo de Salvador Corrêa de Sá e Benevides.* (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., v. 3).
- FERNANDES PINHEIRO, JOSÉ FELICIANO — *Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão.* (Extracto das actas do Inst. Hist. e Geog. Bras., da sessão de 13 de março de 1841). Rio de Janeiro, 1841.
- FIGUEIRA, LUIZ — *Arte de grammatica da lingua do Brasil...* Lisboa, 1795.
- FONSECA, MANUEL DA — *Levantamento em Minas Geraes no anno de 1708.* (Extracto da "Vida do padre Belchior de Pontes). (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., v. 3).
- FREYCINET, LOUIS DE — *Voyage autour du monde...* Paris, 1825-42. 9 vs
- GALTINA, MIGUEL ANGELO DE — PIACENZA, DENIS CARLO DE — *A curious and exact account of a voyage to Congo in the years 1666 and 1667...* (In "A general collection of the best & the most interesting voyages & travels in all parts of the world, by John Pinkerton, v. 16). London, 1808-14. 17 vs.
- GARDNER, GEORGE — *Travels in the interior of Brazil principally through the northern provinces, and the gold diamond districts.* Londres, 1849.
- KIDDER, DANIEL P. — *Sketches of residence an travels in Brazil...* Londres, 1845. 2 vs.
- LACERDA E ALMEIDA, FRANCISCO JOSÉ — *Diario da viagem pelas capitancias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790...* S. Paulo, 1841.
- LAET, JOANNIS DE — *Novus orbis sue descriptio Indiæ occidentalis...* Haya, 1633.
- LA HARPE — *Abrégé de l'histoire générale des voyages...* Paris, 1780.
- LERY, JEAN DE — *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil...* La Rochelle. 1578.

- LIMA, FRANCISCO DAS CHAGAS — *Memoria sobre o descobrimento e colonia de Guarapuava*. (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., v. 4).
- LIMA, JOSÉ IGNACIO DE ABREU E — *Synopsis ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da historia do Brasil...* Pernambuco, 1845.
- LISBOA, BALTHAZAR DA SILVA — *Annaes do Rio de Janeiro...* Rio, 1834. 7 vs.
- MADRE DE DEUS, FREI GASPAR DA — *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do estado do Brasil...* Lisboa, 1797.
- MALTEBRUN — *Précis de géographie universelle...* Paris, 1831.
- MATTOS, RAYMUNDO JOSÉ DA CUNHA — *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas provincias de Minas Geraes e Goyaz...* Rio de Janeiro, 1836. 2 vs.
- MARTIUS, C. F. P. VON — *Die Physiognomie des Pflanzenreiches in Brasilien*. Munich, 1824.
- MAWE, JOHN — *Travels in the interior of Brazil with notice on its climate, agriculture, commerce, population, mines, manners, and costum; and a particular account of the gold diamond districts...* Londres, 1812.
- MONTOYA — *Tesoro de la lengua guaraní, compuesto por el padre Antonio Ruiz de la Compañia de Iesus*. Madrid, 1639.
- MULLER, DANIEL PEDRO — *Ensaio d'un quadro estatistico da provincia de S. Paulo ordenado pelas leis provinciaes de 1 de Abril de 1836 e 10 de Março de 1837*. S. Paulo, 1838.
- OLIVEIRA, ANTONIO RODRIGUES VELLOSO — *Memoria sobre o melhoramento da provincia de S. Paulo...* Rio, 1822.
- OLIVEIRA, JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE — *Noticia raciocinada sobre os indios da provincia de São Paulo*. (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., v. 10).
- OLIVEIRA, JOSÉ JOAQUIM MACHADO DE — *Noticia sobre as aldeias de indios da provincia de São Paulo*. (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., v. 8).
- PEREIRA DA SILVA, J. M. — *Plutarco brasileiro*. Rio, 1847.
- PFEIFFER, IDA — *Eine Frauenfahrt um die Welt; Reise von Wien nach Brasilien...* Wien, 1850. 3 vs.
- PINHEIRO, JOSÉ FELICIANO FERNANDES — *Annaes da provincia de São Pedro*. Paris, 1839.
- PITTA, SEBASTIÃO DA ROCHA — *Historia da America portuguesa, desde o anno de 1500 do seu descobrimento até 1724...* Lisboa, 1730.
- PIZARRO E ARAUJO, JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO — *Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdicção do vice-rei do estado do Brasil...* Rio de Janeiro, 1820-22. 10 vs.
- POHL, IOHANN EMMANUEL — *Reise in Innern von Brasilien... in den Jahren 1817-1821...* Leipzig, s. d. 2 vs. e 1 v. de atlas.
- RAYNAL, GUILLAUME THOMAS — *Histoire philosophique et politique des établissemens et du commerce des européens dans les deux Indes*. Genève, 1780, 4 vs. 1 atlas.
- *Relatorio do Ministerio do Imperio*, 1847.
- *Relatorio do ministro da Justiça*, 1847.
- *Relatorio dos presidentes da provincia de São Paulo de 1840, 1842, 1843, 1844, 1845, 1847*.

- ROBERTSON, W. — *The history of America*. London, 1788.
- ROCHA PITTA, SEBASTIÃO DA — *Historia da America portuguesa...* Lisboa, 1730.
- SAINTE-ADOLPHE, J. C. R. MILLIET DE — MOURA, CAETANO LOPES DE — *Diccionario geographico historico e descriptivo do imperio do Brazil...* Paris, 1845. 2 vs.
- SAY, HORACE — *Histoire des relations commerciales entre la France et le Brasil...* Paris, 1839. 1 v.
- SIGAUD, J. F. X. — *Du climat et des maladies du Brésil ou Statistique médicale de cet empire*, par J. F. X. Sigaud... Paris, 1844.
- [SIGAUD, JOSÉ FRANCISCO] — *Annuario político, historico e estatistica do Brazil*. Rio de Janeiro, Paris, 1847.
- SILVA, ANTONIO DE MORAES E — *Diccionario da lingua portugueza recopilado de todos os impressos até o presente...* Lisboa, 1823. 2 vs.
- SILVA MAIA, EMILIO JOAQUIM — *Elogio historico de José Bonifacio*. (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., v. 8).
- SOUTHEY, ROBERTO — *History of Brazil*. London, 1810-22. 3 vs.
- SOUZA, ANTONIO MUNIZ DE — *Viagens e observações de hum brasileiro, que, desejando ver a sua patria, se dedicou a estudar os usos e costumes dos seus patricios...* Rio de Janeiro, 1834.
- SOUZA, PERO LOPES DE — *Diario da navegação da armada que foi á terra do Brasil em 1530 sob a capitania-mór de Martim Affonso de Souza escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza*; publicado por Francisco Adolpho de Varnhagen. Lisboa, 1839.
- SPIX, JOHANN BAPT. VON — MARTIUS, CARL FRIED. PHIL. VON — *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. König von Baiern in den Jahren 1817 bis 1820 gemacht und beschrieben von...* München, 1823-1831. 3 vs. e 1 atlas.
- STADEN, HANS — *Véritable histoire et description d'un pays habité par des hommes sauvages...* par Hans Staden. (v. III da coll. Ternaux-Compans: Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique. Paris, 1837-1841).
- TÁQUES PEDRO — *Noticia historica da expulsão dos jesulitas do Collegio de S. Paulo*. (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., v. 12).
- TOLEDO RENDON, JOSÉ AROUCHE DE — *Memoria sobre as aldeias de indios da provincia de São Paulo, segundo observações feitas no anno de 1798*. (Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., v. 4).
- VAILLANT, M. — *Voyage autour du monde executé pendant les années 1836 et 1837 sur la corvette "la Bonite" commandée par M. Vaillant*. Publié par ordre du roi sous les auspices du département de la Marine. Paris, 1840-1866. 14 vs. e 3 atlas.
- VARNHAGEN, FRIEDRICH — *Beobachtung über einen Theil der Capitanie von S. Paulo...* (In "Von Eschwege, Journal von Brasilien", v. 2 p. 238).
- VASCONCELLOS, SIMÃO — *Chronica da Companhia de Jesus do estado do Brasil...* Lisboa, 1663. In fol.
- VASCONCELLOS, SIMÃO — *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil*. Lisboa, 1668.

- WARDEN, DAVID B. — *Histoire de l'empire⁴ du Brésil depuis sa découverte jusqu'à nos jours...* extraite de l'art de vérifier les dates, publié par M. le marquis de Fortia. Paris, 1832. 2 vs.
- WIED-NEUWIED, MAXIMILIAN, PRINZEN ZU — *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien.* Weimar, 1825. 5 vs.
- WIED-NEUWIED, MAXIMILIAN — *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817.* Frankfurt, 1820-1. 2 vs. e atlas.
- WEECH, J. F. VON — *Reise über England und Portugal nach Brasilien..* München, 1831. 3 vs.

Bibliografia das principaes obras
de Saint-Hilaire

- 1) *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*; par Auguste de Saint-Hilaire. — Paris, Grimbert et Dorez, 1830, 2 vs. in-8.º, xiv, 458-478 pgs. (Voyages dans l'intérieur du Brésil. Première partie).
- 2) *Voyages dans le district des diamans et sur le littoral du Brésil, suivi de notes sur quelques plantes caractéristiques et d'un précis de l'histoire des révolutions de l'Empire Brésilien, depuis le commencement du règne de Jean VI jusqu'à l'abdication de D. Pedro*, par Auguste de Saint-Hilaire. — Paris, Gide, 1883, 2 vs. in-8.º, xx, 402-456 pgs. (Voyages dans l'intérieur du Brésil. Seconde partie).
- 3) *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*, par Auguste de Saint-Hilaire. — Paris, Arthus Bertrand, 1847-1848, 2 vs. in-8.º, 347-380 pgs. (Voyages dans l'intérieur du Brésil. Troisième partie).
- 4) *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Saint-Catherine*, par M. Auguste de Saint-Hilaire. — Paris, Arthus Bertrand, 1851, 2 vs. in-8.º, vi, 464, 423 pgs. (Voyages dans l'intérieur du Brésil. Quatrième partie).
- 5) *Voyage à Rio-Grande do Sul (Brésil)*, par Auguste de Saint-Hilaire. — Orleans, H. Herluison, 1887, in-8.º, viii, 645 pgs. Contem um retrato de Saint-Hilaire e um mappa "Itinéraire des cinq voyages accomplis dans l'intérieur du Brésil, 1816-1822, par Aug. de Saint-Hilaire".
- 6) *Voyage dans l'intérieur du Brésil*, par Auguste de Saint-Hilaire. — Bruxelles, Delavigne et Callewaert, 1850, 2 vs. in-12, 212, 308 pgs. 3 grav. O tomo II foi editado por Méline, Cans et Compagnie, Bruxelles.
- 7) *Tableau général de la province de Saint-Paul*, par Auguste de Saint-Hilaire. . . Extrait d'un Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine. — Paris, Arthus Bertrand, 1851, in-8.º, 147 pgs.
- 8) *Province de S. Pedro de Rio Grande do Sul au Brésil. Rapport sur l'ouvrage intitulé: Annaes da Provincia de S. Pedro, por M. José Feliciano Fernandez Pinheiro, Barão de S. Leopoldo, antigo ministro do Imperio do Brasil. . .* par M. Auguste de Saint-Hilaire. — Paris, imp. de A. Pihan de la Forest, (s.d.), in-8.º, 22 pgs.
- 9) *Les sources du Rio de S. Francisco*, par M. Auguste de Saint-Hilaire. . . (Fragmento). — Paris, Arthus Bertrand, 1842, in-8.º, 16 pgs.
- 10) *Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil, la Province Cisplatine et les Missions dites du Paraguay*. Par M. Auguste de Saint-Hilaire, Separata: Mémoires du Museum d'Histoire Naturelle, 5.º anno, t. IX, Paris imprimerie A. Belin, 1823, in-4.º, 73 pgs.
- 11) *Notice sommaire des voyages de M. Aug. de St. Hilaire dans de Brésil*. (Nouvelles Annales des voyages, xvii, 1823).

- 12) *Saint-Hilaire (Auguste de), Adrien de Jussieu et Jacques Cambessedes. Flora Brasiliæ meridionalis. Accedunt tabulæ delineatæ a Turginio ærique indisæ. — Paris, Belin, 1824-1832, 3 vs. in-fol.*
- 13) *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay; comprenant leur description et les dissertations sur leurs rapports, leurs usages, etc. Avec des planches en parties coloriées. Par M. Auguste de Saint-Hilaire... Dédiée à Sa Majesté Très-Fidèle. — Paris, A. Belin, 1924, in-4.º. T. I. Lxvii, 340 pgs. (Unico publicado).*
- 14) *Plantes usuelles des Brésiliens, par M. Auguste de Saint-Hilaire, correspondant de l'Académie des Sciences. — Paris, Grimbert, 1824, in-4.º, 70 pl. com texto separado.*
- 15) *Tableau de la végétation primitive dans la province de Minas Geraes, par M. Auguste de Saint-Hilaire. Separata: Nouvelles Annales des voyages. — Paris, A. Pihan de la Forest, 1837, in-8.º. 49 pgs.*
- 16) *Observations sur les diviseurs des eaux de quelques uns des grands fleuves de l'Amérique du Sud, (Brésil) et la nomenclature qu'il parait convenable de leur appliquer. Fragment par M. Auguste de Saint-Hilaire. Separata: Comptes rendus des séances de l'Académie des sciences, tomo XXV, sessão de 8 de novembro de 1837.*
- 17) *Observations sur les diviseurs des eaux de plusieurs des grandes rivières de l'Amérique du Sud, par M. Aug. de St. Hilaire. — Nouvelles Annales des Voyages, 5. série, IV, 1847.*
- 18) *Comparaison de la végétation d'un pays en partie extra-tropical avec celle d'une contrée limitrophe entièrement située entre les Tropiques, par M. Auguste de Saint-Hilaire. Separata: Annales des sciences naturelles, t. XIII, julho de 1850. Paris, imp. L. Martinet, (s.d.), in-8.º. 23 pgs.*
- 19) *Revue de la flore du Brésil, par MM. Auguste de Saint-Hilaire et Ch. Naudin. Publicada nos Annales des Sciences naturelles (Julho de 1842), com separata. — Paris, imp. Paul Renodard, (s.d.), in-8.º (1.ª parte), 32 pgs. 2.ª parte: 16 pgs. e 2 pl.*
- 20) *L'agriculture et l'élevé du bétail dans les Campos Geraes, fragment par M. Auguste de Saint-Hilaire. — Paris, imp. Bouchard-Huzard (1849), in-8.º, 15 pgs. (Société nationale et centrale d'agriculture).*
- 21) *Monographie des primulacées et des lentibulaires du Brésil Meridional et de la République Argentine, par MM. A. de Saint-Hilaire et Frédéric de Girard; présentée à la Société royale des sciences, belles-lettres et arts d'Orléans, dans sa séance du 7 décembre 1838. Separata: Memoires de la Société royale des Sciences, Belles Lettres et Arts d'Orléans, tomo II. — Orléans, imp. Danicourt-Huet, 1840, in-8.º 48 pgs. e 2 pl.*
- 22) *Mémoire sur le système d'agriculture adopté par les Brésiliens, et les résultats qu'il a eus dans la Province de Minas Geraes, par M. Auguste de Saint-Hilaire. — Paris, imp. de Pihan de la Forest, (s.d.), in-8.º, 12 pgs. e Nouvelles Annales des Voyages, 3.ª série, XVIII, 1838.*
- 23) *Mémoire sur les myrsinées, les sapotées et les embryons parallèles au plan de l'ombilic, par M. Aug. de Saint-Hilaire, présenté à l'Académie des Sciences, le 18 avril, 1837. — S. 1. nem d., in-4.º, 51 pgs.*

- 24) *Conspectus Polygalaerum Brasiliae meridionalis*. — Orléans, typ. Danicourt Huet, 1828, in-8.º, 18 pgs.
- 25) *Polygalae nova species*, Aug. de St. Hilaire dicata a Steph. Endlicher, Linnaea, vii, 1832.
- 26) *Cryptogamae brasiliensis seu Plantae cellulares quas in itinere per Brasiliam a celeb.* Auguste de Saint-Hilaire collectas recensuit observ. nonnullis illustravit, C. Montagne. — Paris, P. Renouard, 1839, in-8.º.

TRADUÇÕES

- 27) *Segunda viagem ao interior do Brasil — Espirito Santo*. Tradução de Carlos Madeira. — São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1936, in-8.º, 245 pgs.
- 28) *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a São Paulo (1822)*. Tradução de Affonso de E. Taunay. — São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932, in-8.º, 242 pgs.
- 29) *Viagem ás nascentes do rio S. Francisco e pela provincia de Goyaz*. Tradução de Clado Ribeiro de Lessa. — São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937, 2 vs. in-8.º, 341-306 pags.
- 30) *Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820)*. Tradução e prefacio de Carlos da Costa Pereira. — São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936, 1 v. in-8.º, 252 pgs.
- 31) *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. Tradução de Leonam de Azevedo Pena. — Rio de Janeiro, Ariel Editora Ltda., 1935, in-8.º, 295 pgs.
- 32) *S. Paulo nos tempos coloniaes*, tradução portugueza de Leopoldo Pereira. S. Paulo, Monteiro Lobato, 1922. (É tradução adaptada de parte do "Voyage dans la province de St. Paul").



Trabalho composto e impresso
na
EMPRESA GRAFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS"
à
rua Conde de Sarzedas, 38 — S. Paulo
para a
LIVRARIA MARTINS
em
maio de 1940





449945
Saint-Hilaire, Auguste de
Viagem à Provincia de São Paulo, tr. de
Rubens Borba de Moraes.

HSAm
Sl411vs
.Pb

DATE.

NAME OF BORROWER.

**University of Toronto
Library**

**DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET**

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

